3 1761 07144658 7

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/extremaduraportu02pime

Portugal Pittoresco e Illustrado

II

A Extremadura Portugueza

PARTE II

I — Região dos saloios e suas zonas
II — A's portas da capital. Cidade de Lisboa. Entre Belem e Cascaes
III — Da Outra-Banda á enseada de Sinès
IV — Districto de Leiria

PORTUGAL PITTORESCO E ILLUSTRADO

— II —

A EXTREMADURA PORTUGUEZA

POR

ALBERTO PIMENTEL

SEGUNDA PARTE

I — Região dos saloios e suas zonas
II — A's portas da capital. Cidade de Lisboa. Entre Belem e Cascaes
III — Da Outra-Banda á enseada de Sines
IV — Districto de Leiria

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
SOCIEDADE EDITORA
LIVRARIA MODERNA — *95, Rua Augusta, 95* || TYPOGRAPHIA — *45, Rua Ivens, 47*
MDCCCCVIII

DP
702
E36P5
pt. 2
LIBRARY
MAR 1 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

SEGUNDA PARTE

I—Região dos saloios e suas zonas

I

Caracterisação geral

ós dividimos a região dos saloios em duas zonas, a saber:

a) Zona de installação.

b) Zona de penetração ou irradiação.

A primeira representa o *habitat* inicial dos mouros — tolerados — do arrabalde de Lisboa e dos seus immediatos descendentes.

A segunda exprime a natural expansão d'esses primeiros occupadores, do sul para o norte, obliquando, como um braço de povoação, para a Arruda, Sobral e margem do Tejo, e seguindo quasi em linha recta de Mafra para Torres Vedras, d'onde, por entre a Lourinhã e o Cadaval, se prolonga até Obidos.

Os habitantes de todos estas localidades offerecem caracteres e costumes inteiramente analogos aos dos saloios do Termo de Lisboa (zona de installação) accusando assim uma origem commum.

A linha de expansão tinha forçosamente que desenvolver-se sobre o norte, porque ao oriente o Tejo e ao occidente o Atlantico fechavam por estes dois lados o territorio, que é, como sabemos, uma peninsula — *a peninsula de Lisboa*.

Posto isto, vamos vêr qual foi o ponto de partida, a zona de installação.

Esta zona está comprehendida no actual districto de Lisboa, e na margem direita do Tejo, sendo limitada ao nascente por este rio, ao occidente pela costa maritima, ao sul pelas villas de Oeiras e Cascaes, e ao norte pela villa de Mafra ou, se quizerem, pela villa de Torres Vedras.

Por outras palavras, é todo o antigo *Termo de Lisboa*, expressão mais vaga e indecisa, porque ao passo que Luiz Mendes de Vaconcellos lhe dava dez leguas de comprimento e cinco de largura, contando-as desde Torres Vedras a Cascaes, João Baptista de Castro apenas lhe reconhecia nove leguas de extensão, e de largura pouco mais de tres, tomando por limites Oeiras ao sul e Santiago dos Velhos ao norte.

O que é certo é que a antiga expressão *Termo de Lisboa* se relacionava unica-

mente com o *habitat* dos saloios, e não em geral com os arredores de Lisboa, porque apenas abrangia os habitantes da margem direita do Tejo e não os da margem esquerda, alguns dos quaes, como os de Almada e Cacilhas, ficavam a menor distancia da capital do que muitos d'aquelles

Portanto essa expressão claramente visava o typo ethnographico do saloio que expansivamente alastrou para o norte, mas que foi contido ao oriente pelo curso do Tejo, como ao sul e ao occidente pelo mar.

Typo tradicionalmente resistente desde o principio da monarchia até hoje, o saloio tem em verdade conservado a sua caracterisação originaria de raça estranha tanto nas feições como nos costumes, apenas, quanto a estes, com explicaveis transformações no vestuario, que é de todos os costumes europeus o mais facilmente evolutivo.

A opinião geral attribue aos saloios uma origem marroquina, quer dizer, considera-os descendentes dos mouros que occupavam Lisboa antes da conquista christã e que por tolerancia de Affonso Henriques aqui ficaram abairrados, depois d'ella, tanto dentro da cidade (Mouraria) como fóra d'ella (*saloios*).

O mouro é natural do norte de Africa, como o arabe o é do occidente da Asia.

No seculo VII os arabes irromperam pelo isthmo de Suez no Egypto, na Nubia, na Abyssinia. Durante o mesmo seculo alongaram a sua conquista pela Mauritania até ao Atlantico, e apesar da rivalidade em que viveram com os mouros e berberes, povos aborigenes, deixaram na Africa, como eterno vestigio do seu dominio, a religião e a lingua.

As raças do actual imperio de Marrocos (antiga Mauritania) foram cruzadas pelos arabes, mas a população indigena ficou predominando ethnologicamente pelo maior numero.

No seculo VIII, os arabes invadiram a nossa Peninsula e aqui, como na Africa, arabes e mouros disputaram como invasores o poder, até que os mouros conseguiram estabelecer-se na Espanha e senhorear a Lusitania.

O saloio é descendente dos mouros, e por isso tem mais de africano que de arabe, raças ainda hoje distinctas em Marrocos, onde cohabitam os mouros, os berberes, os arabes e os negros, além de numerosos judeus.

Os arabes são um povo nobre, muito vivo, artista e intelligente, sempre activo e nómada.

O mouro é sedentario, indolente, triste e monotono.

O saloio representa este elemento improgressivo, esta raça estacionaria. Tem muito de mouro, alguma cousa de berbere, e pouco de arabe, a não ser, mais evidentemente, a influencia longinqua do vocabulario.

N'uma palavra, o saloio é africano de origem, e os seus habitos de vida, as suas tendencias hereditarias ainda hoje o revelam.

A designação — saloio — conforma-se com esta genése; apenas ha divergencia quanto á etymologia do vocabulo.

N'este ponto são cinco as opiniões conhecidas.

Querem uns que a palavra *çaloio* (graphia antiga) ou *saloio* (graphia moderna) tenha vindo de *çalá*, que assim se chamava a oração que os primitivos mouros estabelecidos nos suburbios de Lisboa rezavam, segundo seu culto, cinco vezes por dia.

Pretendem outros que o vocabulo derivou de Çalé ou Salé, cidade maritima da Mauritania [1].

Conjecturam alguns que proceda de *Salama*, saudação usual entre os povos mahometanos.

[1] Salé é um porto marroquino, que está separado de outro porto, Rabat, apenas por um rio estreito.

O marquez de Rezende, com o apoio de outros eruditos do seu tempo, suppõe que o nome — saloio — seria um appellativo para distincção de mouros oriundos de tribus mais qualificadas, visto que só nos arredores de Lisboa se deu aos mouros este nome, e a mais nenhuns.

Finalmente, uma quinta opinião inclina-se a crêr que *çaloio* venha de um antigo tributo — *çalaio* — que se pagava do pão cozido em Lisboa e seu termo, e que era conhecido pelo nome de pão saloio [1].

Esta ultima opinião não importa uma relação necessaria com a remota origem marroquina dos saloios; mas falam mais alto do que ella os caracteres ethnographicos e até a circumstancia de terem sido os mouros suburbanos que durante seculos forneceram de pão a capital.

Podia mesmo succeder que o nome do tributo viesse do nome dos que principalmente tinham que pagal-o.

O que é certo é que ainda hoje se dá ao pão manipulado no arrabalde o nome de «pão saloio», sendo especialmente afamado o de Melleças.

No interior da cidade, o typo marroquino degenerou facilmente pelo cruzamento, e foi absorvido na população christã; mas no campo essa absorpção teve de ser contrariada não só pela vida solitaria como pela exigua unidade das povoações, que puderam assim conservar o seu typo originario, ainda depois da descaracterisação religiosa da raça se sobrepor á sua origem historica.

A população avançou para o norte, á procura de terra, mas não recebeu elementos estranhos, antes se consolidou ethnographicamente pelas relações sexuaes dentro da mesma colonia.

Em nossos dias a região dos saloios mantém as tradições dos seus primeiros e remotos habitantes em quasi todos os costumes e usos que d'elles recebeu, incluindo grande numero de vocabulos — a começar nas designações topographicas de muitos logares.

Quem entra n'essa região reconhece a presença de um elemento ethnographico que, não obstante seculos de aclimação, cristallisou em alguns dos seus caracteres hereditarios.

Os processos de cultura evidenceiam nitidamente a antiga feição mauritana.

A horta saloia, verdejante e humida, regada pela nora, permanece inalteravelmente a mesma de geração em geração.

As designações são ainda arabes: a horta é a *arrifana*; a nora é a *naura* mussulmana; e os *alcatruzes* que elevam a agua de réga nunca perderam o seu nome de origem.

Entre as plantas hortenses avulta em lindos taboleiros a clara e fresca alface, que não conservou entre nós a sua designação latina-*lactuca* (d'onde os francezes derivaram *laitue*) mas que bem patentea ainda ter provindo da voz arabica *alchasse*.

E aqui me lembra dizer que talvez fosse a predilecção dos mouros do arrabalde por esta cultura que fez generalisar o consumo da alface em Lisboa, por onde veio aos lisboetas o cognome de alfacinhas.

A casa saloia, ordinariamente pequena, apenas com dois compartimentos, é coberta por esse pittoresco telhado que ainda chamamos «mourisco» e parece um livro escanchado com a lombada para cima.

Em algumas casas, mais pretenciosas no exterior se bem que talvez não melhoradas

---

[1] Sobre a origem da palavra saloio vejam-se: *Elucidario* de Viterbo, vocab. *Caloio*; *Vestigios da lingua arabica*, vocab. *Caloio*; *Panorama*, vol. II, pag. 124; *Miscellanea* de Miguel Leitão, dialogo XII; Bluteau, *Vocabulario*; Marquez de Rezende, *Panorama*, vol. XI, pag. 366.

no interior, apparece a tradição marroquina de um pequeno terraço ou *azoteia*, quasi sempre ajardinado no parapeito com vasos de craveiros e amores-perfeitos.

O modo como o saloio apparelha o seu burro — pobre cameilo da Europa — é actualmente o mesmo que os primeiros colonos da região empregavam: é ainda o albardão mourisco com o arção em meia lua.

E os ceirões de esparto bifurcados no dorso da azemola são a copia flagrante de um costume persistente em Marrocos.

Em todas as manifestações externas da vida social, o saloio apenas deixou perder, quasi inteiramente, a tradição de seus remotos ascendentes na maneira de vestir.

Os mouros, como se sabe, gostam das cores luminosas. O seu *cafta* é amarello, verde ou azul; o cinto ordinariamente vermelho, o *aike* branco e as *babuchas* amarellas.

E' natural que durante os primeiros reinados da monarchia portugueza os mouros abairrados usassem os trajes da sua raça, mas a pouco e pouco, até para não serem vexados pelos christãos, procuraram imitar estes no vestir.

Tal foi a razão por que Affonso IV ordenou que todos os mouros, quando não usassem os seus fatos tradicionaes, trouxessem um signal (*almexia*) que os differençasse da população christã.

Alem d'isto, a legislação portugueza punha restricções sobre a medida e feitio das aljubas e alquicés que os mouros vestiam.

E as côrtes iam reclamando successivamente contra quaesquer abusos que elles commettiam n'esta materia, especialmente por se esquivarem a trazer o signal.

D. João II, respondendo ás côrtes, ordenou novas instrucções sobre o trajo dos mouros e insistiu no distinctivo — uma lua de panno vermelho no hombro direito.

Como se sabe, D. Manuel decretou que fossem expulsos do reino não só os judeus, mas tambem os mouros, que recusassem baptisar-se.

Presos á terra portugueza por interesses agricolas, industriaes ou commerciaes, os mouros acceitaram a conversão sem grande reluctancia, tanto mais que o mahometismo era já para elles uma religião dynamisada em successivas gerações, e a *almexia* um distinctivo que os humilhava perante os christãos.

Por sua parte, D. Manuel, que se mostrou implacavel com os judeus, os quaes foram barbaramente expulsos por que não tinham quem os vingasse, foi transigente com os mouros, que possuiam uma patria aguerrida e podiam n'ella exercer duras represalias contra os christãos que lá residiam.

Foi-se descaracterisando por aclimação ou conveniencia o traje tradicional dos mouros de Lisboa e do arrabalde.

Comtudo, ainda na primeira metade do seculo XIX havia no vestir dos saloios alguma coisa de exotico e pittoresco, como se reconhece pelo conhecido *couplet* da farça lyrica *O Beijo*, lettra de José Maria da Silva Leal, musica de Angelo Frondoni, representada em 1844 no antigo theatro da Rua dos Condes:

Sou saloia, trago botas,
Tambem trago meu *mantéu*,
Tambem tiro a *carapuça*
A quem me tira o chapéu.

A saloia do Termo perdeu o mantéu e a carapuça; ficaram lhe apenas as botas, que são calçado assaz resistente, proprio para repetidas marchas e caminhadas.

O mantéu era de parrilha (saragoça) e de côr berrante como o collete, ou pelo menos assim foi no seculo XVIII, segundo se vê do *Anatomico jocoso:*

251 — Um regatão saloio

Tambem a senhora
saloia dos queijos,
cara de laranja,
olhos de morcego,
gibão de pretinas,
collete vermelho,
saia debruada,
mantéu amarello!

A saloia vem a Lisboa todos os dias se vende leite, fructas, hortaliça ou legumes e todas as semanas se é lavadeira.

Foi o arrabalde saloio que deu ao vocabulario portuguez o substantivo *collareja*, mulher de Collares, que por extensão ficou designando toda a regatoa ou vendedeira d'aquelles generos.

Um outro substantivo, de identica origem, está hoje obliterado: quero referir-me á *frieleira* ou *frialeira*, mulher de Friellas, que outr'ora vendia peixe pelas ruas n'uma celha que trazia á cabeça.

As varinas desthronaram n'este mistér as frialeiras.

Exceptuando as botas pregueadas, a saloia actual veste como as mulheres do povo no sul: jaleco, e saia de chita sobre outra de baêta encarnada; lenço na cabeça.

A saia é sempre curta, o que se explica pela necessidade de preserval-a da lama nas estradas ou ruas e da agua nos rios e lavadouros.

A saloia não só lava a roupa das suas freguezas, mas tambem vem trazel-a á cidade, com a trouxa umas vezes á cabeça, outras n'um burro ou n'uma carroça, e na volta, ordinariamente, junta-se com outras lavadeiras, empoleirando-se todas sobre as trouxas no alto da carroça.

Venham para cá os medicos falar do contagio pelos microbios nas roupas sujas ou infeccionadas!

Não consta que nenhuma lavadeira saloia tenha morrido por causa das roupas alheias.

Na Paschoa, a lavadeira costuma trazer ás freguezas o presente de um mólho de louro, de rosmaninho e alfazema, para defumadouros.

E' um laço armado á gorgeta ou folar.

D'antes a venda do conhecido queijo saloio, feito de leite de cabra ou ovelha, era realisada em Lisboa pelas mulheres do arrabalde. Agora essa especie de queijo vende-se em todas as mercearias e logares de fructa, e tambem apparecem alguns homens a offerecêl-o por portas em cabazes, como acontece—logo o diremos melhor—com os morangos no verão.

A lavadeira saloia, na sua peregrinação semanal em Lisboa, de bairro para bairro, de rua para rua, de casa para casa, apenas tem um pensamento fixo, uma ideia dominante: receber o seu dinheiro e voltar para a sua aldéa.

Na capital, é como um exilado doente de nostalgia. Nada do que Lisboa pode, cada semana, offerecer para ella de novidade, lhe prende a attenção.

Nas *estalagens* [1], durante a noite, emquanto descansa na tarimba de pinho, com a cabeça sobre uma trouxa, creio que a incommodará menos a dureza do catre do que a ancia de vêr luzir a manhã para despachar-se e abalar.

Em algumas povoações do Termo, sobretudo n'aquellas que tiveram conventos de freiras, a industria feminina conserva por tradição local o fabrico de certos dôces de nomeada.

[1] A maior de todas é a dos *Camillos*, na rua do Amparo.

Assim, por exemplo, em Odivellas ainda hoje se vendem, em casas particulares, os famosos *esquecidos*, os não menos famosos *suspiros*, e a marmelada famosissima.

O saloio tambem, pararellamente, se descaracterisou no traje.

Veste jaqueta, faixa, calça de bocca de sino, cobre-se com o gabão, em jornada com a manta, e usa botas de bico com salto de prateleira.

Na cabeça traz carapuça, que antigamente brilhava de cores vivas, talvez por longinqua tradição do barrete vermelho dos mouros.

Effectivamente, muitas vezes a carapuça era encarnada com orla branca; outras vezes azul com orla encarnada.

Tambem o saloio, quando queria passar por janota, usava collete vermelho, jaleca azul e botas brancas.

Hoje a carapuça é ordinariamente preta, como a faixa. Só de longe a longe se vê uma carapuça verde; e já apparecem muitos chapeus desabados, alguns á Mazantini.

Outr'ora, no verão ou no inverno, o saloio usava, em todos os actos solemnes, um capote azul de capuz extenso.

Era, pouco mais ou menos, o *alborno*ʒ dos antigos mouros do arrabalde.

A saloia degenerou completamente quanto á celebrada belleza das mulheres marroquinas, talvez por os duros trabalhos e violentas intemperies que desempenha e arrosta.

Das mouras que outr'ora viviam em Portugal, escravas ou fôrras, diz a tradição escripta que eram lindas e interessantes. Gil Vicente, no auto do *Juiʒ da Beira*, fala de uma «galante mourinha» e Antonio Prestes, no auto do *Procurador*, emprega a expressão «mourinha d'aljofre».

As saloias apenas poderão hoje igualar-se ás mouras na brancura dos dentes, que estas conservam esmaltados com a fricção de certa erva e aquellas talvez por effeito da silica contida no centeio do pão de mistura que as alimenta.

Mas em verdade é rarissimo encontrar-se uma saloia bonita: se eu não tivesse visto uma, loira e branca, em Villa de Rei, logar da freguezia de Bucellas, não comprehenderia que o sr. visconde de Castilho (Julio) tivesse escolhido uma Beatriz de Odivellas, «branca, alta, com uma pelle de setim», para animar a traça amorosa do seu romance *Amor de mãe*.

São excepções muito raras.

Em geral, a saloia é feia, morena, e ossuda.

Alem d'isto, arisca, aspera, e tão interesseira como o saloio, o que explica talvez est'outro *couplet* da farça lyrica *O Beijo:*

— Oh! saloia, dá-me um beijo,
Que eu te darei um vintem.
— Os beijos d'uma saloia
São caros, mas sabem bem.

O saloio, physicamente, desfigurou-se menos em relação ao typo originario da sua raça; e, moralmente, tem ainda d'ella irrecusaveis vestigios.

E' moreno e feio, se bem que menos nutrido do que o mouro em Marrocos, porque trabalha mais do que elle, em parte talvez por effeito do nosso doce clima.

Todavia, entre os saloios, a mulher trabalha incomparavelmente mais do que o homem.

Nos olhos d'elle, se não ha o brilho que illumina o olhar do arabe, observa-se comtudo uma certa expressão de astucia natural.

O saloio é manhoso por instincto.

Fala pouco, como em geral o mouro, até por desconfiança; ao contrario do arabe, que é animado no trato e na conversação.

Uma anecdota authentica vai pintar-nos desde já o caracter astuto, interesseiro e avaro do saloio.

Certo dia, o prior de uma das mais importantes freguezias do Termo foi procurado por um lavrador abastado, seu parochiano e amigo.

— Olá, você por cá?! diz-lhe o padre.

— E' verdade, sr. prior. Venho trazer-lhe uma lembrança...

E dizendo isto, pousava sobre uma cadeira um enorme saco que trazia.

— Uma lembrança?! Ah, sim... Mas eu já lhe tenho dito muitas vezes que não quero que se incommode...

— Isto de nada vale, sr. prior. Trago aqui as primeiras batatas que se apanharam lá na minha horta. São uma perfeição. O sr. prior ha de gostar da *novidadesica*...

— Mas vamos a saber: o que é que o traz por cá?

— Sr. prior: como vossa senhoria sabe, estão perto as inspecções para o serviço militar. Ora o meu filho, o Manuel, vae ás sortes este anno. Eu, com franqueza, não gostava de o vêr com as correas ás costas. Bem sei que elle é um rapagão, lá isso é; mas se o sr. prior quizesse, com a sua influencia, o rapaz podia sair livre...

— Homem! veiu você em má occasião. Já foi tempo em que me mettia n'essas coisas. Agora não: não quero saber de politica, não trabalho em eleições, e um favor d'esses só se faz a um grande influente.

O saloio embatucou.

— Isso é a sério, sr. prior? atreveu-se a perguntar.

— Muito a sério. Mas não desanime. Vá ter com Fulano, que está agora dirigindo a politica cá da freguezia. Elle lhe fará esse favor. E diga-me uma cousa: quanto julga você que possam valer essas batatas?

— As batatas? Boas como são, não as largaria por menos de um cruzado...

— Está bem. Quer beber uma pinga?...

— Isso não se recusa.

Mandou o prior vir uma caneca com vinho. O saloio bebeu, de um só trago, limpando depois vagarosamente a bocca á face dorsal da mão esquerda.

— Diz-me então o sr. prior que vá ter com Fulano?

— Sim, digo. E será servido. Olhe, tome lá este cruzado. E' para dar uma pinga ao seu rapaz...

Tirou o saloio do bolso uma grande carteira de couro vermelho, cingida por uma tira de cabedal, e n'ella guardou o dinheiro.

— Muito obrigado, sr. prior. Beberemos á sua saude. E agora, se me dá licença, vou falar com o sr. Fulano. Adeus, sr. prior.

— Adeus. Volte por cá quando quizer.

Encaminhou-se o saloio para a porta e ia a abril-a, quando bruscamente, parecendo tomar uma subita resolução, se deteve.

— Sr. prior. Já agora mais um pedido.

— Diga lá.

— Se vossa senhoria me désse licença, eu levava este saco de batatas para offerecer ao sr. Fulano.

— Pois não, á vontade...

— Então com sua licença...

E, sobraçando o saco, sahiu com toda a semcerimonia [1].

[1] Esta anecdota é transcripta de um artigo do *Seculo* (de 12 de outubro de 1902) escripto por meu filho, que durante quatro annos exerceu a clinica em varias povoações saloias.

No sentimento da avareza pode o saloio considerar-se um perfeito e completo exemplar da sua primitiva raça.

Um portuguez que visitou modernamente Marrocos informa que «Não ha nada que atemorise mais o mouro do que dizer-lhe ou fazer-lhe conhecer que é rico».

Isto em parte é devido ao receio pelas rapaces exacções dos baxás e do proprio sultão.

Como todos os avarentos, o mouro esconde os seus thesouros, e diz-se que manda enterral os por um escravo ao qual mata depois para que o segredo do esconderijo não possa ser revelado.

O saloio tambem aferrolha as suas economias, e porventura as enterra, tradição que parece ter ficado dos mouros em todo o nosso paiz.

252 — Uma fonte saloia, quadro de Gameiro
(A figura da saloia é representada á antiga, com o seu carapuço)

Teme-se dos ladrões, dos vizinhos, dos filhos, dos enteados, dos genros e do escrivão de fazenda.

Quando as filhas estão para casar, e os noivos reclamam o dote, ou quando os filhos querem casar e reclamam a sua legitima, ha por via de regra serias questões na familia.

Se o saloio casou com uma viuva rica, embora feia e velha — o que muitas vezes acontece por simples ambição — levantam-se graves conflictos quando os filhos do primeiro matrimonio, chegando á maioridade, exigem a partilha das terras.

Então o saloio prefere questionar a render-se, e birra em ir para os tribunaes sustentar uma longa demanda que lhe custa ás vezes mais dinheiro do que as terras valem.

Todo o saloio é demandista por um inconsequente espirito de avareza.

Tambem é religioso como seus avós os mouros, se bem que reze menos orações do que elles, não só porque a religião christã não é tão exigente n'este ponto como a de Mahomet, mas tambem porque o saloio trabalha mais do que o mouro.

Cinco vezes por dia vão os mahometanos orar á mesquita, e de cada vez lavam os pés antes de entrar a porta.

O saloio não se lava nunca, nem mesmo quando nos domingos e dias santos vai ouvir missa á igreja da freguezia, o que jamais deixa de fazer.

Mas se a religião christã o obrigasse a determinadas abluções, creio bem que, embora contrariado, as praticaria, porque é tão disciplinadamente religioso, quanto cegamente supersticioso.

Apesar de dominado pelo espirito de avareza, não repelle nunca as occasiões de gastar dinheiro com uma festa de igreja ou com a entrada de um cirio.

Fal-o até com certa largueza, sobretudo se lhe distribuiram um papel importante, o de mordomo da funcção ou juiz do cirio.

A credulidade supersticiosa dos arabes, transmittida á Peninsula por elles e pelos mouros, creou fundas raizes no saloio.

Não ha nenhum que deixe de acreditar em bruxas, em almas do outro mundo, em maus olhados e outras abusões.

Contra todos estes maleficios procura o saloio defender-se com rezas, com benzeduras, com defumadouros e com amuletos, entre os quaes tem logar primacial a figa.

O gosto dos mouros pela dança reconhece-se ainda nos saloios.

Ficou celebre em Portugal a memoria das antigas choreas que os mussulmanos trouxeram á Peninsula, taes como a *Pella* e a *Mourisca*.

O saloio morre pelo serão de dança, a que elle chama *brincadeira*, e que se realisa nas noites dos domingos e dias santos n'uma casa ou loja para esse effeito cedida, pagando os rapazes bailarinos a despesa do petroleo.

Comquanto a influencia das danças citadinas tenha alastrado para o arrabalde, ainda não foram inteiramente banidas as danças aldeãs, e n'estas o rythmo é arrastado e lento como nos bailes mouriscos, em que o pandeiro, a guitarra de tres cordas e as palmas das mãos acompanham preguiçosamente a cadencia choreographica.

N'estas danças propriamente saloias a musica não é mais viva do que em Marrocos: o *harmonio*, instrumento que a produz, não fére o ar nem os ouvidos, e menos ainda convida ao sonho.

Sonho! o saloio é rebelde a toda a idealisação. N'elle, o casamento ou representa uma conveniencia ou mera sympathia: amor allucinado nunca.

Não ha Romeus, assim como não ha Othellos no Termo de Lisboa.

No muro do *derrête*, durante a feira das Mercês em Cintra, as raparigas, sentadas como em exposição, esperam que os rapazes as «conversem».

Parece ser um vestigio de tradição mussulmana. Ainda hoje, entre os berberes, se faz em certas epocas uma feira de mulheres novas onde os solteiros as vão escolher para casar, e os casados para completarem o seu harem.

Um auctor portuguez que escrevia em 1858 diz que era o padrinho do noivo que se dirigia á casa da noiva, e ahi era esperado pelo padrinho d'esta, para fazer o pedido de casamento.

A porta da casa estava fechada, e de dentro demoravam-se em abril-a para simular resistencia.

Este costume não foi exclusivo das povoações saloias em Portugal, nem o foi dos mouros, dos berberes ou dos arabes, mas filia-se provavelmente na exogamia oriental.

Tambem o mesmo auctor portuguez, falando do casamento dos saloios, diz que no dos mais ricos «vão atraz do *prestito* uns poucos de carros conduzindo o enxoval da noiva».

Não sei que este costume subsista hoje.

Mas prevalecem ainda o tiroteio de confeitos á sahida do templo e o jantar das bôdas, com o seu arroz doce obrigatorio.

Palmeirim, descrevendo *Um casamento nos saloios*, refere-se a estes dois costumes,

«a saraivada grossa de confeitos» e as «travessas de arroz dôce, litteralmente envolvidas em canella e casca de limão». [1]

Assim é, com a differença, porém, de que o arroz dôce vem repartido em tantos pratos quantos são os convivas; e cada conviva deve despachar o seu prato ou então, dizem os saloios, *não faz a razão á festa.* [2]

Findo o jantar, o padrinho mais auctorisado começa a propôr *Padre-Nossos* por alma dos parentes dos noivos, singular contraste com a alegria d'um noivado.

Em seguida principia o bailarico, no qual a noiva toma parte, parecendo ter esquecido completamente o noivo, que por sua vez não mostra impaciencias nem desejos, tão certa é a ausencia de fortes impulsos affectivos no casamento saloio.

Esta mesma ausencia se faz notar tanto no adulterio como no casamento.

A saloia raras vezes atraiçôa o marido, justamente porque as paixões amorosas e os apetites sexuaes são sempre moderados na sua raça, tanto no homem como na mulher, e talvez tambem por um instincto religioso de respeito aos cánones.

Mas se alguma vez prevarica, as outras censuram-n'a dizendo que anda «mal encaminhada»; comtudo, se ella não abandona o lar conjugal, o marido não a expulsa, não a odeia porque nunca a amou, e todos acabam por esquecer o delicto.

Parece á primeira vista inexplicavel o facto de ter a saloia muitos filhos sendo tão pouco amoraveis os conjuges: é que ambos elles estimam tel-os por motivos diversos.

O homem vê no augmento da familia um elemento de prosperidade; cada filho são mais dois braços para o trabalho.

A mulher tem por occasião do parto trinta dias de repouso, e de melhor alimentação porque se trata a gallinha cozida e pão alvo.

E' verdade que o parto póde ser laborioso, e quasi sempre o é, em consequencia da má posição do feto devida aos violentos trabalhos que a mulher desempenha até ao ultimo dia de gravidez.

Mas a saloia espera sempre livrar-se do perigo rezando algumas orações, fazendo algumas promessas, e, no momento critico, pondo na cabeça o chapeu e nos hombros os calções do marido.

Raras vezes, e só em ultimo caso, é chamado o medico, tanto n'esta como nas outras enfermidades. O saloio tem medo á despesa a fazer com as visitas e os remedios — despesa que póde prolongar-se por muito tempo e ser avultada. Além d'isso, como vive em plena natureza, experimenta primeiro a medicina naturalista das beberagens e drogas caseiras. Por si, quando se sente *reles* (adoentado), ingere meia canada de vinho com alecrim, canella, losna, assucar, transpira muito e quasi sempre fica melhor.

Em caso de morte, o saloio não se mostra tão avaro perante os gastos do enterro. E' a ultima despesa, que de mais a mais póde logo ser compensada pela herança. O luto incommoda pouco os saloios, porque é breve e barato. Atam um lenço em volta da cabeça com as pontas cahidas para traz, e cobrem os hombros com mantas de lã. Mas saiem de casa, falam, trabalham, isto é, voltam á sua vida normal, sem lamurias e sem o menor vislumbre de saudade, sincera ou fingida.

Tranquillo e conformado, o saloio raras vezes é criminoso; não usa revólver, nem usa navalha de ponta e mola. Já vão apparecendo alguns *fadistas* nas povoações do Termo, por contagio de Lisboa. Mas esses mesmos, quando são bulhentos, teem ordinariamente por arma de combate o pau de chapa, que é tradicional na sua raça. Póde dar-se como certo que se um saloio maltratou outro, foi á paulada com o seu cacete.

---

[1] *Galeria de figuras portuguezas*, pag. 205 e seg.

[2] *Physiologia do saloio*, Lisboa, 1858. E' um opusculo de 64 paginas.

Tambem, se é gatuno, não assalta ninguem na estrada, nem mesmo uma lavadeira indefesa que, sentada sobre a burra, volte da cidade com o dinheiro da semana.

Não. O ladrão saloio limita-se a furtar os fructos das arvores, as aves das capoeiras e alguma roupa que esqueceu no seccadouro.

Lança pois mão do alheio como o arabe, mas tambem como elle não recorre á violencia — ao roubo e ao homicidio.

Todavia, os furtos são pouco numerosos nas hortas e quintas, porque ha a cohibil-os uma especie de policia rural muito activa e vigilante: o cão saloio.

E' terrivel este animal, e tão saloio dos quatro costados como o seu dono. Feio, sujo, mal tratado, quasi sempre de pello amarello, defende a casa, defende as terras e até defende toda a povoação com um patriotismo feroz.

Quando eu, no empenho de reunir apontamentos para este livro, passei uns dias em Bucellas, vi-me parvo com 7 cães, com 70 cães, com 700 cães, com toda a canzoada bravia que me sahia ao encontro na rua, na estrada, no campo.

O cão do Minho ladra á passagem de um traseunte, mas em geral só o persegue se o vê maltrapilho. E' um cão menos mouro do que o saloio, que julga vêr «christãos» em todos os viandantes, e lhes manifesta um odio de raça ladrando e mordendo. Na região dos saloios não ha que fiar-se a gente no proverbio: «Cão que ladra não morde».

N'esta região tudo parece haver ficado estacionario — o homem e o cão. Um e outro a amam, plenamente identificados com ella. Não querem sahir d'ali, mas tambem não querem que ninguem lá entre. E se o homem tem que vir á cidade, deixando a mulher no lavadouro, é o cão que guarda a casa.

O saloio, apenas larga o amanho da sua almoinha e das suas terras, para vir exercer em Lisboa o commercio rendoso, e nada cansativo, dos morangos no estio e dos perús no Natal.

E' uma tarefa bem remunerada, que só o constrange por ter de sahir da aldéa, mas que apenas lhe impõe o unico trabalho de apregoar:

— Vai um cabaz de morangos?

— Merca o casal de *piruns*?

A venda dos morangos é ordinariamente feita por saloios cintrões — porque Cintra tem o privilegio do morango pequenino e gostoso.

Quanto aos perús, ás vezes nem é preciso apregoal-os, porque os vendedores estacionam n'um largo, como por exemplo o de S. Domingos; o trabalho dos saloios resume-se então em evitar que os perús se tresmalham ou em agrupal-os se elles se tresmalharam.

Como se vê, o saloio monopolisa no seu sexo as industrias mais lucrativas e menos pesadas.

E' a eterna tradição mourisca da inferioridade da mulher, sempre bêsta de carga, hoje como no passado. Uma locução portugueza, que nos ficou do tempo do dominio sarraceno, perpetúa no glossario esta tradição: «moura de trabalho ou trabalhar como uma moura».

No *Auto das regateiras* do Chiado a velha replica á rapariga que se queixava de trabalhar como escrava:

Tu dizes que és aqui *moura!*

Os criados e caseiros das quintas de Cintra trazem a Lisboa no inverno as camellias e violetas, que são revendidas nos mercados publicos, em certas tabacarias como a do Neves no Rocio, e nas lojas de alguns floristas.

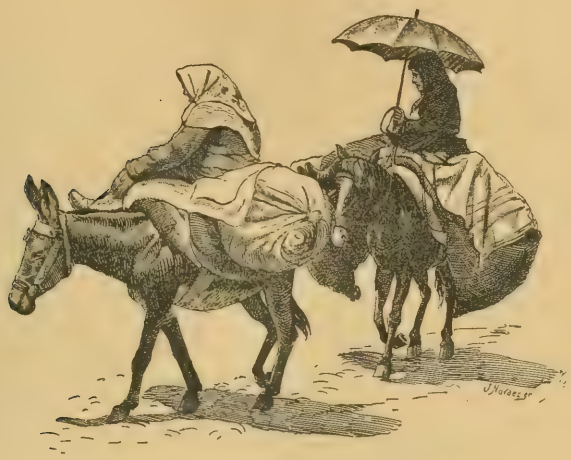
Em todo o arrabalde saloio se dão bem as violetas, mas as camellias em nenhuma região do sul parece darem-se melhor do que em Cintra.

Ora, os queijinhos, os morangos, a vara guiadora dos perús, as camellias e as violetas pesam de certo muito menos do que uma trouxa de roupa, as bilhas de leite, um cêsto cheio de fructa, de hortaliça, de legumes, de ovos e um alguidar cogulado de tremoços.

Quanto á venda do leite, este ramo de negocio tem sido ultimamente disputado ás saloias pelas varinas e pelas vaccarias de Lisboa.

Outro ramo de proveitoso commercio para o saloio é a caça. Praticando-a diverte-se e ganha dinheiro. As perdizes, coelhos e lebres que vem ao mercado da capital são, na sua maior parte, uma industria do caçador aldeão do arrabalde.

Entre os escriptores portuguezes que se teem occupado dos saloios do Termo, um



253 — Padeira e levandeira saloia, a cavallo

ha que, sem lhes desconhecer os defeitos, procura rebater a opinião de «muito barbaros» em que os tinha Miguel Leitão de Andrada.

E' o erudito marquez de Rezende.

Para sustentar a impugnação menciona este venerando fidalgo alguns homens illustres que diz terem nascido no arrabalde saloio, e algumas pessoas de sangue real.

Entre aquelles cita em primeiro logar D. Domingos Annes Jardo, que foi bispo de Evora e depois de Lisboa, bem como chanceller-mór do reino, no tempo de Affonso III e D. Diniz.

Effectivamente D. Domingos nasceu em Agualva, que tinha então o nome de Jarda, ainda hoje conservado n'uma ribeira da freguezia de Bellas; e a prova de que provinha de uma familia obscura está no facto de ter adoptado como appellido, á falta de outro, o nome da sua terra.

O futuro prelado revelou desde a infancia dotes intellectuaes, talvez por atavismo de sangue arabe, que n'elle predominasse mais do que o mouro.

Foi estudar direito canonico em Pariz, onde se doutorou, e mais tarde contribuiu para a fundação da Universidade de Lisboa.

Vê-se que a sua familia, comquanto obscura, era de lavradores abastados.

Depois o marquez de Rezende fala de Gonçalo e Pedro de Cintra, cujos nomes ficaram assignalados na historia das nossas navegações.

Segue-se a menção do ponderoso archeologo do seculo XVII, D. Jeronymo Contador de Argote, que nasceu em Collares.

E vem por ultimo o nome de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, que o marquez de Rezende diz ter «nascido de pais humildes no pequeno logar da Terrugem».

Ora isto não é exacto.

D. Frei Bartholomeu nasceu em Lisboa, na freguezia dos Martyres, e d'aqui veio o adoptar este sobrenome [1].

Os pais, segundo informa Frei Luiz de Sousa, é que eram saloios, ambos nascidos na Verdelha (actual concelho de Loures); mas «gente boa e limpa» e como tal viera domiciliar-se em Lisboa n'aquella freguezia.

Quer isto dizer que não eram da plebe saloia, nem cavadores de enxada, e que por seus habitos apurados e largas posses transferiram a residencia para Lisboa.

A confusão em que labora o marquez de Rezende provém da circumstancia de possuirem um casal na freguezia da Terrugem (concelho de Cintra) para onde fugiram da peste que «ardia em Lisboa», quando o filho era ainda creança de peito [2].

Finalmente, o marquez de Rezende quer nobilitar a região do Termo pelo facto de ali terem nascido dois reis — D. João VI na Ajuda, D. Pedro IV em Queluz — e na Ajuda, Queluz e Mafra todos os irmãos de D. Pedro IV.

Não ha duvida que n'aquelle tempo a Ajuda estava fora das portas da cidade, como Belem, o que ainda acontecia no reinado de D. Maria II, D. Pedro V e D. Luiz I; mas eram suburbios nobres e já policiados.

De mais a mais a familia real não provinha de origem saloia, mas do cruzamento de sangue portuguez com outras raças europeas.

O numero de pessoas illustres nascidas no Termo — entre ellas a grande tragica Emilia das Neves — é relativamente insignificante, a despeito da contradicta do venerando marquez de Rezende; e sempre de familias crassas e povoações rudes, em todos os tempos e paizes, sahiram algumas vezes talentos que constituem excepções phenomenaes, inexplicaveis a não ser por grandes e caprichosos saltos atavicos.

Nos 142 ministros de estado, que serviram o paiz desde a regencia da Terceira até 1871, isto é, durante um periodo de 40 annos, apenas conto 4 ou 5 oriundos de ambas as zonas da região dos saloios, e esses já procedentes de familias submettidas a uma antiga corrente de instrucção litteraria e educação social.

O saloio do Termo não teve referencias nos autos de Gil Vicente, Prestes e Chiado como o «ratinho» da Beira, comquanto estes dois typos se aproximem por varias circumstancias communs: a ignorancia, a devoção, a sovinice, a manha, a porcaria, a passividade e a vida agricola.

Mas os *ratinhos* são bem mais sympathicos do que os saloios, porque são mais resistentes, mais activos e audazes, e até mais alegres.

E' outra raça — apta para a emigração.

Isto explica talvez a razão por que entraram nos autos quinhentistas, e os saloios esqueceram; podendo tambem explicar-se, pelo reconhecimento d'aquella superioridade, a ausencia de affectuosa camaradagem com que os *ratinhos* são recebidos nas povoações saloias.

Digamos rapidamente o que são os *ratinhos*, e como os saloios os depreciam.

[1] Frei Apollinario da Conceição, *Demonstração historica da primeira e real parochia de Lisboa*, pag. 91, § 117.

[2] Frei Luiz de Sousa, *Vida de D. Fr. Bertolameu dos Martyres*, cap. I.

Miguel Leitão, na *Miscellanea*, assignala a origem da palavra «ratinho» dizendo: «... os ratinhos, que sendo o concelho de Rates huma só freguezia de quatorze ou quinze lugarinhos, ou aldeias, e estes sós sejão os ratinhos, d'elles se estendeo o nome a quasi toda a Beira, que quer dizer bordas do mar. E a outras comarcas.» [1]

Ora o territorio a que, entre o seculo XVI e o seculo XVII, Miguel Leitão chamava o «concelho de Rates» é hoje a freguezia d'este nome no concelho da Povoa de Varzim, com uns mil habitantes, e não mais logares do que aquelles que lhe são calculados na *Miscellanea*.

E' uma das freguezias a que na Povoa se chama «aldéas» para as differençar da cabeça do concelho — a villa maritima; e possue um antigo templo que é monumento nacional por sua vetustez e tradições ancestraes.

Hoje a povoação de Rates — especialmente a séde da parochia — tem-se renovado no seu aspecto material com alguns predios modernos.

Lembro-me de um, quasi fronteiro á igreja: eu fui muitas vezes a Rates, sendo deputado pela Povoa, visitar o abbade, que era meu adversario politico, mas nunca deixou de manter comigo relações pessoaes.

Ora ácêrca dos «ratinhos» que, segundo Miguel Leitão de Andrada, se tornaram conhecidos pela emigração em toda a Beira, disse no nosso tempo Baptista na *Chorographia Moderna*:

«A maior parte dos habitantes do sexo masculino deixam a terra natal no fim da primavera, e vão para os trabalhos do campo, especialmente da ceifa, para as provincias da Beira, Extremadura e Alemtejo, onde lhe dão o nome de Ratinhos» [2]

Baptista repetiu o que a antiga tradição contava.

Outr'ora era natural que os ceifeiros annualmente emigrados de Rates procurassem a provincia da Beira, que lhes ficava proxima, apenas separada do Porto pelo rio Douro; os limites d'essa grande provincia eram então marcados por este rio, pelo Mondego e pelo mar.

Mas que tambem chegassem á Extremadura e ao Alemtejo, elles, os habitantes de Rates, é uma affirmação gratuita que se basea n'um gracioso equivoco.

Vamos explical-o.

Aconteceu, na successão dos tempos, que em todo o reino, especialmente no sul, começou a dar-se por extensão o nome de *ratinhos* á generalidade dos ceifeiros emigrantes, nome que na Beira foi primitivamente dado apenas aos que procediam de Rates.

Por outras palavras, o *ratinho*, authentico e genuino, identificou-se, na linguagem popular, com todo o ceifeiro do norte, especialmente com o da Beira, e passou a ser, sob a primitiva alcunha, um typo comico de sovinice e sordidez.

A emigração dos *ratinhos*, desenvolvendo-se, por amor a uma industria cosmopolita que os habitantes de Rates fundaram, chegou á Extremadura, ao Alemtejo e até á Andaluzia.

Deu isto logar a uma anecdota — e aqui está a graça do caso — que resalta de algumas linhas escriptas pelo Padre Carvalho, o mais notavel dos nossos chorógraphos no seculo XVIII.

Diz elle, textualmente, discreteando sobre a multidão de «ratinhos» que iam procurar trabalho ao longe, não só em provincias distantes, mas até em remotos continentes:

«Outros querem se derivasse (o nome) dos fecundos partos das mulheres d'esta Provincia (Entre-Douro-e-Minho), de que se tem em tão breves annos povoado quasi

---

[1] Fim do dialogo XII.

[2] Vol. II, pag. 852.

todas as mais Provincias do Reyno, e muitos lugares em Africa, Angola, Sofala, e outros na Asia, India, e America». [1]

Como a alluvião dos *ratinhos* fosse cada vez maior, já no seculo XVIII se não julgava que elles pudessem proceder apenas da pequena aldéa de Rates, e portanto deu-se-lhes por berço toda a provincia de Entre-Douro e-Minho; mas ainda assim tornou-se necessario inventar a fabula de que as mulheres d'aquella provincia parissem copiosas ninhadas de filhos como as ratas.

Eu vi em 1878 passar no alto Alemtejo grandes caravanas (lá diz-se camaradas) de *ratinhos* que vinham do norte para o sul.

Vi-os caminharem alegremente para o duro trabalho das ceifas nos vastos campos transtaganos, como se fossem para uma romaria.

Vestidos de saragoça, mochila e bordão ás costas, a cabaça a tiracollo, uma colhér de pau entalada na fita do chapeu, vi-os passar, em columnas, ao som de pifaros que alguns d'elles tangiam, e os outros cantando em côro para animar a marcha.

Durante as ceifas, não teem melhor cama que o restôlho das searas, nem melhor merenda que o caspacho ou gaspacho, sôpa que não vai ao lume e é temperada com vinagre, azeite e alho.

Muitos dos «ratinhos» morrem por insolação e empaludismo, heroica e obscuramente, verdadeiros martyres do trabalho.

Alguns d'elles chegam á Anduluzia, onde se misturam com ceifeiros gallegos.

Mr. Quillardet, no seu interessante livro *Espagnols et portugais chez eux*, publicado em 1905, a elles se refere por os ter encontrado lá, e observou que são mal vistos pela população indigena, em razão de occasionarem uma baixa de salarios, já pouco elevados na Andaluzia.

No Alemtejo, os *ratinhos* são ordinariamente bem recebidos, e fraternisam com as povoações.

Tambem o são, em alguns concelhos extremenhos de entre o Tejo e o Sado, por exemplo Moita, Setubal e Alcacer, onde perdem o nome de «ratinhos» e geralmente os designam pelo de «caramelos»

Não acho outra explicação para esta alcunha senão a de serem gente das bandas da Serra do Caramulo, isto é, procedente da Beira.

No Termo de Lisboa, os saloios tratam os pouco numerosos ganhões *lá de cima*, que por alli apparecem, pela denominação trocista de «rôlas».

Em Bucellas vi alguns trabalhando n'um campo, e duas creanças que iam passando na estrada começarem a zombar d'elles fingindo que arrulhavam como as rôlas: ruru ruru.

O que tem graça é que nas ruas de Lisboa os garotos algumas vezes apoquentam os saloios chamando-lhes tambem «rôlas» e perseguindo-os com mordazes arrulhos.

Se no primero periodo do theatro portuguez o typo comico do *ratinho* supplantou o do *saloio*, por igual ignorante e sovina, no seculo XIX o *ratinho* desappareceu do palco e foi substituido pelo saloio como personagem de entremez.

Já os comediógraphos, no fim de seculo XVIII, começaram a aproveitar esta grotesca individualidade, que tinham mais á mão do que os ceifeiros da Beira.

Assim, appareceu n'essa epoca uma farça anonyma — *O saloio cidadão;* e depois outra, de Domingos de Caldas Barbosa, *A saloia namorada ou o remedio é casar.*

A evocação theatral do typo — saloio — parece ter agradado, porque Marcos Portugal não se dedignou compôr sobre identico thema uma *burletta* — *A saloia namorada*, que foi cantada no Rio de Janeiro em 1812.

[1] Tom. I, pag. 336.

Durante todo o seculo XIX, especialmente em nosso tempo, o saloio tem estado sempre em scena, a contento das plateas populares, como provaremos pelas seguintes indicações bibliographicas: *O beijo*, farça lyrica — *O ultimo dia de arraial nos saloios*, comedia — *Luizinha, a leiteira*, scena comica — *O Descasca Milho*, c. 1 act. — *O Descasca Milho*, ent-act. comico — *Ainda o Descasca Milho*, c. 1 act. — *Casamento do Descasca Milho*, c. 1 act. — *Baptisado do filho do Descasca Milho*, c. 1 act. — *Morte do Descasca Milho*, c. 1 act. — *Casamento do filho do vaqueiro*, c. 1 act. — *Mariquinhas a leiteira*, c. 1 act. — *Um duello em Odivellas*, c. 2 act. — *O noivo da Lourinhã*, c. 1 act. — *Um noivado em Friellas*, c. 1 act. — *Um baptisado em Caneças*, c. 1 act. — *Desabafos do Zé leiteiro*, s. c. — *Manél Corisco*, s. c. — *O Manél d'Abalada*, s. c. — *O juiz eleito*, c. 1 act. — *Zé Canaia*, c. 1 act. — *Um casamento em Fanhões*, operet. — *Zé Chalaça*, s. c. — *O sr. Murtheira*, s. c. — *A traição elastrica*, canç. — *É cá nan sé*, canç. — *Cruzes ou cunhos?* canç. — *Zézinho de Bellas*, canç. — *O Frescata da Malveira*, canç. — *O mosquito*, monologo — *Zé Calino*, m. — *Um saloio em Lisboa*, m. — *Uma coisa que é cá sé*, m. — *Amor e dinheiro*, s. c. — *Um alho*, s. c. — *O tio Zé Chibato*, s. c. Etc.

Fóra do theatro, o saloio tem sido lembrado n'outras especies litterarias. O primeiro jornal de Cintra intitulou-se *O saloio* (1856); depois, tambem em Cintra houve o *Jornal saloio*; e um almanach de 1890, o *Mal amanhado*, era escripto em linguagem saloia.

A linguagem incorrecta do saloio, isto é, as alterações phoneticas com que elle, por ignorancia, estropia as palavras, umas antigas, outras modernas, tem sido no theatro o principal *truc* explorado pelos auctores.

E' justamente n'essa incorrecção que reside a maior graça d'este typo comico.

Pela nossa parte não ousaremos nunca chamar dialecto á linguagem dos saloios. Reputamol-a apenas uma «variedade local», no sentido em que Max Muller empregou esta expressão; tal linguagem não differe da lingua litteraria senão por effeito da rudeza de quem a fala. Ora os dialectos, segundo o mesmo auctor, teem sido sempre as fontes da lingua culta e não outros tantos canaes derivados d'ella. A mesma opinião expressa Littré quando diz que a lingua geral é um dialecto que supplantou os outros. E a linguagem saloia não nos parece ser mais que uma filha aleijada e constrangida da lingua geral; um turvo canal que derivou d'ella. Vamos vêr.

Linguagem saloia	Linguagem culta	Linguagem saloia	Linguagem culta
Alimaes	Animaes	Claustro	Caustico
Pescuradores	Procuradores	Lidico	Liquido
Acolytos	Incognitos	Pilemica	Polemica
Suscetivle	Susceptivel	Planta forma	Publica forma
Alembranças	Lembranças	Pulga	Purga
Quase	Quasi	Sismatura	Scisma
Cedade	Cidade	Tosse confucia	Tosse convulsa
Memoira	Memoria	Olivél	Libello
Palatea	Platea	Catacismos	Sinapismos
Polucia	Policia	Confurtativo	Facultativo
Baltisado	Baptisado	Conspirar	Transpirar
Reizes	Reis	Saibo	Sabio
Plefice	Superficie	Treato	Theatro
Déspio	Despota	—	—

Outras palavras ficaram do portuguez antigo, como escorralhas que da linguagem da côrte transbordaram para o Termo, e ali permaneceram mais ou menos deturpadas, mas detidas pela força da tradição.

Exemplos: *riba*, de ripa, riba; *friamulos* (porcos) talvez de freama no sentido de

presunto, segundo o *Elucidario*; *eiva* (toque de podridão na fructa) como sinonymo de doença; *engulhos*, vomitos; *ófa*, cansaço, manifestamente abreviatura de offêgo; *menténs*, toalha de mesa, do antigo mantens; *tresler*, delirar com febre, originariamente perder o sizo por excesso de leitura; *vitro*, victorioso, de victor, etc.

Ha outras deturpações que se foram aggravando de geração em geração, de modo que já não é hoje possivel procurar-lhes a origem culta, nem mesmo aventar hypotheses.

Uma das coisas que parece terem ficado do tempo dos mouros na successão dos saloios é a rivalidade que aquelles sustentam de tribu para tribu, de aduar para aduar, e estes conservam de aldéa para aldéa, designando-se com alcunhas injuriosas ou pelo menos ridiculas, reciprocamente.

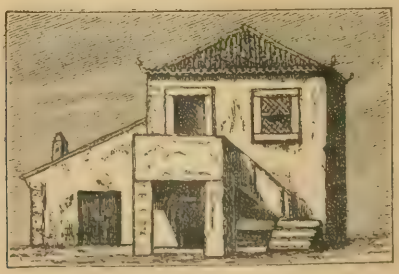
Os de Odivellas são «rapa-caldos»; os de Caneças «alimaes»; os da Povoa de Santo Adrião «kágados»; os da Ameixoeira «catalões»; os da Charneca «lobos ou ladrões», etc.

Algumas cantigas saloias envolvem sentido deprimente para os habitantes de certas localidades, como por exemplo:

Cães de Carnide,
Cadellas do Lumiar,
Acudi aos de Bemfica
Qne se querem enforcar.

Nas povoações saloias circulam varios proverbios, que nunca ouvi em qualquer outra região e que reputo interessantes como indicadores dos usos, costumes e sentimentos indigenas.

Um d'elles, por exemplo, manifesta a philosophia egoista e pratica do saloio: «A sogra e o furão só debaixo da terra é que dão».



254 — Uma casa saloia

II

Cadaval

A villa do Cadaval, cabeça do concelho do seu nome, está situada n'uma collina, entre dois valles, que são o de Canada e o de Abrigo.

Segundo a versão popular, a etymologia de Cadaval prende justamente com a posição geographica da villa entre aquelles dois valles regados por muitas nascentes e arroios: assim, tendo o fundador da povoação perguntado onde por aqui haveria agua, responderam-lhe que em *cada valle*. E por apócope, teria vindo a dizer-se: Cadaval.

A villa fica 75 kilometros ao norte de Lisboa; e dista 6 da estação do Bombarral na linha de oéste. Caminhamos, pois, da peripheria para o fóco inicial dos saloios.

Passa perto o rio Bojota, que é alimentado por varios regatos; e parte da serra de Monte Junto pertence á freguezia do Cadaval.

Todo o concelho é fertil e abastado, graças ao seu activo commercio de vinhos, cereaes e gados.

Data de remota antiguidade a povoação do Cadaval, que foi uma das occupadas pelos mouros na Extremadura.

D. Fernando, *o Formoso*, elevou-a á categoria de villa e doou-a ao quarto conde de Barcellos para si e seus successores em 1 de dezembro de 1371. [1] Não tardou, porem, que voltasse a villa aos bens da corôa; D. João I doou-a a D. Pedro de Castro, filho do conde de Arrayolos.

No reinado de D. João II é o Cadaval doado a D. Martinho de Noronha, filho do mordomo-mór D. Pedro de Noronha, que aquelle rei tratava por sobrinho.

Entre os Noronhas do Cadaval e os Soares de Torres Vedras rebentaram conflictos, que deram origem ao levantamento de bandos de uma parte e outra. Em certa pugna travada entre os dois bandos ficou morto, junto a Torres, um dos Noronhas, D. Henrique.

---

[1] Braamcamp, *Brasões*, vol. III, pag. 255.

Sabendo do facto, D. João II mandou chamar á sua presença Gomes Soares, o qual respondeu:

— Que se sua alteza o chamava para fazer-lhe mercê, elle a não pretendia; e que se era para lhe cortar a cabeça, o podia mandar fazer na praça de Torres Vedras.

O rei, no primeiro impeto, affrontou-se com esta resposta altiva e confiscou os bens a Gomes Soares; mas depois, reconhecendo a hombridade que mais tarde ou mais cedo agrada aos caracteres fortes, perdoou-lhe e ainda lhe fez novas mercês.

Um *homem* comprehende sempre *outro homem.*

Da villa do Cadaval antiga resta dizer que D. Manuel lhe concedeu foral a 1 de outubro de 1513, e que D. João IV a instituiu em cabeça de ducado.

Taes são, em resumo, as noticias historicas, que os chronistas e os chorógraphos fornecem e reproduzem.

Agora venha alguma nota impressionista, que resuma n'um traço colorido o aspecto e vida do Cadaval.

Ha mais de 30 annos — e logo faremos as observações que tão largo periodo de tempo impõe — dizia Julio Cesar Machado:

«O Cadaval é uma villa pequena, em que pouco ha para vêr, e bem pouco para referir, depois de se ter visto tudo — uma igreja e mais uma quinta!

«A igreja foi fundada pelos habitantes, e tem de curioso dois quadros da celebre Josepha de Obidos, o da *Senhora do Rosario*, e o da *Circumcisão.*

«A quinta é a chamada de Dona Amiga, que tem uma deliciosa alameda, a que só falta, para se tornar de proporções bucolicas, uma senhora em *blouse* branca, recostada brandamente n'um kioske, lendo *Fanny* ou as *Folhas cahidas*, á hora em que baixa o sol. *Fanny* no Cadaval?! Por que não? se ha uma alameda bem copada e bem fresca? por que não, se houver uma senhora bem crystalisada e bem romantica! O' amor! Amor! As artes consagram os teus milagres e os teus crimes até: por que não encontrei eu então nenhum cupido de pedra n'aquella alameda, por velho e esôpo que fosse? Uma alameda sem um cupido, não é alameda. E' só por ti, amor, que se anima o marmore, e que a téla respira!...

«Debalde se procura no Cadaval o palacio dos duques. Encontrei apenas dois pardieiros velhos, tisnados pelo sol e abalados pelos invernos: um d'elles é o celleiro, e o outro a adega do duque do Cadaval; a adega é para as jogadas, e o celleiro para os dizimos!...»

Isto é já antigo, mas vale por uma photographia instantanea. Estava ainda em voga a *Fanny* de Ernesto Feydeau e a theoria de Sthendal sobre as *crystallisações* no amor; mas nas linhas geraes o quadro do Cadaval é completo.

A vida social é que mudou aqui — como em toda a parte onde a situação geographica favoreceu a vizinhança de uma linha ferrea.

D'antes era preciso ir em vapor até Villa Nova da Rainha, e seguir depois por Otta a estrada real das Caldas; quando o caminho de ferro chegou ao Carregado — já era um progresso — tomava-se ali a famosa diligencia do José Paulo até onde ella, que fazia carreira para as Caldas, podia dar conducção.

Agora a linha ferrea de oéste (Torres-Vedras — Caldas — Figueira da Foz), passando a pouco mais de uma légua do Cadaval, dotou esta villa com facilidades de communicação e, portanto, de commercio.

[1] *Scenas da minha terra*, Lisboa, 1862, pags. 28-29.

Isto é quasi sempre um grande germen de prosperidade e renovação.

Tanto assim que Julio Cesar Machado fala de um barbeiro que em 1862 acumulava no Cadaval oito logares; e hoje ha n'esta villa dois barbeiros que não fazem... senão barbas.

Com o policiamento moderno veio melhor distribuição de funcções sociaes; e cada cidadão entrou no seu papel.

A villa tem actualmente uns novos paços do concelho, duas escolas officiaes, e dois collegios particulares para ambos os sexos; duas pharmacias e um medico; agentes bancarios e de seguros; dois hoteis e tres casas de pasto; tres modistas; uma papelaria; lojas de fanqueiro, de mercador, de quinquilharias, ferragens, louças e vidros; um forno de louça vermelha; uma caldeira de distillação e tres sociedades musicaes — Philarmonica Cadavalense, Recreio musical dramatico e Sol-e-dó 17 de agosto.

255—Vista geral da villa

A freguezia do Cadaval conta 1.241 habitantes, a maior parte na villa, e o resto no logar de Adão Lobo. O orago da parochia é Nossa Senhora da Conceição.

Ha na villa duas feiras annuaes a 24 de junho e 8 de dezembro; o mercado mensal, que d'antes se fazia no 2.º domingo de cada mez, passou em 1904 a fazer-se no 1.º domingo.

Sei da existencia d'um periodico — *Commercio do Cadaval*, mas ignoro se dura ainda.

O titulo de duque de Cadaval foi concedido por el-rei D. João IV, em 26 de abril de 1648, a D. Nuno Alvares Pereira de Mello, 4.º marquez de Ferreira e 5.º conde de Tentugal.

Este fidalgo casou tres vezes: a 1.ª com a 8.ª condessa de Odemira, viuva e sem filhos, que da casa paterna herdou, entre outras propriedades, o paul de Muge; a 2.ª com a princeza Maria Angelica Henriqueta Catharina de Lorena, que era prima em segundo grau da rainha D. Maria Francisca Izabel de Saboya; e a 3.ª com a princeza Margarida Armanda de Lorena, filha do conde de Armagnac.

De todos os tres matrimonios houve filhos.

Succedeu-lhe no titulo D. Luiz Ambrosio de Mello, 2.º duque de Cadaval, que casou com a sr.ª D. Luiza, filha natural de el-rei D. Pedro II.

Esta dama, tendo fallecido o 2.º duque de Cadaval, casou com seu cunhado D. Jayme de Mello, 3.º duque.

Era uma linda mulher, alta, branca e loura, alegre e espirituosa.

Quando estava na sua casa de campo em Muge, e el-rei seu pai por ali passava para ir caçar em Salvaterra, muitas vezes a sr.ª D. Luiza o acompanhára sendo sempre por elle tratada com especial affecto.

O 3.º duque foi muito perito em equitação e toureio.

E' obra sua o famoso picadeiro da casa de Pedrouços.

Casou 2.ª vez com sua sobrinha, a princeza Henriqueta Julia Gabriella de Lorena.

Succedeu-lhe D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello, 4.º duque de Cadaval, que desposou D. Leonor da Cunha, dama da rainha D. Marianna Victoria e filha do 5.º conde de S. Vicente.

O 5.º duque foi seu filho D. Miguel Caetano, que teve por mulher D. Maria Magdalena de Montmorency e Luxembourg.

Succedeu-lhe D. Nuno Caetano, 6.º duque de Cadaval, seu filho, que casou com D. Maria Domingas de Bragança Sousa e Ligne, da casa Lafões.

O duque viveu retirado em Pariz (e ali falleceu) por desaccôrdo com o regimen constitucional.

Havia tomado parte activa nos acontecimentos politicos de 1828-1833.

A elle se refere uma cantiga politica alludindo á sua retirada de Lisboa com as forças miguelistas na noite de 23 para 24 de julho de 1833:

Lá vai primeiro
O duque fraco, etc.

Succedeu-lhe na casa uma das suas seis filhas, a 4.ª, D. Maria da Piedade, que casou em Pariz (1843) com seu tio D. Jayme Caetano, 3.º filho do 5.º duque de Cadaval.

A familia Cadaval possue vastas propriedades e alem do palacio de Lisboa (que era na rua do Principe, junto ao Rocio) tem casas de campo em Muge, Tentugal, Evora, Agua de Peixes [1] e Pedrouços.

Como sabemos, o Cadaval está comprehendido na zona de irradiação do primitivo saloio.

O typo popular conserva os seus caracteres originarios, é geralmente moreno, rarissimas vezes claro.

Quanto ao fato, os velhos usam calça direita, jaquêta, camisa branca ou de chita sem gravata, sapato de salto de prateleira, atacado; cinta, barrête ou chapeu de aba larga.

Os rapazes variam um pouco este traje tradicional, afadistando-o, seja pelo contacto com Lisboa durante o tempo do serviço militar, seja por serem impressionados por uma dupla corrente de influencia lisboeta que recebem reflexamente de Torres Vedras ao sul e das Caldas da Rainha ao norte — povoações em communicação directa e diaria com á capital.

Assim é vulgar encontrar-se nos rapazes cadavalenses a calça de bocca de sino, o chapeu á Mazantini, e uns certos modos bailhões.

O concelho do Cadaval pertence ao districto administrativo de Lisboa e á comarca de Torres Vedras.

A sua população total é de 10.693 almas.

Alem da freguezia da villa, o concelho comprehende mais as seguintes: Alguber, Cercal, Figueiros, Lamas, Peral, Pero Moniz, Vermelha e Villar.

[1] No Alemtejo, concelho de Alvito.

A freguezia de Nossa Senhora da Purificação de Alguber fica 10 kilometros a nordéste da cabeça do concelho e domina uma ribeira affluente do rio Arnoia.

Este rio nasce aqui e vai desaguar na lagôa de Obidos.

Alem da séde da parochia, Alguber comprehende mais os logares da Crugeira, Gouxaria e Adro das Candeias; e tres quintas que são as do Cidral (de D. Beatriz de Sousa Botelho), da Boa Vista (de José Ernesto Pereira Marques) e a de Porto Nogueira.

População total: 629 habitantes.

Ha uma escola para o sexo masculino.

A freguezia de S. Vicente do Cercal, com uma população de 504 almas, está situada na estrada real de Lisboa ás Caldas da Rainha, e dista da cabeça do concelho 12 kilometros para léste.

«E' uma terra pittoresca o Cercal, diz Julio Cesar Machado; e tem a habilidade de ser alegre em qualquer situação e com qualquer tempo.» [1]

Antigamente era paragem obrigada dos trens que vinham das Caldas para o Carregado ou que do Carregado iam para as Caldas.

Os cocheiros desaguavam ali os cavallos, e avinhavam-se a si mesmos.

A proposito, conta Julio Cesar uma anecdota graciosa, como todas as que esmaltam os seus escriptos.

Fala do vinho do Cercal — em geral mau — e da honra que lhe faziam os cocheiros.

«Quando algum lá apparece pela vez primeira, tem de desempenhar-se dos seus deveres bebendo uma canada de vez e sem pestanejar. Um de uma occasião pediu dez minutos para reflectir no que ia fazer e quaes as consequencias da sua acção. Concederam-lhe os outros cocheiros esta pequena espera, e o neophyto voltou as costas e saiu. Havia no Cercal duas casas de comida com venda de vinho, a da viuva Moreira, que pertence hoje a um filho, e a do Leal, que foi trespassada aos que actualmente a dirigem. Passados os dez minutos appareceu outra vez o cocheiro novo e submetteu-se sem difficuldade á experiencia convencionada da cerimonia. Em logar de uma canada, bebeu duas. Disse-lhe um dos cocheiros veteranos: — Estavas a fazeres-te fino, e enxugas por esta maneira! O Galvêas, futura flor dos cocheiros das Caldas da Rainha, sorriu-se: — Está bem de ver! respondeu esse prudente moço. Quiz experimentar primeiro se era capaz, fui beber a canada ali ao Leal; por isso é que me *estrevi* a beber agora as duas!»

Ramalho, nas *Farpas*, tambem celébra a hospedaria Moreira.

A freguezia do Cercal comprehende, alem do logar que é séde da parochia, mais os de Salvador e Espinheira; e as quintas da Alagôa e do Calado.

Tem uma escola mixta, regida por uma professora; feiras annuaes, a 3 de junho, 5 de agosto, 13 de outubro; e mercado no 1.º domingo de cada mez.

Julio Cesar Machado diz que o inverno no Cercal é rigoroso por causa da *Serra da Neve*, que faz parte da Serra de Monte Junto, e fica sobranceira a Pragança: d'ella sopram ventos gelados.

Em 1851 foi agraciado com o titulo de barão do Cercal, e em 1867 promovido a visconde, Alexandrino Antonio de Mello.

Mas como no paiz ha varias povoações com o nome de Cercal, não sei se a esta ou outra se refere aquelle titulo.

A freguezia de Nossa Senhora da Conceição de Figueiros, com 1.533 habitantes, fica a nordéste do Cadaval, d'onde dista 9 kilometros.

A estrada das Caldas passa-lhe a um kilometro de distancia.

Alem da séde da parochia, comprehende os logares de Painho e Bouça do Louro.

---

[1] *A vida alegre*, Lisboa, 1880, pags. 116-117.

Painho é hoje um logar importante, com certo movimento commercial e agricola.

Funccionam na freguezia duas escolas para ambos os sexos.

Entre todos os casaes de Figueiros mencionarei o da Palhoça ainda em homenagem a Julio Cesar Machado, que n'elle ou nos seus arredores procurou assumpto para um lindo conto — *O pastor da Palhoça.* [1]

O sitio descreve-o assim esse pobre Julio, que a fatalidade matou: «...Palhoça nem é aquella casa de venda, que se encontra á beira da estrada um pouco adiante do Cercal, balançando aos ventos do inverno o ramo que tem á porta, nem tambem é a estação da mala-posta que lhe fica um pouco á direita, e que não deve chamar-se Palhoça, mas logar dos carreiros; os campos de pastagem que ali se encontram, é que mereceram ao sitio esse nome, em tempos mais poeticos, que toleravam ainda a classica cabana de palha no meio dos montes...»

Quinta ha uma em Figueiros — chamam-lhe dos Caniços.

A freguezia de S. Thomé de Lamas, com uma avultada população de 2.752 almas, demora 5 kilometros a suéste do Cadaval.

Comprehende varios logares, dos quaes o mais notavel é Pragança; e cinco quintas, uma das quaes com o singular nome de Noruega.

O logar de Pragança tem prosperado tanto em importancia viticola, que já lhe querem chamar a Bairrada da Extremadura.

Os vinhos aqui produzidos estão tendo credito e mercado.

Por virtude da abundancia de vegetação, ha tambem quem chame a Pragança a Cintra do Cadaval.

Na flora d'esta região abundam o alecrim, que empregam no aquecimento dos fornos, e a peonia, que na primavera cobre os campos com o estendal das suas flores.

O logar consta de uns 150 fogos, e cêrca de 700 habitantes.

A creação de gado, especialmente caprino, tem tido desenvolvimento em razão da abundancia e facilidade de pastos que se encontram na serra.

Ha em Pragança duas fontes e tres chafarizes, sendo um d'elles muito amplo; uma capella, sob a invocação de Santo Antonio, com escadas de cantaria e abobada de tijolo; uma escola para o sexo masculino; e uma sociedade musical com o titulo de — Philarmonica de Pragança.

Nas Lapas, penhas que dominam o logar, do lado de nascente, teem sido feitas algumas explorações archeologicas, incluindo a da gruta do Curral das Cabras Gafas.

No alto da serra de Monte Junto faz-se uma romaria a Nossa Senhora das Neves.

Os romeiros acampam entre o carrasco, o alecrim e as rochas calcareas que eriçam a montanha. E' um arraial extremamente pittoresco.

No logar de Rochaforte, tambem da mesma freguezia de Lamas, ha outra escola para o sexo masculino.

A freguezia de S. Sebastião do Peral, com 971 habitantes, fica, sobre uma ribeira affluente do rio Real, quatro kilometros ao norte da cabeça do concelho.

Leite de Vasconcellos recolheu a linguagem do Peral, chamando-lhe dialecto e dizendo que differe pouco do falar de outros logares do mesmo concelho.

Ahi vai uma amostra do supposto dialecto do Peral:

— O'i nha mai, Lá vem no gaitêro.	— O'i nha mai, O pandêro tá rôto.	— O'i nha mai, Nã posso ganhar.
— O'i nha filha, Tóca-l'o pandêro.	— O'i nha filha, Ganha p'ra ôtro.	— O'i nha filha, Vai-te deitar

[1] *Historias para gente moça*, pag. 15.

—O'i nha mai,
Nã posso drumir.

Como se vê, á parte as elisões exigidas pelo rythmo, as palavras apenas accusam a incorrecção da pronuncia aldeã, como já notamos a respeito da linguagem dos saloios.

Exemplificando: *gaitêro* por gaiteiro; *pandêro* por pandeiro; *ôtro* por outro; *drumir* por dormir.

O logar do Peral, séde da parochia, já no tempo do rei D. Fernando era considerado villa, como se vê da doação que d'ella fizera aquelle rei ao 4.º conde de Barcellos para si e seus successores em 17 de julho de 1371. [1]

256—Encaixotamento de uva ferral na Quinta D. Amiga, propriedade do sr. José do Nascimento Pereira

A freguezia comprehende mais os logares de Barreiras e Sobrena, e as quintas do Valle e de S. Lourenço, sendo esta ultima do sr. D. Nuno Gorjão Henriques.

Um dos Gorjões nascidos n'esta quinta, Bernardo Gorjão Henriques, foi ministro do reino em 1847–1848.

O povo da Sobrena e arredores tem muita devoção com a imagem de Santo Estevam, que está n'uma ermida do logar, e é de pedra; porque piamente crê que se cura de sezões raspando as costas do santo, e ingerindo a farinha da pedra com bom vinho durante nove dias consecutivos, em jejum.

Chama-se ali a esta droga o «Pó de Santo Estevam».

Ha no Peral duas escolas para ambos os sexos.

Pero Moniz está situado sobre o rio Real, e dista da villa do Cadaval 4 kilometros para sudoéste.

A freguezia tem 631 habitantes, e uma escola para o sexo feminino.

O orago de Pero Moniz é S. João Baptista.

---

[1] Braamcamp, *Brasões*, vol. II, pag. 255.

Alem da séde da parochia ha mais o logar de Martim Joannes.

Quintas: do Pombo e do Gradil.

A freguezia de S. Simão da Vermelha, com 1.146 habitantes, está situada sobre uma ribeira affluente do rio Real, na estrada para a cabeça do concelho.

Tem uma ponte sobre a ribeira.

Fica a 5 kilometros da villa do Cadaval, para noroéste.

Possue escolas para ambos os sexos e uma sociedade musical.

Alem do logar da Vermelha, comprehende mais os da Gorda e de Val de Canada.

D'este ultimo, dá-nos Julio Cesar Machado um vivo bosquejo em rapidissimas palavras: «oito ou nove choupanas, casas de rama, colmadas, tres ou quatro casebres caiados, e o resto verdadeiras choças pastoris». [1]

Falta apenas falar da ermidinha do Sacramento para completar a noticia da povoação de um dos valles que fazem ilhargas á villa do Cadaval.

A freguezia de Villar, orago Nossa Senhora da Expectação, tem 1.286 habitantes, fica situada sobre uma pequena ribeira que junta com outras fórma o rio Real, e dista da cabeça do concelho 8 kilometros para o sul.

Comprehende varios logares, o que explica a elevada cifra da sua população, superior á da freguezia do Cadaval e immediatamente inferior á de Figueiros.

Possue uma escola para o sexo masculino.

O concelho do Cadaval tem prosperado muito nos ultimos 30 annos pelo que respeita á producção agricola, especialmente á viticultura. Aguiar, nas suas *Conferencias* (1876), apenas se refere de passagem ás vinhas do Cadaval, creadas, como as da Arruda e Alemquer, em terreno valdense. Hoje — Pragança por exemplo — já o illustre œnólogo teria que demorar-se mais falando de toda esta região concelhia.

Pinho Leal diz que o notavel jurisconsulto e diplomata Duarte Ribeiro de Macedo, que sem favor se pode considerar um dos classicos portuguezes, nasceu na villa do Cadaval.

Isto não é exacto. Foi em Lisboa que elle nasceu, como de si mesmo declara no II tomo das suas *Obras* (1767), pag. 292.

Em conclusão — O municipio do Cadaval, apesar da feracidade do seu solo, foi pobre e insignificante até 1837. N'esta data, com a annexação das freguezias do Bombarral e Carvalhal, começou a prosperar. Como todas as localidades vinhateiras, soffreu com a depreciação dos vinhos em 1848; mas em 1851, com a subida dos preços, entrou n'um periodo de florescencia economica e depois d'isso, não obstante haverem-lhe sido desannexadas aquellas duas freguezias, tem continuado a progredir e enriquecer.

---

[1] *Apontamentos de um folhetinista*, pag. 182.

III

Lourinhã

I

A VILLA E ALGUMAS FREGUEZIAS DO CONCELHO

villa da Lourinhã está situada n'uma planicie e rodeada de montes, na estrada de Peniche a Torres Vedras. Esta estrada, ao entrar na villa, pelo nórte, fórma, sombreada de arvoredo, uma pittoresca avenida.

Fica a Lourinhã a 18 kilometros da estação do Bombarral.

A sua historia remonta a longinqua antiguidade, crêmos que ao periodo romano e com certeza ao arabe.

Já dissémos que D. Affonso Henriques a doou a um dos cruzados francos, o conde Jourdan, que o ajudaram na conquista de Lisboa; e que Sancho I doou Pontével aos colonos francos agrupados na Lourinhã e em Villa Verde, aproximando-os assim da margem do Tejo. [1]

Alexandre Herculano, commentando a fundação de taes colonias, descreve-as a rapidos mas profundos traços, dizendo: «Dentro em breve esta gente collecticia, este vulgacho indomito se foi affazendo á vida sedentaria, e abandonando o tracto das armas, ou porque os seus chefes desejassem, emfim, o repouso, ou porque o proprio rei os escusasse, temendo a ferocidade nativa d'elles, da qual não faltariam exemplos na conquista de Belatha, e de que os monumentos d'esse tempo nos dão indirectamente testemunho». [2]

O mesmo historiador especialisa um d'esses monumentos: é o primeiro foral da Lourinhã, no qual o donatario Jourdan estabelece a seguinte severissima pena, que por si só descobre a necessidade de reprimir duramente a fereza homicida dos colonos: se o assassino fôr preso, seja sepultado vivo, e o cadaver da victima lançado sobre elle.

---

[1] 1.º vol. d'esta obra, pag. 8 e 10.

[2] *Hist. de Port.*, 2.ª ed., tom. I, pag. 378 — tom. IV, pag. 461.

Comtudo esta comminação não apparece unicamente no foral da Lourinhã; encontra-se identica no de Marmelar. [1]

Jourdan mandou construir, ou talvez restaurar, o castello, de que não restam vestigios.

Continuou nos descendentes do fundador da colonia franca o senhorio da Lourinhã, até que veio a cahir em successão feminina na pessoa de uma Dona Urraca, a qual desposou Ruy Gonçalves Taveira.

D'este casamento nasceu um filho, que se chamou Vicente Rodrigues Taveira e casou com Dona Sancha Correia.

Tanto o pae como o filho foram senhores da Lourinhã em respeito á memoria de Dona Urraca.

Morreu Vicente Taveira sem deixar prole, e por sua morte pretenderam a successão os parentes de sua mãe, como affins da linha do conde Jourdan, primeiro senhor da Lourinhã.

D. Affonso III não os attendeu, e encorporou a villa nos bens da Corôa: depois de a ter em sua posse, doou-a ao infante D. Affonso.

Quando Affonso III morreu, e começou a contenda entre o infante D. Affonso e el-rei D. Diniz, os pretendentes acharam a occasião excellente para voltar á carga.

Fizeram-se inquirições e parece que se averiguou que a successão competia ou podia competir a outra Dona Urraca, mulher de Gonçalo Pires.

D. Diniz conformou se logo com esta averiguação, que lhe cahia como sôpa no mel, porque contrariava o infante.

A'quelles conjuges succedeu seu filho, Nuno Gonçalves, a quem Affonso IV confirmou a doação.

Ainda outro Gonçalves, de nome Martim, que parece ser filho do individuo acima referido, recebeu o senhorio da Lourinhã, e por testamento o deixou a sua mulher Maria Coelho.

Interveio então el-rei D. Fernando, que ao seu grande privado Gonçalo Vasques de Azevedo doou o mesmo senhorio, com o pretexto de ser o donatario filho do prior de Santa Cruz de Coimbra, D. Francisco Pires, natural da Lourinhã, e aparentado por seu pae com a linha de Jourdan.

A principal razão não estava de certo em ser Pires, mas em ser valido.

Subiu ao throno D. João I e doou o senhorio da Lourinhã ao famoso doutor João das Regras, por morte do qual o herdou sua filha Dona Branca da Cunha, mulher de D. Affonso, senhor de Cascaes.

Uma filha d'estes, D. Izabel, casou com D. Alvaro de Castro, 1.º conde de Monsanto.

El-rei D. Duarte confirmou a esta dama, fóra da lei mental, o senhorio da Lourinhã, que desde então ficou na casa dos condes de Monsanto. [2]

O foral do conde Jourdan foi confirmado por D. Affonso II; [3] e D. Manuel deu novo foral em 1512.

O Padre Cardoso disse, e repetiram-n'o Almeida, Pinho Leal e Baptista, que o nome de Lourinhã veio da «quinta de Lourim, que lhe fica perto».

Ora, no *Diccionario Postal e Choreographico*, Lourim não é mencionado como quinta, mas apenas como um casal, na freguezia de Nossa Senhora da Annunciação, que comprehende a villa; e são-lhe dados 3 fogos.

---

[1] Mesma obra e edição, tomo IV, pag. 86.

[2] *Mon. Lus*, tom. V, liv. XVI.

[3] *Port. Mon.—Leges et consvetudines.* I, pag. 447.

O proprio Baptista, que repetiu aquella etymologia, não menciona Lourim entre as quintas da referida freguezia, e sim fala de um casal do Lourim e de um Casal Novo do Lourim.

Parece-nos que não seria esta a origem do onomastico Lourinhã, comquanto haja exemplos de um casal ou de uma estalagem ter dado nome a uma povoação. Antes nos inclinamos a acceitar a etymologia indicada por Cortesão: [1] Lourinhã, da baixa latinidade — *laureanea*, terra abundante em loureiros.

De Laurianea, Laurian (*Port. Mon.—Leges et consvetudines*, I, pag. 447); e de Laurian, Lourinhã.

A igreja matriz da Lourinhã era junto ao castello, ampla e magnifica — sumptuosa

257 — Um aspecto da villa

até. Tinha bellas columnas de marmore na capella-mór, um lindo portico de architectura gothica, elegante charola e torre quadrada com pyramides.

Não se sabe ao certo o nome do seu fundador, mas diz-se que o arcebispo de Braga, D. Lourenço, a sagrou no tempo de D. João I.

Os annos e o vandalismo foram arruinando este templo, até que cahiu em total abandono, sem ninguem lhe acudir — nem mesmo aos telhados!

Na actualidade, serve de igreja parochial a do extincto convento de Santo Antonio, que era de franciscanos e havia sido fundado em 1598.

No lado do Evangelho, dentro de um mausoléo de marmore, jazem os restos mortaes da fundadora, a qual, por disposição testamentaria, ordenou que o pessoal do convento fosse limitado a dois *ouvidores* (confessores), dois *ralhadores* (prégadores), dois *gargalhitos* (donatos); e um *barbatão* (leigo com barbas) — para o peditorio.

Ha a mencionar n'esta igreja um altar de bello mosaico.

O claustro do convento tem cisterna de excellente agua.

---

[1] *Subsidios para um diccionario completo*, etc., tomo II, pag. 19.

A Santa Casa da Misericordia da Lourinhã, fundada em 1586, possue hospital administrado pela respectiva mesa.

Funccionam na villa duas escolas officiaes, sendo — Conde de Ferreira — a do sexo masculino, e uma aula particular para o sexo feminino.

Ha duas sociedades de recreio — Club Recreativo 14 de Julho e Philarmonica Lourinhanense; um hotel, do Porphyrio; quatro estabelecimentos de trens de aluguer; lojas de modas, fanqueiro, mercearia, quinquilharias, ferragens, louça, etc.; agente do Banco Lisboa & Açores; agentes de seguros contra incendios; uma pharmacia, e um medico.

Faz se mercado no ultimo domingo de cada mez, e feira — de S. Matheus — a 21 de setembro.

Acha-se estabelecido um serviço de diligencias entre a Lourinhã e Torres Vedras (vinte kilometros de distancia) ao preço de 400 réis cada logar.

O orago da villa, cabeça do concelho, é Nossa Senhora da Annunciação; e a população é de 5.634 habitantes, ambos os sexos.

Em 1902, o meu illustre amigo sr. Arthur Gonçalves, que aqui veiu ha muitos annos crear familia, encetou a publicação de um periodico, intitulado *A Tentativa*, e impresso em Peniche.

Publicaram-se apenas 4 numeros. A *tentativa* falhou, apesar de arrojada. Foi assim desmentido o proverbio latino: *Audaces fortuna*...

A villa da Lourinhã, como todo o concelho do seu nome, tem abundancia de vinho, cereaes, gados e caça. Tambem produz algum azeite.

Quanto a fructas, de que não é desprovida, as suas maçãs gosam a fama de serem muito saborosas.

A Lourinhã foi berço de um d'esses famosos prelados guerreiros da idade-media, um d'esses bravos cavalleiros mitrados que, no campo de batalha, pelejavam por Deus e pelo rei.

Refiro-me ao arcebispo de Braga D. Lourenço, um dos contendores em Aljubarrota, onde com a cruz sobre o peito e o roquete sobre as armas, arremettia impávido contra os castelhanos invocando Santa Maria e brandindo a espada.

Tanto avançava no ardor da peleja, a par dos mais esforçados, que recebeu no rosto uma forte cutilada.

A este facto se refere elle proprio n'uma carta escripta, depois da batalha, a D. João de Ornellas, abbade de Alcobaça: «aprouve a Deus e a Santa Maria sua madre que as ribeiradas do meu gilvaz sejam já vedadas... cá se vierem caizo, já darei e levarei outra pela mesma requesta, e crêde vós, bom amigo, que quem esta pespegou não levou enxebre, nem irá contar em Castella aos soalheiros o cruzamento de minha cara».

Tanto monta como dizer que a ferida está quasi cicatrizada, e elle prompto para outra pela mesma causa—que era a independencia da patria; mas que o castelhano que lhe vibrou o golpe foi bem convidado, e não terá vontade de contar em Castella a ousadia que commetteu pelo troco que apanhou.

E' tradição que D. Lourenço mandou em vida fazer o proprio tumulo e sobre a pedra da campa lavrar o seu vulto.

Concluida a obra, foi o arcebispo examinal-a, e deu signaes de descontentamento.

O esculptor mostrou-se surprehendido, e com o olhar—pois não ousou fazel-o com a palavra—interrogou a D. Lourenço sobre a causa do seu desagrado.

Então o arcebispo puxou da espada e com ella talhou um golpe na face da sua imagem de pedra, tal como aquelle que o castelhano lhe havia descarregado ao vivo em Aljubarrota.

O corpo de D. Lourenço conserva-se inteiro na Sé de Braga, exposto ao publico.

Peor sorte teve a casa onde nasceu, o Casal da Charrua, a 2 ½ kilometros da villa, porque o deixaram arruinar completamente, sendo as ultimas pedras aproveitadas na parede de um curral! Triste e lastimoso!

No seculo XVIII (agosto de 1777) foi concedido o titulo de visconde da Lourinhã a Manuel Bernardo de Mello e Castro, que falleceu a 19 de agosto de 1792, e era irmão de Martinho de Mello e Castro, celebre ministro da marinha no reinado de D. Maria I.

O 2.º visconde e 1.º conde do mesmo titulo foi João de Almeida de Mello e Castro, casado com D. Domingas Izabel de Noronha, dama da rainha D. Carlota Joaquina, e ainda lembrada na tradição aristocratica de Lisboa pela sua notavel perversão de paladar [1].

A condessa da Lourinhã soffria d'aquella anomalia de gosto, que leva a recusar os alimentos communs e a preferir-lhes substancias não nutritivas, e até repugnantes.

E' uma doença, a que alguns medicos dão indistinctamente o nome de malacia e pica, se bem que outros designem particularmente a aberração pathologica a que nos referimos pelo ultimo d'aquelles vocabulos, que realmente parece mais expressivo pela correlação existente entre a depravação de gosto da ave chamada pêga *(pica* em latim) e igual depravação em individuos da especie humana.

A pobre condessa da Lourinhã ingeria excrementos, e algumas vezes chegava a mandar parar a sua carruagem para que o trintanario recolhesse na rua aquella substancia immunda que os francezes designam espirituosamente por—*omelette quittée au soleil*; e Camillo, nos caminhos rusticos de Seide, não menos espirituosamente por—*boninas*.

O concelho da Lourinhã inclue na sua extensa orla de litoral varias povoações maritimas e praias de banhos, assim dispostas, a contar do norte para o sul:

a) Sitio do Pai Mogo, com um posto fiscal e excellentes praias. (Funcciona aqui uma armação de pesca, systema valenciano).

b) Areia Branca, junto da qual fica a bella praia do mesmo nome, que serve todo o concelho.

c) Montoito, que tem um posto fiscal e a praia da Peralta.

d) Atalaia de Cima e Atalaia de Baixo, servidas pelo Porto de Barcas, junto do qual ha uma pequena praia de banhos.

e) Ribamar, que é servida por um pequeno mas seguro porto, denominado Porto Dinheiro, onde muitas vezes se acolhem as embarcações de Peniche quando ha temporal [2].

As nossas cartas geographicas são tão incompletas e imperfeitas, especialmente as que se destinam ao ensino publico, que aquella de que por vezes nos servimos apenas menciona Ribamar como povoação maritima d'este concelho.

Voltando ao assumpto, diremos ainda que a linda praia da Areia Branca demora a um kilometro da villa da Lourinhã, e que o panorama que se avista do Alto da Vigia é verdadeiramente encantador.

No Porto de Barcas que — já o dissemos — serve as povoações da Atalaya, naufragou ha vinte e cinco annos, por causa da agitação do mar, uma companha que tinha ido levantar as rêdes lançadas junto a Peniche tres dias antes.

Pereceram, quando entravam em Porto de Barcas, tres dos pescadores, á vista de terra, porque uma onda alterosa voltou o barco que elles tripulavam.

---

[1] Braamcamp, *Brasões*, I, 217.

[2] A praia de Ribamar ainda se prolonga ao sul para dentro do concelho de Torres Vedras.

A scena foi lancinante. Os naufragos gritavam angustiosamente, e em terra os habitantes das Atalaias soltavam vozes de animação e estimulo, para evitar que perdessem a coragem.

Tudo foi baldado.

Este naufragio deixou uma lutuosa memoria.

Tanto a Areia Branca como as duas Atalaias pertencem á freguezia de Nossa Senhora da Annunciação da Lourinhã; e bem assim o logar de Nadrupe, onde se faz uma festa com arraial a Nossa Senhora da Graça.

O saloio da Lourinhã póde dizer-se que mantém ainda todos os costumes e usos dos seus ascendentes, que irradiaram outr'ora do Termo de Lisboa.

Apenas no traje feminino, como tambem acontece nos arredores occidentaes da capital, se nota alguma evolução sob a influencia do modelo de Torres Vedras, importado de Lisboa.

258 — Paços do Concelho

A bota de cano alto vai cedendo o logar á meia moderna e ao sapato, especialmente nos dias festivos.

O *Diccionario Popular*, de Pinheiro Chagas, remata o seu ligeiro artigo sobre a Lourinhã dizendo: «Não sabemos qual a origem do proloquio vulgar, que faz com que se diga de um homem lorpa e que tudo ignora: *Parece que veio da Lourinhã.*»

Este proloquio tem ainda outras modalidades, taes como: — *E' da Lourinhã! — Não se faça da Lourinhã!* todas ellas batendo no mesmo sentido.

E' provavel que alguma anecdota explique a procedencia do proloquio, como synthese da boçalidade do camponez da Lourinhã. Ignoramol-a. Mas o que sabemos é que o povo d'este concelho conserva uma rudeza primitiva e aquella ignorancia tradicional que os saloios herdaram dos seus antepassados. Assim nos affirmam pessoas que de perto o conhecem.

Comtudo devemos notar que não é só no nosso paiz, nem dentro d'elle apenas na provincia da Extremadura, que uma ou outra povoação é citada por modo deprimente para a maioria dos seus habitantes, pois que o incluir a totalidade seria grave injustiça.

A freguezia do Ermello, em Mondim de Basto, e não Celorico de Basto como diz Leite de Vasconcellos [1], tambem passa na tradição por ser um cortiço de gente pouco favorecida intellectualmente.

O concelho da Lourinhã tem uma população de 12.115 habitantes.

A sua principal producção agricola é vinho, trigo, milho, batata e frutas.

Quanto ao vinho, ella tem augmentado muito desde que o professor Aguiar

[1] *Annuario para o estudo das tradições*, etc Ora no concelho de Celorico de Basto não ha nenhuma freguezia nem logar com o nome de Ermello. Em Mondim é que a ha, e outras do mesmo nome nos concelhos dos Arcos e de Vianna. E em Baião tambem ha uma quinta assim chamada.

publicou as suas *Conferencias*, pois que então, 1876, apenas satisfazia, em regra, ás necessidades do consummo local.

Ha no concelho extensas pedreiras e tambem minas de azeviche.

Pertence este concelho, administrativamente, ao districto de Lisboa, e ecclesiasticamente ao Patriarchado.

A villa é cabeça de uma comarca de terceira classe.

Antigamente pertencia á comarca de Torres Vedras.

Lancemos agora os olhos pelas outras freguezias de que se compõe o concelho da Lourinhã.

A freguezia de Miragaia (S. Lourenço dos Francos), contém 1.984 habitantes e dista da cabeça do concelho 5 kilometros.

Não sei se haverá aqui alguma lenda galante a justificar o onomastico, ainda que fosse menos galante que a do Porto, reconstruida por Garrett.

E' verdade que existem outras Miragaias, nos concelhos de Penafiel, de Agueda, de Paredes, da Guarda e na ilha do Fayal, com quanto eu lhes não conheça lenda nenhuma.

259 -- Ponte da Senhora dos Anjos, na estrada de Peniche

Comprehende esta freguezia varios logares, sendo um d'elles Val de Lobos, homonymo do que Alexandre Herculano habitou junto a Santarem; e outro, a Martelleira, em cuja capella costuma fazer-se uma festa rija a S. Sebastião.

Na Ribeira de Palheiros o santuario de Nossa Senhora da Piedade inspira grande devoção ao povo, o qual, em occasiões de longa estiagem, costuma fazer uma procissão de penitencia, levando a imagem para a igreja parochial.

E' perto d'este mesmo logar da Ribeira de Palheiros — apenas a distancia de 500 metros — que fica a *Ponte de D. Pedro*, de que logo falaremos ao tratar da lenda de Ignez de Castro.

Ha escolas em Miragaia e na Martelleira.

Funccionam na freguezia uma fabrica de distillação e um forno de telha.

A freguezia da Moita dos Ferreiros, orago Nossa Senhora da Conceição, conta 1.067 habitantes.

Fica na encosta de um monte, a 10 kilometros da cabeça do concelho, para léste.

Tem escola do sexo masculino.

Comprehende dois logares, o da séde da parochia e o de Pinhôa, varios casaes, e algumas quintas.

Faz-se aqui a feira chamada de Nossa Senhora da Misericordia, no primeiro domingo de setembro.

A freguezia de S. Domingos do Reguengo Grande, com uma população de 1.438 habitantes, dista 12 kilometros da cabeça do concelho, para nordéste.

Comprehende o logar do seu nome e o de Fontellas, varios casaes, e uma quinta chamada de Villa Viçosa.

Tem escola para o sexo masculino.

A freguezia de S. Lourenço dos Gallegos, 5 kilometros ao norte da villa da Lourinhã, é povoada por 778 habitantes.

Comprehende varios logares, alguns casaes e as quintas da Fonte Real, [1] da Junceira e da Lameira.

O logar séde da parochia tem o nome de S. Bartholomeu, e d'aqui vem dizerem alguns erradamente — S. Bartholomeu dos Gallegos.

Junto ao logar do Poço ha uma nascente de agua sulphurosa, não explorada.

A 24 de agosto faz-se a feira de S. Bartholomeu.

O logar de Vimeiro, séde da parochia d'este nome, fica n'um valle por onde corre a ribeira de Maceira, e está entalado entre as colinas sinuosas, que para o norte dominam a estrada da Lourinhã e para o sul as estradas de Torres Vedras e Mafra.

Por detraz d'estas colinas erguem-se ainda outras entre o Vimeiro e a costa.

A povoação dista da villa da Lourinhã 8 kilometros, para suéste.

A freguezia, cujo orago é S. Miguel, contém apenas 695 habitantes, e só mais outra povoação denominada Tolêdo, além de alguns casaes.

Nada recommendaria o Vimeiro se não tivesse occorrido aqui, na primeira década do seculo XIX, um importante acontecimento militar.

Depois da batalha da Roliça, a 17 de agosto de 1808, ao passo que Delaborde retirava em paz sobre Torres Vedras, Wellesley marchava para a Lourinhã, aproximando-se da costa, e no dia 19 estabelecia-se no Vimeiro.

Entretanto Junot, tendo saido de Lisboa e unindo-se a Loison, dirigia-se para Torres Vedras, aonde chegou no dia 18, e encontrou as forças de Delaborde.

Demorou-se dois dias em Torres Vedras, hesitando, e só na tarde do dia 20 se resolveu a marchar para a Lourinhã.

Foi no dia 21 que se feriu a batalha.

Sir Wellesley commandava 28.000 homens, dos quaes 2.585 eram portuguezes.

O exercito francez compunha-se de 14.000 homens.

Além da desproporção das forças, a posição de Wellesley era muito vantajosa pelo accidentado do terreno, especialmente pelas colinas sobre as quaes postou a artilharia, que dominava o valle.

O combate foi encarniçado e violento, havendo de parte a parte algumas cargas brilhantes e algumas conversões rapidas e firmes.

Os francezes foram destroçados, perderam entre mortos e feridos 1:800 a 2:000 homens, e 13 peças de artilharia.

O general Brenier ficou prisioneiro, e o coronel Foy gravemente ferido.

Os inglezes perderam 720 homens, e os portuguezes 9.

Mesdames Foy e Trousset assistiram á batalha ao lado de Junot.

Os francezes retiraram em boa ordem para Torres Vedras.

Junot, desanimado, mandou propôr um armisticio, durante o qual se negociou a celebre convenção erradamente chamada de Cintra, que tão favoravel foi aos francezes, o que em Inglaterra causou grande indignação.

Lord Byron a ella se refere, irritado, no *Childe Harold*: «A loucura pisou aqui aos pés o pennacho do vencedor, e a politica reconquistou o que perdêra a espada!»

Segundo a convenção de 1808, os francezes sahiram de Portugal com armas e bagagens, foram transportados por navios inglezes, e os generaes auctorisados a levar o que em Portugal tinham adquirido, isto é... roubado.

---

[1] Veja-se o que mais adiante dizemos a respeito d'esta fonte.

Em vão alguns generaes portuguezes e a côrte do Rio de Janeiro protestaram contra estas concessões que nos humilhavam, e que mostravam da parte dos inglezes uma transigencia tambem humilhante para elles.

Só Junot, pelo seu lado, levou de Lisboa em dinheiro 77:400$000 réis e muitas preciosidades, taes como a celebre Biblia dos Jeronymos — que depois teve de ser resgatada por 14:400$000 réis — e valiosissimas joias, entre as quaes um collar de diamantes no valor de 63:000$000 réis.

Nada escapava á rapacidade de Junot — e dos outros francezes.

Elle até quiz fazer mão baixa no chapeo de S. Jorge.

A este respeito conta João Pedro Ribeiro nas *Reflexões historicas:* «Ouvi dizer que o General Junot, quando tinha entrado em Lisboa com o Exercito Francez, requisitára o chapeo da mesma Imagem (S. Jorge). A realidade d'este facto não a posso attestar, sómente ser devoção da Duqueza de Cadaval ornar para o dia da Procissão o chapeo, que levava o Santo, com os seus riquissimos Brilhantes, com os quaes o mesmo General, quando Embaixador em Lisboa, o tinha visto ataviado. Mas já então a Casa de Cadaval tinha acompanhado a Côrte para o Rio de Janeiro, e o chapeo de S. Jorge não interessava a sua avidez». [1]

Pudera! sem os brilhantes, para que queria Junot o chapeo do Santo?

Napoleão Bonaparte, esse anão do inferno como lhe chama Byron, recebeu Junot de sobrecenho carregado, dizendo-lhe com esmagadora seccura:

— *Avant de rentrer à Paris il faudra retourner à Lisbonne.*

E voltou, em 1810, n'uma posição secundaria, sob as ordens de Masséna, mas nem então, nem antes, o orgulho de Napoleão tivera motivo para ficar lisonjeado.

No Vimeiro não ha nenhum monumento commemorativo da batalha, nem sequer o menor vestigio dos seus destroços.

Apenas os habitantes mais velhos apontam por tradição recolhida dos antepassados o logar do combate e evocam a posição e movimentos dos exercitos belligerantes.

Sir Arthur Wellesley foi pelo governo portuguez agraciado (decreto de 13 de maio de 1811) com o titulo de conde do Vimeiro em memoria d'esta batalha. (Veja-se *Torres Vedras*).

II

FREGUEZIA DE MOLÊDO — LENDA DE IGNEZ DE CASTRO

Esta freguezia, que tem por orago o Espirito Santo e apenas 519 habitantes de ambos os sexos, é a menos populosa do actual concelho da Lourinhã, mas, entre as ruraes, é a mais importante pelas suas tradições historicas, não só por haver sido outr'ora cabeça de concelho, com especiaes regalias, mas tambem porque se relaciona com a famosa lenda de D. Ignez de Castro.

Leitor amigo, tenha paciencia: vamos conversar um pouco sobre este assumpto, que tanto fala á sensibilidade meridional, e que nos reserva aqui algumas surpresas.

Deixe me começar um pouco de longe.

Foi na antiga livraria Bertrand, ao Chiado, que eu falei com o sr. Alexandre Herculano — uma unica vez.

---

[1] Parte 1.ª, pag. 38, not.

D'essa fugaz aproximação, para mim solemnissima, deixei memoria escripta em outro livro meu [1].

O illustre historiador, vendo claramente que estava deante de um rapaz cheio de esperança e boa vontade, aconselhou-me traçando um caminho:

—Tem um interessante problema historico a resolver, se quizer consagrar-lhe a sua vida com perseverança e paciencia. Vae talvez admirar-se.

— Ouvirei.

— Procure desembrulhar documentalmente a complicada questão — Ignez de Castro. Se puder encontrar provas decisivas, terá prestado um bom serviço.

Eu fiquei muito perturbado, e respondi timidamente:

— Mas, sr. Herculano, sou pobre, preciso trabalhar, e não poderia ganhar a minha vida consagrando a um unico assumpto o meu tempo todo.

260 — Antiga igreja do Castello

— E' o mal que persegue os nossos escriptores, replicou o eminente homem de lettras.

As suas palavras nunca me esqueceram, mas eu era então novo, e deixava-me absorver quasi inteiramente pela futil vida da imprensa diaria, que me dava algum dinheiro e alguma evidencia. O resto do tempo perdia-o alegremente.

Dois annos depois, em 1875, lendo uma das eruditas notas ao drama, melhor diria poema dramatico *D. Ignez de Castro*, de Julio de Castilho, tive occasião de pensar mais a serio nas palavras de Herculano: ahi se assignalava a antinomia entre a candura que os poetas attribuem a D. Ignez e a perversidade que pelo nosso povo de algumas provincias do norte lhe é attribuida.

Chamam em certos sitios — diz J. de Castilho — a uma mulher intrigante, astuta e perversa, *Ignez de Crasto*.

Esta bifurcação da lenda em dois polos oppostos, esta estranha antithese psychologica entre a versão dos poetas e a versão do povo, anthitese indocumentada mas parallelamente tradicional entre um e outro elemento, fez-me comprehender melhor as palavras de Herculano, porque me entremostrou quanto, em verdade, o problema era complicado e obscuro.

Decorrido mais tempo, quando já Camillo Castello Branco conhecia bem as aldéas minhôtas, encontrei n'um romance seu, *Mysterios de Fafe*, a plena confirmação da nota de J. de Castilho: «E já d'aquella sciencia historica do Porto alguns ramaes tem chegado ao centro do Minho; porque as lavradeiras d'ali, se querem execrar uma mulher impudica, chamam-lhe *Ignez de Carasto*.» [2]

Em 1880 ou pouco antes alguem me deu copia de um documento existente no

---

[1] *O capote do sr. Braz*, pag. 25.

[2] Fim do cap. XXI.

tombo parochial de S. Lourenço de Azeitão, pelo qual se verificava que o palacio do Salinas, em Aldea Nogueira d'aquella freguezia, tinha pertencido á infanta D. Constança, mulher de D. Pedro, d'onde eu quiz concluir a possibilidade de que os arvoredos de Azeitão, antiga estação fidalga no estio, houvessem escutado as primeiras confidencias amorosas de D. Pedro e D. Ignez, isto segundo a antiga crença de ter D. Ignez sido aia da infanta D. Constança.

Mal diria eu então — porque o ignorava totalmente — que a lenda de Ignez de Castro a havia de encontrar ainda localisada em parte da sua feição idillica na mesma provincia do sul, a Extremadura, mas em outra região distante, com todo aquelle mesmo brilho de apaixonada ternura a que a corrente tradicional, seguida por Camões, tem dado por unico scenario «os saudosos campos do Mondego».

261 — Outro aspecto da villa

Em 1887, vindo Camillo a Lisboa consultar alguns ophtalmologistas distinctos, lastimou-se-me, no *Hotel Universal*, de provavelmente já não ter olhos para escrever uma reconstituição biographica de Ignez de Castro, baseada em documentos.

Tornei a lembrar-me das palavras de Herculano, e perguntei:

— Coisas inéditas, talvez?

— Basta dizer-lhe, respondeu Camillo, que principiarei por evidentemente provar ter sido D. Ignez de Castro portugueza, nascida em Valladares, concelho de Gaya.

— Sim... reflecti eu. D. Ignez, pela linha materna, era de origem portugueza e tinha o appellido de Valladares. Na Torre do Tombo existe a doação, feita pelo infante D. Pedro a Ignez de Castro, do padroado da igreja de Santo André de Canidello, que não fica longe de Valladares. Tambem o testamento de D. Pedro mantém aos filhos de D. Ignez «que outro si foi nossa mulher» o direito de propriedade sobre «a quinta de Canidello».

— Tudo isso, replicou Camillo com firmeza, seriam apenas indicios. Mas eu tenho provas.

Chegaram visitas, e a conversação interrompeu-se.

Depois... Camillo cegou completamente, suicidou-se, e na casa de Seide não appareceram os seus papeis sobre Ignez de Castro.

Seriam talvez notas soltas, colhidas em nobiliarios ou manuscriptos. Esta especie de documentos archivou muita falsidade, ingenua ou propositalmente; mas tambem salvou revelações, veridicas ou verosimeis, que se não pódem encontrar em mais parte nenhuma.

O que não padece duvida — infelizmente ainda hoje — é que Alexandre Herculano tinha carradas de razão para chamar «problema historico» e «complicada questão» ao assumpto Ignez de Castro.

A lenda, com todas as suas vagas nebulosidades e salientes contradições, permanece fundamentalmente no mesmo estado, mas desdobra-se episodicamente ao sul no concelho da Lourinhã, e é d'esse unico ponto que eu hei de tratar, aclarando a tradição por minuciosas informações colhidas na origem local.

Certamente o que melhor se póde ler nas entrelinhas da tragica morte de Ignez de Castro é a sua causa efficiente, de exclusivo caracter politico.

Isto póde custar a comprehender hoje, dada a lenidade dos nossos costumes modernos, que a civilisação bruniu e adoçou.

Mas devemos collocar-nos no seculo XIV, perante reis como foram Affonso IV e Pedro I, empenhados em assegurar a independencia do reino contra o estrangeiro, a successão directa contra as pretensões dos bastardos e a concentração do poder real contra a influencia dos parentes, do clero, da nobreza e das camarilhas.

Era um pensamento constante, insistente, necessario até, que se tornava obsessão exaltada e, por isso, muitas vezes attingiu proporções deshumanas.

Affonso IV teve, como notou um erudito medico, [1] a concepção delirante da razão de estado.

Pedro I desvairou pela justiça, segundo o mesmo illustre commentador.

E assim como Affonso IV mede o perigo resultante da suggestão de uma linda mulher, que enfeitiça o principe real, lhe dá bastardos, e abre, inconscientemente talvez, a porta á influencia castelhana, pondo ao lado do poder do rei a ameaça do poder do principe; Pedro I, dominado pelo seu ideal de justiça, que ás vezes o torna sanguinario, e pela mesma razão de estado, que o obriga a defender a integridade do poder real, não só castiga atrocidade com atrocidade nos assassinos de Ignez de Castro, mas consegue de um só golpe vingar a morte da mulher amada e ostentar de um modo terrifico a omnipotencia da Corôa, na qual, segundo as idéas do tempo, residia a vontade suprema e a suprema justiça, por delegação da auctoridade divina.

Affonso IV reputava Ignez de Castro um duplo perigo politico, não só pelas suas ligações de parentesco com fidalgos castelhanos, mas tambem porque era mãe de bastardos.

Esta só palavra — bastardos — seria sufficiente para azedar o coração de Affonso, porque lhe recordava a encarniçada lucta com seu pai por causa de Affonso Sanches.

E comtudo essa recordação era apenas uma face da questão politica, da razão de estado, tal como elle a via segundo a sua epoca e a sua propria intelligencia. [2]

Na calculada resolução que tomou a respeito da morte de D. Ignez de Castro devemos attribuir a Affonso IV tanto a premeditação como a responsabilidade, porque

---

[1] O dr. Manuel Bento de Sousa, que pena foi que não estudasse toda a historia de Portugal sob o ponto de vista da psychiatria

[2] «Mas D. Affonso IV, até ao fim da sua vida, fez sempre ceder todas as considerações ao que elle julgava a razão d'Estado, e foi seguindo o seu caminho atropellando ou desdenhando os obstaculos.» Pinheiro Chagas *Hist. de Port.*

tudo faz suppôr que os executores do assassinio antes seriam instrumentos fieis do que deliberados conselheiros—pois que não podiam crer na sua absoluta impunidade como cumplices de um tal acto.

Dizerem alguns chronistas que o rei teve um momento de fraqueza e piedade, na presença de Ignez e dos netos, e que foram os tres valídos que lhe dominaram esse movimento de ternura, uma só cousa pode significar: proposito de attenuar perante a historia a iniciativa do rei n'um facto que, fóra da esphera politica, foi classificado de abominavel crueza.

Mas Affonso IV não era homem para ouvir melhor conselho do que o seu proprio.

Quando um dia pensou na confiscação dos bens de Affonso Sanches, realisou-a contra a vontade das côrtes e dos privados—saltou por cima de tudo para fazer a sua vontade.

Na hora da morte, não obstante o pacto de perdão celebrado com o filho, Affonso IV parece sentir pesar-lhe o remorso de haver compromettido tres dos seus amigos na tragedia de Coimbra, e aconselha-os a fugirem.

Subindo ao throno, Pedro I *quer*— diz uma tradição não incontestada — que Ignez de Castro seja rainha depois de morta, já que o não pudera ser em vida.

São passados seis annos depois do assassinio.

O periodo da decomposição cadaverica deve ter reduzido Ignez de Castro apenas ao esqueleto. Não importa: o espectaculo será assim mais solemne e tremendo.

Essa mulher, de que só resta o arcabouço descarnado, será rainha posthuma, porque o rei assim o quer.

Pouco interessa que o casamento se effectuasse ou não; que seja verdadeiro, ou não seja, o tardio auto matrimonial existente na Torre do Tombo; que D. Pedro falasse verdade ou mentisse nos dois documentos em que nomeou D. Ignez como sua mulher.

O que se conta é que ella foi rainha depois de morta — em esqueleto; que a sentaram no throno, a revestiram de corôa e manto, e lhe beijaram a mão; porque a vontade do rei assim o *quiz*, ordenou e julgou preciso á dignidade da realeza e ao seu ideal de justiça de talião. [1]

Durante a vida de Ignez de Castro o apaixonado Pedro sacrifica-se para salval-a, pois que ainda não é rei: chega a mentir dizendo que não pensava em desposal-a nem desposaria, isto para desviar d'ahi a attenção de Affonso IV e pelo proprio bem que a ella queria, segundo a phrase de Garcia de Rezende.

Alguns escriptores estranharam que D. Pedro I só depois de cinco annos de reinado declarasse ter desposado Ignez de Castro.

Cremos que o não quizera fazer emquanto sua mãe fôra viva, por filial respeito, talvez até por evitar mentir-lhe, o que seria uma cruel ingratidão para com a bondosa e pacificadora rainha — muito caroavel como avó para os filhos de D. Ignez de Castro, dos quaes se não esqueceu no testamento.

Mas a rainha D. Beatriz falleceu em outubro de 1359; logo no anno seguinte D. Pedro I declara ter casado com D. Ignez de Castro; e em 1361 fal-a exhumar e reconhecer como rainha, se a memoria da coroação é verdadeira.

Tem-se dito que influira no espirito de Affonso IV a consideração de que Ignez de Castro era uma bastarda, indigna por isso de occupar o throno.

Não ha duvida de que era filha natural do fidalgo castelhano D. Pedro Fernandes de Castro, o qual se creára em Portugal na côrte de D. Diniz; mas o pai d'este D. Pedro

---

[1] O *Chronicon conimb.* diz que D. Ignez foi degolada; mas Garcia de Rezende, nas Trovas, diz que lhe traspassaram o coração, o que parece mais verosimil. De um modo ou outro, a cerimonia da investidura presuppõe a articulação do esqueleto.

de Castro fôra casado com D. Violanta Sanches, tambem filha natural de Sancho IV de Castella, pai da rainha D. Beatriz, pelo que Ignez de Castro era prima de D. Pedro I — embora por bastardia.

D. Pedro Fernandes de Castro, por alcunha *o da guerra*, foi casado duas vezes, e fóra do matrimonio houve um filho Alvaro, e uma filha Ignez, de uma sua parenta, D. Aldonça Lourenço de Valladares, filha por sua vez de Lourenço Soares de Valladares, fronteiro-mór de Entre-Douro-e-Minho.

A ascendencia de D. Ignez de Castro não era, pois, obscura nem humilde, e o facto de ser bastarda não implicava desdouro entre as classes nobres, que muito se presavam de bom sangue, legitimo ou illegitimo.

A posição de Aldonça Lourenço no palacio de D. Pedro de Castro era de dama de honor ou *donzella nobre* de sua segunda mulher D. Izabel Ponce de Leão.

262 - Lavadouro do Poço Novo

Notavel coincidencia a de terem tanto a mãe como a filha dado bastardos aos maridos das senhoras a quem acompanhavam — ambos estes com o nome de Pedro; posto que eu esteja convencido de que Ignez de Castro não foi aia da infanta D. Constança ou só por pouco tempo o seria.

Supponho tambem que Ignez de Castro, que primeiro usava o appellido de Pires — como sempre usou seu irmão Alvaro emquanto não foi conde de Arraiolos — substituiria este appellido por aquelle n'um intuito de maior nobilitação para se impôr, quando já era amada por D. Pedro, ao respeito da corte portugueza, lembrando-lhe que por sua avó paterna descendia de bastardia real.

Em que epoca principiariam os amores com D. Pedro? Diz se geralmente que Ignez de Castro viera para Portugal como aia de D. Constança: n'este caso, os amores teriam começado durante o matrimonio do principe.

Mas da tragedia *Castro*, de Antonio Ferreira, o qual falleceu da *peste grande* em 1569, e portanto precedeu o poema de Camões, deprehende-se — o que Duarte Nunes de Lião corrobora — que foi antes do casamento com D. Constança que principiaram os amores com Ignez de Castro ou porque ella tivesse vindo educar-se em Portugal como seu pai, ou porque aqui nascesse e ficasse.

Diz Ferreira:

Por mim lhe aborreciam altos estados,
Por mim os nomes de Princezas grandes,
Por tão grande me avia nos seus olhos.
Hum tempo duro, mas em fim forçado
Deu a Constança a mão, Constança aquella
Por tantas armas, e furor trazida,
Já quasi do seu fado triste agouro:
Deu a Constança a mão, mas a alma livre,
Amor, desejo, e fé me guardou sempre.

Segundo esta versão, que concorda com a de alguns chronistas, D. Pedro já amava Ignez de Castro quando a razão de estado, imposta por seu pai, o obrigou a desposar D. Constança Manuel.

Esta infanta teria conhecido, logo no primeiro anno de casada, provavelmente por denuncia, os amores de D. Pedro com a linda *Collo de garça*.

Procurando cortar sem violencia — porque o seu caracter não era violento — mas pelo escrupulo e preconceito religioso estas relações illicitas, convidaria Ignez de Castro para madrinha do infante D. Luiz, que deve ter nascido em 1341, isto é, no anno seguinte áquelle em que D. Constança veio para Portugal.

203 — Ruinas do corpo e naves lateraes da igreja do Castello

Mas o suave rodeio que a infanta procurava não produziu o resultado que ella sonhou. Os amores illicitos e escandalosos continuaram.

Ora a infanta D. Constança poderia ter feito valer, para divorciar-se, uma clausula do seu contrato nupcial — a qual dizia que, no caso de haver filhos, se devia impedir que D. Pedro tivesse relações com outras mulheres.

Esta estranha clausula não faz suppôr que D. João Manuel, pae de D. Constança, estava já bem informado dos amores do noivo com Ignez de Castro?

A pobre infanta nunca fez valer n'esse ponto o seu contrato nupcial.

Affonso IV, reconhecendo que nem o casamento nem o compadrio haviam dado resultado, devia ter-se convencido de que a paixão de D. Pedro pela formosa Ignez era invencivel.

Mas susteve a fogosidade do seu caracter, porque se via melindrosamente collocado entre o herdeiro legitimo do throno e uma fraca mulher mais perigosa pelas circumstancias do que por si mesma: a situação era difficil e embaraçante.

Este estado de coisas durou todo o tempo que D. Constança viveu casada, desde 1340 até 1345 ou 1349.

O perigo, durante a viuvez de D. Pedro, tornara-se maior. Mas o principe procurava tranquillisar o pae insistindo em que não desposára, nem desposaria Ignez de Castro. Comtudo continuava a dedicar-lhe o mesmo extremoso affecto.

Passaram mais 10 ou pelo menos 6 annos e a situação não se modificava. Ao passo que Affonso IV, já com 64 annos, avançava para o tumulo, parecia Ignez de Castro avançar para o throno.

O successor legitimo de D. Pedro, o infante D. Fernando, tinha 10 annos, era certamente mais novo que o infante D. João, dos filhos illegitimos de Ignez de Castro o mais velho, a esse tempo, porque o primogenito fallecêra.

Affonso IV via agora mais de perto a probabilidade de complicações futuras: uma rainha adorada pelo herdeiro da corôa; uma côrte castelhana, absorvente e arrogante; um herdeiro legitimo espoliado.

Foi então que, ao cabo de 15 annos de lucta comsigo mesmo, achou que a razão de estado se impunha inadiavel, e que a morte de Ignez de Castro se tornara urgente — para cortar o mal pela raiz.

Convencido do que julgou seu dever de rei, Affonso IV acabou por mandar executar o que de longe vinha premeditando; e Ignez de Castro foi assassinada.

Em volta d'este tragico acontecimento, a imaginação popular formou rapidamente uma lenda de galantaria e martyrio, sem lhe penetrar a significação politica. Os poetas navegaram na esteira lendaria do povo, sobrepondo o poema de amor á razão de estado. Ignez é uma cordeira innocente, apenas culpada de ter

.....subjeito
O coração, a quem soube vencella.

Garcia de Rezende, cujas pisadas Camões seguiu n'este episodio, descreve o ninho amoroso de Ignez de Castro para salientar a crueldade de desfazel-o e ensanguental-o:

Estaua muy acatada,
como prinçesa seruida,
em meus paços muy honrrada,
de tudo muy abastada,
de meu senhor muy querida.

Mas se as ideias do tempo absolviam, como é certo, o adulterio e o escandalo publico, tambem, segundo ellas, devemos admittir a razão de estado tal como era comprehendida no seculo XIV.

Alexandre Herculano, remontando-se a essa epoca para perder de vista a nossa, disse, e com razão, que a morte de Ignez de Castro fôra um «crime patriotico».

O que é evidente é que a lenda passional resiste e subsiste, tal como foi creada pelo povo e alimentada pelos poetas; resiste e subsiste apesar de contrariada ou desmentida em muitos dos seus pormenores.

No Minho, onde maior distancia tornou menos funda a impressão da lenda, Ignez de Castro não é a pomba ou cordeira dos poetas, mas o typo da mulher impudica e enredadeira.

Mais ainda. E' certo que Ignez de Castro não foi assassinada junto á actual Fonte dos Amores, mas no Paço de Santa Clara, que a Rainha Santa mandou erigir a par do

antigo convento d'aquella invocação, no arrabalde de Coimbra [1]. Em 1355, no logar d'esta Fonte, apenas existiam uns moinhos pertencentes aos padres de Santa Cruz [2].

Assim, as pedras encarnadas, que, vizinhas da Fonte actual, dizem *tintas do sangue de Ignez*, e as raizes filamentosas e ruivas que passam por ser os *seus cabellos* arrepellados no afflictivo transe, completam na imaginação popular a lenda de que foram as *lagrimas* da victima que deram o nome a uma quinta, e os seus *amores* a uma fonte, que até ao seculo XVI se denominava apenas *Fonte Nova*.

A *Fonte dos Amores*, a que Luiz de Camões se referia, ficava na *Quinta do pombal*, junto ao antigo mosteiro, que abastecia de agua por um cano do mesmo nome da fonte. E 18 annos antes dos *Lusiadas*, outro escriptor, para explicar aquelle nome, recorria a diversa ficção poetica, aliás menos bella [3].

Comtudo, a lenda continua a ver na Quinta das *Lagrimas* a Fonte *dos Amores* de Ignez de Castro, junto á fonte os cabellos e o sangue da victima, e crê que pelo cano ali existente mandava D. Pedro as suas cartas dentro de barquinhos de cortiça, como se elle precisasse escrever a quem facilmente podia visitar no paço de Santa Clara.

Os altos cedros que dão tanto caracter de melancolia á Fonte que hoje vemos na Quinta das Lagrimas, são arvores relativamente modernas em Portugal, onde esta especie botanica foi introduzida no fim do seculo XVII [4].

Quanto ao pormenor pittoresco dos cabellos, lembra-nos contar, a proposito, o seguinte facto historico: quando em 1810 os francezes violaram em Alcobaça o tumulo de Ignez, e até mutilaram o nariz da estatua lavrada horizontalmente sobre o mausoléo, foram encontrados em bom estado os cabellos da *pallida donzella*, rainha posthuma, depois adquiridos em parte por algumas senhoras portuguezas, e em parte levados ao Rio de Janeiro, onde, na occasião em que o conde de Linhares os estava mostrando a D. João VI, uma forte rajada de vento os arrebatou dispersando-os [5].

Mau fado perseguiu Ignez de Castro, nos amores, na morte, nos filhos, e até nos cabellos.

O que é certo é que a lenda da desditosa Ignez teve em Portugal differentes focos de irradiação, como um vasto drama que se fosse desenrolando em muitos palcos.

Em Bragança, o supposto casamento [6]; junto á Guarda — como logo contarei — o deporte da equitação; em Coimbra, o assassinio tragico; em Santarem, a morte violenta de Pedro Coelho e Alvaro Gonçalves; em Alcobaça, os dois tumulos; na Lourinhã o idillio amoroso, cheio ainda de mysterio mas já de ternura, como vamos ver pela lenda recolhida no proprio logar.

Segundo tenho podido averiguar, foi em 1852 que José Joaquim Roque Delgado, então administrador do concelho da Lourinhã, pela primeira vez fez saber em publico, no *Almanach de Lembranças*, que na freguezia de Molêdo d'aquelle concelho existiam as ruinas de um palacio em que viveu D. Ignez de Castro, e onde muitas vezes fôra visitada por D. Pedro; que a uma légua de distancia d'este palacio, na freguezia de S. Lourenço dos Francos, havia uma ponte chamada de D. Pedro; que nas proximidades do palacio tinham apparecido dous bracelêtes de ouro, um dos quaes rendeu 144$000 réis;

---

[1] No paço de Santa Clara é que Ignez de Castro residia, cf. Fernam Lopes. Foi assassinada á porta d'este paço, cf. *Coimbra gloriosa*, manuscripto da B. N. de Lisboa. Coelho Gasco, nas *Antiguidades de Coimbra*, tambem diz que foi no paço, sitio do Culgo.

[2] *Viagem dos imperadores do Brazil em Portugal*, pag. 197.

[3] Dr. Ribeiro de Vasconcellos, *D. Isabel de Aragão*, I, pag. 215-221.

[4] *Archivo Pittoresco*, III, pag. 291.

[5] Interessante artigo do sr. Simões de Castro no *Almanach das Senhoras*, de 1872 ou 1873.

[6] *Provas da Hist. Gen.*, I, 275.

finalmente, que no mesmo palacio se conservava um pedestal [1]—que parecia ter sido de alguma estatua gigantesca—e que n'elle havia uma inscripção indecifravel, bem como as armas da primeira casa reinante em Portugal.

Era em verdade muito interessante este filão, mas nem Almeida em 1866, nem Pinho Leal em 1874, nem Baptista em 1876 fizeram mais do que repetir, ás vezes copiar, aquella vaga indicação, contentando-se com isso.

Vamos por nossa parte dizer quanto nos foi possivel apurar. [2]

Transportemo-nos, para isso, á semi-selvagem região que, situada entre os concelhos da Lourinhã, de Peniche e Obidos, 6 kilometros distante da costa do mar, tem o nome de Cesarêda.

Nery Delgado suppõe que este onomastico é uma derivação de Cesar, pois que, segundo a tradição local, foi aqui estabelecido um arraial durante o dominio romano; Leite de Vasconcellos suppõe que Cesarêda venha de *cicereta (cicera)* ou de *ceraseta (cerasus)* e que o suffixo signifique ajuntamento.

Deixemos Leite de Vasconcellos a debicar estas ervilhas ou cerejas etymologicas, e passemos adeante.

Segundo as suas relações orographicas, a Cesarêda pode considerar-se como extremidade de um contraforte da serra de Monte Junto dirigido para noroéste.

Mas, sob o ponto de vista geologico, deve tomar-se como um centro de elevação independente, com bem definida caracterisação jurassica: representa o planalto de uma colina, circumscripto ao norte e poente pelas duas importantes bacias da Columbeira e do valle de S. Bartholomeu.

Toda esta região da Cesarêda offerece ao observador o resultado patente de grandes e repetidas perturbações que o solo soffreu em differentes epocas geologicas.

O sr. Nery Delgado, cujas informações acceitamos na sua mesma forma litteral, estudou algumas das notaveis grutas d'esta região, a saber: *Casa da Moura*, kilometro e meio ao suéste da aldea da Serra de El-Rei; *Lapa Furada*, a pequena distancia e a susuéste da pyramide da Cesarêda; e *Cova da Moura*, que domina a planicie de S. Bartholomeu a uns 40 ou 50 metros de altura. [3]

Toda a Cesarêda tem, aproximadamente, 12 kilometros de extensão e 8 de largura.

Na linha peripherica ficam as aldeas de S. Bartholomeu, Reguengo Pequeno, Fontellas, Reguengo Grande, e Pena Secca, do concelho da Lourinhã; Pó, Olho Marinho, Columbeira, Amoreira, Roliça e Zambujeira dos Carros, do concelho de Obidos; Serra de El-Rei, do concelho de Peniche.

Esta região é apenas frequentada por caçadores, em cujo numero já tem figurado el-rei D. Carlos.

No interior existe uma unica povoação, o Molêdo, que penetra a uns 300 metros, talvez, da peripheria.

A freguezia d'este nome fica, pois, em plena Cesarêda, enterrada entre penhascos, a ponto de que algumas de suas humildes casas teem como parte integrante da parede a rocha natural.

Os caminhos são escabrosos e agrestes — apenas carreiros de cabras.

No seculo XIV, muito mais do que hoje, o povo de Molêdo, essencialmente fragoeiro, vivia como ignorado n'este rincão montuoso, solitario e difficilmente accessivel.

---

[1] D'este pedestal ninguem hoje, em Molêdo, sabe dar noticia.

[2] Com o valioso auxilio do sr. Arthur Gonçalves, illustrado secretario da camara da Lourinhã; e dos rev.os Jacinto F. Ferreira, parocho em Molêdo, e Costa Leal, parocho em Serra d'El-Rei.

[3] *Noticia acerca das grutas da Cesarêda*, Lisboa, 1867.

Actualmente, as casas são caiadas, mas de longe apenas se lhes distingu em os telhados, tal é a barreira de rochedos que as entaipam.

Junto á povoação, pelo norte, abre-se, como agradavel parenthesis, uma veiga, limitada de uma parte pela estrada de Lisboa, e de outra parte por um sinuoso se bem que limpido ribeiro.

N'esta veiga houve outr'ora um palacio que o povo crê ter sido magnifico, posto que os individuos mais velhos da localidade digam ter apenas conhecido uma singela moradia, aproveitada do resto da antiga residencia.

No archivo da parochia ou na mão de particulares não existe documento algum que se refira ao «Paço de D. Ignez».

O logar, não despiciendo, mas ermo, e de aspero ingresso, devia convidar receosos amantes a irem esconder ali o seu clandestino ninho de amor.

O infante D. Pedro conhecia-o pelas frequentes excursões venatorias que fazia na Cesarêda, quando estava em Serra d'El-Rei, onde Affonso IV, segundo a lenda, mandara erigir um paço destinado principalmente a casa de caça e concomitantemente a aviario.

264 — Eira do Mulhelho

Falemos já d'este paço, deixando para logo o palacio de Molêdo.

A Serra de El-Rei constitue uma freguezia do concelho de Peniche; mas por amor da lenda de Ignez de Castro seja-nos permittido dizer agora o que deveria ser dito quando tratarmos d'aquelle concelho. E' tarefa que fica arrumada.

D'este palacio deu Sousa Viterbo uma dupla noticia: documentada quanto á nomeação de alguns dos seus paceiros e a ter havido ali um viveiro de pavões; impressionista, recordando o que do mesmo palacio pudera vêr n'um passeio das Caldas da Rainha a Peniche.

«Antes de chegar á Athouguia — diz Viterbo — observamos que as casas que bordam a estrada apresentavam vestigios de materiaes pertencentes a alguma construcção importante. Mais além um muro grandioso debruçava se imponente sobre o nosso caminho. Era um resto dos paços reaes da Serra da Athouguia, que hoje são propriedade particular, tendo sido vendidos, cremos nós, depois de finda a lucta entre constitucionaes e miguelistas. Quando regressámos de Peniche, apeámo-nos e visitámos de passagem a casaria que resta e onde ha ainda algumas janellas e portas interessantes. Nos jardins descobrem-se azulejos, que forravam canteiros». [1]

Pelos vestigios do antigo paço da Serra da Athouguia (ou d'El-Rei em razão do paço) vê-se que a construcção devia ter sido grandiosa.

Hoje apenas existem as paredes do palacio e umas abobadas, que lá dizem ser de

[1] *Dicc. historico e documental dos architectos portuguezes*, vol. II, pag. 526.

um castello; toda a área outr'ora abrangida pelo palacio e suas dependencias foi applicada á cultura de trigo, milho, batata, etc.

Um terreno que teria sido jardim ou tanque revela algum d'estes destinos pelos azulejos que ainda revestem as paredes.

Toda a propriedade pertence actualmente ao sr. dr. Faria, de Barcellos, que a herdou de seu tio José Diogo da Fonseca Pereira, de Peniche.

As ruinas do paço estão situadas, junto da estrada de macdame que conduz a Peniche, ao poente do moderno logar da Serra d'El Rei; e d'ellas se avista um lindo panorama maritimo sobre aquella villa.

A antiga povoação era onde agora se chama Serra Pequena e existe uma capella de Nossa Senhora do Amparo.

Deslocou-se, para se aproximar do paço real e viver ali tranquilla e contente graças aos privilegios que lhe foram concedidos e que se estenderam a todo o velho concelho de Moledo, hoje extincto.

Era natural que os vizinhos de um paço real gosassem regalias excepcionaes; mas o facto de tornal-as extensivas aos habitantes de Molêdo, sendo attribuido a D. Pedro, faz suppor que essa concessão era um laço estreitado entre o principe e o povo por algum motivo especial, que não parece difficil descobrir.

Um d'esses privilegios da povoação de Molêdo consistia em não ter que dar recrutas.

Ainda agora os seus habitantes se ufanam d'essas antigas regalias, que foram extinctas pelo regimen constitucional; e algumas vezes, immobilisados na sua rude ignorancia, querem fazel-as valer, coitados! — illusão que pouco lhes dura.

Diz a tradição que do chamado castello da Serra de El-Rei se avistava o Molêdo, o que não parece crivel.

Nenhum documento do archivo parochial faz menção do paço, nem das propriedades a elle annexas.

Por que seria que o infante D. Pedro estendeu ao Molêdo os privilegios excepcionaes de que gosavam os vizinhos do paço na Serra?

Porque Molêdo fôra um retiro amoroso de D. Ignez de Castro, a quem, segundo a lenda, D. Pedro mandára aqui edificar um palacio, onde a mantivera escondida, como precioso thesouro de belleza e ternura.

E provavelmente por conveniencia de ter do seu lado os camponezes do Molêdo emquanto o mysterioso idillio durou, conseguiria D. Pedro que a elles se tornassem extensivos os privilegios dos habitantes da Serra.

Assim, confiadamente, poderia D. Pedro, estando no paço da Athouguia com o fim apparente de caçar, fazer de dia ou de noite, sem receio de uma denuncia ou surpresa, o caminho entre a Serra e o Molêdo.

Assim entregava elle, não menos confiadamente, á guarda dos camponezes seus amigos a pessoa da linda Ignez, por cuja segurança elles olhariam com dedicação quando o principe estava ausente.

Nos camponezes confiava, pois.

Mas ali mesmo se arreceava dos espiões do rei, e só d'esses. Era preciso acautelar d'elles o doce segredo que D. Pedro escondia na alma. Os camponezes da Serra e do Molêdo não falariam, gratos ao principe, ainda que fossem interrogados. Mas podiam falar aos olhos de espiões habeis as pégadas do cavallo que D. Pedro montava. Por isso, o principe, quando vinha ao Molêdo, tomava a precaução, segundo ainda hoje se conta na Serra, de mandar ferrar ás avessas o seu ginête.

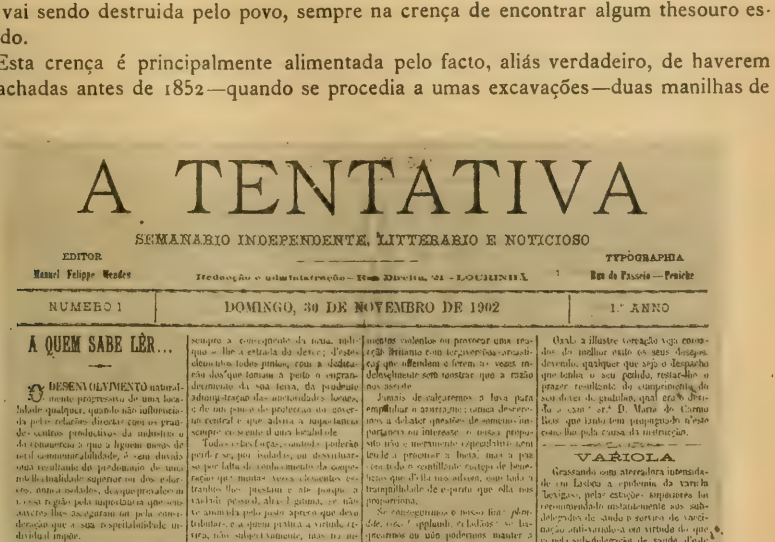
O palacio encantado de Molêdo tomou na tradição o nome de «Paço de D. Ignez».

No momento em que escrevo (abril de 1906) apenas existem d'este palacio os se-

guintes indicios: um muro que veda a propriedade; no logar do edificio signaes evidentissimos de ter sido a parede revestida de azulejo; e restos da antiga calçada que ligava o Paço com a igreja matriz, incluindo uma ponte de lages assente em dois pégões sobre o ribeiro que limita a cêrca pelo sul.

Perto e dentro d'esta cêrca vê-se ainda uma fonte, com identico azulejo, a qual, porem, vai sendo destruida pelo povo, sempre na crença de encontrar algum thesouro escondido.

Esta crença é principalmente alimentada pelo facto, aliás verdadeiro, de haverem sido achadas antes de 1852—quando se procedia a umas excavações—duas manilhas de



A TENTATIVA

SEMANARIO INDEPENDENTE, LITTERARIO E NOTICIOSO

EDITOR Manuel Felippe Mendes — Redacção e administração — Rua Direita, 21 — LOURINHÃ — TYPOGRAPHIA Rua do Passeio — Peniche

NUMERO 1 | DOMINGO, 30 DE NOVEMBRO DE 1902 | 1.º ANNO

A QUEM SABE LÊR...

O DESENVOLVIMENTO naturalmente progressivo de uma localidade qualquer, quando não influenciado pelas relações directas com os grandes centros productivos da industria e do commercio, o que a hypothese mesmo de total communalidade, é sem duvida o mais resultante do predominio de uma nobilitabilidade superior ou dos esforços, outras qualidades, de que prevalecem a essa região pela superioridade que seus annexos lhes asseguram ou pela consideração que a sua hospitabilidade individual impõe.

E, assim, quanto mais intensa e duradoura for a emergencia d'essa auréola social, seja qual for a fonte porque se manifeste, seja qual for o fim a que se proponha, logo que tenha por consequencia, mediata ou immediata, o engrandecimento d'essa localidade, é sempre digna da cooperação publica e do reconhecimento unanime dos que não [illegible] os interesses d'essa co-

sempre a consequente da nota, indique o lhe a estrada da dever; d'estes devem-nos todos pimos, com a dedicação daqueles tomam a peito o engrandecimento da sua terra, da poderosa adiantagem das mocidades locaes, e de um ponto de protecção ao governo central e que adima a supplantar sempre o sentido d'uma localidade.

Todos estes factos, quando pudessem perder-se, por isolados, ou desunharem-se por falta de conhecimento da cooperação que muitas vezes elementos estranhos lhes prestam e ate porque a vaidade pessoal, ainda d'gloria, se não se amalga pelo justo aparo que deve tributar, e a quem pertence a virtude, [illegible] não subjectivamente, mas no interesse commum.

E não é, concerpe a imprensa preste o seu nobremo serviço, conhecendo os [illegible] alhadores e estigmatizando os [illegible].

Um jornal n'uma localidade pequena e quanto vezes a causa de dissensões e [illegible] [illegible], e certo, quando, desinvolvido a idea que o caracteriza, serve unicamente os interesses de determinados violentos ou provocar uma reacção [illegible] com [illegible] que ofendem e ferem as vezes indelevelmente sem mostrar que a razão nos assiste.

Jamais de calçaremos a luva para empalidar a azarrage; nunca descerremos a debater questões de somenos importancia ou interesse, e nunca propositadamente o [illegible] levale a procurar a luta, mas a paz [illegible] contribuindo cada qual de [illegible] que d'ella nos advem, com tudo a tranquillidade de espirito que ella nos proporciona.

Se conseguirmos o nosso fim, [illegible] [illegible] [illegible]

A quinta do Paço tem um magnifico laranjal e uma vinha que são fechados pelo muro.

O Paço devia ser no sitio em que se vê hoje o laranjal.

Em principios do seculo XIX a «singela moradia», que era resto do Paço, estava ainda de pé e n'ella residiam os seus proprietarios, morgados Pestanas, que por este motivo foram chamados—do Paço—como actualmente o são os seus descendentes.

Hoje a quinta pertence a José Soares, residente no logar de Olho Marinho, concelho de Obidos.

Faz pena que se deixasse caír ao abandono o Paço de Molêdo, e que todas as suas pedras se dispersassem, incluindo as que formavam um banco, onde, diz a lenda, Ignez de Castro vinha sentar-se para esperar D. Pedro, junto ao regato que deslisa n'uma extrema da propriedade.

Aqui sim, aqui em Molêdo supponho eu que Ignez de Castro permaneceria mais tempo do que em outro logar; que este seu retiro amoroso duraria por uns dez, doze ou quinze annos talvez, salvas aquellas constrangidas ausencias a que D Ignez de Castro era forçada para seguir as mobilisações da côrte, sempre errante n'essa epoca.

Contou-me uma vez o mallogrado Manuel da Assumpção ter descoberto que no districto da Guarda — em Jarmello — havia um penedo com o nome de Ignez de Castro, porque ali subia ella para montar no seu palafrem.

Tambem o contou a Thomaz Ribeiro, que a esta tradição se referiu n'uma das notas ao poema *O mensageiro de Fez* (pag. 197).

Por minha parte alguma cousa pude apurar tambem sobre a lenda de Jarmello. [1]

Na Guarda, como em Coimbra n'esse fatal janeiro de 1355, estaria Ignez de Castro por accidente; que a sua residencia habitual e predilecta parece-me ter sido Molêdo.

E' que ha tantas e tão intensas tradições incidindo sobre esta localidade...

Ainda vou referir mais duas, para reforçar o meu dito.

Saindo de Molêdo em direcção a Lisboa pela antiga estrada que passava junto ao Paço de D. Ignez, encontra-se na freguezia de S. Lourenço dos Francos ou Miragaia, dentro do mesmo concelho, uma ponte denominada de — D. Pedro.

E' de tijolo, com um só arco, de volta abatida. Já não tem vestigio algum de cortina. Ameaça completo desmoronamento. Não tardará muito a caír — e deixal-a-hão caír com certeza.

---

[1] O Jarmello são duas freguezias do actual concelho da Guarda, S. Pedro e S. Miguel. Antigamente foi concelho, e hoje nem villa é. Diz a tradição que D. Pedro a mandou arrazar e salgar, certamente depois do assassinio de D. Ignez, por ser a terra onde Diogo Lopes Pacheco, um dos implicados n'aquelle acto, tinha solar e dominio.

Quanto ao solar, apenas restam as ruinas de um casarão ensilveirado.

Conta-se que D. Ignez estivera no Jarmello, e que ali cavalgava o seu palafrem subindo a uma pedra por isso chamada depois *pedra de montar*.

Esta pedra tem sido muitas vezes removida pelos pastores, crentes em que debaixo d'ella ha dinheiro enterrado.

N'uma lage, que está um pouco distante da *pedra de montar*, mas que talvez outr'ora estivesse perto d'ella, ha ou houve uma inscripção que dizia:

Adeus, villa de Jarmello,
Adeus, *pedra de montar*,
Emquanto o mundo fôr mundo
Cinco reis has de pagar.

Isto parece alludir a um fôro de 5 reis que a camara cobrava da Corôa por aquelle penedo, talvez para perpetuar a honra da serventia que elle tivera.

Tambem na Guarda se diz ainda hoje que D. Ignez tinha a garganta tão transparente, que se via passar a agua na occasião de bebel-a.

Passa sobre a ribeira — da Lourinhã — a uns 500 metros do logar da Ribeira de Palheiros, junto do casal das Quintas.

Por que se chama de D. Pedro esta ponte?

Por que elle a mandára construir, diz a lenda. Era o seu caminho quando estava em Torres ou em Lisboa e queria vir ao Molêdo. Algumas vezes, no inverno, a ribeira desbordaria, e a passagem sería incommoda para D. Pedro e ainda mais para o seu querido povo d'estes logares, que lh'o representaria talvez.

Na freguezia de S. Lourenço dos Gallegos, 300 metros ao poente do logar de S. Bartholomeu, existem os casaes do Mosteiro, que tiram seu nome de um extincto convento de frades gracianos, cuja cêrca era constituida por parte dos terrenos pertencentes hoje á Quinta da Fonte Real.

Diz a tradição popular que o *Rei Cru*, como ali geralmente designam D. Pedro I, atravessando um dia a Cesarêda, quando do Paço de Molêdo se dirigia para o da Serra d'El-Rei, veio ter áquelle convento e ali bebeu agua da fonte da cêrca.

Não foi preciso mais para que a fonte ficasse sendo *real*.

Esta fonte está actualmente tapada, todavia o seu nome perpetuou-se na quinta.

Tem a freguezia um logar chamado Paço. Mas nos livros parochiaes mais antigos é sempre graphado Passo. Só pelo meado do seculo XIX (1842) foi que um parocho começou a escrever — Paço. Parece, porém, que deverá ser Passo, isto é, ponto de passagem da Cesarêda para a Serra d'El-Rei.

Não serão todas estas tradições uma verdadeira surpresa para a maior parte dos leitores? Creio bem que sim.

Penso que os amores de D. Pedro com Ignez de Castro, anteriores, segundo a versão de Ferreira e outros, ao casamento com D. Constança, começariam pouco depois de ter sido posto de parte o projecto de casamento com D. Branca de Castella.

Ora o casamento de D. Pedro com D. Constança realisou-se em 1340, quando elle tinha 20 annos. Suspeito que D. Ignez era algum tanto mais nova. De então até 1355, data da tragedia, Molêdo seria um retiro quasi permanente, porque nenhum outro offereceria maiores condições de tranquillidade e segurança.

Quando Ignez foi morta, tinha D. Pedro 35 annos.

Pois tão longo e tão dedicado idillio conjecturo que viu decorrer em Molêdo as suas melhores horas de felicidade recondita, envolvido no doce mysterio dos que se bem-amam e não querem saber do mundo para nada.

Aqui fica reivindicada para a provincia da Extremadura uma boa parte d'esse famoso drama passional, que tanto commoveu os corações portuguezes, e ainda hoje os impressiona romanescamente.

A nossa sentimentalidade meridional vai até ao ponto de não vêr quanto era facil de exaltar-se a compleição amorosa de D. Pedro I e arrebatado o seu genio.

Ficamo-nos a pensar que o amor a D. Ignez de Castro absorveu doloridamente o resto da sua vida.

Pois não ha tal. Dois annos depois da morte de Ignez, uma D Thereza Lourenço deu a D. Pedro um filho, que foi o Mestre de Aviz, e que veio a reinar em Portugal com o nome de D. João I.

Isto foi depois... Antes, pelo amor de Deus! teve D. Pedro por manceba Beatriz Dias, que Fernam Lopes menciona de passagem, e, o que foi péor ainda, deu-se a prazeres menos desculpaveis, como faz suppôr o cruel supplicio imposto a Affonso Madeira, seu escudeiro dilecto, a quem o principe muito amou, escreve o velho chronista, *mais do que se deve dizer*.

Antes ou depois, creio que depois, foi pai de uma bastarda, que no seu testamento diz ter sido creada no mosteiro de Santa Clara de Coimbra, e cuja mãe se ignora.

Nós temos natural tendencia para a *sensiblerie* amorosa, e por isso acceitamos de bom grado todas as lendas de amor, de que a historia portugueza anda inçada.

Se lhe tirarmos essas lendas, a nossa historia fica para nós sem poesia.

Por isso eu, que me conheço e que nos conheço, gastei tanto tempo a falar de Ignez de Castro; e foi com o maior interesse que procurei colligir todas as informações possiveis a respeito das tradições galantes de Moledo.

Eu não sou peor nem melhor que os outros portuguezes.

Ora pois. Confesse o leitor que estava longe de suppôr que no concelho da Lourinhã se lhe depararia um logar onde D. Pedro emboscou a sua ardente paixão por Ignez e segredou ternas palavras incendidas.

Escrevi segredou, e comtudo deveria dizer — gaguejou — porque D. Pedro, segundo informa Fernam Lopes, era muito gago.

Mais uma desillusão, ó romanticas patricias minhas.

E ponho aqui ponto para não aguar mais a lenda. Prometti; quero cumprir.

*

* *

Molêdo fica a 7,7 kilometros da villa da Lourinhã, a 7 da estação do Bombarral, e tem uma escola.

IV

Torres Vedras

I

A VILLA E OS SEUS ARREDORES

Em 1888 passei pela primeira vez em Torres Vedras a caminho do Varatojo, que precisava visitar por causa do estudo biographico de Frei Antonio das Chagas. [1]

Vi então a villa n'um relance, e consignei n'uma chronica de viagem esta succinta impressão: «Boas casas, grandes adegas, homens rolando pelas ruas cascos de pipa. Uma praça com coreto: o rocio elegante. Um magnifico chafariz gothico, denominado dos *Canos*. Uma igreja com uma bella porta de lavores. Sobre o outeiro, as ruinas do famoso castello. O Passeio da Varzea com o seu sombrio arvoredo de choupos e faias». [2]

Mal diria eu, n'esse tempo, que ainda teria de escrever mais de espaço sobre a villa de Torres Vedras; que eu, homem do norte, havia de coordenar a monographia da provincia da Extremadura, longa tarefa que nenhum homem do sul tentára ainda. [3]

Mas pois que assim é, sirvam-me aquellas poucas linhas de 1888 como ponto de partida n'uma visita menos precipitada a Torres Vedras.

A praça que tem o corêto é o Largo de D. Carlos.

O magnifico chafariz dos *Canos* constitue, em verdade, um notavel exemplar de estilo gothico. Consta de um pavilhão pentagonal, da fonte propriamente dita e de dois tanques, sendo o inferior manifestamente mais moderno que o resto da construcção, attribuida á iniciativa da infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manuel, o que não é ponto assente.

---

[1] *Vida mundana de um frade virtuoso.*

[2] *Chronicas de viagem*, pag. 112.

[3] Pelo que respeita parcialmente a Torres Vedras, quero lembrar que um poeta nosso contemporaneo cantou esta villa: o sr. Ramos Coelho no seu livro *Lampejos* (1896).

Um aqueducto, desenrolando-se na extensão de tres kilometros, abastece este chafariz monumental.

Uma igreja com bella porta de lavores é a de S. Pedro, antiquissima, de tres naves, tecto de madeira.

A porta, voltada ao occidente, estilo gothico, tem figuras e ramagens muito interessantes.

Suppõe-se que a mandou fazer, a julgar pelo brazão que a encima, D. Catharina, mulher de D. João III.

S. Pedro era uma das quatro antigas freguezias da villa: hoje está-lhe annexada a de Santiago, sendo a séde da parochia em S. Pedro.

Santa Maria, a matriz, ficava outr'ora dentro da primeira cêrca de muralhas do castello, d'onde o sobrenome que sempre tem conservado. Foi-lhe reunida a freguezia de S. Miguel.

As igrejas de S. Pedro e Santiago estão edificadas no coração da villa.

População das duas freguezias actuaes: S. Pedro, 3.835 habitantes; Santa Maria, 3.056.

Alem das igrejas parochiaes e de algumas ermidas, conta mais a villa de Torres Vedras a igreja da Graça, em poder da irmandade do Senhor dos Passos, achando-se hoje estabelecidas no antigo convento as repartições publicas; e a da Misericordia, com o hospital contiguo.

A irmandade dos Passos costuma realisar apparatosamente a respectiva procissão.

A imagem do Senhor sai na véspera á noite, em camarim fechado, do templo da Graça para a igreja de S. Pedro, a fim de no dia seguinte se organisar o prestito religioso.

N'esta procissão é a corporação dos bombeiros voluntarios torreenses que faz a guarda de honra.

A misericordia de Torres Vedras foi instituida em 1520; o seu actual compromisso é de 1877.

A receita annual d'esta santa casa eleva-se a 4:700$000 réis. [1]

Sobre o outeiro as ruinas do castello.

Apenas existe a cêrca exterior, com uma unica porta, e algum vestîgio do antigo palacio dos alcaides-móres.

Tanto a ruina do castello como a do palacio foram causadas pelo terremoto de 1755.

Não é hoje possivel esquadrinhar a certidão de idade do castello.

Os romanos já encontraram povoação, e decerto a fortificaram de novo. Os godos denominaram-n'a — Torres Velhas — certamente por a acharem bem defendida com muralhas e torres.

Toda a villa estava amuralhada e ao correr da cerca tinha tres portas de que apenas se conservam os nomes.

Affonso Henriques tomou o castello aos mouros, e provavelmente o mandou restaurar.

O mesmo fizeram na successão dos tempos el-rei D. Fernando e el rei D. Manuel.

Tendo pertencido o senhorio de Torres Vedras á Casa das Rainhas, a começar em D. Beatriz de Gusmão, segunda mulher de D. Affonso III, e tendo sido sempre esta villa muito visitada pelos nossos antigos reis, devia haver aqui paços reaes, e sim os houve.

Mas, os paços *velhos*, onde solemnemente foram recebidos alguns embaixadores, ficavam perto do castello, no bairro chamado de Carcavellos.

---

[1] Costa Goodolphim, *As Misericordias*, pag. 250.

Outros, os *novos*, no logar que depois foi destinado a açougue.

Tudo isto o tempo levou.

Mas ficou a memoria de haver Torres Vedras sido uma villa fidalga, com palacios de reis e magnates, e ruas, postoque estreitas e tortuosas, ornadas de predios com brazões de armas e até com nomes aristocraticamente medievaes—como por exemplo a *Rua dos cavalleiros da espora dourada.*

No principio do seculo XIX a guerra contra os francezes damnificou muito a villa.

Foram cortadas as madeiras do bello arvoredo que ensombrava as estradas e o Passeio do Jardim, junto do qual corre o rio Sizandro, pelo que houve de replantar-se este Passeio em 1821.

E já agora direi que o outro passeio da villa é o da Varzea, a que me referi em

266 — Um aspecto da villa

1888, sendo para notar que Torres Vedras possua em duplicado uma regalia que falta absolutamente em muitas outras povoações.

Do passado d'esta antiga e nobre villa apenas falam hoje os monumentos, algumas quintas, e as paginas da historia.

O presente absorveu o passado. *Ceci tuera cela.*

Torres Vedras modernisou-se, comprehendeu a vida pratica do nosso tempo, fez-se um importante centro vinhateiro, e se já não rodam pelas suas ruas os côches dos Perestrellos, dos Alarcões, dos Telles da Silva, ouve-se rolar cascos de pipa, trabalhar o tanoeiro, apregoar o vendilhão.

A linha ferrea de oéste contribuiu poderosamente para esta vitalidade economica.

Uma estação serve a villa, á qual está ligada pela nova *Avenida Ignacio Casal Ribeiro*, onde, desembarcando, se encontra logo á mão o *Hotel Avenida*, cuja diaria é de 800 a 1$000 réis, sendo gratuito o transporte dos hospedes para as thermas dos Cucos.

Outros nomes vieram modernisar a designação das ruas, a saber: *Serpa Pinto*, *Mousinho d'Albuquerque* (antiga *Corredora*), *Dias Neiva* (proprietario do estabelecimento dos Cucos), *Santos Bernardes* (proprietario da *Fonte Nova*), *Paiva de Andrada*, etc.

Se das ruas passarmos para outras innovações progressivas, temos muito que registar.

O espirito humanitario do nosso tempo, desenvolvido tanto pela iniciativa individual como pelo impulso de collectividades, tem lançado em Torres Vedras solidas raizes.

Mencionaremos em primeiro logar o Asylo de S. José, para inválidos do concelho, benemeritamente fundado por uma torreense, D. Maria da Conceição Barreto Bastos, fallecida em 21 de maio de 1901.

Este Asylo está situado a um kilometro da villa, em local pittoresco e sadio.

Santo Antonio dos Pobres é outra instituição de beneficencia, creada ha meia duzia de annos, sem rendimento proprio, mas amparada pelas esmolas dos devotos d'aquelle santo.

E' dirigida por uma commissão de irmãos da Ordem Terceira do Varatojo.

Tem por fim soccorrer a pobreza não só da villa como das freguezias limitrophes.

Alem de outros donativos, distribue aos indigentes, todos os mezes, 900 pães de kilo.

Ha tambem em Torres uma associação de soccorros mutuos, denominada 24 de julho de 1884.

O principio associativo, tão util no que respeita á assistencia publica, não o é por certo menos no tocante á defesa dos interesses locaes, especialmente agricolas.

Sob este ponto de vista fundou se no concelho uma cooperativa com o titulo de — Liga agricola da região de Torres Vedras.

Tambem o principio associativo aqui tem produzido bons resultados debaixo ainda de outro aspecto — o do recreio indispensavel como distracção ás preoccupações da vida quotidiana.

D'esta necessidade resultaram, na corrente do progresso moderno, o Casino de Torres Vedras, o Gremio Artistico Commercial, a sociedade anonyma empresaria do theatro, a Philarmonica Torreense e a Fanfarra União Torreense.

No attinente a instrucção, devemos mencionar as escolas officiaes de instrucção primaria, e a de fomento agricola; escolas e collegios particulares, incluindo o convento do Varatojo e o do Barro.

Actualmente publicam-se no concelho dois periodicos: *A Vinha de Torres Vedras*, que é o mais antigo, pois começou em 1883; e a *Folha de Torres Vedras*, que appareceu em 1899, teve uma interrupção, e reappareceu em 1902, sendo distinctamente redigida pelo meu presado amigo e antigo discipulo Silverio Botelho de Sequeira — até outubro de 1905 — continuando desde essa epoca sob outra direcção.

Tem havido mais: *Jornal de Torres Vedras* (1885); *A Semana* (1886); *Voz de Torres Vedras* (1887); *Gazeta de Torres Vedras* (1893). Todos estes deixaram de existir.

Ha na villa agencias bancarias, de seguros de incendios e animaes, de encommendas para Lisboa, de publicações e annuncios e de seguros de vida.

O commercio, em todos os ramos da sua actividade, tem aqui uma importante laboração.

Alem do trafico permanente nos estabelecimentos da villa, fazem-se tres grandes feiras: de S. Vicente, a 22 de janeiro (gado suino); a de S. Pedro, a 29 de junho; e a Feira Nova no 3.º domingo de agosto.

Funccionam uma fabrica de moagens, propriedade de Joaquim Pedro Marques, e tres caldeiras de distillação.

Ha uma photographia, uma typographia e papelaria, tres lojas de ourives e tres de confeiteiro, uma vaccaria, varias casas de hospedes alem dos hoteis da Avenida e dos Cucos, etc.

— Então, perguntará talvez o leitor, não nos diz mais nada da historia antiga de Torres Vedras?

E eu apresso-me a responder:

— Ah! leitor amigo, a historia antiga está dita e redita por outros; o que eu prin-

cipalmente desejo é dar a impressão da vida moderna nas localidades de que falo. Quer que lhe venha dizer ainda que D. Affonso III deu foral a Torres Vedras, e que D. Manuel o reformou em 1510? Que o infante D Pedro, durante a sua regencia, aqui reuniu côrtes em 1441? O que importa isso a quem vem hoje ou quer vir a esta villa? a quem pelo menos pretende fazer alguma idea do que é actualmente esta povoação? Leitor pio e não pio, resigne se: de historia antiga apenas os traços precisos para ligar o presente ao passado, e n'um ou n'outro ponto uma correcção a fazer, uma falsidade a corrigir.

— Mas a historia moderna de Torres Vedras — replicará o leitor com certa importancia academica — acho eu que não começou no dia em que o sr. veio a esta villa pela primeira vez.

— A minha modestia não permitte suppôr tanto...

— Pois bem, n'esse caso, retroceda pelo menos ao principio do seculo XIX, fale-nos das famosas linhas de Torres no tempo da terceira invasão franceza, e depois não esqueça os episodios militares das luctas constitucionaes.

— Tem V. Ex.ª razão, pois que se trata de historia moderna. Vamos a isso sem proposito de maçar, e até, para lhe ser agradavel, falarei da *Batalhôa* de 1868.

— O que é isso de *Batalhôa*?

— Logo verá. Comecemos pelas linhas de Torres.

Estas linhas, construidas para defender Lisboa contra o exercito francez commandado por Masséna, garantiam tambem a segurança do exercito inglez, sob as ordens de Wellington, porque lhe davam communicação com o mar.

A primeira linha começava nas alturas da Alhandra, seguia por traz da Arruda ao Sobral de Mont'Agraço, cortava pelo monte do Furadouro até á serra da Mugideira e ia terminar na foz do Sizandro.

A segunda começava no alto do Quintella, nas costas de Alverca, seguia pela Cabeça de Montachique para os altos do Gradil e da Murgeira e fechava ao norte da Ericeira, na foz de S. Lourenço.

A terceira, cujo fim era cobrir em caso de necessidade o embarque do exercito inglez, defendia Oeiras e Paço d'Arcos.

As duas primeiras linhas comprehendiam 126 reductos e estavam armadas com 297 peças de artilharia.

Sobre a villa de Torres Vedras havia no monte de S. Vicente, que se contrapõe ao do Castello, um forte que tomou aquelle nome e constava de tres reductos communicando entre si por pontes levadiças, mas separadas por fossos profundos.

Em ambas as linhas os abatizes ou trincheiras tinham sido formados por enormes carvalhos e castanheiros arrancados da terra com as proprias raizes por um esforço verdadeiramente herculeo.

«Entrelaçados uns nos outros, pareciam obra de gigantes ou de povos primitivos, e não havia recursos humanos capazes de removel-os em tempo apertado. Estas paliçadas de troncos e ramarias, como se não fossem obstaculo insuperavel, eram ainda precedidos, de distancia a distancia, por obras de cintura, que lhes augmentavam as condições naturaes de defeza, de modo raras vezes visto. Os picos denteados dos montes, na extensão de mais de uma légua, tinham sido ligados intimamente por uma grande obra de terra, que em alguns pontos formava muralha de grande altura, no interior da qual corria em toda a extensão a respectiva banqueta, para o fogo de fuzilaria». [1]

Masséna ficou assombrado deante d'esta defesa colossal, que lhe tomou o passo.

Os sessenta mil francezes que trouxera até Torres Vedras não chegavam para

[1] Fernandes Costa, *Memorias de um ajudante de campo*, tomo I, pag. 354.

forçar a passagem. Esperava o reforço de Soult, e Soult não apparecia. Pedia um exercito supplementar a Napoleão, e não o recebia, porque o imperador precisava reunir forças na Allemanha. Quiz atravessar o Tejo, posto que com o perigo de dividir o exercito, mas os barqueiros da Chamusca queimaram os barcos para lhe não dar passagem.

Finalmente, Masséna teve de desanimar e retroceder.

Comtudo não succederia assim se o marechal Soult houvesse invadido o Alemtejo, como Napoleão lhe recommendára, e viesse atacar Lisboa pelo lado do sul.

Mas succedeu, por felicidade nossa, que tivemos a gloria de vêr esbarrar as orgulhosas aguias napoleonicas, já vexadas no Bussaco, de encontro ás formidaveis linhas de Torres, quebrando contra ellas o impulso das azas e do orgulho.

D'aqui o exercito francez retirára pela Extremadura para a Beira, e da Beira para

267 — Largo de D. Carlos

Hespanha, sempre com a mesma infelicidade no resultado, mas com alguns actos brilhantes de valor, como o do general Brenier em Almeida.

Todavia o paiz ficava devastado e empobrecido, e a provincia da Extremadura era das regiões mais prejudicadas pela terceira invasão franceza.

Vamos agora, tambem de passagem, aos episodios militares dos conflictos constitucionaes.

Nas «luctas caseiras» que se seguiram á «revolução de setembro» e se prolongaram por quinze annos, Torres Vedras teve um papel importante como theatro da acção.

Foi aqui que, em 1837, por occasião da «revolta dos marechaes», Saldanha e Terceira, com Mousinho de Albuquerque, formaram uma regencia provisoria, a qual a sorte das armas mallogrou depois.

Foi aqui que, em 1846, a 22 de dezembro, se feriu uma notavel batalha entre Saldanha, mantenedor do golpe de estado tramado no Paço, em «6 de outubro», e o conde do Bomfim, interprete da agitação revolucionaria que desde a «Maria da Fonte» lavrava no paiz e que, tendo partido do povo, não excluiu a acção politica de setembristas e miguelistas.

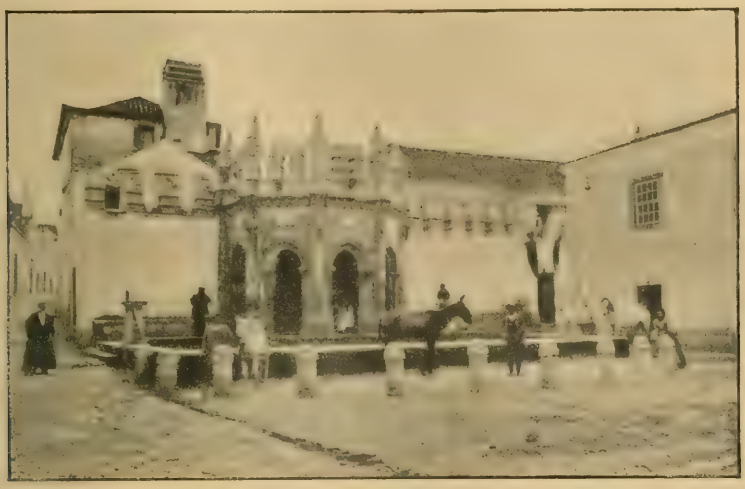
O conde do Bomfim havia-se entrincheirado em Torres Vedras, certamente o ponto

mais forte das famosas linhas, verdadeiramente inexpugnaveis, como acabamos de vêr.

Pois, não obstante, Saldanha, com uma audacia e bravura brilhantissimas, mal empregadas n'uma guerra fratricida, tomou os fortes e as pontes e conseguiu levar a sua artilharia até ás portas do castello, o que obrigou o conde do Bomfim a render-se, ficando prisioneira quasi toda a sua divisão, mas sendo-lhe reconhecidas pelo vencedor as honras da guerra.

N'esse mesmo dia, o duque de Saldanha dizia em carta a sua mulher: «Não recebas parabens, dá graças a Deus, porque taes feitos, como os de hoje, são superiores ás forças dos homens, só a mão do Omnipotente os póde executar.» [1]

As perdas, entre mortos, feridos e prisioneiros, foram grandes de parte a parte: Saldanha perdeu 386 homens e 47 cavallos; Bomfim, 250 cavallos e 600 prisioneiros.



268 — Chafariz dos Canos

«Este desastre — dizia dias depois Manuel Passos—não abala a coragem dos defensores da liberdade».

Entre nós a liberdade custou sanguinolentos embates, pois que uns a queriam de mais e outros de menos; e depois que finalmente nos contentamos com a que tinhamos, começamos a estragal-a.

Não temos feito outra coisa.

— E agora, leitor amigo, o caso da *Batalhôa*.

— O que vem então a ser isso?

— Uma revolta popular que rebentou em Torres Vedras a 9 de fevereiro de 1868. Foi iniciada pelo povo das aldeas, que, na manhã d'aquelle dia, se dirigiu em tropel para a villa, onde queimou todos os papeis da repartição de fazenda como protesto contra o excesso das contribuições e a severidade dos respectivos funccionarios.

— Uma verdadeira *bernarda?*

---

[1] D. Antonio da Costa, *Historia do marechal Saldanha*, pag. 511.

— *Batalhôa* se lhe ficou chamando. E olhe, leitor amigo, que o incendio da indignação popular nem com toda a agua do Sizandro poderia ser apagado.

—Ora o Sizandro! Parece querer dar-lhe as honras de um Amazonas!

—O amigo leitor está habituado a vel-o de verão, quando vem aos Cucos. Mas olhe que o Sizandro no inverno tem algumas vezes cabellinho na venta, inunda a villa, especialmente a baixa, causando grandes prejuizos. Ainda isso aconteceu em fevereiro de 1904. Foi um diluvio.

—Pois no verão, aqui em Torres Vedras, o maior Sizandro que eu conheço é uma therma dos Cucos.

—Ria, mas acredite. E já que falou nos Cucos deixe-me dar alguma noticia das aguas medicinaes de Torres Vedras para esclarecimento de outros leitores que não as conheçam ainda.

—Fale com os outros, que eu vou almoçar ao meu *Hotel da Avenida*.

—Falarei.

—Adeus; bom proveito.

A villa de Torres Vedras é hoje muito frequentada no verão pela colonia aguista dos Cucos, importante estação thermal que dista da villa apenas 2 kilometros para suéste.

Este estabelecimento hydrotherapico, propriedade do sr. José Gonçalves Dias Neiva, é servido por uma extensa avenida arborisada, e encosta-se a uma collina ao sul de um ameno valle, por onde corre o Sizandro.

O mar que fica a pequena distancia impregna a atmosphera de evaporações hygienicas, e dos pinheiraes e dos mattos proximos ao valle vem um aroma acre e saudavel que tambem robustece os pulmões.

Em frente do estabelecimento e ladeando a avenida, que o communica com a estrada de Torres, ha dois elegantes *chalets* que dão hospedagem áquelles forasteiros que não preferem ficar na villa.

No parque que se desenha deante do estabelecimento está situado o Casino, com um theatro annexo; e levanta-se um corêto onde aos domingos vai tocar a fanfarra de Torres a expensas da empresa.

As aguas thermaes dos Cucos são applicadas ao tratamento de todas as manifestações de arthritismo.

Quando Ramalho Ortigão escrevia em 1875 o livro *Banhos de caldas e aguas mineraes* ainda a estação dos Cucos era pouco concorrida, mas já se preconisavam as suas virtudes therapeuticas, especialmente na cura da gota.

«Ao dr. Brandt, distincto medico, meu amigo, actualmente estabelecido no Porto —diz aquelle escriptor—ouvi fazer d'estas aguas o maior elogio. Mistress Brandt, padecendo as mais horriveis dôres de cabeça e tendo consultado os mais illustres medicos da Europa, curou se com poucos banhos da Fonte dos Cucos, reconhecendo-se que era a gota a causa do seu atroz soffrimento».

Ainda então os banhos eram ministrados debaixo de barracas de madeira, em tinas tambem de madeira.

Tudo isto impressionou mal Ramalho, que condemnou o logar como improprio para um estabelecimento de banhos, postoque aprazivel.

O decurso de 30 annos abalou fundamentalmente este conceito pessimista do illustre escriptor.

Os Cucos são hoje uma estação thermal transformada elegantemente á moderna, e a doçura do clima e o «aprazivel» do logar, bem como a efficacia therapeutica das aguas que deram saude a mistress Brandt, não esperavam senão por uma civilisada moldura, pelo apparato e conforto balnear que obtiveram finalmente.

Por isso, se o leitor foi aconselhado pelo seu medico a fazer uso das aguas dos Cucos—que teem sido minuciosamente estudadas a partir da analyse realisada pelo dr. Agostinho Vicente Lourenço até aos relatorios do dr. Justino Freire, actual director clinico das thermas—não duvide um momento em fazer a mala e partir, que não terá motivo para aborrecer-se da temporada, e é provavel que volte curado.

Pelo que interessa propriamente ao regime hydrotherapico não faltam condições de commodidade e asseio no estabelecimento thermal.

Quanto a hospedagem, tambem não terá razão para queixar-se aqui ou na villa.

No que respeita a distracções, musica aos domingos, casino sempre e ás vezes theatro não são regalos que enjoem a ninguem.

Passeios tel-os-ha muitos e interessantes, ao Varatojo, ao Barro, a Pena Firme, a Runa, ás bellas quintas ou povoações do concelho e ás praias do litoral.

Ainda ha outra distracção que os aguistas dos Cucos cultivam com frequencia: vêr passar os comboios das Caldas e da Figueira na estação de Torres.

Sempre se avista alguma cara conhecida.

Uma vez surprehendi este dialogo:

—Ah!

—Oh!

—Vai p'r'a Figueira?

—Não. Vou p'r'as Caldas. E o meu amigo está nos Cucos?

—Estou.

—Gosta?

—Gosto muito.

—Está só?

—Não; estou com minha mulher e meu primo.

A sineta deu o signal de partida.

Um dos interlocutores sorriu se e cumprimentou: era o viajante em transito para as Caldas; o outro, aguista dos Cucos, lá voltou muito contente para cocar saude na região dos supraditos Cucos—que só teem de mau o nome, algum tanto compromettedor.

O estabelecimento dos Cucos costuma abrir no 1.º de junho.

Tambem junto a Torres Vedras ha outras aguas medicinaes, chamadas da *Fonte Nova*.

E' seu proprietario o sr. Antonio dos Santos Bernardes, e o estabelecimento hydrologico foi inaugurado a 24 de maio de 1895.

Estas aguas, sobre as quaes elaborou um consciencioso relatorio o sr. dr. Reis Santos, são indicadas para affecções gastricas, especialmente estados dyspepticos.

No momento em que escrevo, o estabelecimento da Fonte Nova acha-se encerrado, não sei por que motivo.

Referi-me, ha pouco, ao Varatojo, e ao Barro.

São dois conventos — assim diz toda a gente — nas proximidades da villa.

O do Varatojo, distante d'ella apenas um quarto de légua, foi fundado em 1470 por D. Affonso V, n'aquelle momento historico de sua vida em que viu desvanecer-se-lhe o sonho de reinar em Castella ao lado de sua sobrinha—essa misera e *Excellente Senhora* a quem eu já dediquei um livro [1].

Era intento do rei o professar n'esta casa que fundára e povoou com franciscanos de Alemquer. Não chegou a fazel-o, mas amou sempre o Varatojo, visitou-o amiudadas vezes—ainda hoje, roída pelo caruncho, se conserva na sacristia a cadeira em que cos-

[1] *Rainha sem reino*, Porto. 1887.

tumava sentar-se, e tambem ainda, no angulo externo do côro, se aponta a janella do seu modesto aposento.

Frei Fernando da Soledade, na *Historia Seraphica*, diz que o nome do logar—humilde povoado—e do convento - não menos humilde cenobio—veio do uma *vara* do lagar feita de um pé de *tojo*.

Isto, que se crê pouco, não importa muito.

Nascido de uma desillusão, o convento do Varatojo foi sempre um silencioso e pacifico tumulo de illusões mundiaes.

Aqui, durante alguns dias, vieram esconder a sua dôr el-rei D. João II e a rainha D. Leonor de Lencastre em seguida á tragica morte de seu filho na ribeira de Santarem.

Aqui, em 1680, instituiu a congregação dos missionarios apostolicos, precedendo bulla pontificia e consentimento da Ordem franciscana, aquelle mancebo frivolo, que no seculo teve a alcunha de *Capitão Bonina*, e na religião o nome de Frei Antonio das Chagas, varão exemplarmente virtuoso depois de arrependido e convertido.

269 — Convento do Barro

Em 1888, quando atravessei rapidamente a villa de Torres Vedras, corri a visitar o Varatojo, que era o objecto d'essa minha viagem.

E colhi um feixe de impressões, que tenho ainda muito vivas, e vou reproduzir ao leitor.

Apeámo-nos no principio da encosta, porque não havia caminho para trem.

E, subindo, chegamos ao largo do convento, edificio de mesquinha apparencia, enterrado ao fundo de alguns lanços de escada.

Uma cruz de pedra e um velho cypreste dão ao sitio essa physionomia de tristeza que caracterisa os eremiterios pobres.

Descêmos os poucos degraus que dão ingresso para o convento, e entramos no átrio.

A' esquerda, uma capella com o Senhor dos Passos. Em frente, o postigo da roda, em cujo bordo havia tres escudellas vasias com colhéres de pau; sobre o postigo esta legenda: *De paupertate nostra frangamus Jesu esurienti panem.* A' direita, uma porta em ogiva com esta simples palavra no topo: *Silencio.*

Pedimos licença para entrar, e foi-nos concedida. Recebeu nos o sacristão em habito de franciscano. Mostrou-nos a igreja, em cujo altar-mór ha a notar a obra de talha, o retábulo, os quadros, os azulejos. No corpo da igreja torna-se digno de menção o altar de marmore, excellentemente trabalhado, de uma capella lateral. E' obra recente, executada por um conventual.

Como houvessemos mandado entregar uma carta de apresentação, veio acompanhar-nos um padre franciscano, de habito com capuz, cordão, rosario, e sandalias.

Boa physionomia, alegre e rosada. Falava sem biôcos. Quando nos tornou a mostrar o altar de marmore, disse para mim:

—Isto é obra feita no convento. Cá trabalha-se.

Foi depois mostrar nos o presepio, e chamou a nossa attenção para a figura que representava um cego tocador de gaita de folles, com borracha de vinho a tiracollo, fazendo notar a circumstancia de que o moço do cego estava bebendo subrepticiamente o vinho da borracha.

Levou-nos depois á casa dos retratos, onde eu precisava vêr um, e á casa do capitulo, onde copiei a inscripção de uma sepultura.

Offereceu-nos na casa dos retratos vinho doce, e bôlos. Quizemos deixar uma esmola para o convento: recusou-a. Perguntamos-lhe se vendiam bentinhos, porque os desejávamos adquirir como recordação. Sorriu-se.

—Que os bentinhos que tinham, eram os que pessoas de fóra davam aos frades.

Na cêrca offereceu-nos flores, e conduziu-nos até á entrada da matta.

De caminho respondia com boa sombra ás perguntas que lhe faziamos.

Disse-nos que havia uma escola para o sexo masculino annexa ao convento, mas com entrada independente. [1]

Disse nos mais que n'essa epoca eram uns vinte os frades, e que o resto do pessoal

270 — Chalets e avenida dos Cucos

orçava por quinze homens; que no convento não entravam mulheres, mas que na povoação havia um recolhimento de irmãs hospitaleiras de S. José com escola para meninas. Acrescentou que viviam pobremente, mas que do seu pouco repartiam com os pobres. Mostrou-nos a sacristia, em cujos azulejos, que revestem as paredes, se lêem disticos metrificados em castelhano. Por exemplo:

Mi coraçon como cera
Se derrite en dulce ardor
Con tu fuego, ay Dios d'Amor,
Si hasta aqui de marmol era.

Estes disticos devem ser composição de Frei Antonio das Chagas, que versejou gongoricamente em portuguez, e que no seculo XVII reformou o instituto do Varatojo, depois de ter vivido uma vida galante de militar aventuroso. [2]

---

[1] Em novembro de 1907 foi inaugurada no logar do Varatojo uma escola primaria, edificada por subscripção publica.

E' a melhor de todo o concelho de Torres Vedras.

Tem o edificio 10 amplas janellas.

A sala mede 17 metros de comprimento, 9 de largura, e 4,5 de altura.

[2] *Vida mundana de um frade virtuoso*, Lisboa, 1890.

N'aquella simples quadra, que de industria preferimos, está todo o drama da conversão de Frei Antonio das Chagas.

Na igreja, no claustro e na cêrca encontramos alguns camponezes, uns imberbes, outros velhos, orando como em extasi ou lendo livros mysticos. Um d'esses livros, cujo titulo pudemos ler, denominava-se—*Devoção das Chagas de Christo.*

E ao cabo de uma visita de hora e meia, saimos do convento do Varatojo com a mesma impressão que poderiamos trazer ha duzentos annos.

Parecia que o tempo se havia immobilisado no passado!...

Aqui tem o leitor, substancialmente, o que é o convento do Varatojo.

Reuniu-se n'elle um grupo de homens que rezam e trabalham, que ensinam a ler as creanças, que missionam pelas provincias, que nada pedem, e apenas acceitam para seu sustento as esmolas que lhes mandam de longe ou de perto; que, n'uma palavra, fizeram da Fé o ideal da sua vida, obscura mas não mysteriosa, porque de par em par abrem a porta da sua casa a quem deseja observal-a.

Ora a fé em Deus é a unica virtude verdadeiramente respeitavel na terra; que a fé nos homens chega ás vezes a ser uma tonteria de espiritos credulos.

A *Historia da fundação do real convento e seminario de Varatojo* foi escripta por Frei Manuel de Maria Santissima, e publicada no Porto em dois volumes, 1799-1800.

Na igreja fazem-se todos os annos duas festas, que são muito concorridas: a Santo Antonio e S. Francisco d'Assis.

O convento do Barro, a 2 kilometros de Torres Vedras para o sul, é hoje a principal casa da ordem dos jesuitas em Portugal.

Foi fundada em 1570 pela infanta D. Maria, filha de el-rei D. Manuel, e pertenceu aos frades arrabidos.

Em 1833, como todos os outros conventos masculinos, foi vendido em praça.

O arrematante conservou-o em seu poder até 1857, anno em que o ultimo marquez de Vallada lh'o comprou.

Pouco depois a propriedade do convento, da igreja e da matta foi adquirida pelo padre Carlos Rademaker, para uso dos jesuitas, os quaes transformaram o edificio e n'elle estabeleceram um collegio semelhante ao de Campolide.

A entrada no estabelecimento é publica.

Aulas, camaratas, refeitorio, casa de banho, enfermaria, tudo revela meticuloso asseio e cuidado.

O ensino é ministrado com aquella segurança e competencia que caracterisa todos os collegios de jesuitas.

O Barro contrasta, em sua abastança, com a simplicidade frugal do Varatojo.

Eu gosto mais do Varatojo por isso.

Mas reconheço que não ha melhor professor do que o jesuita.

E agora deitem-me fogo se quizerem. Eu deixar-me-hei arder, que estou disposto para tudo.

Na igreja do Barro venera-se uma preciosa imagem de Nossa Senhora dos Anjos, a que se faz uma festa com arraial.

O convento da Pena Firme, a 8 kilometros da villa, sobre a costa do oceano, foi fundado em 1226, e era de frades agostinhos calçados.

D'este edificio, que pertence ao sr. Francisco Avelino Nunes de Carvalho, restam apenas as paredes.

Mas na igreja, ainda coberta, exerce se o culto em determinadas occasiões.

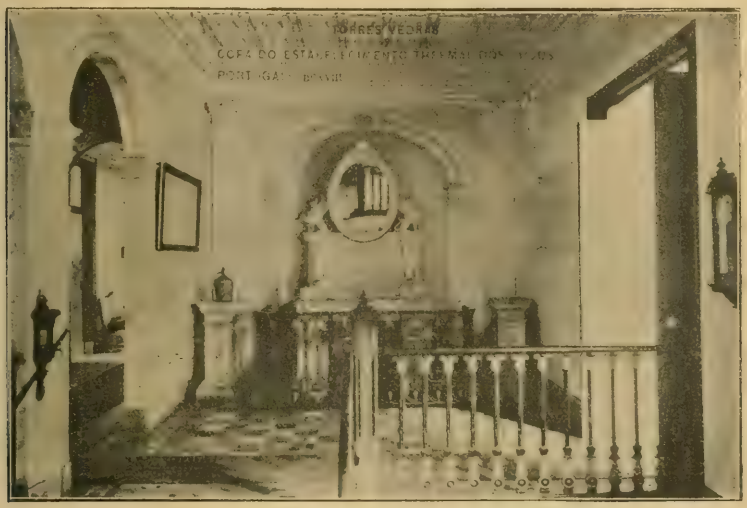
Agora, leitor amigo, para acabar de contental-o com algumas tinturas de historia local, deixe-me dizer-lhe ainda qualquer coisa da extincta grandeza heraldica de Torres.

Sir Arthur Wellesley, o famoso general em chefe dos exercitos alliados na guerra

peninsular, foi agraciado pelo governo portuguez com o titulo de marquez de Torres Vedras, por decreto de 17 de dezembro de 1811, sendo já conde do Vimeiro desde maio d'esse anno.

No tempo dos Filippes houve o titulo de conde de Torres Vedras, que parece ter sido creado logo no principio d'aquelle governo, em favor de descendentes de um fidalgo hespanhol que viera para Portugal em 1500 com sua mãe, camareira da rainha D. Maria, segunda mulher de el-rei D. Manuel.

Chamava-se elle D. João de Alarcão e casou com uma neta de Ruy Gomes Alvarenga, que passa por ser o primeiro alcaide-mór de Torres Vedras.



271 — Copa do estabelecimento thermal dos Cucos

Pelo seu casamento, veio D. João de Alarcão a ficar investido nos bens da casa da mulher e na alcaidaria que andava na familia d'ella.

Foi elle que mandou edificar o palacio do Castello, onde passou a residir, largando então a casa do Patim, na baixa da villa, que era do sogro.

Um dos seus descendentes, D. Martim Soares de Alarcão e Mello, 6.º alcaide-mór de Torres Vedras, duas vezes resistiu ao Prior do Crato D. Antonio, que da primeira lhe confiscou os bens, e deu o titulo de conde de Torres Vedras ao seu valído Manuel da Silva Coutinho, o qual morreu degolado em Angra do Heroismo.

Da segunda vez, que foi quando D. Antonio voltou com a armada ingleza, oppoz-lhe o alcaide-mór tão forte resistencia, que o infeliz pretendente nunca mais tornou a dizer—Torres Vedras, mas sim Torres Traidoras.

D. Martim teve um neto que se chamou D. João Soares de Alarcão como o pai, e que depois da Restauração acolheu-se a Castella, onde continuou o titulo de conde de Torres Vedras e recebeu o de marquez do Turcifal.

Diz Madeira Torres na sua monographia que este foi o «primeiro e ultimo marquez de Turcifal»; mas pela *Historia Genealogica* (tomo IX, pag. 328) vê-se que uma sua filha, D. Marianna de Alarcão e Noronha, continuou o marquezado, e que os dois titulos seguiram na linha dos Alarcões já então entroncados com os Velascos.

Os bens dos Alarcões em Torres Vedras e a alcaidaria-mór foram doados, depois de 1640, á familia dos Camaras Coutinhos, condes da Taipa.

—Agora, diz-me o leitor, acho que já tem cumprido o seu dever.

—Pois agora, replico eu, não hei de deixar de lembrar-lhe, para minha vingança e seu castigo, aquella referencia de Camões:

> Já lhe obedece toda a Extremadura,
> Obidos, Alemquer, por onde sôa
> O tom das frescas aguas entre as pedras
> Que murmurando lava, e Torres Vedras.

Com esta sonora pitada de *Lusiadas* deve V. Ex.ª ficar satisfeitissimo, e eu tambem.

II

O CONCELHO

Torres Vedras é o centro de uma das mais importantes e productivas regiões vinhateiras da provincia da Extremadura.

A natureza e accidentes do solo contribuem para a variedade dos typos, mas discriminam-se especialmente tres:

Typo fraco, originario dos terrenos sêccos e arenosos.

Typo bastão, procedente dos varzidos.

Typo fino ou superior, que se cria nas collinas, e alguns entendedores comparam ao vinho generoso do Douro.

Os vinhos de Torres que no commercio gosam de maior credito são os de Dois Portos, Caxaria, Carmões, Ordasqueira, Matacães e Calvel.

Nas tabernas de Lisboa o *torreano* em geral—mais ou menos puro—é muito procurado pelos piteireiros de profissão.

Antonio Augusto de Aguiar, nas suas *Conferencias*, disse em 1876 a respeito dos processos de vinificação na região de Torres:

«A proximidade do oceano, o relevo do solo, bastante montanhoso, influem no clima, difficultando, em alguns pontos, a maturação da uva, se não na realidade, para que ella possa produzir vinho de pasto, como eu imagino e desejo que façam, pelo menos na apparencia, por isso que é um pouco difficil chegar á maturidade forçada, que se exige para vinhos de lotação.

«E d'aqui resulta, que a despeito do excellente terreno de vinha e da sua regular e por vezes abundante producção, os vinhateiros, querendo aproximar-se das percentagens saccharinas mais elevadas, e sobretudo das côres mais intensas, puxam pelas orelhas á maturação, por meio de diversos artificios».

Vinte e quatro annos depois, em 1900, dois professores do Instituto Agronomico de Lisboa escreveram no *Portugal au point de vue agricole:*

«A mais notavel região pela quantidade de vinhos que produz é incontestavelmente Torres Vedras. Ahi se colhem vinhos de valor intrinseco um pouco variavel, mas na maior parte bem equilibrados, e com larga acceitação tanto no mercado nacional como nos extrangeiros. Os vinhos afamados de Turcifal, de Calvel, de Runa, de Dois Portos, bem como os de Enxaras, de Matacães, e da Ribaldeira caracterisam na generalidade um typo mais ou menos uniforme, a que se dá o nome commum de vinho de Torres e que tem um largo consumo em Lisboa.

«N'outro tempo, anteriormente á invasão da phylloxera, a região vinicola de Torres Vedras era a mais importante de todo paiz quanto á producção de vinhos de mesa —vinhos tintos principalmente—e era com o stock de vinhos d'esta categoria que se abasteciam os principaes mercados do sul.

«Hoje, a zona de Torres Vedras, postoque reconstituida, não chegou ainda a estado de fornecer a quantidade de vinhos que produzia antes de 1885».

Todavia, em 1904, ouvi calcular em 30:000 pipas a producção annual de todo o concelho.

Estes algarismos demonstram eloquentemente a importancia, a riqueza vinicola da região torreana, aliás tambem fertil em hortaliças e fructas.

Assim, as numerosas quintas do concelho representam um alto valor agricola, não só sob o ponto de vista ampelographico, mas tambem da pomologia geral.

Vamos enumeral-as, sem comtudo as distribuirmos pelas suas respectivas freguezias; mais facilmente poderemos d'este modo formular um rapido inventario.

A quinta do Calvel, que foi do conde de Farrobo e é hoje do sr. Antonio Agostinho da Silva Henríques, com uma pittoresca vivenda e frondosa matta, produz 300 pipas annualmente.

O professor Ferreira Lapa comparou este vasto dominio vinicola aos celebres *chateaux* de Médoc, que illustram a obra de Franck.

A quinta de Charnixe, do sr. Joaquim Gomes de Sousa Belford, abrange uma superficie total de 130 hectares, cuja principal cultura é a vinha.

Possue uma adega de vastas dimensões: 70 metros de comprimento por 9 de largura.

272 — Portico da igreja de S. Pedro

Teem sido feitas largas replantações com cêpas americanas, especialmente Riparias e Rupestris.

A quinta das Lapas tem todo o caracter de grandeza nobre: entrada monumental, palacio com larga escadaria e ampla varanda, comquanto o edificio pareça ter ficado incompleto e por isso desharmonico; jardim com alegretes e bancos revestidos de azulejos; matta frondosa, sombreada de arvores colossaes, entre ellas o «sobreiro dos quatro irmãos» — assim chamado porque o tronco se quadrifurcou, e tres medronheiros de dimensões excepcionalmente gigantescas.

Esta quinta foi dos marquezes de Penalva (Telles da Silva) e é hoje dos condes de Tarouca, seus herdeiros.

Aqui falleceu, a 27 de outubro de 1905, a ultima marqueza de Penalva.

Dentro da matta nasce uma fonte de aguas ferreas.

Quinta da Ermigeira, dos viscondes de Balsemão.

Quinto da Chapoceira, que era da condessa de Camaride.

Quinta da Boa Vista, de José Eduardo Cesar — Quinta de Bolores, de Emydio Ribeiro Pereira—Quinta da Certã, de F. Dias Sarreira—Quinta das Covas, de Antonio Au-

gusto Cabral — Quinta das Fontainhas, de Antonio Rodrigues Moraes e Manuel Francisco Marques — Quinta do Hylarião, de Rufino José Garcia da Silva — Quinta de José Accursio, de Francisco Avelino Nunes de Carvalho — Quinta de Maria José, do mesmo. — Quintas do Prior e da Rosa, dos herdeiros de D. Bernardina Fivelim — Quinta da Rigueira, de Antonio Marques da Trindade — Quinta da Gallegueira, de Moura Borges. — Quinta da Maceira, do dr. Justino Xavier da Silva Freire — Quinta da Piedade, de D. Maria da Luz Pinto — Quinta das Barreiras, do conde de Bertiandos — Quinta de Bello Jardim, de Sebastião Trigoso — Quinta do Franco, de Antonio Baptista — Quinta do Paço, de D. Ricarda Botto Pimentel — Quinta da Gloria, de João Paulo Martins — Quinta d'Alem, de Francisco Maria Bacellar — Quinta da Almoinha, da Liga Agricola Torreana — Quinta do Barreiro, de Manuel Ferreira de Carvalho — Quinta da Carrasca, de D. Luciana Rodrigues Penalva — Quinta da Charneca, de Antonio Bandeira — Quinta da Conceição, de Antonio Marques dos Santos — Quinta do Hespanhol, de João Perestrello de Vasconcellos — Quinta do Pisão, [1] do conde de Azambuja — Quinta da Torre, dos herdeiros de Augusto Potch — Quinta da Matta, dos herdeiros de Mathias Innocencio da Matta — Quinta do Juncal, [2] de Sebastião Trigoso — Quinta da Macheia, de José Gonçalves Dias Neiva — Quinta do Arneiro Velho, de Manuel Correia — Quinta da Messejana, de Nuno Gorjão — Quintas das Pontes e de Paio Correia, de D. Maria Augusta de Moura Borges — Quinta do Pisão, [3] de Ignacio Lopes Franco — Quinta das Pederneiras, do dr. Barros e Cunha — Da Granja, de Antonio de Sampaio — Quinta do Retiro, do mesmo proprietario — Quinta da Ponte, de José Gonçalves Dias Neiva — Quinto do Ulmeiro, de Francisco Duarte da Silva — Quinta do Alfayate, de João Anastacio de Carvalho Carneiro — Quinta da Areia, de José Duarte Barreto de Pina — Quinta de Fez, de Carlos Ahrends — Quinta da Viscondessa, que foi da familia Bataha Reis e hoje é do Ministerio das Obras Publicas — Quinta da Melroeira, da viuva Vasconcellos — Quinta da Estrella, de Manuel Reis — Quinta da Rocheira, de José Raul Serrão Barbosa de Araujo — Quinta de Valle de Gallegos, de Francisco Chichoro — Quinta do Ulmeiro, de Francisco Alberto Bastos — Quinta de Almiara, de Francisco dos Santos Bernardes — Quinta do Infesto, dos herdeiros do dr. Luiz Antonio Martins, etc.

Por este interessante inventario, que aliás procuramos tornar o mais succinto possivel, se conhece evidentemente a riqueza agricola do concelho de Torres Vedras, repartida pelas 18 freguezias de que elle se compõe, e que são as seguintes, alem das 4 que a villa comprehende:

S. Domingos de Carmões com 1.146 habitantes. Chamava-se outr'ora S. Domingos dos Clamores, e pertenceu ao extincto concelho da Ribaldeira. Compõe se de sete logares. Tem mercado de peixe todos os domingos. Possue duas escolas, para ambos os sexos.

Nossa Senhora da Luz da Carvoeira, com 1.945 habitantes, tem 9 logares, um dos quaes é a Panasqueira, muito lembrada no theatro de assumptos saloios.

Deve o nome ao facto de ter minas de carvão na sua área.

Possue uma escola mixta.

Nossa Senhora da Luz dos Cunhados (vulgarmente «A dos Cunhados») com 2.301 habitantes.

Comprehende 6 logares.

---

[1] Na freguezia de Dois Portos.

[2] A' qual foi encorporada a antiga quinta do Mosteiro. Vide mais adeante a noticia sobre Matacães

[3] Na freguezia do Ramalhal.

Abrange uma faixa de litoral na extensão de 8 kilometros.

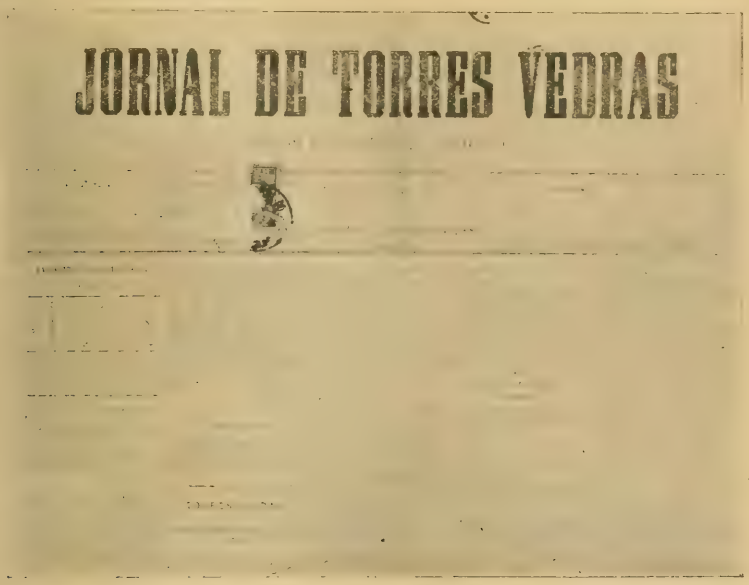
Na praia de Porto Novo funcciona uma armação de pesca, valenciana.

Tem escola official para o sexo masculino e uma associação de soccorros mutuos Monte-pio de Nossa Senhora da Luz.

No logar da Maceira recommendam-se as caldas chamadas da Maceira do Vimeiro, que são boas para o tratamento de dermatoses.

A principal industria d'esta freguezia consiste na exploração de cantarias e fornos de cal.

S. Pedro de Dois Portos, com 3.495 habitantes, 12 logares, uma estação de caminho de ferro, e uma escola.



JORNAL DE TORRES VEDRAS

273 — Fac-simile do *Jornal de Torres Vedras*

Occorre logo perguntar: qual seria o motivo do onomastico Dois Portos? Debalde consultei a tradição popular.

Ouvi sobre o assumpto o meu velho amigo dr. Marques Barreiros, que é proprietario n'um dos logares d'esta parochia chamado Caxaria, [1] e que me respondeu com a seguinte hypothese muito verosimil:

«As minhas propriedades, e grandes terrenos em volta — valle e serranias — estiveram outr'ora debaixo das aguas do mar: encontram-se por aqui muitos mariscos e conchas encrustados em rochas.

«Dois Portos fica em pequena elevação á beira d'um valle ou ribeira, que outr'ora foi lago que abrangia toda a ribeira até alem de Runa, onde a fechava um monte que foi cortado, dando-se evasão ás aguas, e tornando-a cultivavel, como aconteceu ao grande valle de Villa Pouca de Aguiar que certamente conheces.

[1] O dr. Marques Barreiros falleceu em Lisboa a 9 de maio de 1907. A sua casa da Caxaria compõe-se de grandes propriedades, que por não serem conjuntas não teem tido o nome de quinta.

«Nada se sabe sobre isto, senão o que se conhece pela inspecção do local, mas em relação a Villa Pouca de Aguiar a tradição auxilia a observação.

«Em Dois Portos não ha tradição.

«Convergem dois valles a Dois Portos, o que vem de Runa e o que vae na direcção de Sirol.

«Parece-me que quando aquillo era um lago, Dois Portos era porto dos dois valles, e d'ahi o nome de Dois Portos.

«Proximo d'ali, mais elevado, fica o logar da Ribaldeira, que pelo nome indica —Ribas—, ou sitio de velhacaria, oriundo de—ribaldo?—

«Inclino-me ao primeiro caso, e a crêr que tudo deriva das aguas que ali formaram lago por muitos annos.

«Tudo aquillo proveio de erupção vulcanica, e o fóco lá está ainda nos—Cucos—a dois kilometros de Torres Vedras, onde ha aguas thermaes, petroleo, etc. e grandes montes vulcanicos, ou procedentes de vulcões.»

Se não foi isto, resta-nos tomar a palavra—*portos*—no sentido antigo, como sinonyma dos dois valles que convergem ao logar, e constituiam portas ou entradas do monte.

O logar séde da freguezia é uma rua-estrada, onde se alinham casas a um e outro lado, como succede em tantas outras povoações do sul, e algumas do norte.

Foi essa estrada, que conduz de Lisboa a Torres Vedras e tem a designação de 71 A, a causa de se agrupar aqui um povoado.

O logar da Ribaldeira era antigamente villa e séde do concelho do seu nome, extincto por decreto de 24 de outubro de 1855.

Aqui teve a rainha D. Beatriz de Gusmão, segunda mulher de Affonso III, uma quinta, que doou á Ordem de Santiago.

O dr. Thomaz de Carvalho, lente da Escola Medica de Lisboa, escriptor e academico, possuia na Ribaldeira uma casa e quintal, onde costumava passar os mezes de verão.

Por sua morte legou esta propriedade a D. Leonor Climaco de Almeida com a obrigação de sustentar uma irmã d'elle testador.

A Ribaldeira fica entre dois Portos e Runa.

Organisou-se ali uma sociedade musical, com o nome de—Philarmonica da Ribaldeira.

E funcciona um forno de cal, pertencente a Daniel da Motta.

O logar da Patameira tornou-se notavel pelo seu antigo morgado, que foi instituido por D. Martim Affonso Pires da Charneca, arcebispo de Braga, o qual falleceu em Lisboa no anno 1416.

Era coisa muito para vêr-se outr'ora todo este dominio senhorial com seus muros e ameias, matta, fontes, jardins e ermidas.

Um filho do arcebispo, chamado Affonso de Miranda, alcaide-mór de Torres Vedras, foi o primeiro administrador d'este vinculo.

Os filhos dos prelados só podem consolar-se de não ter mãe authentica quando os pais os criam... para morgados da Patameira.

O logar da Feliteira é uma linda aldéa que, no dorso da serrania, surge d'entre pampanos cortada pelo rio Sizandro.

Estancia deliciosa para veranear: frescura de arvoredo e agua; ares puros e reconfortantes; convivência com alguns moradores illustrados e familias em *villegiature*; passeios a localidades proximas ou que o caminho de ferro aproxima; commodidade de um apeadeiro que serve a povoação entre as estações de Pero Negro e Dois Portos.

---

1 *Mon. Lus.*, tomo V, pag. 468.

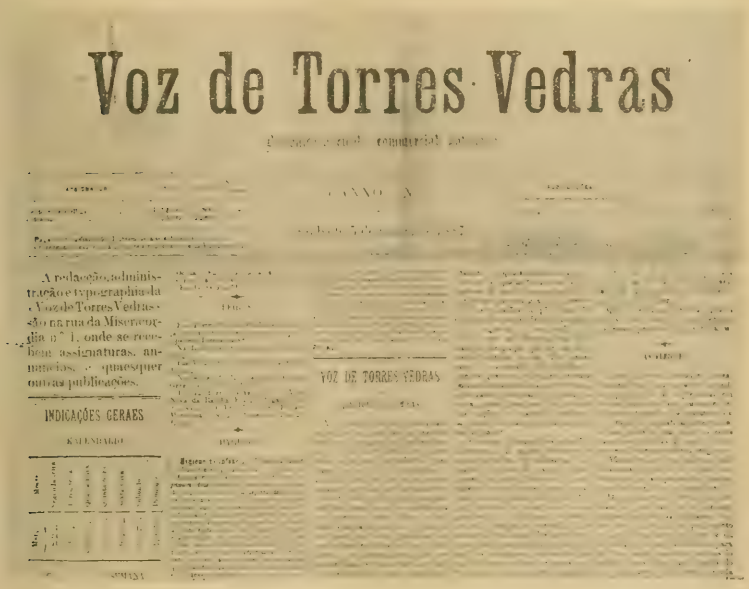
D'antes, quando a viagem era difficil, já para aqui vinham descansar no estio algumas pessoas distinctas, taes como o illustre pintor Francisco Augusto Metrass e Luiz Augusto Palmerin, o Beranger portuguez.

Agora, graças ao seu apeadeiro, a Feliteira recebe mais avultado numero de veraneantes que n'esta paragem passam o tempo desenfadadamente e levam uma boa dóse de saude quando se retiram saudosos.

Torna-se preciso um hotel. e mais algumas casas para alugar.

A estrada do Sobral á Feliteira, já estudada, deverá ser muito vantajosa para a povoação. que tem estação postal e vai ter uma escola.

Quem o diria ha trinta annos!



Voz de Torres Vedras

A redacção, administração e typographia da Voz de Torres Vedras são na rua da Misericordia n.º 1, onde se recebem assignaturas, annuncios, e quaesquer outras publicações.

INDICAÇÕES GERAES

VOZ DE TORRES VEDRAS

274 — Fac simile da *Voz de Torres Vedras*

Falhou, e foi pena, a tentativa de um club e de uma tuna, mas quem teima, vence, e a Feliteira parece disposta a teimar patrioticamente.

No Furadouro, outro dos logares da freguezia de Dois Portos, ha pedreiras de excellentes marmores, d'onde se extraiu grande parte dos que foram empregados na construcção do Asylo de Runa.

Finalmente, o logar chamado Ribeira de Maria Affonso, que em 1894 contava 34 fogos segundo o *Diccionario Postal*, tem a recommendal-o a sua especialidade de vinnos brancos muito elogiados pelo professor Aguiar em 1876.

O mesmo professor lastimou que a falta de mercado para estes vinhos induzisse os proprietarios dos terrenos, em que elles se criavam, a substituir as uvas brancas pelas castas tintas.

Ha aqui uma capella de Nossa Senhora dos Anjos, que possue alguns quadros estimaveis, e pertence a D. Delphina Ramalho.

Faz-se o Mez de Maria e uma festa em agosto, n'este templosinho.

A freguezia de S. Lucas da Freiria ou Freiria dos Chapeus, com 1.693 habitantes, está situada sobre uma pequena ribeira que vai confluir com a do Gradil.

Comprehende ao todo 9 logares e tem uma escola mixta.

Da freguezia de Matacães, com 1.393 habitantes, é orago Nossa Senhora da Oliveira.

Para explicar o seu nome, conta a tradição que os mouros, rechaçados pelas hostes de Affonso Henriques, foram por estas perseguidos ao grito de *Mata cães*, — mata que são pêrros.

A lembrança do successo daria origem ao onomastico do logar em que elle se foi desenrolando.

Procuraram os mouros fazer-se fortes n'um outeiro — onde havia uma mesquita — que por isso se ficou chamando *Monte dos mouros*. Tanto dentro da mesquita (de que ainda hoje se indica o sitio na matta da quinta do Juncal) como fóra d'ella, a carnagem nos mouros foi tamanha, que tingiu de vermelho o ribeiro Golez, desde então denominado — *Rio de sangue*. [1]

Matacães dista da villa de Torres Vedras quatro kilometros para suéste, e da estação de Runa um kilometro.

Comprehende 9 logares, tres dos quaes com a mesma desinencia: Ordasqueira, Sevilheira, Zurragueira.

Entre a Ordasqueira e o logar séde da parochia fica ao occidente o monte do Calvario, com uma capella do Senhor Jesus d'esta invocação, ao qual se faz uma concorridissima romaria, no mez de abril.

De Matacães vai todos os annos um cirio á festa da Nazareth. Pinheiro Chagas refere-se a este cirio no livro *Fóra da terra*:

«Pois a mim, o que mais me agradou, foi o cirio de Matacães. E não foi por ser Matacães, a patria d'aquelle *alho*, que Leoni reproduzia com tão comica ingenuidade:

Em Matacães, na minha aldea
Diz toda a gente á bocca cheia...

«Não foi por isso, foi porque o cirio de Matacães, o primeiro que eu vi entrar, é um verdadeiro cirio, conforme com a tradição. Pequeno, constando talvez de uns vinte homens todos a cavallo, traz na frente um tocador de gaita de folles. Brilham pela sua ausencia os caleches, e os romeiros montam em excellentes machos, alguns d'elles adornados com um luxo maravilhoso, mas arreiados á portugueza, com o seu aspecto caracteristico e nacional. Os outros cirios, os cirios pomposos, trazem philarmonicas, e a do cirio das Caldas tocava, ao entrar na Nazareth, a *Filha da Senhora Angot*.»

N'esta patriotica Matacães, duas vezes patriotica, por se ter desembaraçado dos mouros de um modo seguro — matando-os — e porque conserva no seu cirio a classica tradição dos genuinos cirios nacionaes, ainda ha a ferir uma terceira nota de patriotismo, a de preparar cidadãos uteis á patria em duas escolas officiaes — para ambos os sexos.

Alem d'isto, que já não seria pouco, tem Matacães outro predicado que a recommenda á consideração publica, se devemos acreditar nos livros.

Houve aqui uma quinta chamada do Mosteiro, porque os eremitas de Santo Agostinho junto a ella quizeram edificar um convento seu, ideia que aliás abandonaram em razão de os contrariar a falta de agua.

---

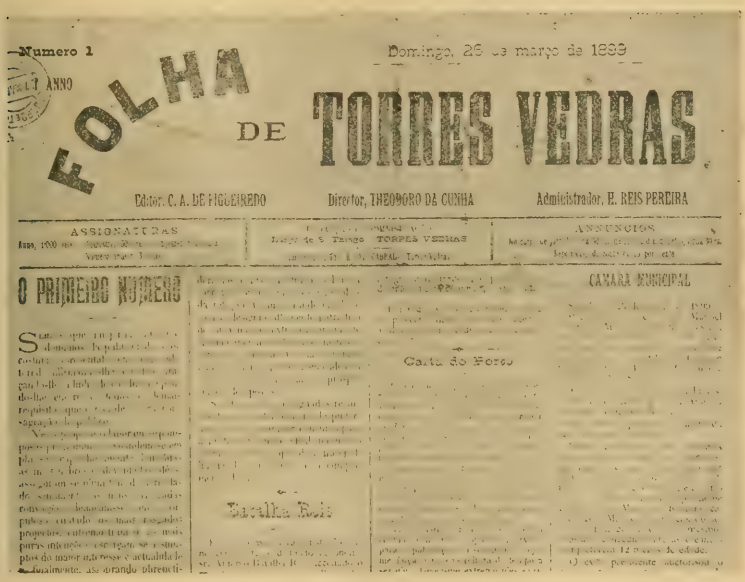
[1] Talvez porque n'estes sitios houvesse grande quantidade de pedregulhos, com que o povo, auxiliando os soldados, lapidaria os mouros — o que é possivel acontecesse tambem em outros logares — se dá ainda o nome de *matacão* a uma pedra de arremesso.

Ora essa quinta doou-a el-rei D. Manuel a Gil Vicente, o famoso poeta dos autos, o qual n'ella viveu retirado quatro annos, trabalhando na coordenação das suas obras, e n'ella falleceu.

A quinta do Mosteiro pertencêra á familia de Gil Vicente até quasi ao fim do seculo XVII; depois foi encorporada no vinculo do Juncal. [1]

Dito isto, podem os auctores de comedias e scenas comicas saloias zombar á vontade de Matacães... que vale mais do que elles.

A freguezia de Santa Suzana do Maxial, com 2.192 habitantes, dista de Torres Vedras 10 kilometros, e 3 da estação do Ramalhal.



Numero 1 — Domingo, 26 de março de 1899

FOLHA DE TORRES VEDRAS

Editor, C. A. DE FIGUEIREDO — Director, THEOPHILO DA CUNHA — Administrador, E. REIS PEREIRA

ASSIGNATURAS — ANNUNCIOS

O PRIMEIRO NUMERO

CAMARA MUNICIPAL

Carta do Porto

Batalha Real

275 — Fac-simile da *Folha de Torres Vedras*

Parece que os fundadores da igreja parochial foram cruzados francezes que auxiliaram Affonso Henriques na conquista de Lisboa.

O logar séde da parochia está situado junto ao rio Alcabrichel.

Comprehende mais 7 logares, em alguns dos quaes tambem se nota a desinencia *eira*, muito vulgar nas povoações saloias—taes são os de Ermigeira, Ereira e Lobagueira, [2] este ultimo banhado por um regato, que nasce na falda do monte de S. Matheus.

Ha duas escolas para ambos os sexos.

Na Ermigeira está situada a quinta do visconde de Balsemão.

A freguezia do Espirito Santo de Monte Redondo tem 887 habitantes, duas escolas, e varios fornos que fabricam telha e tijolo.

---

[1] Visconde de Sanches de Baena, *Gil Vicente*, 1894; Theophilo Braga, *Gil Vicente e as origens do theatro nacional*, 1898

[2] Antigamente dizia-se Lobagueira dos Lobatos, talvez em razão do appellido da familia que primeiro povoou este logar.

Alem do logar do seu nome, comprehende outro, o das Lapas Grandes.

Não passe aqui o leitor sem visitar a quinta dos condes de Tarouca.

E se tiver sêde em Monte Redondo, beba a agua da fonte, que é excellente.

A freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Ponta do Rol, com 1.167 habitantes, situada no valle do Sizandro, deve á necessidade de ter uma ponte sobre este rio a remota origem do seu nome.

Diz se que, passando por aqui um dos nossos antigos reis, alguns moradores já então aldeados lhe requereram que mandasse fazer uma ponte sobre o Sizandro para maior commodidade d'elles.

O monarcha prometteu que sim.

Na despedida o povo instou por que se não demorasse o cumprimento da promessa.

E o rei socegou-os dizendo:

—Vai na *ponta do rol.*

D'aqui, segundo a lenda, o nome d'esta freguezia que comprehende ao todo 7 logares, só um com o suffixo *eira*: Gondrozeira.

Ha uma escola parochial.

A éste do logar brota uma nascente de agua ferrea.

A freguezia de S. Lourenço do Ramalhal, a dois kilometros da estação do seu nome, fica junto ao rio Alcabrichel, na estrada de Torres Vedras a Lisboa, e conta 1.571 habitantes.

Comprehende 4 logares, e tem escola mixta.

A freguezia de S. João Baptista de Runa, com uma população de mais de 1.000 almas, é servida pela estação do seu nome, e tornou se notavel por estar n'ella edificado o Real Asylo dos Invalidos Militares.

O logar de Runa, séde da parochia, situado n'uma planicie amena, não desdiz da pittoresca paizagem que em geral caracterisa o concelho de Torres Vedras.

O rio Sizandro, com boa sombra de arvoredo, interpõe-se ao Asylo e ao logar; e a linha ferrea passa junto a ambos.

Do alto das Lombas gosa-se um largo panorama, dentro do qual se destacam tanto a povoação como o Asylo, e muitos outros logares e quintas n'um gracioso conjunto de belleza campestre e vida rural.

A infanta D. Maria Francisca Benedicta, a ultima das quatro lindas filhas d'el-rei D. José, foi a fundadora do Asylo de Runa.

Tinha pouco mais de trinta annos de idade quando em 1777 casou com o principe D. José, seu sobrinho, em cuja cabeça devia pousar um dia a corôa de Portugal.

Este principe, comquanto adolescente de 16 annos, era dotado de singulares prendas de intelligencia, e desde a puericia manifestara por sua tia D. Maria Benedicta uma carinhosa affeição.

A formosura da infanta e a superioridade de um luminoso talento que a illustrava justificavam plenamente a terna predilecção do principe, não obstante a differença das idades.

El rei D. José, tres dias antes de morrer, quiz assistir ao casamento da filha com o neto, apressando esta alliança talvez por conhecer não só que a inclinação dos dois era irresistivel, mas tambem, provavelmente, que a herdeira do throno, espirito irresoluto e fragil, em breve careceria de um firme ponto de apoio no bom juizo de uma nora que era ao mesmo tempo sua irmã e seria uma excellente conselheira tanto do marido como da sogra.

Durou apenas onze annos e meio a união conjugal dos dois esposos felizes, porque a morte ceifou em flor a existencia do principe no dia 11 de setembro de 1788.

D. Maria Benedicta ficou profundamente ferida por este golpe inesperado, e como

que absorta na intima visão saudosa que divinisava a memoria do seu querido morto, esse gentil e talentoso rapaz que lhe dera toda a ternura amorosa da mocidade e que mais tarde lhe poderia dar um throno e uma corôa de rainha.

Na amargura da sua viuvez pensou a princeza D. Maria Benedicta em procurar um duplo lenitivo n'uma empresa que ao mesmo tempo fosse um voto de saudade e um instituto de beneficencia.

Lembrou-se então, com o acêrto peculiar a um claro entendimento, de fundar um Asylo onde fossem recolhidos os inválidos do exercito como amparo á sua velhice e doença depois de haverem bem servido a patria.

Silverio Botelho de Queiroz, Editor

A VINHA DE TORRES VEDRAS

Fundada por cinco lavradores d'esta região vinicola

VII ANNO	Assignatura — Uno... Editor, Manoel Francisco Marques, Torres Vedras	Quinta feira, 28 de Setembro de 1895	Annuncios — Preços na 4.ª linha — Repetição 10 réis. Sexta-feira Typographia, Largo do Terremonho	NUM.º 610

OS ADUBOS VERDES

A adubação das terras é uma das questões que mais interessa á agricultura, não só sob o ponto de vista da producção como do genuge, e, dando este ser o mais economico possivel.

Assumpto é este que prende desde ha muito a attenção dos estudiosos, os quaes não deixam de fazer repetidas experiencias, a fim de colher delas resultados que se possam utilisar na pratica.

Ultimamente fizeram-se em diversas regiões da Allemanha novas experiencias com relação ao emprego dos adubos verdes. Um dos mais ardentes propagandistas d'estes adubos, o professor Schultz, ajuda quarenta anos de experiencias ininterrompidas, chegou a esta conclusão: «Com um nome ao lado de cabeças de gado, sem comprar nenhum adubo azotado, juntando apenas potassa, acido phosphorico e cal, conseguiu fixar á custa da atmosphera uma quantidade consideravel de azote. D'este modo pude dimuinir 50 % as despesas do grangeio das cereaes.

Estes resultados merecem attrahir a attenção dos agricultores, que podem encontrar no emprego dos adubos verdes uma importante economia.

As recentes experiencias allemãs tiveram como base o estudo dos seguintes questões:

em tentativas agronomicas tendem a demonstrar a efficacia daquelles adubos. Em um campo de Leterselin o rendimento augmentou na razão de 6.000 kilos por hectare, e em outro consultado o mesmo, não só comparado ao mesmo anno do adubado, augmentou-se com na razão de 6.000 kilos tambem por hectare.

Nos pomares, as experiencias a que nos temos referido foram conclusentes, obtendo-se um exito completo. Ignoramos nos exemplos destinados a cultura do lupulo, planta que tem um enorme consumo na Allemanha por causa da fabrica da cerveja, as experiencias demonstraram os excellentes resultados dos adubos verdes.

O emprego d'estes adubos está tambem sendo estudado na Australia; tem dado se publicado as varias experiencias resultados promettedores e em certos casos pode se mostrar de sua efficacia, a ponto de se considerar o adubo verde como um elemento de grande utilidade para a agricultura, por fornecer, com mais economia, o azote de que as plantas necessitam.

Como se vê, é presumivel que vasto o campo dos novos adubos e em pouco tempo, os adubos verdes, e não ha duvida d'esta, de que estes adubos com dar novos rumos á agricultura trará [illegible] consideravel [illegible] sem ser necessario grande dispendio

Vinhos e vinhos

Do *Commercio do Porto*

Dissemos na ultima Revista que o tempo da semana passada decorreu sobre o [illegible] proximo e [illegible] assim é.

O tempo soprando a principio mais ou menos equinoctial do nordeste, afastou as nuvens que de sul nos invadiam e [illegible] ao [illegible] Parecia entrar-se num periodo seco e de baixa temperatura, dos factores mais poderosos para que os vinhos se melhorem, exprimem-se e se desenvolvam.

Na sexta feira, porem, começou a chover no Porto e em geral produziu-se um ambiente humido por todo o paiz, onde não cahiam chuvas, havia momentos, de sol, e a temperatura, durante as noites, a tal ponto que se se [illegible] as receias de molestias e perigosas, trazendo outros perigos igualmente serios para a vitinultura, era que o mais não [illegible] mais em [illegible] produzindo se um periodo de suspensão de vegetação.

Os tempos [illegible] e os que se [illegible] velhos [illegible] [illegible] [illegible]

Compõe-se este de tres andares com a igreja ao meio, e forma um quadrilatero de 99 metros de frente por 68 de fundo.

Na fachada do sul comprehendia-se o palacio que a princeza reservou para si, e que por sua morte ficou deshabitado mas não desguarnecido de moveis e louças [1].

O edificio, sem ser monumental como o de Mafra, denuncia, porém, como elle o tom pesado e monotono da epoca; e tambem como elle tem uma igreja sumptuosa, ainda que o seja menos, a qual divide a fachada principal e é prejudicada pela mesquinhez do zimborio.

Entre as ricas alfaias do templo merece especial menção a bella custodia de prata dourada, com innumeras pedras preciosas, cujo desenho foi traçado pela mão da princeza fundadora.

Entra-se para o Asylo por uma extensa avenida, de 170 metros de comprimento, orlada de arvores e roseiras, no topo da qual, em frente da igreja, se ergue sobre um pedestal de marmore o busto de el-rei D. Pedro V em bronze, [2] inaugurado a 21 de dezembro de 1879.

Tem este busto uma historia que se conta rapidamente.

Alguns officiaes do exercito residentes no Porto lembraram se de, em homenagem á memoria de el rei D. Pedro V, promover uma subscripção, com cujo producto não só ampliassem a dotação do Asylo para n'elle ser recebido o possivel numero de praças do ultramar, mas tambem a celebração de uma missa annual por alma do chorado monarcha, e a erecção do seu busto no recinto do estabelecimento.

Estas resoluções foram approvadas por carta de lei de 1 de s tembro de 1869.

A direcção do Asylo recebeu o producto da subscripção: inscripções no valor nominal de 15:000$000 reis e 28$635 reis em metal.

A princeza fundadora dispendeu na construcção do edificio a somma de 600:000$000 reis, e legou lhe todos os seus haveres, incluindo as joias.

A desamortisação dos bens de mão morta fez que o Asylo tivesse de pôr em praça algumas propriedades rusticas (com excepção do pinhal de Monte Redondo, que lhe fornece lenha e madeira) as quaes propriedades eram dotação sua.

Um dos arrematantes foi o conselheiro João Gualberto de Barros e Cunha. (1881).

A imperatriz Amelia, viuva de D. Pedro IV, subsidiou em sua vida com donativos annuaes a manutenção do Asylo, cuja administração a fundadora entregou por disposição testamentaria ao ministerio da guerra, o qual cobra hoje todos os rendimentos d'aquelle hospicio militar no valor de 4:000$000 reis, mas inscreveu no seu orçamento de despesa as verbas de 4:532$000 (vencimento dos empregados e pré das praças invalidas) e de 9:062$000 reis (custeio de mantimentos, conservação, expediente, etc.) que fazem face ás exigencias do funccionamento normal do Asylo.

Tanto sobre este instituto como sobre a vida da princeza fundadora recommendo ao leitor a *Descripção do Real Asylo de Invalidos Militares em Runa* (Lisboa, 1882) pelo meu amigo snr. major Escrivanis, a quem ainda tornarei a referir-me quando falar de Cascaes; e o *Elogio historico da princeza D. Maria Francisca Benedicta*, Paris, 1836.

A freguezia de Runa comprehende mais os logares de Monte de Rei Grande, Monte de Rei Pequeno, e Penedo, e parece ter-se constituido ha mais de tres seculos com alguns parochianos de S. Pedro de Torres Vedras.

A sua principal industria são fornos de cal.

---

[1] Na estrada de Runa, proximo aos Cucos, ha uma lapa rodeada de arvoredo silvestre, que se chama *Gruta da Princeza*, por ser o passeio predilecto da fundadora do Asylo, quando no verão vinha residir n'este palacio.

[2] Foi fundido em Lisboa no Arsenal do Exercito.

Tem escola official, e duas particulares.

Ha feira a 29 de setembro.

A freguezia de S. Pedro da Cadeira conta 3.912 habitantes, e fica um kilometro ao sul da margem esquerda do Sizandro.

Abrange um litoral de 12 kilometros, com dois portos, um na Assenta e outro proximo a Cambellas, ambos accessiveis a pequenas embarcações de pesca.

Está comprehendida n'este litoral a linda praia de Santa Cruz, ao sul da qual desemboca o Sizandro no sitio denominado Foz d'Areia.

Santa Cruz—antigamente Santa Cruz de Riba-Mar—parece ter sido outr'ora séde de parochia.

Na epoca balnear é hoje muito concorrida, principalmente desde que por iniciativa do sr. Antonio Palha de Figueiredo Rego se construiu uma estrada de Torres a esta praia. Antigamente a viagem fazia-se pelo areal em carro de bois ou a cavallo. Tem esta povoação ruas e praças, e um hotel que se denomina *Havanez*. Fóra d'aquella epoca, a maior parte das casas conserva-se fechada. Mas no dia 3 de maio, ou no domingo seguinte, vem aqui muita gente do concelho fazer merendas, e ha descantes e bailaricos á beira-mar, por motivo da festa da Vera Cruz na pequena capella de Santa Helena.

A praia é bella e espaçosa, e tem um penedo isolado notavel pela sua grandeza: é conhecido pela designação de Penedo do Guincho [1].

A igreja parochial da freguezia de S. Pedro da Cadeira é antiga; crê-se datar, pelo menos, do seculo XIV ou XV.

Comprehende esta freguezia varios logares e casaes; perto de um d'estes, o de Povoral, rompe uma nascente que revolve a areia com violencia e vai depois formar uma ribeira affluente do Sizandro.

Ha escola para o sexo masculino.

Toda a freguezia é muito abundante de hortaliças, que abastecem o mercado de Torres Vedras.

A freguezia de Santa Maria Magdalena do Turcifal, com 2.734 habitantes, está situada na estrada de Torres Vedras a Lisboa.

Dista da cabeça do concelho 7 kilometros, para o sul.

Quanto á etymologia do seu nome (que os antigos graphavam Trucifal) não me atrevo a reproduzir a versão das «Memorias parochiaes de 1755», tão disparatada a acho. [1]

A igreja parochial, que substitue a antiga, foi concluida em 1755.

E' de uma só nave, mas ampla, e toda de cantaria.

Comprehende esta freguezia, ao todo, 8 logares.

Tem duas escolas, para ambos os sexos; medico e pharmacia.

Faz-se aqui a feira chamada do Matto, no ultimo domingo de agosto: é de madeiras e junco.

A freguezia de S. Mamede de Ventosa, com 3.171 habitantes, dista de Torres Vedras 7 kilometros para sudoéste.

O logar que é séde da parochia está situado um kilometro a oéste da ribeira do Gradil.

A freguezia comprehende mais 20 logares.

Tem escolas para um e outro sexo.

---

[1] As praias do concelho de Torres, contando do norte para o sul, são: Ribamar (uma parte), Porto Novo, Santa Rita, Santa Cruz, Foz d'Areia e Assenta.

Em Porto Novo funcciona, desde maio de 1902, uma armação valenciana.

[1] Veja-a o leitor, se quizer, no vol. 8, pag. 257, do *Archeologo Português*.

Fica dentro d'esta freguezia a quinta de Charnixe.

O concelho de Torres Vedras, com uma população total de 35:567 habitantes, faz parte do districto administrativo de Lisboa.

Ecclesiasticamente pertence ao Patriarchado.

A villa é sede de uma comarca de 1.ª classe.

Sobre o concelho e villa compoz Manuel Agostinho Madeira Torres, que foi prior de Santa Maria do Castello, uma monographia, a qual sahiu primeiro nas *Memorias da Academia* e depois em *separata*.

Ha duas edições. Tenho a 2.ª, que é de 1861.

Não foi este o unico torreense cujo nome ficará lembrado. Outros filhos illustres tem tido o concelho de Torres Vedras.

D. Pedro, conde de Barcellos, bastardo de el-rei D. Diniz e auctor do famoso *Nobiliario*, se não nasceu aqui, estava ligado a Torres Vedras pelos laços maternos, pois que sua mãe Dona Garcia Froyas era natural da villa. [1]

Aqui nasceu uma princeza, D. Leonor, filha legitima de el rei D. Duarte, que foi imperatriz da Allemanha pelo seu casamento com Frederico III.

Aqui nasceu (1743) Roque Ferreira Lobo, auctor da *Historia da feliz acclamação do senhor rei D. João IV*.

Passando em silencio outros homens distinctos nas armas, nas lettras e na politica, nascidos n'este concelho, mencionarei, por motivo especial, o conselheiro João Gualberto de Barros e Cunha, que foi deputado em muitas legislaturas e ministro das obras publicas em 1877, sob a presidencia do então marquez de Avila.

Nasceu em Runa. Era orador e escriptor.

Creio que por ter casado com uma senhora ingleza adquiriu habitos inglezados. Na camara, quando não falava, lia o *Times*. Os seus adversarios politicos chamavam-lhe Barros *and* Cunha.

Encontrei-o muitas vezes a jantar em casa do nosso commum amigo conselheiro Augusto Cesar Cau da Costa, e por isso o tratei muito de perto. Homem intelligente e instruido, agradava na conversação. Publicou o 1.º volume de uma *Historia da liberdade em Portugal*, assumpto que merecia maior desenvolvimento, e varios opusculos politicos.

O filho, doutor em philosophia, honra-me tambem com a sua amizade.

---

[1] E não, como Innocencio julgou, natural de Sacavem, onde aliás tinha propriedades como em Torres, porque a sua familia era rica e distincta.

V

Sobral de Mont'Agraço

PARECE que o primitivo nucleo de povoação n'este logar, em terreno alto, bem arejado mas agreste, tivera o nome de Monte Agraço, e foral concedido por D. Manuel a 20 de outubro de 1519.

A propria denominação antiga dá a conhecer a aspereza do sitio: *Monte* muito agro; *agraço*.

E d'aqui se pode inferir a vida rude dos seus primeiros habitantes; portanto, a falta de elementos de prosperidade e progresso. Assim, pois, a povoação estacionava, em vez de progredir.

No anno de 1712, segundo se vê do Padre Carvalho, já se lhe dava o nome de Sobral de Mont'Agraço, mas a população constava apenas de sessenta vizinhos.

Era uma aldéa, com pouco mais de meio cento de fogos, que n'este sentido tomaremos a palavra vizinhos; uma pequena freguezia rustica, com sua igreja parochial, certamente pobre.

Creio que seria uma só familia a propulsora do maior desenvolvimento agricola d'esta povoação, e dos primeiros beneficios materiaes que ella recebeu.

Refiro-me aos morgados do Sobral.

Joaquim Ignacio da Cruz Sobral, thesoureiro mór do erario regio em 1768, instituiu aqui um morgado, e foi o primeiro senhor do Sobral de Mont'Agraço por diploma de 18 de abril de 1771.

Ficou pois annexo ao morgado o senhorio da povoação, mercê esta confirmada por outro diploma no fim do anno de 1777, com a clausula de que a successão poderia realisar-se em qualquer parente até ao segundo grau, comtanto que o legatario adoptasse o brazão e appellido de Sobral.

Resta averiguar se este nome viria da familia á povoação ou da povoação á familia.

Mas sabendo nós que em 1712 já a povoação se chamava Sobral de Mont'Agraço, e que um irmão do 1.º morgado, ao qual foi concedido brazão, se chamava José Francisco da Cruz Alagôa, [1] propendemos a crêr que da povoação tomaria aquella familia

[1] Ainda hoje uma lagôa de prata figura no brazão dos Sobraes.

o nome de Sobral, por se dizer — os Cruz do Sobral, os morgados do Sobral, os senhores do Sobral, etc.

Fallecido o 1.º senhor do Sobral em 1781, succedeu-lhe seu irmão Anselmo José da Cruz Sobral, que deixou um filho e uma filha.

O filho, 3.º morgado, foi o desembargador Sebastião Antonio da Cruz Sobral.

A filha foi D. Joanna Maria da Cruz Sobral, 4.ª senhora do Sobral, a qual casou com Geraldo Venceslau, filho de Hermano José Braamcamp, ministro do rei da Prussia em Lisboa.

Geraldo Venceslau Braamcamp foi o 1.º barão de Sobral.

Succedeu-lhe n'este titulo o seu primogenito, Hermano José Braamcamp, 5.º senhor do Sobral, par do reino, 1.º visconde de Sobral em 1838, e 1.º conde de Sobral em 1844.

Foi casado com uma senhora franceza.

Sua filha primogenita desposou Luiz de Mello Breyner, que foi 2.º conde de Sobral, e era irmão do 1.º marquez de Ficalho.

D'este casamento nasceu Hermano José Braamcamp, 3.º conde de Sobral, a quem já nos referimos no 1.º vol. d'esta obra. Vide (Almeirim). [1]

Os senhores do Sobral residiam em Lisboa, onde exerciam altos cargos, mas tinham aqui solar (ainda hoje de pé na praça da villa), visital-o iam com alguma frequencia, acompanhados de parentes e amigos; melhorariam as culturas, realisariam festas campestres, protegeriam os habitantes pobres, e penso que, sob o influxo d'esta familia rica e poderosa, começaria a povoação a animar se e a prosperar no seculo XVIII, posteriormente ao Padre Carvalho.

Toda a gente sabe que á sombra de mosteiros e solares se fundaram ou desenvolveram dezenas de povoações.

Esta seria uma.

Dado o impulso, Sobral de Mont'Agraço foi medrando.

O que é certo é que Baptista, na sua *Corographia moderna*, dizia em 1876: «N'estes ultimos annos tem prosperado de um modo admiravel a villa: está muito limpa, com boas lojas e excellentes propriedades tanto urbanas como ruraes». [2]

No principio do seculo XIX a guerra com os francezes demoraria um pouco o desenvolvimento da povoação, não só porque a construcção das famosas linhas de Torres Vedras, que passavam aqui, distrairam da agricultura todos os braços válidos, mas tambem em razão dos proprios destroços da guerra.

A primeira d'aquellas linhas dividia se em tres districtos, desde Alhandra até á foz do Sizandro.

O 2.º districto comprehendia o Sobral de Mont'Agraço, e apoiava-se no forte da serra do Urneiro, hoje em ruinas, o qual ficava ao sul e a pequena distancia da povoação.

Mas, depois da guerra, os habitantes de todos os logares da Extremadura comprehendidos nas linhas de Torres trataram de reparar contentes as avarias da campanha, porque foi justamente n'essas linhas que o exercito de Masséna viera esbarrar, sem conseguir rompel-as.

O patriotismo orgulhoso e a alegria proprios dos vencedores fizeram que cada habitante tomasse ainda mais gosto á sua terra e á sua casa.

O concelho do Sobral, com uma pequena população de 5.701 habitantes, compõe-

[1] Sobre as familias Sobral e Braamcamp, veja-se Braamcamp, *Brasões*, 1.º vol., pag. 214, nota.
[2] Vol. IV, pag. 392

se apenas de 3 freguezias: a do Salvador, cabeça do concelho; a de Santo Quintino e a da Sapataría.

A primeira comprehende a villa do Sobral de Mont'Agraço e varios logares.

A villa era até agora apenas servida pela estação de Dois Portos, da qual dista pouco mais de 5 kilometros; e por carreiras de diligencia á passagem dos comboios-correios, custando 160 reis cada logar;—ida e volta 240 reis.

Mas ultimamente foi o Sobral beneficiado pela construcção do apeadeiro da Feliteira entre as estações de Pêro Negro e Dois Portos — pois que o Sobral é vizinho da Feliteira.

Tem a freguezia uma população total de 1.371 habitantes; e a sua producção agricola abunda em vinho, cereaes, fructas e legumes, como acontece em todo o concelho. Tambem representa um valor consideravel a creação de gados, e a caça.

277 — Vista geral do Sobral de Mont'Agraço

Como já dissemos, na praça da villa está ainda de pé o palacio dos senhores do Sobral, tendo annexa a igreja que o completa, e que seus illustres proprietarios cederam para os actos parochiaes.

Por debaixo do altar mór conserva-se com grande veneração a mumia de Santa Aurelia e a de um menino, que são advogados contra os partos difficeis e perigosos, motivo pelo qual concorre aqui durante todo o anno, especialmente no dia da festa, grande numero de mulheres, a fazer ou cumprir promessas.

A praça, que se chama de Serpa Pinto, está arborisada e tem um corêto.

Alem do palacio dos senhores do Sobral, ha n'ella outro bom predio, tambem apalaçado, de que é proprietario Manuel Pedro Cardoso.

Depois da festa de Santa Aurelia, nenhuma outra inspira mais interesse aos povos do Sobral e dos arredores que a de S. Firmo, em cuja procissão se encorpora um carro de bois vistosamente enfeitado e florido.

Tem a villa escolas para ambos os sexos, um *Club Sobralense*, um *Theatro Sobralense* onde representam amadores, uma pharmacia, um medico, duas hospedarias—a da Macieira e a do Cadoce—, varias casas de pasto, dois talhos, tres alquilarias, etc.

Faz-se mercado no 1.º domingo de cada mez, e feira a 15 de agosto.

A freguezia de Santo Quintino, cujo orago é Nossa Senhora da Piedade, conta 3.182 habitantes, e dista 3 kilometros da cabeça do concelho, para suéste.

A igreja parochial, um lindo exemplar manuelino, merecia ser conservada como monumento nacional.

Na fachada recommendam se a porta ogival bem como dois medalhões, um dos quaes representa el-rei D. Manuel, e outro parece que um busto de mulher, mas não se sabe ao certo quem seja, por estar muito apagado.

No interior, aos lados da capella-mór, ha outras duas que com ella communicam por arcaria aberta. O tecto, de madeira pintada, é sustentado por elegantes artezões.

A freguezia de Santo Quintino comprehende, alem do logar do seu nome, varios outros, entre os quaes mencionaremos Almargem, Freiria, Martim Affonso, Monfalim, Seramena; e n'elles muitos casaes e não poucas quintas.

Uma d'estas, em Monfalim, pertence aos viscondes da Asseca, que todos os annos aqui fazem na sua capella uma funcção religiosa.

Monfalim era morgadio da casa Palmella.

D. Filippe de Sousa Holstein, decimo quarto filho do 1.º duque de Palmella, teve o titulo de marquez de Monfalim.

Os principaes agricultores do Almargem são: Antonio de Jesus Branco d'Amorim, José Dias e José Moreira; da Freiria, Alberto Gomes de Carvalho e Antonio da Silva Rocha; de Martim Affonso, Antonio Joaquim Pipa Junior e Joaquim Antonio Pipa; de Monfalim, o dr. Luiz Emilio Vieira Lisboa e Faustino José de Moraes; de Seramena, Antonio Filippe.

Ha uma escola do sexo feminino na séde da parochia; e outra do sexo masculino no logar do Almargem.

Em 1 de novembro faz-se no logar de Santo Quintino um feira; e no 1.º domingo depois do dia de Santo Antonio outra feira, cuja especialidade são fructas.

A freguezia da Sapataria tem por orago Nossa Senhora da Purificação, conta 1.208 habitantes, dista 7 kilometros da cabeça do concelho e 3 da estação de Pêro Negro.

Qual terá sido a origem do nome Sapataria?

Uma versão local diz que por haver aqui muitos sapos—como em verdade ha—se chamou á povoação Saparia, e que depois este onomastico se corrompeu em Sapataria.

Tal versão parece inacceitavel, e apenas a damos por ser de caracter popular; tanto mais que em antigos prasos se lê sempre Sapataria e nunca Saparia.

Alem do logar séde da parochia, comprehende a Sapataria mais 9, um dos quaes é Pêro Negro.

Pêro Negro! Que bello titulo para um solau deixaram escapar das mãos os poetas ultra-romanticos de 1840?

Não me consta que então se descobrisse ou sequer phantasiasse a lenda do heroe d'este logar, algum Pedro saloio, certamente, mais africano e mulatão, por phenomeno atavico, do que os outros seus conterraneos—phenomeno que muitas vezes se repete nas povoações saloias, onde quasi sempre ha «um negro».

Este da Sapataria ficou celebre onomasticamente.

Comprehende a freguezia as quintas do Espirito Santo, Flores, Moita, Arcipreste e Bica.

A ultima, pertencente aos herdeiros do dr. Ferraz de Maced.., que foi lente da Escola Medica de Lisboa, teve antigamente o nome de Casal do Sizandro, porque este rio nasce de uma fonte aqui perto.

Ha na Sapataria uma escola official para o sexo masculino.

No logar de S. Martinho faz se uma feira a 11 de novembro

O concelho do Sobral de Mont'Agraço pertence administrativamente ao districto de Lisboa, judicialmente á comarca de Torres Vedras e ecclesiasticamente ao Patriarchado

VI

Arruda dos Vinhos

A villa da Arruda dos Vinhos fica 12 kilometros a noroéste de Villa Franca de Xira.

Está situada n'um fertil valle, que ao sul e poente é contornado por montes em cujas faldas vegetam as vinhas, que deram fama á povoação; e ao norte e nascente por um riacho—Pipa ou Cachoeiras—que, affluente do Tejo, pequeno tributo lhe paga no verão, mas que no inverno se torna caudaloso.

Nas suas margens, muito arborisadas, ha pittorescos recortes; citarei, por exemplo, o trecho proximo á quinta da Venga, propriedade do sr. José Pato Moniz.

A fundação da Arruda é anterior ao principio da monarchia, porquanto D. Affonso Henriques doou aos freires da Ordem de Santiago o castello da Arruda; [1] e esta doação foi-lhes confirmada por Sancho I. [2]

No reinado de Affonso III, por consenso dos freires, estava a villa da Arruda em poder da rainha D. Beatriz de Gusmão, a qual, sendo viuva, lh'a devolveu; mas D. Diniz tratou de fazer escambo com a Ordem de Santiago e d'ella obteve a mesma villa, que offereceu á Rainha Santa. [3]

Todavia parece-nos que não permaneceu na Casa das Rainhas, pois que em Fernam Lopes achamos noticia de que, no reinado de D. João I, era o mestre de Santiago, Ruy Freire, quem cobrava as rendas da Arruda. [4]

El-rei D. Manuel deu foral a esta povoação em 15 de janeiro de 1517.

A Arruda dos Vinhos contém alguns edificios interessantes, a começar pela igreja matriz, de tres naves, com um lindo portico, e boa obra de talha no altar-mór.

Este templo foi fundado pelo povo, e tem sido restaurado em varias epocas; creio que a mais moderna foi 1875.

---

[1] Vide 1.º vol. d'esta obra, pag. ç.

[2] Idem, idem.

[3] *Mon. Lus.*, V tom., pag. 468, 2.ª col.

[4] *Chronica d'el-rei D. João I*, cap. CXXIX.

278 — Vista geral da Arruda dos Vinhos

O hospital da Misericordia, tambem fundado pelo povo, parece datar de 1574, posto não haja certeza d'isso, porque o exercito francez destruiu o archivo d'esta Santa Casa.

E' um edificio de um só andar, com seis janellas de sacada, levantado sobre nove arcos.

Tem duas enfermarias, cuja média annnual de doentes está calculada em 39,2.

O capital nominal da Misericordia é de 20:000$000 réis. [1]

A respectiva irmandade possue um templo privativo.

Os paços do concelho estão em edificio proprio, e de regular apparencia.

Do que a Arruda se pode orgulhar é do seu chafariz pomposo, alto, largo, adornado na cimalha com pilastras e outros ornatos, no frontão um escudo de armas. As bicas, jorrando de uma arca, despejam a agua sobre um amplo tanque.

Este chafariz ergue-se na Praça.

Os duques de Aveiro tiveram na Arruda um palacio, que derruiu.

O Passeio Publico é um agradavel recinto, para o qual se entra por um portão de ferro.

Arvores frondosas entretecem os seus ramos em abobada sombria

A' rua Direita conflue o maior movimento commercial e transito de vehiculos com que se anima a villa.

A Arruda gosa as vantagens de um solo fecundo e de um clima saluberrimo.

Tem importante producção de vinhos cobertos e encorpados, e é mimosa de boas fructas.

Funcciona na villa uma escola Conde de Ferreira, além de outras para ambos os sexos.

Ha um theatro, uma associação de bombeiros voluntarios; duas socie-

[1] Costa Goodolphim, *As Misericordias*, pag. 235

dades de recreio, *Grupo Dramatico* e *Club Arrudense* (este ultimo com bibliotheca); duas sociedades musicaes — *Grupo de amadores* (com orchestra) e *Grupo de philarmonicos.*

Acham-se estabelecidos na villa representantes de agencias bancarias e de seguros; uma agencia de publicações — cáspite! —; casas de hospedes e de pasto; varias lojas de commercio; duas modistas; um medico; uma pharmacia, tres alquilarias, etc.

Contam-se sete exportadores de fructas, e um consignatario de vides americanas.

Entre a estação da Alhandra e a Arruda faz se um serviço regular de diligencias, a 240 réis cada logar; preço de ida e volta, 400 réis.

A villa e mais os logares da Matta, Carrasqueira, Quinta da Serra, bem como numerosos casaes e quintas, constituem a freguezia de Nossa Senhora da Salvação com 2.287 habitantes.

279 — Chafariz

Como principaes funcções religiosas na Arruda dos Vinhos devemos mencionar as da Semana Santa, que sempre costumam attraír aqui muita gente do concelho e dos arredores; e a do orago, a 15 de agosto, com arraial e outros ruidosos festejos. Faz se na villa uma feira, de 24 a 27 de julho.

Pelas cabeças dos montes ao sul da Arruda e do Sobral (*Vide Sobral de Mont'Agraço*) corriam desde Alhandra as celebres linhas de Torres Vedras.

280 — Hospital da Misericordia

Na freguezia de Nossa Senhora da Salvação está comprehendida a quinta de Monte Godel, que foi solar da nobre familia Gamboa e Liz, e que ainda no seculo passado era conhecida pela «Casa do Capitão-Mór da Arruda».

Duas palavras a respeito d'esta familia.

O titulo de barão da Arruda foi concedido por decreto de 8 de agosto de 1845 a Bartholomeu de Gamboa e Liz, antigo capitão-mór da mesma villa e n'ella proprietario.

Este Gamboa seguiu a magistratura, foi par do reino, e falleceu em março de 1870 com 92 annos. Seu pai tambem fôra capitão-mór da Arruda onde nasceu, casou e morreu.

O filho primogenito do 1.º barão chamava-se Antonio de Gamboa e Liz, foi bacha-

rel em direito, exerceu cargos administractivos e judiciaes, e succedeu ao seu progenitor no pariato, mas não no titulo.

Falleceu em 1878, sem geração.

Teve mais cinco irmãos, tres varões e duas senhoras, uma das quaes casou com o 5.º conde da Cunha.

A familia Gambôa e Liz extinguiu-se em 1881 com a morte do 6.º filho do 1.º barão.

E a «Casa do capitão-mór da Arruda» passou a pessoa estranha á familia por disposição testamentaria d'aquelle ultimo representante dos Gamboas.

Finalmente, villa pequena, cabeça de um concelho pequeno—cuja população total é de 5.515 habitantes a Arruda dos Vinhos tem vida, movimento e riqueza agricola;

281 — Passeio Publico (entrada)

alem d'isto é beneficiada por estimaveis condições de salubridade publica; e nem sequer lhe faltam tradições de familias illustres.

Um adagio topico, de caracter satyrico, diz: Da Arruda nem mulher, nem mula, nem vento, nem casamento».

Mas não se desconsole a Arruda, que fica em boa companhia com os de Almostér e outros povos attingidos por identicos ditados.

Completa-se o concelho com mais tres freguezias, que são: S. Lourenço de Arranhó, com 1.443 habitantes; S. Miguel das Cardosas, com 733; e Santiago dos Velhos, com 1.052.

O logar de Arranhó, séde da parochia, está situado em terreno elevado e descoberto, e dista da cabeça do concelho 7 kilometros para sudoéste.

Comprehende esta freguezia mais 17 logares, alguns dos quaes com nomes curiosos, como Outeiro das Doidas, Adorarcos, Camondes; varios casaes, sendo um o das Mancebas, e 3 quintas—Arcão, Alcobella e Paço, esta ultima de Joaquim Ferreira da Encarnação.

Ha uma escola parochial, mixta.

A freguezia das Cardosas tem a sua séde sobre rochas altas.

E' sitio muito lavado dos ventos. Gosa de purissimos ares.

Alem do logar principal, que dista da Arruda 4 kilometros para suéste, a freguezia comprehende mais 10 logares um d'elles chama-se—Não Ha—, varios casaes, e as quintas do Outeiro, Palmeira, Matto Sobral e Sardinha.

Ha uma escola parochial, mixta.

A freguezia de Santiago dos Velhos fica 7 kilometros a sudoéste da Arruda.

Alem do logar que é séde da parochia, comprehende mais 6 logares e varios casaes.

Tambem aqui ha uma escola parochial mixta.

Os concelhos da Arruda dos Vinhos e de Sobral de Mont'Agraço, na sua qualidade de concelhos pequenos e vizinhos, teem mais ou menos estado sempre em competencia no interesse de se arredondarem um á custa do outro.

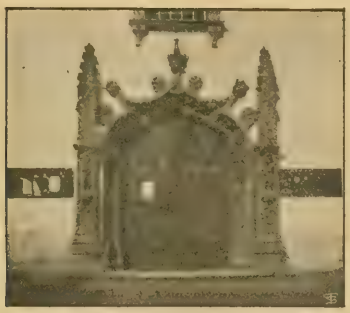
Assim, extincto em 1855 o concelho do Sobral, foi engrandecer o da Arruda.

Em 1876, quando Baptista publicava a sua *Corographia Moderna*, faziam parte do concelho da Arruda, alem das freguezias actuaes, as de Santo Quintino, Sapataria e Sobral de Mont'Agraço, que hoje compõem o concelho d'este ultimo nome.

Actualmente, o da Arruda tem, como sabemos, 5.515 habitantes, e o do Sobral 5.761; mas esta pequena differença arithmetica é compensada ao concelho da Arruda por ter uma freguezia a mais que o do Sobral.

São, em todo o caso, dois pequenos concelhos, talhados á faca no Ministerio do Reino, para resolver divergencias locaes e contentar a politica de campanario.

O concelho da Arruda pertence administrativamente ao districto de Lisboa, judicialmente á comarca de Villa Franca de Xira, e ecclesiasticamente ao Patriarchado.



282— Portico da igreja matriz

VII

Mafra

I

O REAL EDIFICIO

E não fosse «o real edificio», como aqui se diz em Mafra, a «villa velha» passaria despercebida ao viajante, enterrada n'uma tristonha «cova», d'onde parece ter-lhe vindo o nome: *Mahfara,* [1] ou Mafara, como se lê em alguns documentos.

Quem hoje, na «villa nova», que se agrupou junto ao convento, estando na Praça enfia o olhar pela rua da Boa Vista ou pela rua Serpa Pinto, vê lá em baixo os restos da povoação antiga, que já viria da epoca romana, e teve um castello de que nenhuns vestigios sobrevivem, a não ser qualquer referencia escripta e uma recordação onomastica. [2]

Mas ainda está de pé a igreja outr'ora parochial, pequena e singela, com as suas portas ogivaes, os seus azulejos mosarabes, as suas duas arcas tumulares, a qual alguns dizem haver sido mesquita, — opinião impugnada por Estacio da Veiga.

E já que citei este nome, devo recommendar ao leitor, caso se interesse mais pelo passado do que pelo presente, a leitura das *Antiguidades de Mafra* (Lisboa, 1879), memoria em que aquelle minucioso archeologo estudou as épocas préhistorica, romana e arabe dentro do concelho a que somos chegados.

A igreja teve no seculo XIII um parocho que depois subiu ás mais altas dignidades ecclesiasticas, incluindo a maxima.

Foi Pedro Julião, natural de Lisboa, filho do medico Julião Rebello, que ascendendo ao solio pontificio tomou o nome de João XXI.

Junto e fronteiro á igreja ficava o paço — relativamente moderno — do marquez

---

[1] Frei João de Sousa, *Vestigios da lingua arabica.*

[2] Refiro-me á rua chamada de *Traz-ao-Castello,* que atravessava da rua do Meio para a rua do Paço do Marquez.

de Ponte do Lima. Tão junto que, segundo se diz, de uma das janellas costumava o fidalgo ouvir missa.

Lord Beckford visitou no seculo XVIII este palacio do então visconde de Ponte do Lima, e a quinta. E da quinta que fala, qualificando-a de magnifica, no gosto italiano; refere-se ás suas abundantes fontes, e a uma extensissima avenida de pinheiros.

Nada d'isto existe já.

Quanto ao palacio, vou dizer o estado em que o encontrei no estio de 1899, quando passei um mez em Mafra:

«Achando a porta aberta, entrei. Percorri todas as casas; estive no quarto do marquez, que tinha alcôva e fogão. O rodapé de azulejo está menos mal conservado ainda. Passei á capella, onde encontrei um retábulo em barro, que seria facil restaurar, e alguns santos mutilados, apeados no chão. Depois, pensando na decadencia das familias illustres, metti caminho abaixo, tomando gosto á solidão do sitio.» [1]

Actualmente pertence este arruinado palacio ao alquilador Gato.

Aqui está o que foi e o que é a «villa velha», que Sancho I doou ao bispo de Silves D. Nicolau, e jaz enterrada lá em baixo n'uma cova.

Quem se aproximar d'ella, descendo pela rua da Boa Vista para voltar pela rua Serpa Pinto, ou vice-versa, terá feito *a volta dos tristes*, como aqui se diz, tão melancolico e solitario é o sitio d'essa antiga povoação quasi totalmente abandonada.

A «villa nova» surgiu como consequencia do convento-palacio fundado por D. João V no *Alto da Vela*, onde provavelmente houve outr'ora alguma atalaya que lhe legou o nome.

De um lado está o «real edificio» com os muros da sua ampla Tapada, e do outro a linha dos predios que á sombra d'elle se foram construindo.

Uma explanada de honra [2] acompanha toda a frontaria do monumento, e em frente da igreja, que o divide symetricamente em duas partes iguaes, riscou-se uma Praça, moderna e modesta, com seu contorno de casas, — da qual partem para a «villa velha» as duas ruas que já nomeamos.

A Mafra actual é isto, uma rua-estrada (estrada de Lisboa a Torres) e uma Praça.

D'esta estrada sai em certa altura um ramal que leva á Ericeira.

Pode dizer-se com inteira verdade que a «villa nova» é o convento-palacio e só elle — mole gigantesca, enorme, suffocante, que parece opprimir nos o peito quando olhamos para ella, levantando a cabeça.

Lembram se da boa phrase de Herculano? «Mafra é uma semsaboria de marmore.»

Pois não é outra coisa.

Na presença d'este colosso dominante e absorvente, nenhum proprietario se atreveu a fazer a triste figura de edificar um predio pretencioso.

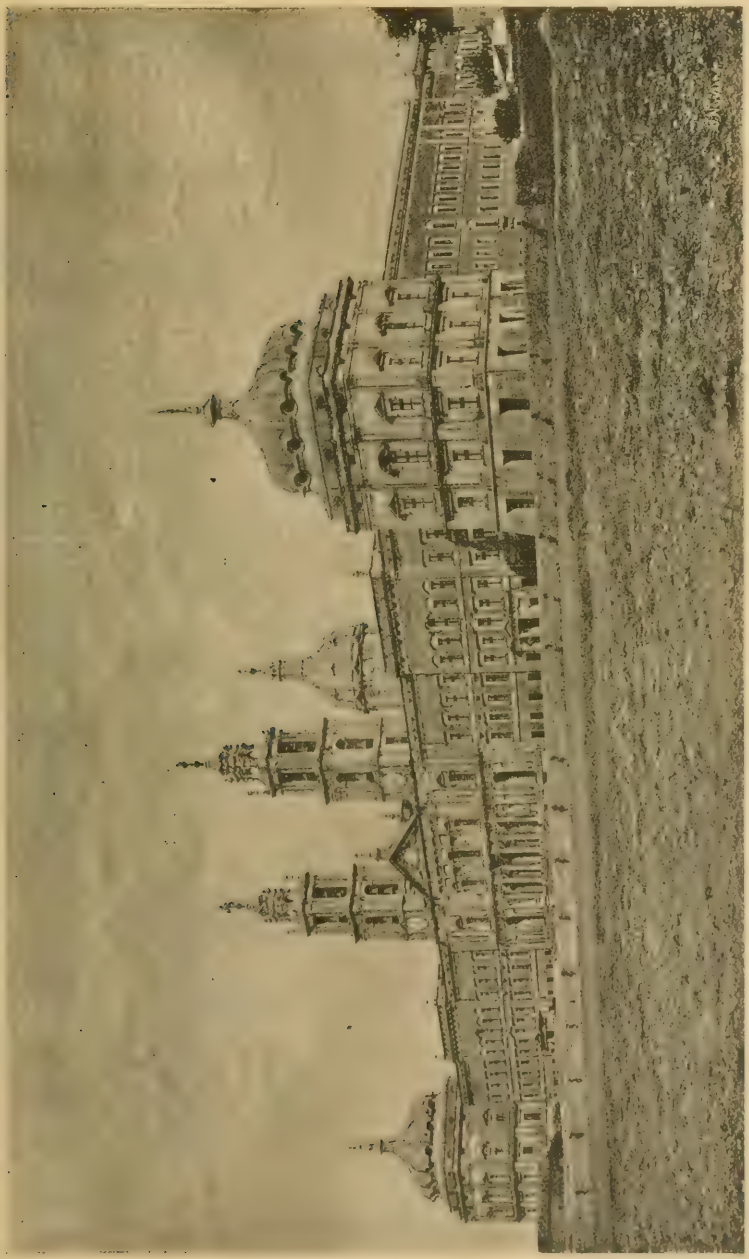
Pelo que resulta que todas as casas de Mafra, ainda as melhores, nada teem de notavel, e todas ellas parecem humildes.

Confesso francamente que, tendo transitado muitas vezes por esta villa e permanecido aqui, de uma vez, trinta dias consecutivos, nunca me pude familiarisar com o aspecto grandioso, mas esmagador, do «real edificio» — Escurial portuguez — monumentalmente monotono e pesadão, cheio de sombra e frieza; que nunca o pude supportar nas linhas do seu vasto conjunto, nem mesmo quando o carrilhão repica festivamente e lança do alto alguma onda de vida sobre esta mansa e soporifera villa de Mafra.

---

[1] Impressões compiladas no livro *Sem passar a fronteira*.

[2] Chama-se *Largo do real edificio*.



283 — O Convento de Mafra

Quem desconhecer a historia da fundação do convento não perceberá a razão por que o dissipador D. João V escolheria este sitio, a que falta largueza de paizagem e horizonte.

Logo veremos como isso foi.

Por agora digamos que a actual villa de Mafra seria quasi morta, apesar dos muitos *touristes* nacionaes e estrangeiros que por amor do «real edificio» a visitam, se não estivesse estabelecida em parte d'elle a Escola Pratica de Infantaria, como já em tempo estivera o Real Collegio Militar.

Ao frade e ao donato succedeu o official e o soldado.

Mas nem todos os frades gostavam de estar em Mafra.

A este respeito conta-se uma anecdota do tempo d'elles.

Quem então recebia a correspondencia postal eram umas senhoras, a cuja casa os destinatarios iam procural-a.

Tinha acabado de chegar um frade novo, que foi ver se haveria carta para elle.

—Então, snr. frei José, perguntou uma das senhoras, que tal lhe parece a nossa villa?

—Minha senhora, respondeu elle, sempre é uma terra que principia por MA.

A resposta não agradou e o frade recebeu em troca este epigramma:

—Qual! O peor que ella tem é acabar em *Fra*.

Todos gostam da sua terra, ainda que seja feia. Mas sem os frades, Mafra nunca teria passado de ser a «villa velha» enterrada n'uma baixa, como no fundo de um poço.

A Escola Pratica de Infantaria está para o «real edificio» na proporção de uma sardinha para a guela de uma balea. Cabe na cova de um dente. As repartições, as casernas e as casas dos officiaes ficam n'uma algibeira do convento e, diga-se a verdade, estão bem installadas.

Os officiaes oriundos do norte do paiz, quando aqui chegam para fazer tirocinio, sentem cahir-lhes a alma aos pés. A maior parte d'elles, se não receassem deshonrar Marte, chorariam de nostalgia.

E eu, quando alguns me fizeram essa confidencia, senti vontade de chorar com elles.

Os toques de clarim, o transito de soldados e a convivencia com os officiaes dão alguma apparencia de vida a Mafra,—mas só apparencia.

O resto é o pequeno commercio local e a passagem de carroças saloias.

Eu, quando aqui me demorei mais, ia depois de almôço ler para o *Cêrco*, que é um terreno ajardinado e umbroso, na antiga quinta dos frades; depois de jantar conversava com alguns officiaes na *Casa Havaneza* do sr. Taveira Pinto; e ás dez horas da noite recolhia a casa sentindo ainda na escuridão o peso do «real edificio» sobre mim.

Quando El-Rei vem caçar a Mafra, então muda um pouco de figura a vida da villa. O carrilhão repica, e a Real Philarmonica Mafrense ou a Real Fanfarra toca durante o jantar de sua magestade. E' um alegrão para a terra.

Fóra d'isto, apenas ha algum espectaculo n'um theatrinho do convento, a passagem do circo da Prata Grande, no verão os *pic-nics* que vem fazer na Tapada a colonia balnear da Ericeira; e duas vezes por anno, no 3.º domingo de julho e a 30 de novembro, feira de dois e tres dias.

A freguezia da villa—orago Santo André—é populosa, conta 4.794 habitantes de ambos os sexos.

Cabeça de concelho e de uma comarca de 2.ª classe, a villa inclue na sua população o respectivo pessoal administrativo e judiciario, alem do elemento militar. Mas a maior parte dos habitantes é saloia, improgressiva, sem embargo de ser este um dos concelhos da Extremadura melhor dotados na sua séde com escolas de instrucção primaria.

Ha uma,—Conde de Ferreira,—na Praça; ha duas particulares; e ha no convento

a Escola Real, fundada por o Senhor D. Pedro V e por elle pessoalmente inaugurada no dia 9 de dezembro de 1855.

O illustrado monarcha, logo no principio do seu reinado, quiz fazer sentir á nação que os palacios sumptuosos deviam abrigar as escolas, porque os ricos devem proteger os pobres.

Assim procedeu no palacio de Mafra, e um anno depois em Lisboa junto ao das Necessidades.

Creio bem que D. Pedro V sentiu pejo de ver inutil este soberbo casarão de Mafra, que tanto dinheiro custára, e que para nada servia já.

Metteu-lhe dentro uma escola, escolheu professores, mandou imprimir compendios á sua custa, distribuia premios aos melhores alumnos e até lhes dava fatos completos.

El-Rei D. Luiz continuou a proteger a escola.

Não obstante, o saloio, faltando lhe o estimulo do premio pecuniario em que D. Pedro V tinha pensado [1], prefere a agricultura á instrucção, o que elle quer na familia são braços que o ajudem, não olhos que lhe leiam gazetas ou livros.

Periodicos hebdomadarios tem aqui havido alguns, que n'um dado momento serviram illusões patrioticas ou paixões politicas, mas que em breve desappareceram n'um meio adverso á lettra redonda.

O *Remanso* durou de março a maio de 1857; a *Gazeta do campo* viveu de janeiro de 1866 a junho de 1867; em 1887 começou o *Jornal de Mafra* e ainda no mesmo anno o *Mafrense* que duraram um pouco mais; em 1890 appareceu o *Echo de Mafra*; em 1893, o *Conselho de Mafra*, que era redigido pelo dr. Alves Crespo; em 1896 sahiu o 1.º numero da *Folha de Mafra*, que reproduzimos em *fac-simile*; em 1898 fundou-se o *Correio de Mafra*, mas já lá vão todos.

Agora publica-se o *Clamor de Mafra*, jornal livre e independente, que vai em pouco mais de 30 numeros, e de que é proprietario e redactor principal o advogado Agostinho Albano da Costa Carvalho.

Vamos á fundação do convento-palacio, de que tanto se tem escripto — até em verso.

O auctor da *Gaticanea*, poema em decassylabos pareados, cuja acção é uma tremenda batalha imaginaria entre cães e gatos no *Largo do real edificio*, achou meio de nos dar uma rapida impressão da grandeza do monumento n'estes e outros versos:

Elle tem quatro frentes, ou fachadas,
Com janellas tão grandes, e rasgadas,
E feitas com tal arte, que por bellas
Hum pórtico parece qualquer dellas.

Em duas ordens postas em redondo
Tão bella perspectiva vão compondo,
Que na primeira vista o pasmo ordena,
Que nem as louve a voz, nem pinte a penna.

Tal comprimento tem qualquer dos lados,
Que os grandes Canzarrões mais alentados,
Vistos d'hu n'outro extremo mais, ou menos,
Cachorrinhos parecem mui pequenos [2].

---

[1] De seis a oito libras, se os alumnos eram pobres.

[2] O auctor, que pretendeu seguir o exemplo da *Batrachomyomachia*, mal attribuida por alguns a Homero, chamava-se João Jorge de Carvalho, e viveu no seculo XVIII. Da sua biographia nada pôde apurar Innocencio; e eu não fui mais feliz.

El-Rei D. João V havia tres annos que desposára D. Maria Anna de Austria, e não tinha ainda um filho legitimo para lhe succeder no throno.

Isto preoccupava-o algum tanto, pela razão dynastica, e dava pesar á rainha.

Certo dia um leigo arrábido, com fama de milagreiro, que ia ao Paço da Ribeira pedir esmola, foi ouvido por um dignitario da côrte sobre este caso e instado para interceder pela sua resolução junto de Santo Antonio.

O leigo respondeu que a rainha teria filhos se fizesse uma casa ao Santo—isto é, um convento. Aproveitou-se logo o conselho, e marcou-se terreno no sitio onde hoje está a basilica da Estrella em Lisboa.

Numero 1 — 1 Anno

FOLHA DE MAFRA

FOLHA DE MAFRA

284 — Facsimile da *Folha de Mafra*

Mas o visconde de Villa Nova da Cerveira—cuja familia reuniù depois o marquezado de Ponte do Lima—que tinha em Mafra a sua quinta, habilmente interveio no sentido de se edificar o convento n'esta villa.

Isto já elle o havia tentado, mas levantaram-se-lhe difficuldades; agora a occasião era propicia e o visconde não a perdeu. Entendeu-se com os frades arrábidos, e o leigo acabou por indicar o sitio de Mafra [1].

Fez-se o milagre. No fim do anno de 1711 nasceu a infanta D. Maria Barbara.

Os maliciosos da côrte diziam á bocca pequena que o milagre não o fizera Santo Antonio ou o leigo, mas sim este dito do duque de Cadaval a D. João V: «que... que... que trabalhasse a rainha para ter filho,—que era obrigada a isso; e de contrario lhe podia succeder mal.»

Um franciscano, desdenhando a efficacia do arrábido, fez um *calembour* na presença do rei dizendo: Bastava, meu senhor, um *padre nosso* com boa devoção [2].

---

[1] Sigo, muito pela rama, a versão já por mim adoptada no livro *As amantes de D. João V.*

[2] Tradição oral de Mafra.

O caso é que a rainha aqueceu de vez e D. João V tambem.

Vieram mais quatro filhos, sendo um d'elles D. José, e o rei entendeu que já era tempo de cumprir a promessa.

Encommendou o risco do convento ao architecto allemão João Frederico Ludewig [1] que tinha sido educado em Roma, e estava residindo em Lisboa [2]; e ordenou as necessarias expropriações que importaram em 358$000 réis.

Esta cifra mostra que a intenção do rei era modesta a principio; mas não tardou que o genio perdulario d'esse monarcha o levasse a ampliar as primitivas dimensões do projecto, pelo que foi preciso fazer novas expropriações, no valor de 12:842$000 réis.

Conta-se que era então proprietaria do *Casal do Abbade* (de que ainda hoje se vêem

285 — A Praia do Peixe na Ericeira

as ruinas n'uma collina da segunda Tapada) uma velha que não queria deixal-o expropriar.

D. João V foi pessoalmente ao *Casal* para demover a velha a entrar em ajuste.

Ella teimou na sua. O rei procurou convencêl-a dizendo:

—Vende-me o casal, que eu te darei um barrête cheio de peças.

A velha calou-se durante alguns momentos, e por fim respondeu:

—Não me queira vossa magestade tomar o *Casal*, que eu sou capaz de lhe dar... dois barrêtes cheios de peças [3].

A primeira pedra do edificio foi lançada a 17 de novembro de 1717.

Gastaram-se 13 annos na construcção da igreja, á qual faltava ainda o zimborio quando foi sagrada a 22 de outubro 1730, anniversario natalicio do rei [4]. Mas o convento, com 300 cellas, estava bem mais incompleto; só em 1755 se concluiram as obras da fachada.

---

[1] Ou Ludovici, como elle assignava depois que casou com uma dama romana.

[2] Sobre este architecto veja-se—*Apontamentos ácerca da biographia do notavel architecto da basilica real, palacio e convento da villa de Mafra* pelo visconde de Sanches de Baêna (Lisboa, 1881).

[3] Tradição oral de Mafra.

[4] Sobre a solemnidade da sagração escreveu uma memoria Frei João de S. José do Prado. Thomaz Pinto Brandão compoz uma *silva* sobre este assumpto; e tambem deixou uma descripção de Mafra

Parece que todo o edificio custára perto de 54 milhões de cruzados. Termo médio, trabalhavam diariamente nas obras 20.000 operarios. Para cortar a montanha do sul gastavam-se cada dia 400 kilogrammas de polvora. A Casa Real empregava mais de 1.200 bois em conducções, e os proprietarios eram obrigados a prestar auxilio em gado ou dinheiro. Havia um movimento constante de mil carros. As madeiras vinham do Brazil. Os marmores vinham de Pêro Pinheiro, e alguns foram puxados por 30, 40 até 100 juntas de bois. Carregadores de pau e corda não havia menos de 450. As arrecadações, camaratas do pessoal, enfermarias, cocheiras e curraes occupavam barracões enormes, a que se dava o nome de «Ilha da Madeira», tão vastos eram. Um força militar de 7.000 homens de cavallaria e infantaria exercia a policia d'esta grande cidade de occasião.

Que loucura! que loucura! lord Byron fulminou-a violentamente no *Childe Harold* comparando Mafra ao esplendor com que a prostituta de Babylonia fazia esquecer a sua vida de orgia.

Murphy aprecia com extrema severidade o plano do architecto Ludewig. Licknowsky suavisa esta opinião, pondo de parte a questão technica, e attendendo apenas á grandeza pomposa do edificio. Beckford desbarreta se deante da igreja—elle, um opulento lord inglez *doublé* de artista—confessando que nunca viu tal variedade de bellos marmores, e que o portico lhe fez lembrar o de S. Pedro em Roma.

Ora a igreja é effectivamente o que ha de melhor em todo o edificio de Mafra.

A começar no portico onde 14 estatuas de marmore de Carrara — eu adoro especialmente a de S. Bruno—occupam outros tantos nichos, o visitante reconhece que está dentro de um templo verdadeiramente notavel pela sumptuosidade sem exageros, e pela belleza da unidade architectonica, a um tempo rica e simples, como Raczynski notou.

As cores variegadas dos marmores, de origem nacional—com excepção do que foi empregado nas estatuas; as pilastras caneladas, os baixo-relevos, os florões, os retábulos, os candelabros, a abobada, o pavimento de xadrez, os orgãos e, sobretudo, o zimborio, que viajantes illustres teem classificado um dos melhores da Europa, recommendam a igreja de Mafra á admiração de nacionaes e estrangeiros.

Na sacristia, onde a variedade dos marmores continua, e onde o estilo é elegante mas sobrio, mostram-nos as ricas alfaias—paramentos e frontaes—bordados a retroz; os castiçaes, as lanternas, os thuribulos e navetas—excellentemente trabalhados em bronze.

Diz-se ter confessado D. João V que as alfaias lhe custaram tanto dinheiro como o edificio todo.

O carrilhão compõe se de 114 sinos, que foram fabricados em Antuerpia.

Tambem se diz que tendo o el-rei encommendado, lhe observaram que não custaria menos de 400:000$000 reis, ao que elle respondeu de prompto: «Não julguei que fosse tão barato; quero dois.»

No convento ninguem deixa de vêr a magestosa sala dos actos, a casa do capitulo desenhada em ellipse, o refeitorio, a cozinha, a enorme livraria, n'uma palavra, todas as vastas dependencias d'este vastissimo emporio monastico.

Sente-se a gente cansada, estonteada, mirada, depois de duas horas de visita ao real edificio, e chega a ter saudades da sua modesta casa ou—até!—do seu pequeno quarto de *hotel*.

Da varanda do zimborio avista-se ao sul toda a serra de Cintra, o castello da Pena, e ao occidente, n'um fundo de campinas, o oceano, que fiça a 6 kilometros de distancia, não obstante Alexandre Dumas haver tido a phantasia de conceder a Mafra um porto de mar.

O palacio real desdobra a sua extensa linha de salas em toda a frente do edificio

na extensão de 220 metros. Uma infindavel galeria ou corredor—onde o infante D. Miguel se divertia largando touros [1] emquanto D. João VI acompanhava os frades no cantochão—tem por limites os torreões lateraes, que são aposentos d'el-rei, o do norte, da rainha, o do sul.

Nos terraços, que correm sobre o palacio e o convento, costumam os monarcas atirar aos pombos, que ali fazem creação.

O signal de alarma é dado por um chocalho, que vibra dentro dos pombaes e põe em fuga os pombos alvoroçados.

Contiguo ao edificio fica o jardim, com um lago e o antigo jogo da bola: era recinto da cêrca monastica e por isso se chama ainda *O Cêrco*.

Depois segue-se a Tapada Real escalonada em tres divisões, toda murada, com 20 kilometros de circuito, descendo sobre o Gradil;—muito abundante de volataria e de caça grossa—o veado e o porco montez.

No meio da Tapada ha um palacête, chamado *O Celebrêdo*, que serve para descanso e refeições.

Fica no fundo de um valle e é banhado por uma estreita ribeira.

El Rei D. Carlos costuma ir de carruagem até ao *Celebrêdo*, sitio magnifico para espera.

Sua magestade apea-se ahi. Os caçadores, de antemão dispostos em circulo, vem apertando o cordão, batendo a caça, logo que El-Rei chega. O senhor D. Carlos espera nos azerves a passagem dos veados. Não atira ás gamas, e não gosta que os outros caçadores o façam.

Quem percorre a Tapada em carruagem, o que é permittido a todos os visitantes, póde por seus proprios olhos certificar-se da grande copia de veados que ali ha; muitas vezes acontece irem correndo em ar de folha adeante dos trens ou saltarem de um para outro lado da carreteira, por susto ou folgança. Fóra da Tapada, quem desce em carruagem pela linda estrada que de Mafra conduz ao Gradil, vê dezenas de cervos empoleirados nos rochedos, como a espreitar curiosos o que se passa extra-muros.

Visto o real edificio está vista Mafra, e para vêr bem o real edificio aconselho como *vade-mecum* a interessante memoria [2] do meu fallecido amigo Joaquim da Conceição Gomes, reimpressa em successivas edições.

Quero ainda registar duas notas.

Primeira, que o titulo de conde de Mafra foi concedido em 1836 a D. Lourenço José Xavier de Lima, filho do 1.º marquez de Ponte do Lima; e em 1870 a Francisco de Mello Breyner, gentil-homem da camara de El-Rei D. Luiz e 5.º filho do 1.º conde de Ficalho.

Segunda: que no rés do chão do real edificio, entre a igreja e o torreão esquerdo, habitou algum tempo, por concessão da Casa Real, o notavel pintor Vieira Lusitano, e que ali falleceu, a 22 de agosto de 1774, a sua bella e adorada mulher [3].

Finalmente, uma indicação util: para vir a Mafra pela linha de oéste, desembarca-se no apeadeiro que dista da villa 9 kilometros e tem o nome d'ella. Ha diligencias a 200 réis cada logar. Antes do apeadeiro desembarcava-se na estação da Malveira.

Quem estiver em Cintra, ou quizer vêr primeiro Cintra, facilmente encontra ali um trem para Mafra.

Chegando aqui, pode escolher um de tres *hoteis*: o do Moreira, o do Antonio Duarte, e um novo, que se estabeleceu recentemente.

---

[1] *A ultima côrte do absolutismo em Portugal*, pag. 277.

[2] *O monumento de Mafra*, descripção minuciosa d'este edificio.

[3] *Amores de Vieira Lusitano* (Lisboa, 1901) por Julio de Castilho, pag. 230.

II

A ERICEIRA

Agora a caminho da Ericeira, que das 14 freguezias. de que se compõe o concelho, é, depois da villa de Mafra, a mais conhecida — graças á sua linda praia de banhos.

Como que precisa a gente alijar o peso do «real edificio» e refrescar o espirito, cansado de tanta grandeza, na aragem fresca do mar.

Sabe bem, pois, tomar um trem ou a diligencia, e fazer este percurso de 19 kilometros por um ramal de estrada que segue para noroéste cortando pinhaes e se anima de vez em quando com alguns logarejos, taes como a Sobreira e o Seixal, d'onde saltam creanças em camisa, pedindo—cinco reis 'môr Deus.

286—Entrada da Ericeira, indo por Mafra

Aqui vê-se uma eira, alem uma olaria—em todo o concelho fabrica-se muita louça de barro [1]; ali um telhado que fumega, além um moinho-de-vento que trabalha.

O resto é pinheiral, e de certa altura por deante o largo e bello espectaculo do mar, que se aproxima cada vez mais, sem que ainda se veja a povoação.

Finalmente, o trem desce por uma calçada, em cujo topo a gente se despede dos moinhos-de-vento, e entramos na Ericeira, parando justamente no coração da villa—o antigo largo do Jogo da Bola, hoje Praça da Princeza D. Amelia.

A impressão é boa. Casas de regular apparencia; algumas até com tal ou qual pretensão na platibanda. Lojas de commercio. Bancos e arvores. Convergencia de varias ruas, que da Praça irradiam tanto para o bairro do sul como para o do norte.

Esta Praça é, digamol o assim, o «peixe frito» da Ericeira; o ponto de reunião ao anoitecer. E, quando ha musica [2] ou festejos, o seu logar é este.

Eu gosto muito da Ericeira, acho-a uma linda praia, comquaton ella não satisfaça os mais exigentes. E assim como eu tenho razão, elles não deixam de a ter tambem.

Falta-lhe um bom club, falta lhe um theatro soffrivel, porque o theatro e o club são bastante maus para serem apenas supportaveis. Faltam-lhe bons *hoteis,* apesar de haver dois. Falta-lhe variedade de passeios. Falta-lhe, mais que tudo, essa efficaz iniciativa, que não é politica nem eleitoral, mas apenas patriotica, e é essa a que vale, porque jamais soffre intermittencias nem amuos.

Mas, a paizagem maritima é encantadora, e a vida calma e singela.

Assim como ha dois bairros ha duas praias de banhos.

A do sul é a elegante, se bem que burgueza; e a mais concorrida. Ficam-lhe á ilharga *as Furnas*, que são poiso vespertino dos oceanóphilos.

A do norte é a popular; a mais pacata e modesta.

---

[1] Barro branco e vermelho. E' a chamada «louça de Mafra».

[2] A da Fantarra Ericeirense.

N'um ponto central entre estes dois extremos da villa erguem-se alterosas ribas—*arribas* como aqui se diz – tendo a um lado a ermida de Santo Antonio; ao sopé d'ellas, lá em baixo, cava-se o pequeno porto dos pescadores, pequeno e difficil, onde os catraios —*focinhadas* segundo a expressão local — veem varar impetuosamente na areia.

Chama-se a este porto *Ribeira* ou *Praia do peixe*, por ser effectivamente onde o peixe é descarregado e lotado — operações a que o espectador assiste de cima sem ser obrigado a qualquer incommoda aproximação com as pescadas e os robalos.

No bairro sul, os passeios habituaes, de tabella, são as Furnas e a estrada de Cintra; no bairro norte a ermida de S. Sebastião.

E a estes passeios se limitam normalmente as tardes da Ericeira, exceptuando os dias consagrados a *pic-nics* na Tapada de Mafra e a burricadas á Foz [1].

Eu gostava da Ericeira pela Ericeira e por isso, depois de passar a manhã traba-

287 – O forte e as ribas da Ericeira

lhando, deixava-me ficar de tarde n'um banco do Jogo da Bola, ao ar fresco, a conversar com os outros banhistas inamomiveis.

A rua commercial por excellencia é a do Correio, onde entre outras lojas avulta a do fallecido Antonio Bento – o Grandella da Ericeira.

Ao fundo d'esta rua fica a igreja parochial, que foi restaurada no seculo XVIII, e cujo orago é S. Pedro.

De todas as casas que formam a povoação trezentas são alugadas aos banhistas, que não precisam trazer mobilia, mas apenas talheres e roupas brancas.

Tal é a villa da Ericeira considerada como praia de banhos na sua physionomia moderna.

Melhoramentos materiaes, poucos, a não ser a *Avenida*, o mirante contiguo á nascente das aguas medicinaes de Santa Martha, o ajardinamento de uma nesga de terra no *Forte* desmantelado, e a conclusão da estrada de Cintra, que esteve muitos annos parada.

Mas onde se construiu um club? um hotel? um theatro? para substituir o que n'este genero existe — e não é bom.

Onde ha um estabelecimento de banhos quentes, salgados e doces?

As pittorescas ribas desmoronam-se com os temporaes, e a questão de segural-as tem sido sempre uma bandeirola eleitoral. Faz-se hoje alguma coisa, que o inverno desfaz. N'isto se anda ha muitos annos.

A Avenida — pomposa antonomásia — é a antiga praça do Conde da Ericeira, onde a familia d'este titulo, por tantos motivos illustre, tinha uma residencia.

[1] A tres kilometros da Ericeira. E' a foz do rio da Senhora do O' do Porto, nome aqui dado á ribeira de Cheleiros.

O leitor sabe de certo quanto esta boa raça de Menezes [1] se assignalou nas lettras —homens e senhoras—especialmente o 3.º conde, auctor da *Historia de Portugal Restaurado.*

Sobre as ruinas da residencia do Conde da Ericeira na praça do seu nome, escrevi em 1889:

«N'esta praça, dentro de um muro fechado, conservam-se ainda de pé as ruinas do paço dos condes da Ericeira, as paredes de uma casa, nem grandiosa nem grande, com duas janellas por fachada. O *Occidente*, no seu numero de 15 de outubro de 1878, reproduziu em gravura as ruinas d'este palacio, mas, no decurso de onze annos, o aspecto das ruinas modificou-se pela maior devastação do tempo. Desappareceu toda a cal da parede e, pelas janellas despidas de caixilhos, vê se o ceu azul—este bello ceu azul da beira-mar.

«Eu supponho, com o auctor do *Portugal antigo e moderno*, que o paço do conde da Ericeira não chegou nunca a concluir-se. Mas se chegou, o que resta de pé é apenas um dos corpos do edificio. Fidalgo tão qualificado como foi D. Luiz de Menezes, general, deputado da junta dos tres estados e védor da fazenda, não podia accommodar, n'aquelle pequeno edificio, que lhe sobreviveu, a sua familia e criadagem.»

Já ouvi dizer na Ericeira a pessoa illustrada que D. Luiz de Menezes escrevêra ali o *Portugal restaurado.*

Não é provavel que o fizesse longe da sua bibliotheca de Lisboa.

Hoje creio que este edificio seria apenas uma dependencia balnear do solar provincial sito na freguezia de Santo Izidoro.

A praça do Conde da Ericeira — *Avenida* como os ericeirenses dizem vaidosamente —não tem horizonte, nem melhor panno para mangas, e comtudo já aqui se realisou a mais animada batalha de flôres que tenho visto em Lisboa ou na provincia.

A villa tende a crescer moderadamente para o lado de Cintra, onde se vão construindo alguns predios novos, incluindo uma fabrica de moagem, mas o que falta, repito, é iniciativa patriotica para melhoramentos publicos.

Tendo perdido a sua autonomia municipal, porque a Ericeira foi cabeça de concelho até 1855; tendo visto desapparecer as gerações nobres que lhe deram prestigio e evidencia; a Ericeira vive hoje exclusivamente da concorrencia de banhistas que são, na definição memoravel do fallecido ericeirense Jorge Fialho: «Um mal necessario»

São intrusos, é certo; mas deixam bom dinheiro na terra, e é d'isso que ella vive.

Entre as praias da Extremadura, a Ericeira tem sido uma das mais celebradas na litteratura.

Nicolau Tolentino disse n'uma epistola ao marquez de Ponte do Lima:

> Contra o mal que me tem feito
> Raivosos caniculares
> Me off'rece a fresca Ericeira
> Seus claros, sadios mares

Mendes Leal aqui se inspirou para compôr a bella poesia *Mare magnum.*

Depois d'estes, escreveram sobre a Ericeira Julio Cesar Machado e Palmeirim; Pinheiro Chagas aqui localisou a acção do seu romance *Tristezas á beira-mar*; ultimamente o sr. Gabriel Pereira publicou em opusculo uma rapida monographia d'esta villa.

Elle não me cita, mas cito-o eu a elle. Tudo se passa entre amigos, *sans rancune.*

---

[1] O titulo de Conde da Ericeira foi concedido a D. Diogo de Menezes em 1622

Pelo que me respeita, inseri no livro *Sem passar a fronteira* uma parte da longa serie de folhetins escriptos aqui; interessei a Ericeira no entrecho da novella *O Segredo de uma alma;* e creio ter sido o primeiro que, tomando por base um bello trabalho historico de Martins Dantas, romanceei a vida de um d'esses famosos impostores que se inculcavam D. Sebastião.—Refiro-me ao «rei da Ericeira», cuja côrte de contrabando pude, não sem alguma pertinacia, surprehender ainda nos seus ultimos vestigios tradicionaes.

Um anno deu-me a revolver a papelada da Misericordia, e transcrevi a acta da sessão preparatoria realisada pelos fundadores em 29 de dezembro de 1679.

Folgo de recordar, agora que se desenterrou o pelourinho—que ha dezesete annos tornei publica a noticia do sitio em que elle estava barbaramente soterrado.

O nome de Ericeira, segundo o Padre Carvalho, derivou da abundancia de ouriços

288—A capella de Santa Martha

(antigamente eiriços) do mar, especie zoologica (*echinus esculentus*) que ainda é numerosa nos rochedos da praia quando as aguas baixam.

Mas ouriços do mar em todas as praias do nosso litoral os ha em magna copia; e assim não deixa de estranhar-se que déssem a esta praia um nome que não representa uma especialidade d'ella. Comtudo, são vulgares os casos identicos com relação aos onomasticos locativos tirados de especies botanicas. Relativamente a especies zoologicas, posto sejam menos frequentes os exemplos, mais alguns ha—como *Sapos*, *Sardão*, *Sardinha*, etc.

Quanto á Ericeira, a tradição é confirmada pelo antigo brazão municipal: um ouriço no meio do escudo.

Primitiva povoação de pescadores, é do mar que a Ericeira tem vivido e continua a viver. Hontem a sua industria era a pesca, a que se encontram referencias no foral dado em 1229 pelo quarto Mestre da ordem de Aviz. Hoje, se nos permittem a palavra, vive da balneação.

A agricultura, em toda esta freguezia, especialmente nos arredores da villa, é mesquinha e deficiente. Só conheço aqui duas quintas: a do morgado dos Leitões, que fica proxima; e a dos Chãos, solitaria mas afidalgada, a cêrca de duas leguas de distancia [1]. Camillo, que não conhecia de perto a Ericeira, localisou aqui uma quinta no *Livro de consolação*.

[1] Na freguezia de Santo Izidoro.

Faz-se porem uma feira de fructas a 25 de julho, e a ella concorrem as outras freguezias do concelho.

Quanto a costumes populares, poucos ha a notar: os pescadores, como aliás acontece em outras povoações maritimas, repintam e embandeiram os barcos no dia de S. Pedro; no dia de finados, as creanças fazem o peditorio do *Pão por Deus*;—e, o que é mais typico, um pregoeiro clama os annuncios e noticias que lhe incumbem.

Exerce este officio, desde longos annos, o *tio Victorino* [1], que rege os seus pregões com a mão esquerda levantada e o dedo indicador espetado no ar.

O povo da Ericeira, como ordinariamente o das povoações maritimas, é mais alegre que em geral o do interior da Extremadura. As raparigas cantam na *Fonte do Cabo*, e ha um nucleo de cancioneiro local ou toponymico; por exemplo:

S. Pedro da Ericeira
E' a minha freguezia.
Não troco o meu S. Pedro
Por S. Lucas da Freiria [2].

A freguezia tem 2.159 habitantes e comprehende mais os logares de Fonte Boa dos Nabos, Outeirinho, Seixal e Casa Nova.

Hoje vem muita gente á Ericeira por Cintra. A distancia é de 20 kilometros. Entre as duas villas fazem-se tres carreiras diarias, a 500 reis cada logar.

Na carreira de Mafra á Ericeira poupa-se apenas - um kilometro e um tostão.

III

AS OUTRAS FREGUEZIAS DO CONCELHO

Falando das restantes freguezias do concelho de Mafra, seguiremos a ordem alphabetica.

S. Miguel de Alcainça, 800 habitantes.

Comprehende varios logares, sendo um d'elles a Malveira, onde se faz mercado de gado todas as quintas feiras e feira annual a 25 de março.

N'outro logar, a Venda do Pinheiro, tambem ha uma feira no dia de Santo Antonio.

A igreja parochial está no logar de Alcainça Grande, o qual se acha situado na encosta meridional de um monte.

E' de uma só nave e muito antiga (seculo XII ou XIII), mas tem passado por diversas restaurações que a descaracterisaram.

A palavra Alcainça parece significar—encontro das mulheres. Pena é que o sr. Ascensão Valdez, que em 1895 publicou uma interessante memoria sobre os logares de Alcainça, Malveira e Carrasqueira, não investigasse a lenda do onomastico.

Ha uma escola.

Freguezia de S. Pedro da Azueira ou de S. Pedro dos Grilhões de Azueira—1.795 habitantes.

Foi cabeça de concelho, extincto em 1855.

Comprehende varios logares.

[1] Falleceu durante a impressão d'este livro.
[2] Freguezia do concelho de Torres Vedras.

A igreja parochial fica em Azueira de Baixo, n'um valle.

Ha aqui uma industria local: a pyrotechnia.

Quintas d'esta freguezia: do Carrascal, do Arneiro, do Campo, do Pato, Amarella, das Barras, Nova, do Castello, da Figueira e das Casas Novas.

A Azueira tem escola, pharmacia, uma Philarmonica Recreio Artistico, e feira a 1 de novembro. Dista da villa de Mafra 12 kilometros.

Freguezia de Nossa Senhora da Conceição de Chileiros ou Cheleiros—974 habitantes.

A tradição diz que no tempo dos mouros houve aqui grandes celleiros, d'onde teria derivado o onomastico.

O logar de Cheleiros foi antigamente villa e cabeça de concelho; está situado em uma baixa, por onde corre o rio do seu nome.

A freguezia comprehende outros logares. Tem duas escolas para ambos os sexos.

Freguezia de Nossa Senhora da Assumpção de Enxara do Bispo—2.164 habitantes. A palavra enxara quer dizer—matagal, charneca.

A freguezia está situada na aba d'uma pequena serra, pelo que antigamente se chamava — da Serra da Enxara do Bispo.

Este ultimo genitivo veio-lhe de ter sido outr'ora patrimonio dos bispos da diocese de Lisboa.

Comprehende varios logares, sendo um o de Enxara dos Cavalleiros, que foi cabeça do concelho, ao qual a Enxara do Bispo pertenceu.

289—As Furnas da Ericeira

Ao lado da porta da igreja parochial ha uma lapide, quasi illegivel, e que só vem mencionada na *Chorographia moderna* de Baptista.

Quintas d'esta freguezia: do Casal Novo, da Princeza e do Coito.

Ha aqui muitos curtidores.

Escolas parochiaes: uma na séde da parochia e outra no logar de Villa Franca do Rosario.

Freguezia de S. Domingos da Fanga da Fé,—1.584 habitantes.

A igreja parochial está situada no logar de Lobagueira ou Encarnação; por isto chamam tambem á freguezia—da Encarnação.

Alem d'este logar, a freguezia comprehende mais quatro.

Pertence ella ao concelho de Mafra desde 1855; antes pertencia ao de Torres Vedras.

Tem escolas para ambos os sexos.

Freguezia de Santo Estevam das Gallés—1.486 habitantes.

No seculo XVIII fazia parte da freguezia de Santa Maria de Loures.

Comprehende varios logares e casaes. Tem uma escola.

Freguezia de S. Silvestre do Gradil—848 habitantes.

A estrada que da villa de Mafra conduz ao Gradil desce torneando a Tapada Real.

Ao cabo de uns 10 kilometros talvez, na direcção de nordéste, surge-nos na baixa o logar do Gradil, séde da parochia, com os seus predios caiados e os seus arvoredos.

E' logar pittoresco, e concorrido não só por ficar proximo da estrada de Lisboa a Torres, como tambem por ser convidativo para veranear.

Tem algumas quintas: a de Camarate, a do Horto, a do Desembargador da (familia Moraes e Sousa) e a de Sant'Anna, que foi da actriz Rosa Damasceno, uma das mais encantadoras *ingenuas* do theatro portuguez, aqui fallecida ás 3 horas da manhã do dia 5 de outubro de 1904. O funeral realisou-se em Lisboa no dia 7.

Na casa da quinta de Sant'Anna havia um theatrinho mandado fazer pela sua illustre proprietaria.

Parece que o logar do Gradil foi outr'ora villa. Tem duas escolas. Faz-se aqui uma feira de gado suino a 31 de dezembro. A freguezia comprehende mais 6 logares.

Freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Igreja Nova—1.690 habitantes.

Comprehende varios logares, entre os quaes o de Alcainça Pequena.

A principal industria é a de canteiro.

A freguezia, que dista da villa de Mafra 5 kilometros, tem uma escola.

Freguezia de S. Miguel do Milharado —3.162 habitantes.

Depois da de Mafra é a freguezia mais populosa do concelho.

Comprehende varios logares, sendo um d'elles a Sobreira.

Ha aqui muitos cesteiros e uma fabrica de moagem a vapor. Escola official, uma. Teve outr'ora albergaria.

290—Uma rua de pescadores na Ericeira

Freguezia do Reguengo da Carvoeira —orago de Nossa Senhora do O' do Porto; população 736 habitantes. A igreja de Nossa Senhora do Porto assenta no valle de Cheleiros, a pequena distancia da vertente septentrional. E' muito antiga, e dá-nos a impressão de haver sido mesquita. Parece que seria reconstruida em 1627, que é a unica data que n'ella se nos depara hoje.

Foi no alpendre e nos parapeitos do muro circumdante que os ultimos guerrilheiros de Matheus Alvares—o *rei da Ericeira*—se entrincheiraram no dia em que n'este valle se feriu a batalha entre elles e as tropas do governo hespanhol. Ha uma escola official.

Freguezia de Santo Izidoro —1.758 habitantes.

Principaes industrias: louça vidrada e fornos de cal.

A capella-mór da igreja parochial é de architectura gothica, sendo moderno o resto do templo.

Um dos muitos logares da freguezia chama-se Paço de Ilhas, nome que lhe veio de ter havido aqui um paço, que seria o dos condes da Ericeira, e cujas ruinas, entre ellas um portico em estilo manuelino, attestam grandeza fidalga.

Estacio da Veiga descreve estas ruinas nas *Antiguidades de Mafra*.

Segundo a tradição local, a proxima ribeira de Paço de Ilhas era outr'ora navegavel, e o que é certo é que um paredão avariado parece que teria sido caes.

Ha uma escola official.

O concelho de Mafra, que faz parte do districto de Lisboa e do Patriarchado, completa-se com a freguezia do Sobral da Abelheira, orago Nossa Senhora da Boa Viagem, população 976 almas. Esta freguezia é apenas notavel por uma nascente de agua ferrea Tem escola.

População total do concelho—25.286 habitantes.

VIII

Cintra

I

AS VILLAS DE CINTRA E COLLARES

ossue Cintra uma fama europea.

E' o *glorious Eden* de Byron, quer dizer, o paraiso portuguez que esmagou a desdenhosa soberba do poeta britannico.

Glorioso Eden lhe chamou: deu-nos o que não podia negar-nos.

Cintra, realmente, reune um conjunto de circumstancias felizes, que a tornam notavel e bella. O seu recorte orographico, as suas varzeas suaves, a abundancia de aguas crystalinas, os largos horizontes, os palacios magnificos, as quintas de recreio e até o contraste com a semi-charneca do Cacem—concorrem para tornal-a uma região encantadora, a que bem cabe o epitheto de gloriosa.

Não é que a belleza da situação e do panorama seja unica em Portugal. A natureza magnificamente nos dotou com outras bellas regiões, tanto ao sul como ao norte, que poderiam valer Cintras — se lhes não faltasse o apparato aristocratico dos *chalets*, dos palacios, das quintas, do castello da Pena e, sobretudo, a vizinhança da capital.

A 25 kilometros de Lisboa, o que representa em caminho de ferro uma hora de viagem, Cintra é para os lisboetas a mais proxima e copada sombra que podem encontrar no estio; a mais fresca e pura agua para refrigerarem as entranhas queimadas pela escorrencia chóca dos contadores; a mais brilhante manifestação da vida elegante entre junho e setembro, depois de S. Carlos e antes de Cascaes.

Ha duas coisas que todo o lisboeta «que se prese» ambiciona: um inverno em S. Carlos, um verão em Cintra. E' *chic*, é do tom.

Não quer isto dizer que elle admire as companhias de S. Carlos, ás vezes bem pouco admiraveis; que já encontre novidade em Cintra ou que se não mace um pouco no caminho.

Mas, no estio, o lisboeta morre por uma polaina branca e por um chapéo de palha, e é precisa uma *villegiature* que justifique a *toilette*.

Vai para Cintra, que é a estação da côrte; mas desde que algumas familias do *hig-life* preferiram o Estoril, o nosso bom lisboeta, sempre por snobismo, vacilla entre o Estoril e Cintra.

Ora a verdade é que nem tudo são rosas n'uma temporada de Cintra. Em primeiro logar—uma hora em caminho de ferro, com pó e calor. Depois, chegando a Cintra, um kilometro até á villa, em carro electrico; ou em trem, se é preciso subir para S. Pedro—com mais calor e mais pó.

O arrabalde entre a estação do caminho de ferro e o bairro—chamado por sua vez «villa Estephania»—tem lindos *chalets* e jardins, que são de quem são. Mas o lisboeta segue para deante a procurar a sua casinha modesta, que lhe custa um dinheirão. Janta;

291 — Castello da Pena

é noite. Depois dá um passeio, durante o qual o grande filé consiste em cumprimentar muita gente. Se ha «peixe frito» no pateo do Paço Real, isto é, se toca uma banda regimental, entretem-se a noute até ás dez horas; se não, conversa-se n'algum grupo ou n'alguma botica. Cai humidade, levanta-se nevoeiro, vão todos para casa, ouvir o sussurro da serra, cortado de vez em quando pelo rodar dos trens na villa. Pela manhã, dinheiro para as compras, tabella de Gran-Capitão. Em seguida ao almoço um livro e uma arvore, uma burricada ou uma quinta, quando não é, como para tantos lisboetas, outra vez o caminho de Lisboa.

N'isto se resume, para os que não andam na grande roda, «a vida elegante» de Cintra.

Mas, emfim, poder dizer que se está em Cintra é fazer boa figura em Lisboa.

Eu, homem do norte, prefiro o Minho, com boa agua, boa sombra, bonita paizagem—sem palacios e sem conselheiros.

Vejamos agora a villa, tal como ella é na sua feição material.

Como prologo—o Castello dos Mouros sobranceiro á estação do caminho de ferro sobre um cabeço eriçado de penedos, com as suas bellas ruinas denticuladas.

E' uma linda pagina mourisca da antiga Chintra ou Zintiras.

Os cocheiros offerecem-nos trens, e duas ou tres vozes apregoam queijadas—essa tradicional guloseima de Cintra, cujos principaes fabricantes são a Lapa, a Mathilde, e a Constancia Periquita.

Mas o viajante não quer por ora trens nem queijadas, mette-se no carro electrico, que segue pela avenida *José Luciano de Castro*, a principal arteria da «villa Estephania», e o leva ao centro da povoação, a 20 reis cada logar.

Passamos pelo *Duche*, que está dentro da quinta do conde de Valenças—antiga quinta de D. Caetano—e que é um jôrro de agua nevada, de que se faz applicação hydrotherapica.

Aqui termina o bairro Estephania.

Vamos entrar propriamente em Cintra, no coração da villa antiga, o qual comprehende não só a Praça velha, hoje largo da Princeza D. Amelia, mas tambem as suas immediações.

292 — Palacio real na villa de Cintra

E' aqui, n'esta zona central da povoação, que estão situados o Paço Real, o *soi-disant* pelourinho [1], a Misericordia, os *hoteis* «Central», «Costa», «Ancora de ouro», varias lojas de commercio, o quartel, e a igreja de S. Martinho, uma das tres parochiaes da villa.

A Praça tem passado por algumas transformações, não essenciaes, porque o seu desenho primitivo e irregular subsiste.

Mas desappareceu, por exemplo, o alpendre que d'antes servia de mercado, havendo sido este transferido para um edificio proprio, a pequena distancia do antigo logar.

O Paço Real não tem a fachada principal para o lado da Praça, mas sim apenas o portão. O que d'esta nobre residencia se pode ver de muitos pontos da villa é um conjunto de edificações de diversas epocas, com algumas janellas lavradas, e duas originalissimas chaminés, que fazem lembrar garrafas de Champagne.

A fachada dá para o interior do pateo.

[1] O sr. Antonio Cesar Mena Junior sustentou, em monographia especial, que o pelourinho de Cintra desappareceu vandalicamente em 1854, e que a actual columna teve uma origem e applicação diversas, não ainda definidas.

Quanto á origem do Paço Real, já o visconde de Juromenha, em 1839, na *Cintra Pinturesca*, tinha aventado a ideia de que elle houvesse sido—a pequena Alhambra dos reis mouros de Lisboa. Mas, depois do excellente texto com que o sr. conde de Sabugosa acompanhou os desenhos de sua magestade a rainha D. Amelia [1], parece haver ficado definitivamente comprovada aquella hypothese.

Desde D. João I até D. Manuel o Paço Real foi reconstituido, e certamente por operarios mouriscos, o que lhe conservou o caracter mosarabe.

Se já antes d'aquelles reis outros tinham passado pelo Paço de Cintra, depois d'elles raros foram os que não contaram aqui horas de folga—com excepção de um unico, Affonso VI, que n'este Paço encontrou um carcere duro.

Terei de contentar-me com fazer uma ligeira resenha do interior do Paço—a começar pelas salas tão eloquentes de recordações historicas:

Sala da audiencia—uma das mais pequenas e escuras, onde, segundo a versão do abbade de Castro, bem contestada pelo sr. conde de Sabugosa, D. Sebastião teria reunido o seu conselho para lhe propôr a infeliz jornada de Alcacerquibir.

Sala, mais propriamente quarto, de Affonso VI—com uma unica janella: foi durante 8 annos o ergastulo do pobre rei desthronado. O ladrilho do pavimento está gasto das continuas passadas do monarcha, de um lado para outro—como um leão na jaula.

Sala dos cysnes ou dos infantes—que deve aquelle nome ás pinturas do tecto, as quaes, segundo a lenda, memoram o presente de um casal de cysnes mandado por Carlos V a el-rei D. Manuel, quando ainda estas aves eram quasi desconhecidas em Portugal.

Comtudo esta sala, a mais nobre e magestosa, foi construida por D. João I.

Sala da galé ou das sereias ou camara do ouro recentemente destinada aos aposentos do sr. infante D. Affonso.

Sala das pêgas—a que se liga uma galante anecdota de D. João I, glosada por Garrett com o titulo *As pêgas de Cintra*.

Sala das armas, dos brazões ou dos veados—na qual estão pintados os brazões de familias nobres de Portugal, em numero de 72 [2].

Sala de jantar—contigua á sala das pêgas.

Sala do banho ou dos esguichos, de origem arabe, postoque o seu revestimento actual seja do seculo XVIII. A agua rebenta por crivos miudos em todas as direcções.

Sala dos arabes—nucleo da primitiva edificação mourisca embora posteriormente reconstruida. Tem um tanque central— com repuxo.

Sala das columnas, das duas irmãs ou de Affonso V—porque este monarcha aqui nasceu e falleceu.

São dignas de menção especial a capella com o seu bello tapête de azulejos; a cozinha, com as duas notaveis chaminés, grandes mesas de pedra, fornalhas, fonte e deposito d'agua.

Ha um interessante annexo ao Paço chamado *Corpo manuelino*, que foi mandado construir por el-rei D. Manuel, e conserva as ornamentações caracteristicas d'essa epoca.

Os pateos, os tanques, os jardins completam esta vivenda real, hoje habitada no verão pela rainha D. Maria Pia e pelo sr. infante D. Affonso.

El-Rei D. Carlos, a rainha D. Amelia e seus filhos veraneam no castello da Pena, de que mais logo falaremos.

[1] No livro *O Paço de Cintra*, in-folio luxuoso (Lisboa, 1903), com um exemplar do qual fui gentilmente brindado.

[2] Veja-se a obra, em tres volumes, *Brasões da sala de Cintra* pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire.

Ás tres freguezias de Cintra são S. Martinho, que comprehende a villa e é a mais populosa—com 2.266 habitantes; Santa Maria e S. Miguel, já no arrabalde, com 1.403; S. Pedro, com 2.249, no pendor da serra, e comprehendendo no alto o castello da Pena.

Na freguezia de S. Martinho estão incluidos os palacios e quintas:

a) Da Regaleira, sobre a estrada dos Pisões. Pertenceu aos barões d'aquelle titulo e hoje pertence ao dr. Carvalho Monteiro.

Os Pisões são um logar agradabilissimo, onde se unificam, á sahida da villa, os dois caminhos que conduzem a Collares. Diz-se que de umas antigas prensas, movidas por agua, receberam o nome. Ha aqui uma cascata, que forneceria o motor. Os Pisões são um passeio muito concorrido.

b) De Sitiaes, proxima á estrada de Collares. O palacio, constando de dois edificios ligados por um arco, forma uma das faces do vasto campo d'aquelle nome [1]. Quinta e palacio foram fundados por um negociante hollandez, de appellido Gildmestre, que os vendeu depois ao 5.º marquez de Marialva. Hoje são propriedades do duque de Loulé.

Dizia-se que n'este palacio fôra concluida e assignada a famosa convenção de Cintra em 1808. Lord Byron, no *Childe Harold*, seguiu esta versão e por isso chamou *mansão ingrata* ao palacio de Sitiaes.

Mas um escriptor moderno [2] provou que a deploravel convenção foi celebrada, concluida e assignada em Lisboa, e ratificada em Torres Vedras pelo general Dalrymple.

c) Do Relogio, na estrada dos Pisões, propriedade que foi de Manuel Pinto da Fonseca, *Monte-Christo*. A casa é no estilo arabe; a quinta magnifica, com um soberbo lago de marmore. Pertencem a D. Capitolina Vianna.

d) Da Penha Verde, um kilometro a sudoeste de Sitiaes. Fundada pelo grande D. João de Castro, viso-rei da India. E' grandiosa e bella. O ponto mais elevado da quinta chama-se *Monte das Alviçaras*. Sobre elle foi edificada em honra de Santa Catharina uma ermida, cujo panorama é variegado e formoso. Junto de outra ermida, de Nossa Senhora do Monte, (fundação primitiva) ha duas lapides notaveis, que D. João de Castro trouxe da India, tendo cada uma d'ellas uma inscripção em sanscrito. [3] Outras inscripções, em latim e portuguez, completam o interesse historico da quinta, cujo proprietario actual é o visconde de Monserrate.

e) De Monserrate, que no seculo XVIII pertenceu ao celebre lord Beckford, e hoje pertence aos viscondes d'aquelle titulo, tambem inglezes. Palacio dividido em pavilhões sumptuosos. Jardins, pomar, cascata, matta de frondosos carvalhos e castanheiros, cultura de plantas raras, etc.

Quillardet, escriptor francez que tem visitado a Suecia, a Noruega, Hespanha e Portugal, disse ultimamente que nunca viu nada mais bello que o parque de Monserrate[4].

Taes são as principaes quintas comprehendidas na freguezia de S. Martinho.

Todos os annos se faz n'esta freguezia uma festa de caracter pastoril, romagem semelhante ás de Santa Quiteria de Meca, porque a ella são conduzidos os gados para que S. Mamede, na sua capellinha, os abençôe e livre de molestias.

Os lavradores de Collares, Mucifal, Azoia, Olgueira, Almoçageme, e das freguezias

---

[1] A lenda fabulou que o ecco repete aqui um ai sete vezes, d'onde o dizer-se *sete ais*, e depois *sitiaes*. Outros dão como etymologia—sente ais.

[2] Alberto Telles, *Lord Byron em Portugal*, Lisboa 1879.

[3] Esta inscripção foi em parte traduzida por C. Wilkins, a pedido de Murphy. A sua traducção vem na *Cintra Pintures a*. O sr. Vasconcellos Abreu tambem se occupou da interpretação da mesma legenda. Ultimamente, o sr. João Herculano de Moura sustentou que effectivamente as duas lapides vieram para Portugal por iniciativa de D. João de Castro; que uma pertenceu ao templo de Somnath—Patane, perto de Dio; e a outra, provavelmente, ao templo de Elefanta.

[4] No livro *Espagnols et Portugais chez eux*, publicado, ha apenas um anno, em Pariz.

de S. João das Lampas, Terrugem, Santa Maria do Arrabalde, bem como todos os de S. Martinho, levam as suas rezes á romaria, obrigam-n'as a dar tres voltas á capella de S. Mamede, onde um padre as abençôa e lhes põe ao pescoço um nastro côr de rosa, que deve preserval-as de todas as enfermidades.

D. Francisco Manuel, nos *Apologos dialogaes*, allude a este costume quando diz: «vos anda aqui á roda sempre, como gado vacum em torno da ermida de S. Mamede.»

Na freguezia de Santa Maria do Arrabalde mencionaremos as quintas da Abelheira, Ribafria, Boialvo, Fonte de Longo e Maria Dias.

Na de S. Pedro sobresaem as quintas da Penha-Longa, do Ramalhão e o Real Parque da Pena.

293 — Um trecho do antigo mercado e cadeia de Cintra

A da Penha Longa foi convento e cêrca de frades jeronymos; hoje pertence á condessa d'aquelle titulo. Avista largos e bellos horizontes. Tem fontes notaveis, taes como a dos Adens, da Porca, de Moysés, do Monge, Gruta das Lagrimas; extensos prados de luzerna; jardins, lagos, mattas, vivenda opulenta.

A sua proprietaria fundou e sustenta o asylo chamado da Penha Longa — para creanças de ambos os sexos.

A quinta do Ramalhão, um kilometro a suéste de S. Pedro, pertenceu á Casa das Rainhas, e n'ella residiu D. Carlota Joaquina por alguns annos, convertendo-a n'um fóco politico de conspiração permanente. Hoje pertence á viscondessa de Valmôr.

Junto ao Ramalhão fica o logar de Ranholas, onde a infanta D. Izabel Maria teve uma quinta, chamada da Infanta, cujo palacio ardeu em parte na noite de 28 de outubro de 1906.

O castello da Pena está erguido sobre um dos mais elevados cabeços da serra de Cintra, a 529 metros de altura. Outros dois cabeços são o do Castello dos Mouros, que já mencionamos; e a Cruz Alta, um kilometro ao sul do cabeço da Pena, na mesma altura.

O Castello dos Mouros foi encorporado nos dominios da Pena, e reparado interiormente.

A Cruz Alta offerece um dos mais esplendidos e dilatados pontos de vista da serra de Cintra.

No sitio do actual castello da Pena havia um convento, fundado por el-rei D. Manuel muito depois do de Penha Longa, da mesma ordem.

Posteriormente á extincção das ordens religiosas foi adquirido, em 1838, por el-rei D. Fernando, ao preço de 700$000 reis, que era o da avaliação.

As obras da estrada começaram logo; seguiram-se as da restauração da igreja em 1841; em 1844 resolveu sua magestade edificar o palacio.

Rei-artista, D. Fernando provou na escolha do local e no plano geral da construcção o seu fino gosto pelo bello da natureza e da arte. Restaurou o que do antigo pôde salvar, como por exemplo a igreja, e fez erigir um lindo palacio acastellado, em estilo

arabe mixto, digno de rivalisar com os mais bellos castellos principescos de toda a Europa.

No exterior, as muralhas, as ameias, o torreão, a ponte levadiça, as setteiras evocam a idade-media. A porta principal recorda a Alhambra.

O portico allegorico da creação do mundo e o tecto do vestibulo imitando stalactites attingem o maravilhoso em artistica phantasia.

A torre do relogio, com um mostrador em cada uma das suas faces, é de uma galanteria de linhas e ornatos que sorri na luz.

O castello avista-se a grandes distancias, quasi sempre toucado pelo nevoeiro da

294 — Fachada do palacio real de Cintra

serra. Forma dois corpos, separados por um pateo descoberto, do qual um dos lados abre em arcaria, rasgando a paizagem.

El-Rei D. Fernando passava no palacio da Pena os mezes de estio. Depois da sua morte, o palacio e o parque foram adquiridos pelo Estado como bens da Corôa. A rainha D. Amelia aqui passa o verão habitualmente e só perto do outono é que retira para Cascaes.

No interior, o palacio da Pena tem verdadeiras preciosidades, assim como a igreja.

O parque harmonisa com o gosto e riqueza do castello. E' admiravel. Especialisaremos, como curiosidades interessantes, o lago, a Fonte dos Passarinhos, e o *Chalet de Madame*, onde passava a estação calmosa a sr.ª condessa de Edla, antes de el-rei D. Fernando a desposar em 1869.

O marquez de Vallada fez notar quanto as obras do castello da Pena foram educativas para os operarios que n'ellas trabalharam durante annos. [1] Isto é exacto.

---

[1] *Elogio historico de sua magestade el-rei o senhor D. Fernando*, pag. 11.

Depois que el-rei D. Fernando falleceu em 17 de dezembro de 1885, o castello, o parque e suas dependencias foram avaliados no inventario em 447:506$200 réis, com o desconto de 100:000$000 réis, equivalentes aos encargos annuaes da conservação das mesmas propriedades.

Dentro da freguezia de S. Pedro está comprehendida a Escola Agricola Colonial de Cintra, que, situada na quinta do Bom Despacho, é dirigida pelos padres missionarios do Espirito Santo, e foi dotada pela condessa de Camaride.

Educa sacerdotes para a evangelisação nas provincias ultramarinas.

A serra de Cintra corre, como sabemos, de l-ste a oéste, na extensão de 18 kilometros e, entrando no mar, forma o Cabo da Roca. Antigamente era chamada Promontorio Magno ou Serra da Lua, porque os romanos aqui edificaram um templo que foi consagrado a Cintia (a lua), d'onde alguns suppõem ter vindo o onomastico Sintria *(Portug. Monum.)* e depois Cintra.

Sobejam, portanto, a esta serra extremenha titulos que a recommendam e notabilisam desde a epoca romana do templo de Cintia, desde o Castello dos Mouros no periodo da occupação sarracena, até ao castello da Pena em nossos dias.

Povoada outr'ora de conventos e ermidas, a tradição religiosa allia-se n'esta cordilheira poetica á tradição profana.

Conta a lenda que el-rei D. Manuel andava monteando na serra de Cintra e perseguia um veado branco, quando viu alvejar ao longe no oceano nove velas.

Era o regresso da segunda frota que tinha enviado á India. Por este facto teria mandado erigir o convento da Pena, no logar onde já antes havia uma ermida.

Tambem a lenda conta que Bernardim Ribeiro, saudoso da infanta D. Beatriz, aqui ermava repetindo o nome d'ella ou entalhando-o no tronco das arvores e até, segundo a versão de Costa e Silva, aqui «terminou em breve os seus dias». [1]

N'uma das dependencias do parque da Pena realisa-se a 15 de agosto a tradicional festa de Santa Eufemea, tendo nos ultimos annos havido maiores festejos, promovidos por criados da Casa Real.

A igreja parochial de S. Pedro (S. Pedro de Canaferrim e depois de Penaferrim) é, como as de Santa Maria e S. Martinho, coeva da fundação da monarchia.

Em 1755 foi destruida pelo grande terremoto. A sua ultima restauração data de 1903.

Quanto mais teria eu a dizer de Cintra... mas o que diria eu que não estivesse já dito — e melhor?

Os mais illustres viajantes estrangeiros teem-lhe consagrado pelo menos uma pagina de homenagem: os ultimos, que eu saiba, foram o sr. Dé Baroni Leoni (1898) em verso, e mr. Quillardet (1905) em prosa.

Dos nossos poetas, o que talvez logrou dar, com maior exito, a suave e subtil impressão de Cintra foi o grande Garrett; e Cintra pagou-lhe amoravelmente dando o nome de «Avenida Garrett» á pittoresca estrada dos Pisões, inaugurando em 4 de fevereiro de 189[illegible] uma lapide commemorativa do centenario natalicio do poeta, collocada no muro que contorna a quinta de Pedro Gomes da Silva. [2]

Entre os nossos prosadores, um ha, que foi distincto, ainda que pouco lembrado hoje: Sebastião Xavier Botelho, a quem Alexandre Herculano dispensou largo elogio. Possuo d'elle, em manuscripto, *Uma descripção da serra de Cintra e dos Paços Reaes*, que supponho inédita.

Conheço ha mais de trinta annos esta «amena estancia, throno de vecejante prima-

---

[1] Veja-se o que a este respeito escrevemos no livro *Historias de reis e principes*, 1890, pag. 67.

[2] Um theatrinho insignificante — que não ha outro melhor! — tem o nome de «Alameida Garrett» e pertence á Sociedade União Cintrense.

vera.» Conheci-a antes do caminho de ferro, isto é, desde o mallogro do Larmanjat [1] até 1887, em que se inaugurou o ramal que actualmente serve a villa. E devo n'este ponto confessar-me retrógrado convicto: eu queria Cintra tal como a conheci primeiro, na sua altiva solidão fidalga, no tranquillo mysterio dos seus profundos arvoredos, na paz idillica das suas claras fontes, offerecendo paizagens aos pintores e aos poetas, camellias ás damas, morangos aos namorados, queijadas ás creanças e ás *bonnes*.

Hoje, em dia de tourada — porque a villa tem, como qualquer outra, o redondel vulgar de Linneu — enchem-se de turba-multa os *hoteis*, os que já citamos, e mais o Lawrence, o Netto e o Nunes; ha por toda a parte um barulho rapioqueiro, uma gritaria macabra, que perturba e descaracterisa; os caixeiros de Lisboa, com o lenço entalado no collarinho, o chapéo sobre a nuca, bebem agua da Fonte da Sabuga sem agradecer á natureza tão mimoso brinde ou bebem Collares e comem queijadas como quem está a pandigar nas hortas. Foi-se o *cachet* antigo — de solidão e solemnidade, o que quer que fosse de dupla tradição mourisca e medieval, de caracter historico e de placidez poetica, outr'ora tão respeitados aqui e tão imperturbaveis na sua quietude vagamente saudosa.

Houve no seculo XIV um conde de Cintra, que foi D. Henrique Manuel de Vilhena.

E na 1.ª metade do seculo XIX houve outro, que foi Antonio da Cunha Grãa Athayde e Mello, da casa de Povolide.

Este fidalgo nunca chegou a encartar-se no titulo, e procedeu bem, porque o condado de Cintra parece mais proprio para uma dama. Assim o comprehendeu quem depois o fez recahir n'uma neta do marechal duque de Saldanha.

Na villa de Cintra tem havido, que eu saiba, os seguintes periodicos:

O *Saloio*, primeiro jornal d'esta villa, impresso em Lisboa. De outubro de 1856 a setembro de 1857.

Jornal de Cintra. Começou em novembro de 1885.

Clamor de Cintra. Julho a dezembro de 1887.

Gazeta de Cintra. Fundada em 1889.

Correio de Cintra, que principiou em 1895, e já acabou.

Jornal Saloio. Começou em 1898. No n.º 59, de 4 de fevereiro de 1899, publicou um inédito de Garrett, *O impromptu de Cintra*.

Progresso de Cintra, que se publicava ainda em 1899.

Echos de Cintra, que julgo ser o mais moderno.

A villa é cabeça da comarca do seu nome (2.ª classe).

Tem escolas para ambos os sexos, uma fanfarra e corpo de bombeiros voluntarios.

Actualmente está em construcção um edificio destinado a paços do concelho e outras repartições publicas.

Na Penha Longa e em S. Pedro de Penaferrim ha feiras annuaes de 3 dias: a 1.ª começa a 13 e a 2.ª a 29 de junho.

Antigamente ir a Collares era uma festa; hoje... é um carro electrico — a 6 vintens por cabeça. E' barato, é commodo, mas não é uma *partie de plaisir* — como a burricada de outros tempos.

Pois Collares obriga tanto como Cintra, pelas tradições galantes e lendarias: pode bem chamar-se-lhe a continuação occidental de Cintra. Não lhe faltam memorias nem paizagens; nem sombras, nem aguas — e até vinhos macios como estrophes liquidas.

Os *rails* da tracção electrica seguem á margem da estrada. Os motores estão installados na Ribeira. A linha passa a pequena distancia de Collares, e continua para a Praia das Maçãs, que dista apenas uns tres kilometros — mais 80 reis de passagem.

---

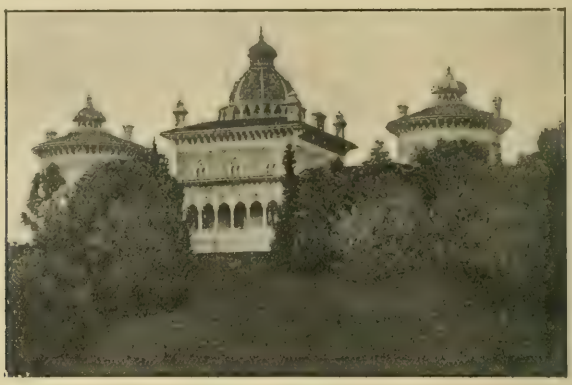
[1] Tramway a vapor, que viveu o que vivem as rosas.

Collares possue, alem dos seus encantos naturaes e das suas lendas fabulosas, a riqueza viticola e pomifera.

Bebe-se muito Collares que o não é, e comtudo não parece mau; mas quando se bebe o genuino Collares, das boas firmas—Antonio Costa [1], Mazziotti, (marca Monte-Cerves), viuva Gomes da Silva & Filhos, não ha melhor vinho, que melhor saiba e que menos escalde.

O professor Aguiar, que o considerou verdadeiro typo de vinho de pasto bem differenciado de todas as sub-regiões da Extremadura, apenas lhe notou um defeito, a falta de flavor, que é como quem diz—transparencia loira ou doirada.

Os auctores de *Portugal au point de vue agricole* tambem o reputam como perfeito typo de vinho de mesa, leve, delicado, fresco.



295 – Palacio Monserrate, em Cintra

Já mais longe dissemos que é uma casta de uva, a *Ramisco*, que lhe dá o *bouquet* especial, e, portanto, caracter.

O entreposto central do commercio vinicola de Collares é o logar de Almoçageme, d'onde as caixas são expedidas ao seu destino.

Infelizmente a região é pequena: por isso se bebe tanto Collares falsificado, algum procedente de Torres, segundo Aguiar.

A freguezia de Nossa Senhora da Assumpção de Collares tem 3.813 habitantes, dos quaes 2.056 são mulheres.

A villa, que deu nome á freguezia, tomou-o, dizem uns, de dois collos ou collinas sobranceiros á varzea. João de Barros conta que uma Dido allemã aqui viera parar depois de viuva e, com licença do senhor do logar, aqui fundára um Castello, dando como penhor do custo do terreno tres collares de ouro, pelo que chamou de Collir ao castello. Gabriel Pereira de Castro remonta-se ao tempo dos romanos, conta que um sanguinario Phitodemo, terror d'estes sitios, fôra morto por Alcides e que depois a vindicta popular o arrastou com fortissimos collares.

Fabulas bolorentas e caducas.

A villa é banhada por um rio, que desde a Ponta Redonda á varzea se chama de Gallamares e da varzea até ao oceano—rio das Maçãs.

---

[1] Antiga marca Francisco Costa.

Antigamente, segundo a tradição, era navegavel e tinha porto aberto por onde entravam no mar os pomos que as macieiras sacudiam e elle levava no seu curso: d'ahi tanto o nome do rio como da praia onde desagua.

Outra fabula... talvez.

Na varzea ha uma grande reprêsa ou lago, que serve não só para réga dos pomares, aqui tão densos e ferazes, mas tambem para exercicios de *canotage* no verão.

O arvoredo, sempre frondoso e basto em toda esta região, deixa cair sua fresca sombra sobre este lago que constitue um dos mais agradaveis divertimentos de Collares.

A villa faz-se valer, principalmente, pelo encanto da paizagem, pela graça e utilidade da vegetação que lhe serve de moldura

206 — Palacio de Seteaes, em Cintra

A *Matta*, soberbo castanhal do meu velho amigo Mazziotti, é um frondoso bosque. D'antes tambem o era o *Passeio dos Amores*, a seguir á *Rua Fria*, mas foram-se aos ulmeiros que o ladeavam e cortaram-n'os, que em toda a parte ha dendroclastas—até onde os não devia haver.

Ainda assim, a natureza continua a valer mais do que a arte em Collares.

A igreja parochial nada tem de notavel a não ser a antiguidade; apenas possue alguma estimavel obra de talha.

Os principaes edificios da villa são, no alto, a casa Mazziotti e em baixo, ao pé da igreja, a que foi do dr. Luiz de Almeida e Albuquerque.

A historia de Collares perde se na noite dos tempos. Sabe-se que a povoação já existia no tempo dos romanos.

De novo recordaremos que teve castello.

D. Affonso III deu-lhe foral e D. João I doou-a a D. Nuno Alvares Pereira. A villa foi cabeça de concelho, extincto em 1855.

Algumas lendas piedosas se relacionam com a fundação da ermida da Senhora de Milides, proxima ao convento de Sant'Anna, que foi de carmelitas calçados; e á fundação da ermida de Nossa Senhora da Peninha, eminente ao mar, sobre um rochedo, perto do Cabo da Roca.

O pelourinho de Collares ainda se conserva de pé, junto á antiga casa da camara.

A 15 de agosto faz-se na matriz uma grande festa em honra de Nossa Senhora da Assumpção.

No arraial costumam tocar a banda dos bombeiros voluntarios de Collares e alguma de Lisboa.

Ha muito que vêr nos arredores d'esta villa, e o *Eden-Hotel* ou o *Falcato* offerece boa commodidade para uma demora de alguns dias.

Qualquer guia nos indicará uma visita ao Fojo, caverna marinha, em forma de funil, onde o mar penetra subterraneamente, e em cujas anfractuosidades se abrigam aves aquaticas; um passeio á Pedra de Alvidrar, alto precipicio talhado quasi a prumo sobre o oceano—como o representou uma estampa do 1.º volume – e pelo qual os rapazitos da costa descem e sobem equilibrando-se em prodigios acrobaticos, a troco de alguma esportula. Junto á Pedra de Alvidrar é que se diz ter existido um templo dedicado á Lua.

297 — O convento da Peninha, em Cintra

Tambem nos lembrarão em Collares que visitemos a Praia das Maçãs. Lá iremos logo, e facilmente, porque nos leva o carro electrico.

Por agora falemos das quintas comprehendidas na área da freguezia: são muitas, ricas de vinha, ricas de pomares de espinho e caroço.

Mencionaremos, como principaes, a do Dias, que pertence a Chaves Mazziotti; a dos Freixos, que foi do dr. Luiz de Almeida e Albuquerque; a do Pé-da-Serra, hoje dos filhos do conselheiro Francisco Costa; a do Vinagre, que é de D. Maria José Dique Bandeira Nobre; e a do Carmo, que foi de Guimarães Ferreira, o qual a legou ao conselheiro José Dias Ferreira.

Esta era a antiga cêrca do convento dos carmelitas.

A quinta do Dias tem um palacete construido ha mais de 200 annos, um bonito mirante e uma cascata magnifica.

A bella *Matta* de castanheiros, a que mais a cima nos referimos, fica entre a quinta do Carmo e a do Dias.

Conhecemos a importancia vinicola de Collares, mas diremos ainda que a viticultura n'esta região começou a ser animada por Affonso III, como prova um documento antigo, e talvez até este monarcha tivesse mandado vir de França algumas cêpas para replantar.[1]

As fructas são optimas e abundantes. Não só abastecem o mercado de Lisboa, mas tambem, em grande copia, vão para Inglaterra, especialmente os limões.

---

[1] *Cintra pittoresca*, pag. 185.

Já o marquez de Pombal dizia que ter limoeiros em Collares equivalia a possuir uma preciosa mina.

De uma das propriedades d'esta região, o Casal, adstricto á quinta da Arriaga, na serra, sei eu que saíam todos os annos centenares de caixas de limões para Inglaterra no valor de 4 a 5 contos de reis: dizia-m'o esse excellente homem que se chamou Joaquim Pinto de Magalhães, e foi 1.º visconde e 1.º conde da Arriaga.

Depois da morte do conde, em dezembro de 1892, o limão portuguez teve uma baixa no mercado de Inglaterra pela concorrencia do limão da colonia do Cabo.

Deu isto motivo á substituição do limoeiro pela vinha no Casal, pois que, não podendo exportar-se o limão, o seu consumo em Portugal era deficiente.

Actualmente, por effeito de epiphytia ou qualquer outra causa, a exportação do limão do Cabo diminuiu, e a do limão portuguez tende a melhorar.

298 — O lago na varzea de Collares

A quinta da Arriaga foi por muitos annos o retiro predilecto de politicos notaveis: Fontes vinha aqui descansar algum tempo, especialmente durante os tres dias de carnaval. Aqui gosaram suas luas de mel Lopo Vaz e outros regeneradores em evidencia. O conde da Arriaga dava uma hospitalidade bisarra e magnanima.

Hoje a quinta da Arriaga pertence ás duas filhas solteiras do conde, e o Casal á esposa do sr. conselheiro João Arroyo, o qual mandou recentemente edificar uma ampla vivenda.

Vamos agora á Praia das Maçãs, que fica a tres kilometros da villa de Collares, junto á foz do rio d'aquelle nome.

No caminho passamos pelo nascente de agua de Monte Banzão, que, para mesa, rivalisa com a das Lombadas.

Por ora a praia das Maçãs tem poucos edificios, alguns *chalets*, no alto, sobre a riba; em baixo fica a praia de banhos. Magnifico ar, e temperatura magnifica. Mas os banhos são ás vezes perigosos pela bravura do mar. Já aqui se deram dois sinistros memoraveis. Em outubro de 1838 foram arrebatadas pelas ondas tres meninas e dois banheiros [1]; em setembro de 1905 aqui morreram afogadas mais duas meninas, Marcelli-

[1] Uma d'estas meninas, tendo o seu cadaver sido arrojado á praia, foi sepultada no cemiterio de Collares. O seu epitaphio diz: «Consagrado á memoria de D. Maria Barbara Benedicta d'Almeida, nasci-

na Rosa, de 14 annos, Umbelina da Assumpção, de 15, filhas de proprietarios do logar de Mucifal.

Em dezembro de 1907 começou n'esta praia a construcção de um edificio para hotel, sobre as ribas, ao lado da estrada para as Azenhas do Mar, quasi em frente da *Villa Guide*.

O proprietario é o sr. Eugenio Levy, que tambem mandou construir um *restaurant*, o qual já está funccionando.

A Praia das Maçãs começou a ser povoada depois que em 1887 se concluiu a estrada que a liga com a varzea de Collares.

299 — O convento da Pena no seculo XVI

Um dos *chalets* pertence ao sr. Alfredo Keil, que tambem aqui fez erigir uma capella da invocação de Senhora da Praia das Maçãs.

Ao norte d'esta praia ficam a linda povoação costeira — Azenhas do Mar — alcandorada sobre rochas, e as praias de Fontanellas e Magoite.

Ao sul ficam as praias Grande, da Ursa, da Adraga e do Cavallo. [1]

---

da em 26 de fevereiro de 1823 e fallecida a 2 d'outubro de 1838, filha do conselheiro Ignacio Rufino de Almeida e de D. Maria José de Almeida. Falleceu suffocada no rolo do mar, na Praia das Maçãs, junto a Collares. D. Sophia de Roure, que pôde ser salva a muito custo e era irmã de uma das victimas, casou mais tarde com o visconde de Villa Maior.

[1] Diz-se que um cavallo, pertencente a certo inglez, resvalando pelo Fojo, de que já falamos, fôra apparecer na praia a que dera o nome. Não prima pela verosimilhança esta lenda.

Continuando na freguezia de Collares, escusado nos será accentuar de novo a importancia do logar de Almoçageme. Este logar já em 1838 contava 115 fogos, quando a villa, que é séde da freguezia, apenas tinha 60.

De então até hoje as suas condições de prosperidade augmentaram, graças ao trafego vinicola.

Segue-se, em cotação, o logar do Penedo, que tambem n'aquelle anno de 1838 já tinha 119 fogos; hoje tem 200, e 700 almas.

Ha aqui uma capella instituida em 1647 por Francisco Nunes da Silva e sua mulher. As paredes são revestidas de azulejos, que representam os milagres de Santo Antonio. E' n'esta capella que no domingo do Espirito Santo se realisa a festa do Imperador, a qual dura tres dias.

Contamos no 1.º vol., capitulo *Alemquer*, a origem da tradição do Imperio, tão generalisada em Portugal, especialmente no sul, de Coimbra para baixo, e nos Açores.

A propria Lisboa não resistiu á tradição, como se deprehende de uma rapida noticia dada por João Pedro Ribeiro: «E' tambem de esperar que ainda se conserve junto a Coimbra a burlesca mascarada do Imperador das Eiras, e até ainda a haverá em Lisboa na Lapa, e na Esperança.» [1]

Não ha. Mas subsiste no concelho de Cascaes, em Alcabideche; e no de Cintra, logar do Penedo.

Aqui, o elenco das festas é o seguinte: No 1.º dia, o boi, todo enfeitado com fitas e flores, dá tres voltas á capella, e em seguida abatem-n'o, sendo parte da carne distribuida em bôdo aos pobres. No 2.º dia sai o cortejo processional do Imperador e faz-se a bençam do pão, celebrando-se depois a funcção religiosa na capella. No 3.º e ultimo dia remata-se a festa com o jantar aos festeiros, para o qual se reserva uma parte do boi morto.

Garção compoz umas cantigas — Ao Divino Espirito Santo no anno em que serviu de Imperador um filho do Ill.mo e Ex.mo Snr. D. José de Alencastro—o que prova que tambem os fidalgos da Extremadura se honravam de desempenhar aquelle devoto cargo.

A freguezia de Collares comprehende ainda outros logares de menor importancia.

Em Collares ha marmores pretos, e na Pedra de Alvidrar ha-os brancos; mas a todos, no concelho de Cintra, supplantam os variegados de Pêro Pinheiro.

---

[1] *Reflexões historicas*, parte 1.ª, pag. 36.

300 — Praia das Maçãs

II

BELLAS E OUTRAS FREGUEZIAS

O concelho de Cintra, que faz parte do districto de Lisboa e tem uma população total de 26.394 habitantes, comprehende mais as freguezias de Almargem do Bispo, Bellas, Montelavar, Rio de Mouro, S. João das Lampas e Terrugem.

A do Almargem, cujo orago é S. Pedro, conta 3.402 habitantes.

O logar séde da parochia fica a nordéste da estrada de Lisboa a Cintra e dista d'esta villa tres kilometros.

Encravado n'uma alcantilada encosta, as suas casas, muito caiadas, apparecem en-

301 — Vista de Bellas

tre macissos de verdura, espalhadas ao acaso, aqui, acolá. Em frente, até ao vago limite dos montes, desenrola se a chamada *varzea* pintalgada de quintas verdejantes.

Cultiva se no Almargem grande quantidade de agriões e violetas, das quaes as saloias fazem raminhos, que são vendidos, como os agriões, na Praça da Figueira, em Lisboa.

Entre outros, tem a freguezia dois importantes logares: o Sabugo, com duas linhas de casas ladeando a estrada real de Lisboa, e o de D. Maria.

No Sabugo ha uma feira a 25 de julho.

A freguezia de Nossa Senhora da Misericordia de Bellas conta 3.612 habitantes.

A villa, séde da parochia, foi cabeça de concelho até 1855, e outr'ora cercada de muralhas torreadas.

Está situada n'um ameno valle á aba da serra da Carregueira, e é atravessada pela ribeira de Bellas ou de Jarda.

Eis aqui um dos mais pittorescos e povoados suburbios da capital, com muitos predios modernos, e dois hoteis, o *Central* e o *Paschoal*, que no verão se enchem de hospedes.

No *Central* ha tambem um *restaurant*, onde costumam reunir-se os bons cavaqueadores veraneantes.

Camillo Castello Branco chamou a Bellas «um retalho do Minho [1]». Certamente o é. Com esta boa impressão recomecemos a nossa resenha.

Sobre o antigo rocio ergue-se o palacio dos condes de Pombeiro (depois marquezes de Bellas) antigos donatarios da villa.

Successivas modificações teem desfigurado a traça primitiva do edificio, ao qual se segue a notavel quinta, que tão agradavel sombra offerece nos dias calmosos do estio, e onde se realisa a famosa romaria annual do Senhor da Serra.

Esta quinta pertencia no seculo XIV a um Gonçalo Annes Correa, que por sua morte a deixou ás commendadeiras de Santos, as quaes a cederam por escambo a Lopo Fernandes Pacheco, pai do celebre Diogo Lopes Pacheco, um dos implicados no assassinio de Ignez de Castro.

Por este facto foram confiscados ao filho para a Corôa todos os bens que elle herdára do pai.

D. Pedro I affeiçoou-se á quinta de Bellas e aqui mandou edificar um palacio, que foi o nucleo do actual.

Seu filho D. Fernando restituiu a Diogo Lopes Pacheco os bens confiscados, de que elle se gosou parece que até á morte. Depois reverteriam á Coroa por qualquer motivo.

D. João I deu a quinta de Bellas a Gonçalo Pires, seu parcial, mas por morte d'este comprou-a para dal-a ao infante D. João, o qual gostava de residir durante temporadas no paço fundado por seu avô.

Fallecido aquelle infante, herdou a quinta de Bellas a senhora D. Beatriz, sua filha, que restaurou o paço e melhorou a quinta e que, sendo viuva, doou toda a propriedade a Rodrigo Affonso de Athouguia, fidalgo que fôra dedicado a seu marido.

D. Maria da Silva, bisneta d'este fidalgo, casou com D. Antonio de Castello Branco, 12.º senhor de Pombeiro, e os seus successores, depois (1662) condes d'aquelle titulo e mais tarde (1801) marquezes de Bellas, continuaram na posse da propriedade.

Assim, pois, é esta uma quinta povoada de nobres memorias. Aqui á sombra do arvoredo pensaria D. Pedro I na mysteriosa coincidencia que regula ás vezes os acontecimentos humanos: porque as mesmas arvores que abrigaram Diogo Pacheco o abrigaram a elle, amante saudoso de Ignez. Aqui se encerrou el-rei D. Duarte durante os primeiros dias em que sentiu na fronte o peso da corôa real, que tão pesada lhe foi. Aqui se recreou por vezes el-rei D. Manuel nas suas horas felizes, que foram quasi todas. Aqui, em nossos dias, podemos evocar a historia antiga da quinta, que hoje pertence ao sr. Borges d'Almeida.

Vilhena Barbosa suppunha que dos paços de D. Pedro I apenas se conserva a forma geral do edificio. Gabriel Pereira julga ver na residencia de Bellas restos ainda da alta idade-media. São duas opiniões concordes.

Os Pombeiros do seculo XVIII cuidaram muito da quinta, e aformosearam-n'a, o que explica que o padre Domingos Caldas Barbosa os quizesse lisonjear escrevendo a *Descripção da grandiosa quinta dos senhores de Bellas e noticia do seu melhoramento* (Lisboa, 1799).

Parte da quinta é plana, estende-se por um longo valle e comprehende os pomares, hortas, jardins e avenidas, com boa sombra e frescura de agua.

A avenida principal, traçada do sul para o norte, é copada por frondosas arvores,

---

[1] Em carta publicada no meu livro. *O romance do romancista*.

e vestida de plantas e flôres. Tem ao meio um alteroso obelisco de marmore, erguido sobre alguns degraus, e ornado n'uma das quatro faces, a meia altura, com a figura da Fama e os bustos do principe D. João (depois rei) e de D. Carlota Joaquina, trabalho do esculptor Joaquim José de Barros.

Esta mesma avenida conduz á cascata e ao lago que tem uma estatua de Neptuno, em marmore de Carrara, attribuida a Bernini.

A oéste, o terreno é accidentado, montuoso, se bem que brandamente. Pela encosta frondeja a matta, cruzada de ruas sombrias, e sobem dois caminhos escadeados, com grutas e bancos a intervallos, os quaes dois caminhos levam á corôa do monte mais alto, onde se ergue a pequena ermida do Senhor Jesus da Serra.

302 — Largo de Bellas

No ultimo domingo de agosto realisa-se a romaria, que é a mais concorrida dos arredores de Lisboa, e por essa occasião a avenida principal da quinta transforma-se n'um vasto arraial—que principia já no largo da villa—um *mare magnum* de gente, ondulante, confuso, revôlto.

Vou recortar dos jornaes de 1903 trechos descriptivos da romaria d'esse anno, não só porque elles ferem uma nota impressionista colhida *sur place*, mas tambem porque reproduzem um *cliché* que todos os annos pode ser decalcado com exactidão.

Mas, primeiro, lembrarei que a villa de Bellas é servida pela estrada de Lisboa ou pelo apeadeiro Queluz-Bellas, que dista d'esta villa 2 kilometros. [1]

E, agora, á romaria:

«Na estação de Queluz-Bellas, á chegada dos comboios estabelecia-se extraordinaria confusão, sendo muitas vezes necessaria a intervenção do chefe Simões, que ali fazia serviço com vinte guardas de Lisboa e o cabo 112. No largo da estação havia um sem numero de carros, «char-à-bancs», carroças, trens, «charrettes», etc., de Bellas, Cintra, Lisboa, Mafra e Ericeira, que conduziam os romeiros á villa, que como se sabe, fica a pouco mais de um quarto de hora de caminho. Todos, sem excepção, e principalmente 5 carros do sr. Eduardo Jorge, eram positivamente assaltados e disputados com tal vigor, que mais parecia uma verdadeira batalha.»

—«Quem sahia da estação, atravessada a linha, encontrava logo, á direita, duas barracas, onde se vendiam vinho e varios petiscos, as quaes, bem como outras que ficavam á esquerda da estrada, um pouco mais adeante, fizeram magnifico negocio. O mesmo succedia em uma pequena locanda que ha junto das cancellas da estação e que, durante todo o dia e noite, esteve repleta de consumidores, correndo ahi o vinho e a cerveja a jorros.

«Pela estrada um sem numero de mendigos atormentava os romeiros com as suas

[1] Habitualmente, ha carreiras de diligencia a 60 réis cada logar.

costumadas cantilenas, exhibindo aleijões e doenças repugnantes, a vêr se conseguiam recolher alguns magros vintens, devidos á caridade dos transeuntes.

«Avista-se, emfim, a porta lateral da quinta do Marquez, junto da qual estão quatro carroças com pipas de vinho e duas improvisadas barracas de comida, onde se vende peixe frito e pasteis de bacalhau, juntamente com pão saloio que, segundo o costume, teve grande consumo.

«Proximo, alguns vendilhões ambulantes offereciam aos romeiros registos do Senhor da Serra, rosarios de vidro, etc.»

—«No largo da villa era um verdadeiro pandemonio.

«Estava ahi armado o arraial e ao lado esquerdo viam-se erguidas as barracas da feira, que geralmente fizeram bom negocio.

«As que se fizeram representar em maior numero foram as de comidas, que desde manhã até á noite estiveram repletas de freguezia.

«Havia tambem um grande numero de barracas de quinquilharias e bancadas em que se fazia venda de registos do Senhor da Serra.

«Viam-se ainda uma barraca de tiro ao alvo, um theatro de fantoches, algumas tombolas e, á porta principal da quinta grande numero de carroças com pipas de vinho. Ahi, alguns homens vendiam varapaus ferrados, de varios tamanhos e qualidades, que tiveram grande extracção.

«A' entrada da quinta a multidão era enorme, e, quando entrava o largo portão de ferro, apertava-se de tal forma, que os dois policias de Lisboa que o guardavam difficilmente conseguiam manter-se nos seus logares.»

303—Registo do Senhor da Serra

—«A feira do largo foi extraordinariamente concorrida e a venda de vinho foi verdadeiramente phenomenal, pois que cerca de 2:000 almudes, sem contar com o liquido transportado de Lisboa e com o que se vendia nas vendas abertas, foram consumidos pelos romeiros. A barraca dos fantochcs e a do tiro ao alvo e «pim-pam-pum» tiveram desusada concorrencia.

«Os retiros Reis e Campestre, e os hoteis e casas de venda estiveram sempre cheios até á porta, acabando-se em algumas d'ellas a comida, tal a affluencia de frequentadores.»

—«E' uma parte imprescindivel da festa ir á capellinha da quinta do antigo marquez de Bellas, hoje propriedade do sr. Borges d'Almeida, prestar culto ao Senhor da Serra. Toda a gente, ao chegar á villa, pensa logo n'isso. E era então ver os romeiros, n'uma doida irreverencia, entrando pela capellinha de companhia com as guitarras e cangirões de vinho. Isto mostrava que nem só a devoção do Senhor da Serra os levava áquelle tradicional passeio á villa de Bellas.

«Todos conhecem aquella capellinha, quasi minuscula, mas muito bonita, escondida entre o frondoso arvoredo, convidando a dormir a sésta. Não comporta a capella mais de sessenta pessoas, bastando dizer isto para se avaliar qual a confusão e o alarido que deveriam resultar de toda aquella multidão querer ali entrar ao mesmo tempo.»

—«Os melões, melancias, uvas, pecegos, peras, emfim, todas as qualidades de fructa

da estação, venderam se immenso, especialmente as melancias e melões, que se venderam, segundo a phrase popular, como gallinha.

«O preço das primeiras regulava de 80 a 160 réis, conforme o tamanho e a qualidade, e o dos segundos entre 240 e 360 réis, nas mesmas condições.

«As queijadas de Cintra, que em pacotes enfileirados e empilhados sobre cestas de castanho se viam por todos os lados das ruas da quinta, venderam-se tambem em grande quantidade, bem como as bilhas de barro que, actualmente, estão substituindo a classica borracha.

«D'este ultimo artigo viam-se centenas no extremo da rua a que nos referimos.

«Por toda a quinta pullulavam os vendedores de capilé e agua fresca, que conseguiram auferir bons lucros, devido ao excessivo calôr que hontem fez. O que, porém, ganhou mais dinheiro, foi um antigo creado de restaurante que, no recanto da encruzilhada, levantou um balcãosito, em que vendia limonadas, laranjadas, gelados e bolos do Ferrari.»

—«Na encosta viam-se ranchos, bem como na clareira e por meio dos arbustos e carrasqueiros, comendo os seus farneis com appetite e bebendo o bello vinho em bilhas e cangirões, dançando-se depois animadamente, principalmente no largo do Cruzeiro, onde as cantadeiras de Almargem do Bispo davam a nota alegre com as suas cantigas e os seus fatos domingueiros de variadas côres.

«No primeiro arruamento, á esquerda da entrada da quinta, havia á venda grande porção de fructas, melões, melancias, uvas, pecegos, etc., leitões assados, pelos quaes pediam 1$500, 1$600 e 2$000 réis, muita louça e objectos de verga.»

—«No alto da quinta, na clareira onde está a chamada pedra Alta ou dos Mouros, o rapazio e muitos romeiros entretiveram-se durante todo o dia a ver quem era capaz de subir ao pico d'aquelle ingreme, escabrado e liso pedaço de granito, com cerca de seis metros de altura [1]. E assim se passou, até á noite, o primeiro dia dos festejos em honra do Senhor da Serra.»

Tal é, n'um relance de noticiario, a movimentação da romaria do Senhor da Serra.

Segundo Caldas Barbosa, o abbade de Castro e outros, havia outr'ora em Bellas, no logar de Suimo, ricas minas de pedras preciosas, especialmente granatas e jacintos, que appareciam quando se lavrava a terra ou quando ella era revolvida por grandes chuvas. Baptista informa de que ainda appareciam (1876) ao longo da ribeira, depois de ter chovido muito.

Vilhena Barbosa e outros dizem que o aqueducto das Aguas Livres (mais propriamente Agua Livre) começa nas cercanias de Bellas. A verdade é que já vem mais do norte, para alem do pinhal de Troia, na estrada que liga Caneças com o logar de Camarões.

Ha na villa um magnifico edificio escolar para ambos os sexos, que foi construido em 1894 e inaugurado em 1895 com a assistencia do governo e da camara de Cintra.

E' a *Escola Francisco de Aboim*—nome do seu desvelado promotor, hoje visconde de Idanha.

Parte do Largo de Bellas está ajardinada: tem um pavilhão no meio e tres caramanchões lateraes, bem como alguns bancos ao abrigo das arvores:—illuminação a gaz.

Alem da quinta do Marquez e d'este jardim publico, ha logares muito frequentados no verão, taes são: Fonte da Panasca, a meio kilometro da villa, com uma linda estrada;

---

[1] Vilhena Barbosa diz: «Na parte alta da quinta vêem se uns grandes rochedos da feição de lageas collocadas de modo, que parecem realmente dispostos por industria humana. Se se der credito á tradição vulgar entre os povos da villa e dos arredores, foi obra dos moiros e lhes servia de atalayas Ao parecer de outras pessoas aquellas pedras não são mais que uma curiosidade natural».

Agua Livre, Fonte do Castanheiro, Alto dos Moinhos e Bomjardim, comprehendidos quasi todos em quintas, aqui numerosas.

Algumas d'estas quintas são contiguas á villa, a saber: a da Assumpção que pertence ao commendador José Maria da Silva Rego e a sua irmã D. Maria das Dores Rego Leão d'Oliveira. Tem palacio, jardim, e dois miirantes d'onde se disfrutam interessantes panoramas.

Quinta do snr. J. Wimmer, com aguas ferreas e pittorescos passeios.

Quinta da Hespanhola, que pertence á snr.ª D. Raphaela Gimens, com palacio e jardim.

Quinta do Conde de Villa Franca (hoje dos herdeiros) com palacio, jardim e boas sombras.

304—Bellas—Escola Francisco de Aboim

Quinta Villa-Adelaide—com palacio, jardim e excellente agua de mesa. Pertence ao snr. Manuel Vicente Nunes.

Quinta da Samaritana, com chalet, jardim, boas sombras e excellente agua de mesa, Pertence ao snr. Jacob Abeccassis.

Mais distantes da villa, ha outras quintas, a saber:

De Molha-Pão, que fica a 4 kilometros de Bellas. Pertence ao visconde de Alverca, e está arrendada a longo prazo ao sr. Armando Navarro.

Quinta das Aguas Livres que fica a 2 kilometros aproximadamente, encostada ao aqueducto do seu nome. Pertence á sr.ª D. Maria da Assumpção Barros Lima, sogra do snr. Carlos Eugenio d'Almeida, o qual mandou construir um grande palacio e capella. Tem boa agua e boas sombras.

Quinta do Bomjardim, que fica a 2 kilometros, e pertence ao marquez de Borba. Tem palacio antigo, jardim, matta, e boa agua. Na capella faz-se uma festa todos os annos no dia de Nossa Senhora da Conceição.

Quinta da Fonteireira, que pertence ao snr. Eduardo Ferreira Pinto Basto e fica a 1 kilometro. Tem palacio, jardim, mattas, pinhaes, e a Fonte do Castanheiro, a que já nos referimos, e cuja agua é ferrea.

Quinta do Grajal, no logar da Venda Secca— a dois kilometros da villa de Bellas. —Pertence ao sr. Serra e é afamada pela excellente agua da Fonte do Cedro.

Tem Bellas uma boa igreja parochial, e uma elegante avenida, bem sombreada, que se chama do—Conde Pombeiro.

O numero de fogos deve oscillar entre 400 e 500.

Depois de Bellas, avulta o logar de Queluz, notavel apenas pelo palacio real e tradições principescas.

A povoação e o palacio ficam n'uma baixa.

Na estrada que desde o apeadeiro segue para o logar teem sido edificados alguns predios modernos, que chegam até quasi ao largo do palacio.

Queluz gosou dias de celebridade depois que D. João IV confiscou o palacio que os marquezes de Castello Rodrigo aqui possuiam e o doou á Casa do Infantado. Aqui urdia o infante D. Pedro a conspiração de que foi victima seu pobre irmão Affonso VI; aqui, um segundo infante D. Pedro, irmão de D. João V, fez muitas das suas tunantadas famosas; aqui ainda outro infante D. Pedro —depois 3.º rei d'este nome e restaurador do palacio—dava brilhantes festas á côrte e ao povo, serenins e minuetes nas salas, fogueiras e bailaricos no terreiro durante os annos que, depois do terremoto, aqui viveu a familia real.

305—Bellas—Estrada da Panasca

Graças a esta aura de vida principesca e esplendor palaciano, a povoação de Queluz foi elevada á categoria de villa em 1804 e tratou-se de ordenar a construcção da igreja matriz e da casa da camara.

Mas, a breve trecho, os francezes vieram, e a familia real abalou de fugida para o Brazil—salvando mais a pelle do que a corôa.

Todos aquelles melhoramentos ficaram no ôvo, mas o palacio, restaurado pelo marido de D. Maria I, já então era uma especie de Versalhes portuguez, postoque não acabado, e apesar de desigual.

D. Miguel habitou-o, com mais decencia do que dizem as falsas lendas, e D. Pedro IV aqui falleceu depois, a 24 de setembro de 1834.

E' singular a relação historica d'este Paço com os principes portuguezes de nome Pedro.

Posteriormente á morte do Imperador, a familia real apenas veio com pouca demora a Queluz.

Hoje o palacio está quasi inteiramente desguarnecido de mobilia.

E comtudo era um dos mais lindos palacios da Corôa, pelo que respeita ao edificio e aos jardins; — que, no tocante á situação topographica, Queluz é, como lhe chamou o marquez de Rezende, «o fundo de um alguidar.»

A proposito d'este fidalgo, diremos que os seus artigos publicados nos vol. XI e XII do *Panorama* constituem a mais circumstanciada noticia que sobre o Paço e a povoação de Queluz se tem escripto.

Avulta no palacio uma correnteza de salas, vestidas de ricos espelhos, guarnecidas de soberba obra de talha, e com o pavimento em magnifico xadrez de madeiras ou marmores.

Entre todas as salas as mais notaveis pela magnificencia são a *das Talhas*, que primeiro foi destinada á *serenins* — concertos de musica — como a pintura do tecto indica,

e depois a audiencias e recepções solemnes; e a sala das *Serenatas*, que na sua applicação substituiu aquella, e é a maior e mais sumptuosa de todas.

Historicamente, assignala-se outra sala, a de *D. Quichote* (nome que lhe vem do assumpto dos medalhões decorativos tirado do livro de Cervantes) porque n'ella expirou D. Pedro IV... no mesmo leito em que D. Miguel tinha estado em tratamento quando partiu uma perna.

Conserva-se ainda esse leito, aliás modesto — com o seu cortinado branco em pavilhão, segundo o estilo da epoca.

Esta sala, que fica n'uma das extremidades do palacio, tem contiguo o oratorio particular.

306 — Palacio de Queluz

A capella principal, situada no lado opposto dos jardins, abre uma porta para a rua, e é espaçosa, alem de bem ornada.

N'uma das salas conserva-se tambem um dos melhores retratos, se não o melhor, que de D. Miguel se conhecem. E' de corpo inteiro e a oleo: a mão esquerda firma no chão a espada, e a direita suspende o tricorne de plumas brancas. Foi tirado em Vienna d'Austria, em 1827, por Giovanni Ender.

No theatro, construido sob a direcção do architecto Ignacio de Oliveira Bernardes, representou D. Miguel o papel de protagonista na opera *Vida de D. Quichote de la Mancha*, do *judeu* Antonio José.

Na «primeira parte» ou primeiro acto, scena III, D. Miguel entrava a cavallo, como é da peça.

Os jardins e o parque são verdadeiramente principescos, teem, na realidade, alguma coisa de Versalhes. Estatuas, vasos de marmore, lagos, tanques, duas grandes figuras allegoricas, estufas, alamedas, pontes, casas de regalo e a cascata monumental dão uma forte impressão de grandeza realenga.

Segue-se ao parque a tapada, separada por uma cerca de muros.

Exteriormente o palacio é de marmore, ornado de columnas, balaustradas, estatuas e vasos.

Em Queluz e em dependencias do palacio está aquartelado um grupo de artilharia a cavallo.

O segundo marquez de Pombal, Henrique José de Carvalho e Mello, mandou edificar, quasi em frente do paço real, uma casa de campo onde habitava quando estava de serviço á rainha D. Maria I como gentil-homem da sua camara, durante os annos em que a côrte se fixou n'este paço.

Por que se chama Queluz ao sitio nem o marquez de Rezende com toda a sua paciencia de velho investigador o pôde descobrir.

Apenas logrou averiguar que tão impenetravel onomastico apparece pela primeira vez n'um documento do seculo XVI.

307 — Jardim do palacio real de Queluz

Em Queluz faz-se uma feira annual desde 1 a 3 de outubro, e ha mercado de gado no 1.º domingo de cada mez.

Outro logar da freguezia de Bellas é Agualva (outr'ora Jarda).

Este logar fica a um kilometro do Cacem, e é principalmente conhecido pela grande feira annual, que se effectua n'um terreno amplo e pedregoso.

Dura tres dias a feira, começando no 1.º de maio.

A principio era apenas de gado — bovino, lanigero e cavallar. Hoje é franca.

Comtudo, n'ella abundam os objectos indispensaveis á vida agricola dos saloios: vasilhame, arreios, mantas á pastora, de cordão; peneiras, louças de barro, varapaus, cutelaría, etc.

Uns annos por outros explude alguma desordem brutal, que varre a feira n'um momento: assim aconteceu em 1906.

Meleças [1], na estrada de Cintra a Collares, logar celebre pelo fabrico do mais fino pão saloio, tambem pertence á freguezia de Bellas; bem como o logar de Massamá, que já deu um titulo de visconde [2], e o logar de Idanha, amplo, com uma feira annual, e outrosim engrandecido com outro viscondado [3]. N'este logar ha um asylo de alienadas.

Passarei em claro alguns logares, para falar agora do de Agua Livre, recommendavel pelo famoso aqueducto lisbonense; e do logar da Venda Sêcca, onde merecem especial menção duas quintas.

---

[1] Na freguezia de Rio de Mouro tambem ha um logar do mesmo nome.

[2] Concedido ao medico Nuno Severo de Carvalho.

[3] Concedido a Francisco Moreira Freire Correia Manuel de Aboim, meu antigo amigo.

São ellas a do Grajal, a que já me referi; e a do Bomjardim, onde os marquezes de Borba realisam todos os annos a tambem já mencionada funcção religiosa na capella do palacio, havendo arraial tanto de dia como á noite.

A Venda Sêcca logra creditos de boa estancia de verão. São excellentes as suas condições hygienicas e ha casas para alugar.

A freguezia de Rio de Mouro, orago Nossa Senhora de Belem, com 1.644 habitantes, fica na estrada real de Lisboa, e o ramal de Cintra atravessa-a.

O logar do Cacem, d'onde parte o ramal, já lhe pertence.

Os seus principaes logares são, alem do da séde da parochia e d'aquelle, os de Covas, Albarraque, Paiões, Francos, Pexelegaes.

Quem segue o ramal do Cacem a Cintra e entra na região, um pouco arida, d'esta freguezia, vê á direita o pinhal das Mercês, da casa Palmella, sitio onde se faz no terceiro domingo de outubro a grande feira que das «Mercês» tomou o nome.

A capella, consagrada a Nossa Senhora d'aquella mesma invocação, fica afastada do recinto da feira e rodeada de frondosas arvores.

Durante a feira ha festa de igreja e procissão.

Esta costuma organisar-se assim: á frente a cruz alçada e os ciriaes; depois, algumas cachopas saloias com os *cargos* [1] á cabeça e a par d'ellas os seus «conversados»; a irmandade acompanhando e conduzindo os andores de Santo Antonio, S. Sebastião, Senhora do Bom Successo, S. José, Menino Jesus, Senhora das Mercês; por ultimo o Santo Lenho debaixo do pallio.

308—A torre do palacio real de Queluz

A procissão limita-se a dar volta ao largo do Cruzeiro.

A feira, como a de Agualva, é não só de gado, mas tambem de fructas, legumes, louças, utensilios agricolas, etc.

Dois costumes populares dão caracter especial á feira das Mercês: são as afamadas frituras de carne de porco, petisqueira tradicional por coincidir com a epoca das chacinas; e o «muro do derrête», pratica amorosa em que as gorduras suinas, antes ingeridas, se evaporam na fornalha chammejante que o deus Cupido accende.

O «muro do derrête» tem de extensão uns 500 metros. Sobre elle, das duas ás cinco horas da tarde, véem sentar-se as raparigas solteiras d'esta e outras freguezias do concelho. A's vezes não são menos de 200. E' uma exposição de noivas, um bazar mahometano de mulheres, arreadas com todo o seu melhor oiro—cordões, broches, brincos, afogadores, medalhas, pulseiras e anneis.

---

[1] Fogaças.

Os rapazes, tambem entrajados ao garrido, e encostados ás *escoras* (varapaus) contentam se com catrapiscar de longe as suas escolhidas, se n'esse anno as começam a namorar, ou logram aproximar-se d'ellas e conversal-as se já no anno anterior, n'esta mesma feira, se tinham declarado pelo olhar.

Quer dizer: o curso amoroso, segundo a tradição das Mercês, dura tres annos: no 1.º, apenas olhadellas ternas; no 2.º, colloquio cara a cara e ajuste de casamento; no 3.º, a bôda.

Durante o tempo que medea entre o 1.º anno e o 2.º anno parece que só os olhos continuam a funccionar amorosamente.

No 2.º o derrête é já de palavras, e as raparigas podem consentir que os rapazes as conversem a seu lado, sentados ou de pé.

No 3.º anno nunca se realisa a bôda sem que passe primeiro a feira das Mercês, porque é do rito que as raparigas tomem parte na procissão com os *cargos* á cabeça.

309—O muro do derrête nas Mercês

Pode tambem acontecer... Pode, mas a tradição salvou-se, e o curso foi ostensivamente de tres annos, como, segundo ella, é mister.

N'esta freguezia de Rio de Mouro funcciona a antiga estamparia e tinturaria Cambournac; e acha-se estabelecida, na quinta do Telhal, uma Casa de Saude, dos Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus, a qual recebe alienados.

A freguezia de Montelavar, orago Nossa Senhora da Purificação, tem 3.066 habitantes, e dista de Cintra 11 kil. para nórdeste.

O logar séde da parochia é pequeno e de menor importancia que alguns dos outros que a compõem. Um dos partidos medicos do municipio de Cintra tem aqui a sua séde, havendo tambem pharmacia. A principal loja de commercio é a do Barraco. Ha uma philarmonica e uma associação de classe de canteiros e cabouqueiros. O sr. Albogas, que é um dos mais ricos proprietarios da freguezia, mandou construir, perto do Montelavar, um engenho para serração mecanica da pedra. Ultimamente foi inventado, para este mesmo fim, outro engenho.

A unica solemnidade religiosa que se faz em Montelavar é a do Senhor dos Passos, que reveste certa pompa.

Esta povoação está ligada por estrada com Pero-Pinheiro, que é, industrialmente, o mais importante logar da freguezia pela exploração de pedreiras, a qual se estende tam-

bem aos logares das Lameiras e Maceira. Nas Lameiras existe uma sociedade cooperativa para aquella exploração.

Em toda esta região é muito accentuado o movimento socialista.

Pero-Pinheiro tem estação telegrapho-postal, e carreira de diligencias para a estação do Sabugo e para a villa de Cintra.

Na estrada de Pero-Pinheiro a Cintra ha a quinta chamada Granja do Marquez [1], onde esteve installada a escola de regentes agricolas, que actualmente funcciona em Coimbra.

Parallela á Granja depara-se-nos a cascata da Bajouca, a que o povo dá vulgarmente o nome de Fervença.

Os marmores de Pero-Pinheiro são variegados e finos, como attestam os que foram empregados na igreja e no convento de Mafra.

A cantaria tem sido applicada em alguns dos principaes edificios e monumentos de Lisboa, como por exemplo o pedestal da estatua de D. José e o Arco da rua Augusta.

A freguezia da Terrugem, orago S. João Degolado, com 1.642 habitantes, e muitos logares, dista de Cintra 7 kil. para noroéste, e fica na estrada d'esta villa á Ericeira.

O sr. Gabriel Pereira descreve a séde da parochia dizendo: «Povoado alegre, amplo terreiro, igreja antiga com sua alpendrada, e seu gentil campanario do seculo XVIII; pouco adiante uma velhissima ermidinha, com portal em ogiva. Estamos em pleno paiz saloio, onde apenas algumas pequenas explorações de pedreiras juntam fracos elementos á vida agricola. Ha poucas habitações dispersas, e nenhum povoado importante.»

310—Cintra—Egreja de Santa Maria

Comtudo o logar de Villa Verde, que Baptista classificou de grande, tem mais de 60 fogos.

A freguezia de S. João das Lampas conta 3.297 habitantes, e 32 povos ou logares, segundo G. Pereira, postoque Baptista lhe não assignale mais de 27.

A séde da parochia assenta n'uma campina, 10 kil. ao noroéste de Cintra, e 5 a léste da costa do mar,

Esta freguezia, como a da Terrugem, é atravessada pela estrada de Cintra á Ericeira.

G. Pereira refere-se a dois logares, Odrinhas e Alvarinhos.

Quanto á igreja de S. Miguel de Odrinhas, accentua-lhe a antiguidade, notando:

[1] Propriedade do marquez de Pombal, hoje na posse da viuva de D. José Pombal.

«velha egreja, com as suas veneraveis antiguidades, o primitivo alpendre, o cemiterio medieval, e as suas lendas bem interessantes.»

Quanto a Alvarinhos, logar de formação granitica, e ao plaino que se lhe segue, dá esta nota impressionista: «casas saloias de construcção quasi cubica, escada exterior para o sobrado, e telhado de quatro aguas; grandes lages formam as divisorias; uma casa tem a sua porta abrigada por um alpendre formado por tres lages, duas a prumo e uma coberteira; cruzes de cal branca em muitas paredes, ás vezes muitas cruzes n'uma só parede; algumas casas mais modernas e janotas com os cunhaes pintados a azul e vermelho.»

Pela minha parte, acrescentarei apenas que o saloio da Terrugem e de S. João das Lampas é talvez o de maior rudeza no concelho.

Isto se reconhece até nas habitações acima descriptas.

O concelho produz, alem dos vinhos de Collares, trigo, centeio, milho, excellentes legumes e hortaliças, bellas fructas — especialmente morangos, limões doces e maçãs. Tem abundancia de gado e caça; e fornece boa manteiga.

311 — Queda d'agua na Ribeira

IX

Concelho de Loures

No 1.º volume, fim do capitulo V, passámos pela estação da Povoa de Santa Iria, junto á linha ferrea de norte e léste, e dissemos que a povoação d'aquelle nome pertencia ao concelho de Loures.

Pois bem. Partindo d'ahi para o interior das terras, desenhemos uma linha sinuosa que, dirigindo-se a Bucellas, siga para o occidente por Montáchique e depois quebre para o sul limitando os concelhos de Mafra e de Cintra até que, voltando ao oriente, possa abranger o Lumiar.

Dentro d'este contorno teremos comprehendido o concelho de Loures, um dos mais populosos do districto de Lisboa, com 15 freguezias completas, 2 incompletas e 22.320 habitantes.

Ao passo que a sua extrema septentrional se apoia quasi sobre o Tejo, a meridional continua a cidade de Lisboa pelo Lumiar e Ameixoeira.

A villa, cabeça do concelho, é o primeiro grande bairro saloio que se encontra para alem do Campo Grande. Fica n'uma planicie, 12 k. ao norte de Lisboa. Toda a freguezia de Santa Maria de Loures comprehende 4.791 habitantes e, além da villa, mais de vinte logares, alguns de importancia — como, por exemplo, Caneças, Mealhada, e Pinheiro. A principal arteria da villa é a rua-estrada que a atravessa por entre duas longas filas de predios e lojas de commercio.

O movimento de vehiculos, especialmente carroças, não pára nem de dia nem de noite. Uma forte caracterisação saloia accentua o typo dos homens e das mulheres, que labutam na villa ou que passam a pé, em carroça ou em burro. Mercearias, tabernas, logares de fructa, ferradores constituem o grosso dos estabelecimentos. Mas ha outros mais, de variado genero — alimentando um commercio activo e intenso.

Fóra d'isto, que imprime caracter, a villa não tem que ver. A igreja parochial, comquanto muito antiga, mas reconstruida em varias epocas, é singela e modesta. Edificios notaveis não os ha.

No Rocio de Sant'Anna, assim chamado por ter uma capella d'esta invocação, faz-se em julho a importante feira «de Santiago», a que el-rei D. José concedeu muitos privilegios.

E' n'este Rocio que os barraqueiros se installam, e que se realisam as transacções de gado vacum, cavallar, muar e suino.

A feira das ovelhas circumscreve-se ao olival de Santa Maria.

Em volta de Loures ha boas quintas, com residencias nobres, entre as quaes especialisaremos a grande propriedade que foi dos Mattas, correios-móres do reino, antecessores dos marquezes de Penafiel.

O palacio tem magnificas salas — de jantar, de musica, de dança, dos Apostolos— e capella com altos rodapés de azulejo, estuques, pinturas e obras de talha.

A cozinha faz lembrar as melhores do reino, a de Alcobaça por exemplo.

Hoje, palacio e quinta pertencem ao snr. Cunha, negociante em Lisboa.

312—Vista geral de Odivellas

O logar de Caneças é uma linda e sadia aldéa da freguezia de Loures, com um bello largo arborisado, que tem o nome de Vieira Caldas, [1] e pittorescos passeios taes como o Alto do Masqueiro — d'onde se avista a bahia de Cascaes — o Pinhal do Verde e o Salão.

Ha uma capella da invocação de S. Pedro, cujo culto é custeado pelos canecenses.

N'ella se fazem tres festividades: a do orago, a de Nossa Senhora do Rosario e a de S. Sebastião.

A população d'esta aldéa orça por 700 habitantes, em 300 fogos.

As mulheres, no geral, são lavadeiras. Os homens applicam-se á agricultura — ás suas hortas e á creação de viveiros de arvores fructiferas, que são d'aqui exportadas em larga escala; ou ao fabrico de navalhas de volta, especie de pequenas podôas muito usadas nos trabalhos agricolas.

As aguas ferreas de Caneças, especialmente as das nascentes do Çamora e do Caldas, teem vantajosa applicação no tratamento das dyspepsias.

Para os doentes ou para os convalescentes, bem como para os veraneantes, ha regulares acommodações em dois *hoteis* e casas de aluguel.

Entre as melhores propriedades de Caneças avulta a quinta do Bretão, onde o sr. Carlos Appleton, seu dono, tem introduzido todos os ultimos melhoramentos agricolas.

---

[1] Antonio Vieira Caldas, já fallecido, sacrificou grande parte dos seus haveres aos melhoramentos de Caneças.

Fazem-se n'esta localidade duas feiras annuaes: na 1.ª oitava da Paschoa e no dia de S. Pedro.

D'ellas, a ultima, havia cahido em desuso e foi restabelecida, com grandes festejos, em 1903, por esforços de uma commissão.

Tem a povoação uma banda de musica, que se intitula Real Fanfarra de Caneças; estação telegraphica, medico, pharmacia, escola official, talho e varias mercearias.

O ideal dos canecenses é desligarem-se de Loures e erigirem uma parochia na sua capella de S. Pedro, onde desde 1751, por auctorisação do arcebispo de Lacedemonia D. José, é permittido ministrar os sacramentos, exceptuados o baptismo e o matrimonio.

Com este antigo ideal se relaciona a alcunha de animaes ou alimaes que os outros saloios puzeram aos de Caneças.

313—Igreja da Povoa de Santo Adrião

Contam-se a este respeito duas versões. Diz uma que os canecenses, sonhando sempre com a sua autonomia parochial, tratavam de escolher sitio na capella para collocar a pia baptismal, e que uns diziam — deve ser aqui; outros — deve ser acolá; havendo alguem que dissesse — ali mais: d'onde, constando o caso, lhes proviria a alcunha. Outra versão refere que certo prégador dissera na festa de S. Pedro, celebrando o milagre de Caneças ter sido preservada n'uma recente epidemia: «Por isso *animaes* os vossos filhos, *animaes* as vossas mulheres á pratica d'estes cultos, etc.»

Este prégador devia ser de Caneças.

E' de suppor que a origem da alcunha fosse apenas o despeito de Loures.

O que é certo é que na capella de S. Pedro ha logar reservado para uma pia baptismal, e que não faltam na mesma capella boas alfaias, incluindo uma custodia artistica — estilo D. Maria I — nem um sacrario onde se guarda o vaso das sagradas particulas.

O arco do cruzeiro é de marmore extrahido das pedreiras de Caneças.

A capella, alem de ampla, tem bastante luz.

Quanto á etymologia de Caneças, o mais que se póde apurar é que os antigos escreviam Cai-nessas.

A povoação fica n'um alto, a que dá accesso uma ingreme estrada. Communica com o Lumiar por uma carreira de *char-à-bancs*.

O Lumiar é, por emquanto, o limite da tracção electrica de Lisboa, na zona do Campo Grande.

O logar da Mealhada, em parte comprehendido n'esta freguezia, teve um convento de arrabidos, fundado em 1575 por Luiz de Castro do Rio.

O logar do Pinheiro de Loures, n'uma planicie, talvez distante da villa um kilometro, constitue um bom grupo de casas, algumas de regular apparencia.

Mencionaremos ainda, na freguezia de Loures, o logar de Monte-Mór, que tem no alto uma capellinha de Nossa Senhora da Saude, á qual se dirigem muitos romeiros no 1.º domingo de setembro.

O saloio d'este logar é alcunhado «animal-mór» pelos da sua raça.

E agora, que da freguezia de Loures vamos passar a outras do concelho, diremos que o viscondado de Loures foi concedido em 1851 a Angelo Francisco Carneiro, antigo negociante no Brazil; e que em 1859 foi o mesmo titulo renovado na pessoa de seu filho, cuja viuva é a actual viscondessa de Valmôr.

Das freguezias do Lumiar e da Ameixoeira apenas uma parte insignificante pertence ao concelho de Loures; a maior parte está incluida no 3.º bairro de Lisboa, para onde as reservamos.

As pequenas freguezias de Friellas (S. Julião) com 279 habitantes e Povoa de Santo Adrião com 435 encontram-se na estrada do Lumiar a Loures.

Na primeira, muito antiga, havia um paço real que o condestavel Nun'Alvares veio a possuir e onde, em 1 de novembro de 1401, fez doação de avultada parte dos seus bens a sua filha a condessa D. Beatriz, quando a casou com D. Affonso, bastardo de D. João I.

Alem do logar principal, a mesma freguezia comprehende o da Ponte de Friellas; e parte do da Mealhada: n'este o marquez da Praia (Duarte) possuiu a quinta do Infantado e a sr.ª D. Maria Luiza da Costa Cabral possue a quinta do Convento.

E' nas vastas pastagens de Friellas que as manadas de touros bravos costumam refazer-se antes de entrarem na Praça do Campo Pequeno.

A freguezia da Povoa de Santo Adrião, cuja igreja parochial apenas se recommenda por um portal manuelino, comprehende algumas quintas, sendo uma d'ellas a dos Sete Castellos. Os parochianos são conhecidos pela alcunha de *Kágados*.

Seguindo caminho para Bucellas, depois de termos atravessado a villa de Loures, que já conhecemos, passamos por outras duas freguezias, os dois Tojaes, Santo Antão e S. Julião (tambem chamado Tojalinho).

A de Santo Antão tem 1.339 habitantes, pharmacia, medico e uma antiquissima igreja, ampliada pelo arcebispo de Lisboa D. Fernando de Vasconcellos e reedificada magnificamente pelo patriarcha D. Thomaz de Almeida.

Foi tambem aquelle arcebispo que fundou aqui um palacio da mitra, e foi tambem D. Thomaz de Almeida que o restaurou dando grandeza tanto ao edificio como aos jardins. Hoje o palacio está em ruinas.

Pertence á freguezia de Santo Antão do Tojal o logar de Pintéos, que adquiriu fóros litterarios pelo facto de aqui ter residido durante annos a sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

Em Pintéos se reuniu por vezes uma côrte de poetas romanticos, sendo um d'elles Thomaz Ribeiro, que em 1866 aqui saudou a illustre escriptora dizendo:

Brindo á musa d'estes bosques!
brindo ao seu estro divino!
brindo ao próspero destíno
que Deus conceda ao seu lar!
a seus paes! á irmã formosa,
coração de fina essencia!
á familia—providencia
dos povos d'este logar!

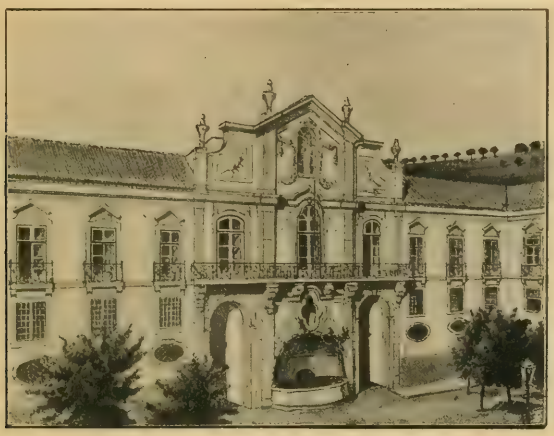
O palacete, onde a «Musa de Pintéos» residiu, tem aspecto nobre, oito janellas de frente, brazão de familia, terraço, e portão.

Na encosta fronteira alvejam as velas de alguns moinhos-de-vento.

Entre o edificio e a encosta corre, saltando sobre calhaus, o rio de Pintéos, que as lavadeiras frequentam.

O logar é pequeno, insignificante, mas bem parecido na sua amena solidão.

Na capella do palacio—que tem altos rodapés de azulejo e rica obra de talha—faz-se todos os annos a festa da Senhora da Apresentação, celebrada pelo povo d'aquelle logar e outros proximos, em acção de graças pelo resultado da colheita annual. Esta festa, com o seu arraial, dura tres dias.



314—Loures—Fachada do Palacio do «Correio-Mór»

A freguezia de S. Julião do Tojal ou Tojalinho tem um lindo logar, o Zambujal, gracioso grupo de casas e arvores reclinado n'uma encosta.

Ha aqui uma industria feminina—a de meias de linha feitas á machina.

Entre os logares do Tojal e do Zambujal fica a celebre fabrica de papel da Abelheira, que vitalisa industrialmente a freguezia.

O papel da Abelheira—quem me dera no tempo em que eu o ouvia apregoar no Porto por vendilhões ambulantes!—o papel da Abelheira, que deve ter feito muito mal á humanidade como todo o papel, fez bem ao Tojal de S. Julião, ao Tojal de Santo Antão e até ao Zambujal, onde tambem recrutou operarios e operarias.

Um dos proprietarios da fabrica é o sr. Guilherme Graham, e tem a sua casa de residencia junto ao Zambujal. Vivenda principesca, com largas fachadas, e jardins adjacentes.

Sente-se o bom gosto britannico ali: na escolha do local, pinturesco e abrigado; na sobria elegancia do edificio; no grave desenho dos jardins.

Assim, pode viver-se n'uma aldêa. Os inglezes sabem viver em toda a parte.

Instituiu-se na fabrica da Abelheira uma caixa de soccorros aos operarios, com serviço clinico, tanto mais necessario quanto é certo haver por aqui algumas febres palustres.

O onomastico—Tojal—suggere-me a lembrança de que o 1.º barão e 1.º conde d'este titulo foi João Gualberto d'Oliveira, filho d'aquelle dr. Oliveira, medico da real camara, que tanto se sacrificou para encobrir a responsabilidade de D. João VI na unica

aventura de amores aristocraticos que este pobre rei perpetrou em toda a sua vida [1].

A freguezia de Bucellas, orago Nossa Senhora da Purificação, com 2:617 habitantes, é conhecida não só em todo Portugal, como tambem no estrangeiro, pela fama dos seus vinhos.

Encontram-se n'esta região vestigios da epoca romana — taes como o tumulo que está no adro da igreja, as ruinas de um templo na Romeira de Baixo, moedas do Imperio, incluindo uma de Nero; e até porventura o proprio nome de Bucellas poderá ser um d'esses vestigios.

O mais antigo logar da freguezia é o de Villa de Rei, cujos habitantes, diz a tradição, tendo visto brilhar de noite uma luz a distancia, foram investigar o que seria, e

315—O rocio de Bucellas

acharam uma imagem de Nossa Senhora. Contentes com o achado, trouxeram a imagem para a sua capella de S. Roque, mas ella fugiu de lá, e a luz continuou a brilhar no antigo sitio, pelo que se entendeu que Nossa Senhora queria ali um templo. Fizeram-lh'o. E' desde então a igreja parochial, de tres naves, divididas por oito columnas, sobre as quaes se firma a abobada.

Um arco de cantaria dá entrada para o adro, como a nossa estampa 317 representa.

A maior festividade que se realisa n'esta igreja, e em Bucellas, é a do Anjo Custodio.

A villa tem um rocio, onde todos os domingos se faz mercado, e onde ás vezes toca, no corêto, a philarmonica bucellense.

Tambem ha um theatrinho, para récitas de amadores e de companhias ambulantes. Já aqui assisti a um espectaculo, n'uma gelada noite de dezembro: o enthusiasmo era grande, mas o frio não era menor.

Parece que no seculo XVII funccionou n'esta villa uma typographia, pois é o logar designado na *Arte de Reinar* do padre Antonio Carvalho de Parada — que foi prior da mesma villa e guarda mór da Torre do Tombo—como sendo aquelle em que se imprimiu a referida obra (1643).

Bucellas é um sitio aprazivel, uma bonita aldêa, posto que sem horizontes para além

[1] Contamos a historia d'esta aventura na *Ultima côrte do absolutismo em Portugal*, pag. 56.

das serras que a rodeam. Mas é ampla e asseada; tem vida, que lhe vem do tráfego vinicola; campos verdejantes de vinhedos; um rio, o Trancão, sombreado de choupos, que vae desaguar no Sacavem; alguns passeios agradaveis, como por exemplo aos dois logares de Villa de Rei e do Freixial, que são os que mais chamam a attenção dos forasteiros.

Recommenda-se o primeiro por ficar perto da villa, sobre uma estrada plana.

O segundo, situado no Valle de S. Gião, é um lindo retalho do Minho, abundante de vinhas e pomares, fresco de agua e de sombra.

Nos meus apontamentos de viagem encontro esta nota impressiva:

«Chegamos ao Valle de S. Gião, que tem o que quer que seja de paizagem mi-

316 – Bucellas – Logar do Freixial

nhôta. Basto arvoredo ensombra *chalets* modernos. Cruzam-se ali duas estradas n'uma especie de rotunda elegante. Os accidentes do terreno, muito variados, dão vida e alegria ao sitio, sorriem aos olhos, deleitam o espirito.»

Dentro d'este valle o Freixial, com as suas casas muito brancas rompendo por entre a verdura, canta na belleza da paizagem.

Dos outros logares da freguezia não tenho recordação nenhuma.

Os vinhos de Bucellas, sobretudo os brancos, merecem a fama que teem.

Não ha jantar distincto em que se não tome sobre o peixe um copinho de Bucellas branco — feito especialmente d'uma casta: o arintho.

O professor Aguiar disse nas suas *Conferencias* que este vinho era «o mais caracteristico e bem conceituado entre os vinhos portuguezes actuaes». (1876).

Recentemente (1902), n'uma conferencia realisada em Lisboa na Sociedade de Geographia, um afamado professor estrangeiro, mr. Viala, fez a apologia do Bucellas branco.

Os principaes viticultores da freguezia são as viuvas Quintão e Rodrigues; os srs. Antonio Sottomayor, João Carlos de Azevedo e Augusto Freire.

Pouco tempo antes de morrer, Quintão (o popular Quintão do Lorêto) mandara construir grandes adegas, situadas na rua Marquez de Pombal.

A proposito d'este nome – do marquez – quero dizer por incidente que a memoria do famoso estadista é muito querida dos bucellenses.

Conta-se que o marquez passára por aqui quando ia para o desterro de Pombal. Apupado n'algumas povoações do Termo, foi n'esta recebido com respeito e cortezia,

pelo que dissera commovido: – Se eu voltar ao poder, Bucellas tornará a ser Bucellas.

Referia se ao tempo em que a villa tinha collegiada e fôra padroado da Coroa.

Mas o marquez de Pombal não voltou ao poder, infelizmente para Bucellas... e para todos.

Os principaes negociantes de vinho são os srs. João Camillo Alves, Francisco Raphael Pinto Pessoa e Augusto Freire.

Este ultimo tambem possue no rocio um dos complicados estabelecimentos de provincia que vendem tudo — e o mais.

Não ha em Bucellas nome de maior popularidade: é, para todos os effeitos, o *Augusto*.

Nunca me esquecerei de que foi n'este estabelecimento que eu encontrei um dia... (imaginem, se são capazes) um philologo brazileiro, João de Castro Lopes, filho de outro escriptor dos mesmos appellidos—certamente mais conhecido no Brazil. [1]

Por que estava elle em Bucellas? Porque era casado com uma senhora bucellense, que precisára de ares patrios.

Muito amavel, Castro Lopes prometteu-me o seu livro *Palestras com o povo*, que estava a imprimir em Lisboa, e que saiu em 1901.

Recebi os dois volumes d'essa obra, e quando procurei o auctor para agradecer-lh'os — tinha morrido!

As principaes quintas da freguezia são a da Romeira de Cima, do sr. conde da Ribeira (Vicente); a da Romeira de Baixo, onde reside habitualmente o illustre professor da Escola Medica de Lisboa dr. Bettencourt Raposo; e a de Valverde, da familia Sottomayor.

Para vir de Lisboa a Bucellas escolheremos um de dois caminhos: pelo Lumiar, d'onde se faz carreira de diligencia, ou pela estação de Alverca, onde é preciso ter um trem.

Esta ultima jornada é a mais pittoresca, pois que a estrada que da estação conduz a Bucellas offerece lindos pontos de vista, especialmente na Cabeça da Rosa.

Na villa havia um hotel—do Machado—que servia á falta de melhor; ultimamente vi nos jornaes que tambem ha um *Hotel Petiz*.

O titulo de visconde de Bucellas foi concedido em 1870 a Candido José Mourão Garcez Palha, natural de Gôa; e renovado em 1878 na pessoa de seu filho Joaquim.

A freguezia de Fanhões fica na serra. Tem por orago S. Saturnino e apenas 279 habitantes.

Junto á igreja parochial vi alguns predios novos e garridos. Percorri os logares de Cazainhos, Torre da Bizoeira—logares pequenos—e passei deante da Cabeça de Montáchique, altura que tem sido aconselhada para o tratamento da tuberculose.

Mas o clima é humido, o terreno saibroso, e a altitude inferior a muitas outras do nosso paiz. Da Cabeça avista-se Lisboa e o Tejo.

Mais em baixo fica a povoação de Montáchique, que tem um hotel com uma vasta cêrca annexa, e que já pertence a outra freguezia.

E' a de Louza (S. Pedro), com 1.634 habitantes, comprehendendo Louza de Cima e Louza de Baixo. Na de Cima—a 12 kilometros de Loures—fazem-se em julho pomposos festejos a Nossa Senhora do Rosario, os quaes são abrilhantados pela philarmonica *União Louzense*.

A freguezia de Odivellas, sem embargo de ser populosa, apenas se tornou notavel pelo seu real mosteiro, e este pela sua tradição de escandalosos amores.

[1] São do pae as *Origens de anexins, proloquios, locuções populares, siglas etc.*, muito anecdotico, mas interessante, e erudito.

E' Odivellas um agradavel passeio para uma tarde de verão. Pois rode em boa hora o nosso trem pela avenida do Lumiar e desça a calçada de Carriche.

Já não podemos, em Odivellas, visitar os aposentos que foram da celebre madre Paula, amante de D. João V, e que ficavam situados sobre a casa do Capitulo. D'esses aposentos, a maior parte foi arrasada pelo terremoto de 1755, e a restante desappareceu com as obras que se fizeram no mosteiro anteriormente a julho de 1888.

Mas se já não podemos visitar esses sumptuosos aposentos, podemos, comtudo, alcançar d'elles circumstanciada noticia em varios livros, que eu indicarei aos curiosos [1].

O proprio mosteiro passou ultimamente por mais uma transformação para ser adaptado ao seu actual destino: n'elle se acha installado desde 1902 o instituto, fundado pelo sr. infante D. Affonso, para educação das filhas dos officiaes fallecidos no ultramar.

317—A igreja de Bucellas—A' sahida da missa

Portanto, pouco ha que vêr do tempo das freiras bernardas, a não ser a sua igreja.

Comtudo alguma coisa nos sabe ainda á vida freiratica — são os bolos, *suspiros* e *esquecidos*, é a marmelada, que se fabricam no logar por tradição monastica.

Mas vinhamos em caminho, e não tinhamos chegado a Odivellas: desciamos a calçada de Carriche.

Já descemos. Passamos agora pelo Senhor Roubado, cujo oratorio recorda o sitio onde um paranoico sacrilego do seculo XVII veiu esconder os objectos sagrados que, em certa noite, roubara da igreja matriz de Odivellas.

Este desacato causou grande sensação não só em Lisboa, mas em todo o reino, como nos descreve o auctor das *Monstruosidades do tempo e da fortuna* [2].

Durante alguns mezes se mallograram todas as diligencias da policia da côrte para descobrir o criminoso. A final foi elle mesmo que se metteu na bocca do lobo, indo pilhar gallinhas dentro da cêrca do mosteiro em Odivellas, onde uma noite o apanharam,

---

[1] Manuscriptos de Coimbra e Lisboa, citados nas *Amantes de D. João V*. C. Castello Branco, *Caveira da martyr*, vol. I, pag. 212; Borges de Figueiredo, *O mosteiro de Odivellas*, pag. 126; Ribeiro Guimarães, *Summario de varia historia*, vol. II, pag. 67; Bernardes Branco, *As minhas queridas freirinhas de Odivellas*, pag. 343.

[2] Pag. 163.

achando lhe ainda na algibeira a cruzinha que rematava a pyxide—um dos objectos profanados.

Foi um congregado paulista, o irmão Antonio dos Santos Prazeres, quem, passando n'este sitio em 1742 e vendo uma simples cruz de pau a assignalar o logar onde o roubo estivera escondido, se lembrou de a substituir por um padrão, o que esforçadamente conseguiu. [1]

Mais tarde erigiu-se o oratorio, que ainda vemos hoje.

E continuemos o nosso passeio.

Finalmente, avistamos a povoação de Odivellas, parte na planicie e parte na encosta de um outeiro, sobre o qual se eleva o lindo monumento ogival, a *Memoria*, que

318—O rocio de Bucellas em dia de mercado

provavelmente serviu para descansar o feretro de D. João I quando foi trasladado de Lisboa para a Batalha.

Odivellas tem bons predios e boas quintas—algumas nobres.

A igreja parochial era pequena e antiga A actual data do tempo de D. Pedro II, seu fundador. E' da invocação do Menino Jesus.

Relativamente moderna, prende menos a attenção do visitante que a das freiras—obra do seculo XIV.

Foi D. Diniz que mandou erigir o mosteiro e a igreja, n'uma quinta que possuia n'este logar, e diz-se que o fizera em memoria de ter podido livrar-se das prêsas de um corpulento urso que o derrubou ferozmente quando o monarcha andava caçando em Belmonte.

O templo, de tres naves, foi por varias vezes reconstruido, especialmente no reinado de D. João IV e depois do grande terremoto, pelo que só escassos vestigios restam da sua primitiva fabrica.

Não tem bellezas architectonicas, nem primores de esculptura; o melhor titulo que hoje o recommenda á consideração do visitante é o tumulo de el-rei D. Diniz, com a estatua do monarcha deitada sobre a tampa.

---

[1] Veja-se a *Historia do Senhor Roubado de Odivellas*, pelo padre Luiz Montez Matozo, 1745.

Mas, santo Deus! este tumulo, que devia ter sido restaurado com a maior fidelidade possivel, foi quasi ridiculamente recomposto no seculo XIX.

Digamos em duas palavras a sua historia.

Mandou-o fazer o proprio D. Diniz para seu eterno descanso, poucos annos depois de concluido o mosteiro.

Foi então collocado ao meio da igreja, mas no decurso do tempo as freiras passaram-no para o lado da Epistola, porque lhes tolhia a vista do altar-mór.

Por occasião do terremoto de 1755, a abobada do templo desabou sobre elle e mutilou-o gravemente.

Na reconstrucção que se fez depois, foi levado para a pequena capella em que actualmente se encontra.

319—Bucellas—Sulphatagem das vinhas

Reinando D. Pedro V, a rainha D. Estephania ordenou que o restaurassem, mas esta louvavel resolução não podia ser cumprida com maior desacêrto.

Puzeram á estatua uma cabeça de gêsso, no qual ficou envolvido um fragmento do antigo rosto, que bem poderia ter sido aproveitado como elemento de reconstituição. As mãos e os pés tambem são de gesso.

Do primitivo moimento apenas restam os frontaes lavrados de ornatos que representam figurinhas de frades de Cistér, dois a dois, dentro de nichos e com livros fechados nas mãos, mas os que ficam aos pés de el-rei sustentam nos braços um cofre.

Apoia-se o tumulo sobre seis animaes, parecendo algum d'elles mastim; outro seria o urso da lenda empolgando um homem que se libertou cravando-lhe um punhal.

Parece que primitivamente houve sobre a tampa mais duas figuras alem da do rei. Uma, segundo Frei Francisco Brandão na *Monarchia Lusitana*, representaria S. Dionysio ou Diniz, padroeiro do convento.

Assim jaz, n'um tão abandonado moimento, esse antigo rei, que foi um poeta, que foi um agricultor, que foi o primeiro instrumentista da nossa lingua; ou, como disse Antonio Ferreira:

Santo Diniz na fé, nas armas claro,
Da patria pai, da sua lingua amigo,
D'aquellas Musas rusticas amparo.

A capella-mór da igreja é de forma circular e revestida de marmore.

Por longo tempo se conservou no vestibulo, embebida na parede, uma grande bala de pedra, das que os turcos empregaram no ataque á fortaleza de Ormuz e que D. Alvaro de Noronha, capitão d'essa praça em 1552, offereceu a S. Bernardo alguns annos depois (1557).

Hoje este pelouro, com a respectiva inscripção, acha-se depositado no Museu de Artilharia, em Lisboa.

Os habitantes de Odivellas teem, entre os saloios, a alcunha de *Rapa-caldos*.

Ha um visconde de Odivellas: é o sr. Eduardo Moreira da Silva Araujo.

Mencionemos agora as freguezias do concelho de Loures que ficam mais proximas

320—Tumulo de D. Diniz, em Odivellas

do Tejo, com excepção de duas, Sacavem e Santa Iria da Azoia, de que já falamos no 1.º vol. (pag. 96 e seg.).

São ellas Appellação, Camarate, Talha e Unhos.

A freguezia da Appellação tem 374 habitantes.

Está situada n'uma baixa, entre montes; comtudo é salubre e agradavel.

Já era parochia no seculo XVI, mas pouco tem prosperado.

Orago, Nossa Senhora da Encarnação. Quando havia epidemias, o povo fugia para aqui, onde o contagio não costumava entrar. Os fugitivos appellavam assim para Nossa Senhora da Encarnação. Diz-se que d'este facto veio o nome á freguezia.

A de Camarate conta 606 habitantes, e Santiago Maior é o seu orago. A parochia teve começo n'uma ermida, construida no seculo XIV, e ampliada no XVI. A povoação principal está assente em terreno montuoso. Ha mais dois logares, que são Val de Freiras e S. Pedro. Os carmelitas calçados tiveram n'esta freguezia um convento, de Nossa Senhora do Soccorro, fundado n'uma quinta que pertencera ao santo condestavel D. Nun'Alvares Pereira.

O titulo de visconde de Camarate foi concedido em 1870 a Hermenegildo Augusto de Faria Blanc, fallecido em 14 de janeiro de 1882.

A freguezia de S. João Baptista da Talha, com 511 habitantes, está situada a 7 kil. dos Olivaes, para o norte. E' antiga. Comprehende os logares de Bobadella, Val de Figueira, Talha Grande, Talha Pequena. Na sua área ha algumas quintas importantes.

A freguezia de S. Silvestre de Unhos, a sudoéste da anterior, tem 499 habitantes.

Julio Cesar Machado, nos *Passeios e phantasias*, consagra uma pagina á igreja parochial dizendo: «... situada em um largo no centro da povoação, obra antiquissima, cujas paredes exteriores são tão grossas, que me assegurou o prior que poderiam rodar

521—Arco de Odivelas

sobre ellas dois carros de bois emparelhados, sem perigo algum! O tecto, que era de cantaria, abriu todo pelo terremoto de 1755, conservou-se assim por muitos annos, até que abateu um dia, e é hoje de madeira. O templo é espaçoso, alto, e alegre; tem seis altares, alem da capella-mór, e o baptisterio; por cima do arco do cruzeiro da capella-mór ha outra capella da invocação de Jesus: a primeira capella do lado da epistola entrando na egreja, é da invocação de Nossa Senhora da Piedade, e tem na cantaria, ao lado do evangelho, a seguinte inscripção: — *Esta capella de Nossa Senhora da Piedade é do padre Leonardo Annes, tem missa quotidianna por sua alma.* Ha na egreja uma devota reliquia authentica do glorioso S. Silvestre papa, n'uma pequena custodia de prata doirada, a que o povo consagra grande fé; e existe tambem uma especie de poço, hoje sem uso, onde vinha ter a agua do poço do concelho d'este logar, que a gente de differentes sitios vinha procurar em romarias de muita nomeada, como agua de grande virtude para as molestias de pelle!»

Como foi Julio Cesar Machado parar a Unhos? Por causa de um jantar no campo, realisado em Catojal (logar da freguezia de Unhos) n'uma quinta de Francisco Affonso do Nascimento. Passava-se isto antes de 1862. O espirituoso folhetinista transportou-se em caminho de ferro até Sacavem e d'ahi ao Catojal — que são tres quartos de legua — bifurcado n'um burro. D'esta parte da jornada disse Julio: «o caminho é ingreme e fastidioso, mas o que vale é não haver nada que admirar. Ah! Quando ha que admirar, então é melhor morrer!» E' bem um relampago do seu espirito, esta phrase. Depois dá-nos a impressão do Catojal: «... um sitio alto e vistoso, lavado d'ares, com boas aguas, e que foi outr'ora um povoado de fama; hoje, porém, — decadencia sensivel! — tem poucos habitantes, e as casas estão pela maior parte demolidas. O nome julga-se mourisco, e acha-se escripto antigamente por diversas fórmas, taes como — Cacojal, — Cachojal, — Cachijal, etc.»

Gloria a Unhos e ao Catojal, que foram descriptos pelo maior folhetinista do nosso tempo.

Sob esta boa impressão deixemos o concelho de Loures, rico em vinho e azeite, em cereaes, legumes, hortaliças, fructas — especialmente alperches, laranjas e limões; abundante de excellentes aguas; e por todos estes motivos um dos mais prosperos do districto de Lisboa.

322 — Trecho de paisagem saloia

II—Ás portas da capital—Cidade de Lisboa —Entre Belem e Cascaes

X

Povoações suburbanas incluidas no 3.º bairro de Lisboa

TRATAREMOS apenas das principaes, sem nos guiarmos pela circumvallação fiscal da cidade, mas sómente pela circumscripção administrativa.

Já no vol. I falamos do Beato e Olivaes, que estão comprehendidos no 1.º bairro.

Pelo que respeita ao 4.º bairro, Belem, que d'elle faz agora parte, deixou de ser o antigo arrabalde do occidente para constituir a continuação d'esse bairro sem nenhuma solução de continuidade no arruamento dos predios.

No 3.º bairro entraram importantes povoações suburbanas, que teem tido grande desenvolvimento, e é d'essas que vamos tratar rapidamente.

O Campo Grande está hoje ligado á cidade não só pela velha estrada do Arco do Cego, mas tambem pela Avenida Ressano Garcia, arteria central dos novos e lindos bairros que se ramificaram da Praça Marquez de Pombal na Avenida da Liberdade.

Seguindo o caminho antigo, pelo Arco do Cego, queremos notar, de passagem, que o padrão commemorativo da paz conseguida pela Rainha Santa entre seu marido e seu filho, foi ultimamente restaurado, como indica esta inscripção addicional:

NO REINADO DE D. CARLOS I
SENDO MINISTRO DA GUERRA
O GENERAL L. A. PIMENTEL PINTO
FOI RESTAURADO ESTE MONUMENTO
JULHO DE 1904

Passamos o Campo Pequeno, deixamos á esquerda a «Praça dos touros», atravessamos a linha ferrea em Entre-Campos, onde está edificado o Mercado Central de Pro-

ductos Agricolas, e eis-nos no antigo Alvalade, Campo Grande, com as suas vastas alamedas de 2 kilometros de extensão, a sua igreja parochial dedicada aos Santos Reis, a sua Fabrica de lanificios, o seu Asylo feminino de D. Pedro V, as suas duas ruas, oriental e occidental, marginando o Campo com os alinhamentos de *chalets*, de quintas e de palacios, um dos quaes, o do Pimenta, a oéste, diz a tradição que fôra da Madre Paula, de Odivellas, mas eu não juro.[1]

São mais de 2:000 os habitantes d'esta freguezia, muitos d'elles agrupados no aro do Campo.

Continuando pela rua oriental[2] entramos na alamêda do Lumiar, tambem ladeada de *chalets* e quintas, cujos jardins, terraços ou mirantes se alteam pomposamente sobre a estrada.

Quão differente está hoje esta alamêda do que foi ha trinta annos, maiormente do que seria quando D. Francisco de Castello Branco a mandou fazer no anno de 1682!

Tambem a freguezia do Lumiar tem mais de 2:000 habitantes, e suas fabricas — de productos chimicos e de tecidos.

Por occasião da festa de Santa Brizida, a 2 de fevereiro, realisa-se no Lumiar uma grande feira de gado, que se estende pelos largos de S. João Baptista e da Marqueza.

E' costume os lavradores enfeitarem as cabeças das rezes com rôlos de cêra amarella, que compram na igreja, e darem depois com as rezes, assim enfeitadas, tres voltas em redor da mesma igreja.

Semelhantemente ao que vimos em outras regiões da Extremadura, este costume tem por origem a crença de que Santa Brizida, protectora dos gados, os preservará de enfermidades perigosas.

Tambem são offerecidos á Santa, como testemunho de agradecimento pela cura de rezes que estiveram doentes, pequenas fôrmas de cêra que as representam.

Entre os muitos logares de que se compõe a freguezia de S. João Baptista do Lumiar, todos elles povoados de quintas magnificas, avulta o do Paço do Lumiar, onde se assignala a propriedade dos duques de Palmella, parte da qual estaria outr'ora annexa ao Paço que foi de Affonso III e depois de um seu neto illegitimo, Affonso Sanches — Paço que deu nome ao logar.[3]

Tem palacio, grande pavilhão, jardins em socalcos, estufas, arvores seculares cobrindo extensas avenidas.

Outro palacio e quinta são do conde do Paço do Lumiar: aqui veio convalescer em 1861 o infante D. Augusto.

Mas n'este e demais logares da freguezia, em todos elles, as quintas e casas nobres abundam — e as burguezas já não são poucas tambem — de modo que seria precisa uma vasta monographia para lhes fazer larga referencia.

Em seguida á alamêda, na rua direita, acha-se installado, em edificio proprio, o Asylo da Infancia Desvalida do Lumiar.

Uma anecdota explica assim a origem da palavra Lumiar: Sempre que D. João V aqui passava em caminho de Odivellas, um pobre velho baldadamente tentava falar-lhe. Certo dia, talvez o medico de que o rei se fazia acompanhar, lembrou a D. João V que esse infeliz ancião apenas lhe quereria dizer duas palavras. O monarcha consentiu em ouvil-as comtanto que só fossem duas — porque ardia em pressa de vêr a sua trigueirinha de Odivellas. Então o velho haveria dito — Enregélo, asphyxio — e D. João V ter-se-hia limitado a responder — *Lume, ar*. E' possivel esta resposta, porque o rei

---

[1] Este palacio ficará incluido no projectado bairro *Europa*.

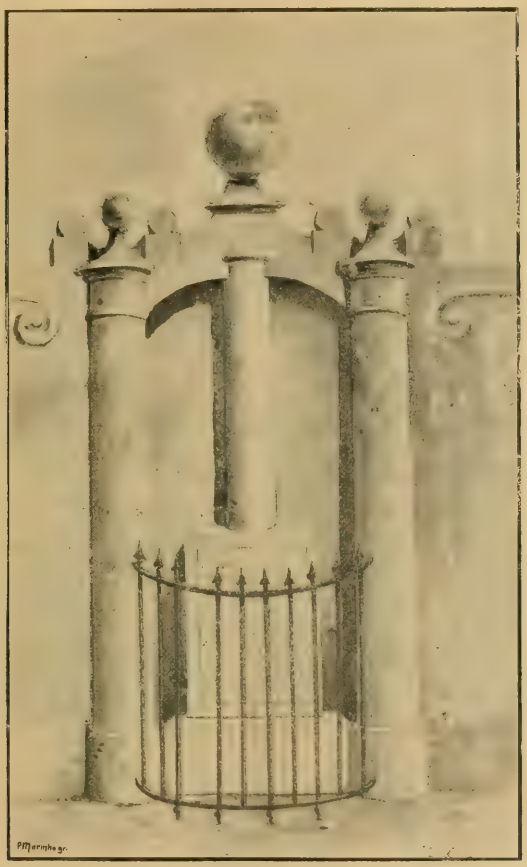
[2] Na rua oriental do Campo ha mercado semanal de gado.

[3] Uma poesia de Garrett, nas *Folhas cahidas*, refere-se a esta quinta. Intitula-se *No Lumiar*.

gostava de fazer ditos espirituosos; mas é inverosimil que elle, mãos-rôtas como era, não juntasse a generosidade ao espirito.

No logar de Telheiras houve um convento e igreja da Ordem franciscana, que foram edificados por D. João, chamado o *Principe Negro*, filho de um rei cingalez. [1]

Na Calçada de Carriche, a quinta chamada *Nova Cintra* teve muita fama entre



323—Padrão a que nos referimos na pag. 149

os frequentadores de retiros campestres; mas hoje já se não servem aqui jantares e apenas subsistem no logar algumas vendas frequentadas pelos saloios e cocheiros em transito.

Quasi ao fundo da Calçada fica o palacete que foi do visconde de Carriche, Isidoro Thomaz de Moura Carvalho.

---

[1] Sobre esta aventurosa personagem publicou Sousa Viterbo uma brochura com o titulo—*D. João, Principe de Candia.*

Uma parte — a menor — da freguezia do Lumiar arredonda o concelho de Loures.

Ao fundo da Alameda do Lumiar, tomando á direita, subamos para a freguezia da Ameixoeira, de que parte pertence ao 3.º bairro de Lisboa e parte áquelle concelho.

População total 433 habitantes.

O principal logar, graças á sua elevação, tem boas vistas e excellentes ares.

E' um lindo sitio, com edificações modernas, posto a povoação seja antiga.

Na igreja parochial, reedificada no seculo XVII, existem quadros do celebre Bento Coelho.

Tambem aqui abundam as quintas — não sendo menos de 16.

Na Ameixoeira viveu sumptuosamente um dos mais estimados representantes da *jeunesse dorée* na segunda metade do seculo XIX — Domingos Peres.

Os saloios chamam «catalões» aos da Ameixoeira.

E alcunham de «lobos» ou «ladrões» os de S. Bartholomeu da Charneca, outra freguezia do 3.º bairro, com 1.162 habitantes, esta a um quarto de hora do Lumiar, e ao norte da Ameixoeira.

A igreja parochial é de 1685. N'ella se fazem em setembro grandes festas a Nossa Senhora da Conceição.

Entre as boas quintas d'esta freguezia destaca-se, pela sua grandeza, palacio e jardins, a que foi do capitalista José Bento de Araujo, e depois passou aos Pereiras da Costa.

Ha na Charneca uma fanfarra.

Faz-se mercado nos terceiros domingos de cada mez, e feira annual a 24 de agosto.

Se da Charneca voltarmos ao Lumiar, poderemos, tomando a estrada do Paço e Horta Nova, entrar na freguezia de Carnide pelo sitio da Luz, que já lhe pertence.

Foi aqui, n'este mesmo sitio, que durante o seculo XV um natural de Carnide, Pedro Martins, depois de se libertar do captiveiro em Africa, mandara erigir junto á fonte do Machado uma ermida a Nossa Senhora, cuja imagem sobre essa fonte lhe apparecêra, como já na Africa lhe havia apparecido em visões. [1]

E pois que a imagem se lhe mostrou entre um nimbo de resplandecente luz, de *luz* quiz elle que tivesse a invocação, e o logar a tomou tambem.

Logo n'essa ermida se instituiu uma confraria, de que D. Affonso V se inscreveu irmão.

No tempo de D. João III fundaram os freires de Christo um convento no logar da ermida, e a infanta D. Maria, irmã d'este rei, auxiliou as obras, edificando á sua custa toda a capella-mór da respectiva igreja, onde jaz em mausoléo de marmore. [2]

O terremoto de 1755 arrasou o convento e o corpo da igreja, escapando apenas a capella-mór, cujo altar, com «os seus finos baixos relevos», o sr. G. Pereira classifica, e com razão, de «monumento da arte nacional.»

O que do convento chegou a ser reconstruido tem tido diversas applicações profanas.

A mesma infanta D. Maria, filha de D. Manuel, fundou no sitio da Luz um hospital, que foi restaurado depois do terremoto, e serve hoje de Collegio Militar. [3]

E' no vasto terreiro em frente do Collegio que se realisa, a 8 de setembro, a feira [4] e

---

[1] Possuo um exemplar da *Historia do insigne apparecimento de N. Senhora da Luz, & suas obras maravilhosas*, pelo Padre Frei Roque do Soveral, Lisboa, 1610.

[2] Um dos freires de Christo, Miguel Pacheco, escreveu no seculo XVII a *Vida de la serenisima infanta D. Maria, hija delrey Don Manoel y fundadora de la insigne capilla mayor del convento de N. Señora de la Luz, y de su hospital.*

[3] Este Collegio foi aqui installado em 1814, depois passou para o convento de Rilhafolles, d'onde o transferiram para Mafra, e voltou finalmente para o edificio da Luz. Dançam da administração portugueza.

[4] Veja-se a farça de José Daniel — *Os carrinhos da feira da Luz.*

arraial de Nossa Senhora da Luz, bem como o mercado de gado no 2.º domingo de cada mez.

Outra infanta D. Maria, de quem em breve vamos falar, fundou no Largo da Luz um mosteiro de carmelitas descalços, sob a invocação de S. João da Cruz.

A igreja foi demolida, e o convento, apropriado a habitação particular e fechado dentro da sua antiga cêrca, pertence hoje ao sr. José Diniz, de Telheiras.

Na estrada da Luz possue o sr. Carlos Anjos uma quinta denominada *Montalegre*, onde tem adoptado todos os mais recentes mecanismos de lavoura e industria agricola, taes como novas charruas e lagar de azeite movido a vapor.

As officinas de Montalegre são illuminadas a luz electrica.

324—Palacio do marquez de Fronteira, em S. Domingos de Bemfica

Sigamos para o logar de Carnide, séde da parochia.

Esta freguezia tem de população 1.621 habitantes. S. Lourenço é o seu orago. A igreja parochial, que fica ao fundo da rua Direita, possue na capella-mór um painel de Bento Coelho, a *Ceia do Senhor*, aliás mal restaurado. Em redor da igreja desenha-se um terreiro (antigo cemiterio) e no Largo de Carnide, logo abaixo da igreja, eleva-se um pomposo chafariz... sem agua.

Diz-se que esta povoação já existia no tempo dos mouros, mas a seu respeito não se encontra documento algum que ultrapasse o seculo XIV, data da fundação da igreja.

D. Francisco Manuel de Mello, nos *Apologos dialogaes*, refere-se, vagamente, a uma antiga tradição de Carnide, que não sei se seria identica á «procissão do rolo» em Alemquer ou apenas um cirio:

«... se fordes santo e vos faltar o pregoeiro, poucos hão-de saber quando é o vosso dia, que porventura a esse fim nunca o rollo de S. Lourenço de Carnide atravessa sem trombetas as ruas de Lisboa.»

Hoje, Carnide gosa muitas das regalias modernas: tem gaz, agua da Companhia, estação telegrapho-postal, esquadra de policia, uma philarmonica, e duas escolas.

Perto da quinta dos Azulejos (assim chamada por serem revestidas d'elles as paredes que deitam para o jardim) está o convento de Santa Thereza de Jesus, que foi fundado em 1642 pela princeza Michaela Margarida, filha bastarda [1] do imperador Mathias da Allemanha, e ampliado pela infanta portugueza, tambem bastarda, D. Maria de Bragança, filha de D. João IV, a qual n'este convento viveu desde tenra idade em habito de religiosa. [2]

Ambas as princezas repousam no côro da respectiva igreja, que é interiormente rica, postoque exteriormente singela.

O convento de Santa Thereza está agora habitado por duas communidades: uma de recolhidas portuguezas e outra de francezas — irmãs de S. João de Cluny.

Estas teem escola de meninas.

Ha em Carnide algumas quintas notaveis: a da Boa-Vista ou Casal do Falcão, com o palacio erguido sobre um outeiro, memorando paginas amorosas da biographia de Vieira Lusitano; [3] a do Sarmento, proxima á igreja de S. Lourenço, residencia que foi do erudito visconde de Juromenha; a do Street, onde esteve o quartel-general de Bourmont e que é hoje habitada pela viuva do conde de Carnide; [4] etc.

Por aqui algures, em Carnide, n'uma quinta nobre, em certa noute de mascarada continuou el-rei D. Sebastião o seu *flirt* com D. Juliana de Lencastre, filha do duque de Aveiro, D. Jorge. Porque esse doudo rapaz amou, como todos os rapazes doudos ou não; deixem lá dizer que elle aborreceu as mulheres. O sr. Gabriel Pereira, no seu interessante opusculo *O lindo sitio de Carnide*, não pôde achar vestigios d'aquella quinta, de que apenas vagamente se sabe ficar n'esta região.

Com muita solemnidade se faz em Carnide a procissão dos Passos, na qual se encorporam os alumnos do Collegio Militar.

A azinhaga da Fonte põe a Luz em communicação com Bemfica.

A freguezia d'este nome, cuja população actual excede já 4.000 habitantes, pertence tambem ao 3.º bairro de Lisboa.

Orago — Nossa Senhora do Amparo.

Ha no paiz certas terras que são como certas pessoas: toda a gente as conhece — pelo menos de nome.

Bemfica é uma d'estas terras e principalmente deve a celebridade ao seu antigo convento de S. Domingos ou, melhor ainda, á romanesca descripção que d'elle fez o primoroso Frei Luiz de Sousa — nossa conhecida desde os felizes tempos em que manuseavamos os *Logares Selectos* do bom Padre Cardoso.

Mas uma coisa é Bemfica e outra coisa é S. Domingos de Bemfica, comquanto tudo seja a mesma freguezia.

---

[1] Camillo, em uma das notas ao *Regicida*, presumiu que esta senhora fosse bastarda pelo facto de ter o pae abdicado n'um primo. Não ha duvida que foi bastarda, porque o imperador Mathias, casado com sua prima Anna, não teve d'ella successão. Michaela Margarida nasceu em 1581, e morreu em 1663. Não basta a explicar a sua vinda para Portugal o facto de ser parenta de D. João IV.

[2] Foi reconhecida por seu pai no testamento, bem como n'uma carta do proprio punho de D. João IV. Era filha de uma senhora que se recolheu depois no convento de Chellas. Camillo, no *Regicida*, dá a essa senhora o nome de Justa Negrão, e diz que era açafata. D. Maria foi muito estimada de D. Pedro II e da rainha D. Maria Francisca, e educadora de sua sobrinha D. Luiza, tambem illegitima, que veio a ser duqueza do Cadaval duas vezes.

[3] Vide *Amores de Vieira Lusitano*, por Julio de Castilho.

[4] Guilherme Street de Arriaga e Cunha, 1.º conde de Carnide, par do reino, fallecido em fevereiro de 1898.

Bemfica assenta na rua-estrada com as suas casas d'um e outro lado e a sua ampla igreja á beira da estrada.

Algumas das casas são palacios, outras são *chalets*, e onde faltam predios correm muros de quintas e jardins.

Quanto á belleza natural de Bemfica, ella anda encarecida com excesso na tradição. Frei Luiz de Sousa diz que estando situada n'um pequeno valle aprazivel por frescura de fontes e arvoredo, mereceu, ao que se póde crêr, o nome que tem de Bemfica. Outros referem que procurando D. João I, a instancias do seu famoso chanceller João das Regras, um sitio para fundar o convento que elle lhe pedia, dissera achando este: «Aqui *bem fica*», d'onde o chamar-se assim.

Todas estas tradições attrairam sempre a attenção dos lisboetas para Bemfica, que ainda no seculo passado era seu passeio favorito ao domingo. Lá diz Garrett: «Depois de jantar para o omnibus. Toca a respirar poeira em Bemfica.» Sim, era isso, muito pó que os trens e os omnibus levantavam por aquella rua direita fóra: chegando lá, apeava-se a gente um momento, sem ver coisa melhor que alguma cara linda, e voltava para Lisboa onde dizia emphaticamente: «Eu venho de Bemfica.»

Hoje que Bemfica está muito mais espaçosa, e é servida por uma dupla viação accelerada — caminho de ferro e carro electrico — vem muito menos gente passeal-a ao domingo do que no tempo do omnibus e de Garrett.

Mais espaçosa está, porque a povoação estendeu-se para o lado do caminho de ferro, abriu-se a Avenida Gomes Pereira que vae dar á estação, e fizeram-se muitos predios novos.

Foi n'uma pobre casa de Bemfica que nasceu Emilia das Neves — a Ristori portugueza.

S. Domingos de Bemfica é principalmente tres cousas: as ruinas do convento, o palacio que foi da infanta D. Izabel Maria, e o palacio dos marquezes de Fronteira.

O convento, abalado pelo terremoto de 1755 e tambem damnificado por um incendio em 1818, ainda comtudo deixa vêr bastante da sua antiga caracterisação, na igreja, claustro, e na celebre Fonte do Satyro.

Mas nem tudo isto é muito accessivel ao publico, facto de que se queixa e com razão o meu illustre amigo sr. Gabriel Pereira dizendo: «Então era facil visitar a fonte do saytro: agora está vedada ao publico, não sei por quê. N'aquella parte do edificio installou-se uma succursal do collegio de Campolide, com aulas de theologia, ao que ouvi dizer. Não deixavam entrar no claustro. Ha tempos sairam d'alli os padres, mas o edificio continua fechado; não se sabe onde pára a chave. Não se pode visitar a fonte tão finamente descripta por fr. Luis de Sousa, nem a capella dos Castros, cuja entrada é tambem pelo claustro.»

N'esta vasta capella, de marmores variegados, onde jazem o grande D. João de Castro e outras pessoas da sua familia, entra agora a agua da chuva por uma fenda que se rasgou entre a frontaria e o corpo do edificio.

Continua informando o sr. Gabriel Pereira: «Dizem-me que esta capella está na posse de um particular, ha tempos ausente de Portugal. E não sei se ainda ha culto ahi; essa parte do edificio está habitada por uma congregação feminina, estrangeira; nada dizem, não sabem da chave.»

Estas informações são de 1905.[1]

O' vandalismo portuguez! ó vergonha eterna da nossa terra e da nossa gente — este desamor brutal ao que é nosso e o passado nos legou por memoria historica.

---

[1] *S. Domingos de Bemfica*, opusculo de 29 pag. — Lisboa, 1905.

O convento de S. Domingos de Bemfica, que devia conservar-se tão vizinho, quanto pudesse ser, da epoca de Frei Luiz de Sousa, está nas mãos de quem melhor o puder deixar acabar de estragar-se e morrer de todo — depois de desfigurado por algumas restaurações.

O tumulo de João das Regras tem andado n'uma dança: estava primitivamente no meio da igreja; depois veio para junto da porta; agora está no meio do côro. A estatua jacente tem na mão esquerda, restaurada, um papel que não tinha.

O sarcophago do cavalleiro Vasco de Albergaria, camareiro-mór do infante D. Henrique, está empratelleirado no ante-côro sombrio.

A sepultura de Frei Luiz de Sousa, no corredor que serve a sacristia e o côro, se tem uma lapide que a indica foi porque lh'a mandou pôr um extrangeiro — aquelle nosso amigo, monsenhor Pinto de Campos, prelado que era do Brazil.

325—Tumulo de João das Regras

A figura do Satyro da Fonte foi caiada por um alvanéo.

E a agua começa a infiltrar-se na capella dos Castros.

O' vergonha! ó vandalismo!

Todo este convento, que ainda nos fala do seu illustre chronista, mais de João das Regras, de D. João de Castro, de Frei Vicente Salgado, de Frei Bartholomeu dos Martyres, tem sido, é, roupa de francezes — e dentro de alguns decennios não será mais do que um montão de pedras.

O' vandalismo! ó vergonha!

No palacio que foi da infanta e cuja quinta é contigua á cerca do convento acha-se installado o Collegio de Jesus Maria José, virtuosamente dirigido pela sr.ª D. Thereza Saldanha (Rio Maior).

A infanta D. Izabel Maria comprou-o em 1847, depois de elle haver tido varios donos: alem do fundador, o negociante Devisme, que floresceu no tempo do marquez de Pombal, e outros.

Tanto no edificio como no jardim tem havido mudanças.

O palacio dos marquezes de Fronteira é soberbo, magnifico. A fachada olha para o poente e a «galeria dos reis» para o sul. N'esta galeria, figuram dentro de nichos os bustos dos reis de Portugal até D. João VI.

Os jardins deslumbram, opulentos de estatuas, fontes, grutas, azulejos, pavilhões — e de flores das mais bellas e raras que se cultivam em Portugal.

O ultimo marquez era um floricultor distinctissimo; e não foi menos distincto *virtuose*. Honrou-me com a sua amizade, que eu apreciava muito. Estou a vel-o entrar na Camara dos Pares, alto, forte, um homemzarrão, sempre de flor ao peito, sentar-se, tirar da algibeira a *Revista dos Dois Mundos* e começar a ler — britannicamente.

Por entre toda esta nobreza antiga de S. Domingos de Bemfica, nobreza de grandes frades e de grandes fidalgos, começou a romper a industria moderna, representada pelas fabricas dos Grandes Armazens Grandella.

326 — Capella dos Castros

Uma innovação puxa outra: ha um bairro novo, tambem Grandella, com uma escola e uma créche para os filhos dos operarios das mesmas fabricas.

Tem a freguezia de Bemfica, alem de outros, um logar que ultimamente vai progredindo muito, e que fica junto á linha ferrea: é a Porcalhota.

Mau nome — que se pretende agora substituir pelo de Amadora — mas bons ares. Uma planicie, com muitas casas novas, entre ellas as do Bairro Santos Mattos, a fabrica de espartilhos d'esta mesma firma commercial, e o predio onde esteve o *Hotel Porcalhota*.

Antigamente era sitio pouco populoso, só conhecido pela petisqueira do coelho guisado. Hoje tem uma colonia de familias de Lisboa, que vieram aqui domiciliar-se, e cujos chefes edificaram um club, por elles denominado *Choça dos Macambuzios*, onde se divertem á noite (jogos de vasa, cavaqueira, theatro ás vezes) e onde durante o dia funcciona — excellente ideia — uma escola primaria.

Alem d'estes elementos de progresso e distracção, ha tambem uma associação de bombeiros voluntarios e uma Philarmonica Recreio Artistico.

E' da valla da Porcalhota por deante que o concelho de Cintra começa.

Só falarei tambem do logar de Alfornel, d'esta freguezia de Bemfica, para alludir á festa das ervas, hoje em decadencia, e que não era mais nem menos que a romaria dos ervanarios que outr'ora iam procurar na serra as plantas medicinaes — os simplices.

O ervanario é um typo quasi extincto em Lisboa, e faz pena, porque tinha graça a sua lojinha cheia de verdes, bem cheirosa, e util sobretudo á medicina domestica.

Poucas d'essas lojinhas se vêem hoje.

Quanto ao typo do ervanario, em que a tradição via um possuidor do segredo therapeutico dos vegetaes, esse, ainda bem, ficou litterariamente fixado no «tio Vicente» da *Morgadinha dos Cannaviaes* por Julio Diniz.

A freguezia de Sebastião da Pedreira, em Lisboa, comprehende, *extra-muros*, alguns interessantes logares, taes são os de Campolide, Pinheiro, Laranjeiras, Palma de Baixo, a maior parte de Palma de Cima, etc.

Campolide tem seus pergaminhos e, alem d'isso, tem sua historia, o que aliás não acontece — nem uma cousa nem outra — a muitos titulares do nosso tempo.

Quem hoje, viajando em comboio, sai do tunnel do Rocio, encontra-se de repente em pleno Campolide: vê á esquerda a estação do caminho de ferro e a par d'ella um trechosinho galante de paizagem na ravina; á direita, em terras altas, o Asylo dos velhos das Irmãsinhas dos Pobres, o Collegio da Immaculada Conceição (dirigido por padres jesuitas) e, mais para alem, o casario do logar.

Aquelle trechosinho de paizagem, junto á estação, reproduzimol-o em estampa: um riacho pedregoso, uma ponte de pedra com dois arcos e, crescendo sobre ella, o que quer que seja de mirante e os ondulantes pennachos de quatro arvores esguias.

A's vezes — em havendo sol é certo — lavam mulheres no riacho.

O comboio demora-se sempre n'esta estação, por ser preciso regular com prudencia a entrada e saida do tunnel, a fim de evitar um choque de locomotivas.

As terras altas de Campolide eram antigamente recommendadas como estancia de convalescença e de estio.

Por aqui, algures, esteve Garrett uma temporada, e começou a compor o romance da *Adozinda*. Foi então que elle cantou estes sitios e lhes procurou a origem do nome n'uma batalha (lide) entre os castelhanos e as hostes de D. Fernando ou de D. João I. [1]

> Campo de lide é este; aqui lidaram,
> Elysa, os nossos quando os nossos eram
> Lidadores por gloria, — aqui prostraram
> Soberbas castelhanas, — e venceram...

Apenas uma galante phantasia de poeta, porque já Campolide tinha este nome no tempo de D. Affonso II.

Garrett encontrou ainda, nas alturas que avizinham o aqueducto das Aguas-Livres, restos de fortificações antigas, de differentes datas; e eu que nunca vagueei por estas alturas — á falta de uma companheira Elysa — não sei se ainda ha restos «mal poupados» d'aquellas fortificações.

O que sei é que depois do terremoto de 1755 se projectou edificar um palacio real em Campolide. Conta Wolkmar Machado que viu o projecto d'elle em Roma, e que era grande e nobre. Estava em poder de João Antinori, que algum tempo viveu em Lisboa,

---

[1] Vilhena Barboza diz D. Fernando, Garrett D. João I. Pouco importa: a epoca é quasi a mesma.

onde trabalhou como ajudante do pintor portuguez Eugenio dos Santos de Carvalho, auctor do projecto, postoque Antinori se jactasse de que o desenho do palacio era de sua invenção.

E agora, que passamos ao logar do Pinheiro, ainda o nome de Garrett se nos não despega dos bicos da penna.

Foi aqui, na quinta do Pinheiro de Cima,[1] então pertencente ao conselheiro Duarte Cardoso de Sá — entre Palhavã e Laranjeiras — que a 4 de julho de 1843 se effectuou a primeira representação do *Frei Luiz de Sousa.*

Os Sás, pai e filho, tinham a paixão do theatro, e construiram um na quinta do

327—Campolide, junto á estação do caminho de ferro

Pinheiro. «O theatro é pequeno, diz Garrett, mas accomoda muita gente; e encheu-se do que ha mais luzido e brilhante na sociedade.»

Os papeis couberam a D. Emilia Kruz de Azevedo, *Magdalena*; D. Maria da Conceição de Sá, *Maria*; Joaquim José de Azevedo, *Manuel de Sousa*; Antonio Pereira da Cunha, *Frei Jorge*; Duarte Cardoso de Sá, *Romeiro*; Antonio Maria de Sousa Lobo, *Prior*; Duarte de Sá Junior, *Miranda*; Garrett, *Telmo.*

Actores d'esta especie, tirados da «boa roda», são os unicos de que um auctor se pode lembrar com saudade agradecida, e Garrett lembrava-se. Os de profissão pertencem a outra sociedade, mas a sua sociedade é... outra.

De todos os primeiros interpretes do *Frei Luiz de Sousa* apenas conheci pessoalmente Duarte de Sá, o filho, alegre, espirituoso, calemburista eximio, e um chavão — agora só ha gazuas — em coisas de theatro.

---

[1] Para a differençar da quinta do Pinheiro de Baixo, que foi do visconde do Pinheiro, e hoje é do sr. Reys e Sousa.

Antonio Pereira da Cunha, o fidalgo de Portozello, apenas o pude conhecer pelos seus bellos versos, reunidos na *Selecta* em 1879.

O logar das Laranjeiras tornou-se celebre pela famosa quinta do conde de Farrobo, que ainda é, não sendo já aquillo que foi — uma vivenda de principes digna de receber outros, e algumas vezes os recebeu.

O conde de Farrobo arruinou-se, morreu, e a quinta tem passado de mão em mão; agora é do conde de Burnay, e em parte d'ella acha-se installado o Jardim Zoologico.

Tambem nas Laranjeiras havia um theatro, que teve noites de gloria. Estava o seu proprietario jantando no solar de Farrobo, [1] e já no declive da ruina, quando recebeu um telegramma de Lisboa. Leu-o, dobrou-o, continuou a jantar. Só depois do café, accendendo um charuto, disse serenamente: «Ardeu o theatro das Laranjeiras». Ainda quiz reconstruil-o, mas era tarde; — já estava pobre.

A antiga quinta do Lodi, nas Laranjeiras, é hoje residencia da actriz Virginia, e a do Pacheco pertence actualmente ao dr. Carvalho Monteiro.

As povoações de Palma, a de Baixo e a de Cima, são airosas e alegres — aquella mais populosa do que esta.

Palma de Baixo é servida pela estrada das Laranjeiras. Tem aqui uma linda casa e quinta o sr. Dotte, o mais antigo subdito allemão residente em Portugal.

Palma de Cima, que fica separada de Palma de Baixo por uma calçada, é servida pela estrada do Rêgo, e encontra-se logo adeante do Recolhimento d'este nome. Ha aqui a notar o palacio dos herdeiros de D. Francisco de Almeida. O meu velho e bom amigo Rangel de Lima tem em Palma de Cima um *pied-à-terre*, com algumas arvores e terrinhas, que já herdou de seu pai.

Ao fundo do largo onde está a igreja parochial de S. Sebastião da Pedreira ergue se o palacio que foi de José Maria Eugenio de Almeida, e hoje é de seu filho. A estrada de circumvallação separou-o do bello parque que lhe pertence e onde o Jardim Zoologico esteve installado durante alguns annos. Na estrada de Palhavã fica, a pequena distancia d'aquelle parque, o palacio em que residiram os principes bastardos — *Meninos da Palhavã* — e hoje reside, no verão, o conde de Azambuja, seu actual proprietario.

---

[1] Vide o capitulo *Villa Franca* no vol. I

XI

A cidade de Lisboa

A empresa editora da *Extremadura Portugueza* iniciou a collecção do seu *Portugal pittoresco e illustrado* com uma larga monographia de Lisboa elaborada pelo sr. Alfredo de Mesquita.

Isto nos dispensa de darmos grande desenvolvimento a este capitulo.

Poderiamos até remetter o leitor para aquella monographia, onde todos os assumptos são tratados com minudencia e extensão.

Mas não deixaremos de consignar rapidamente as nossas impressões geraes sobre a capital portugueza, ao correr da penna, n'uma serie de «instantaneos» tão flagrantes como ephemeros.

Relancearemos os olhos pela caracterisação material e social dos bairros em que a cidade se divide, e fal-o hemos como quem addiciona verbas para chegar sem perda de tempo á somma total, que englobará a conclusão logica das nossas impressões.

O espectaculo exterior de Lisboa, pittorescamente escalonada sobre sete montes, como a Roma antiga, e bordando de variados aspectos a margem direita do Tejo, annuncia uma cidade alegre e opulenta, cuja realidade interior está em manifesto desaccordo com a sua magnificente apparencia panoramica.

Lisboa nem é alegre, nem opulenta.

Não tem, na vida interna, a animação, o movimento e sumptuosidade de Madrid, de Pariz, de Berlim ou de Londres.

E' uma das mais pobres e melancolicas entre as capitaes europeas.

Vista de perto, quando as secretarias de estado e as lojas de commercio estão fechadas, faz estarrecer.

A Baixa, nas tardes de domingo, é uma cidade abandonada. E os bairros excentricos, como S. Vicente e a Lapa, são outros tantos desertos com ruas inuteis e casas amortecidas.

Engana-se muito o viajante que, n'um dia de trabalho, ás 4 horas da tarde se surprehender com o bulicio da rua do Ouro e ao domingo, no regresso de uma tourada, se deslumbrar com o aspecto da Avenida.

A maior parte das carruagens que passeam em linhas ascendente e descendente desde a Praça dos Restauradores até á Praça Marquez de Pombal são da *Companhia Viação Lisbonense* ou simples tipoias de praça, com numero ou sem elle.

Vão dentro d'essas carruagens pessoas que julgam enganar os outros e que se enganam a si mesmas.

Os trens particulares contam-se na proporção de 5 por 100, e as equipagens de luxo fazem-se notar pela raridade mais do que pelo brilho.

Na população da capital abundam os empregados publicos, os officiaes do exercito e da armada, os jornalistas, os actores, os estudantes, os medicos, os advogados, os pequenos negociantes, os agiotas, os vadios e... as *hespanholas*.

Ordinariamente a vida é difficil e atormentada.

O dia do pagamento da renda das casas custa lagrimas e afflicções, porque a maior parte da população é pobre, os divertimentos tentam-n'a, e o pé-de-meia está sempre vasio.

Quasi ninguem faz economias e a principal razão é porque não póde fazel-as.

Desde o tempo do marquez de Pombal até hoje apenas dois predios lograram quebrar a monotonia das construcções pombalinas: na rua do Ouro os Armazens Grandella e o Banco Lisboa e Açores [1].

O Rocio, se exceptuarmos o Theatro de D. Maria, não tem um predio distincto.

O Chiado estacionou, com pequenas variantes de chamariz commercial.

Foi o dinheiro do Brazil que povoou com melhor ou peor gosto o alto da Avenida da Liberdade e os bairros novos a que ella deu origem.

Quem principalmente edifica é o *brazileiro*. Todo o paiz, especialmente Lisboa, lhe deve esse serviço material.

Na sociedade elegante, muito eriçada de dividas, cita-se apenas uma riqueza authentica: a dos duques de Palmella.

Esta familia illustre possue varios palacios em Lisboa e nos arredores.

Mas aquelle em que habita é velho e acanhado, os tectos são baixos, e a fachada nada tem de grandiosa, apesar das caryátides modernas que lhe foram acrescentadas.

De vez emquando os actuaes duques de Palmella dão um jantar, e muito de longe a longe um baile; jamais, que me conste, offereceram, como fazem em França os duques de Uzés e de Luynes, uma caçada ou *garden-party* a algum principe estrangeiro nos seus parques de recreio.

Em Portugal só a casa real proporciona festas cynegeticas a personagens coroadas, e, como se tem apurado ultimamente, ella mesma lucta com repetidos embaraços financeiros.

Desde o rei até ao amanuense todos os funccionarios do Estado pedem adeantamentos ao thesouro publico. E os que não pedem adeantamentos solicitam empregos, que os habilitem a obter adeantamentos.

Em Lisboa não ha millionarios com exteriorisação. A alcunha de *Milhões* é dada a um rico proprietario que não vive com esplendor. E o grande lavrador José Maria dos Santos, que possue a maior vinha do mundo, contenta-se com hospedar singelamente o rei na herdade do Poceirão, com uma boa semcerimonia alemtejana.

Não ha em Lisboa millionarios com exteriorisação, mas patenteam-se em todos os bairros as «casas de prégo», com lettreiros berrantes, de noite illuminados a côres sinistramente vermelhas... como o sangue das victimas n'um sacrificio truculento.

A pobreza da capital é a mais violenta de todas as pobrezas: a que põe mascara e veste dominó para não ser conhecida.

---

[1] Ultimamente, a Casa dos Arcos na rua Augusta.

328—Mosteiro dos Jeronymos, em Belem, no seculo XVII

A pobreza nas provincias é, pelo contrario, sincera, franca e resignada.

A de Lisboa exaspera-se de rivalidade pelos ouropeis alheios; morde-se de inveja pelos trapos dos outros.

As lisboetas, na rua, voltam-se para traz a examinarem-se a *toilette* com despeito e emulação.

Todavia os invejados e os invejosos sabem perfeitamente que toda aquella farrapagem é postiça e quasi sempre fiada.

Entre a epoca das praias e o começo do inverno, as «casas de prégo» não teem mãos a medir. E' preciso liquidar as perdas da banca franceza, do *monte* e da rolêta, e ir pagar uma assignatura em S. Carlos. Pratas, joias de familia, tudo o que restar de valor negociavel é sacrificado á vaidade com menos lagrimas do que imprevidencia.

Lisboa foi sempre leviana e mundana.

S. Carlos representa uma tentação irresistivel, um abysmo fascinante — o mundo dos sonhos alfacinhas.

Mulheres de empregados publicos, em cabello e mal enroupadas contra o rigor do inverno, entram orgulhosamente nos carros electricos com destino a S. Carlos.

Vendo outras mulheres em carruagem, procuram imital-as n'aquillo para que o dinheiro não é preciso: vão de cabeça descoberta como se as resguardasse a vidraça de um *coupé*.

E suppõem que no salão do theatro pode alguem crêr que em vez de sahirem de um carro electrico sahiram de um *coupé* ou de um *landeau*.

Funccionarios do estado, mercieiros e estouradinhos, dos quartos andares vão para as torrinhas de casaca ou *smoking*, com gravata e luvas brancas, flor ao peito.

Nos intervallos passeam no salão ou fazem visitas ás outras torrinhas.

N'este caso, depois de um apêrto de mão com o braço em arco, vingam-se da prosapia dos assignantes das frisas e das primeiras ordens dizendo mal d'elles e commentando picarescamente os ultimos escandalos de Cascaes.

A' sahida, quem os vir passar no Largo das Duas Igrejas, vaporando fumaças de charuto de vintem, poderá, se os não conhecer, imaginar que regressam de alguma frisa.

E acertará, se admittirmos que os camarotes devem contar-se de cima para baixo.

A maior parte dos frequentadores de S Carlos não entende uma palavra de musica, como exceptuemos os do *gallinheiro*, gaiola de *dilettanti* sinceros, que não vão para ser vistos, mas apenas para ouvir e saborear a divina arte.

Os artistas podem comprar a *claque* ou offerecer jantares e ceias aos *habitués*.

Mas quem elles não logram corromper são os entendidos do *gallinheiro*, que não deixam passar impunemente uma fifia ou um córte.

Para diminuir este perigo, as empresas teem ido encurtando as dimensões d'aquelle incorruptivel viveiro de criticos implacaveis.

O *gallinheiro* está reduzido á expressão mais simples.

Ainda assim, empilhados como sardinhas em tigela, mal podendo mexer-se, os ultimos abencerragens do *dilettantismo* fanatico não faltam nunca, e é com elles principalmente que as empresas e os artistas teem de haver-se.

Mas, perante companhias fracas, os entendidos mostram-se hoje mais indulgentes do que outr'ora, porque o proprio amor da arte não permitte ser leão entre humildes ovelhas.

Toda a esthetica presuppõe dignidade artistica.

Por isso, os criticos do *gallinheiro*, não tendo deante de si os grandes artistas a quem uma fama universal impunha enormes responsabilidades, comprehenderam que deviam ser mais tolerantes do que severos.

As empresas de S. Carlos, que trouxeram a Lisboa cantores de *primo cartello*,

como a do conde de Farrobo, a de Campos Valdez e outras, arruinaram-se, porque o preço dos camarotes e das cadeiras era alto de mais para a bolsa alfacinha.

Assim o publico viu-se forçado a abandonar o *sport* lyrico tão seu predilecto, e deixou, com amargura, de frequentar o theatro.

Decorreram tempos, e veio a empresa do sr. José Pacini, homem esperto e sagaz, que perfeitamente soube resolver o problema em que outros empresarios tropeçaram ruinosamente.

Qual era o processo a seguir para contentar o publico, tornando-lhe S. Carlos accessivel?

329—Palacio das Necessidades

Uma coisa muito simples: trazer a Lisboa artistas de cotação secundaria e baixar os preços de entrada — ganhando ainda dinheiro.

Foi o que elle fez, e com satisfatorio éxito. O publico começou a affluir em torrentuosas caudaes, tornando-se preciso metter empenhos para conquistar um logar, tamanha é todos os annos a assignatura.

O *snob* da côrte, o *brazileiro*, o *africanista*, o janota pobre e o *amador* encartado puderam frequentar o theatro e o sr Pacini, diz-se, tem *feito uma fortuna*, graças á sua clara intelligencia e habilidade financeira.

O *africanista* é hoje o «brazileiro d'Africa», o roceiro, o agricultor das uberrimas terras africanas.

O seu dinheiro traduz-se em predios novos na cidade, em quintas de regalo nos arrabaldes, n'uma carruagem, n'um camarote de theatro, aliás sem prurido de ostentação e esplendor.

Que me lembre apenas um unico *africanista* dá bailes em Lisboa e festas campestres em Cintra.

Os outros procedem como os primeiros industriaes de Lisboa, que tambem possuem quintas, predios e carruagem: vivem o melhor possivel, mas sem exteriorisação apparatosa.

A riqueza dos *africanistas* é em geral democratica.

Lisboa possue alguns edificios notaveis pela vastidão ou pela architectura; não são muitos, e pertencem ao estado.

Apenas exceptuaremos d'esta regra a casa da camara, que não é do estado, mas da cidade.

Quanto aos outros, foi o dinheiro do erario ou das ordens monasticas que os levantou e pagou.

Ha na capital muitas igrejas, quasi todas modestas, a não ser os Jeronymos, a Madre de Deus, a Sé, S. Vicente de Fóra, a Conceição Velha, especialmente notavel pela fachada, a Estrella, Santa Justa, vulgarmente S. Domingos, a real casa de Santo Antonio, aliás muito inferior á soberba basilica de Padua, e S. Roque, que especialmente se recommenda pela celebre capella lateral do tempo de D. João V.

Os museus de bellas-artes ou de archeologia são pobres e deficientes. Um estrangeiro nada tem que admirar n'elles com surpresa. O museu militar é muito inferior á *armeria* de Madrid; e o colonial, na Sociedade de Geographia, postoque interessante, está longe de corresponder á grandeza dos nossos dominios ultramarinos. O de historia natural será talvez o mais copioso. Modernamente abriu-se o dos côches da Casa Real, em Belem, que é um documento do dinheiro prodigalisado pelo cesarismo em sumptuosidades da nossa côrte e das estranhas, porque alguns côches foram offerecidos por monarchas estrangeiros.

Dos theatros da capital apenas ha a especialisar tres: o de S. Carlos, pela sua imponencia interior, o de D. Maria, exteriormente gracioso, mas eivado de defeitos interiores, e o de D. Amelia, sem apparencia apreciavel, mas vasto e commodo, e o mais moderno de todos.

Tem a cidade dois colyseus. Um d'elles, o dos Recreios, é amplo, enorme, e no seu genero poderá hombrear com o melhor que existe nas outras capitaes da Europa.

Dos edificios escolares apenas a Escola Polytechnica, a Escola Medica e a Escola do Exercito (um dos antigos palacios reaes) se recommendam pelo exterior apparatoso.

A Escola Naval, alojada n'um casarão pombalino, impõe-se unicamente pela grandeza da *sala do risco,* que mede 81 metros de comprimento.

A Academia de Bellas Artes, nos baixos do antigo convento de S. Francisco, é um antro onde estão enterrados algumas telas mortas e alguns pintores vivos.

N'este mesmo edificio acha-se installada a Bibliotheca Nacional, que pela riqueza da sua livraria faz honra ao paiz, onde em geral as bibliothecas publicas são do melhor que possuimos, porque eram as dos frades.

A Torre do Tombo, hoje Archivo Nacional, occupa um *entresol* do Palacio das Côrtes, antigo mosteiro de S. Bento.

O seu cartorio é riquissimo de documentos preciosos para a historia antiga de Portugal.

Todos os investigadores que por ali passam, e o mais illustre d'elles foi Alexandre Herculano, podem encher bem a sua bilha.

Parece que o archivo onde se guarda o deposito patriotico dos registos e diplomas, que constituem a nossa historia authentica, devia ter merecido um edificio privativo, tão amplo que permittisse uma boa arrumação de documentos, e tão blindado que estivesse á prova de fogo.

Nada d'isto acontece. Nem edificio proprio, nem mesmo um catalogo geral e impresso.

Apenas Emygdio Navarro, quando ministro das obras publicas, mandou fazer alguns melhoramentos materiaes de que pudesse resultar mais ar, mais luz e mais limpeza.

Até então morria-se de asphyxia na Torre do Tombo.

No mesmo edificio do convento benedictino foram implantadas as camaras dos pares do reino e dos deputados.

A dos pares, construida sob a direcção do marquez de Niza, é sumptuosa, mas soturna, e falta de condições hygienicas. A dos deputados, de recente construcção, tem um interior friamente romano, e imperfeitas condições acusticas. Precede a sala das sessões a *sala dos passos perdidos*, vasto recinto que suppre vantajosamente os largos corredores da camara dos pares.

Examinando-se com attenção uma e outra camara, reconhece-se que estamos n'um paiz de rhetoricos pomposos, onde o luxo da eloquencia se impoz ao espirito dos architectos pela necessidade de o harmonisar com as linhas e ornatos do estilo architectonico.

A verborrhea nacional derramou-se da bocca dos oradores para as columnas e cimalhas das salas das sessões, como um rio trasborda alagando as margens.

Em Portugal a eloquencia é ainda a rhetorica florida e tropologica, e as duas salas do parlamento são o berço logico, adornado de acanthos e volutas, onde essa eloquencia papea os seus vagidos sonorosos.

A singeleza luminosa de uma sala ampla mas simples, onde os deputados pudessem ser ouvidos de qualquer logar do hemicyclo, e onde pudessem escrever sem acotovellar os vizinhos, repugnaria ao senso rhetorico dos portuguezes e ao seu enxame de hyperboles, prosopopeas e circumloquios magnificentes.

Os jardins ou passeios de Lisboa, aquillo que os nossos antigos chamavam bonacheironamente *logradouro publico*, são realmente interessantes, a começar pela moderna Avenida da Liberdade, que é o melhor *boulevard* da capital portugueza e que gerou a idea de outras avenidas secundarias.

O Aterro da Boa Vista, mais antigo, nunca foi senão um extenso caes, movimentado de sal e de carvão, cheirando a peixe e enevoado de fumo.

A Avenida da Liberdade seria, nas mãos de outro paiz, uma acquisição preciosa.

E' bella; poderia ser notabilissima e surprehendente em outras mãos.

Se a plantassem de larangeiras, que é a arvore encantadora dos portuguezes, se a alinhassem de renques de estatuas e intermeassem com jogos de agua, embora menos grandiosos que os de Versalhes, poder-se-ia fazer d'ella um dos mais bellos *boulevards* do mundo.

As estatuas que tem são apenas allegoricas, e foram para ali desviadas de outros logares ou destinos, no intuito de attenuar a inopia de apparato ornamental. [1]

Tudo na Avenida, a não ser a sua amplitude, o arruamento dos predios, alguns exemplares de palmeiras, e o pavimento ainda incompleto dos passeios lateraes em mosaico, é mesquinho e assaloiado: o arvoredo rococó de olaias e acacias, os canteiros de flores, os bancos enxovalhados, os kiosques de tabacos, os mictorios funebres, e as cadeiras de arraial, quando as ha.

O Passeio da Estrella e o da Escola Polytechnica são, depois da Avenida da Liberdade, os mais recommendaveis ao estrangeiro e ao provinciano.

---

[1] Recentemente, inaugurou-se na Avenida (13 de novembro de 1908) o monumento a Pinheiro Chagas, erigido por subscripção em Portugal e no Brazil.

O da Estrella tem a galanteria romantica de um retiro de Flora, onde o burguez pacato medita, adormece ou namora e a *bonne* ingleza lê emquanto as creanças brincam sem ruido.

O da Escola Polytechnica, propriamente jardim botanico, offerece uma solidão meandrosa não já ao namoro, mas ao amor, á paixão que sempre aqueceu os derretidos corações lusitanos.

Tem recantos sombrios, mais ou menos fiscalisados, onde um braço audaz pode perpetrar o enleio de uma cintura de alcôrce e onde o beijo furtivo pode saltar de uma bocca a uma face, n'um rapido vôo de desejos lascivos.

Não sendo isto, e a linda *rua das palmeiras*, que é bom caminho para um idillio romanesco, tudo o mais é dos estudantes — os taboleiros de plantas classificadas e as estufas repletas de exemplares exóticos.

330—Estatua de D. José

O Passeio de S. Pedro de Alcantara não vale pela capacidade, pelas arvores, pelas flores ou pelo modesto busto do popular jornalista Eduardo Coelho, no pavimento superior.

Vale principalmente, e vale bem, pelo grandioso panorama do bairro central e do bairro oriental da cidade e do estuario do Tejo.

O Jardim Zoologico, no parque das Larangeiras, é mais um viveiro de animaes domesticos do que outra cousa.

As feras são poucas, e quasi tão pacificas como os visitantes.

Quem recebe de presente um bicho incommodo, desfaz-se d'elle offerecendo-o ao Jardim Zoologico, que d'este modo só possue collecções incompletas e truncadas, tanto sob o ponto de vista das especies como das regiões.

Os outros jardins publicos da capital são apenas logradouros de bairro, como o do Principe Real, que é o melhor, o das Amoreiras, o da Estephania, o de Campo de Ourique, o do Aterro e o das Janellas Verdes, por exemplo.

Poderia haver em Lisboa um jardim a cada canto, tamanha é, em nosso suave clima e prodiga terra, a abundancia de flores.

Foi por isto, talvez, que não vingou o seu mercado especial que eu, ao passar em 1900 pela vereação lisbonense, quiz estabelecer na Praça dos Restauradores, junto ao monumento.

Mandei pôr ali seis mesas de *pich-pine*, desenhadas pelo mallogrado engenheiro Renato Baptista, e expôr sobre ellas ramos de flores da estação preparados pelos jardineiros da camara municipal.

A minha ideia era crear um nucleo de mercado elegante para os frequentadores habituaes da Avenida da Liberdade, porque, firmado este precedente basilar, esse mercado ampliar-se-ia e poderiam vir a elle as flores mais estimadas e mimosas, o que havia de contribuir para animar entre nós a floricultura seleccionada.

Preencher-se-ia assim a falta de ramilheteiras ambulantes, que nos outros paizes são vulgares, e que em Portugal quasi não apparecem, a não ser nos theatros; esse commercio gracioso e amavel, como então lhe chamou o sr. Alfredo de Mesquita, poria uma nota brilhante no mais *fashionable* dos nossos passeios publicos—a Avenida da Li-

berdade; e sonhava eu que d'ali viesse a fazer-se alguma coisa de geito e de bom gosto com o andar do tempo.

O mercado abriu no dia 1 de maio d'aquelle anno, e despertou interesse no primeiro momento.

A nossa estampa 333, reproduzida de um *kodak* do *Brazil-Portugal*, mostra que o povo parou a vêr e a comprar.

331—A Casa dos Bicos

N'essa mesma tarde, ou n'alguma dos dias seguintes, a rainha D. Amelia, passeando na Avenida, fez parar a sua carruagem e mandou comprar um *bouquet*.

Outras senhoras da aristocracia procederam do mesmo modo.

Fizeram-se mais duas mesas, e tiveram logo raparigas que as requeressem.

Parecia um bom principio de vida para o mercado.

Não tardaram muito as noites de Santo Antonio, S. João e S. Pedro, e n'essas tres noites mandei illuminar, tanto as mesas como as arvores, com balões venezianos, expôr á venda pequeninos vasos de mangerico, e tocar no recinto da Praça dos Restauradores a banda dos Bombeiros Municipaes.

Houve concorrencia em barda, e o consumo foi tamanho, que a media do lucro em cada mesa subiu a 4$500 réis por noite.

Mas isto alvoroçou os ramalhoceiros da Praça da Figueira e os floricultores de profissão, que desataram a fazer guerra ao mercado, e tanto mexeram e rabiaram, que pregaram com elle em vasa-barris.

Foi uma vez um mercado. A terra lhe seja leve, e Deus Nosso Senhor me perdoe as minhas illusões de vereador ephemero.

Lisboa não tem hoje um mercado de flores, pois teve-o no seculo XVII, porque lá diz Sousa de Macedo nas *Flores de España* que o havia então junto á porta da Misericordia (altura da actual rua Nova da Alfandega) e que era bem provido de grinaldas e ramilhetes.

Ahi por 1836 houve outro no largo de S. Roque, mas creio que tambem morreu de morte macaca.

Já que estou com as mãos na massa, falarei dos mercados de Lisboa, a começar pelo da Praça da Figueira, que é o mais antigo e importante.

E' ali que todas as manhãs uma boa parte da cidade aprovisiona os seus cabazes e alcofas para o arranjo caseiro de cada dia.

Esse mercado — a *Praça* como se diz geralmente — tem largueza, variedade de generos alimenticios, asseio, movimento, e muita côr de pittoresco popular, que é a graça physionomica de todos os mercados, diarios ou semanaes.

Mas não chegava para abastecer uma cidade grande; e mais pequeno ficou quando ella se tornou maior.

Alem d'isto está encravado entre predios e, por muita limpeza que haja n'um mercado de viveres, elle não é nunca um vizinho hygienicamente inoffensivo.

Do mercado da Praça da Figueira desmembrou-se outro, que, á procura de um lo gar, acabou por installar-se no Campo de Sant'Anna.

Mas os moradores d'este Campo não gostaram da vizinhança das couves e dos rabanetes, e foram empurrando o mercado para mais longe, por causa dos seus cheiros e gritaria. Veio elle parar á Ribeira Nova, onde está, e augmentou com extensos hangares cinzentos o numero dos barracões que já pejavam e desfeavam o Aterro — especie de planicie africana com senzalas de pretos.

Ultimamente (1904) inaugurou-se um novo mercado em Alcantara para servir os moradores do bairro.

E' na Ribeira Nova que, em edificio proprio, funcciona o mercado do peixe. Não se pode dizer que os carapaus e as pescadinhas marmotas estejam mal hospedados; mas, sendo o Aterro uma arteria de muito transito, a fedorentina do pescado irrita milhares de narizes, que não gostam nada de tão desagradavel pitada, quando por ali passam no gyro da sua vida quotidiana.

A secular feira da Ladra, depois de ter andado em bolandas por varios sitios da cidade, desdobrou-se em dois mercados: um ao oriente, o de Santa Clara; outro ao occidente, o de S. Bento.

São exposições permanentes de trastes, de fatos, de utensilios e livros em segunda mão, velhos e defeituosos. Espadas que fizeram a guerra, sophás que fizeram o amor ou o *flirt*, retratos de familia, alfarrabios e cartapacios roidos da traça, espelhos fendidos, terrinas gateadas, pires sem chicaras, chicaras sem pires, casacos já rebeldes á benzina, chapéos queimados no pello, berloques de latão, gravuras com manchas amarellas, berços escangalhados, leitos partidos, cadeiras mancas — todo um amalgama monstruoso de coisas gastas e depreciadas, incompletas e sujas, ali se escancara diariamente como uma enorme bocca, *ore rotundo*, cheia de carie nos dentes e de saburra na lingua.

Algumas vezes, rarissimas vezes, se encontra uma perola n'este estendal de lodo antigo, por ter succedido que quem vendeu não sabia o que alienava e o adélo não sabia o que comprava nem o que vendia.

A feira da Ladra não é um exclusivo de Lisboa.

Houve-a tambem no Porto, n'um local que por isso mesmo se chamou *Ferros Velhos*.

Ainda a ha hoje na villa de Vieira no Minho, e realisa se na primeira segunda-feira do mez de outubro.

Sobre esta feira minhôta da Ladra quero deixar archivadas aqui as informações que me deu em 1893 o antigo deputado dr. Guilherme d'Abreu, já hoje fallecido.

«Não existe no archivo da Camara de Vieira diploma ou documento algum, que directamente se refira á origem da feira annual, chamada da Ladra e estabelecida na séde do concelho, havendo, porem, bastantes, e alguns de tempos affastados, que alludem á feira.»

«Por isso e por tradição se sabe que ella é antiquissima, e provavelmente coeva da do S. M'guel em Refoyos de Basto, que, por assim o dizer, continua e fecha; como coevos são os foraes outorgados ás Terras de Basto e á de Vieira por El-Rei D. Manuel, em 1514, desde quando talvez ambas datem.

«A feira da Ladra em Vieira foi até 1879 na primeira quinta-feira do mez de outubro, durando só esse dia; mas mudou-se em agosto de 1880 para a primeira segunda feira do mesmo mez, ampliando-se até á quarta-feira immediata, ampliação que todavia os feirantes só acceitaram até á terça-feira, ficando na quarta inteiramente deserto o mercado.

332—Estatua de Luiz de Camões

«Pergunta-me V. se n'esta feira se expõem á venda muitos objectos roubados na de S. Miguel em Refoyos.

«E' possivel que assim fosse nos primeiros annos, e talvez d'ahi lhe venha o nome aliaz identico ao d'outra feira do paiz. Actualmente, porem, e desde que lembra aos velhos, o commercio que n'ella se faz é tão regular e legitimo como o das demais feiras.»

Fique guardada aqui esta curiosa nota archeologica, comquanto não seja o seu logar proprio.

Em Lisboa o commercio ambulante é muito activo e intenso, o que explica a falta de maior numero de mercados fixos n'uma tão populosa cidade.

Os vendilhões formigam por todas as ruas e bairros, gritando os seus pregões quasi sempre n'um rythmo cantante.

Alem da chusma dos saloios, dos provincianos, dos alfacinhas que exercem este genero de commercio, ha os chamados *logares* de venda, que são pequeninos mercados de uma só porta, ás vezes bem estreita, onde em prateleiras de pau se escadeam, expostos ao publico, hortaliças, legumes e fructas.

A numerosa classe dos vendilhões ambulantes, e outra gente da arraya-miuda, habita ordinariamente nas barracas dos *pateos* - a que no Porto se dá o nome de *ilhas*.

Alguns proprietarios abastados já vão explorando a edificação de bairros baratos,

populares, que são ainda em diminuto numero para comportar a população mercenaria das miseras tribus do ganha-pão.

Toda esta pobre gente, a fim de resistir ás intemperies e á fadiga, recorre ao vinho—á mixordia alcoolica—para aquecer e para resistir.

Gil Vicente, no *Pranto de Maria Parda*, faz chistosa referencia ás ruas da Lisboa quinhentista onde havia tabernas com o classico ramo á porta.

Hoje todas as ruas teem tabernas, das qaaes algumas se disfarçam, para encobrir o vicio de pudibundos beberrões engravatados, ao fundo de carvoarias e outras lojas de honesta apparencia.

O capitalista Quintão, que morreu ha annos em Bucellas, estabeleceu na rua do Loreto uma taberna que se mascarava em colchoaria.

333—O mercado de flôres na Avenida da Liberdade

Abundam não só as tabernas e tendinhas como os armazens e depositos de vinho por grosso e a retalho.

Os botequins, com bilhar ou sem elle, dividem-se em duas categorias: *botequins* propriamente ditos e *cafés de lepes*.

Os *botequins* da primeira categoria não são muitos em relação á população da cidade, nem esplendorosos.

Os mais notaveis pelo asseio ou pela frequencia pouco excederão uma duzia, a saber: o *Martinho*, o *Suisso*, o *Imperial*, o *Tavares* (botequim e *restaurant*), o *Aurea*, o *Marrare*, o *Montanha*, o *De France*, o *Grego*, o *Madrid*, o *Chat Noir* com a especialidade de *camareras*, alem das cervejarias da Trindade, do Leão e do Jansen.

Alguns d'estes e outros cafés teem clientellas especiaes, predominando n'ellas certas classes ou colonias.

Assim o *Martinho* é frequentado por militares, empregados publicos e brazileiros, o *Suisso* por litteratos, jornalistas e actores, o *Marrare* por toureiros, o do *Gelo* por estudantes, o *Montanha* por francezes, e a cervejaria Jansen por inglezes e allemães.

O mesmo succede com determinados *restaurants*: o *Leão d'ouro*, por a *troupe* dos pintores, de alguns dos quaes são as telas que revestem as paredes de ambas as salas; a *Patisserie Violette* e a *Patisserie Suisse* por burocratas e negociantes á hora do *lunch*; o *Tavares* p-las *cocottes* que ceiam n'uma orgia economica ostras de Montijo e *champagne*... da Vinicola em gabinete particular.

Nos botequins de primeira ordem não ha musica, com excepção da cervejaria Jansen, onde costuma tocar um grupo de artistas: d'elle tem feito parte em varias temporadas o distincto Cagiani, violinista romanesco, de envergadura verdadeiramente meridional, mais phantasista do que impeccavel.

O gosto pelos concertos em botequim tem-se desenvolvido mais no Porto do que na capital.

Os *cafés de lepes* principiaram por estabelecer-se nos bairros fadistas, Alfama, Mouraria e Bairro Alto. Depois irradiaram para toda a cidade, com o mesmo caracter de frandulage social. Bailhões, marujos, cocheiros, rufiões, vadios e rameiras são os seus

frequentadores habituaes. Uma atmosphera crassa de fumo e eructações alcoolicas envenena o ambiente d'esses cafés pelintras, ordinariamente pequenos, e um piano tuber-

34—Fachada da igreja de S. Vicente

culoso geme as tristezas languidas do Fado nacional ou andeja trechos de zarzuelas e valsas de clubs populares, n'um esforço de alegria e de pulmoeira.

São os frequentadores d'estes cafés que ordinariamente fornecem ao *Diario de Noticias* e ao *Seculo* a longa narrativa de crimes passionaes, em que a navalha ou a faca rasga a carne de mulheres fanadas, rouquenhas e amarellecidas, sendo a morte quasi certa, porque o golpe entra fundo á falta de uma almofada adiposa que lhes defenda a existencia.

Segundo as tradições da fadistagem lisboeta, os homens e as mulheres que a cultivam de noite e de dia são fanaticos pelos *Fados* e pelos touros.

Antigamente a bohemia fidalga suciava com os fadistas n'aquellas duas predilecções do povo da Extremadura, mas os fidalgos de raça arruinaram se e os titulares modernos julgar-se iam amesquinhados, por philaucia, entre gente de baixa estofa.

A velha nobreza alfacinha, opulenta, devota e estroina, cujos ascendentes se locupletaram com doações regias e usurpações ás ordens monasticas, essa remota nobreza de pergaminhos e morgados, que tantos palacios possuiu em Lisboa e tantas quintas nos arrabaldes, veiu escoando-se através do tempo, como um riacho de sangue azul, que as dissipações, a guerra civil e os agiotas foram adelgaçando até lhe deixar apenas um fio de tradição e de propriedade.

O dinheiro, por successivas operações de thesouraria, passou das mãos dos fidalgos decadentes para os burguezes solertes, que depois se fizeram titulares, e lhes apanharam os palacios e as quintas por dez réis de mel coado.

Quanto a palacios, foram quasi todos vendidos pelo custo da cantaria unicamente, e o seu mobiliario dispersado em leilões, a alguns dos quaes eu assisti... como espectador apenas.

Dos titulos antigos poucos restam já, mas, em compensação, uma selva de condes e viscondes de fresca data floresce exuberante e pimpona.

Comtudo, a mercê honorifica mais vulgar em Lisboa, attingindo as proporções de uma enxurrada diluviosa, é a carta de conselho, que pertence, por inherencia do cargo, aos ministros, aos directores geraes, aos presidentes da Relação, aos juizes do Supremo Tribunal, e que se concede a todo o figurão que faz bem ou mal ás grandes companhias, aos bancos, aos asylos e ás irmandades ricas.

Pode dizer se afoitamente que em cem vezes acertará noventa quem, na capital, chamar conselheiro a um homem de sobrecasaca e chapéo alto.

Lisboa é a cidade dos conselheiros, assim como Coimbra é a cidade dos doutores e Braga a cidade dos padres.

Além da predilecção pelos *Fados* e pelos toiros, uma outra alvoroça o espirito dos alfacinhas: é o theatro.

Para apanhar uma *borla*, o lisboeta é capaz de perseguir os empresarios durante um dia inteiro e de o esperar a pé firme durante quatro horas, ao sol ou á chuva.

Para representar uma scena-comica ou uma comedia n'um theatrinho particular, abandona a repartição, a officina, o escriptorio ou a loja.

Elle trata por tu os actores e os camaroteiros, conhece as actrizes, fala aos contra-regras, e aperta a mão aos alfaiates e aos illuminadores.

Deante dos empresarios, desbarreta-se, curva-se, adoça-se.

Critica as peças, compara as, discute-as.

Faz Talmas e desfaz Talmas, com a sua tagarellice por *foyers* e botequins, ou á porta da *Monaco*.

Leva informações aos jornaes para conquistar o direito de pedir um bilhete de theatro, e leva rebuçados e flores ás actrizes... quando ellas são amantes dos empresarios.

Em S. Carlos emproa-se, em D. Maria desdenha, no Principe Real chora, no D. Amelia delira, na Trindade agaiata-se, no Gymnasio e no Avenida ri, no Colyseu fuma,

e na Rua dos Condes engole tudo com tragos de vinho que, nos intervallos, vae beber ao *Café do Globo*.

Um dos generos de theatro que dá mais no gôto aos lisboetas é a Revista do anno.

Sendo Lisboa a séde do governo e possuindo um templo exclusivamente dedicado á Politica – a arcada do Terreiro do Paço —, localisados na cidade os mais ardidos jornaes de combate e os mais poderosos centros partidarios, explica-se facilmente, por todas estas circumstancias, o gosto por um genero de theatro que durante largos annos teve essencialmente o caracter de aggressão violenta ao ministerio e ao parlamento... ás vezes até ao rei.

Lopo Vaz foi o primeiro ministro que, no nosso tempo, começou a apertar a tarracha para conter a mole das allusões pessoaes.

Depois outros lhe seguiram o exemplo, e a policia assumiu o dever de assistir aos ensaios geraes das revistas do anno, de lapis em punho, como um censor em exercicio.

Alguns ministros, porém, mais sequiosos de popularidade, para compensar a falta de um forte bloco partidario, como João Franco, teem consentido que os revisteiros os caricaturem em scena e dado ordem á policia para não aparar muito o bico do lapis azul.

Dos vivos para os mortos é rapida a ponte de passagem. Com razão disse Claude Benard que a vida é a morte.

Ha em Lisboa varias estatuas de finados illustres e alguns monumentos commemorativos de acontecimentos historicos, umas e outros erigidos, na sua maior parte, com o dinheiro da nação.

E' grandiosa a estatua de D. José, no Terreiro do Paço, e, depois d'ella, cabe mencionar, na via publica, as de Camões, D. Pedro IV, marquez de Sá da Bandeira, duque da Terceira, Affonso de Albuquerque, José Estevam, Sousa Martins e marechal Saldanha [1], além dos bustos de Eça de Queiroz, Eduardo Coelho e visconde de Valmor; dentro de edificios: na Bibliotheca Nacional, a estatua de D. Maria I; na Camara dos Pares, os bustos dos seus antigos presidentes vitalicios, e no recinto da Escola Medica o do professor Manuel Bento.

Nos dois cemiterios, dos Prazeres e do Alto de S. João, ha bustos e estatuetas sobre alguns tumulos.

Pelo que respeita á generalidade dos mausoléos, o mais sumptuoso é o do visconde de Valmor no ultimo d'aquelles cemiterios.

Eu acho-o excessivamente pesado e vaidoso Parece-me que o marmore, como as flores, deve ter leveza e simplicidade para agradar. Prefiro a violeta e o myosote, na arte e na natureza, ao chrysanthemo e á dhália.

Como em Portugal faltam millionarios, é quasi sempre o Estado que perpetúa a gloria dos mortos por algum titulo illustre, fornecendo o monumento todo, ou só o bronze e a fundição. Quando isto não succede, recorre-se á subscripção publica, que, n'uma cidade pobre como é Lisboa, falha algumas vezes.

Assim, pois, o marquez de Pombal e Camillo Castello Branco estão em risco de ficar sem estatua, por inopia de subscriptores.

Para honrar a memoria de Fontes Pereira de Mello, chegou a ser lançada a pedra fundamental na Avenida da Liberdade, em frente da calçada do Salitre, talhão occidental; este estadista teve subscripção, mas não teve estatua — o que é talvez peor.

N'outros paizes, em França por exemplo, basta um só homem para custear a despesa de um monumento.

Mr. Patron deu da sua algibeira 50:000 francos para erigir-se a estatua de Bernardin de Saint-Pierre, no Jardim das Plantas, em Pariz.

---

[1] Ainda não erigida sobre o pedestal, em novembro de 1907, quando isto escrevo.

Entre nós, a pobreza nacional não permitte rasgos dispendiosos; e excepcionalmente uma familia, como a do visconde de Valmor, assume a responsabilidade financeira de um mausoléo ou de uma estatua.

Os monumentos commemorativos são, na capital, em muito menor numero que as estatuas. Não me refiro aos monumentos lapidares na fachada de predios onde nasceram ou morreram cidadãos benemeritos: porque a lapide é uma cousa barata, e a isso chegamos nós.

Eu mesmo não encontrei difficuldade em fazer que na camara municipal fosse votada a proposta para collocar-se uma inscripção na casa em que Antonio Feliciano de Castilho nasceu.

Mas, quanto a monumentos de exclusivo caracter allegorico, Lisboa tem unicamente um: o dos *Restauradores* de 1640 na Avenida da Liberdade.

335—Estatua de D. Pedro IV

Do que no largo de S. Roque memora o casamento de el rei D. Luiz com a princeza D. Maria Pia de Saboya, e foi mandado construir pela colonia italiana, aliás pouco numerosa, bastará lembrar, para se fazer ideia da sua modestia, a alcunha de — *Palmatoria* — com que logo o povo o designou.

Já é tempo de chegarmos á caracterisação total da cidade pelo enaipamento dos seus bairros.

Primeiro falaremos dos bairros antigos, deixando para o fim os modernos, em respeito á chronologia.

Quem ha trinta annos entrava na cidade pela estação de Santa Apolonia, como eu entrei, ficava desagradavelmente surprehendido com entrevêr as alfurjas do bairro de Alfama pela abertura dos arcos mouriscos ou outras apertadas passagens que dão sobre a *ribéira velha* do Tejo.

E não tinha, para contrabalançar essa má impressão, senão tres ou quatro curiosidades interessantes situadas no terreno marginal do famoso rio: o Arsenal do Exercito, o chafariz de El-Rei, a igreja da Conceição Velha e, na rua dos Bacolheiros, a Casa dos Bicos.

Hoje, o caso muda de figura.

O bairro de Alfama está mascarado sobre a ribeira por alguns predios de recente construcção, grandes e dispendiosos, taes como aquelle onde, na rua do Jardim do Tabaco, a Nova Companhia Nacional de Moagem estabeleceu os seus vastos escriptorios.

De modo que se pode dizer que o bairro de Alfama é o contrario das perolas: n'elle a casca ribeirinha tem maior valor monetario do que o conteudo sombrio.

Alfama é um dos restos da ancestral Lisboa do tempo dos moiros e dos judeus, um dédalo de viellas escuras e comprimidas, como em geral são as povoações semiticas, talvez por tendencia hereditaria para as tornar mais defensaveis contra a torreira do sol e a invasão de inimigos armados.

Ali foi tambem a judearia, aliás com mais caracter privativo, porque os mouros tiveram um outro bairro ainda hoje conhecido pelo nome de *Mouraria*.

336—Basilica da Estrella

A palavra Alfama vem do arabe: seja de *hamá*, couto, refugio, ou de *al-hamma*, caldas, fontes quentes, o que não deixa de fazer sentido, visto como subsistem n'esse bairro as Alcaçarias de D. Clara e do Duque, na rua do Terreiro do Trigo.

Muitas vezes a imprensa tem pedido a demolição dos pardieiros, arcos, passadiços e o arrazamento das ruas de Alfama, a meu vêr erradamente. Que se desacumule a população e se faça beneficiar o interior dos predios, sem comtudo modifical-o fundamentalmente, vá, pode ser medida aconselhada pela hygiene e pela moral. Mas deixe-se de pé o bairro como reliquia do passado e termo de comparação com a Lisboa moderna. Será, em todos os tempos, antigualha estimavel para mostrar ao estrangeiro uma pagina de pedra que recorde a chronica primitiva da cidade.

Este bairro miseravel, de fadistas, de taberneiros, de regatôas e carregadores tem sobre o Bairro Alto, cuja tradição é aproximadamente a mesma, a vantagem de ser um coio occulto, uma especie de esconderijo recondito, apenas transitado pelos seus moradores.

O trecho que se limita com a ribeira do Tejo exhibe uma intensa laboração commercial, de grande e pequeno negocio.

Aquelle é representado pelos escriptorios de empresas e companhias ou pelos armazens e depositos. Sirva de exemplo a rua dos Bacalhoeiros, tão feia, tão mourisca ainda no aspecto do seu *Arco escuro* e do seu *Arco das Portas do Mar*, tão conhecida do forasteiro pela sua Casa dos Biccos, mas tão embuchada de grossos costaes de bacalhau sobrepostos em altas rumas ao fundo de casarões immensos.

O negocio a retalho consiste principalmente na venda de viveres e bebidas para uso dos marinheiros, dos calafates, dos carrejões, carroceiros e operarios das fabricas da extrema oriental da cidade.

No plano superior ao ámago do bairro de Alfama, onde reside a miseria, a fadistagem, o vadio e o proletario, fica empoleirado o bairro de S. Vicente, com o seu paço patriarchal, a sua igreja magestosa, os seus palacios e as suas memorias archeologicas, algumas hoje puramente nominaes, como os antigos conventos e as Escolas Geraes cu universidade primitiva.

O bairro de S. Vicente, já o disse algures, é por tradição politica aquelle onde residem muitas familias illustres, cujos representantes actuaes mantéem ainda um respeito inabalavel e uma enternecida saudade pelo antigo regimen da monarchia absoluta.

Essa velha nobreza realista, que tambem occupa em parte o bairro da Graça, vive independentemente e repousada, sem quebra de sua fé politica e de seus habitos elegantes de *vieille roche*.

Não frequenta, por intransigencia de caracter e de convicção, a côrte constitucional; apenas vae ás salas dos seus correligionarios, onde a fraternidade de convivencia suppre a falta de festas e recepções brilhantes.

Uma atmosphera de luto e saudade, não pela morte de um parente, mas de um regimen, envolve melancolicamente toda a existencia d'essa leal colonia de realistas, e tanto o interior como o exterior das suas casas.

De vez em quando algum pallido raio de sol, que vem de longe, banha de uma luz suave como a do crepusculo vespertino a alma das familias que choram ainda sobre as ruinas do passado.

E' alguma carta do successor do principe que morreu exilado em Bronnbach e que, durante alguns annos, reinou em Portugal; ou de Sóror Adelaide Sophia, irmã do principe Carlos de Lœwenstein Wertheim Rosenberg, a doce companheira d'aquelle desventuroso principe, a freira piedosa que procurou na religião o lenitivo christão para a recordação das amarguras que soffreu e viu soffrer.

Depois de ter acompanhado dedicadamente o seu marido, depois de ter educado

esmeradamente os seus filhos, essa desambiciosa princeza bávara procurou n'um convento a quietação e humildade em Deus.

De tempos a tempos, como quem honradamente amortisa uma divida de gratidão, ella apenas se lembra do mundo para enviar uma palavra de affecto ás familias dos antigos servidores de seu marido.

E assim, n'um palco que abrange dois paizes, separados por centenas de leguas, vão perpassando, através do tempo, as scenas commoventes de um longo drama politico, sem que as personagens de um e outro paiz sintam fadiga ou desalento, mas, pelo contrario, dando ao mundo o exemplo de uma heroica lealdade, aliás muitas vezes repetido em corações portuguezes.

D'essas familias realistas, que principalmente habitam o bairro de S. Vicente, pode dizer-se que são duas vezes a melhor gemma da *vieille roche:* pela nobreza do nascimento e pela sua inquebrantavel fé monarchica, tão firme como os rochedos que o mar açoita.

Padres que vão ao Paço do Patriarcha, seminaristas do Pequeno Seminario, [1], officiaes do exercito que frequentam o Tribunal Militar, antiquarios que revolvem a *feira da ladra* oriental, familias da nobreza realista e creanças que levam offerendas á imagem de S. Vicente, constituem o principal movimento d'este bairro pacato e tranquillo.

337—Estatua de Sá da Bandeira

Uma locução proverbial dos alfacinhas — *obras de Santa Eugracia* — liga-se ao bairro de S. Vicente pela construcção incompleta do templo que no seculo XVII se pretendeu erigir em desaggravo de um crime sacrilego, pelo qual foi injustamente condemnado certo individuo de appellido Solis.

O bairro da Graça, contiguo ao de S. Vicente, e como elle situado no alto, é, já o fiz notar, um desdobramento aristocratico de familias realistas, postoque muito mais concorrido e animado que o seu vizinho.

Lisboa em peso sobe ao bairro da Graça, principalmente em todas as sextas feiras do anno, por devoção com a imagem do Senhor dos Passos, que é a mais querida e venerada pelos lisboetas.

N'esta cidade populosa, onde os ricos são poucos e os torturados da vida muitos, a fé religiosa é uma tabua de salvação, um esteio e recurso absolutamente indispensavel e mitigantemente consolador.

Mas o lisboeta circumscreve a fé religiosa á imagem do Senhor dos Passos e, em segundo logar, a Santo Antonio. Leva ordinariamente a sua frivolidade mundana para as igrejas; excepto para a da Graça. Vai á procissão da Saude para vêr os militares na rua e as mulheres nas janellas; mas assiste recolhido e contricto á passagem do Senhor dos Passos, da Graça para S. Roque e de S. Roque para a Graça.

[1] O grande seminario do patriarchado está em Santarem. Vide *Santarem* no 1.º vol.

Este fervoroso culto dos lisboetas tem mais de trezentos annos e creou profundas raizes em todas as classes sociaes.

Na irmandade predomina o elemento aristocratico, a familia real vai beijar o pé ao Senhor dos Passos na igreja de S. Roque, uma nova tunica é cada anno offerecida pela casa dos marquezes de Fronteira, á ablução da imagem com essencias aromaticas e á investidura solemne da tunica na igreja da Graça preside o Cardeal Patriarcha; mas o povo não abdicou nunca o direito de uma veneração tão intensa e hereditaria como a

338—Ruinas do Convento do Carmo

dos fidalgos, sustenta-a sem rivalidade, antes com inteira concordancia de crença e de fervor.

Diz-se que, no anno de 1585, um obscuro pintor, de nome Luiz Alvares de Andrade, a quem certo esculptor italiano vendera uma cabeça de Christo, se lembrou de offerecel-a aos jesuitas de S. Roque para que na sua igreja deixassem fundar a irmandade dos Passos, que já existia em Hespanha.

Os Padres da Companhia recusaram, mas os gracianos acceitaram a offerta e consentiram que no respectivo templo se fundasse a irmandade.

O culto foi desde logo bem recebido, não só porque era uma novidade em Portugal, mas ainda, talvez, por haver sido regeitado pela Companhia e acceito amoravel-

mente pelos religiosos de Santo Agostinho, o que chamava sobre elles a sympathia que sempre colloca a opinião publica do lado do mais fraco ou do mais transigente.

Medrando a devoção, cresceram com ella as esmolas e donativos, a ponto de se arrependerem da recusa os jesuitas.

D'aqui nasceu um pleito entre jesuitas e gracianos, porque uns allegavam a offerta e outros a posse.

Uma sentença salomonica poz termo á demanda, contentando ambos os litigantes — o que em geral não costuma succeder.

Decidiu-se que os gracianos mantivessem a posse, comtanto que na vigilia da se-

339—Real theatro de S. Carlos

gunda sexta feira da quaresma a imagem viesse a S. Roque; e que se na sexta feira não recolhesse á Graça, ficaria pertencendo definitivamente a S. Roque.

Eis aqui a razão por que n'esse dia, ainda que chova torrencialmente, se faz a procissão de retorno.

O povo nas ruas, as damas nas janellas, não deixam nunca de assistir á passagem da procissão, que com mais ou menos pressa, segundo o estado da atmosphera, atravessa a cidade no meio de um respeito e acatamento edificantemente imperturbaveis e sinceros.

Quando o préstito entra no bairro da Mouraria, as meretrizes da rua do Capellão acodem ao seu encontro e, avistando o andor do Senhor dos Passos, ajoelham, humilham-se e choram, tendo n'esse momento a nitida consciencia da miseria infamante em que vivem.

Habitualmente, ás sextas feiras, o ascensor da Graça e os carros electricos da linha

d'este bairro vão cheios de pessoas de todas as classes, que realisam a sua peregrinação semanal ao Senhor dos Passos.

Do terreiro do templo, voltado para oéste, a vista espraia-se por o vasto panorama da vertente occidental da cidade, do leito do Tejo, do pontal de Cacilhas e do relevo orographico de Almada.

E' um horizonte verdadeiramente encantador, que só pode achar rival no que se descobre do Castello de S. Jorge, proximo vizinho da igreja da Graça, e ainda do adro da capella do Monte ou da Penha de França.

O bairro do Castello, em geral com um caracter antigo, de origem militar, tem o que quer que seja de burgo alcandorado e aereo, d'onde se vê a cidade sem a ouvir.

Para todas as ruas da parochia de Santa Cruz dá serventia a porta principal do Castello, que precede a praça d'armas.

Este bairro mantém a sua remota physionomia marcial, não só porque ali está aquartellado o regimento de caçadores 2, mas ainda porque fica dentro da fortaleza a cadeia militar, e tambem porque é do Castello que o general S. Jorge, de lança em punho, sai com o seu pagem, os seus pretos e o seu esquadrão na quinta feira de *Corpus Christi*.

Ao sopé da Graça assenta o bairro da Mouraria e, mais para o norte, alonga-se o dos Anjos e altea-se o da Bemposta.

Ao sul do Castello demora o bairro da Sé.

Com estes quatro bairros teremos completado o nucleo da cidade oriental quando já ia adeantado o curso do seculo XIX.

A Mouraria, posto que algum tanto modernisada, é ainda hoje um bairro infamado por marafonas, rufiões e cafés de lépes. Estão comprehendidos n'elle esses immundos prostibulos do bêco da Amendoeira e da rua do Capellão, outr'ora propriamente denominada Suja. Predomina nas suas bitêsgas o caracter mourisco, subsistindo o vestigio de passagens abobadadas, como no arco do Marquez de Alegrete.

E' aqui que ordinariamente se travam as maiores pugnas entre fadistas, marinheiros e soldados de linha com a policia civil e a guarda-municipal.

E' aqui, como no Bairro Alto e Alfama, que se fala o calão alfacinha, de que o sr. Alberto Bessa coordenou pacientemente o vocabulario.

Não obstante, em plena Mouraria, depara-se-nos um culto elegante, o da Senhora da Saude, cuja capella a familia real visita no dia da procissão respectiva; e uma das primeiras ourivesarias de Lisboa—a do Oliveira, á Guia.

O bairro dos Anjos é servido pela grande arteria da rua da Palma, que a liga com o centro da cidade.

Bairro de muito transito, de muito commercio e rumor, elle comprehende dois hospitaes, de S. José e do Desterro, o theatro do Principe Real, o Real Colyseu, quasi sempre fechado, fabricas, fornos, officinas, lojas de ourives, de confeiteiro, de estofador, tabacarias, tendas, e tabernas.

Pertence ao numero dos bairros que não tem outro caracter senão o da mescla das profissões creadas ou, quando menos, desenvolvidas pela actividade moderna.

Dois factos o renovaram recentemente: a abertura da Avenida D. Amelia e a construcção da nova igreja parochial, pois que a antiga foi sacrificada ao alinhamento d'aquella avenida [1].

A architectura do templo é simples e elegante.

[1] Ha pouco tempo surgiu a ideia de construir um *Theatro Moderno* no terreno situado entre a Avenida D. Amelia, a rua da Senhora do Resgate e o Regueirão dos Anjos.

Aproveitaram-se n'elle a obra de talha e outras guarnições que eram dos altares da igreja demolida.

O bairro da Bemposta communica com o dos Anjos e lembra o que quer que seja de Buenos Ayres do oriente.

E' tranquillo, afidalgado, saudavel.

Possue o amplo campo dos Martyres da Patria (antigamente Campo de Santa'Anna) com palacetes de aspecto recolhido, o novo edificio da Escola Medica e o monumento de Sousa Martins.

Este campo é flanqueado sobre o occidente pela escarpa pittoresca do Pateo do Thorel, onde um grupo de *chalets* sorri na luz e no alto.

O asylo de Mendicidade e o hospital de Rilhafolles põem a nota triste da velhice e da loucura na ilharga septentrional do Campo dos Martyres da Patria.

Deu nome ao bairro o local do palacio onde residiu D. Catharina de Bragança, viuva do rei Carlos II de Inglaterra,—edificio este que mais tarde entrou na Casa do Infantado por doação de D. João V a seu irmão D. Francisco.

Hoje o antigo palacio real é Escola do Exercito.

O que ha de vida e movimento no bairro da Bemposta vem-lhe justamente da mocidade que frequenta a Escola Medica, a Escola do Exercito e o Instituto Agricola, bem como da vizinhança dos quarteis de infantaria e cavallaria da guarda-municipal.

O amor civil e o amor militar sacodem as azas travêssas sobre este bairro extenso, especialmente o amor militar, que pelos seus vivos e doirados exerce uma acção romanesca no coração das Julietas bairristas.

Os cadetes da Escola do Exercito são, na área da Bemposta, Romeus estonteantes, que algumas vezes se estonteam por sua parte a ponto de não esperarem pela conclusão do curso para perpetrar o hymeneu.

Quando isto acontece, chega a gente a ter pena do joven marido que passea na Avenida com a espada pendente da cinta, a mulher pendurada do braço e o fardo do casamento ás costas.

E' a verdadeira asphyxia da mocidade... no exercito.

Os dois quarteis da municipal fazem as delicias cupidineas de *sopeiras* aluadas.

O bairro da Bemposta continua-se ao norte com o Estephania, que fica, como os outros novos bairros, esperando menção especial.

Para léste havia ainda um supplemento de povoação em Arroyos, e para noroéste outro supplemento em S. Sebastião da Pedreira, mas tanto um como outro eram pequenos bairros suburbanos, que entestavam com as portas da cidade.

A Lisboa oriental limita se, pelo sul, com o bairro da Sé.

E' n'elle que se acham localisados a Patriarchal, d'onde vem o seu nome, a Real Casa de Santo Antonio, a igreja da Magdalena, o Limoeiro, o Aljube, o Banco Hypothecario, os palacios do marquez de Penafiel e do visconde de Benagazil.

A linha electrica da Graça aviventa hoje do Limoeiro para cima o bairro da Sé, porque desde a Magdalena para os arruamentos da Baixa teve sempre este bairro a vida que resulta do trafego commercial.

A industria hodierna apossou-se de algumas ruas outr'ora solitarias, como por exemplo a do Barão, onde a firma João Luiz de Sousa e Filho edificou grandes predios e estabeleceu os escriptorios da sua importante fabrica de moagens.

Outras ruas, porém, e a das Pedras Negras é uma d'estas, dormem na pacificação antiga ou, como a da Padaria, conservam o typo archaico.

Dados apenas alguns passos estamos na Baixa, que se estende pelo valle central desde o Terreiro do Paço até á Avenida da Liberdade.

Aqui pulsa o coração de Lisboa, aqui conflue o movimento burocratico, o movi-

mento commercial, o movimento mundano, como outros tantos rios caudalosos que embasbacam de admiração o provinciano e envaidecem o lisboeta.

O Terreiro do Paço, com as suas secretarias de Estado, das quaes a Arcada bisbilhoteira e intriguista é uma escorralha infecta, desgoverna todos os dias o paiz por meio de decretos, portarias e regulamentos que os conselheiros minutam e os amanuenses copiam.

E' n'esta machina ruidosa, sempre em movimento, que se fabricam nomeações, demissões, perseguições e eleições.

Das grandes arterias da Baixa que desembocam no Terreiro do Paço, a que constitue o *trottoir* mais calcado tem sido, desde a reconstrucção pombalina, a rua do Ouro.

A alta finança frequenta a rua dos Capellistas, transversal á do Ouro; mas a mundanidade ociosa pisa de preferencia as lages d'esta rua e do passeio occidental do Rocio.

340—Estatua do duque da Terceira

Tão preconisada rua, com todo o seu caracter mundano—a qual o sr. Alfredo de Mesquita photographou litterariamente n'um romance *A rua do Ouro*, á similhança do que fez no Rio de Janeiro o dr. J. M. de Macedo escrevendo as *Memorias da rua do Ouvidor* — tão preconisada rua, vinha eu dizendo, exhibe sempre os mesmos transeuntes e os mesmos *mirones*: não variam nunca os bigodes e os monóculos dos janotas de plantão, que ali fazem por costume o seu «pé de alferes».

Muito scismava com essa exótica exposição de homens arrimados ás paredes da rua do Ouro uma espirituosa *institutrice*, que tinha chegado recentemente de Pariz.

—O que fazem estes senhores? perguntava ella.

—Nada mais do que isto.

E mademoiselle, sorrindo, e não querendo aventurar uma phrase duramente incisiva, limitava-se a dizer:

—*C'est drôle!*

Quanto ao sexo feminino, já na rua do Ouro é conhecido o horario de todas as damas que a frequentam.

—Fulana passa ás quatro horas.

—A familia de Sicrano é certa ás quatro e meia.

Em conclusão: sempre a mesma gente, as mesmas caras, as mesmas pessoas de um e outro sexo, porque falta a Lisboa a população fluctuante de forasteiros que avoluma o transito e varia o aspecto das outras capitaes da Europa, especialmente Pariz.

Mas quando em Lisboa se realisam festejos pomposos e se accendem luminarias, como aconteceu por occasião da visita do rei de Inglaterra, do rei de Hespanha, de Guilherme II, e do presidente Loubet, um reforço de população emanado dos suburbios e das provincias anima, movimenta, vitalisa as ruas da capital.

Lisboa parece então outra, porque tem n'esses dias o que habitualmente lhe faz falta: gente e luz.

Sentimos um certo prazer em vêr caras desconhecidas, as *toilettes demodées* quebram alegremente a uniformidade do ultimo figurino, chapeletas anachronicas berram como araras sobre a cabeça das provincianas, uma sobrecasaca antiga ri por entre as rugas com que saiu da mala, familias inteiras com os filhos, as sogras e as criadas con-

341 — Um trecho do claustro dos Jeronymos

stituem grupos pittorescos, e os ranchos dos saloios, homens de mat'cões e carapuça, mulheres de saia côr de rosa, põem manchas vivas e clamantes no conjunto da multidão.

E' uma delicia para os olhos e para o espirito, porque a variedade dele ta.

Os empregados publicos e os politicos são absorvidos então pela turba dos forasteiros, tamanha ella é, pois que tantos elles são.

Os *mirones* da rua do Ouro não resistem aos primeiros encontrões, fogem, desapparecem, e só retomam o seu poiso depois das festas, barafustando despeitados: «Felizmente que já estamos livres da maçada!»

A Avenida, n'essas occasiões, tem o ar de um arraial cheio de côr e de ruido: vive, e é d'isso que ella precisa para ser um *boulevard*.

Habitualmente, durante a semana, chega a fazer pena que um tão magestoso recinto seja apenas logradouro de meia duzia de pessoas nos bancos, e de centenas de pardaes nas arvores.

E então, talvez por se sentirem muito á vontade, é que os pardaes tomam liberdades excrementicias, em revolta contra as *Posturas* municipaes e o *Codigo de civilidade* de João Felix Pereira.

Ao domingo, no regresso das touradas, a Avenida enche-se de alto a baixo, passam carruagens modestas, que sobem e descem muitas vezes, o que faz parecer que sejam mais numerosas—pelo systema dos comparsas no theatro, que saem por uma porta e entram por outra.

Ha effectivamente qualquer coisa de theatral n'isso—mas é bem melhor do que a solidão dos outros dias, em que uma pobre pessoa que por ali passe tem de soffrer os olhares de todas as outras pessoas que estão anciosas por um «lá vem um»,—uma victima expiatoria.

A Baixa agrupa na sua área, de parceria com o Chiado, os primeiros *hoteis* e as primeiras confeitarias, bem como possue os mais concorridos botequins da capital e o *Louvre* de Lisboa—os Armazens Grandella.

A lisboeta, sempre gulosa—de bôlos, de vestidos, de joias, de theatros e de namoros—delira por entrar no *Rendez-vous des gourmets*, na *Patisserie Violette* ou na *Patisserie Suisse*, na *Maison Parisienne*, ou no *Bijou da Avenida*.

A lisboeta morre por comer bôlos e come-os com sofreguidão, o seu *lunch* no confeiteiro parece não ter confiança no jantar de familia; mas quer que o grande publico saiba que ella teve dinheiro para devorar gulosinas de bom tom.

Por isso só as velhas vão *lanchar* pasteis do Cócó á burgueza confeitaria Rosa Araujo na rua de S. Nicolau.

Tambem, de parceria com o Chiado, a Baixa monopolisa os theatros—D. Maria, rua dos Condes, Avenida e Colyseu dos Recreios.

Os hoteis da cidade central ou são frequentados por provincianos, como o *Francfort* e o *Francfort Hotel*, ou por alguns dos poucos estrangeiros de distincção que poisam em Lisboa, como o *Grande Internacional* e o de *Inglaterra*.

As hospedarias, antigas estalagens, n'uma graduação inferior aos *hoteis*, abundam como tortulhos n'um lameiro... de quartos e camas.

Ultimamente, tem-se adoptado a *pension*, que nem é o *hotel* ruidoso nem a hospedaria classica, sendo a mais conhecida de provincianos abastados e commodistas a que está installada no predio de esquina para a calçada e rua da Gloria.

A cidade occidental podia dividir-se em bairros do sul e do norte.

Os do sul eram Chiado, Santa Catharina, S. Paulo, Aterro, Santos e Alcantara.

O Chiado, ha trinta annos, como ainda hoje, presumia-se o Regent Street de Lisboa, salvas as proporções.

Julio Cesar Machado, descrevendo o Chiado de Londres, dizia: «E' uma rua larguissima, toda adornada de lojas magnificas de um lado e outro, lojas de ourives, armazens de fazenda, casas de modas, etc. Os *dandys* que não fazem nada e que não teem nada que fazer, por ali passam o seu dia, conversando, gyrando, flanando.»

Reduzam a 50 % e terão o Regent Street de Lisboa.

O Chiado nem é uma rua larguissima, nem uma rua plana; e tambem não é das mais alegres: a mais afamada e elegante, sim.

Tem por si a tradição da *haute gomme*, que aliás não provém de uma origem nobre da rua. Mas aristocratisou-se, e é o que importa. Todo o lisboeta que dér nas vistas do

Chiado recebeu a consagração publica. Está *lançado* e conhecido. Toda a *cocotte* que se quer annunciar, sobe o Chiado ou desce o Chiado e fica sendo uma hetaíra em voga. Todo o litterato tem escripto mil vezes a palavra Chiado no romance, no folhetim, na comedia, na scena-comica, e algumas vezes até na capa dos livros, como fizeram Julio Cesar Machado [1] e *Beldemonio* [2].

A Avenida tenta disputar a primasia do Chiado, sobretudo no carnaval, mas o Chiado continua a ser o mais ardente fóco das folias carnavalescas dos marialvas.

Depois que um *ukase* do governo civil *civilisou* o carnaval de Lisboa, o Chiado reage, embora seja multado, e insiste no tiroteio de projecteis contundentes.

Quem governa no Chiado, a despeito da policia civil, das multas e das prisões, é o *marialva*. Ora o marialva representa por si mesmo uma tradição, e portanto não se deixa esbulhar de todas as tradições que o completam e caracterisam. Fazem parte d'elle, como elle faz parte d'ellas.

Entende que lavar o carnaval é estragal-o.

E até certo ponto tem razão.

O antigo carnaval lisbonense, bruto e feroz, distinguiu-se pela selvageria.

O carnaval *civilisado* fica muito inferior, por ser mais pobre, ao do Porto em 1857, sobretudo ao carnaval portuense dos *Fenianos* na actualidade.

No Chiado ha lojas e *montres* brilhantes, mas não são um exclusivo seu, porque a *Baixa* tambem, em geral, modernisou os estabelecimentos commerciaes.

Mas uma loja do Chiado será sempre o ideal da lisboeta *coquette*.

Uma coisa é entrar a compras no *Pariz em Lisboa*, outra coisa é comprar, como toda a gente, nos armazens Grandella.

342—Monumento aos Restauradores

E, comtudo, o Grandella, por esperteza commercial, já procurou aproximar do Chiado o seu *Louvre* burguez, porque edificou uma fachada sobre a rua nova do Carmo, a qual, como a rua nova do Almada, são affluentes do Chiado.

Mas a questão é outra: a mulher exigente julga subir em categoria sempre que não tenha de descer o Chiado para comprar uma *toilette*.

N'este bairro, tão concentrado e vivo, agglomeram-se quatro igrejas, umas ao pé das outras, e funccionam quatro instituições dynamicas do machinismo mundano de Lisboa, a saber: o Gremio Litterario e a Havaneza, onde se sabe tudo... o que aconteceu e o que não aconteceu; o theatro de S. Carlos e a missa da uma hora no Loreto.

Todo o lisboeta que se prese é arrastado pelas engrenagens d'estas quatro machinas impulsivas.

São contornos meridionaes do bairro do Chiado o largo solitario da Bibliotheca Nacional e o edificio do *Hotel Bragança*, onde de preferencia se hospedam as celebridades estrangeiras em *tournée* e os diplomatas portuguezes *en vacances*.

Ao norte ficam os theatros do Gymnasio e da Trindade, n'um desvio discreto de

---

[1] *Do Chiado a Veneza.*

[2] *Viagens no Chiado.*

theatros populares enxertados n'um bairro que, para ser o primeiro em tudo, nem sequer lhe falta a estatua do principe dos poetas portuguezes.

Sobre a calçada do Sacramento, perpendicular ao Chiado, erguem-se as monumentaes ruinas da igreja gothica fundada pelo Santo Condestavel. [1]

Ruellas tristonhas, como a da Oliveira e da Condeça, irradiam do largo do Carmo, como restos de um burgo velho que vivia do mosteiro.

N'este largo, que os alumnos do 1.º liceu agora perturbam, e onde d'antes os aguadeiros do chafariz estavam muito á vontade, nasceu Camillo Castello Branco, o mais portuguez e o menos lisboeta dos nossos escriptores modernos. [2]

343—Casa onde morreu Bocage

Propriamente dentro do Chiado houve outr'ora um botequim famoso: o *Marrare do Polimento*. [3]

Hoje, do mesmo lado da rua, ha a *Pastellaria Marques*, que serve á grande roda o *five ó clok tea*.

Fica uma coisa pela outra.

O bairro de Santa Catharina, contiguo ao Chiado e prolongando-se até á raiz da calçada do Combro, faz-se apenas notar pela sua tradição e actividade burguezas.

Tem um commercio variado, mas essencialmente popular.

Ainda no principio do seculo XIX o alto de Santa Catharina era um mirante tranquillo aberto sobre o Tejo e por isso mesmo frequentado por velhos caturras que palestravam ao sol.

Lá dissse Tolentino n'uma satyra:

> Iremos ouvir mil pêtes,
> Quando mais o sol se empina,
> Vendo acerrimos jarretas,
> Junto a Santa Catharina,
> Argumentando em gazetas.

Hoje, o Alto de Santa Catharina, com ter bons predios e um jardim, ainda não deixou de ser retiro convinhavel a jarrêtas eunuchisados e a colloquios de *guitas* dos Paulistas com *sopeiras* do Calhariz.

Ali a dois passos, na travessa de André Valente, morreu o mais talentoso bohemio que tem tido Lisboa — Bocage.

Descendo para a margem do Tejo entramos no bairro de S. Paulo, onde a feição predominante é ainda mais accentuadamente popular. Este bairro ficou celebre pelos seus antigos carvoeiros, aos quaes se não podia perguntar impunemente se *já tinha dado*

---

[1] Os restos mortaes de D. Nuno Alvares Pereira estiveram na capella mór da igreja do Carmo até ao dia 14 de março de 1836, em que foram trasladados para S. Vicente de Fora.

[2] *O romance do romancista*, pag. 10.

[3] *Marrare*, do nome do seu proprietario; *do polimento* lhe chamavam por antonomasia em virtude d'este botequim ter a armação de madeira polida, o que então era excepcional.

meio dia em S. Paulo. A caracterisação dos predios e das lojas continua a ser democratica, quasi plebea, e por vezes provinciana como no quarteirão dos algibebes na rua Nova do Carvalho. Algumas janellas com taboinhas inculcam lupanares baratos. E o martelo das officinas, o ruido das carroças, o *tantan* dos carros electricos, e em certas

344—Um trecho da Lisboa antiga

occasiões a algazarra dos rapazes do Instituto Industrial complicam dissonantemente a vida n'este bairro.

O do Aterro, já o disse, tem o aspecto de um vasto caes, a chamada *ribeira nova*, onde a industria da navegação e a industria fabril se dão as mãos para exercer o trabalho lucrativo. Ha n'este bairro quarteirões de bons predios, alguns dos quaes eu vi edificar.

O barulho aqui é ainda maior, mas torna-se menos impertinente por ser mais desafogado o transito.

O silvo da locomotiva no ramal de Cascaes e as *sereas* dos vapores no Tejo e dos automoveis em terra cortam com sibilos agudos o ar, sem que, graças á amplidão da rua *Vinte e quatro de julho*, firam irritantemente o ouvido.

Todo o movimento vehicular de Alcantara e Belem róda pelo Aterro, onde no inverno o mau tempo do sul é violento, e o sol no estio cruamente marroquino.

Da galeria popular destacam-se n'este bairro marginal tres typos com evidente relevo: o catraeiro, a varina—e o carregador de sal ou carvão, em camisa e manaias.

Os catraeiros, homens fortes que n'outro tempo eram os unicos braços lusitanos capazes de acalmar a murro a bebedeira dos marujos inglezes, constituem ao anoitecer, no Caes do Sodré, sob as janellas da *Mutual Life*, um parlamento ordeiro no qual discutem discretamente os fretes e as viagens.

A varina tem perto o seu bairro, vive do mar e do rio, e por isso labuta no caes, como o carregador, mourejando a vida, ao sol e á chuva.

N'este bairro o Tejo é mais dominador, sem ser mais bello, do que ao oriente da cidade.

Lojas de apparelhos nauticos, tabernas de matalotes, mastros de paquetes e faluas, docas, armazens, e até, á noite, o ladrar dos cães de bordo nos dão uma impressão constante de agua navegavel. Como o bairro ou é ribeirinho ou declivoso, as janellas dos predios avistam o rio, sereno e azul na bonança, arripiado e plumbeo na invernia.

Vive-se aqui em pleno contacto com o grandioso portico maritimo da cidade, que todos os estrangeiros nos gabam, incluindo o desdenhoso Byron, a quem Lisboa «fluctuante e espelhada sobre o porto magnifico», pareceu *divinal* no primeiro momento.

A rectificação da margem direita do Tejo vem da iniciativa do governo de 1883, vem de Hintze Ribeiro, então ministro das obras publicas. Uma commissão estudou o plano geral das obras, e foi sobre o seu relatorio que ainda Hintze Ribeiro e Antonio Augusto de Aguiar apresentaram ao parlamento em 1884 uma proposta de lei auctorisando o governo a dispender até 15 mil contos com as obras do porto de Lisboa. Esta proposta não chegou a ser votada. Mas, no anno seguinte, a lei de 16 de julho auctorisou a construcção por empreitada geral das obras entre Santa Apolonia e Alcantara na importancia de 10:800 contos de reis.

Em 1886 abriu-se o concurso, em 1887 foi assignado o contrato com o empreiteiro Hersent, sendo ministro das obras publicas Emygdio Navarro, contra o qual se moveu a mais flagelladora campanha de diffamação nos tempos modernos.

As obras proseguiram até 1891 e em 1892 pararam por questões com o empreiteiro, vendo-se o governo obrigado a geril-as até 1894.

N'este anno, voltou Hersent a tomar conta da construcção, cujo preço fôra reduzido, dando-se partilha ao constructor na receita da exploração do porto por cinco annos.

Hoje, em virtude de uma lei de 1907, a empresa Hersent desappareceu e é o estado que administra a construcção e exploração.

Creio que teremos ainda por muito tempo umas novas obras de Santa Engracia.

O bairro de Santos, [1] contiguo ao do Aterro, comprehende o antigo bairro da Esperança, e sobe até ao da Lapa.

E' o *habitat* dos varinos, que enxameam, como abelhas em cortiço, na travessa das Izabeis, na rua do Machadinho, na rua de Vicente Borga, e outras cangostas asphyxiantes.

[1] Comprehender-se-ha esta denominação sabendo-se que ella se refere a tres irmãos, Verissimo, Maxima e Julia, naturaes de Lisboa, e martyres do christianismo, n'este logar sacrificados e sepultados. Erigiu-se em sua honra uma igreja e um convento de freiras, as quaes, no reinado de D. João II, foram transferidas a um novo mosteiro ao oriente da cidade, para onde levaram as reliquias dos tres santos. Assim, pois, ficou havendo *Santos-o-Velho* e *Santos-o-Novo*.

Pode dizer-se um trecho do districto de Aveiro intercallado na capital, porque a colonia varina conserva na emigração todo o seu caracter de raça e classe.

As descargas no Aterro e a venda do peixe pelas ruas constituem a occupação das mulheres; os homens trabalham na pesca e na venda de jornaes.

Esta numerosa colonia mantém aqui e em toda a parte os seus usos e costumes tradicionaes: conversa e espiolha-se no soalheiro dos degraus e soleiras das portas; vae aos chafarizes da Esperança e das Janellas Verdes com a bilha equilibrada horizontalmente sobre a cabeça; traz os filhos recemnascidos ensacados n'uma dobra do chaile ou da capa, que faz lembrar a bolsa dos marsupiaes; namora á porta das mercearias e das tabernas; casa com estardalhaço, ao som de repiques de sino, e sai da igreja sob um tiroteio de confeitos; chama carpideiras se tem morte em casa, etc.

345—Monumento a Eça de Queiroz

As mulheres são de uma precocidade, prolificação e envelhecimento notaveis. Gastam-se e extenuam-se em pouco tempo. D'ellas, algumas, muito poucas, são formosas; mas quasi todas elegantes, linearmente perfeitas. Ordinariamente soffrem ophthalmias chronicas, por effeito das poeiras e do sol; teem frieiras nas mãos, e cieiro nas pernas, que a saia curta destapa.

No bairro de Santos ha ainda algum vestigio da antiga Madragôa, em *dictérions* miseraveis, que os marujos e os soldados frequentam.

Completada assim a physionomia plebea do bairro, resta mencionar o que elle tem de limpamente citadino nos bons predios da calçada do Marquez de Abrantes, ruas direitas das Janellas Verdes e S. Francisco de Paula, onde avultam palacetes, jardins publicos e particulares, um hotel inglez —o *York House*, uma igreja protestante, [1] e um palacio que foi do Marquez de Pombal (hoje Museu Nacional de Bellas-Artes) [2] com o costumado chafariz em frente—pelo que o povo dizia que todos os palacios do grande ministro tinham *aguas furtadas*.

O bairro de Santos communica com o de Alcantara pela Calçada da Pampulha.

Alcantara vem do arabe e significa—*ponte*. Foi pois a ponte que deu nome ao bairro.

A meio d'ella erguia-se uma estatua de S. João Nepomuceno, que desde 1889 se acha depositada no museu archeologico do Carmo.

A cidade occidental tinha a sua barreira, com portas de ferro, em Alcantara. Então, o palacio real das Necessidades, o palacio real da Ajuda, e Belem ficavam no arrabalde; agora pertencem ao 4.º bairro administrativo da cidade.

Hoje, Alcantara é a parochia mais populosa de Lisboa: conta 22.775 habitantes. Seguem-se-lhe em população as de Santos-o-Velho e Anjos.

Toda a caracterisação actual do bairro de Alcantara provém da sua grande actividade industrial e commercial: fabricas, officinas, depositos e lojas de negocio.

---

[1] Serviu ao culto catholico, quando era dos capuchinhos francezes.

[2] N'este palacio morreu a imperatriz Amelia em 1873.

E' tambem o bairro dos marinheiros da armada, aqui aquartelados.

Tem ruas largas, como a do Livramento, e travessas e bêcos.

O largo de Alcantara offerece um curioso aspecto, cavado no valle da ribeira do seu nome, com ruas que sobem para a vertente oriental da ribeira; no alto, ao norte, o cemiterio dos Prazeres; na vertente occidental, longes de campo; e no largo o transito, o movimento, a agitação quotidianos de um bairro denso e activo.

Ha aqui, nas vizinhanças do palacio real, o fermento popular de ideias republicanas, como no bairro de Santos, onde tambem o operariado domina pelo numero.

A Junqueira, com os seus palacios e o vasto edificio da Cordoaria Nacional, Belem, com a sua Torre e o seu Templo dos Jeronymos, que são dois sorrisos de arte manuelina, o seu monumento de Affonso de Albuquerque e os seus quarteis da calçada da Ajuda, no topo da qual se alevanta o palacio habitado pela Rainha Pia, a Junqueira e Belem, dizia, constituem hoje o prolongamento occidental da cidade, muito mais ameno e alegre do que os bairros extremos da margem do Tejo ao oriente.

346—Tumulo de Alexandre Herculano

Todos os viajantes que visitam Lisboa, nacionaes ou estrangeiros, querem conhecer Belem por amor dos Jeronymos.

A este bairro está ligado estreitamente o nome do maior historiador moderno de Portugal.

Alexandre Herculano foi presidente da camara municipal de Belem, quando Belem era concelho autónomo; [1] Alexandre Herculano habitou um casarão do largo da Ajuda, onde escreveu pelo menos os primeiros dous volumes da *Historia de Portugal* e o *Monge de Cistér*; onde teve por hospede Garrett e por commensaes, nos seus famosos *sabbados litterarios*, os mais distinctos poetas e prosadores d'aquelle tempo; [2] Alexandre Herculano jaz, dentro dos Jeronymos, n'uma capella privativa em moimento de honra.

O actual imperador da Allemanha, quando, visitando a igreja de Belem, entrou n'essa capella mortuaria, examinou o tumulo, relanceou a vista pelas inscripções das paredes, que certamente não entendeu, e depois, poisando os olhos no crucifixo de marmore, que pende ao fundo, não os pôde arrancar d'ali sem dizer:

—Aquillo é que é realmente bello!

O *Kaiser*, n'uma rapida inspecção, tinha visto tudo e tinha visto bem.

Na Lisboa occidental os antigos bairros ao norte são: S. Roque, Bairro Alto, Alegria, Rato, Santa Izabel, S. Bento, Jesus, Estrella e Buenos Ayres.

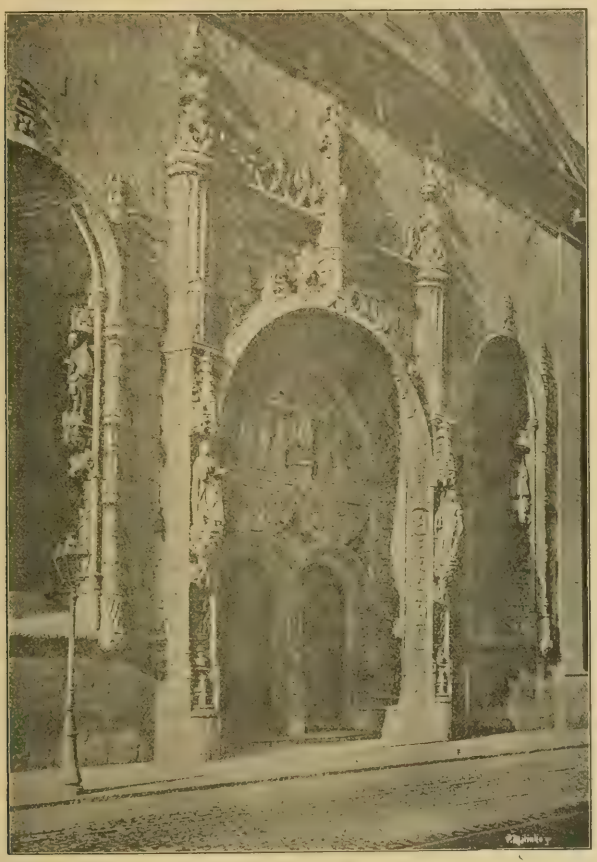
O de S. Roque, com a sua rua larga e a igreja ao fundo, com o seu passeio de S. Pedro de Alcantara e o elevador da Gloria, tem sido desde longa data um bairro das

[1] Vide VII vol. dos *Opusculos*, pags. 161 e 191

[2] Vide *Sob os cipreste*s por Bulhão Pato

mais cotadas mancebas mundanarias, como na velha Athenas o Ceramico, entre a porta do seu nome e a porta Dipila, era um bairro de hetaíras.

Talvez isto provenha de ter residido por aqui muita côrte — como diz o padre Balthazar Telles — depois que os jesuitas, para edificar a sua casa professa, arrazaram o extenso olival que vinha pela encosta abaixo até ao actual Loreto.



317—Fachada da igreja da Conceição Velha

Os fidalgos azevieiros queriam ter perto as suas Lais e Phrynés, para frequental-as... depois de cumpridas no templo da Companhia as devoções quotidianas.

Vive n'este bairro a hespanhola que exagera petulantemente as modas e tem cadeira de assignatura em S. Carlos.

Uma antiga empresaria de libertinagem iberica deixou na rua de S. Roque a tradição da sua colmea outr'ora frequentada por marialvas de Lisboa e morgados da provincia.

Morreu rica, e os jornaes deram noticia da sua morte, como fazem quando se trata do fallecimento de outros capitalistas não mais escrupulosos talvez.

O *restaurant* Tavares, com os seus gabinetes reservados, é uma consequencia industrial da colonia das hetaíras no bairro.

Comtudo a rua de S. Roque tem negocios mais limpos, lojas vistosas, predios de familias honestas, e a alameda de S. Pedro de Alcantara palacios de familias abastadas.

A' ilharga da igreja de S. Roque encontra-se localisada uma instituição que o lisboeta conhece muito bem: a Santa Casa da Misericordia. Conhece-a desde o tempo em que a *roda dos expostos* era um sorvedouro de creanças illegitimas. Conhece-a ainda pelos subsidios ás amas de leite, pelos dotes ás noivas pobres, pela protecção ás orphãs e aos velhos, pela sopa economica aos indigentes, e, mais que tudo, por outra *roda* que tambem é um sorvedouro, não de creanças, mas de illusões e economias.

Refiro-me á loteria portugueza, a que o lisboeta, na esperança de ter alguns dias menos atormentados de miseria, vai entregar os seus magros cobres para comprar uma *cautela*, que por sahir constantemente branca lhe torna ainda a vida mais negra.

O Bairro Alto, paredes meias com o de S. Roque, é em geral um bairro de pobreza e de vicio, povoado por *dicteriadas* de vermelhão na face e cigarro na bocca e por fadistas de carapuça ou chapeu á Mazantini, jaqueta, faxa e navalha de ponta e mola.

Ha cafés de lepes, casas de prego, boticas e tabernas em todas as ruas d'este bairro.

A' noite a illuminação é escassa e o gaz empallidece, com grandes intervallos de escuridão, n'um tom de lamparinas amarellas e baças.

De vez em quando trocam-se por ali facadas, como lembra uma cantiga:

> Eu venho do Bairro Alto
> Com vinte e cinco feridas,
> Por andar tangendo amores
> A' porta das raparigas. [1]

Salvas poucas excepções, as casas são pequenas e escuras, as escadas immundas, e as sacadas embandeiram-se miseravelmente com trapagens ao sol.

Nos cubiculos do Bairro Alto moram familias que vivem de comer carapaus fritos, figos de capa rôta, fava rica e castanhas cozidas.

A pobreza em Lisboa é essencialmente gatóphila, e o Bairro Alto o mais abundante de gatos, que tanto estão na janella ou no telhado como na rua onde lambem as pernas das varinas por cheirarem a peixe.

Em geral as casas d'este bairro não teem agua encanada: por isso ainda subsiste n'elle o typo errante do moderno açacal, o aguadeiro gallego, com o seu pregão *aú-aú* e o seu barril pintado, que mereceram a lady Jackson algumas palavras de sympathia e benevolencia.

As velhas e os entrévados do Bairro Alto tiram dez reis á bocca para comprar o *Diario de Noticias*, que é um antigo jornal bairrista, unico traço de união que os relaciona ainda com o mundo, e que lhes diz ao certo quantas facadas levou a moça da travessa da Boa Hora ou da travessa dos Fieis de Deus a quem na vespera ouviram gritar afflictivamente *ó da guarda*.

Outr'ora, quando os fidalgos olhavam menos á vizinhança do que á tradição da propriedade houve por estes sitios palacios, e assim o attesta ainda hoje o celebre *cunhal das bolas*, que era um angulo do jardim dos marquezes de Olhão.

O bairro da Alegria desce da Praça do Principe Real, ajardinada no gosto antigo e contornada por alguns palacios — entre elles a casa bysantina que foi de José Ribeiro da Cunha — para a Avenida da Liberdade por um zig-zag de rampas ou pelas escadas da Mãe d'Agua.

[1] *Apud* Julio de Castilho, *Lisboa antiga*, I.

E' bairro silencioso, quasi solitario, com bons e maus predios, a cujas janellas repicam em acção de graças os olhos das inquilinas quando podem convencer-se de que *lá vem um...* janota.

Outr'ora foi conhecido por bairro da Cotovia, e era infamado de rascôas e ladrões.

E' ainda hoje um retiro de *côtés* e mancebias clandestinas.

O bairro do Rato, com o seu edificio e jardim da Escola Polytechnica, a Imprensa Nacional, a igreja de S. Mamede, o palacio Palmella, o da familia Anjos e o dos Praias, que foi do marquez de Vianna, alterna o typo nobre com o typo plebeu, as grandes salas fechadas com as pequenas lojas abertas.

Os estudantes dominam n'uma parte do bairro e alarmam-n'a com as suas partidas carnavalescas todos os annos; a parte restante é dividida amigavelmente entre os fidalgos, os lojistas e as officialas de *ateliers* da Baixa.

Aqui, na repousada rua de S. Filippe Nery, organisou Innocencio Francisco da Silva benedictinamente o *Diccionario bibliographico* entre montões de livros e apontamentos, queimando charutos de dez reis e... os miolos.

Os nomes de *Fabrica da Louça* e *Fabrica das Sedas,* que subsistem na topographia do bairro, relacionam-n'o historicamente com a protecção dada pelo marquez de Pombal ás faianças da fabrica do Rato e á industria das sêdas, que já D. João V animára.

348—Estatua de Sousa Martins

Este bairro adoptou onomasticamente a alcunha de um fidalgo, Luiz Gomes de Sá e Menezes, que foi padroeiro do convento tambem chamado do Rato. A solidão era tamanha, que as freiras tinham-lhe medo. Ainda hoje, o prolongamento do bairro para as Amoreiras é um esconso de desconfiança e retraimento, onde o aqueducto das Aguas Livres, que ali vem despejar-se dentro do grande reservatorio, parece sacudir sinistramente sobre as flores de um jardim municipal recordações de bandidismo lendario.

O bairro do Rato alastra ao occidente para o de Santa Izabel e ao oriente communica com a Avenida da Liberdade por mais de uma arteria, havendo antigamente uma unica: era a tranquilla calçada do Salitre, onde Julio Cesar Machado viveu sem ambição e morreu tragicamente n'um predio de esquina entre aquella calçada e a rua que hoje tem o seu nome. [1]

Por oéste liga-se, pois, com o bairro de Santa Izabel, bairro a que se prendem recordações de mortos illustres e de mortos obscuros.

Na rua do Sol falleceu o 1.º visconde de Castilho e na rua de Santa Izabel expirou Garrett, defronte do Cemiterio dos Cyprestes, privativo dos inglezes, onde jaz um

[1] Antiga travessa do Moreira.

escriptor de muitos creditos no seu paiz: o notavel Fielding, auctor do *Tom Jones*.[1]

Dizia Garrett que os inglezes mortos eram sempre vizinhos inoffensivos.

Pinheiro Chagas residiu largos annos na rua de S. Joaquim, mas foi morrer na calçada do Salitre.

Pela rua Saraiva de Carvalho — um dos bairristas illustres — communica o bairro de Santa Izabel com o cemiterio dos Prazeres, necrópole vasta de portuguezes variamente sorteados pela gloria ou pela obscuridade.

Aquella rua é pouco menos transitada por mortos que por vivos.

Deve notar se a predilecção que os escriptores e estadistas teem tido sempre pelos bairros occidentaes da cidade.

349—Casa do Largo da Ajuda onde Alexandre Herculano residiu

Além d'aquelles homens de lettras, mencionarei Latino Coelho, Ramalho Ortigão, Urbano de Castro, Fernandes Costa, Theophilo Braga, conde de Sabugosa, Rangel de Lima, Sousa Viterbo, talvez ainda outros, e os proeminentes jornalistas Sampaio, Mariano e Navarro, como domiciliados que foram nas freguezias do occidente.

O mesmo se pode dizer dos estadistas Fontes, Hintze, Julio de Vilhena, José Luciano, João Franco, Antonio Candido, Jacinto Candido, Dias Ferreira, Bocage, Vargas, Lopo Vaz, Beirão, Augusto José da Cunha — e até o sr. Eduardo José Coelho: Maria vai com as mais.

O bairro de S. Bento é propriamente uma só rua, aliás tão comprida, que a sua população chegaria para encher uma cidade de provincia.

A maior parte dos predios, alguns d'elles grandes, são de tres e quatro andares; além d'isto, ha varios *páteos* na rua de S. Bento com agglomeração de moradores.

Foi n'um d'esses *páteos*, o do Gil — nome de um mestre carpinteiro, talvez seu proprietario — que em 1816 nasceu Alexandre Herculano, tendo por berço uma casa que já não existe.[2]

Na rua de S. Bento abundam os pequenos estabelecimentos commerciaes, de caracter popular: lojas de capella, mercearias, talhos, tabernas, logares de fructa, barbeiros, etc.

O movimento é constante, mas a extensão da rua espraia-o, de sorte que não incommóda nem tumultua.

N'um recanto fica o mercado, e no largo sobranceiro ao mercado o Palacio das Côrtes, ainda com a sua apparencia de convento, banal e singelo, porque apenas o portico e a varanda de pedra que o encima teem alguma nobreza architectonica.

Ainda hoje se conservam vestigios monasticos nas cellas de todo o edificio e nos bellos azulejos que servem de rodapé á escada da Camara dos Pares.

---

[1] Fielding morreu em Lisboa, a 1 de outubro de 1754, aonde chegou já doente. Fala de nós no *Jornal de uma viagem de Londres a Lisboa*. Camillo Castello Branco escreveu maviosas paginas a seu respeito nas *Noites de insomnia*, vol. 12. E Eduardo VII, quando esteve em Lisboa e visitou o cemiterio dos inglezes, honrou a memoria d'aquelle glorioso morto colhendo uma flor e lançando-lh'a sobre o tumulo.

[2] Veja-se sobre esta casa e este pateo a interessante informação de Rodrigues Cordeiro no *Almanach de Lembranças*, de 1879.

As ruinas da igreja foram apeadas quando se construiu a entrada da actual Camara dos Deputados.

Ao oriente d'este bairro demora o de Jesus, com o seu jardimsinho da Praça das

350 — Aspecto interior da igreja dos Jeronymos

Flores, o seu palacio — dos Alcaçovas —, a igreja parochial das Mercês e o edificio que foi convento de terceiros franciscanos e onde hoje estão plantados olympicamente os socios da Academia Real das Sciencias.

Aos franciscanos chamava o nosso povo — os *bòrras*; e o caso é que este epitheto ironico parece ter ficado jungido ao edificio para castigo dos inquilinos no passado e no presente.

Todo este bairro tem ainda muito da sua antiga solitude campestre no tempo em que era plantio ou matagal, como indicava o nome de uma rua, Cardaes de Jesus, hoje Eduardo Coelho, e como indica o nome da travessa da Horta.

O bemquisto publicista Eduardo Coelho não nasceu, apenas residiu, na rua dos Cardaes; era do norte, isto é, natural de Coimbra.

E, circumstancia curiosa, foi na casa pegada á sua que falleceu em 1811 o nosso melhor poeta satyrico: Nicolau Tolentino de Almeida.

Outros nomes de ruas dão ainda uma impressão de bucolismo longinquo, como travessa da Palmeira, rua do Jasmim, rua de Monte Olivete, rua da Quintinha; ou de antiga povoação humilde, como *Abarracamento de Peniche*.

Estou capacitado de que foi o exemplo do marquez de Pombal, quando depois do terremoto construiu na rua Formosa um dos seus palacios — não falta defronte o chafariz — que attrahiu moradores de categoria para estes sitios.

Mas o nome de — Formosa — dado á rua não proveio do palacio, que a aformoseava, nem de *snobismo* para com o marquez. E' mais antigo, vem de um tempo em que Lisboa se contentava com tão pouco, que até lhe parecia bello o que nós hoje achamos vulgar.

Brilhou aqui, na rua Formosa, um salão litterario, que foi o ultimo de Lisboa.

Era o de D. Maria Kruz, mulher de D. Pedro Brito do Rio e mãe da condessa de Ficalho (D. Josepha).

Bulhão Pato, n'uma satyra, lembrou a Eça de Queiroz que elle adquirira, n'esse salão, «fôro da côrte».

Esta rua Formosa liga-se pela do Arco-a-Jesus á de S. Marçal.

O arco é dependencia de um predio, como o do Bandeira no Rocio, e tem o caracter antiquado de todos os arcos dentro da cidade, excepto o de S. Sebastião da Pedreira, cuja construcção é recente, não falando no da rua Augusta, que já no nosso tempo foi concluido.

Alguns predios modernos constituem, na rua do Arco, um quarteirão tão socegado e hygienico, que para nada lhe faltar de bom até está afastado da Academia pelo leito da rua e superior á mesma Academia por uma especie de barreira prophylatica, sobre a qual florescem jardins.

N'este bairro o nome de algumas ruas revela ainda o costume do agrupamento por classes: tal é o da rua das Adellas.

Salões populares, bailes campestres fazem no verão ouvir o marulho sonoro das suas valsas sentimentaes n'um ou n'outro ponto do bairro.

O *baile dos pretos* esteve por muitos annos installado n'uma casa da rua de Nossa Senhora da Conceição.

Ali dançou a supposta *rainha do Congo*, no tempo em que os pretos elegiam carnavalescamente uma rainha, porque então ainda a monarchia era moda.

Os pretos em Lisboa são numerosos, o que até certo ponto nos pode envaidecer como paiz colonial, e matiza a população.

Mas já se vae perdendo a tradição graciosa dos pretos serem caiadores por officio.

D'antes todos os pretos de Lisboa eram pobres; hoje o *africanismo* florescente já nos manda pretos ricos.

Na primavera e no estio o bairro de Jesus tem um aspecto festivo de janellas floridas com roseiras, cravos, chagas, amores-perfeitos, talvez com mais ingenuo bucolismo do que qualquer outro bairro.

Os canarios e os pintasilgos gorgeiam em gaiolas modestas.

E os grilos, comprados no mercado de S. Bento, cantam, na frescura da folhinha de alface, o hymno resignado do seu captiveiro na gaiola.

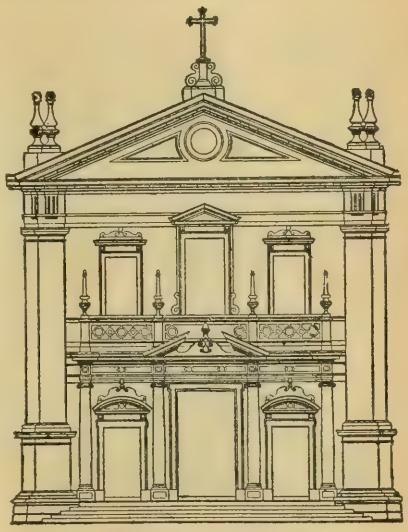
Em Lisboa, a falta de quintaes, tão vulgares no Porto e nas outras cidades de provincia, é supprida pelos canteiros da janella.

Só familias privilegiadas, como os condes das Alcaçovas e o conselheiro Bocage n'este bairro, possuem jardins ou quintas.

O povo, filho das hervas e neto do humus, tem sêde e fome de terra.

Ora a unica terra que em Lisboa lhe não disputam é a da rua, a dos vasos ou caixotes da sacada, e a da valla commum.

Ao occidente da rua de S. Bento, e n'um plano superior, fica o bairro da Estrella, celebre pela sua basilica com zimborio e pelo seu Passeio, ao qual já em 1855, apesar de ainda existir então o Passeio Publico do Rocio, Francisco Maria Bordallo, na sua *Viagem á roda de Lisboa*, chamava «o mais formoso» jardim da cidade.



351—Fachada da nova igreja dos Anjos

Aqui, na rampa lateral á igreja era o tugurio modesto de João de Deus, onde o rei entrou para lhe reverenciar o cadaver; ali, na calçada da Estrella, longa, empinada, estrepitante, morou por muito tempo, e veio a fallecer, n'um predio quasi fronteiro ao Hospital Militar, um antigo homem de lettras, o dr. Cunha Bellem, medico do exercito; mais para o alto superior á calçada da Estrella fica o decantado *Paço dos Navegantes*, [1] a Mecca partidaria dos crentes progressistas.

Carroças de carga sobem ou descem e o elevador esfalfado passa tossindo gosmento.

Este bairro participa já do caracter de retiro elegante e commodo que mais se affirma no de Buenos Ayres.

Moram por aqui familias inglezas, altos burocratas e negociantes abastados. Sem embargo, tambem se condensa pelas ruas e travessas da Estrella uma população anonyma, que se exhibe no Passeio em dias santos e noites de kermesse: reformados do exercito e da armada ou do funccionalismo, taes como serventes e correios, meninas em cabello que andarilham ao som da musica e empregados do commercio que as namoram.

A camara municipal tem ido substituindo os nomes que manchavam a antiga topographia do bairro: assim a travessa dos Ladrões é hoje rua nova da Estrella.

Chegamos, finalmente, ao muito empertigado, saudavel e quieto bairro de Buenos Ayres ou da Lapa, onde ha palacios com brazões e jardins, *chalets* de varias cores, mirantes sobre os muros, e ruas tão solitarias, que havia de crescer n'ellas a erva, se a municipalidade não a mandasse raspar.

---

[1] Habitação do sr. José Luciano de Castro.

Vive-se, por aqui, em geral uma vida de confortos e regalos e de mundanidade muito senhora do seu nobre nariz.

Comtudo faltam os millionarios, como em toda a cidade.

As familias de Buenos-Ayres (o meu antigo amigo Candido de Figueiredo não pode ver Buenos-Ayres escripto com i grego, porque na lingua hespanhola o não tem e a denominação veio de lá; mas eu vou no ramerrão da tradição orthographica) essas familias ficam se pelo palacete ou pelo *chalet*, pela carruagem e pelo camarote em S. Carlos, o que já não é mau; mas não dão festas como outr'ora deram, em outros bairros, o Penafiel e o Vianna.

No verão fazem a temporada de Cascaes e jogam o *lawn-tennis*, com o rei no *Sporting Club*. No inverno de Lisboa apenas abrem as salas para o *five ó clock tea*.

352—Estatua de José Estevam

Todo este bairro despacha á hora do sol dezenas de *bonnes* e *institutrices* para o Passeio da Estrella ou para as ruas da Baixa.

Finalmente, Buenos Ayres é o baluarte da grande-roda constitucional como S. Vicente, na outra extrema da cidade, o é da aristocracia realista.

E acabamos aqui a resenha da Lisboa antiga; vamos agora aos bairros novos.

Estes bairros teem o cunho da expressão moderna tanto nos arruamentos como nos predios

Arruamentos largos e sadios. Predios de bonita apparencia e todas as conveniencias de interior: claridade, ventilação, encanamento de gaz e agua, casa de banho, porta-voz para a escada, quartos separados para a criadagem, e cubiculo para o guarda-portão.

Alguns dos predios, poucos, foram construidos com a pretensão de resuscitar o typo de uma supposta *casa portugueza*. Ora não ha propriamente entre nós um typo nacional de habitação, como já concluiu, e muito bem, o sr. Rocha Peixoto.[1] Typos regionaes, sim; typos segundo as provincias e os climas. Isso é cousa differente.

Os bairros novos de Lisboa ou foram rasgados pela camara municipal ou por particulares.

Os da camara são — Calvario, Campo de Ourique, Casal do Rolão, Castilho, Entre-Muros, Estephania e Picôas.

D'estes, os dois que ao occidente e oriente ladeam a Avenida da Liberdade — Castilho e Picôas — podem considerar-se os melhores; depois, por sua ordem, Estephania e Campo de Ourique.

Os bairros de iniciativa particular agrupamol-os na seguinte relação:

Pateo do Thorel, superficie 880 metros quadrados.

Barbadinhos, bairro operario, superficie dos arruamentos 6.329 metros quadrados.

[1] Nos n.os 188, 190 e 191 do *Primeiro de Janeiro* em 1924.

Bairro do Alto do Pina, superficie 4.324 metros quadrados.

Bairro do Poço do Bispo, pertencente aos herdeiros de Ventura Luiz de Macedo; superficie 18.020 metros quadrados.

Ilha do Grillo, superficie 1.133 metros quadrados.

Bairro Castellinhos, superficie 6.585 metros quadrados.

Villa Amancio, superficie 5.200 metros quadrados.

Bairro Andrade, superficie 14.336 metros quadrados.

Cascalheira (Alto do Carvalhão), superficie 3.242 metros quadrados.

Camões, superficie 51.255 metros quadrados.

Alto do Varejão, superficie 996 metros quadrados.

Bairro Linhares, superficie 9.150 metros quadrados.

353 — Igreja de Santo Antonio da Sé

Villa Affonso, superficie 660 metros quadrados.

Bairro Hygino de Mendonça, superficie 3.800 metros quadrados.

Bairro Tavares (rua do Assucar), superficie 6.120 metros quadrados.

Villa Zenha (Xabregas), superficie 3.495 metros quadrados.

Mouraria, superficie 997 metros quadrados.

Marquez de Castello Melhor, superficie 222 metros quadrados.

Bairro Almeida Brandão, superficie 5.754 metros quadrados.

Bairro da Memoria entre a Ajuda e Belem, superficie 3.370 metros quadrados.

Bairro Surrada (Bemfica), superficie 3.847 metros quadrados.

Bairro Heredia (estrada de Bemfica), superficie 2.640 metros quadrados.

Avenida Gomes Pereira (estrada de Bemfica), superficie 10.912 metros quadrados.

Villa Maia (Campo d'Ourique, rua Domingos de Sequeira), superficie 1.225 metros quadrados.

Bairro de Campolide, superficie 8.550 metros quadrados.

Ha tambem algumas ruas de iniciativa particular.

A planta do Bairro Europa, ao occidente do Campo Grande, ainda não foi approvada superiormente.

Todos os bairros novos, em que o capital *brazileiro* ou *africanista* predomina, a

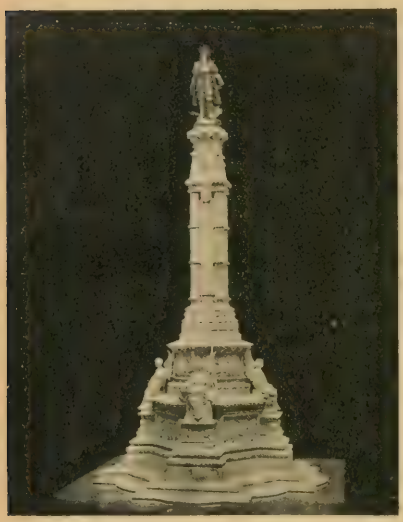
tracção electrica, em que prepondera o capital inglez, os ascensores mecanicos e as docas do porto, constituem os mais relevantes melhoramentos materiaes de Lisboa.

A tracção electrica em Lisboa é um facto recente, cujas origens legaes se devem ir procurar ao decreto de 20 de outubro de 1898, que sanccionou o contrato de 16 de agosto do mesmo anno.

Foi referendado pelo conselheiro José Luciano de Castro.

O systema adoptado é o da electricidade aerea da sociedade Thomson-Houston.

A cidade, desde que foi estabelecida a tracção electrica, ficou desfeada no aspecto das suas ruas pela suspensão dos fios vivos conjuntamente com a rede dos serviços telegraphicos e telephonicos, e pelo arvoramento dos respectivos postes, que se distanciam uns dos outros cêrca de 30 a 40 metros.



354—Monumento a Affonso d'Albuquerque

Mas, em compensação, o movimento constante dos carros e a rapidez e facilidade que elles proporcionam, graças a uma tabella de preços compativeis com os escassos recursos da população, deram a Lisboa alguma animação e brilho, de que a cidade, tão bella e tão vasta, mas tão morta e pallida, muito carecia.

Pode dizer-se, sem exagero, que foi este o progresso de mais geral vantagem que, nos ultimos annos, tem beneficiado a capital do paiz e os suburbios.

O lisboeta mudou com delicia do regimen dos «carros americanos» para o dos «carros electricos», velozes, asseados e baratos.

E as ruas, ainda tão mal illuminadas á noite, receberam luz e vida da passagem d'essas plateas ambulantes, claras, limpas e alegres, que deslisam rapidamente como um salão que se desloca no espaço e devora o tempo.

Ficaram assim supprimidas as grandes distancias de bairro a bairro, bem como o acclive de algumas das calçadas que accidentam a cidade e estavam ainda privadas do beneficio dos ascensores, taes eram a rua do Alecrim, a de S. Roque e a de S. Pedro de Alcantara.

O lisboeta acceitou com prazer e confiança a tracção electrica, sem temer os perigos da electrocução e da electrolyse. a que se referiu, na camara alta, em sessão de 24 de maio de 1901, o par do reino Mendonça Cortez.

Por ora, felizmente, os desastres causados pela tracção electrica não teem sido numerosos, o que contribue para que a concorrencia e o agrado do publico não esfriem.

A tracção electrica começou a ter execução nas ruas de Lisboa durante o estio de 1902, sendo ministro das obras publicas o engenheiro Vargas, n'um gabinete Hintze Ribeiro.

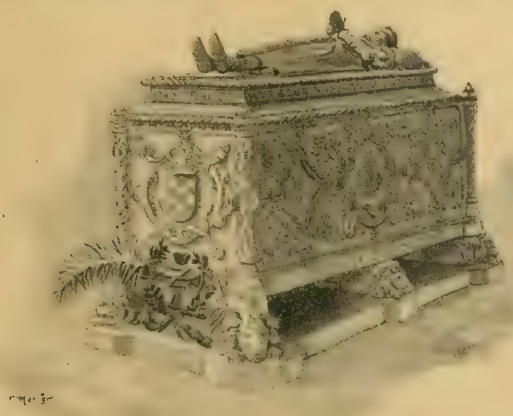
Ainda, comtudo, apparecem em circulação alguns chorriões de tracção animal, capoeiras rodadas onde o povo se comprime como sardinha em tigela.

São os chamados carros do *Chora*, que fazem carreiras a 10 réis por cada zona e que representam os antigos *omnibus* de babelica memoria.

Tendo passado revista ao aspecto geral da cidade e á caracterisação especial dos seus bairros, chegamos á conclusão de que Lisboa sería a mais formosa capital do mundo se tivesse mais luz, mais gente, mais hygiene, e, sobre tudo, mais dinheiro.

O seu grandioso porto, com que só podem rivalisar os de Napoles e Constantinopla, é o soberbo prologo de um livro que lhe fica muito inferior no texto.

Sem embargo, na bocca do alfacinha vulgar de Linneu, hoje, como na idade-media, *Quem não vê Lisboa, não vê coisa bóa.*



355 — Tumulo de Vasco da Gama, em Belem

Outrora, no tempo do Mestre de Aviz, as mulheres da rua cantavam acarretando materiaes para as barbacãs com que a cidade queria defender-se dos castelhanos:

Esta és Lisboa presada,
Mirad-la y dejad-la.

Esta voz será eterna no coração e na bocca dos lisboetas incultos.

Mas o alfacinha illustrado, o que subiu pelo valor intellectual a um plano superior ao dos seus conterraneos, reconhece todas as chagas e miserias de Lisboa e confessa-as com hombridade em voz alta.

Antonio Augusto d'Aguiar, professor notavel e estadista distincto, disse perante um numeroso auditorio na capital:

«Lisboa! a rainha do Tejo, tantas vezes cantada pelos poetas e prosadores. A primeira cidade do universo por suas bellezas naturaes.

«Sim. Uma cidade, que vive descuidosa e alegre sobre as fezes apodrecidas de seus moradores; uma cidade, em que o numero dos obitos é apenas superior ao dos nascimentos, podendo calcular, desde já, com escrupulosa exacção mathematica, o dia em que ha de morrer o ultimo dos seus habitantes; uma cidade, que respira o pó das calçadas e os effluvios dos canos, que compra, annualmente, ao estrangeiro o pão nosso de cada dia, para me servir da bella phrase da oração dominical; uma cidade, em que até as arvores são infelizes, e que está dando á morte melhor asylo que aos vivos!»

O trabalho duro, a alimentação e hygiene insufficientes, bem como a devassidão dos costumes, vehiculisam a população de Lisboa para a tuberculose. Em 1885 morreram

por 1.000 habitantes 65,1. Depois de 1898 a percentagem, graças á acção da assistencia, tem descido. Em 1900 foi de 38,8. As freguezias da cidade mais flagelladas pelo bacillo de Kock são as de Santo Estevam e S. Miguel (80 a 85 % no immundo bairro de Alfama). Na Baixa, onde não podem residir familias pobres pela elevação das rendas, a mortalidade é muito menor. Mas no Bairro Alto orça por 45 a 50 % em consequencia da densidade e pobreza da população.

Pelo que respeita a maior transformação material da cidade, quando chegarão os lisboetas menos esclarecidos e por isso mesmo mais fanaticos, quando chegarão elles, para maior satisfação da sua ufania patriotica, a vêr uma ponte sobre o Tejo, um viaducto entre a Graça e a vertente occidental, e quatro grandes focos de luz electrica accesos sobre o Castello, S. Pedro d'Alcantara, o alto de Santa Catharina e o zimborio da Estrella?

356—Monumento a Eduardo Coelho

Talvez quando el-rei D. José se desmontar do seu cavallo de bronze para mandar concluir as obras de Santa Engracia.

O lisboeta é, em globo, mais astuto do que intelligente, mais sabido do que sabedor.

Mas tem qualidades de apresentação, de conversação e de trato social, que o recommendam. Veste com simplicidade e elegancia, um pouco á parisiense, porque Lisboa quer ser tão franceza quanto o Porto quer ser inglez. Nas salas não se acobarda nem requinta, e na frivolidade mundana que se chama — cumprimentos — nenhum portuguez o excede.

D. Francisco Manuel de Mello, que conhecia bem a sua terra, notou com verdade esta prenda amavel dos lisboetas:

Um falar com tanto geito,
Um ditinho de repente
Que afeiçôa:
Um ter em tudo respeito,
Ai! mate-me Deus com a gente
De Lisboa.

Quanto á honra que se fazem uns aos outros na vida de relação, o caracter dos alfacinhas não tem soffrido quebra:

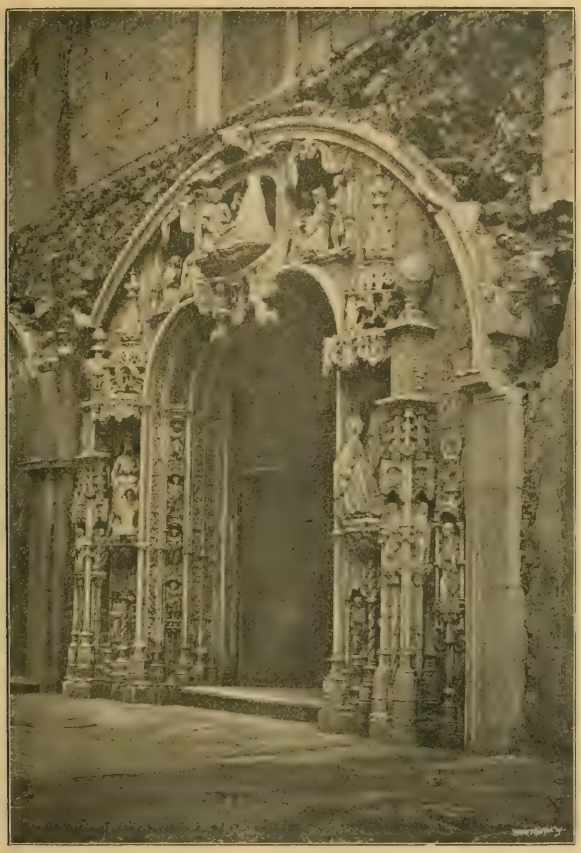
E de Lisboa se soa
Que todos lá são honrados
E de pessoa a pessoa
Se falam desbarretados.

A lisboeta veste ordinariamente com singeleza e distincção; não tanto como a parisiense, a quem Victor Hugo reconheceu na *toilette* uma graça volatil; mas conhece-se á legua em toda a parte.

Em geral é magra e gentil, tem o olhar quente, os cabellos pretos, o passo rythmado e a voz cantante.

Camões escreveu a seu respeito:

«Ora julgae, Senhor, o que sentirá um estomago costumado a resistir ás falsidades



357 — Porta principal do convento dos Jeronymos

de um rostinho de tauxia de uma dama lisbonense, que chia como pucarinho novo com agua, vendo-se agora entre esta carne de salé, que nenhum amor dá de si.»

Não é preciso mais para imaginar uma lisboeta quem nunca a viu nem ouviu.

A palavra tauxia (no arabe *atauxia* e no castelhano *ataugia)* quer dizer pintura. A lisboeta, quasi sempre pallida, começou a pintar-se ha alguns seculos, porque já Garcia de Rezende allude na *Miscellanea* ao uso dos cosmeticos.

Quanto á voz chiante das alfacinhas, é certamente esse um attractivo nas classes media e superior, mas repellente por exagerado nas classes baixas.

O gentio da capital, alem de musicar excessivamente as palavras, estropia-as na pronunciação; é elle que diz *cravão*, *auga*, *menza*, *Rociu*, abre demasiadamente as vogaes e substitue o *e* final por *i*: *hóspital*, *Bernárdim*, *noiti*, *trasti*.

No tocante ao gosto do lisboeta pela rua e á sua mordacidade nos *mentideros*, são vicios antigos, já observados por varios escriptores; seja um d'elles o mesmo Garcia de Rezende:

Vimos muitos ociosos,
Sem querer nada fazer,
Deixar o tempo perder,
E dos bons e virtuosos
Não lhes minguar que dizer:
Pelas praças, pelas ruas,
Sem verem as vidas suas,
Andam vagamundeando,
O tempo mui mal gastando,
E as mãos e linguas cruas.

A litteratura lisbonense traduz o caracter frivolo e o genio indolente dos alfacinhas. O erudito Herculano, reconstructor da historia de Portugal, e o operoso polygrapho Pinheiro Chagas, são excepções.

O lisboeta lê o jornal do dia ou da noite, e fica-se por ahi. O unico livro que procura é qualquer almanach. As meninas solteiras lêem alguns romances francezes para se impregnarem de romanticismo e poderem citar phrases de effeito na conversação das salas e das praias ou nas cartas de namôro.

O jornalismo, essencialmente politico, visa habitualmente mais as pessoas que as questões, e vai quasi sempre até á *charge* violenta, como a caricatura, que tambem é pessoal.

O theatro vive á custa do repertorio francez. As peças originaes são poucas e em geral más. Salva-se uma ou outra d'este ou d'aquelle auctor. Emquanto eu fui commissario regio junto do Theatro Normal, durante sete annos, apenas uma unica peça fez carreira segura e independente de favores: foi a comedia em 3 actos *Peraltas e sécias*. Maior que este *successo* apenas conheço outro modernamente em Lisboa: a revista *O da guarda* no theatro do Principe Real, que já ultrapassou cem representações, não por ser boa, mas por falar ao paladar dos lisboetas.

Nas bellas-artes, a pintura é a que mais se avantaja: a paizagem, a marinha e as flores; que a pintura historica importa, na maioria dos casos, um desastre tremendo.

A musica tem alguns cultores dedicados no *gallinheiro* de S. Carlos e nas *academias*. De quando em quando apparece um compositor, mas as suas operas não se demoram tanto no cartaz como as *reprises* de Verdi, cujas partituras, até na primitiva maneira d'este *maestro*, ainda são aquellas que o lisboeta assobia com enthusiasmo quando dá signal ao namoro.

Sem embargo, os alfacinhas, sempre mais espertos que intelligentes, não se atrevem a patear Wagner, comquanto o não entendam.

O que me resta dizer de Lisboa? Ah! já sei. Aquillo por onde devia ter começado: que a capital portugueza, a inclyta ulyssea de Camões, foi effectivamente fundada por Ulysses, pois que o actor Silva Pereira, a quem por amavel chalaça era costume attribuir uma longevidade archeologica, me affirmou uma vez — ter dado serventia como moço de pedreiro ao mythologico fundador.

XII

Oeiras

ARA o lado do occidente, o concelho que confina com o 4.º bairro de Lisboa (no qual está comprehendido o antigo concelho de Belem) é o de—Oeiras.

Outrora, ha trinta e cinco annos apenas, Belem era uma região suburbana — notavel por causa da sua monumental igreja dos Jeronymos, da bella torre militar de S. Vicente (vulgò Torre de Belem) e ainda da installação da Casa Pia—que obrigava a uma viagem no Tejo a bordo dos vapores da carreira ou a uma jornada por terra nos pesados omnibus estrondosos e ronceiros.

Por isso comprehende-se que fosse preciso um *Guia do viajante em Belem*, tal como o publicou a casa Rolland & Semiond em 1872, porque toda a viagem de circumstancia exige um guia, oral ou escripto, e aquella viagem consumia na ida e na volta pouco menos de um dia inteiro.

As praias d'essa região eram a da Torre, o Bom Successo e Pedrouços, porque as que se lhe seguem para oéste, e hoje florescem elegantemente, ficavam muito longe por falta de meios de transporte, e Cascaes era ainda menos accessivel por estar a maior distancia.

Tinha então razão de ser o adagio —Uma vez a Cascaes e nunca mais.

Fui lá um verão em carruagem e regressei á noite moido, escalavrado, poento.

Era, principalmente, no Bom Successo e Pedrouços que se concentrava a maior colonia de banhistas de Lisboa, especialmente aquelles que precisavam vir á cidade todos os dias ou pelo menos com frequencia.

Pinheiro Chagas foi um anno para o Bom Successo e informava de lá como de um paiz longinquo e ignorado: «O Bom Successo é limitado ao norte pelo omnibus de Pedrouços, ao oriente pelo Club Hotel, ao sul pelo rio Tejo, ao occidente por uma praia de banhos. Fica situado na Europa, no reino de Portugal, provincia da Extremadura, districto de Lisboa, e concelho de Belem, supponho eu. Os historiadores não estão de accôrdo sobre quem foi que descobriu o Bom Successo. Dizem uns que foi Gonçalves Zarco, outros que foi Gonçalo Velho da Camara. O que é certo é que *fica a uma gran-*

de distancia da capital do reino. Do Bom Successo a Lisboa vão dois dias de jornada, como se prova pelo serviço do correio [1].»

Em Pedrouços costumava veranear Fontes Pereira de Mello, sempre na mesma casa. Ia e vinha em carruagem. E, por causa d'elle, iam para ali outros homens politicos—corajosamente... para fazer-lhe a côrte.

O palacio e quinta dos duques de Cadaval já então estavam desertos como hoje. Eram apenas uma sumptuosa reliquia do passado.

Em 1906 mal podêmos acreditar que Almeida Garrett dissesse—o *fashionavel Pedroiços.*

O sr. Francisco Simões Ratolla, escrevendo a monographia de Pedrouços, presta um serviço archeologico.

Algés, o antigo reguengo de Algés, logar comprehendido agora no concelho de Oeiras e componente da freguezia de Carnaxide, era ainda em nossos dias uma quasi solitaria ribeira do Tejo, propicia ao amor em liberdade [2].

Hoje Algés de Baixo tem casas para banhistas, uma alameda florida, uma praça de touros, o edificio do Aquario Vasco da Gama, uma estação do caminho de ferro, a linda *Villa* e Parque de *Mira-mar*, pertencentes á familia Polycarpo Anjos, e sobre a ribanceira—na linha alta dos extinctos conventos que se prolongava, com alguma solução de continuidade, até á Boa-Viagem—a pittoresca vivenda de verão do sr. conde de Cabral.

Toda esta ribeira do Tejo refloresce ainda, onomasticamente, as gloriosas recordações da epoca dos descobrimentos maritimos e das aventurosas navegações portuguezas.

Dáfundo, Boa-Viagem, Porto Salvo [3] são denominações manifestamente relacionadas com aquella epoca; assim como a linha dos fortes, hoje arruinados ou desclassificados, recorda a defesa de Lisboa nas guerras da Restauração.

Dáfundo não foi mais do que uma expressão geographica, porque dizia respeito á altura do Tejo em que paravam as naus para a maruja vir a terra fazer aguada n'uma fonte, que hoje se pode referir topographicamente á quinta dos Palhas.

Ribamar seria talvez outrora todo o extenso planalto da vertente que declivava sobre o reguengo de Algés, e que depois, talvez por causa da invocação dos conventos, viria a tomar nomes differentes. Certamente seria um trato de terreno—toda a *riba* ou *ripa* dos antigos—muito mais vasto, a julgar pela sua situação e proeminencia, do que o Ribamar actual, apenas comprehendido entre o Dáfundo e a Cruz Quebrada.

Mas, tornando a Algés, devemos mencionar, entre as boas edificações do sitio, o palacio da Conceição e o do sr. conde de Valenças, em parte do qual residiu durante alguns estios o estadista Hintze Ribeiro.

Em 1849 recebeu o titulo de visconde de Algés o conselheiro José Antonio Maria de Sousa Azevedo, que foi ministro [4] de D. Maria II e par do reino.

Succedeu-lhe no titulo e no pariato seu filho Augusto Carlos Cardoso Bacellar de Sousa Azevedo, que falleceu a 9 de junho de 1882.

O actual visconde, 3.º do titulo, é neto e filho dos dois primeiros viscondes: José Antonio Maria de Sousa Azevedo, juiz de direito.

---

[1] *Fóra da terra*, pag. 201.

[2] Ainda em 1862 Vilhena Barbosa escrevia no *Archivo Pittoresco* (V, 392) que o logar de Algés era «de poucos moradores.»

[3] Povoação com uma ermida de Nossa Senhora da mesma invocação, tres kilometros a léste da villa de Oeiras. A imagem é muito venerada pelos marinheiros, desde o tempo das primeiras carreiras da India.

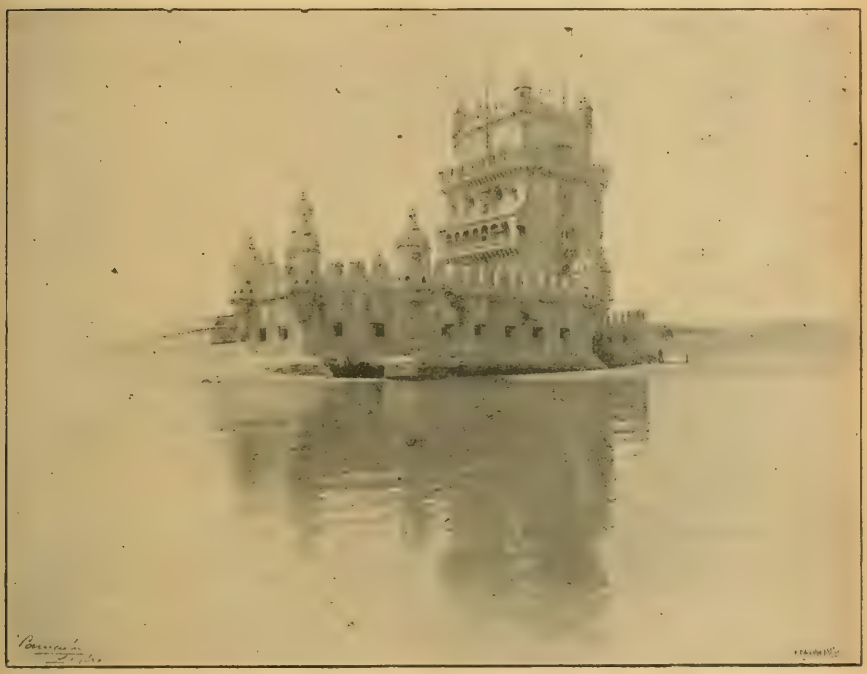
[4] Fallecido em 3 de março de 1865.

O titulo veio de uma quinta que a familia Sousa Azevedo possuia, no tempo do 1.º visconde, em Algés de Cima.

Segue-se a Algés o Dáfundo — continuamos na freguezia de Carnaxide — onde não havia d'antes senão a bella quinta dos Palhas e um hotel... de livre-cambio.

Pois vão vel-o hoje, o Dáfundo, com os seus *chalets* elegantes, o primeiro dos quaes, se me não engano, foi habitado pelo illustre explorador africano Roberto Ivens, já fallecido.

E sigamos para a Cruz Quebrada, que nós ainda chegamos a conhecer reduzida,



358 — Torre de Belem

no bairro baixo, ao Forte, á ponte do Jamor, a uma loja de venda, á fabrica do Godinho (cortumes) e a dois ou tres predios (um d'elles occupado no verão por Pinheiro Chagas), ficando superior a esses poucos predios o *chalet* e quinta do conde de Thomar; no bairro alto, reduzida a um renque de casas terreas para os banhistas, e, já no interior, á casa e quinta da Graça, de cujas immediações viria o nome especial á localidade — em razão da cruz meio de pedra e meio de ferro, que ainda ali se conserva.

Pois é vêr hoje a Cruz Quebrada, na baixa da ribeira. Não se conhece, com os seus *chalets*, o seu bairro novo, o seu viaducto do caminho de ferro sobre o valle do Jamor.

Bonita, sempre esta região foi — lá n'isso falava verdade Garrett — mas era ainda ha trinta annos quasi um ermo, cujo silencio seria sepulcral se o não quebrassem as carro-

ças saloias e carruagens de praça ou particulares que rodavam na estrada de Lisboa a Cascaes.

E ainda tinha sido peor, um ermo intransitavel, no seculo XVII, quando Frei Rodrigo de Deus instou com o senado de Lisboa para que mandasse construir pontes que no inverno facilitassem a passagem de pessoas e cargas sobre as levadas que rolavam para o valle da ribeira.

Vamos, pelo alto da Cruz Quebrada, seguindo para Linda-a-Pastora, que fica em amphitheatro na encosta de um monte pedregoso.

O leitor conhece certamente a pastorella de Garrett, cujo assumpto é a seducção da linda pastora por um viandante, talvez caçador, de condição distincta, pois calçava meias de seda [1].

O nome do logar presta-se á lenda, mas parece que não seria sempre Linda-a-Pastora. O proprio Garrett ouviu dizer *Niña-a-Pastora*. O padre Figueira [2] conta que um rei, vendo aqui uma pegureira mal agasalhada, ordenára que a enroupassem, dizendo: *aninha a pastora*. Finalmente, um investigador recente [3] dá cabo da galanteria feminina da lenda apurando que o nome actual é corrupção de *Linhal-pastor*.

Eu passei alguma vez n'esta aldea, e consignei as minhas impressões n'um *kodak* de folhetim:

«Pareceu-me mais do que uma aldea,—uma villa. Ha trinta annos estivera ali Garrett, dizia eu com os meus botões, e Linda-a-Pastora era então um logarejo, um aldeote, como elle lhe chamou. Mas a povoação foi deitando os braços de fora, alargando e crescendo. De fronte estava Linda-a-Velha com meia duzia de casas apenas,—decadente como todas as velhas, tenham sido lindas ou não. Ao lado Carnaxide, mais do que bonito, guapo! E sabe-se por quê. Mas Linda-a-Pastora, reclinada na encosta da sua serra, encantou-me... de fóra.

«Dentro é outra cousa,—muito peor. Comtudo, tem seu commercio vivedouro, lá isso tem e eu fui encontrar uma respeitavel matrona, muito bem sentada na sua loja de capella, a ler o *Diario de Noticias* d'aquelle dia».

Ninha Velha ou Linha Velha ou Linda-a Velha, menos populosa que Linda-a-Pastora (a vitalidade está sempre na razão inversa da idade) fica de fronte e ao nascente d'esta ultima povoação, em logar alto, muito açoitado das nortadas.

Nos arredores de uma e outra aldea ha boas quintas: a do Roballo, a do Rodizio, a dos Cyprestes.

Em Linda-a-Velha funcciona uma fabrica de roupa branca (firma Pereira da Costa) e existe uma Academia Recreativa.

Sigamos para Carnaxide, séde da freguezia, povoação que se recosta na serra do mesmo nome, e tem deante de si o bello panorama do valle do Jamor com o Tejo ao fundo.

O orago da freguezia é S. Romão; e a população sobe a 3.657 habitantes.

O onomastico Carnaxide, Carnexide ou Carnechide, segundo Frei João de Sousa, procede de duas vozes arabicas, cuja agglutinação quer dizer—ponta ou corno de ovelha, mas, segundo a tradição recolhida por Thomaz Ribeiro, será corrupção de *Kara-a-Cid*, casa do side ou régulo.

A primeira hypothese indica uma região pastoril, e ambas as hypotheses denunciam uma região habitada pelos mouros, que na área d'esta freguezia deixaram outros

---

[1] *Romanceiros*, III vol.

[2] *Os primeiros trabalhos litterarios* do padre Francisco da Silva Figueira—Lisboa, 1865, pag. 43.

[3] Artigo do *Diario de Noticias*, de 6 de outubro de 1905.

vestigios da sua linguagem, como por exemplo, na praia de Algés e no casal de Alfragide.

A primitiva freguezia de Carnaxide representa o successivo desmembramento da antiga freguezia dos Martyres, em Lisboa, que tivera por limite occidental o rio de Oeiras, e que se foi retalhando em parochias, conforme as exigencias da população crescente.

Carnaxide deve a sua celebridade moderna á apparição de uma imagem de Nossa Senhora, que, em maio de 1822, foi encontrada dentro de uma gruta, sendo esta, até então, ignorada pelos habitantes do logar, e casualmente descoberta por alguns rapazes que perseguiam um coelho.

A' imagem, feita de barro, deram logo a invocação de Nossa Senhora da Conceição da Rocha, mas conservaram-n'a, venerada, dentro da gruta, d'onde, a breve trecho, foi roubada uma noite. Reappareceu, comtudo, sobre uma oliveira, ali perto, e reconduziram-n'a á lapa, onde continuou a ser venerada com maior vigilancia.

Mas o receio de que fosse roubada outra vez, e a questão que sobre o direito de guardal-a se suscitou entre os povos de Carnaxide e Linda-a-Pastora, fez que o governo interviesse, mandando recolher temporariamente a imagem na Sé Patriarchal.

E esta resolução foi mantida, apesar do alvoroço que causou em Carnaxide, onde uma velha devota ousou pôr as mãos no general Sepulveda, que commandava a força militar encarregada de acompanhar a imagem até Lisboa.

Thomaz Ribeiro refere-se a este facto na primeira parte do poema — *Mensageiro de Fêz*.

359—Registo da Senhora da Rocha

Esteve a imagem na Sé Patriarchal emquanto, com muitos embaraços, se ia construindo em Carnaxide, sobre a gruta, o templo que devia recebel-a definitivamente, e para o qual Nossa Senhora voltou em 1883, mediante auctorisação do governo.

Foi Thomaz Ribeiro, então proprietario em Carnaxide, que promoveu não só a conclusão do templo, como tambem a restituição da imagem.

Em 1898, este illustre poeta publicou o poemeto *A Rocha*, que no anno seguinte encorporou, como prologo, no *Mensageiro de Fêz*.

A historia do descobrimento da gruta e do achado da imagem foi estampada n'um opusculo anonymo — *Memoria de uma lapa, descoberta no dia 28 de maio de 1822, na ribeira do Jamor, freguezia de Carnaxide, e os mais acontecimentos que depois se lhe seguiram* (Lisboa, Imprensa Nacional, 1822), o qual opusculo teve segunda edição em 1885. Possuo ambas as edições e tambem o *Hymno, a Voz da Gratidão, offerecido em louvor da milagrosa imagem da Senhora da Rocha*, por Jeronymo Ezequiel da Costa Freire. Lisboa, 1825.

No fim da primavera — maio — faz-se em Carnaxide a romaria de Nossa Senhora da Rocha, havendo festividade religiosa e arraial. E todo o anno ali vão algumas peregrinações, como por exemplo a das *Filhas de Maria*.

Na igreja parochial, que é um vasto templo, sendo de lioz branco o seu portal, e bem trabalhado o retabulo da capella-mór, celebra-se em abril a festa da Senhora do Amparo, tambem com arraial, e procissão que se compõe de cinco andores: S. Sebastião, Santo Antonio, S Romão, Sant'Anna e S. Joaquim.

A philarmonica «Fraternidade» costuma acompanhar a procissão.

Em Carnaxide adquiriu uma propriedade, que era contigua á de Thomaz Ribeiro, o visconde de Moreira de Rey, par do reino.

Mo—Largo de Caxias

O sr. dr. Antonio Baptista de Sousa, tambem aqui proprietario, é o primeiro visconde de Carnaxide.

Esta freguezia comprehende ainda os logares de Quejas, Portella e Outorella.

Finalmente, no logar principal da freguezia está organisada uma associação de soccorros mutuos, denominada — «Fraternidade Operaria de Carnaxide».

Um conselho amigavel: Se o leitor fôr alguma vez a Carnaxide, não pergunte lá pelo «bode no côro», nem «como se chama a menina».

São contos da terra.

Fica a noroéste de Carnaxide a freguezia de S. Pedro de Barcarena, que até 1855 pertenceu ao concelho de Bellas, e desde então pertence ao de Oeiras.

Tem 1.240 habitantes, e é servida por um apeadeiro da linha de Oéste.

Esta freguezia tornou-se principalmente conhecida pela fabrica nacional de polvora, cujas primeiras officinas datam do tempo de D. Manuel, e que foi reedificada em 1725 por Antonio Cramer, arrematante do monopolio.

O mesmo Cramer fez a fabrica de Alcantara, onde eram misturados os simplices, indo depois ultimar-se o fabrico em Barcarena.

Por morte da viuva de Cramer, acabou o monopolio; a fabrica de Barcarena passou a ser dependencia do ministerio da marinha.

Havendo em 1774 uma grande explosão no pateo do enxugo, o ministro Martinho

de Mello mandou reparar os estragos do incendio, e augmentar o numero das officinas.

Em 1802, ficou a fabrica pertencendo ao arsenal do exercito.

Houve ainda outras explosões, com maior ou menor numero de victimas, e, portanto, novas e repetidas obras de restauração.

Em 1834, a venda da polvora começou a ser feita por conta dos contratadores do tabaco; mas em 1849 voltou a administração da fabrica para o arsenal do exercito.

No anno de 1862, a 17 de maio. succedeu mais uma explosão, cujo estrondo se ouviu a 15 kilometros de distancia.

361 – Igreja de Laveiras

O motor da fabrica é a agua da ribeira de Barcarena, que passa encostada ao edificio, do lado do poente e que, mudando de nome ao atravessar varias povoações, vem desaguar no Tejo, proximo do Forte de S. Bruno.

A polvora sem fumo é fabricada em Chellas, como já dissemos no 1.º volume.

Entre os logares que pertencem á freguezia de Barcarena, contam-se Queluz de Baixo e Lecea. [1] N'estes e nos outros logares ha varias quintas.

Agora retrocedamos á Cruz Quebrada, para seguirmos caminho pelo litoral.

Já outra vez na ribeira do Tejo, saudemos de fugida a Boa Viagem, que se alcandora no alto, tendo o seu antigo convento de arrabidos sido convertido por Faustino da Gama n'uma especie de ampla *villa*, para muitas familias banhistas.

Segue-se-lhe Caxias — já na freguezia de Oeiras — povoação cortada pela linha ferrea, ficando na parte inferior á linha o Forte, arruinado, e a praia; na parte superior

[1] O titulo de visconde de Lecea foi concedido a José Pedro Celestino Soares, por decreto de 26 de julho de 1861.

a casa e quinta do visconde de Porto Covo da Bandeira, e o palacio real, com a sua quinta sumptuosa, que data do seculo XVIII e pertenceu á casa do Infantado. [1]

E' este jardim um bom *specimen* do gosto *rococó* com que n'aquella epoca eram desenhados os jardins aristocraticos. A esse arrebicado systema, que Luiz XIV puzera em moda, chama Ramalho Ortigão — *architecturas vegetaes*. Diz este escriptor, referindo-se ao jardim de Caxias: «As avenidas são riscadas por esquadria, em angulos rectos. A arvore é decotada em forma de columna, de pyramide, de obelisco. Os tanques teem molduras altas, lavradas em relevo, como grandes espelhos de salão. As alamedas pareeem galerias. As murtas aparadas, lisas, rectas, em volta do pequeno tanque, de um vaso de Le Notre, da meza de marmore, do banco esculpido, semelham os biombos que cercavam a meza do rei sol, quando nas noites de inverno elle ceiava com as suas damas, *à grand couvert*, nos salões de Marly-le-Roy». [2]

O palacio real de Caxias teve vida de côrte quando ali residiu D. Miguel, em 1832, durante alguns mezes.

Depois ficou abandonado, quasi esquecido pela corôa.

Demora junto a Caxias a povoação de Laveiras, com a sua antiga casa monastica de cartuxos de S. Bruno, ordem asperrima de austeridade e rigor, que apenas contou dois conventos em Portugal, este intitulado — *Vallis Misericordiæ* — e o da *Scala Dei*, em Evora.

Para este edificio foi transferida a Casa de Correcção (sexo masculino), que durante annos estivera em Lisboa no extincto convento das Monicas.

A igreja annexa ao edificio dos cartuxos acha-se agora restaurada.

De Caxias a Paço d'Arcos é um pulo.

Esta praia, realmente bonita e desafogada, offerecendo uma bahia para embarcações pequenas, foi durante largos tempos muito frequentada pela aristocracia lisbonense, cujas seges e alasões lhe permittiam triumphar da distancia.

O seu proprio nome veiu do *paço*, com dois torreões e uma varanda intermedia, alçada sobre tres *arcos*, que, com a respectiva quinta, pertence á familia do conde das Alcáçovas.

Em 1876, ainda Ramalho Ortigão escrevia a respeito de Paço d'Arcos: — «dizem que é a praia aristocratica dos suburbios de Liaboa». Mas, ultimamente, apenas o marquez da Fronteira sustentava com a sua assiduidade aquella nobre tradição que se obliterava ali. Hoje, Paço d'Arcos é muito concorrida, sem que possa justificar pretenções a praia *d'élite*. Cascaes desbancou-a, sob esse ponto de vista.

A vida balnear em Paço d'Arcos está muito concentrada, e por isso é mais intensa; pois que a povoação fica circumscripta entre a linha ferrea e o mar.

A *Avenida Marquez de Pombal*, com os seus *chalets* e arvores, constitue propriamente o apanagio moderno dos banhistas.

Ha tambem um casino, onde a valsa e a intriga giram velozes — como em todas as praias.

Acha-se actualmente installada em Paço d'Arcos a escola de torpedos fixos, com o seu respectivo quartel.

[1] Este palacio, que estava na posse e usufructo da Corôa, foi cedido pelo sr. D. Manuel II, bem como os de Belem e Queluz, á Fazenda Nacional, e encorporado nos proprios d'ella com a respectiva quinta e mais dependencias. O governo destinou a parte rustica da quinta para ser applicada á creação de escolas praticas de horticultura, pomologia, jardinagem, viticultura e artes de construcção civil, usando estes terrenos provisoriamente a cargo da Casa de Correcção, e a parte urbana para alojamento dos serviços e pessoal das obras da fortificação de Lisboa.

[2] *As Praias de Portugal*, pag. 75.

Fora da povoação, para o lado da linha ferrea, ficam as grandes pedreiras que fornecem de muita cantaria a capital.

Fazem-se em Paço d'Arcos grandes festas, no mez de setembro, em honra do Senhor Jesus dos Navegantes, cuja ermida foi edificada por subscripção publica e iniciativa do benemerito Joaquim Lopes, heroico patrão do barco salva-vidas da barra de Lisboa, que tantos naufragos salvou da morte com sublime abnegação e inexcedivel coragem.

Thomaz Ribeiro cantou-o, glorificando-o, como elle por seus nobres feitos merecia:

Mas d'este honrado velho a grande acção qual é?
porque teve honras taes? Queres saber por quê?
Pergunta aos vagalhões do oceano revoltoso
se elle tremeu jámais ante o seu ronco iroso;
se os filhos, com seu chôro, a esposa, com seus ais,
com seu escuro a noite, o raio, os vendavaes,
fizeram trepidar o velho ante o presagio,
as lutas, o clamor, as ancias d'um naufragio.
Mal que do mar á praia assoma um ai de dor,
na salvadora barca o homem salvador
lá corre, sobranceiro ao horror do cataclysmo,
salvando a vaga e vaga, abysmo sobre abysmo!
o corpo sem vigor, que a onda ia tragar,
encontra um braço e um lenho e sobre a praia um lar.
Ganhou (que os traz ao peito) habitos e medalhas,
nunca matando irmãos, mas a rasgar mortalhas.

O barco salva-vidas, que tanta gloria deu a este bravo homem do mar, pertence á estação de soccorros a naufragos aqui estabelecida junto ao caes.

Joaquim Lopes nascera no Algarve, mas residia em Paço d'Arcos, onde fundou dynastia.

Falleceu em 1900 com 90 annos de idade—curtido pelo mar.

Ha, junto a esta povoação maritima, algumas quintas, como a das Covas, que é do conselheiro Francisco Beirão; outra, do dr. Curry Cabral; — e a dois kilometros a da Terrugem, [1] onde residiu e falleceu o conde de S. Januario.

Foi 1.º visconde e 1.º conde de Paço d'Arcos o illustre official de marinha Carlos Eugenio Correia da Silva, irmão do fundador do *Diario Illustrado*, Pedro Correia da Silva.

Ha, que eu saiba, em Paço d'Arcos duas associações: uma de Soccorros Mutuos e outra de Bombeiros Voluntarios.

De Paço d'Arcos a Oeiras não vale a pena tomar a linha ferrea; vamos pela estrada velha, e entremos na villa pombalina pela rua Direita.

Villa pombalina, sim, porque foi o grande ministro de D. José que lhe deu alento e importancia; foi elle o 1.º conde de Oeiras; foi elle que lhe obteve foral em 25 de setembro de 1760; foi elle que, com a sua famosa quinta e a dos seus irmãos, aqui attraiu, além do rei e da côrte, grande concorrencia de pretendentes e servidores; foi, finalmente, elle que, sob a apparencia de simples feira, aqui realisou a primeira exposição industrial portugueza, muito antes de 1798, epoca em que o diccionarista Maigne,

---

[1] Esta quinta era, no seculo XVIII, de D. Jorge Francisco de Menezes, marido d'aquella fidalga da côrte de D. João V que ficou conhecida por *Flor da murta*. A isto alludiu o velho D. José Coutinho de Lencastre no opusculo—*Passeio de Lisboa a Cascaes* (1868), ao falar da quinta da Terrugem: «no fundo da quinta—diz elle—e sobre pequena ondulação de terreno (apparece) para a direita uma casa *barraca de flor da murta*, em forma de *cotage* ou *chalet*, etc.»

cheio de falso patriotismo, colloca a primeira exposição d'aquelle genero na Europa, querendo assim dar origem franceza ao que em verdade não a tem.

A linha ferrea corta a povoação. Ha o apeadeiro de Santo Amaro, que serve a praia, onde tem sido edificado um bairro balnear de *chalets*; e ha a estação, que fica proxima á Quinta do Marquez, e serve a extremidade occidental da villa.

Mas nós, seguindo a estrada de Paço d'Arcos, entramos justamente pelo lado opposto, e vamos descendo até chegar á igreja, grande postoque vulgar, a cuja ilharga fica o Largo do Egypto (hoje do Dr. Pinto Coelho), com um corêto, e em cuja frente fica o Largo de D. Carlos com a Escola Conde de Ferreira.

Tomamos ao acaso o nome de algumas ruas: do Marquez, das Alcácimas [1], de José Diogo da Silva, etc.

362— Paço d'Arcos— A praia

O novo edificio dos paços do concelho, situado em frente do Largo do Pelourinho, foi inaugurado no dia 1 de dezembro de 1906.

Tem a villa poucos predios bons, e diminuto movimento commercial —pelo menos na apparencia.

Os famosos *palitos* e biscoitos de Oeiras apenas os encontramos no estabelecimento de José Augusto.

Em caminho para a Quinta do Marquez soubemos haver um theatro com o nome de Taborda, uma Academia Musical Oeirense e uma associação de Bombeiros Voluntarios. [2]

Perguntamos qual a solemnidade religiosa mais importante de Oeiras; disseram-nos que a procissão dos Passos, o que já sabiamos.

Aproximamo-nos da Quinta do Marquez; — já nos ferem a vista os seus muros côr de rosa.

---

[1] Este nome é tambem o de um casal, na freguezia de Santiago de Evora, concelho de Alcobaça. Não sei que appareça em qualquer outra parte. Será talvez corruptella do arabe *Alcaicema*, divisão.

[2] Ultimamente publica-se na villa um semanario republicano com o titulo *O Povo de Oeiras*.

O palacio foi mandado construir pelos dois irmãos mais novos do Marquez, Francisco Xavier de Mendonça e Paulo de Carvalho de Mendonça, que tambem adquiriram e cultivaram, em proveito do primogenito, a quinta adjacente, chamada de *baixo*.

Agora, de toda a grandeza realenga dos bellos dias de Oeiras o que resta, a não ser o palacio, quasi sempre solitario, e as duas quintas, que communicam entre si, a de *cima* e a de *baixo*, onde todas as ruas desertas parecem adormecidas ao murmurio das cascatas e ao pipilar das aves abrigadas na sombra das arvores seculares?

Já eu, ao entrar, havia notado na cornija do palacio a grande quantidade de ninhos que as andorinhas ali teem fabricado, constituindo-se ellas, e só ellas, ousados se bem que innocentes inquilinos d'esse vasto edificio, que uma familia poderosa mandára construir, e onde o proprio rei de Portugal fôra hospedar-se por vezes com a côrte.

363—Patrão Joaquim Lopes

A meu vêr, o palacio de Oeiras é o mais caracteristico monumento que possuimos do seculo do Marquez de Pombal. A estatua equestre do Terreiro do Paço offerece apenas o anverso da medalha, pregoa a grandeza de um reinado em que o rei, graças á politica auctoritaria do seu primeiro ministro, era ainda um dominador, postoque já mortalmente ferido pela doença. Os arruamentos da Baixa são tambem ainda uma affirmação da força pombalina que fazia resurgir das ruinas do terremoto uma cidade nova. Mas no palacio e nas quintas de Oeiras ha o anverso e o reverso: está a medalha completa. Sente-se, é certo, o esplendor da epoca; mas sente-se tambem a acção demolidora do tempo, que amorteceu, em mais de cem annos, toda a grandeza do rei e do ministro; sente-se finalmente que esses dois homens passaram e que, não obstante ter sido enorme o seu poder, são hoje apenas dois nomes na historia, nada mais.

O esplendor da villa de Oeiras passou tambem com esses dois homens que a engrandeceram. Póde bem dizer-se que esta villa foi um improviso da familia Carvalho, de collaboração com D. José. O rei erigira-a em condado do seu primeiro ministro em 6 de junho de 1759 e elevando-a á categoria de villa dera-lhe foral no anno seguinte. [1]

Sebastião José de Carvalho e Mello ali tinha bens por herança de seus paes, de sua primeira mulher D. Thereza de Noronha, que morreu sem successão, e de seu tio Paulo de Carvalho e Athayde, arcipreste da egreja patriarchal.

Os dois irmãos do primeiro ministro de D. José, applicando os rendimentos dos seus bens patrimoniaes e os vencimentos que percebiam do estado á acquisição de novas propriedades, vincularam e encorporaram ao morgado de Oeiras todos os bens por elles adquiridos ou por elles bemfeitorisados.

Depois, o Marquez de Pombal, por cuja influencia o logar fôra elevado á categoria de villa, comprou, mortos os dois irmãos, terras de lavoura, olivaes e vinhas, arredondando opulentamente o seu vasto morgado.

Sabe-se, por um documento authentico, qual era em 1777 o rendimento das pro-

[1] O original authentico do foral, escripto em pergaminho finissimo, existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa, *Collecção pombalina*, codice 727.

priedades do Marquez de Pombal em Oeiras. Refiro-me a instrucções particulares do Marquez a seu filho. Avalia elle as producções da quinta pela fórma seguinte: trigo, 19:200 alqueires a 480 réis; fructos de espinho, 2:400$000 réis. Quanto ao vinho, exalta-lhe a excellencia: recommenda que o fabriquem sempre com o maior cuidado, que se não offereça á venda á Companhia do Douro, *nem se venda a inglez do Porto*, para não parecer vingança á Companhia. [1]

Foi assim, á sombra d'esta familia poderosa, que a villa de Oeiras nasceu e floresceu. E' o que a historia testemunha. Mas o interior do palacio e das quintas denuncia eloquentemente o alto prestigio do Marquez, em torno do qual vinham agrupar-se humildemente as obras dos primeiros artistas do tempo, as reliquias sagradas, os presentes do Papa, as alfaias esplendorosas e peregrinas. Assim, na casa de jantar, que abre sobre o jardim, avultam as estatuas de Alpheo e Aretusa, obra de Machado de Castro, o celebre auctor da estatua equestre. Possue o palacio um painel de S. Francisco, pintado por Ticiano. Foi André Gonçalves, um dos pintores mais notaveis do seculo XVIII, que executou os paineis da capella. O quadro representando os tres irmãos Carvalhos, de mãos dadas, sob a divisa de *Concordia fratrum*, julga-se ser composição de D. Anna Ignacio Monteiro de Carvalho, a celebre *Joanna do Salitre*, assim chamada por ter vivido n'esta rua. O retrato, em miniatura, de Clemente XIV foi por este mesmo pontifice offerecido ao primeiro Marquez. Não faltam tambem as reliquias piedosas e preciosas, os corpos de tres santas que, revestidos de cera, jazem na capella do palacio.

Sente-se, pois, que se está n'uma casa, cuja influencia politica se tornou conhecida e respeitada em toda a Europa, graças ao primeiro Marquez de Pombal, mas sahindo das salas desertas para as avenidas solitarias das duas quintas, sente-se tambem que todo esse poderio se desfez nas cinzas da morte e nas ruinas da historia. As estatuas, os bustos, aqui e ali espalhados, parecem chorar na solidão uma epoca que passou, e misturar as suas lamentações á voz flebil da agua, que se despenha nas cascatas.

A quinta de *baixo*, contigua ao palacio, tem, como todas as quintas antigas de Portugal, esse cunho de grandeza melancolica, que as caracterisa. A luz apenas ali bruxolea, em consequencia da abundancia e desenvolvimento do arvoredo, n'um tom crepuscular que, pela continuação, se torna monotono. O mesmo acontece, por exemplo, na quinta de Bellas. A paizagem interior não sorri; antes parece convidar á melancolia. Mas, em Oeiras, as memorias historicas do sitio, misturadas com um tal ou qual abandono em que a quinta se acha, reforçam a impressão de tristeza, que o *ensemble* produz.

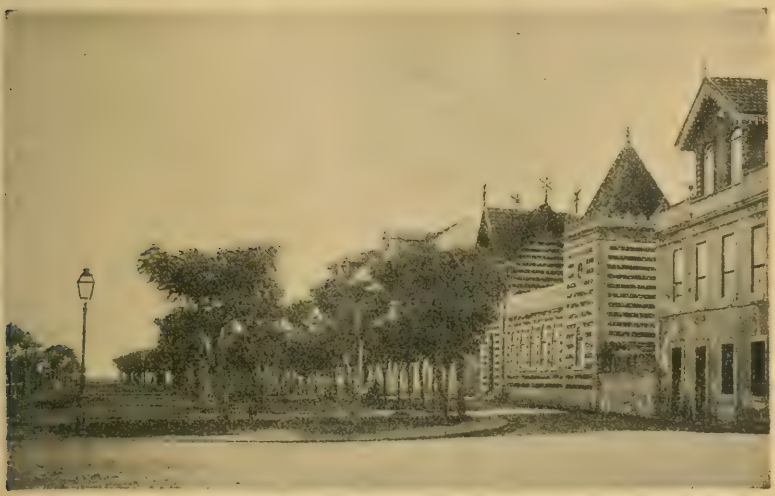
A sombra cae ampla e espessa dos bastos choupos, freixos e olmos que povoam as avenidas: aqui escurece as margens do rio da Lage, que atravessando a quinta vae desaguar no Tejo; ali cae como um véu de escumilha sobre frescas rosas de maio, que tentam sacudil-o e procurar o beijo de algum timido raio de sol que, furtivo amante, entra na floresta.

A *Cascata dos Poetas* avulta levantada em tres corpos distinctos, cada um com sua gruta, seu lago e seu terrado. No corpo central, Neptuno, forte e longo como um cetáceo, reclina-se gosando a voluptuosidade do seu eterno banho, e nos corpos lateraes os bustos de Homero, Virgilio, Camões e Tasso justificam o titulo dado á cascata, todos elles modelados pelo grande Machado de Castro.

Em quanto eu estava observando esta construcção ornamental, que destaca ao cabo de uma avenida sombria, como um panno de fundo, imitando o antigo, pintado por Manini, passou pelo meu espirito a visão da epoca litteraria e artistica de D. José, vi

[1] Bibliotheca Nacional de Lisboa, *Collecção pombalina*, codice 695 a fl. 140.

mentalmente desfilar a litteratura da mythologia e da Arcadia, sonetos de Corrêa Garção rumorejaram a meus ouvidos, os ultimos eccos da Academia Real de Historia faziam-se sentir na linguagem empolada das *Memorias de D. João I*, que José Soares da Silva parecia estar lendo ainda a um grupo de cortezãos. Vi passar por deante dos meus olhos as sombras do theatino Antonio Caetano de Sousa com os seus doze tomos da *Historia Genealogica*, e de Diogo Barbosa Machado com os quatro enormes in-folio da *Bibliotheca Lusitana*. Toda essa litteratura vasta e fria como a adega da quinta de Oeiras, todos esses grossos volumes resistentes e duros como os toneis de vinhatico que lá estão e que podem receber trinta pipas de vinho cada um; todo esse enxame de poetas academicos, que povoavam as suas estrophes com as divindades do paganismo, recebidas da antiguidade classica como herança sagrada; todo esse mundo de histo-



264 - Paço d'Arcos—Avenida Marquez de Pombal

riadores, academicos e poetas vi eu resurgir por momentos do pó da morte e animar-se galvanisado. A arte da epoca pombalina evoquei-a na sua principal manifestação, as linhas correctas das estatuas e dos bustos, do corpo humano, n'uma palavra, o que era ainda o rescaldo do amor que a Grecia antiga professára pela esculptura anatomica. Lá estavam em Oeiras as estatuas e os bustos, delineados pelo melhor esculptor portuguez da epoca. Muito elegantes as estatuas, é certo, mas friamente correctas como a figura do proprio Marquez de Pombal e como os passos, mesurados mas gelados, do minuete, que fez as delicias choreographicas d'aquelle tempo.

A mythologia, que apparecia então em toda a parte, na estatua equestre do Terreiro do Paço, onde a Fama emboca a tuba potente, e nos sonetos arcadicos dedilhados em honra de Venus ou de Cupido, lá está copiosamente representada em Oeiras: aqui é Neptuno recostado na cascata em toda a pujança da sua estructura herculea; ali é o lago das *Quatro estações*, personificadas em divindades que symbolisam os solsticios e os equinoxios.

Todo este mundo antigo de deuses e de cabelleiras, de odes e de minuetes desabou nas profundezas da historia. Sobre a epoca do Marquez de Pombal, tão notavel em progressos, passou a mão dura do tempo, e as suas grandiosas reformas já hoje pedem

reforma, se é que não estão reformadas. A Universidade reclama refundição. A instrucção commercial, que elle fundou, viu sobrepor-se-lhe a creação dos institutos modernos. E o sinistro trem mortifero, onde os Tavoras succumbiram, e João Baptista Pelle acabou, foi despedaçado por esse impetuoso vendaval de liberdade, que soprou dos lados da França.

Na solidão melancolica da quinta de Oeiras, se a confrontamos com a tradição das festas ali dadas em honra de D. José, está a historia completa do valimento e da decadencia do primeiro Marquez. Tudo passou: o poder absoluto do rei, a auctoridade por vezes draconiana de Sebastião José de Carvalho e Mello, e até a preponderancia patricia da sua familia. Todas as familias que devem a sua gloria a um só homem, gastam-se depressa, são como as fogueiras alimentadas por um unico tóro.

Em 10 de agosto de 1783 foram a Oeiras visitar o segundo marquez de Pombal a rainha D. Maria I e o rei D. Pedro III. A rainha allegou o futil pretexto de querer vêr as cascatas, a dos *Poetas* na quinta de *baixo*, as da *Taveira* e da *Mina do ouro* na quinta de *cima*, mas o segundo marquez viu n'essa visita, cuja relação escreveu, [1] um proposito de reconciliação com a casa Pombal. Houve festejos na villa e na quinta. Mas foram já um pallido reflexo dos que ali se fizeram em honra de D. José. Os bons dias de Oeiras tinham passado, o rei e o seu primeiro ministro haviam descido ao tumulo, a pagina da historia portugueza em que a familia e a villa de Oeiras se engrandeceram, tinha sido voltada para todo o sempre. O livro da gloria pombalina estava fechado.

Além das minhas impressões pessoaes, colhidas na quinta de Oeiras, ficam consignadas n'este capitulo duas ou tres noticias inéditas. Eu entendo que não é licito hoje a ninguem, ainda mesmo quando se proponha tratar ligeiramente um assumpto historico, reproduzir apenas o que já está publicado e é conhecido de muitos. Essas noticias são authenticas, porque sairam da casa dos marquezes de Pombal para a Bibliotheca Nacional de Lisboa. O estado comprou em 1888 os manuscriptos que constituiam o tombo tanto da casa de Oeiras como da casa de Pombal.

Olhamos ao largo e vêmos terras áridas, montes nús; a maior distancia o castello de Cintra vagamente esboçado.

Decididamente, o que ha de melhor ainda em Oeiras é o que resta dos tempos pombalinos.

Junto ao palacio correm varias dependencias modernas d'elle. N'uma d'estas dependencias funccionou em tempo uma fabrica de lanificios.

Fica lhes fronteira a quinta da Arriaga, com a respectiva residencia. Esta quinta foi de D. Mariana da Arriaga, dama da rainha D. Maria I, e d'ahi lhe veio o nome; depois pertenceu ao conde de Casal Ribeiro; em seguida ao conselheiro Forjaz, que foi juiz da Relação de Lisboa; e hoje não sabemos a quem pertence.

Logo adeante foi recentemente construido um edificio onde as educandas da Misericordia de Lisboa vão passar o estio em uso de banhos do mar. A este edificio foi ultimamente annexada uma cêrca de 2:600 metros quadrados.

E até á estação de Oeiras não encontramos outro edificio senão a *villa* Liceria.

Muito boa a estação: tem uma extensa *marquise* levantada sobre vinte columnas de ferro.

E' junto ao bairro de Santo Amaro, no sitio do Arieiro, que fica a fabrica de lanificios hoje pertencente ao sr. dr. José de Almeida, e cuja alta chaminé constitue uma excellente marca para a navegação do Tejo.

Um ramal de estrada conduz á torre de S. Julião da Barra, erguida entre a praia

[1] Manuscripto da Bibliotheca Nacional, *Collecção pombalina*, codice 697 a fl. 97.

365—Oeiras—Palacio do Marquez de Pombal

de Oeiras — a dois kilometros da villa — e a praia de Carcavellos, na extrema occidental da margem direita do Tejo.

Esta fortaleza começou a ser edificada no reinado de D. João III, continuando a obra durante a menoridade de D. Sebastião e o dominio castelhano.

D. João IV mandou ampliar a praça na direcção do sul, e D. Pedro IV, em nome da Rainha, ordenou a construcção de um forte que defendesse a fortaleza pelo lado de terra.

A torre de S. Julião é hoje composta de cinco baluartes irregulares, um revelim, e uma bateria rasante, voltada ao mar.

Na esplanada do Algoirão é que foi enforcado Gomes Freire, a primeira victima da liberdade em Portugal: no logar da execução erigiu-se um singelo monumento commemorativo d'esse facto tristemente memorando.

As prisões subterraneas, na casamata, são simplesmente horrorosas.

Ao centro da fortaleza ergue-se uma torre quadrangular, encimada por um farol.

Dentro da praça funcciona uma estação semaphorica, e ha um posto de soccorros a naufragos.

S. Julião constitue uma parochia, que tem por séde a capella da Torre e por orago Nossa Senhora da Conceição. A população varia segundo o numero dos presos e dos soldados da guarnição, que actualmente é feita pelo grupo de artilharia n.º 3.

A partir da Torre encontra-se a praia do Portinho; e sobre a ponta de pedras, que limita a éste a mesma praia, um grupo de casas que se denomina Feitoria.

A freguezia de Oeiras tem por orago Nossa Senhora da Purificação.

No momento de se realisar o censo de 1900, a população das parochias de Oeiras e da Torre de S. Julião era de 4:263 almas: 2:384 homens e 1:879 mulheres.

A população total do concelho de Oeiras é de 9:160 habitantes.

38 — Monumento a Gomes Freire em S. Julião da Barra

XIII

Cascaes

GORA, chegando a Carcavellos, entramos no concelho de Cascaes.

Por dois titulos se recommenda a freguezia de Carcavellos, cujo orago é Nossa Senhora dos Remedios, e cuja população pouco excede 500 habitantes: esses dois titulos são a sua producção vinicola e a caracterisação britannica proveniente da Estação do Cabo Submarino.

A região vinicola de Carcavellos não se limita apenas ás collinas ou *lombos* que se desenham proximos ao mar no logar d'aquelle nome; mas abrange uma área mais extensa, incluindo as vinhas situadas nos logares de Parede, Murtal, Livramento e Galliza.

O vinho de toda esta região gosa de boa fama no mercado. E' um dos tres vinhos *pimpões* da Extremadura a que se referiu o professor Aguiar. As castas de uva predominantes na região são as brancas, principalmente o *gallego dourado*, que é, póde dizer-se, a base do vinho de Carcavellos, como o *arintho* o é do vinho de Bucellas e o *ramisco* do vinho de Collares.

Os vinhos do antigo typo de Carcavellos eram de alta graduação, muito estimados especialmente em Inglaterra.

O typo actual é fornecido pela mistura de uvas tintas e brancas, com predominio das ultimas, alcoolico mas suave, com tendencias para maduro, pelo incompleto desdobramento do assucar.

O ministerio João Franco (1906, na proposta de lei relativa á questão duriense) incluiu no numero dos vinhos generosos portuguezes o de Carcavellos, com graduação alcoolica não inferior a 15° centesimaes, e entendeu como região de Carcavellos a comprehendida no concelho de Oeiras.

A caracterisação britannica provém do pessoal da Estação do Cabo Submarino, que desde 1872 se acha installada no palacio da Quinta Nova ou da Lobita, a 600 metros da povoação de Carcavellos e que lhe deu vida moderna, sobretudo, uma physionomia especial pela implantação dos usos e costumes inglezes, entre os quaes os divertimentos sportivos—jogos athleticos.

Da Estação Telegraphica Submarina partem 8 cabos: 3 para Falmouth, 2 para o Brazil, 2 para Gibraltar e 1 para os Açores.

Alem da Quinta Nova, ha em Carcavellos mais as seguintes: do Major, na travessa de Paulo Jorge; de S. Gonçalo, no local d'este nome; do Lameiro de Cima e da Cartaxeira na estrada de Cascaes; das Marianas, na estrada de igual designação; da Junqueira, na estrada assim denominada; e ainda na estrada de Cascaes a da Alagoa, de D. Vasco Maria de Figueiredo Cabral da Camara e a do Barão, que foi do conde da Lapa.

367—Carcavellos—Estação do Cabo Submarino

Ha tambem alguns *chalets* como o *Lucinda* e o *Felix* na estrada da Alagôa.

Ruas: Avenida do Cabo Submarino, avenida Pereira de Vasconcellos, rua José da Costa Mamede, rua Direita, etc.

A igreja parochial ergue-se ao meio da Praça, em que ha tambem um chafariz.

Na praia das Sainhas, a oriente da Ponta da Rana, está situado o antigo forte do Junqueiro: n'elle se estabeleceu o Sanatorio chamado do Junqueiro ou de Carcavellos.

E n'um annexo d'este Sanatorio funcciona a «colonia de férias», onde creanças tuberculosas vão, por turnos, durante o estio, passar 30 dias para aproveitarem os beneficios do clima maritimo.

Parede, estação que na linha de Cascaes se encontra a seguir á de Carcavellos, é um nome conhecido ha poucos annos, pela razão de que a povoação que lhe corresponde é de recente data, não mais que um desdobramento dos Estoris.

Pois tem já muitas edificações elegantes, taes como *villa* Miramar, *villa* Camacho, *villa* Vidal, *villa* Maria Luisa, *villa* Aurora, *villa* Girão, *villa* Edith, *villa* Eduardo, *villa* Ermelinda, *villa* Margarida, *villa* Pilar, *villa* Sophia, *villa* Flora, *villa* Maria Augusta, *villa* Joanna, etc.; além de outros *chalets* sem nome, por exemplo os dos srs. Manuel Martins, conselheiro Julio de Vilhena, Vicente de Moura Coutinho e condessa de Edla.

Ha uma quinta — da Vigia —, propriedade do sr. José Nunes da Matta.

Tem Parede uma extensa rua, chamada da Agua Doce e outras que posteriormente se abriram para alinhamento dos predios.

Na rua das Arribas está situada a casa da familia Netto, a que pertence o actual [1] Cardeal Patriarcha de Lisboa, que tem passado aqui algumas temporadas.

Em 1904 foi inaugurado, n'este logar de Parede, outro Sanatorio — de Sant'Anna.

O capitalista lisbonense Frederico Biester e sua mulher D. Amelia Biester planearam edificar o referido Sanatorio destinado a 20 velhos cardiacos, 20 velhas cancerosas e 60 creanças, lymphaticas, escrophulosas e tuberculosas.

Começaram-se os trabalhos de construcção sob as vistas do dr. Sousa Martins, que d'ahi a pouco falleceu; depois, do dr. Manuel Bento de Sousa, que tambem falleceu; por ultimo, falleceram os dois fundadores, e as obras ficaram suspensas.

[1] Hoje, resignatario.

A sr.ª D. Claudina Chamiço, que foi herdeira dos esposos Biester, seus sobrinhos propôz-se continuar a piedosa empresa, que elles não puderam levar a cabo.

Chamou, para este effeito, o architecto sr. Rosendo Carvalheira, que incansavelmente se desempenhou de tão grato encargo.

Chegaram a trabalhar 300 operarios.

Concluiu-se pois, com a maior diligencia, o Sanatorio de Sant'Anna, que passa por ser um dos melhores da Europa.

Abriu com 20 creanças, entregues aos cuidados das irmãs da congregação de S. Vicente.

Em janeiro de 1906, dois annos depois da inauguração, o numero de creanças era 60; havendo tambem 14 adultos—4 mulheres e 10 homens—todos de avançada idade.

A capella do Sanatorio, verdadeira obra de arte, tem um altar-mór feito de marmore extraído das pedreiras do concelho de Cascaes.

O sr. Rosendo Carvalheira foi auxiliado na construcção do Sanatorio pelos srs. Alvaro Augusto Machado, architecto, e José Augusto d'Oliveira, mestre-geral.

Ha em Parede uma escola, construida em terreno para esse fim doado pelo sr. José Nunes da Motta, tendo contribuido os outros proprietarios com 200$000 réis para a construcção e 38$000 réis para mobilia. A planta do edificio foi elaborada pelo sr. Adães Bermudes. A escola tem capacidade para 54 alumnos, em boas condições hygienicas.

Fica entre Parede e S. João do Estoril o sitio do Cai-Agua, nome de um antigo moinho a oéste da Pedra do Sal.

Junto a este moinho desagua a ribeira de Caparide.

O sitio do Cai-Agua já tem sido povoado com alguns *chalets*, um dos quaes pertence á actriz Amelia Vieira.

A sr.ª condessa de Edla, nos terrenos que possue aqui, iniciou a cultura do algodão, de que exhibiu alguns exemplares bem aclimados na exposição colonial da Sociedade de Geographia.

368—O Sanatorio, lado do poente

Segue-se á estação de Parede a de S. João do Estoril, e aqui somos nós chegados a esta linda região maritima do Estoril, onde a praia começa a descrever a graciosa e ampla curva, que mais adeante vai rasgar-se na soberba bahia de Cascaes.

Os Estoris — porque o plural d'esta palavra é que corresponde hoje á realidade dos factos — são como colonias balneares um feliz improviso dos nossos dias, mas as suas aguas medicinaes eram já anteriormente conhecidas.

No seculo XVIII, el-rei D. José fizera uso de caldas n'um pobre balneario do antigo casal do Estoril, hospedando-se, para lhe ser mais commodo o tratamento, no palacio do Marquez de Pombal, em Oeiras, d'onde todos os dias vinha ao banho, almoçando á volta no palacio do Morgado da Alagôa em Carcavellos.

Tolentino fala do *férvido Estoril*, que era então uma plaga adusta.

E em 1875, quando o sr. Ramalho Ortigão publicou o seu livro *Banhos de caldas e aguas mineraes*, apenas fazia uma succinta referencia ás nascentes da Pôça, de Santo Antonio do Estoril e do Estoril, tão longe estava ainda a prosperidade de toda esta região.

Em 1893, o tomo 2.º do *Diccionario Postal e Chorographico do Reino de Portugal* designava genericamente o Estoril — com dois fogos, não mais.

Seria empresa difficil descobrir a etymologia da palavra Estoril; Deus nos livre de nos mettermos n'essa camisa de onze varas.

Unicamente notaremos de passagem que o prefixo *Est* se encontra no onomastico de muitas povoações portuguezas; que tres d'ellas se denominam *Estorãos* e que ha um peixe denominado *Esturião*.

A nascente da Pôça é só uma, e brota á beira-mar, no local da Cadaveira. As aguas são levadas ao estabelecimento hydrotherapico por machinas de vapor.

369 -Parede, um trecho

Este estabelecimento está fornecido de tinas e apparelhos, para banhos de chuva, duches de agulheta, duches circulares; bem como de inhaladores e irrigadores; finalmente, de *buvette* para uso interno.

As indicações therapeuticas geraes são: dermatoses, rheumatismo, paralysias, escrophulismo, e doenças utero-ovaricas.

No edificio da Pôça está incluido um club de recreio.

S. João do Estoril conta hoje muitos *chalets* e *villas*, dos quaes citaremos os seguintes: Guilhermina, Leitão, Beira-Mar, Tejo, Helena, Pinheiro, José, Altair, Véga, Orion, Alvaro, Wladmiro, Lydia, Maria, Jorge, Eólo, Fluminense, Ancora, Açoriano, Carlota, Pollux, Castor, Maria Fernanda, Arminio, Fernando, Ondina, Maria Leite, Gracinda, Victor, Grinalda, Aquilina, Futuro, Elysa, Alzira, Alda, Bella-Vista, etc.; *villas* Carmo, Palmyra [1], Nathalia, e ainda outras.

Segue-se Santo Antonio do Estoril, que é o mais antigo dos Estoris. Houve aqui um convento, e ainda subsiste a igreja, d'aquella invocação: já n'essa epoca teve fama a nascente que brotava, na cêrca, do fundo de um pôço.

O sr. José Vianna da Silva Carvalho mandou edificar, a pequena distancia do convento, um estabelecimento thermal, que é hoje destinado aos pobres, tendo mandado edificar mais recentemente outro, de maiores dimensões, e dotado de todos os apparelhos hydrotherapicos modernos.

Estas caldas teem applicação especial nas doenças de pelle (dermatoses).

Junto ao balneario foi plantada uma aprazivel matta.

Santo Antonio, que deu o primitivo nome ao logar por causa do convento, foi um pouco posto de parte, ingratamente: hoje ninguem diz senão — o Estoril, e esta povoação divide-se em tres partes: Estoril, Alto do Estoril e Costa do Estoril.

O primeiro edificador moderno no Estoril foi José Jorge de Andrade Torrezão (1869-1870), que construiu, junto ao convento, um *chalet* conhecido por — *Casa da serra*.

Muitos dos actuaes predios foram depois mandados edificar pelo sr. José Vianna, proprietario do estabelecimento thermal; mas ha grande numero de *chalets* de outros proprietarios.

Mencionaremos alguns d'estes *chalets*: No Estoril, os denominados Feliciana, Fer-

[1] Esta *villa*, bem como um *chalet* do mesmo nome, era do fallecido poeta Guilherme de Santa Rita.

nando, Queiroga, Adelaide, Marques, Eugenia, Silva, Guarany, Mascotte, Feliz Destino, Emiliano, Chantal, Luso, Torrezão, Margarida, Augusto Santos, Emilia Elvira, Forte, Mont'Alegre, Torreões, Vianna, e alguns sem nome, como o do sr. Schröter, actual ministro da fazenda; *villas* Castro, Reis, Florinda, Victoria, etc. No Alto do Estoril, *chalets* Gabriella, Maria, Virgilio, Rita, Zola, Rachel, Holtremann, Vicente, Olinda, Maria do Carmo, Fernando, Santo Antonio, Carmen, Umbelina, Bertha, Los Angelitos, Ferreira, Magdalena, Maria Eugenia, Noemia, Justina, Felix, Guiomar, Suisso, S. Pedro, etc. Na Costa do Estoril, varios predios do sr. Goulart Junior, que é tambem proprietario da Quinta de Santo Antonio, e alguns *chalets*.

Ha um *hotel — de Pariz*.

Segue-se outra estação do caminho de ferro e outra povoação — Mont'Estoril.

Ha aqui varios edificios distinctos, a saber: *chalets* Magdalena, Estephania, Albergue, Maria da Conceição, Rachel, Celeste, Pires, Antonieta, Mira Monte, Maria da Conceição, Maria Lima, Guarita, Maria do Rosario, Juvenalia, Cecilia, Maria Eugenia, Branca, Guilhermina, Laurinda, Mariana, Sophia, Maria da Luz, Maria Izabel, Emilia, Rosa, Manuela, Camelia, Margarida, Mathilde, Almeida Pinheiro, Lucia, Ernestina, Leonor, Lydia, Aduar, Aba Monte, *chalet* da rainha D. Maria Pia, palacios Barahona, Pomares, *chalets* do conde de Mangualde, de Marianno de Carvalho, etc.; tres bons *hoteis — d'Italie, Grand Hotel, Royal-Hotel*, bem como o Casino Internacional.

Traçaram-se avenidas e ruas, taes como: — Avenida Saboya, avenida S. Pedro, avenida das Acacias; ruas, dos Coqueiros, Conde de Moser, Espinho, Nice, Breigton, do Valle, da Boa Vista, etc.

O clima do Monte Estoril presta-se ao estabelecimento de «hortos coloniaes»: n'elle vegetam com facilidade as bananeiras, os maracujás, as cannas de assucar, as palmeiras e os lindos abacatis.

370—Santo Antonio do Estoril

Tanto o Estoril como o Mont'Estoril, com as suas edificações e jardins elegantes, as suas avenidas arborisadas, os seus ares saudaveis e o seu bello panorama maritimo, são realmente hoje uma formosa e animada estação de verão. Algumas familias, nacionaes e estrangeiras, vivem aqui todo o anno, por amor da benignidade da temperatura no inverno.

O caminho de ferro, ao passo que democratisou Cintra, apenas deu commodidade ao Estoril sem lhe roubar a nota *fashionable*.

Do Mont'Estoril a Cascaes, são dois passos.

O Parque Palmella, que era para assim dizer um ponto de transição, foi recentemente cortado por uma avenida, onde já estão levantados alguns *chalets* — de Rey Collaço, de Alberto Monteiro, etc.

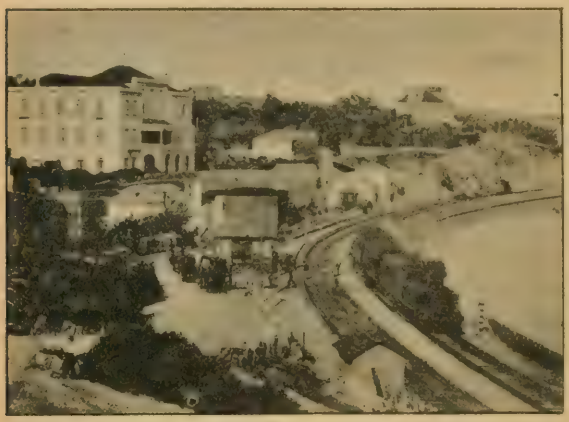
São guardas avançadas da villa de Cascaes, á beira-mar, os *chalets* dos duques de Palmella, dos marquezes do Fayal, do duque de Loulé, e o palacete do dr. Antonio de Lencastre.

Chegando á estação do caminho de ferro, seguimos para a villa pela linda Avenida Valbom, ladeada de bons predios, alguns d'elles *chalets* e, descendo-a, deixamos á di-

reita o Passeio do Visconde da Luz, muito abandonado, do qual distam pouco as grutas préhistoricas do Pôço Velho.

Depois, mettendo pela rua Visconde da Luz e Praça de D. Luiz, entramos na Avenida D. Carlos, cujo acclive nos conduz ao Passeio Maria Pia, sombreado de palmeiras, dominando toda a amplidão da bahia de Cascaes, e encostado ao muro da Cidadella (Paço Real).

Mas antes de subirmos ao bairro alto de Cascaes, dêmos uma rapida vista de olhos ao bairro baixo, que é a bem dizer o coração da Villa.



371—Mont'Estoril—Aspecto geral

Aqui ficam as duas praias de banhos, a Grande e a da Rainha, as lojas de commercio, os mercados, a Casa da Camara, em edificio privativo, com relogio e sineira; a estação telegraphica, a dos bombeiros voluntarios, o Club da Praia, com uma varanda de pedra sobre o mar, o Club Bahia, a repartição de fazenda e a administração do concelho, os hoteis Costa e do Globo (vulgarmente da Anna) etc.

Cascaes é hoje uma villa quasi completamente transformada. A sua antiguidade parece remontar ao tempo dos romanos, que lhe chamariam *Cascale*. (Se esta etymologia não servir, teremos ainda aquella operação a que os pescadores chamavam *encascar* as rêdes; e a forma do antigo castello, semelhante a um capacete, *casque*, pelo que certo escriptor estrangeiro chamou a Cascaes — *Cascay!*) El-rei D. Manuel deu-lhe foral, que existe ainda bem conservado. Tem paginas militares a historia antiga de Cascaes: no tempo do Prior do Crato, nas guerras da Restauração, nas luctas contra os francezes e nas campanhas da Liberdade.

Assim, pois, a villa manteve durante alguns seculos aquella dupla vida que naturalmente resultava da sua posição geographica — como fortificação maritima e colonia de homens do mar. D'estes, o mais notavel foi Affonso Sanches, navegador ousado e talvez inspirador de Christovam Colombo.

Creado o senhorio e marquezado de Cascaes, uma nova phase, de brilho e opulencia, irradiara do palacio senhorial para o ambito da povoação.

Mas o terremoto de 1755 deu em terra com a maior parte dos predios, incluindo esse palacio magnifico de que ainda é possivel encontrar hoje vestigios.

No espaço comprehendido entre a actual calçada da Assumpção e a Cidadella, ficava o antigo castello e dentro d'elle o paço dos senhores de Cascaes — esses famosos Castros em cujo brazão brilhavam seis arruellas, de que elles tanto se ufanavam sobre todos os outros Castros.

Quem gostar de contemplar pedras seculares póde observar, na muralha que corre a um dos lados da calçada, um persistente exemplar das seis arruellas dos Castros e tambem uma pequena setteira, que deveria servir para tiros de arcabuz.

Um arco aberto na muralha mostra ainda, na solidez e espessura, a sua antiguidade, sob a camada de tinta com que o modernisaram.

No predio n.º 26, da calçada d'Assumpção, ha uma porta e janella de vêrga recortada, que devem ter procedido dos escombros do paço.

Mais alguns annos volvidos e as arruellas e a setteira terão desapparecido talvez.

Escrevi no livro que se intitula *Sangue azul* a biographia d'aquelle dos Castros, condes de Monsanto, que foi primeiro marquez de Cascaes.

Era D. Alvaro Pires de Castro, um fidalgo espirituoso, do bom tempo em que os havia; sentencioso no falar, mordaz na satyra, mas sempre philosopho nos conceitos. Dizia verdades chistosas a toda a gente; até as disse a el-rei D. Affonso VI, atacando-o por balda certa.

Toda a gente sabe qual era a balda certa de Affonso VI: era justamente o que elle tinha de menos certo.

O amor foi na pessoa do primeiro marquez de Cascaes um habito refinadamente aristocratico, que fez d'elle um galanteador de salão, um gentil-homem prodigamente dissipador em aventuras de ante-salas realengas.

Indo a Pariz por embaixador, no tempo da Restauração, queimou incenso e dinheiro aos pés de Anna d'Austria, que era então uma viuva ainda fresca, de um *embonpoint* acirrante. Para a deslumbrar, deslumbrou Pariz. Depois teve um *flirt* dispendioso com a rainha de Inglaterra. Voltou a Portugal quasi arruinado, mas agora tem-se visto isso em fidalgos que no amor nunca subiram tão alto. Soube ser *galant'uomo* em todos os lances da sua vida — falando, gastando e amando. Teve graça, teve coração e teve dinheiro: hoje seria o primeiro fidalgo portuguez; n'aquelle tempo foi um dos primeiros.

A's vezes, como quem toma gosto a um assumpto, oiço rodar em Cascaes uma equipagem e volto-me sonhando que seja uma d'aquellas sumptuosas «carroças» doiradas que elle exhibiu em Pariz, deixando boquiabertos os parisienses do seculo XVII.

Nem se comprehende que o marquez de Cascaes sahisse á rua de outro modo na propria terra de que era senhor e onde tinha seus paços acastellados, com seis arruellas no brazão.

372—Outro aspecto do Mont'Estoril

Volto-me, sim, e logo se desfaz o sonho, porque vejo um *dog-cart* ou um *pháeton*, que não fazem senão pregoar o adelgaçamento da riqueza nas casas nobres. Tudo muito encolhido, agora.

Nas varandas do seu paço, sentir-se-hia bem o marquez de Cascaes, porque tinha deante de si o mar, de que elle procurava ser um simulacro na terra... pela grandeza dominadora.

Eram dois vizinhos dignos um do outro, que deviam dar-se os bons dias de igual para igual.

Mas de toda essa antiga pompa de Cascaes apenas restam as seis arruellas, a setteira, duas pedras lavradas e... o mar.

Esse é que ainda hoje é o mesmo.

A feição moderna da calçada d'Assumpção salienta-se n'uma taboleta, que annuncía a mais elegante das industrias locaes, a de guloseimas destinadas a lisonjear o paladar de pessoas finas, que só comem bolos, por não serem bastante nutritivas as flôres, de que por galanteria desejariam alimentar-se.

Diz a taboleta fielmente copiada:

ANTIGA CASA
FAS-TUDO
ESPECIALIDADE EM BOLOS
REAES, JUANNINHAS E AREIA,
E OUTRAS QUALIDADES DE DOCES

E' uma pequenina loja de confeiteiro, mas talvez o mais afreguezado e famoso estabelecimento commercial de Cascaes. Abre logo de manhã; fecha pela meia noite.

Dão accesso para elle alguns degraus de pedra, uma escadinha estreita, que tem sido pisada pelos mais delicados pés da aristocracia feminina.

A lista dos doces ali fabricados tem o que quer que seja de harmonioso com os vestigios heraldicos, que na muralha fronteira memoram ainda o esplendor do marquezado de Cascaes no seculo XVII.

E' toda uma nomenclatura freiratica, um vocabulario arrebicado de convento, segundo o estilo dengoso d'aquella época, em que o travesso Cupido punha o avental branco de mirmidão para servir gulosinas aos vates, nas grades dos mosteiros, como recompensa de insulsas toantes á castelhana.

Copio textualmente parte da lista:

Bolos seccos

De Amor—De Amendoa—De Areia—Argolas—Argolas d'Amendoa—Argolas Cobertas—Esquecidos—Testinhas—Figos de Chocolate—Joanninhas—Lacinhos—Marmellada Fina—Palitos—Palitos d'Amendoa—Palitos d'Oeiras—Suspiros—Torradinhas—Boking.

Doces finos para meza

Barriga de Freira—Arroz de Bom Bocado—Arroz Dôce—Bolo Real—Bolo Ingle—Dôce de Gilla—Fatias da China—Leite Creme—Pão de Ló—Pão de Ló d'Amendo—Pasteis de Marvão—Peixe Dôce—Queijinhos d'Ovos—Sopa de Borrachão—Sopa dourada—Toucinho do Céo—Lampreias d'Ovos.

Os alambicados diminutivos—*Testinhas*—*Joanninhas*—*Lacinhos*—*Torradinhas* sã linguagem propria do seculo mais freiratico que em Portugal tem havido. Cheiram convento de freiras, não porque o houvesse em Cascaes, mas porque d'esta villa foi se nhor um fidalgo que possuiu todos os defeitos e dotes do seu seculo, e que deixou tra dição local.

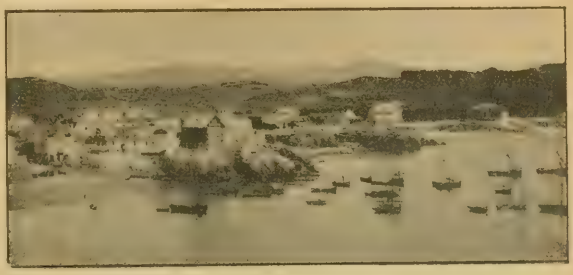
O bolo *d'areia* póde parecer ridiculo pelo nome, pois que no calão moderno—*arei*—significa toleima, mas não deixa de ser proprio de uma praia, onde, de mais a mai ha um pouco de isso...

Quanto aos bolos finos para mesa, a nossa curiosidade encalha logo no que se d nomina «barriga de freira». Comquanto ignoremos sua origem, tanto mais difficil de e contrar depois que não ha freiras, porque falta absolutamente o campo de observaçã

é certo, porém, que tambem rescende á gulodice galante dos conventos no seculo XVII.

Emfim, a calçada d'Assumpção, em Cascaes, se poucos vestigios archeologicos ainda conserva do tempo em que a villa foi marquezado e d'elle recebeu brilho e fama, tem na antiga casa *Faz-tudo* o que quer que seja de caracteristico d'essa epoca, de ucharia e galanteio, nas doces *Joanninhas* que se comem, nas *Testinhas* que se beijam e mordem, nos *Lacinhos* com que se enfeita o estomago, nas *Torradinhas* que dispensam manteiga, e nas *Barrigas de Freira* a que uma pessoa toma o gosto sem offender os canones.

Quando se sóbe para o largo da igreja matriz, e junto a elle, tornam a apparecer mais vestigios de muralha e um mirante, que está hoje branco como a cara enfarinhada de um palhaço, mas que talvez fosse outrora um cubêllo da fortaleza, que defendia os paços dos senhores de Cascaes.



373—Praia e vista de Cascaes

Nenhuma rua de Cascaes póde despertar mais interesse a um mysanthropo, como eu, do que a calçada d'Assumpção, que tem pedras e doces que falam do passado, de marquezes com marquezado territorial, de galanterias e bolos, de amores e conventos, finalmente, de freiras cuja belleza plastica ainda agora é celebrada em graciosos abdomens de assucar e amendoa.

Cada vez que subo ou desço a calçada d'Assumpção parece-me ter dentro da bocca um rebuçado. E' o seculo XVII.

Actualmente é conde de Cascaes o sr. D. Manuel Telles da Gama (Niza), descendente de Vasco da Gama.

Este titulo foi lhe concedido em 1897, com dispensa de direitos de mercê, votada pelo parlamento.

Como já vimos, a Cidadella actual nada tem do antigo castello de Cascaes, que talvez fosse romano; é uma fortaleza do tempo da Restauração, desde 1871 adaptada a residencia da Familia Real.

O seu quadrilatero interior contém uma vasta superficie de mais de mil metros quadrados.

Para elle dizem, de um lado, os quarteis, arrecadação, casa do governador da praça, e a ermida de Nossa Senhora da Victoria, etc.; do outro lado, uma das fachadas do palacio real.

E' na ermida que se venera a linda imagem de Santo Antonio, que em 1810, sobre uma mula branca, acompanhava como Protector o bravo regimento 19, e que os francezes aprisionaram, depois do que foi libertado n'um arranque de desespero por aquelle regimento.

O meu presado amigo sr. Escrivanis contou este successo na sua interessante brochura *Investigações historicas do regimento de infanteria n.º 19 e praça de Cascaes*, (Lisboa, 1900).

Esta monographia e os *Apontamentos para a historia da villa e concelho de Cascaes* pelo sr. Pedro Lourenço de Seixas Borges Barruncho (Lisboa, 1873), são excellentes subsidios para mais detido conhecimento dos assumptos por nós aqui esboçados.

Foi na Cidadella que falleceu el-rei D. Luiz no dia 19 de outubro de 1889. Para commemorar este acontecimento, erigiu se na avenida Vasco da Gama uma escola-monumento com o nome d'aquelle monarcha, e destinada ao sexo feminino.

Promoveu a sua fundação o sr. Jayme Arthur da Costa Pinto, [1] presidente da camara municipal de Cascaes.

A inauguração da *Escola D. Luiz I* realisou-se a 8 de novembro de 1903.

Quero ainda dizer que, n'um recinto a que dá accesso o Passeio «Maria Pia», funcciona o observatorio do marégrapho. [2]

E' no bairro alto que ficam, alem da Cidadella, a igreja parochial de Nossa Senhora d'Assumpção, com as paredes revestidas de azulejos e o tecto modernamente pintado por José Malhôa; a igreja e hospital da Misericordia; a praça Serpa Pinto com o seu lago e coreto; o *Sporting Club*, logar das reuniões elegantes; o theatro Gil Vicente, a escola Conde de Ferreira; a praça de touros, etc.

374—Cascaes—Casa O'Neill

Ha em Cascaes algumas edificações distinctas, taes como os palacios dos condes da Guarda e de Santar, na Praça D. Luiz e na rua Conde de Ferreira; os *chalets* da Avenida Valbom, da Avenida D. Carlos, os da Parada; especialmente em Santa Martha, a «casa minhota» do sr. conde de Arnoso, e o pittoresco *chateau* do sr. Jorge O'Neill; o *chalet* do sr. conde da Penha Longa e as suas moradas de casas; na estrada da Guia, o predio do sr. D. José Saldanha, etc.

Alem das avenidas, praças, e ruas já mencionadas, devemos fazer ainda referencia á Avenida Emigdio Navarro, rua Frederico Arouca, rua da Saudade, rua da Alfarrobeira, rua Affonso Sanches, praças D. Amelia e Costa Pinto, rua dos Navegantes, rua Freitas Reis, rua Correia Lacerda, rua Avellar Machado, etc.

A estrada da Bocca do Inferno é uma especie de *boulevard* por onde, nas tardes de verão, rodam muitos trens brazonados.

A *Bocca do Inferno*, a um kilometro da villa, faz lembrar uma cratera profunda e penhascosa, onde o mar penetra por uma abertura lateral, despedaçando se braviamente contra os rochedos do interior em occasiões de temporal.

Vista de cima da ponte produz uma vertigem de terror.

Parece que este boqueirão de aspecto sinistro proveio do desapparecimento, realisado pelas ondas, de um massiço de rocha eruptiva, que se achava introduzido nos calcareos urgonianos em que assenta a villa de Cascaes. [3]

E' arriscadissimo, quasi um suicidio, descer por as escadas abertas na rocha até á Pombeira Baixa. Comtudo algumas pessoas o teem feito, sendo victimas da sua temeridade. Uma d'ellas foi o subdito francez Paul Mejar, que por occasião do temporal de

[1] Recentemente fallecido, em janeiro de 1909.

[2] Encontra-se uma interessante descripção d'este marégrapho no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 14.ª serie, n.º 3 — Lisboa, 1895.

[3] Pereira de Sousa, na sua erudita monographia sobre os calcareos do districto de Lisboa.

fevereiro de 1904, ali desceu, sendo arrastado para o mar por um alteroso vagalhão.

O passeio da colonia aristocratica de Cascaes prolonga-se até ao Farol da Guia [1] e d'ahi até á Marinha, propriedade do sr. conde de Moser.

Outras pessoas preferem passear na estrada de Cintra ou da Malveira.

Cabo Raso fica a duas milhas do Farol da Guia, [2] e a pequena enseada da Maceira tem por limites as pontas pedregosas da Alpendrada e do Mexilhoeiro, havendo-se este ultimo local tornado celebre desde que a rainha D. Maria Pia ahi salvou a vida de seus filhos, prestes a afogarem-se.

Nos mezes de março a outubro funccionam algumas armações de pesca entre os Oitavos e a *Bocca do Inferno*.

Cascaes é, actualmente, a *praia da côrte*.

A situação não póde ser mais bella, em verdade. Basta o soberbo espectaculo da bahia. A temperatura é moderada e a agua, canalisada dos mananciaes da serra de Cintra, é fornecida nos domicilios por torneiras de contador.

375—Bahia de Cascaes

Mas falta á povoação não só a grandeza principesca, como ainda o conforto elegante. Até lhe falta um *hotel* grandioso, comquanto já se pensasse em construir um com o titulo de *Splendid Hotel*.

A vida é monotona para os que não pertencem á côrte; e, além de monotona, é cara, tanto mais que a praia está muito longe de ser o que Biarritz e Trouville são para a França, Brighton e Hastings para a Inglaterra, Ostende para a Belgica e San Sebastían para a Hespanha.

Uma forte nortada açoita a povoação nos mezes de agosto e setembro, chegando, alguns dias, a impedir que se possa passear.

Um adagio topico diz: «Uma vez a Cascaes e nunca mais.» Para mim, basta a justifical-o a monotonia e a nortada.

A freguezia de Cascaes tem hoje uma população de 3:745 almas. E o concelho, que pertence ao districto de Lisboa, comprehende além, de Carcavellos, mais as freguezias de S. Vicente de Alcabideche e S. Domingos de Rana, com uma população total de 9:981 habitantes.

S. Vicente de Alcabideche, [3] freguezia quasi tão populosa como a de Cascaes, tem o seu logar principal a 6 kilometros d'esta villa.

---

[1] No momento em que escrevemos, projecta-se continuar a estrada marginal do Farol da Guia até á praia do Guincho.

[2] A posição de Cabo Raso é propriamente a noroeste de Cascaes. Fica assim explicada com maior rigor geographico a expressão por nós empregada no 1.º vol.: ao norte de Cascaes.

Os Oitavos assentam entre Cascaes e Cabo Raso

[3] Este vocabulo, segundo Frei João de Sousa, significa encontro em logar apertado.

Como em Almoçageme no concelho de Cintra, faz-se em Alcabideche, na festa do Espirito Santo, a coroação do *Imperador*, figura tradicional cujas funcções apenas acabam depois da procissão recolher.

Comprehende esta freguezia varios outros logares, entre os quaes a Galliza, povoação procurada por alguns veraneantes e que se avista de S. João do Estoril; Manique de Baixo, onde, na capella do palacio do marquez das Minas, é venerada com grande devoção uma mumia, a que os habitantes dão o nome de *Santa Agathaméra ou Cathaméra*.

Completa-se o concelho de Cascaes com a freguezia de S. Domingos de Rana, cuja igreja parochial, situada no viso de um monte, é melhor que a de Alcabideche, e possue dois quadros de Pedro Alexandrino, *A Ceia* e *Nossa Senhora dando o rosario a S. Domingos*.

Entre os logares que compõem esta freguezia de 2:677 habitantes, conta-se o Murtal, que tambem se avista de S. João do Estoril.

O concelho de Cascaes, sob o ponto de vista economico, recommenda-se principalmente pelas vinhas de Carcavellos, pelas nascentes dos Estoris, pela industria da pesca e pelas pedreiras de marmore.

Ha n'elle uma fabrica de conserva de peixe e uma *Empresa mechanica de cantarias e marmores portuguezés*.

Com a resenha dos concelhos de Oeiras e Cascaes fica integrada, ao sul, a zona de installação na região dos saloios, ainda hoje bem caracterisada, principalmente dentro das povoações campestres, pela resistente permanencia do typo primitivo, pelos usos e costumes da vida agricola, e pela nomenclatura de alguns logares e casaes.

III — Da Outra Banda á enseada de Sines

XIV

Seixal

villa do Seixal, cabeça do concelho d'este nome, está situada na margem esquerda do Tejo, defronte do bairro oriental de Lisboa, junto de uma enseada que se bifurca para suéste até encontrar as aguas do rio Judeu e para noroéste até expirar em Corroios.

Toda a freguezia, cujo orago é Nossa Senhora da Conceição, conta actualmente pouco mais de dous mil habitantes.

A villa foi outrora uma nobre estação de verão, de que ainda restam vestigios em muitas quintas, hoje democratisadas em suas tradições locaes pela invasão da industria moderna, a saber: o fabrico de cortumes e de sabão e a amplitude da sécca do bacalhau.

Agora é uma villa modesta, fundamentalmente uma colonia de pescadores, sendo pobres e acanhadas a maior parte das casas, e pouco limpas as ruas.

Julio Cesar Machado escreveu: «O Seixal, de fóra, é bonito; já hão de ter reparado que todas as terras que são feias por dentro, são bonitas por fóra: tal uso authorisa esta localidade a ser por dentro o mais feia que uma terra póde, sem esforço, conseguir ser. Tão fresco é o aspecto da chegada, quando se avistam as casinhas brancas do logar como banhando-se no rio guardadas pelos pinhaes que as coroam, e estendendo-se ao longo da praia como uma fila de namoradas a animarem os pescadores, e logo tão árida a segunda impressão quando se entra no logar e se avistam aquellas ruellas de uma regularidade ambiciosa, que affecta de logarejo grave e dá apenas a idéa de um burro de selim!»

Isto era escripto ha quasi meio seculo. Entretanto o Seixal tem melhorado um pouco, e já hoje possue um caes moderno e amplo.

De Lisboa vê-se alvejar ao longe a povoação, que melhor se distingue de bordo dos vapores que navegam, ao serviço dos caminhos de ferro de sul e suéste, entre o Terreiro do Paço e o Barreiro.

Mas, ao longe ou ao perto, a apparencia d'esta colmeia piscatoria revela a humildade da maior parte das nossas povoações ribeirinhas.

Durante os invernos calamitosos um sopro de miseria parece arripiar toda esta pequena villa: é que os pescadores do Seixal não podem então ir ao mar e matam o tempo algarviando ociosos na taberna ou contemplando, desconsolados, a braveza do Tejo.

Em contraposição com a villa, a freguezia não é pobre e todo o concelho é rico, não só pela actividade industrial das suas fabricas, que são muitas, como tambem pela fertilidade do terreno, que produz bom vinho, excellentes fructas e optimos legumes.

Os vastos pinheiraes, que rodeam todo o concelho, fornecem abundante lenha.

Esta pequena villa do Seixal suggere-me uma recordação longinqua, que não deixa de me ser agradavelmente saudosa.

No tempo de Fontes Pereira de Mello, e em occasião de se ferir uma renhida pugna eleitoral no circulo de Almada, Jayme Arthur da Costa Pinto, então candidato regenerador, julgou conveniente á sua causa levar em passeio politico ao Seixal não só o chefe, mas tambem alguns magnates d'aquelle partido.

Fontes ia acompanhado por Andrade Corvo, Rodrigues Sampaio, Pedro Correa, e não sei quem mais, além do candidato.

Pedro Correa, proprietario e director do *Diario Illustrado*, o jornal regenerador que mais intransigentemente florescia n'essa epoca, convidou-me a acompanhal-o na qualidade de redactor que então era do seu jornal.

E aqui está a razão por que eu, apenas estreante na politica, me encontrei fazendo parte d'esse olympo fluctuante que atravessou o Tejo em direcção ao Seixal, n'um lindo dia de sol claro, em que até os sorrisos da natureza pareciam querer honrar a viagem dos deuses da Regeneração, glorificando-a.

Jupiter-Fontes com toda a sua comitiva desembarcou no Seixal ao som do hymno de el-rei D. Luiz e de girandolas de foguetes.

Os pescadores, com os seus fatos domingueiros, olhavam n'um spasmo de admiração boçal para todo esse pomposo grupo de invasores, entre os quaes uma só pessoa quereriam distinguir e reconhecer: Fontes Pereira de Mello.

N'aquelle tempo, Fontes era o estadista portuguez mais em evidencia, quer estivesse no governo ou na opposição.

O povo não o conhecia mas ouvia falar d'elle a toda a hora, em bem e em mal, como sendo o mais poderoso dono do paiz.

De modo que o povo divinisava-o vendo n'elle uma potestade nacional, que regulava o bom e o mau tempo, que dava a chuva e o sol, que lançava tributos e construia caminhos de ferro, que fazia desperdicios e estradas, que por um lado tirava fiscalmente a pelle aos pobres e por outro lado lhes proporcionava trabalho bizarramente.

Era, pois, de prevêr que os pescadores do Seixal quizessem aproveitar a occasião de contemplar de perto o grande homem crendo-o fautor das pescas abundantes e dos invernos calamitosos, da alegria ou da tristeza, da fartura ou da miseria dos seus lares e familias.

E então, para saciar uma legitima curiosidade e para aplacar a colera do Jupiter omnipotente, por toda a parte o seguiram no Seixal, acotovelando-se, premindo-se, atropelando se, arregalando os olhos e gritando, carapuça na mão: «E' aquelle! é o Fontes! O diabo do homem! Viva! viva!»

E viram-n'o muito bem visto, de frente e de costas, de perfil e a tres quartos, e não sei se o beliscariam para certificarem-se de que elle era de carne e osso como os outros homens.

Viram-n'o muito bem visto, durante toda a marcha triumphal através da villa, até ao momento em que todo aquelle famoso olympo ambulatorio deu fundo na casa (supponho que era a escola) onde foi servido um *lunch* opiparo.

N'estas occasiões todos os *lunchs* são adjectivamente opiparos; mas aquelle em ver-

dade o era: *lunch* para deuses regeneradores servido pelo Ferrari, que foi durante muitos annos o nobre pasteleiro de todas as grandes pessoas e grandes solemnidades.

Comeu-se bem, bebeu-se melhor, fizeram-se muitos brindes pondo Jayme Arthur da Costa Pinto no sette-estrello, o que aliás não era favor desmedido, porque elle, pela sua altura colossal, estava mais proximo do céo que da terra.

Mas na occasião dos brindes passei eu pelo quarto de hora de Rabelais.

Houve não sei quem que se lembrou de fazer um brinde á imprensa.

Rodrigues Sampaio, que escrevia a primor e falava com difficuldade, disse logo apesar de ser o decano do jornalismo lisbonense, que não «abria bico». «Os meninos que deem descanso aos velhos, falando por elles». Foram expressões suas, proferidas com aquella patriarchal mansidão, que lhe dulcificava a physionomia e as palavras.

376—Palacio da Quinta da Amora

Pedro Correa, chefe de jornal, teria ali o segundo logar como jornalista depois de Sampaio.

Mas, sendo um conversador tão infatigavel como brilhante, tinha horror ao discurso rhetorico e academico, ao discurso regulado pelo compendio do padre Cardoso desde o exordio até á peroração.

E, como eu fosse seu subalterno no *Diario Illustrado*, em voz alta delegou em mim imperativamente o encargo de responder ao brinde.

Levantei-me atordoado como se entrasse em fogo pela primeira vez. Tremiam-me as pernas. Jámais a palavra falada me pareceu tão difficil de attingir nos jogos floraes da eloquencia banal e ostentosa, da grande gala tropologica e hyperbolica.

Uma vez em face do perigo, como o soldado que sente o cheiro da polvora, ganhei coragem e comecei a sacar do meu espirito, á laia de pedrinhas coloridas para fazer um embrechado vistoso, emissões retumbantes de substantivos, adjectivos e verbos.

Que encantadora que é a palavra singela, espontanea e familiar, com que os homens exprimem habitualmente as suas idéas e sentimentos! e que balofa semsaboria a palavra composta, medida, falseada que se arredonda e assopra nos *speechs*, nos *toasts*, nas allocuções tradicionalmente convencionaes e esforçadamente artificiosas!

Foi a primeira vez que falei em publico, a primeira vez que me atirei á oratoria

repolhuda e farfalhante, de mais a mais na presença do grande Fontes e outras summidades graudas da politica d'aquella epoca.

Pedro Correa, sempre fidalgamente generoso, dizia-me no momento de embarcarmos para Lisboa:

— Você hoje adeantou muito.

Quanto elle se enganava magnanimamente!

Falar em publico foi sempre para mim uma necessidade gravosa, nunca um pretencioso luxo do espirito.

Comecei assim... no Seixal. Assim hei de acabar em qualquer parte.

Mas não me posso esquecer de que foi n'esta branca e pequena villa da margem esquerda do Tejo que eu pela primeira vez tive de dizer estas duas terriveis palavras, que são como que a locomotiva que ha de arrastar um sonoroso discurso obrigatorio: «Meus senhores».

Seixal! tu foste o estreito berço da minha eloquencia mallograda.

Na villa ha uma escola Conde de Ferreira, um theatrinho e duas philarmonicas, uma Timbre Seixalense (*os franceses*), outra União Seixalense (*os prussianos*), ambas as quaes, sem embargo da sua rivalidade—que pelo menos antonomasticamente data do tempo da guerra franco-prussiana—concorrem a abrilhantar os antigos festejos com que o Seixal celebra a véspera e o dia de S. Pedro.

No anno de 1903 sei eu que os *prussianos* tocavam na Praça Luiz de Camões, e os *francezes* no largo da Igreja.

Pois que vem a proposito, direi os nomes de outras praças—Martyres da Patria e Restauradores—bem como os de algumas ruas: Infante D. Henrique, Infante D. Manuel, Principe da Beira, etc.

As repartições publicas, incluindo o tribunal, estão reunidas n'um só edificio.

Ha na villa uma associação de soccorros mutuos, denominada «Progresso Humanitario» e uma corporação de bombeiros voluntarios.

No dia 27 de maio de 1907 celebrou-se no Seixal a «festa da arvore escolar», primeira festa d'este genero realisada no nosso paiz.

Começou a solemnidade no edificio da escola Conde de Ferreira, que estava lindamente engalanada. Ahi, depois de exposto pelo presidente da assemblea o objecto da reunião, e a sua alta significação moral, poz-se em marcha o luzido e numeroso prestito, composto de professores, alumnos de ambos os sexos, de convidados, de curiosos e da banda da Sociedade União Seixalense.

Demos agora a palavra ao *Diario de Noticias* para descrever o ponto culminante d'esta sympathica festa escolar:

«Chegado o cortejo á Praça Luiz de Camões, formam as creanças de cada uma das escolas officiaes da villa, junto do recinto destinado á plantação da sua arvore, começando-se pela que é destinada ás meninas. A illustre professora D. Marianna Esteves convida a sua alumna Adelaide Barreiros a approximar-se, entregando-lhe a planta —uma «casuarina», offerecida á commissão para este acto pelo illustre professor, reitor do lyceu de Lisboa, a S. Domingos, sr. dr. Ruy Palhinha; o sr. Borges Grainha, dirigindo á plantadora as suas instrucções, esta procede á plantação auxiliada pelo sr. Miguel Lopes, que a convite da commissão preparou o terreno, e pelo empregado da camara sr. José Maria, mais conhecido pelo José Talim. Seguiram-se muitas creanças a deitar cada uma a sua pásada de terra, acto que commoveu os circumstantes a tal ponto, que muitos choravam de alegria, por tal acto ser revestido de tanta solemnidade e encanto. Do mesmo modo se procedeu com a plantação feita pela escola dos meninos, entregando a professora sr.ª D. Julia Pinto outra «casuarina» ao menino Adelino Mendes Junior. Pelo sr. José Eugenio da Silva foi offerecida á commissão uma placa com-

memorativa, que foi collocada no gradeamento que guarnece a arvore escolar, e tambem uns cartões allusivos ao acto.»

O cortejo regressou á escola Conde de Ferreira, onde foram pronunciados varios discursos allusivos á cerimonia que tinha sido realisada.

Na igreja parochial fizeram-se obras de reparação em 1904.

Comprehende a freguezia do Seixal algumas quintas dignas de menção, como por exemplo a da D. Anna, d'onde se gosa um panorama bello, a da Trindade, que foi durante muitos annos habitada por João Burnay e a de D. Maria, onde funcciona uma das fabricas de cortumes.

Tambem n'esta freguezia está comprehendido o logar da Azinheira, onde existe, como dependencia do Arsenal de Marinha, um deposito de material naval.

Sendo o terreno arido, havia muita falta de agua potavel para consumo dos empregados do deposito. Ultimamente, porém, em junho de 1904, depois de longas pesquisas, descobriu-se uma nascente, sufficientemente copiosa.

Além de cabeça de concelho, a villa do Seixal é cabeça de uma comarca de 3.ª classe.

O concelho tem 6.779 habitantes de ambos os sexos, pertence ao districto administrativo de Lisboa, e é constituido por mais tres freguezias, que são: Amora, Arrentella e Paio Pires.

AMORA

Esta freguezia, que tem por orago Nossa Senhora do Monte Sião, e 2.103 habitantes, é banhada por uma bifurcação do Tejo, que vae terminar a noroéste no logar de Corroios.

Como a Arrentella, sua proxima vizinha, deve á industria a prosperidade de que actualmente gosa. Já em 1862 ali estava estabelecida uma fabrica de moagem e descasque de arroz; depois tambem se fundou a fabrica da Companhia de Vidros da Amora, que dá trabalho a 232 operarios.

Hoje, além d'esta fabrica, ha uma de tecidos (firma Rosado & Rosinha) que produz chailes de lã e seda; e outra de polvora, no logar de Val de Milhaço.

A freguezia está disseminada por uma area de meia légua de norte a sul, e outro tanto de léste o oéste.

Ha aqui uma linda quinta de recreio, que pertenceu á infanta D. Izabel Maria, filha de D. João VI e que actualmente é propriedade dos herdeiros do infante D. Augusto.

Tem palacio com dois pavimentos; e um grande lago com uma ilha ao meio.

Fica esta propriedade a noroéste da freguezia, para as bandas de Corroios.

Os operarios da Companhia de Vidros organisaram uma philarmonica, e teem uma caixa de auxilio mutuo, que foi inaugurada em 3 de outubro de 1905.

Vai crear-se uma escola parochial para o sexo feminino.

Ultimamente, por subscripção publica, erigiu-se no largo da Praia um corêto.

Costumam ser muito pomposas as festas da Amora em honra do seu orago, cuja imagem, segundo se diz, veio do reino de Sião, d'onde a trouxeram alguns marinheiros da carreira da India.

Estes lhe edificaram uma ermida, que depois foi augmentada e erigida em parochia.

O templo, recentemente restaurado, fica em Amora de Cima.

Conduz a elle um caminho que, a partir da rua Conselheiro Antonio Borja, é de areia.

Depois segue-se uma escada pela qual se sobe ao recinto do templo.

O dia da festa é aquelle em que o povo gosta de levar á pia do baptismo os seus filhos recemnascidos.

Pertence á freguezia da Amora o logar de Corroios, que é uma pequena povoação, de meia duzia de casas. Teve outrora um templo, de que apenas restam hoje as ruinas do campanario.

Fica este logar a tres kilometros de Almada e a elle se chega pela estrada real que vai da Cova da Piedade a Cezimbra, cortando em grande parte os extensos pinheiraes da Tapada do Alfeite, Varejeira, etc., e passando pelos logares das Barrocas e Santo Amaro até Corroios.

Aqui termina a quinta do Alfeite, cujo extremo tem o nome de Rouxinol, e ha a

377—O Moinho de Corroios

quinta da Bomba, que pertence á Tapada Real, bem como a quinta do Castello, propriedade da viuva de Domingos Affonso.

O Tejo fórma em Corroios varias caldeiras, uma das quaes alimenta um moinho que se recomenda pela sua situação e aspecto pinturescos.

Este moinho é movido pela agua que se junta na maré enchente, na caldeira maior, e que, depois de fechada a porta ou «adufa», na vasante, passando através dos arcos onde estão collocadas as azenhas, as faz girar.

Em Corroios celebram-se grandes festejos em honra de Santa Martha.

ARRENTELLA

A freguezia d'este nome — orago Nossa Senhora da Consolação — fica fronteira á da Amora, de que está separada pela bifurcação do Tejo.

Por ser logar abundante de aguas, e de facil accesso á navegação fluvial, no principio do seculo XIX estabeleceu ali André Durrieu, francez de nação, um lavadouro de lãs, que foi alargando em área por aforamento aos frades do Carmo.

O governo, em 1831, transaccionou com Durrieu e adquiriu os predios e terrenos com o proposito de os destinar a uma fabrica de mantas para o exercito.

Esta fabrica durou poucos annos, e foi depois vendida a João Rodrigues Blanco, que a apropriou a outra de estamparia de algodões.

Finalmente, tendo Blanco decahido da prosperidade que a sua industria chegou a lograr, esteve a fabrica fechada durante alguns annos, até que em 1855 Julio Caldas Aulete formou uma parceria mercantil para ali fundar uma fabrica de lanificios com a capital de 160:000$000 réis.

Feitas as necessarias obras, começou a nova fabrica a funccionar em 1858 e logo no primeiro anno de exploração produziu 10.650 metros de pannos pretos, azues e mesclas.

Em 1861 foi a parceria da Arrentella transformada em companhia e o seu capital elevado a 200:000$000 réis.

As lãs que a fabrica tem consumido desde o principio são as do termo de Lisboa, Alemtejo, Hespanha, Allemanha e Buenos Ayres.

A laboração occupa actualmente 420 operarios.

Foi, pois, a industria que deu valor e prosperidade ao logar da Arrentella, facultando trabalho diario aos seus habitantes de ambos os sexos.

Comquanto a freguezia tenha hoje 1:440 moradores, não é conhecida senão pela circumstancia, para ella feliz, de se haver ali estabelecido a fabrica de lanificios.

Ha n'esta freguezia duas philarmonicas: uma denominada Real Sociedade Fabril Arrentellense, e outra, Real Sociedade Philarmonica Honra e Gloria, que tem sido protegida pelo abastado proprietario Frederico de Pinho e Sousa, cujo retrato adorna a séde d'esta sociedade.

Actualmente trata-se de crear uma escola para o sexo feminino na freguezia da Arrentella.

ALDEA DE PAIO PIRES

Esta freguezia fica a suéste da cabeça do concelho e ao norte da Arrentella.

Orago, Nossa Senhora da Annunciação. População, 1.027 habitantes.

A Aldea de Paio Pires anda celebrada n'um sentido depreciativo, como typo de povoação ignara.

Isto não passa de chalaça de litteratos e periodiqueiros, como logo veremos.

A freguezia começa no sitio chamado Portinho, logar de desembarque.

A povoação assenta sobre um alto, que olha de léste para oéste.

Os seus habitantes entregam-se á lavoira e, quanto a illustração, decerto que se não propõem a ser socios da Academia Real das Scienctas, o que talvez pudessem fazer sem desdouro para outros academicos. Mas não se fie o leitor no que chalaceam escrevedores graciosos quanto a citarem Paio Pires como terra improgressiva. Ha ali uma escola do sexo masculino, com a frequencia de 50 alumnos; e está pedida a creação de outra para o sexo feminino. Como se vê, a instrucção publica vae mettendo dente na fama bronca da Aldea de Paio Pires, disposta a roel-a para definitivamente acabar com a lenda. E a educativa arte da musica já tambem, de par com a escola primaria, penetrou em Paio Pires onde faz ouvir suas melodias a *Sociedade Philarmonica Capricho Aldeense.*

No tocante a industria, igualmente progride esta calumniada localidade, pois que possue duas fabricas, uma de massas alimenticias, outra de tijolo.

De mais a mais, se a tradição é verdadeira, Paio Pires tem uma origem illustre que a nobilita desde seculos: diz-se que foi fundada por D. Payo Peres Correa, o famoso fronteiro-mór, cujos appellidos se corromperiam em Paio Pires.

Sendo assim, ainda ha mais que louvar n'esta povoação, porque muitos Pires burguezes do nosso tempo teem pretendido entronear-se em Payo Peres, e ella, que descende de Payo Peres, deixou-se democratisar modestamente em Paio Pires.

A's minhas recordações politicas da villa do Seixal liga-se mais uma razão de especial sympathia por todo o concelho do mesmo nome.

As instituições musicaes, escolares ou mutualistas n'elle existentes realisam annualmente em Lisboa espectaculos cujo producto reforça os seus cofres.

O theatro escolhido é sempre a Trindade, e o aspecto d'esses espectaculos tem um picante interesse ethnographico.

Assiste toda a respectiva população, que um vapor afretado traz e leva na mesma noite. Nos camarotes empoleiram-se grupos de familias numerosas; nas varandas e platea não cabe uma agulha. Fala-se em voz alta de um logar para outro: os seixalenses estão ali em sua casa ou, melhor ainda, na sua terra. O enthusiasmo é delirante de patriotismo quando a philarmonica local toca no palco o hymno da associação e quando o mestre da banda executa um solo de cornetim ou trombone. Os bravos retumbam, as palmas estralam, os olhos chispam, as faces estremecem, o pescoço distende-se, o peito dilata-se, e todos esses bons seixalenses dão á languida Lisboa um forte exemplo de solidariedade patriotica e de amor e fé pela sua terra — tamanha fé e tão pequena terra que puderam encher um theatro.

XV

Almada

BAIXO de Achbuna [1], na margem opposta da bahia do Tejo, via-se o forte de Al-maaden (Almada), isto é, da mina, nome que lhe vinha das palhetas de ouro, que o rôlo do mar lançava nas suas praias, e que se entretinham em ajuntar durante o inverno os habitantes d'aquelles districtos». [2]

Herculano acceita, pois, quanto á etymologia de — Almada — a opinião de Frei João de Sousa [3], que entende que — Almada — vem de «Almadán», e significa «Forte da mina».

Bluteau e Frei Luiz de Sousa dão á palavra origem ingleza, o que, em verdade, parece menos provavel.

Mas Herculano refere-se apenas ás palhetas de ouro que o rio depunha na praia, e isto não justifica a denominação de — Forte *da Mina.*

A verdade é que na região comprehendida entre Almada e a Costa de Caparica existiam as celebres minas de ouro chamadas — da Adiça. O sabio mineralogista José Bonifacio testemunhou ter visto na Torre do Tombo uma longa serie de cartas de confirmação passadas em favor dos mineiros da Adiça pelos nossos reis desde o principio da monarchia até ao reinado de D. João III. Este monarcha fez doação d'aquellas minas a um tal Antonio da Fonseca. [4]

Ainda hoje, na Costa de Caparica, certo local conserva o nome de *Mina do Ouro.*

A existencia da mina na região em que sobresai a villa de Almada é que justifica a denominação de — Forte da mina — dada pelos mussulmanos ao castello.

A situação de todo o concelho d'Almada, na margem esquerda do Tejo, é das mais pittorescas em povoações da Extremadura, tanto na parte que fica fronteira a Lisboa,

---

[1] Lisboa.

[2] A. Herculano, *Hist. de Port.*, tomo I, liv. II.

[3] *Vestigios da lingua arabica.*

[4] Veja-se a este respeito a interessante nota de Innocencio Francisco da Silva no tomo II, pag. 293, das *Maravilhas do genio do homem*, Lisboa, 1863.

desde o limite do concelho do Seixal até á ponta da costa da Trafaria, como na parte montuosa de Caparica que domina ao ocidente o oceano e comprehende a vasta curva de praia que vai desde aquella ponta até entestar com as primeiras penedias do Espichel.

Esta zona maritima é geral e singelamente designada — *Costa*.

A villa d'Almada, assente n'um planalto, para o qual se vai subindo desde o caes de Cacilhas, corôa nobremente o territorio do concelho.

O seu antigo castello mourisco, conquistado pelos inglezes que auxiliaram Affonso Henriques no cerco de Lisboa, e que Sancho I entregou á ordem de Santiago, já não existe; foi substituido pelo actual, que se encontra em ruinas, d'onde se avista um amplo e magnifico panorama desde Belem até Alcochête.

378—O pontal de Cacilhas

Seria dentro do castello o paço real onde passou alguns dias Filippe II de Hespanha e I de Portugal, que a elle se referia n'uma carta dizendo: tengo una posada muy bonita, aunque pequeña?

O sr. conde de Sabugosa suppõe que serviria de paço, desde D. João II, alguma morada de casas que a rainha D. Leonor tivesse herdado de sua mãe. [1]

A historia militar do concelho de Almada, nos tempos christãos, começa, como vimos, no principio da monarchia com a tomada do castello aos mussulmanos, feito de armas em que os inglezes collaboraram, «se não foram elles exclusivamente que intentaram e concluiram esta empresa.» [2]

No tempo do Mestre de Aviz, Nun'Alvares realisou uma arrojada sortida contra o castello de Almada, que os castelhanos occupavam, e que tão affrontosa foi para elles.

Com razão dizia o rei de Castella ao fronteiro de Almada:

— Vir-vos um escudeiro de cinco rocins fazer tal baldão!

Ao que o fronteiro, ainda mal reposto do susto, respondeu:

— E assim o dizeis vós, senhor! pois agradecei a Deus, e a este rio (Tejo), que está entre vós e elle; se este mar não fosse aqui, vos viria buscar onde estaes.» [3]

No tempo das campanhas da liberdade, ficou memoranda a marcha do duque da Terceira desde o Algarve até á Outra Banda, onde encontrou e derrotou os quatro mil homens de Telles Jordão.

Este famoso caudilho miguelista foi esquartejado e enterrado na praia de Cacilhas, deixando-se-lhe um dedo de fóra para ser visto e escarnecido.

Os liberaes, soldados e populares, cantavam em triumpho:

Já morreu Telles Jordão.
Nas profundas do inferno
Os diabos lá disseram:
«Temos carne p'r'o inverno» [4]

[1] No livro *Embrechados*, 1908.

[2] Alex. Herc., *Hist. de Port.*, tomo I, liv. II.

[3] Fernam Lopes, *Chron. d'elrei D. João I*, cap. CXLVII.

[4] O coronel Romão José Soares, commandante de caçadores 2, que se distinguiu na derrota de Telles Jordão, foi agraciado em 1835 com o titulo de barão de Cacilhas.

Já antes, em 1824, houvera um conde de Cacilhas: foi sir Eduardo Thornton, agraciado por D. João VI com este titulo em tres vidas.

Cacilhas é o principal porto do concelho de Almada, que aliás tem outros; mas por este se faz a communicação fluvial de passageiros entre a villa e a capital; ao seu caes atracam os vapores da carreira, em que nós, o leitor e eu, viemos agora para fazer esta excursão de recreio.

Unicamente a titulo de curiosidade mythologica diremos que Antonio de Sousa de Macedo, no canto V do seu fabuloso poema *Ulyssipo* [1], attribue a etymologia de Cacilhas ao nome de Cassillia, mulher de Gorgoris e mãe de Calypso, a qual n'este logar quizera ser sepultada:

No monte que mais alto se levanta
Na enseada do Oceano, por onde
Movendo o Tejo a cristalina planta
No mar as aguas, não a fama, esconde;
Por onde me ha de entrar ventura tanta
(Se aos astros o successo corresponde)
Sepultem minhas cinzas; que aly quero
Dos fados esperar o bem que quero.

Com esta e outras abstrusas phantasias urdiu o erudito seiscentista meu patricio todo o seu poema.

Logo que chegamos a Cacilhas, encontramos no caes e no Largo Costa Pinto, onde se levanta um chafariz, alguns grupos de catraeiros, de maritimos; alguns trens de praça e, em concorrencia com elles, quatro ou cinco burriqueiros, que nos offerecem transporte.

O burro de Cacilhas tem fama; é tão forte como o do Egypto e talvez seja superior ao de Cintra... pelo menos na celebridade.

No burro ou no trem podemos subir logo para Almada, seguindo pelo arruamento de Cacilhas, ou dirigirmo-nos para a Cova da Piedade e Alfeite, que ficam a pequena distancia de Cacilhas, para o sul.

379—Cacilhas—Largo Costa Pinto

Parece razoavel tomar desde já esta ultima resolução, pois que o proprio contorno da margem nos está guiando para a enseada da Cova da Piedade, que se recurva na extremidade do pontal de Cacilhas.

Pelo caminho irei contando que todos os annos, no 1.º de novembro, se faz em Cacilhas uma procissão commemorativa do terremoto de 1755 e do auxilio com que Nossa Senhora acudiu aos habitantes d'esta povoação, por onde as aguas do Tejo entraram temerosamente.

Deixamos á esquerda o logar de Margueira, com os seus depositos de carvão e as suas fabricas de cortiça, o de Mutella, tambem industrial, e o Caramujo, onde funcciona uma grande fabrica de moagem; vamos direitos á Cova da Piedade, sitio aprazivel onde veraneam algumas familias, em casas modestas, porque os melhores edificios são a residencia do sr. Antonio José Gomes, dono da fabrica do Caramujo e a de seu filho.

[2] Pag. 101-102.

Tem a Cova da Piedade um lindo Jardim Publico, como o não ha em muitas villas importantes, e uma philarmonica Sociedade União Artista Piedense, que costuma ir tocar no coreto d'aquelle jardim.

Possue tambem um theatrinho, um *restaurant* campestre na Quinta dos Frades, e uma escola sustentada pelo sr. Gomes, já nomeado, sendo os alumnos fornecidos de uniforme escolar pelo mesmo benemerito industrial.

No ultimo domingo de agosto faz-se n'esta localidade uma festa com arraial em honra de Nossa Senhora.

N'outro tempo houve aqui um *hotel*; e um semanario intitulado *Correio da Piedade*, que era impresso em Lisboa, e apenas durou de agosto a setembro de 1884.

Da Cova da Piedade seguimos para o Alfeite a visitar a quinta e palacio real.

Esta propriedade tem uma historia complicada, mas bastará dizermos que andou na Casa das Rainhas e, como tal, pertenceu a D. Leonor Telles, que a doou a David Negro; que, no tempo de D. João I, ao cabo de uma longa demanda, a possuiu Nun'Alvares Pereira; que D. Pedro II a comprou e encorporou na Casa do Infantado; e que, extincta em 1834 esta casa, foi a quinta destinada para recreio dos reis de Portugal

O sr. D. Pedro V mandou construir desde os alicerces o palacio actual.

Tem este edificio rés do chão e primeiro andar, com uma varanda ao centro, que forma o peristylo.

A quinta é vasta, pois que chega até defronte do Seixal; comprehende pinhal, matta e vinhas; no jardim do palacio aclimam-se algumas fructas dos tropicos, taes como ananazes e bananas.

El-rei D. Pedro V e a rainha Dona Estephania gostavam muito do sitio do Alfeite.

E agora retrocedamos para subir á villa de Almada, deixando para mais tarde o registo das povoações que ficam á beira do rio, no sopé do monte.

A villa de Almada é a séde da freguezia do seu nome, a qual tem por orago Santiago, e uma população de 7.913 habitantes; tambem é séde de um concelho que pertence ao districto administrativo de Lisboa, e de uma comarca de 3.ª classe.

Outrora foi nobre esta villa, que os reis frequentavam. Fernam Lopes conta que, vindo de Almada para Lisboa D. Pedro I, os cidadãos e os mestéres o esperavam na ribeira da cidade com danças e trebelhos, e que o rei, quando desembarcava do seu batel, tomava parte na folia e assim iam todos seguindo até ao paço. Havia palacios fidalgos, como por exemplo o de Manuel de Sousa Coutinho [1], que preferiu incendial-o a cedel-o aos governadores que regiam o reino em nome de Filippe II de Hespanha, e que por occasião da peste em 1598, querendo refugiar-se ali, intimaram o proprietario para despejo.

Tambem parece que D. João de Portugal, que tinha bens e casas na Outra-Banda, possuia em Almada um palacio, no qual se passam os ultimos actos do *Frei Luiz de Sousa*, como o 1.º se passa no palacio de Manuel de Sousa Coutinho.

Agora que o primeiro d'estes palacios tivesse communicação com a igreja e convento de S. Paulo, foi sómente, como Garrett confessa, «probabilidade poetica ou dramatica.»

O convento, que era da ordem de S. Domingos, ficava ao occidente da povoação, e já não existe, mas ainda é lembrado pelo nome do Campo de S. Paulo. [2] A respectiva igreja foi restaurada modernamente. A casa e quinta, chamadas da cêrca, pertencem hoje ao sr. Theotonio Pereira.

---

[1] Não se sabe ao certo onde. O sr. conde de Sabugosa conjectura que seria na rua Direita (*Embrechados*).

[2] N'este campo esteve a praça de touros, que um incendio destruiu.

O cemiterio da freguezia de Almada fica junto ao Campo de S. Paulo.

Perto do castello estende-se uma alameda, com seu corêto para musica, porque a villa tem duas philarmonicas — Incrivel Almadense e Sociedade Recreativa Familiar Almadense.

A igreja parochial de Santiago fica ao pé da alameda.

Como edificio, o da Misericordia é o mais antigo de Almada, pois data do seculo XVI.

A casa da camara, de regular apparencia, tem uma torre de relogio, a qual domina todo o burgo e se vê perfeitamente de Lisboa.

Séde de comarca, anima-se a villa com o expediente dos negocios judiciaes.

Ha tres associações de soccorros mutuos — Primeiro de dezembro, Artistas alma-

380 — Almada — Vista geral

denses e Monte-pio de Nossa Senhora do Rosario; uma cooperativa de consumo — 1.º de Janeiro; e sociedades de recreio com philarmonica e sem ella.

Tambem ha escolas para ambos os sexos, sendo uma Conde de Ferreira.

As classes laboriosas do concelho fazem-se sentir como elemento activo na villa. Uma d'ellas, para defender os seus interesses, iniciou a publicação de um periodico: *O Corticeiro*.

As festas do S. João em Almada gosam de reputação antiga.

Alem das solemnidades religiosas celebradas na igreja de Santiago [1], ha arraial na alameda do Castello e bailaricos no pateo da quinta da Ramalha, que fica entre a villa e o Pragal.

O povo, quando á noite regressa d'esta quinta, costuma dirigir-se para a villa em marcha *aux flambeaux*.

No tempo em que havia praça de touros, ia muita gente de Lisboa assistir á tourada, que tambem era do estilo effectuar-se na villa.

Por signal que este divertimento corria quasi sempre accidentado de episodios tumultuosos. Alguns annos ferveu rija pancadaria entre os espectadores.

---

[1] Na procissão o andor do Santo vai da igreja para a quinta da Ramalha, onde a imagem entra de costas (na capella da quinta) em virtude de um costume antigo.

Tambem é costume o proprietario da quinta offerecer, á chegada, vinho e refrescos aos romeiros. O Santo permanece alli durante a noite.

Almada tem contribuido para o movimento jornalistico de Portugal, e já de longa data.

Anacleto da Silva Moraes, auctor do poema heroi-comico *A Malhoada*, redigiu uma folha periodica — *Gazeta d'Almada* — em 1808.

Alem do *Correio da Piedade*, a que tivemos occasião de referirmo-nos, sabemos ter havido em Almada um jornal em que escreviam Eduardo Tavares, Nicolau de Brito, Manuel Roussado e Julio Cesar Machado. [1] Intitulava-se *O Almadense*.

De outros periodicos farei menção, a saber: *Clamor de Almada*, revista noticiosa, commercial, etc. Começou em julho de 1879 e durou alguns annos. Impresso em Lisboa — *Ecco de Almada*, revista semanal. Começou em agosto de 1879. Impresso em Almada — *O Sul do Tejo*. Novembro de 1883 — *O Rabicho*, jornal satyrico-burlesco. Novembro de 1886 — O *circulo n.º 78*, orgão do partido progressista do concelho de Almada. Maio de 1887 — *O Liberal*, cuja data não posso mencionar, mas que já deixou de existir — O *Puritano*. Começou a 17 de outubro de 1889 e ainda dura.

Podemos seguir da villa de Almada para a freguezia de Caparica, a qual completa o concelho.

A distancia não excederá seis kilometros, e temos estrada-real.

E' verdade que da freguezia de Almada ainda nos ficam á beira do Tejo dois logares, rio abaixo: a Fonte da Pipa e o Olho de Boi. São logares onde não ha povoação agglomerada, e por isso lhe faremos ligeira referencia cá do alto de Almada. A Fonte da Pipa apenas se recommenda por sua excellente agua potavel, de que os navios se abastecem. Foi esta agua que, em 1833, durante o cerco dos miguelistas a Lisboa, matou a sêde aos alfacinhas, os quaes mandavam buscal-a em barcaças. O Olho de Boi é o logar do matadouro. Uma calçada communica Almada com a Fonte da Pipa.

A freguezia de Nossa Senhora do Monte de Caparica tem uma população de 8.081 habitantes.

A parte alta d'esta freguezia é propriamente o *Monte*.

Em baixo, á margem do Tejo ficam Porto Brandão, o Lazareto e a Trafaria, que lhe pertencem; e, dobrada a ponta do Bugio, na direcção oéste-sudoéste, desenrola-se a Costa de Caparica, praia extensa e accidentada.

Seguindo, pois, da villa de Almada para o Monte passamos pelo logar de Morfacem e por Costas do Cão, onde Urbano de Castro veraneou alguns annos, attraído pela vizinhança de Bulhão Pato, que vive logo adeante, na Torre.

Sobre o nome — Caparica — ha duas lendas locaes. Diz uma que morrendo aqui um velho, deixára a sua capa a Nossa Senhora do Monte então venerada n'uma singela ermida; pareceu risivel o legado, mas reconheceu-se que estavam cosidos á capa muitos e bellos dobrões de ouro. Diz outra que os antigos habitantes do logar offereceram á imagem, por subscripção, uma capa rica, e que d'aqui veio o dizer-se Caparica. [2]

---

[1] *Claudio*, 2.ª edição, pag. 126.

[2] Sousa Viterbo conta que para a capella de Nossa Senhora do Rosario, d'esta igreja, executou em 1627 o pintor Domingos Vieira um retabulo em que se via ao meio um nicho e que se compunha de mais quatro paineis, n'um dos quaes estava Nossa Senhora da Conceição, ladeada por S Thomaz e o dr. Escold, de cujas boccas sahiam rotulos com palavras que se julgou contrariarem a pureza da orthodoxia. O caso foi levado ao tribunal do Santo Officio, que mandou tirar informação pelo padre Jorge Cabral, da Companhia de Jesus. Este effectivamente, em parecer de 19 de setembro de 1634, confirmou as suspeitas. Parece que houve immediato procedimento, porquanto, n'uma especie de attestado de 24 de setembro do mesmo anno, certificava o padre Antonio Luiz, natural e morador na freguezia de Caparica, que vira raspadas as duas figuras e respectivos rotulos, que tanto haviam escandalisado os fieis. A imagem da Senhora permanecia.

O que é certo é que a ermida cresceu em capella e depois em templo, fundado, ao que parece, nos fins do seculo XVI.

O 1.º conde de Caparica foi o pae do ultimo marquez de Vallada, e o filho d'este é actualmente o 2.º conde.

O Monte, com magnifica vista de terra e mar, tem um theatrinho denominado — Garrett — e alguns estabelecimentos commerciaes, sendo um d'elles bom.

E' aqui no Monte, no sitio denominado «a Torre», que vive, ha muitos annos, o illustre poeta Bulhão Pato, habitando parte de um predio, que elle mesmo descreveu n'esta quadra:

A casita é confortavel,
Com dois palmos de quintal;
Porém tem vista agradavel,
Que abraça do monte ao val

281—Casa occupada por Bulhão Pato (a contar da 5.ª janella á esquerda) no Monte de Caparica, logar da Torre

Caparica, nos seus aspectos campestres e nos seus aspectos maritimos, deve a Bulhão Pato essas deliciosas aguarellas metrificadas, que constituem o *Livro do Monte*.

Se descermos para a Costa, pela Charneca, ainda o nome do illustre poeta da *Paquita* não poderá esquecer-nos.

O pinhal d'El-rei, perto do Monte,
Corre ao longo da Costa. Na invernia,
Quando as nuvens lhe achatam o horisonte,
E lhe sacode o sul a ramaria,
A' resaca do mar junta os gemidos!

Ulula, range, estrala, grita, implora!

A Costa de Caparica é propriamente a parte da costa meridional, que principia na casaria dos pescadores e termina na lagôa de Albufeira.

Esta lagôa, já o dissemos, fica 6 milhas ao norte do pharol do Espichel, e tem de comprimento cerca de 2 milhas.

Ramalho Ortigão descreve-a fielmente, dizendo: «A paizagem é de uma grande melancolia sympathica, de um encanto profundamente penetrante. A agua tranquilla da grande lagôa, o aspero aspecto da charneca, a grande solidão, a planice, o profundo silencio, infundem uma pacificação e um sentimento de serenidade ineffavel.» [1]

Junto á lagôa, que pertence á Casa Real, ha um modesto predio, de um só pavimento ao rés do chão, onde os reis costumam descansar quando ali vão entreter-se na pesca ou na caça, o que D. Pedro V muitas vezes fez.

Este mallogrado principe revelou sempre predilecções de solitario, e assim não só passeava como particular nos suburbios da capital, como tambem frequentava os logares da Outra-Banda, taes como Alfeite, Trafaria, Lagôa, etc.

Parece que foi depois de um passeio á Trafaria com el-rei, em julho de 1859, que

[1] *As praias de Portugal*, pag. 113

a rainha D. Estephania sentiu aggravar-se um padecimento de garganta, de que já tivera o primeiro rebate, dias antes, ao regressarem de uma excursão a Vendas Novas.

A angina declarou-se com aspecto grave, os recursos então conhecidos da medicina foram empregados — infelizmente ainda n'essa epoca não estava descoberto o sôro anti-dyphterico — e a rainha falleceu no dia 17, em plena primavera da vida e da formosura.

Era um coração para a terra e um espirito para o Céo, disse com razão D. Pedro V.

No reinado do sr. D. Luiz I realisaram-se na Lagoa algumas apparatosas caçadas reaes, em bateiras, sendo uma no mez de dezembro de 1867. Para recolher os convidados, que eram muitos, tornou-se preciso armar barracas. A familia real — el-rei, a rainha D. Maria Pia e o infante D. Augusto — desembarcou em Porto Brandão, e ali tomou carruagens, que a conduziram até Albufeira. Alem dos dignitarios de serviço, acompanharam a familia real os duques de Palmella, os condes de Ficalho, a condessa de Sousa, o ministro da Russia, etc.

A Costa de Caparica foi sempre um grande viveiro de pescadores de differentes regiões do paiz e até de pessoas mais ou menos suspeitas, que se baralhavam com elles, e ali procuravam refugio.

Dizia-se que um criminoso qualquer, como lograsse chegar á Costa são e salvo, já não tinha mais que recear.

A vastidão da Costa, as suas differenças de nivel por causa das dunas, a vizinhança dos pinhaes, a propria rudeza e valentia dos pescadores, que mais quereriam respeitar a hospitalidade do que proteger o crime, mas que emfim eram muitos e estavam ali como em sua casa, faziam que nem sequer se pensasse em ir lá procurar delinquente algum.

Ainda hoje por ali demoram pessoas que ninguem sabe d'onde vieram, e de que os mesmos pescadores desconfiam, pois que as vigiam attentamente em certas occasiões, sobretudo, ao arrastar das rêdes para terra, pois que então apparecem muitos adjuvantes suspeitos.

D'elles, os que o podem fazer, roubam as sardinhas por um processo interessante: deitam-n'as disfarçadamente para o chão, enterram-n'as com os pés na areia e depois, quando os pescadores se retiram, vão desenterral-as.

E' da Costa que parte para as povoações da Outra Banda, e para as ruas de Lisboa, a tréfega legião das «mulheres da sardinha», cujo vibrante pregão corta o ar como um clarim: — Viva da costa!

Aqui nos acode mais uma vez Bulhão Pato com uma das suas felizes aguarellas, que diz melhor do que o pudéramos fazer em prosa:

Com a sardinha, empilhada,
Inda saltando vivaz,
Vem de cestinha avergada;
E lá de baixo, da praia,
E sobe a pino o almaraz;[1]
Mas nem por sombras cançada!

Faz vista de nova a saia,
Córada ao sol e puxada!
Descalça—o pé regular,
E brunido pela areia
D'essas arribas do mar.

Não se pode chamar feia.
Descaída e longa a trança;
Affrontada de calor,
O lencito desatado;
E os beiços com tanta côr,
Como a d'um cravo encarnado!

A mocidade é uma flor!

Magrinha—mas que vigor
No seu passo de balança!...
E, para apressar os passos,
São duas azas os braços!

A venda deve ser boa,
Que ha muito que o mar não dá.
Com que alvoroço apregoa:
«Sardinha frêsca!... frês-quiá!...»

[1] Designação popular dos montes da Outra Banda que vão do Pontal de Cacilhas até á Trafaria.

Assim como no pregão das ruas do Porto toda a sardinha é «d'Espinho», no das ruas de Lisboa toda a sardinha é «da Costa», embora ás vezes não seja nem da Costa nem de Espinho.

Ha na costa de Caparica quatro principaes donos de armações de pesca e algumas lojas de commercio, especialisando se a que se denomina *Flor da Costa*.

Os pescadores viviam miseravelmente no areal de Caparica em antigos casebres, cuja cobertura era apenas de colmo.

Um dia, nem essas mesmas pobres cabanas lhes puderam continuar a dar abrigo, porque um violento incendio as devorou rapidamente.

Era Jayme Arthur da Costa Pinto deputado pelo circulo de Almada. Tratou logo de organisar uma commissão que chamou a si o encargo de angariar donativos em Portugal e Brazil para edificar na costa de Caparica um bairro piscatorio.

Querer é poder, e Costa Pinto foi d'estes homens bons que não querem senão o bem.

Vieram donativos, e o bairro fez-se, e lá está, tendo capacidade para abrigar mais de cem familias nas suas claras e arejadas casinhas feitas de madeira e adobe.

Uma capella, construida na mesma epoca, permitte realisarem-se na Costa os actos religiosos de que em geral os pescadores tão devotos são.

O cemiterio fica ao nascente da localidade.

Tambem Costa Pinto, guiado pelas indicações technicas do mallogrado agronomo Henrique Mendia e protegido pelo governo, conseguiu fixar pela arborisação uma parte das dunas de Caparica e em maior extensão as da Trafaria, bem como estabelecer uma valla de drenagem para enxugar o pantano, que se estendia do Tejo ao oceano.

382—Almada—Igreja de Santiago

A 6 kilometros da Costa fica o lindo logar de Val de Rosal, onde os jesuitas possuem uma casa e quinta, que em 1568 eram propriedade do collegio de Santo Antão e que em 1889 foram adquiridas por compra que d'ellas fez o padre Cruz, então provincial da Companhia.

N'esta casa estiveram os 40 martyres do Brazil, entre os quaes avultou a grande figura evangelica do beato Ignacio de Azevedo, e ainda ali se conservam objectos que recordam essa epoca.

Algumas divisões interiores do edificio conservam o aspecto antigo; a capellinha, essa, é que soffreu modificações.

Os padres da Companhia vão, por turnos, passar as ferias do verão no Rosal.

O mar é, em certas occasiões, muito perigoso na Costa. Ainda na manhã de 23 de setembro de 1908 ali morreu afogado um alumno da Escola Academica de Lisboa, quando tomava banho; e um professor e um empregado da mesma escola, que o quizeram salvar, tiveram a mesma sorte.

Da Costa de Caparica ha estrada para a Trafaria, e aqui vamos nós agora para esta praia, que é onde melhor se pòde assignalar a acção beneficiente do antigo deputado Costa Pinto na fixação das areias pelo desenvolvimento da vegetação do penisco.

O certo é que hoje a praia da Trafaria é já encimada por uma ampla matta, e que o seu pantano de agua mixta, que occupava uma área de 8 kilometros, foi esgotado, com o que tambem Lisboa lucrou, pois que as chamadas «febres do Aterro» parece que provinham d'aquelle pantano quando soprava o vento do respectivo quadrante. [1]

A Trafaria, comquanto seja uma povoação irregular, tem algumas ruas direitas, taes como as do Alecrim e dos Valentes; bem como um largo de S. Pedro, onde está situada a capella da invocação do mesmo santo, e onde ha um corêto para a Real Fanfarra Trafariense.

A estrada da Costa, construida em 1888, vem dar a este largo.

As casas em geral são terreas e pequenas, com excepção dos predios modernamente mandados edificar pelos srs. coronel Chaves d'Aguiar e Antonio Marques de Freitas.

A praia de banhos é boa, está abrigada do norte e a agua é limpa. As barracas são de madeira, e ha duas pontes de desembarque, uma para os vapores da Parceria Lisbonense, cujas carreiras começam em 1 de julho e findam em 31 de outubro, e outra para serviço exclusivo dos fortes.

Estes são os de Alpena, infante D. Manuel, Rapozeira e Cotovia, cuja guarnição é constituida pelo grupo de artilharia n.º 4, na força de 12 officiaes, 15 sargentos e 200 praças.

Os fortes são servidos por uma estrada militar privativa, que desemboca ao sul da povoação, onde se acha construido o quartel, inaugurado em 23 de janeiro de 1903, e que é a melhor installação que no genero possuimos, postoque ainda esteja incompleto.

Junto á ponte dos vapores ha um telheiro que serve para arrecadação das galeotas reaes, e o antigo presidio que está sendo adaptado a prisão militar naval.

Foi no antigo presidio que em 1810 falleceu o poeta Domingos Maximiano Torres, o qual ali esteve encarcerado como *jacobino*.

Funccionam na Trafaria duas fabricas: uma de dynamite fundada em 1873 e que occupa 25 operarios; outra de conserva de peixe fundada em 1885, e n'esta trabalham 12 homens.

A Trafaria tem uma associação de soccorros mutuos, creada em 1900, e intitulada de — S. Pedro.

A população normal compõe-se de pescadores, havendo entre elles 24 donos de barcos de pesca. Na epoca de banhos estabelecem-se na Trafaria muitas familias de Lisboa. Ali veranearam durante alguns annos dois escriptores portuguezes — Luiz Augusto Palmeirim e Ramalho Ortigão. Recentemente a Sociedade Cooperativa Trafaria construiu um casino, cuja sala de baile foi inaugurada no verão de 1906. N'esta mesma sala foi montado um palco. A Sociedade teve em 1908 uma receita de 1.339$745 réis, e já despendeu nas obras do club 5.910$970 réis.

A esta praia concorrem annualmente as creanças protegidas pela Assistencia Nacional aos Tuberculosos.

---

[1] Discurso de Costa Pinto na camara dos deputados, sessão de 27 de março de 1901.

E o Real Gymnasio Club tem ali aberta, durante a estação balnear, uma escola de natação.

As solemnidades religiosas que se celebram na Trafaria são a festa de S. Pedro, a procissão dos Passos e a da Senhora da Conceição em 15 de setembro.

São dignas de menção nos arredores d'esta praia as quintas de Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Monte do Carmo e da Corvina.

Ha na povoação alguns estabelecimentos commerciaes, sendo os melhores os de Manuel Henriques e José Antonio da Rocha.

O *fac-totum* da Trafaria, com quem todos os banhistas se entendem, é o banheiro Antonio Maria da Rocha, por alcunha o Hersent.

383—O Castello de Almada

A povoação tem escola de instrucção primaria, uma estação telegrapho-postal e um posto de fiscalisação.

Ha um restaurante — de Alves Ramos.

No sitio da Trafaria mandou o cardeal D. Henrique fundar um lazareto por alvará de 7 d'agosto de 1565.

O logar escolhido era uma terra que pertencia a Gaspar da Rua.

No reinado de D. João V, precedendo consulta do senado da camara de Lisboa, foi ordenado que se ampliasse o recinto do lazareto por decreto de 19 de novembro de 1711.

Esta ordem não teve logo effeito, e por isso o decreto de 9 de dezembro de 1713 a renovou.

O forte da Trafaria já desde o tempo de D. Pedro II servia para se armazenarem n'elle as mercadorias em quarentena.

O serviço de desinfecção, que consistia no assoalhamento das mercadorias, era

desempenhado pelos officiaes da saude do porto de Belem, e custeado pela municipalidade, que para esse fim tinha receita propria. [1]

Foi em 1815 que o lazareto passou da Trafaria para a Torre Velha de S. Sebastião de Caparica. Esta torre tinha servido de cadeia: n'ella esteve encarcerado durante doze annos o illustre escriptor D. Francisco Manuel de Mello. [2]

Faltavam-lhe condições de capacidade para as mercadorias e bagagens, e de commodidade para os passageiros.

Havia por isso repetidas queixas, na sua maior parte justificadas.

Foi em virtude d'ellas que o governo mandou proceder ao estudo e expropriações para o novo Lazareto, o qual começou a funccionar em abril de 1859, no edificio que se levanta hoje, sobre a margem do Tejo, entre a Trafaria e Porto Brandão.

Por vezes appareciam ainda algumas queixas nos jornaes, mas os medicos extrangeiros, que vieram ao congresso de Lisboa em 1906, visitaram o Lazareto e foram concordes em elogiar a organisação dos nossos serviços quarentenarios.

Ultimamente, porém, só vão para o Lazareto os passageiros doentes; os outros e as suas bagagens teem livre pratica mediante prévia desinfecção no posto para esse fim existente na margem direita do Tejo, junto á Rocha do Conde de Obidos.

Resta-nos falar de Porto Brandão, que fica em frente de Belem, e que não é mais do que uma rua com algumas casas de regular apparencia.

Tem o logar uma capella de Nossa Senhora do Bom Successo, á qual fez valiosos donativos el-rei D. Pedro V. Todos os annos ha festa e arraial em honra d'esta imagem, muito querida na povoação, onde os catraeiros abundam.

Ahi por 1867 ainda se construiam embarcações no estaleiro de Porto Brandão. Actualmente funcciona uma doca junto á margem do rio.

Ramalho Ortigão nota uma circumstancia favoravel a esta localidade: é ter arvores, coisa rara nas vizinhanças.

Em 1884 foi concedido o titulo de conde de Porto-Brandão a Thomaz da Silva Brandão, natural de Villa Nova de Gaya, que foi um dos janotas dos tempos romanticos da Foz, e que depois de casado veio residir para Lisboa, na Junqueira.

O concelho de Almada, com uma população total de 15.994 habitantes, é hoje vitalisado industrialmente por grande numero de fabricas, sendo as mais importantes:

Moagem: A. J. Gomes & Com.ta, successores da Viuva de Manuel José Gomes & Filhos, Caramujo.

Cortiças: William Rankin & Sons, Outeiro, Caramujo; Villarinho & Sobrinho, Caramujo; John Wilson, Caramujo; Henrique Bucknal & Sons Limited, Margueira; Bucknal & Scholtz, Margueira; Symington & C.a, Rua das Terras, Cacilhas; Hilario Rodriguez Piló & Hijo, Margueira; Pedro Fernandes, Caramujo; Antonio Vicente Padrão Junior, Successores, Caramujo; Joaquim José Correia, Caldeiras, Piedade; Augusto Antonio dos Santos, Caldeiras, Piedade; José & Arthur Antão, Ponte do Caramujo; José Alves da Silva, Mutella; Borrego & Irmão, Mutella.

Cal: Viuva Ferreira & F.os, Successores, Mutella; Manuel Francisco Junior, Ginjal.

Ceramica (*telha e tijolos*): Empreza Nacional de Ceramica, Palença (depositario José Moreira Ratto & F.os); Bernardino da Costa, Arrabida.

Oleo de linhaça: Macedo & Coelho, Palença.

Dynamite: Director Jean Faber, Trafaria (agente Lima Mayer & C.a).

---

[1] *Elem. para a Hist. do Municipio de Lisboa*, tomo X, pag. 490 e 570.

[2] Sobre os motivos da prisão de D. Francisco Manuel veja-se o prefacio-biographico na edição da *Carta de guia de casados* publicada por Camillo Castello Branco no Porto, em 1873.

Sob o ponto de vista agricola, produz vinho e fructas, sendo muito afamados os seus figos vindimos.

Julio Cesar Machado, n'uma pagina da *Lisboa na rua*, refere-se a estes famosos figos brancos e ás suas vendedeiras:

«Nunca encontraram, á hora do desembarque, as mulheres dos figos?

«Veem, ainda fusque fusque, da Outrabanda, no primeiro bote de carreira, com os seus grandes cestos. Apparecem no caes de Cacilhas de noite ainda, e vão ellas proprias muitas vezes accordar os barqueiros e avisal-os de que já se avista a manhã.

«São, em geral, raparigas fortes, esbeltas; um pouco *ariscas*, como dizem, os saloios, da terra que é secca e solta. Debalde os barqueiros se estafam em finezas e lhes juram emquanto remam que depois de acabar a lua são ellas a estrella d'alva: nem lhes dão um sorriso, nem um figo. Essa mesma rebeldia os seduz, e ainda mais porfiam em

384—Almada—Rua Direita e Casa da Camara

as alcançar, esperando-as sem somno á hora em que ellas voltam da Sobreda, do Monte, de Caparica, de Valmourellos».

Todo o concelho de Almada tem abundancia de caça, peixe e gado.

Agora, uma rapida menção nobliarchica:

O 1.º conde de Almada foi D. Fernando de Almada, filho do 2.º casamento do famoso cavalleiro D. Alvaro Vaz de Almada, e tambem conde de Avranches em Inglaterra como seu pae.

Depois, em 1793, o mesmo titulo foi renovado na pessoa de D. Lourenço José Boaventura de Almada, e seguiu nos seus descendentes.

Duas referencias litterarias:

Em Almada falleceram os nossos escriptores Diogo de Paiva de Andrade (sobrinho) e Fernam Mendes Pinto, a quem a posteridade tem feito completa —mas tardia—justiça.

O sr. Joaquim Duarte Vieira escreveu e publicou uma monographia sobre a *Villa e termo de Almada*.

A Outra-Banda, especialmente o concelho de Almada, muito terá a lucrar economicamente com o desenvolvimento da viação accelerada (troço do Barreiro a Cacilhas, troço do Seixal ou Barreiro a Azeitão e Cezimbra) e, sobretudo, com a possivel transferencia do Arsenal de Marinha para a margem esquerda do Tejo.

A idea d'este segundo melhoramento que, a realisar-se, terá de ser dispendioso e demorado, é já hoje antiga, data de 1875, epoca em que se elaboraram os primeiros projectos.

Em 1890 a mesma dea resurgiu nas estações officiaes, e em 1895 procedeu-se a

novos estudos, sem que aliás fosse adoptada em qualquer das tres epocas uma resolução definitiva.

Mas a área insufficiente do actual Arsenal, que é apenas de 7 hectares, e a necessidade de desembaraçar a margem direita do Tejo, tanto para o prolongamento da avenida projectada como para maior desafogo do transito entre o Aterro e o Terreiro do Paço, fazem prever que n'um periodo mais ou menos proximo a Outra-Banda e Lisboa serão effectivamente dotadas com as vantagens d'aquelle grande melhoramento material.

Quando isso acontecer, o nosso capitulo *Almada* terá envelhecido em parte, pois que o aspecto da Outra-Banda será outro, muito mais corado e vivo. Não queremos, porem, deixar de prevel-o e de esboçar na mente o que virá a ser essa futura installação do Arsenal com os seus molhes, diques, officinas e estaleiros em constante laboração, com os longos pennachos de fumo das suas fornalhas e caldeiras desplumando-se ao vento sobre o Tejo — deante dos olhos dos lisboetas, que hoje, pode dizer-se, apenas conhecem do Arsenal o portão de ferro. [1]

---

[1] Ultimamente, março de 1909, o ministro da marinha, sr. Antonio Cabral, parece haver tomado a peito a transferencia do Arsenal para a margem esquerda. Mas agora os ministros duram ainda menos do que as rosas...

XVI

Cezimbra[1]

Costa de Caparica termina, como sabemos, duas milhas ao norte do Cabo Espichel.

As penedias vão tomando relevo até que o Espichel nos apparece saliente e alto, quasi talhado a pique, mas achatado no cume.

Este cabo, a que os antigos deram o nome de *Promontorio Barbarico* e tambem o de *Finis terrae*, tem pelo lado sul uma côr avermelhada.

E' sobre elle que se erguem a ermida edificada no local onde a tradição diz ter apparecido a Imagem da Senhora do Cabo; o famoso templo com suas vastas edificações e amplissimo terreiro; o pharol, 600 metros ao sul d'aquella ermida; e a estação semaphorica, situada a éste do cabo.

Estamos no limite occidental do concelho de Cezimbra e achamo-nos no extremo sudoéste da serra da Arrabida, que outra coisa não é o Cabo Espichel.

Este concelho, cuja extensão de norte a sul é de 16 kilometros e de nascente a poente 13, confina ao norte com os de Almada e Seixal e ao nascente com o de Setubal.

Pelo sul e oéste contorna-o o oceano.

Sobre o modo como appareceu a imagem da Senhora do Cabo correm duas versões: uma diz que apparecêra logo no planalto, outra que apparecêra na praia e que posta maravilhosamente no dorso de uma jumentinha por mysteriosa mão, fôra assim conduzida, rocha acima, até ao planalto.

Tambem ha duas variantes sobre quem foi que primeiro encontrou a imagem: conta uma terem sido uns pobres homens do sitio de Caparica, os quaes iam á serra cortar lenha; outra que foram um velho de Alcabideche e uma velha de Caparica, que, orientados pela claridade que viam sobre o Cabo, para ali se dirigiram, chegando a mulher primeiro, porque o velho adormeceu no caminho. [2]

---

[1] A orthographia antiga era *Sesimbra*, da baixa latinidade: *Sisimbria*, ou *Sisinbria*.

[2] Sobre a apparição da imagem veja-se o livro: *Memoria da prodigiosa imagem da Senhora do Cabo; descripção do triumfo com que os Festeiros, e mais Povo de Bemfica, a conduzirão á sua Parochia em 1816, para a festejarem em 1817*, etc., por Frei Claudio da Conceição—Lisboa, na Impressão Regia. Anno 1817.

Parece que a primeira ermidinha da Senhora fôra entretecida de alecrim, e depois se edificára de pedra e cal.

As esmolas dos romeiros, a devoção dos cirios, os donativos dos reis, e principalmente a fama dos milagres da Senhora do Cabo fizeram que no decurso de trezentos annos fosse possivel erigir-se o magestoso templo actual.

Está elle situado ao fundo de um amplo terreiro, a que o povo chama «o arraial».

Tem duas torres e tres portas e sobre a cimalha um nicho com a imagem da Senhora, em marmore.

No interior revestem-n'o marmores da Arrabida, branco e preto. O tecto foi pintado por Lourenço da Cunha. O guarda-vento é de madeira do Brazil. E, alem do altar-mór, ha dez lateraes.

385—Registo de Nossa Senhora do Cabo

Entrou a imagem n'esta sua nova casa no anno de 1707. A apparição parece que se terá realisado na éra de 1400.

A imagem é de pé e muito perfeita. Tem o Menino no braço esquerdo, e com a mão o une ao peito; com o outro braço segura o manto.

Possue ricas alfaias, e um dos seus mantos foi bordado pela rainha D. Maria I.

Em 1428, Diogo Mendes de Vasconcellos, proprietario da antiga ermida, doou-a aos dominicanos de Bemfica, que a abandonaram em razão da aspereza do clima. Depois passou a administração para a camara de Cezimbra, começando então o cirio do termo de Lisboa, chamado dos *saloios*. Em 1550 o duque de Aveiro pediu licença para ir caçar n'aquelles arredores, e agradando-se do sitio conseguiu encorporal-o na sua casa, ficando desde então a ermida isenta de direitos parochiaes.

Ha outra imagem de Nossa Senhora do Cabo, que é a que anda no giro dos cirios, como acontece com a da Nazareth.

Ao sul e norte do templo correm extensas edificações, dependencias suas, na maior parte hospedarias para os romeiros.

Estas edificações são de um só pavimento erguido sobre arcaria, a qual permitte chegar-se de um e outro lado até á igreja a coberto do sol.

Ha uma alameda com cinco ruas orladas de arvoredo, a cuja sombra os romeiros costumam fazer suas danças e descantes. No topo da rua central uma escadaria conduz á «casa da agua» ou tanque d'onde sae a agua para o chafariz.

Os cirios, com as suas bandeiras e anjos, entram no arraial, a que dão tres voltas. No adro, os anjos recitam as lôas, algumas das quaes teem sido compostas por illustres poetas: João de Deus [1] e Bulhão Pato [2], por exemplo.

El-rei D. José, a rainha D. Maria I e D. João VI assistiram ás festas do Cabo.

---

[1] *Campo de flores* (1900), pag. 230.

[2] *Livro do Monte* (1896), pag. 205.

Fóra do «arraial» ha um theatro, que funcciona todos os annos [1].

Sigamos do Cabo para a villa de Cezimbra, cabeça do concelho, a qual comprehende duas freguezias, a de Santiago, com 5.162 habitantes, e a do Castello, com 3.904.

População total do concelho: 9.066 almas.

«Piscosa Cezimbra» diz Camões, no canto III dos *Lusiadas*, est. 65, e com toda a propriedade, porque as aguas da bahia são abundantes de peixe, e a população da villa principalmente composta de pescadores e empresarios de pesca.

Será interessante saber-se que aquella locução do immortal épico deu galhofeira celebridade a um audaz ignorantão, que só ou com outros annotou a edição dos *Lusiadas* feita em 1584, onde apparece a seguinte bernardice, alem de outras: que a razão de convir a Cezimbra o epitheto de *piscosa* é porque, em certo tempo do anno, «se ajunta ali grãde cãtidade de *piscos*, pera se passarẽ a Africa.»

Este desconchavo monumental fez que a referida edição ficasse sendo bibliographicamente conhecida por — *edição dos piscos*.

Já sabemos que no tempo de D. Sancho I uma colonia de francos fundou o logar de Cezimbra [2], cujo rapido incremento se infere do facto de lhe ser concedido foral logo em 1201.

A posição d'esta villa é muito pittoresca. As suas duas freguezias estão afastadas pelo declive que separa o monte do castello e a população rural da população da villa, bem como tambem, moralmente, se distanciam pela rivalidade tradicional entre as duas populações.

586 - Capella da Senhora do Cabo Espichel

A gente da villa chama *cabreiros* aos habitantes do campo, e estes chamam *pixitos* aos da villa. Para arreliar os *pixitos* dizem os *cabreiros*:

Pixito chalreiro
Come papas de carneiro.

Pixito vem de peixe. *Chalreiro* é referencia á loquacidade propria dos pescadores. *Papas de carneiro* é allusão a uma sopa feita com um caldo grosso de ossos de carneiro.

Por sua parte, os habitantes da villa replicam aos do campo com o epitheto de *cabreiros* e com a imitação trocista do seu modo de falar, parodiando phrases que os ridicularisam, taes como esta: «O' Maria! prende lá o burro á estaca».

Em baixo, junto ao mar, alastra-se o casario da freguezia de Santiago, essencialmente piscatoria; no alto, a freguezia do Castello, primitivo nucleo da povoação, tem caracter agricola, porque abrange o campo e as aldeas.

O nome de Castello não comprehende apenas a fortaleza, que fica no topo do monte, mas tambem a cêrca de muralhas, que protegia a antiga villa.

---

[1] Sobre os cirios do Cabo veja-se o opusculo *A luz de Portugal, historia de Nossa Senhora do Cabo* pelo presbytero Diogo Francisco da Piedade e Costa—Lisboa, 1899. Mas a mais completa noticia ácerca da Senhora e dos cirios do Cabo é a que se encontra no 1.º volume do *Summario de varia historia*, pelo dr. Ribeiro Guimarães, pag. 194.

[2] Vêr o 1.º vol. d'esta obra, pag. 11.

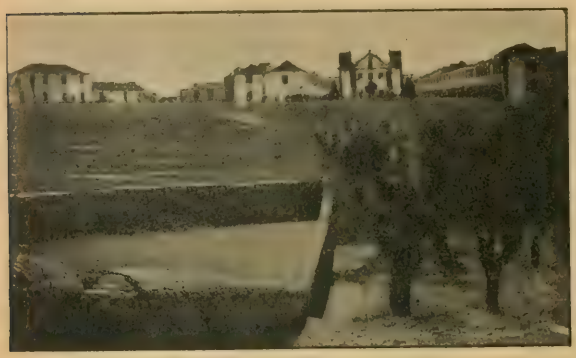
Segundo a tradição, este castello, que se teria rendido depois da tomada de Lisboa, fôra reoccupado pelos sarracenos.

Affonso Henriques correu de Alcacer a sitial-o, e o castello rendeu-se.

Quando se dirigia sobre Palmella, para fazer um reconhecimento, encontrou se com algumas forças agarenas, que já chegavam tarde para acudir a Cezimbra.

Deu-lhes batalha, e venceu-as.

Ficou-se chamando Valle da Victoria ao logar da batalha [1].



387—Cabo Espichel

A classe dos «maritimos» orça, em Cezimbra, por 3.000 individuos.

D'estes, os naturaes do concelho entregam-se principalmente á pesca do alto e artes de arrastar. Os de fóra do concelho dedicam-se ás armações de pesca, as quaes attingem o numero de 21.

O commercio de pescarias foi aqui tão importante, que teve um movimento annual calculado em 600:000$000 réis. Hoje está reduzido a metade, o que em grande parte é devido á concorrencia dos vapores de arrasto.

Os «maritimos» de Cezimbra teem uma associação de classe, uma cooperativa de consumo e um monte-pio.

São elles que promovem e custeiam a festa do Senhor das Chagas e o cirio do Cabo; por sua vez os donos de armações teem a seu cargo a festa da Senhora do Monte do Carmo.

A politica, sempre muito agitada em Cezimbra, até n'estas solemnidades religiosas se intrometteu: a das Chagas é *regeneradora* e a do Carmo *progressista*.

As cerimonias da Semana Santa correm por conta da Irmandade do Santissimo, na parochial de Santiago, incluindo as procissões da Paixão e da Alleluia.

Fique tambem já dito, para não tornarmos a falar na politica cezimbrense, que funccionam dois gremios ou clubs de recreio: um regenerador *(trapilhas)* e outro progressista *(coques)*. Em ambos os gremios ha palcos para representações theatraes. Alem do club progressista existe tambem uma sociedade com a mesma côr politica.

A costa de Cezimbra estava fortificada. Ainda hoje existe o forte de S. Theodosio, que tem um pharol, e na praia da villa a fortaleza de Santiago, actualmente occupada pela guarda fiscal e alfandega. A tradição local diz vagamente que estiveram algum tempo reclusos n'esta fortaleza os Meninos da Palhavã. Existe ali, muito deteriorado, um painel representando Santiago. Proximo do cabo Espichel ha vestigios de outro forte, que parece ter tido o nome de Baralha.

Como estação balnear, Cezimbra dispõe de vantagens sobre muitas outras do litoral portuguez, porque a sua praia é extensa, tem aguas limpidas e movimentadas, e porque se pode tomar banho a qualquer hora, sem esperar pela maré.

---

[1] Joaq. Rasteiro, *Archeologo Portug.*, III, 42

As barracas, conforme o costume do sul, são quasi todas de madeira; apenas algumas de lona.

Infelizmente, esta optima praia, talvez porque lhe faltem commodos e rapidos meios de transporte, é pouco frequentada, e tão esquecida que até Ramalho Ortigão, no seu livro *As praias de Portugal* — nem sequer a menciona entre as «praias obscuras».

As constantes dissidencias politicas terão contribuido não pouco para obstar a uma patriotica unificação de esforços no sentido de melhorar as condições da villa e tornal-a accessivel e conhecida.

Assim, pois, tem Cezimbra andado de baldão em baldão: em 1759 foi reduzida a sua área administrativa [1]; em nossos dias vimol-a ser cabeça de comarca e logo depois deixar de o ser; hoje pertence á comarca do Seixal, comquanto esta villa diste de Cezimbra 24 kilometros.

El-rei D. Carlos frequentava a bahia de Cezimbra no decurso dos seus estudos oceano-graphicos; circumstancia que infelizmente não conseguiu chamar a attenção dos lisboetas nem para essa bella bahia, nem para a sua excellente praia.

A igreja de Santiago, que é boa, foi modernamente restaurada.

Tem junto um cemiterio parochial, ao qual me prendem dolorosas recordações. Jazem n'elle dois netos meus, um que viveu poucos dias, outro, Alberto José, o mais velho, de 9 annos de idade, rapazinho intelligente e docil, cuja alma terá sido glorificada no seio de Deus.

Ainda ha na villa mais uma igreja, a da Misericordia; e uma capella — do Espirito Santo.

As ruas são estreitas, se exceptuarmos a mais nova, que tem o nome de «Amelia Frade».

As principaes, pelo seu transito e commercio, denominam-se: Serpa Pinto (antiga rua Direita), do Espirito Santo e do Forno.

Mas devemos mencionar outras de menor importancia, taes como: da Fortaleza, da Palmeira, da Fé, da Esperança, da Caridade, de Santiago, do Alfenim, das Atafonas, do Quebra-Costas, e calçada da Misericordia (muito ingreme).

388—Cezimbra—Igreja do Castello

Os largos são: da Fonte da Villa, do Caninho, do Gremio, da Misericordia, dos Valentes, da Fortaleza.

Uma praça, chamada das Carroças, á entrada da villa, é o logar onde os carroceiros carregam o peixe, que, desde a praia de desembarque até ahi, é conduzido por burros em cabazes, que lá chamam *costaes*.

Dois bairros, separados do centro da povoação, teem nomes especiaes: o do Calvario, com bonitos predios, e o da Fonte Nova.

O povo de Cezimbra designa por «aquella banda» o bairro do Calvario, que aliás fica a pequena distancia.

---

[1] Até á promulgação do alvará de 3 de novembro d'esse anno o concelho de Cezimbra prolongava-se até Coina e comprehendia todo o limite de Azeitão.

No alto da encosta do Calvario foi que se fizeram os enterramentos no tempo da epidemia da colera morbus: ainda hoje, por memoria d'este facto, se accende ali piedosamente uma lampada.

Alem das fontes da Villa, do Caninho, Nova e da California, ha tres marcos fontenarios.

Da fonte do Caninho reza a lenda — identica tradição se encontra em muitas outras localidades — que jamais se ausentará de Cezimbra quem beber a sua agua.

Dentro da villa está incluida uma quinta, a que chamam do Monteiro [1] ou Herdade, com um *chalet* que se intitula *Villa Amalia*.

Os melhores predios são os das familias Pinto Leão [2], Rumina, Frade, José Baptista de Gouvea, e dr. Polvora.

Ha muitas e bem sortidas lojas de commercio. Em especial o numero de tabernas e barbeiros é avultado.

Hotel o do Faria: quartos limpos, mesa regular, diaria 1$000 réis.

Funccionam na villa tres escolas primarias: uma, Conde de Ferreira, para o sexo masculino; uma em casa arrendada, para o sexo feminino e, para este mesmo sexo, outra dentro do edificio da Misericordia.

A villa está servida de estação telegrapho-postal e estação telephonica.

O hospital da Santa Casa, apesar de pequeno, possue boas condições hygienicas — ventilação e asseio — e o serviço das enfermarias foi confiado a Irmãs de Caridade.

A actual vereação, presidida pelo sr. dr. Peixoto, mandou edificar uma abegoaria municipal, e reparar e mobilar a escola Conde de Ferreira.

Tambem projecta ajardinar o largo da Misericordia, construir um novo cemiterio no sitio do Calvario, e canalisar a agua da *Fonte de Cezimbra* (que assim se chama o logar da nascente na charneca alta) para maior abastecimento da villa.

A corporação dos bombeiros voluntarios tem edificio proprio, á entrada da villla na baixa da encosta do Castello. Uma das bombas foi concedida a esta corporação, a seu pedido, por el-rei D. Carlos.

Do edificio dos paços do concelho só podemos dizer que é excessivamente modesto.

Está situado no largo da Fonte da Villa, comprehende tambem a administração da cadea, e tem encostada á parede da frente a fonte que dá nome ao largo, no qual ainda se conserva o pelourinho.

A repartição de fazenda e a recebedoria funccionam n'uma casa para esse fim arrendada.

Um dos mais agradaveis passeios que os banhistas preferem é a bateria da fortaleza, bastante concorrida no verão.

Laboram na villa tres fabricas de conserva de peixe, que exportam sardinha em latas.

Exercem clinica dois medicos (já foram tres) e ha duas boticas, uma regeneradora, outra progressista.

A' falta de botequim, é nas boticas e nas mercearias que os respectivos correligionarios se reunem á noite para conversar.

O povo da villa, sociavel e alegre, tem aptidão para a musica [3] e para a arte dramatica, interessa-se muito pelos espectaculos realisados nos dois clubs (lá chamam-lhes

---

[1] Pertence hoje aos herdeiros de Jacinto Pereira Monteiro.

[2] Pertence ás irmãs do dr. Leão de Oliveira, que fez clinica em Lisboa e foi um dos fundadores do *Seculo*.

[3] Ha uma *troupe* musical, um *sol-e-dó*, e ultimamente organisou-se uma banda infantil, á qual o sr. Rumina doou os instrumentos.

gremios) e festeja ruidosamente os tres santos de junho, especialmente o Santo Antonio e o S. João, cantando, dançando e saltando as fogueiras.

Uma quadra colhida em Cezimbra durante as festas populares:

O balancé, balancé,
Balancé da Outra-Banda:
Hei de amar esses teus olhos
Inda que eu perca a demanda.

O povo da villa acrescenta um *a* final ás palavras que terminam em *l* e *r:* assim pronuncia *sola* por sol, *sala* por sal, *mara* por mar, *dora* por dor, etc.

Tambem notei que não diz amanhar o peixe, mas *concertar o peixe.*

Nas ruas correm em regueiras os despejos liquidos.

A primeira impressão que eu recebi ao visitar Cezimbra foi que o mar, quando se levantasse iroso, inundaria a villa. Tal não acontece. Apenas ha uma antiga tradição

389—Cezimbra—Largo do Pelourinho e Paços do Concelho

de terem as aguas chegado uma vez até ao meio da rua da Fonte, perpendicular á praia. Mas o que é certo é que o mais forte vendaval, que é o chamado «de S. Martinho», não encharca a povoação.

No alto da encosta, que domina a villa, vêem-se ainda as ruinas do castello, e a par a igreja do seu nome, modernamente restaurada, de apparencia singela, com uma só torre, e o cemiterio parochial ao lado.

Estamos na freguezia agricola ou rural, cujo orago é Nossa Senhora da Consolação.

Esta freguezia comprehende os logares de Sant'Anna, Sampaio, Cotovia, Alfarim, Azoia, Zambujal e Caxias; tendo os de Sant'Anna e Cotovia casas de campo e, finalmente, algumas quintas importantes, das quaes a mais notavel é a do Calhariz, pertencente aos duques de Palmella.

O primogenito do 1.º duque de Palmella teve o titulo de conde de Calhariz, e o decimo quarto filho do mesmo duque o de marquez de Cezimbra.

Aquelle foi D. Alexandre de Sousa Holstein, e morreu aos 20 annos. [1]

Este foi D. Thomaz de Sousa Holstein, nasceu em 1839, e já é fallecido.

[1] Veja-se a commovente referencia que lhe faz Garrett a pag 15 da *Mem. hist. da excellentissima duqueza de Palmella* (Lisboa, 1848)

A quinta do Calhariz fica entre Cezimbra e Azeitão.

Tem um amplo palacio de tres corpos, sendo dois perpendiculares ao central.

O primeiro pavimento é constituido por uma serie de salas com janellas e portas ao rés do chão; no segundo pavimento ha uma serie de quartos illuminados por mezzaninos.

A maior parte das salas são sumptuosas; especialisaremos a casa de jantar.

A capella tem um bello altar de mosaico e columnas salomonicas de lindo marmore.

Em 1850, a restauração do palacio, da mobilia e dos jardins foi confiada a Rambois e Cinati; e a da cultura agricola a um milanez de appellido Gagliardi.

Alamedas, lagos e um sombrio pinhal recommendam a belleza da quinta, onde o primeiro duque ia muitas vezes com grande sequito, e os actuaes duques não vão nunca.

3 o—Cezimbra—Real Associação dos Bombeiros Voluntarios

Alexandre Herculano, em 1851, publicou um artigo [1] elogiando a «granja modelo» do Calhariz, onde o agronomo Gagliardi havia introduzido innovações que permittiam apreciar praticamente os progressos da agricultura.

Ao mesmo tempo confessava-se «um curioso» n'estas materias, mas dizia-se convencido de que a rehabilitação moral e material do paiz viria do desenvolvimento da agricultura.

Apesar de «curioso» tomou de arrendamento, com Joaquim Filippe de Soure e L. T. Homem de Brederode, a granja do Calhariz e ahi tentara continuar a lavoura aperfeiçoada, que tanto havia elogiado. Foi uma ruina total.

Conta o visconde de Coruche que essa exploração agricola durou 9 annos [2].

Ora é sabido que em 1857 já Herculano estava em Azoia, (arredor de Santarem), hospede de um seu amigo; [3] e que depois ali ficou residindo em casa propria.

Tendo o 4.º vol. da *Historia de Portugal* sido publicado em 1853, e datando d'ahi o retrahimento litterario do eminente historiador, devemos crêr que logo depois começaria a exploração da quinta do Calhariz [4], cuja responsabilidade financeira Herculano aguentaria, na sua quota parte, ainda nos 5 primeiros annos que passou em Azoia.

Ha n'esta freguezia do Castello uma unica escola: para o seculo masculino.

Debalde procuraremos alguma caracterisação especial nos trajes e costumes da população rural do concelho de Cezimbra.

Os trajes e as danças obedecem á imitação citadina.

Já assim não acontece, em baixo, na povoação maritima: os pescadores, esses, são em toda a parte mais puritanos e tradicionalistas: o seu fato e viver correspondem aos da sua classe em todas as outras regiões do paiz.

Mas já por essa mesma classe tem passado um «vent de Fronde» soprado pelos

[1] Reimpresso no VII tomo dos *Opusculos* a pag. 45.

[2] Vide 1.º vol., pag. 237, da *Extremadura Portugueza*.

[3] Vide mesmo vol., pag. 305.

[4] Esta nossa hypothese parece achar apoio em palavras escriptas por Bulhão Pato nas *Artes e Letras*, n.º de junho de 1872.

agitadores politicos. Quando a associação maritima foi mandada fechar por ordem superior, o povo commentava na rua:

A bandeira socialista
Tem uma lettra encarnada.
Por causa da Associação
'Stá Cezimbra desgraçada.

Publicou-se um *Jornal de Cezimbra* em 1899.

A conducção de Lisboa para Cezimbra faz-se por Cacilhas ou pelo Seixal, em diligencias: a jornada pelo Seixal é mais curta, mas a travessia do Tejo é maior.

As duas estradas, que em certa altura se unificam, atravessam a charneca árida e monotona.

Os primeiros grupos de casas que se encontram são os dos logares da Quintinha e Cotovia; de onde a onde apparece alguma taberna isolada.

A tres kilometros de Cezimbra depara-se-nos o logar de Sant'Anna, com as suas habitações.

E' aqui que a estrada braceja dois ramaes, o de léste para Azeitão, o do oéste para o Cabo.

Ao meio dia chegam a Cezimbra os jornaes de Lisboa, logo vendidos na rua por dois homens.

Uma hora depois é distribuido o correio.

Em sabbado da alleluia o povo da villa celebra nas ruas a queima do Judas.

Na população do campo esta festa popular passa despercebida, mas, em compensação, faz-se grande folia, ao som de latas, na noite da *Serração da Velha*.

Alguns dos filhos de Cezimbra, comquanto oriundos de familias humildes, teem seguido a carreira das lettras.

Um d'elles, o celebre *Padre Marcos* (Marcos Pinto Soares Vaz Preto), foi successivamente freire de Santiago, prior de Alhos Vedros, vigario geral do Patriarchado, D. Prior de Guimarães, e exerceu grande influencia politica no espirito de D. Pedro IV e D. Maria II, junto da qual fôra confessor e esmoler-mór.

Seu pae vivia do exercicio da pesca; não sei, por isso, onde o Padre Marcos iria buscar tantos e taes appellidos.

Não era illustrada, mas natural de Cezimbra, e anda o seu nome celebrado em lettra redonda, aquella Carlota Joaquina da Silva que acompanhou Camillo Castello Branco de Lisboa para a Samardan, quando elle ficou orphão na infancia.

XVII

Setubal

I

A CIDADE

muito agradavel e rapida a viagem de Lisboa a Setubal.

Os vapores da carreira partem da estação do Terreiro do Paço e, cortando as aguas do Tejo em direcção ao Barreiro, proporcionam-nos occasião de observarmos mais uma vez o magnifico panorama de Lisboa.

No Barreiro apenas ha a demora precisa para a baldeação das bagagens, que passam do vapor para o *fourgon* do comboio e, dentro em pouco, eis-nos a caminho.

A distancia a percorrer entre o Barreiro e o Pinhal Novo é de 23 kilometros.

No Pinhal Novo entronca na linha de sul e suéste o ramal de Setubal. Faz-se portanto ahi o trasbordo dos passageiros e bagagens que se destinam para aquella cidade.

Da janella do wagon vemos a moderna e florescente povoação do Pinhal Novo, que deve a sua origem ao caminho de ferro.

O relatorio da administração d'esta linha dizia em 1862: «Os trabalhadores empregados na construcção do caminho de ferro do sul foram os primeiros colonos que se estabeleceram perto do Pinhal Novo. Vieram depois outros, attraídos pelas vantagens que se lhes offereciam e formam hoje, n'uma área de 4 kilometros de comprimento e de 6 de largura, uma totalidade de 270 familias, divididas aproximadamente em 600 adultos e 400 creanças».

O sr. José Maria dos Santos, proprietario do terreno, mandou ahi edificar casas baratas, e hoje a totalidade dos predios da povoação attinge o numero de 500.

Ao norte do Pinhal Novo passa a grande vinha do sr. José Maria dos Santos — a maior vinha do mundo — que vem desde Rio Frio no concelho de Alcochête, e a léste do Pinhal Novo segue pela vasta planicie do Poceirão. Como já dissemos no 1.º vol. (pag. 142) entre a adega em Rio Frio e a estação do caminho de ferro no Poceirão ha

uma estrada de macadam para serviço d'esta immensa propriedade viticola, que tornou productiva uma área de 2.400 hectares na charneca transtagana. [1]

A estação do Poceirão dista de Alcacer do Sal 40 kilometros e de Grandola 62.

O Pinhal Novo não tem autonomia parochial, mas possue um templo privativo dos habitantes do logar.

No 2.º domingo de cada mez faz-se n'esta povoação uma feira importante.

Seguindo o ramal de Setubal, apenas temos uma paragem na estação de Palmella.

Poucos minutos depois chegamos ao nosso destino.

Logo ao primeiro lance de olhos, Setubal agrada-nos.

Ficam-nos a um lado a nova praça de touros [2] e o bairro Baptista; ao outro lado, quintas e pomares.

Sempre me ha de lembrar o dia em que na primavera de 1875 pela primeira vez cheguei a Setubal. Os laranjaes estavam floridos, o seu aspecto era encantador, e a sua fragrancia deliciosa.

Uma das quintas que se encontram logo á sahida da estação é a de Aranjuez, da familia Groot Pombo, familia que perdeu no dia 24 de abril de 1906 o seu illustre chefe — homem distincto e elegante, verdadeiro *gentleman*.

Devo a esta familia uma agradecida referencia, e aqui a deixo exarada. Na casa de Aranjuez, n'essa gentil vivenda onde em 1839 estivera hospedada a rainha D. Maria II, passei alguns serões agradabilissimos, como não haveria melhores na boa roda de Lisboa.

Mais de uma avenida nos pode levar á cidade, mas devemos preferir a que contorna ao oriente o Campo do Bomfim, porque este campo é de uma vastidão e amenidade que encantam os olhos.

Occupa uma pequena parte d'elle o Passeio chamado do Bomfim, que não se recommenda senão pelo deleite da situação. Como jardim publico é modesto, mas está bem tratado. Tambem fica n'este campo a igreja do Senhor do Bomfim, onde todos os annos ha festa com arraial; bem como um triplice cruzeiro de marmore branco e mais 12 cruzes, espaçadas umas das outras, que constituem a via-sacra instituida por frei Antonio das Chagas (no seculo Antonio da Fonseca Soares). [3]

O passeio ao Campo do Bomfim é sobremodo attraente, em especial para os espiritos de tendencias meditativas,

Os que preferem á quietação placida a convivencia mundana teem que voltar-se para o outro lado da cidade, fronteiro ao Sado, a antiga ribeira de Setubal, onde, na Avenida Todi, se encontram muitos e bons predios, o *Grande Hotel Esperança*, o *Hotel Sado*, o melhor botequim, o theatro D. Amelia, o quartel, etc.

Na ribeira é o rio Sado que traça o limite da cidade, ao mesmo passo que nos descerra na margem esquerda o areal solitario de Troia, comprehendido no concelho de Grandola, e para além do areal a árida charneca alemtejana.

De modo que Setubal offerece ao visitante dois aspectos bem differentes, duas paizagens diversas mas tocadas ambas de uma suave luz: o campo ao norte, o rio ao sul.

A cidade fica no interior e, infelizmente, se exceptuarmos a Praça de Bocage, que é um centro commercial, as ruas são estreitas e pouco limpas.

O bairro de Troino, que demora ao occidente, mas que está separado do rio pela praia d'igual nome, é principalmente habitado por familias de pescadores, e ahi a falta de limpeza nas ruas torna-se ainda mais flagrante.

---

[1] Vide 1.º volume d'esta obra, pag. 23.

[2] Tem o titulo de — D. Carlos, e foi inaugurada a 15 de setembro de 1889. A antiga praça de touros era no claustro do extincto convento de S. João.

[3] Assignalei os factos principaes da sua biographia no livro *Vida mundana de um frade virtuoso*

Não ha bella sem senão. Mas o que é certo é que eu sou um antigo affeiçoado de Setubal, como por muitas vezes lhe tenho demonstrado na minha vida de escriptor.

Em 1877 publiquei a *Memoria sobre a historia e administração do municipio de Setubal*, a expensas da respectiva camara municipal.

N'uma advertencia prévia declarei lealmente que a referida corporação havia adquirido para aquella monographia «varios documentos e noticias desde largos annos recolhidos, com louvavel patriotismo, por um escriptor tão modesto como consciencioso, o sr. Manuel Maria Portella.»

Quasi mez e meio estive em Setubal trabalhando longas horas, todos os dias uteis, na bibliotheca da camara, para dispôr aquelles documentos nos seus respectivos logares, coordenar as noticias que eu tinha reunido desde 1875, e realisar aquillo que hoje se chama a estilação.

Ainda trouxe trabalho para Lisboa.

Correram muitos annos sobre a publicação da *Memoria*. O sr. Portella sempre foi meu amigo, e eu sempre fui amigo do sr. Portella. Nunca tive qualquer intuito de o maguar, nem elle a mim.

391—Setubal—Trecho do Campo do Bomfim

Inesperadamente encontrei n'uma publicação periodica a informação (que não era, nem podia ser do sr. Portella, mas de outro setubalense que a assignava) a informação, repito, de que toda a documentação da *Memoria* proviera do sr. Portella; e até vim a saber que se dizia ter sido sua, tambem, a elaboração da obra toda.

Como este facto me deixasse mal collocado, postoque fosse inexacto, e até inverosimil, achei que devia dirigir-me ao sr. Portella, o qual immediatamente, em carta de 7 de setembro de 1905 (que conservo em meu poder) me respondeu com aquella integridade que sempre lustrou o seu nobre caracter:

«Em resposta á carta de V. , datada de 5 do corrente mez, tenho a dizer que é certo comprehender a—*Memoria sobre a historia e administração do municipio de Setubal*—, na *maior parte*, originaes meus e documentos por mim obtidos no decurso de largo tempo, *e conter tambem originaes de V. , que coordenou e apreciou esses elementos*, etc.» O resto do periodo são palavras muito affectuosas e benevolas para mim.

Mais adeante acrescentava o sr. Portella:

«Esta é a verdade do que penso sobre o assumpto alludido, que eu não julgava viesse a suscitar estes commentarios 28 annos depois da nossa collaboração tão pacificamente exercida».

Pouco tempo depois eu já não poderia ter appellado para o testemunho do sr. Portella, porque este illustre setubalense, poeta distincto, devotado archeólogo, e discreto jornalista, falleceu na sua terra a 28 de fevereiro de 1906.

Por essa mesma epoca, poucos dias depois, falleceu em Hespanha o escriptor José Maria Pereda, que nascera na provincia de Santander, e com o qual o sr. Portella pode comparar-se na profunda affeição á terra natal, porque não houve ainda setubalense que mais quizesse ao seu berço do que o sr. Portella, nem outro hespanhol que mais se occupasse da sua provincia do que Pereda.

A camara municipal de Setubal deu a uma das arterias, que ligam a estação do caminho de ferro com a cidade, o nome de Avenida *Portella*: é a rua onde este benemerito setubalense residiu e falleceu.

Falta que algum escriptor da mesma cidade honre a memoria do seu venerando concidadão escrevendo-lhe o elogio biographico.

Quanto á monographia de que falei, é certo que antes d'ella nenhuma tinha apparecido com o caracter de estudo geral sobre a historia e administração do concelho, nem depois d'ella outra appareceu ainda. [1]

Ha sim trabalhos parciaes, alguns aliás muito importantes, como são os que Joaquim Rasteiro publicou a respeito de Azeitão.

Os de João Carlos de Almeida Carvalho, que eram vastissimos, sobre a cidade e o concelho, ficaram inéditos.

Ainda hoje existe em Setubal um periodico que eu ali fundei ha 23 annos, quando empenhado n'uma campanha eleitoral. E' a *Revista de Setubal*.

E na minha insignificante bagagem litteraria não poucas são as paginas em que tenho archivado recordações ou memorias da clara região do Sado, porque a minha affeição por ella é tão antiga quanto sincera. [2]

Respeitamos o proverbio romano: Cada um deve falar pouco de si mesmo.

Mas ha coisas que é preciso dizel-as a tempo. E ficam ditas agora de uma vez para sempre.

Setubal é uma povoação muito antiga, cuja fundação se perde na noite dos tempos. Nos seus arredores teem apparecido vestigios das epocas pré-historicas. Os nossos chorógraphos, descurando os assumptos paleontologicos, contentaram-se com a lenda mythologica, segundo a qual Setubal fôra a residencia de Tubal, neto de Noé: d'aqui *Sedes Tubal* e por corrupção Setubal, dizem os mesmos chorógraphos.

O que parece provavel é que os phenicios, nas suas excursões á Lusitania, explorariam a riqueza piscicola das aguas do Sado, e se fundiriam com o primitivo elemento celtibero — como aconteceu em outros logares [3] — na povoação que á beira do Sado tinha o nome de *Cetobriga*, palavra cujo suffixo *brig* ou *briga* (cidade) accusa origem celtica.

De Cetobriga teriam talvez derivado duas pronuncias differentes: uma popular, *Troia*, por abreviatura rude; outra, por corrupção do tempo, *Setobala*, de *Setobala* resultaria *Setuval*, e depois *Setubal*.

Quanto a ficar Cetobriga na margem direita ou esquerda do Sado, dissemos o que entendiamos no 1.º capitulo da *Memoria*, cuja argumentação, boa ou má, é da nossa exclusiva responsabilidade.

O que é certo é que hoje o rio Sado separa com a sua corrente Troia, na margem esquerda, e Setubal, na margem direita.

Do tempo da invasão romana, posterior á dos phenicios, muitos vestigios teem sido encontrados em differentes epocas nas areias de Troia, parecendo que se trata de uma cidade soterrada. Aos mais antigos se referem André de Rezende e o padre Vicente Salgado. A partir de 1849 até 1876 ou 1877 fizeram-se, por vezes, excavações com excellente resultado.

---

[1] Durante a impressão da *Memoria* eu, que revia as provas, estava em Portalegre exercendo um cargo administrativo: d'aqui resultaram algumas incorrecções typographicas, por desleixo dos compositores na execução das emendas.

[2] Citarei, como lembrança bibliographica: *Noites do ascetas*, opusculo romantico; *Portugal de cabelleira. Vida mundana de um frade virtuoso*, *Conferencia pedagogica* (Setubal, 1876); *As netas do Padre Eterno*, *Um conflicto na côrte*, romances: *O vinho*, narrativa popular, etc.

[3] Herc. *Hist. de Port.*, introd.

A historia moderna de Setubal tem o seu inicio no primeiro reinado da nossa monarchia, e o seu primeiro documento é o foral que D. Affonso Henriques doou a esta povoação em 1149. [1]

D. Manuel concedeu-lhe foral novo em 27 de junho de 1514, e n'elle se lêem estas palavras preambulares: «fazemos saber que... vista a doação feita a a dita ordem (de Santiago) por El-rey dom Sancho da villa de palmella em cujo termo a dita villa (de Setubal) se fez, etc.»

Eis, portanto, fixada a epoca da fundação christã da «notavel villa» de Setubal, [2] que por decreto de 19 de abril de 1860 (D. Pedro V) foi elevada á categoria de cidade.

As antigas muralhas de Setubal eram duas, coroadas de ameias e, a espaços, de altas torres quadrangulares. Diz-se que a mais antiga d'estas muralhas datava de Affonso IV. N'ellas se abriam cinco portas e nove postigos.

O castello de S. Filippe, sobranceiro ao rio Sado e distante da cidade um kilometro, foi mandado construir por Filippe II.

A bella torre do Outão, que á beira mar, a 7 kilometros da cidade, defende a barra de Setubal, foi começada no reinado de D. João I e ampliada successivamente nos de D. Manuel, D. Sebastião e D. João IV.

Sendo ministro das obras publicas o conselheiro Frederico Arouca, tratou-se de adaptar esta fortaleza a palacio de recreio da Corôa. Fizeram-se importantes obras, e o edificio não serviu para aquelle fim, mas prestou-se a uma piedosa applicação, pois na grande bateria da torre se erigiu, e foi inaugurado, em 6 de junho de 1900, um sanatorio maritimo para creanças, primeiro d'este genero em Portugal, por iniciativa da Assistencia Nacional aos Tuberculosos sob o patronato da rainha D. Amelia.

O projecto d'este sanatorio—que não está completo ainda—dá-lhe 110 metros de comprimento, e capacidade para receber 128 creanças de ambos os sexos em secções separadas.

A fachada principal olha para o sul, sobre o mar.

As camaratas são amplas, bem como os refeitorios, tres dos quaes já concluidos.

O sanatorio do Outão não é para tuberculosos, mas contra a tuberculose, o que o não torna menos louvavel.

As creanças estão ali entregues ao cuidado de Irmãs de S. Domingos.

A actual cidade de Setubal comprehende 4 freguezias, a saber:

S. Julião.....	4.904	habitantes
Santa Maria da Graça.....	2.335	»
S. Sebastião.....	6.620	»
Nossa Senhora da Annunciada..	7.960	»

A elevada cifra da população n'esta ultima freguezia, unica ao occidente da cidade, explica-se pelo facto de n'ella estar comprehendido o bairro piscatorio de Troino (Trouno nos documentos antigos).

A apparição de uma imagem de Nossa Senhora, na praia d'este bairro, pelo meado do seculo XII, deu origem á instituição de uma confraria, de uma igreja e de um hospital d'aquella mesma invocação.

Erecto mais tarde o templo em parochial, foi a séde da parochia transferida para a igreja de Nossa Senhora da Saude quando o terremoto de 1755 arruinou aquella; e em 1834 para a do extincto convento de carmelitas descalços, onde se conserva.

---

[1] *Portvgaliae monvmenta historica*, 1.º vol., pag. 634.

[2] O titulo de «notavel» foi-lhe concedido por D. João III em 26 de setembro do 1525.

Em 1869 o hospital passou a englobar-se no da Misericordia.

A freguezia da Annunciada, á qual foi annexada a suburbana de Nossa Senhora da Ajuda, comprehende a capella da Senhora da Encarnação; a igreja e recolhimento de Nossa Senhora da Soledade; a igreja de Nossa Senhora da Saude e o respectivo recolhimento, em cujo antigo edificio funcciona o Asylo de Infancia Desvalida, [1] aberto em 1868; a igreja do Senhor Jesus da Boa Morte, extra-muros; a igreja de S. Francisco, em cujo respectivo convento se instituiu em 1876 um collegio dirigido por alguns padres jesuitas; a capella de S. Pedro d'Alcube, que outrora pertencia á freguezia da Ajuda; a igreja de Brancannes, de que faremos especial menção.

Tambem n'esta freguezia estavam comprehendidos o oratorio de Mendoliva, [2] que era situado na encosta da serra de S. Filippe, quasi á beira mar, e que já não existe; e a igreja e convento da Santissima Trindade, que são hoje propriedade particular, no largo da Fonte Nova.

392—Setubal—Praia de banhos e castello de S. Filippe

A igreja de Nossa Senhora dos Anjos de Branca Annes ou Brancannes, a dois kilometros da cidade, foi benzida em 1682. Para a fundação do seminario que lhe estava annexo muito cooperou frei Antonio das Chagas, quando já convertido e devotado missionario. [3]

Possuo um exemplar da obra *Clara, et brevis notitia seminarii Dominæ Nostræ Angelorum vulgo de Brancannes in villa Setobricæ in lucem edita a P. F. Emmanuele ab Undecim Mille Virginibus, guardiano ejusdem Seminarii, ac Missionario Apostolico.*

Este livro foi impresso em Lisboa, 1745, na officina de Ignacio Rodrigues.

Tambem possuo um exemplar da *Exortaçam a hum amigo, em que se contempla o reformado Convento de Brancanes, dedicado a nossa Senhora dos Anjos*, por Pedro Pacheco de Leandres, natural de Setubal.

E' um poemasinho apologetico, em tercetos decasyllabos, impresso no anno de 1730, — Lisboa.

N'elle se descreve com poeticas tintas não só o edificio do seminario franciscano de Brancannes,

Convento rico, no instituto pobre,

mas tambem a belleza do local e do horizonte:

Paraiso sem duvida admirado
Se mostra aos olhos este sitio ameno
No verde adorno, florescente agrado.

---

[1] Para o sexo feminino e dirigido por irmãs hospitaleiras portuguezas.

[2] Mendo Gomes de Seabra, ou Mendo Oliva, que foi companheiro de armas de D. Nun'Alvares Pereira.

[3] O *Panorama* de 1853 (tomo X) dá uma gravura do antigo seminario e diz no respectivo artigo que na igreja havia um quadro da Annunciação de Nossa Senhora, *obra de Raphael*. Este quadro está na Academia de Bellas Artes, cujo catalogo não lhe faz nenhuma referencia honrosa, nem menciona o nome do auctor, que não foi certamente Raphael.

Brancannes pertence hoje á associação dos missionarios portuguezes.

Ali esteve a ares, desde 16 de julho a 8 de agosto de 1894, o illustre escriptor Oliveira Martins, já n'um adeantado periodo de doença, mas ainda assim ali escreveu o primeiro capitulo do *Principe Perfeito*.

A freguezia da Annunciada offerece, como dissemos, um dominante caracter piscatorio; sem embargo, possue algumas antigualhas, que tomam relevo no meio da caracterisação especial do seu abairramento.

Uma d'ellas, na rua Direita de Troino, [1] relembra a tradição de que D. João II ali

396 -Setubal—Porta principal do convento de Jesus

correu o perigo de ser assassinado durante a passagem da procissão de *Corpus Christi*. Quatro cabeças de pedra e a inscripção *Si Ders pro nobis qvis cõtra nos* (Si Deus pro nobis, quis contra nos?) dão ainda alento, na parede de um predio, a esta tradição, que não tem melhor fundamento do que uma insistente crença popular, aproveitada por Alexandre Herculano no romance *Mestre Gil*. [2]

Se me fosse permittido fazer aqui um parenthesis, saltando d'esta freguezia para a

[1] Que em parte pertence a esta freguezia.

[2] Vide *Panorama*, 2.º vol. (1838), especialmente a pag. 407, onde o texto é illustrado com a gravura representativa das quatro cabeças e respectiva legenda.

de S. Julião por um momento, diria que junto á Praça de Bocage, e com a frente para o rio, está, postoque transformado, o predio, que foi de Nuno da Cunha, vulgarmente «Paço do Duque», onde, na noite de sabbado 22 de agosto de 1484, D. João II apunhalou o duque de Vizeu.

N'este predio dormi eu muitas noites, tranquillamente, quando ali estava o Hotel Escoveiro, sem que me perturbasse o somno o espectro do Principe Perfeito ou o do Duque de Vizeu.

Outra das curiosidades archeologicas da freguezia da Annunciada é, na praça de S. Pedro, o antigo pelourinho — interessante columna monolithica — que para aqui viera em 1774, transferido da praça da Ribeira.

Estão incluidos n'esta freguezia o castello de S. Filippe e a torre do Outão, de que já falamos, bem como o interessante forte de Albarquel.

Tambem se acham comprehendidos na parte suburbana da mesma freguezia a Rasca, a quinta e residencia da Commenda, [1] a Aldea Grande, e a Serra do Viso onde no dia 1 de maio de 1847 se feriu o sanguinolento combate que ficou celebre entre os acontecimentos politicos d'aquella epoca.

E' no terreno marginal do Sado, fronteiro ao alinhamento dos predios de todo o bairro occidental, que se abre a praia dos banhos com as suas pranchas e wagons de madeira; o gazometro inaugurado em agosto de 1863; o lindo Passeio chamado da Praia de Troino, mandado fazer pela camara de 1870; a doca onde se abrigam os barcos das marinhas e os de pesca; e, já onde a praia se chama do Livramento, o excellente mercado publico, que data de 1876.

Digamos adeus á freguezia da Annunciada e ao seu bairro de Troino, onde as «regueiras» nas ruas do interior não acariciam o olfacto e onde as portas das habitações dos pescadores são em geral embiocadas por um ralo de madeira.

Seguindo para nascente pela margem do Sado deixamos á esquerda a escola Conde de Ferreira e mais adeante, passando a ponte do Livramento, a antiga casa historica de Nuno da Cunha.

Voltamos á esquina, sobre o norte, e eis-nos na praça central de Setubal, o antigo Sapal, [2] depois e agora Praça de Bocage.

Estamos na freguezia de S. Julião

Fica-nos á direita o grande predio da familia Oliveira, que faz angulo para a Avenida Todi.

Depois, do mesmo lado, entre duas ruas estreitas, destaca-se a igreja parochial, que parece ter estado outrora ligada por um passadico á celebre casa de Nuno da Cunha ou *Paço do Duque*, e que é notavel pelo primor da sua esculptura na parte voltada para o norte, talvez antigamente principal fachada.

No tempo de D. Manuel foi esta igreja restaurada á custa do povo. E depois do terremoto de 1755 tornou-se preciso reedifical-a. [3] Recentemente renovou-se o altar-mór.

A varanda nobre dos paços do concelho tambem facea a Praça pelo oriente.

Sob ella ficam, nos baixos do edificio, o terreiro do trigo e a cadea.

Em todo o edificio, muito acrescentado modernamente (1873) para o lado da rua

---

[1] Esta quinta foi adquirida pelo conde Armand quando ministro de França em Lisboa. Ultimamente, o filho d'aquelle diplomata fez substituir a antiga casa abarracada por um apparatoso *chateau*.

[2] Sapal, significa paul, terra alagadiça. Assim devia ter sido antigamente este sitio.

[3] Ha uma canção de Santos e Silva com esta rubrica: Reedificada a Parroquial de S. Julião da Villa de Setubal, que o terremoto de 1755 havia demolido; no dia em que para ella se trasladou solemnemente o SS. Sacramento.

dos Açougues—hoje de Luiz de Camões—estão installadas, além da camara, a administração do concelho, a recebedoria e a repartição de fazenda.

Junto á secretaria da camara foi estabelecida uma bibliotheca popular com livros cedidos pelo Estado, adquiridos pela municipalidade e offerecidos por particulares.

Das paredes da sala pendem retratos de setubalenses illustres, sendo excellente o de Bocage.

A sala das sessões da camara é espaçosa e clara.

Ha na Praça um chafariz, que fica em frente da varanda dos paços do concelho, e que é abastecido por um aqueducto mandado construir por D. João II.

Ao norte da Praça, quasi em frente da clareira da Avenida Todi, avulta um bom predio, da familia Soares.

Contigua a elle fica a ermida de Nossa Senhora da Conceição, e contigua á ermida a «casa do corpo da guarda», com seu terraço de pedra.

Depois a Praça faz um recanto, sobre o occidente, até que, na direcção norte-sul, se restabelece o alinhamento regular com alguns predios, sendo um d'elles o do visconde de Montalvo, antes morgado Bandeira.

Este palacete torneja para a estreita e escura rua dos Sapateiros.

Ainda conheci o antigo mercado publico, com suas barracas portateis, na reintrancia entre a rua dos Sapateiros e o «Paço do Duque».

A meio da Praça eleva-se a estatua de Bocage, que foi erigida por subscripção aberta no Brazil entre portuguezes e brazileiros a esforços dos irmãos Castilhos, Antonio e José. [1]

Realisou-se a collocação da pedra fundamental no dia 22 de novembro de 1871.

A inauguração do monumento effectuou-se, com grande pompa, no dia 21 de dezembro do mesmo anno.

Setubal — Estatua de Bocage

Uma columna corinthia, assente sobre quatro degraus oitavados, sustenta a estatua do poeta, feita de marmore branco.

Bocage, com a cabeça descoberta e levemente inclinada, vestido á sua epoca, empunha na mão direita uma penna de ave e segura na esquerda algumas folhas de papel.

A estatua, que tem dois metros de altura, foi cinzelada em Lisboa, na officina de Germano José de Salles, bem como a columna.

No pedestal do monumento estão inscriptos versos do poeta, com muita propriedade escolhidos para aquelle logar.

Em roda da Praça correm lojas de variado commercio.

Acha-se comprehendida n'esta freguezia a notavel igreja de Jesus e o edificio do antigo convento, que era de religiosas claristas.

---

[1] Veja-se o opusculo *Cartas do Ex.mo Sr. Antonio Feliciano de Castilho e da Camara Municipal de Setubal a respeito do monumento a Bocage.*—Setubal, Typ. de José Augusto Rocha. 1867, 18 pags.

A sua fundadora foi Justa Rodrigues Pereira, ama do duque de Beja, depois rei D. Manuel.

A igreja, hoje algum tanto soterrada, é de tres naves, com columnas torcidas, e abobada de artezões.

O architecto Boutaca, oriundo de Italia, parece ter experimentado n'esta obra a mão que depois se afoitou ás bellezas artisticas do *manuelino* nos Jeronymos em Belem.

Possue o templo alguns quadros de estimação, que viriam da Allemanha, posto haja quem, sem fundamento certo, os attribua a Gran-Vasco.

395—Manuel Maria Barbosa du Bocage

O roda-pé interior é de bons azulejos.

O portico tem apreciaveis lavores em marmore da Arrabida, ainda que damnificados pela acção do tempo. [1]

No convento está hoje installado o hospital da Misericordia, que anteriormente estivera em edificio annexo á igreja do seu nome.

Este hospital tem tres enfermarias para o sexo masculino, outras tres para o feminino, duas de isolamento, quartos particulares, casa de operações, casa de autopsias, recreio para convalescentes, etc.

Junto ao hospital depara-se-nos, em edificio proprio, o *Asylo Accacio Barradas*, instituido em 1878 por D. Emilia Accacio Barradas.

Recolhe velhas indigentes.

A alguma distancia do templo de Jesus, para o lado do sul, levanta-se um cruzeiro de pedra vermelha, que foi mandado erigir pelo duque de Coimbra, mestre da Ordem de Santiago.

Além da ermida da Conceição, a que já nos referimos, comprehende esta freguezia a capella de Nossa Senhora do Soccorro, vizinha do convento de Jesus; a igreja de Nossa Senhora do Carmo, estabelecida n'uma antiga dependencia do convento d'este nome; e comprehendia a ermida do Livramento, um dos mais antigos templos de Setubal, que ruiu pelo terremoto de 1755.

A mesma freguezia de S. Julião abrange a maior parte do Campo do Bomfim, da Avenida Todi, e a rua da Conceição, que é moderna, muito espaçosa, e longa.

---

[1] Na Torre do Tombo existe um manuscripto intitulado *Memorias historicas do real convento de Jesus de Setubal, compostas por Sor Anna Maria do Amor Divino, religiosa do mesmo, para servirem de supplemento, e continuação do tratado da antiga e curiosa fundação d'elle, que compôz a Madre Ser Leonor de S. João.* Sala M, estante 21, ms. 848. — Em 1864 o sr. Henrique Freire publicou (Lisboa) uma interessante narrativa — *A prophecia ou a edificação do convento de Jesus, chronica setubalense do seculo XV*, 124 pag., incluindo as notas. — O artigo *Tradição setubalense — O convento de Jesus*, que inseri no livro *Portugal de cabelleira* (1875), tinha primeiro sido publicado na *Gazeta Setubalense*.

N'esta rua funccionou durante annos o theatro Bocage, um barracão que parecia uma tina de banho, e que ainda se conserva de pé.

Comtudo, a esse theatro-barracão está ligada uma lembrança da minha vida. Foi em 1876 que eu de um dos seus camarotes disse alguns versos de agradecimento a quem me auxiliara n'uma récita em beneficio da viuva do professor Rocha, de Azeitão, que tinha ficado ao desamparo.

Retoco hoje os versos que recitei n'essa noite, para tornar mais claro o meu pensamento de então:

Desdobra a caridade as suas grandes azas
Dos verdes laranjaes sobre a gentil cidade.
A voz da viuvez correu todas as casas,
E em todas achou ecco O' santa caridade!

Velhice e viuvez! O pranto ao pé do gelo!
A grande solidão de duas solidões...
Ter um unico bem, adoral-o, e perdel-o
E não ter força já para arrostar baldões!

A' misera viuva o esquife levou tudo.
Ria de ouvir a escola á pipilar na sala...
Agora é êrma a escola! o lar sombrio e mudo!
Ninguem chora, nem ri, nem chilrea, nem fala!

O velhinho era um santo. Elle, o seu doce amigo,
Tinha na face a luz dos bons sorrisos francos.
Eu gostava de o vêr como um patriarcha antigo
A' escola presidir co'os seus cabellos brancos.

Por mais que o velho tronco, açoitado dos ventos,
Se faça rodear de verdura e de flores,
Estão contados já os seus poucos momentos...
As creanças não dão vida aos velhos professores.

Cahiu. Ninguem ouviu cahir um velho obscuro.
Que falta faz ao mundo o curvo semeador,
Que andava arroteando os campos do futuro?
Um misero, um ilota, um pária, um professor!

Andar a trabalhar na safra das esp'ranças!
Pode a messe falhar, desavinhar-se a uva...
Pois ensinar a lêr umas loiras creanças
E' coisa que mereça amparar-lhe a viuva?...

O' Setubal! perdão! Eu já ia esquecendo
Que vens aqui honrar o velho que morreu.
Tu, que és dos pobres mãe, que os braços estendendo
Achas a um lado o asylo, a outro lado o lyceu;

Tu que tens sobre a praia uma escola-modelo,
Cheia de luz e ar, de conforto e de riso; [1]
Que dás saber nocturno a quem não quer perdel o,
E dás ao professor o pão que lhe é preciso; [2]

Tu, Setubal, perdôa! ó nobre entre as mais nobres!
Entre as gentis, gentil! no proteger primeira!
Fazes lembrar a noiva a soccorrer os pobres,
Associando o bem á flor de laranjeira.

Eu te agradeço, emfim. Eu te beijo saudoso
A mão habituada a recatar a esmola.
E a vós, que honraes na scena um nome glorioso, [3]
Agradece o theatro, a viuvez e a escola.

Segue-se á freguezia de S. Julião, para nascente, a freguezia de Santa Maria da Graça, cuja igreja disputa primasias de antiguidade com a de S. Julião.

D. Sebastião mandou-a reedificar.

N'ella foi sepultado um pintor nosso, que a tradição ainda hoje memora, vulgarmente conhecido por Morgado de Setubal, mas natural de Mafra. [4]

Estão comprehendidas n'esta freguezia a ermida do Corpo Santo, com rica obra de talha; a igreja da Misericordia, e a capella do Senhor Jesus do Bomfim, a que já mais longe nos referimos.

Uma pequena parte do Campo do Bomfim pertence a esta freguezia, bem como a parte da Avenida Todi em que se acha construido o novo theatro D. Amelia.

---

[1] Referencia á Escola Conde de Ferreira, muito bem construida, e com excellente exposição ao sul.

[2] Nas escolas publicas havia cursos nocturnos, e a camara municipal gratificava sem mesquinhez os professores.

[3] Allusão á sociedade dramatica setubalense denominada *Taborda*, que se prestou obsequiosamente a representar n'este beneficio.

[4] Chamava-se José Antonio Benedicto Soares da Gama de Faria e Barros.

Este theatro, inaugurado no verão de 1897, não é sumptuoso, mas condiz com os progressos materiaes da cidade.

O vestibulo deve ser considerado um dos melhores em theatros de provincia.

Ainda ao nascente da cidade fica a freguezia de S. Sebastião, que é a mais extensa.

A igreja que hoje serve de parochial pertencia aos frades de S. Domingos, que a reconstruiram.

A cêrca foi adquirida pelo municipio e convertida em cemiterio publico, o qual é amplo e foi construido de 1859 a 1861.

N'elle dormem o ultimo somno dois poetas: um, setubalense, o sr. Portella; outro, lisboeta, João de Aboim.

395—Setubal—Aspecto antigo da casa onde nasceu Bocage (Antes da collocação da lapide)

Ficam comprehendidos n'esta freguezia: o extincto convento da Boa Hora (vulgarmente Grillos) em parte do qual funcciona o tribunal da comarca; o antigo collegio dos Padres Jesuitas, onde estiveram depois as freiras de S. Bernardo; a Praça que foi d'este nome e agora, ajardinada, se intitula de Quebedo; a praia das Fontainhas; o quartel militar, actualmente occupado por infantaria 11; e a casa, na rua de S. Domingos, onde nasceu Bocage em 15 de setembro de 1765.

Em 1864, por iniciativa do sr. Portella, foi collocada n'esta modesta casa uma lapide commemorativa.

Tambem estão comprehendidos na freguezia de S. Sebastião: ainda uma parte do Campo do Bomfim, a estação do caminho de ferro, a casa do sr. Portella e a avenida do seu appellido; quintas, salinas e sesmarias.

O extincto convento de S. João pertencia á mesma freguezia.

Na cidade ha escolas parochiaes para ambos os sexos; uma escola municipal secundaria [1] aberta no dia 1 de março de 1885 em substituição do antigo lyceu; uma escola industrial com o titulo *Rainha D. Amelia*, na qual se professam cursos de desenho, lavores, renda e costura, e para ambos os sexos um de instrucção primaria elementar; finalmente, escolas e collegios particulares, sendo um d'estes o de *S. José*.

Todo o concelho—diga-se desde já—está bem servido de escolas officiaes de instrucção primaria.

Démos, a largos traços, os topicos da cidade de Setubal.

Mas devemos ainda acrescentar que esta terra floresce hoje grandemente pelo seu commercio e industria.

Quanto a commercio, o mais importante é o do sal.

---

[1] A camara municipal emprehendeu, com os seus proprios recursos, a construcção de um edificio para a installação dos serviços d'esta escola, facto pelo qual foi louvada em portaria de 1 de junho de 1907.

As marinhas do Sado occupam uma área de quarenta kilometros, começando a pequena distancia da cidade de Setubal e terminando nas proximidades da villa de Alcacer.

Todas as nações da Europa, e algumas da America, importam este sal portuguez; mas as principaes importadoras são a Noruega e a Suecia, que por via de regra teem agentes do seu paiz em Setubal.

Nos pomares e quintas do concelho cria-se excellente laranja, afamada tanto em Portugal como no extrangeiro.

Eleva-se a centenas de milheiros a sua exportação annual.

O commercio de vinhos recommenda-se principalmente pela especialidade—Moscatel de Setubal—comquanto o melhor moscatel seja o produzido em Azeitão.

Este vinho doce provém da casta de uvas do seu nome, mórmente da moscatel branca e moscatel de Jesus.

Pela barra de Setubal faz-se consideravel exportação de cortiça.

A natureza favoreceu esta cidade com um porto de mar, que permitte o accesso de navios de alto bordo, e cujo movimento é constante e avultado.

Na agricultura do concelho representam cifras importantes a producção de arroz e a creação de gados.

A industria da pesca, antiquissima n'esta região, tem modernamente tomado grande desenvolvimento pela fundação de muitas fabricas de conserva de peixe, especialmente sardinha.

O numero actual d'estas fabricas, dentro da cidade, sobe no anno de 1907 a 26.

Os conflictos entre patrões e operarios—as *grèves*—teem sido frequentes.

Para os resolver, e a pedido dos operarios, o ministerio João Franco decidiu crear ali um tribunal de arbitros-avindores.

Outras fabricas ha na cidade de Setubal ou no seu aro, taes como: de telha e tijolo, 8; de preparo de cortiça, 4; de louça de barro, 1; de moagem, 1; de gazozas, 1; de chapéos, 1; de cal, 2; de ferro para fabricar, 1; de guano, 1, e dois lagares de azeite.

Se alguma vez o leitor fôr a Setubal, recommendo-lhe que não deixe de provar os saborosissimos salmonêtes, que teem justa fama.

A cidade é séde de um concelho de 2.ª ordem, e de uma comarca de 1.ª

A vida social de Setubal caracterisa-se principalmente pela actividade commercial e industrial.

Ao fim da tarde e á noite os homens desfadigam-se da sua laboração conversando nos cafés, no *Gremio Setubalense*, e em clubs de classe, porque o principio associativo tem acompanhado, como era natural, o movimento economico da cidade.

Ha varias associações de recreio e de philantropia.

Entre as primeiras mencionarei o *Club Tiro-Tauro Setubalense*, cuja séde funcciona n'um predio da Praça da Ribeira; entre as ultimas devo indicar a Créche.

Existe, bem organisado, um corpo de bombeiros voluntarios.

A vida das senhoras é mais retraída. Ordinariamente apenas saiem ao domingo para ir á missa, e de tarde ao Passeio do Bomfim ou á Avenida ouvir a banda regimental. A sua vida de relação limita-se a visitas de cerimonia. Ha annos a familia Pombo recebia aos domingos á noite, primorosamente, como já disse. Mas era a unica familia que dava recepções.

De vez em quando, raras vezes, ha *soirées* no *Gremio Setubalense*; e agora, aberto o Theatro D. Amelia, vão ali exploral-o, em duas ou tres récitas, algumas companhias de Lisboa.

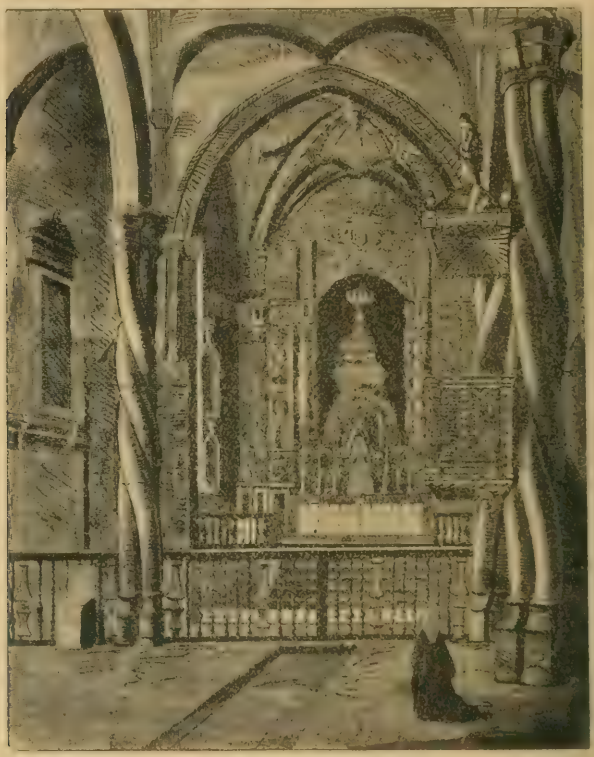
As senhoras de Setubal seguem nas suas *toilettes* o figurino da capital.

Nas mulheres do povo ainda ali cheguei a vêr o capote e o lenço branco, tão genuinamente portuguezes.

A colonia balnear de Setubal é principalmente constituida por hespanhoes e alemtejanos; de Lisboa vão poucas familias.

Antes da epoca dos banhos, a 25 de julho, faz-se uma feira que não tem tanto caracter agricola como em Santarem a da Piedade, mas que é pouco menos brilhante que a de Alcantara em Lisboa.

Como as fontes publicas não chegam para o consumo da cidade, a agua potavel, fornecida por outros mananciaes, vende-se em pipas pelas ruas.



307—Setubal. Interior da igreja do convento de Jesus

O povo de Setubal é em geral muito religioso. As cerimonias da Semana Santa realisam-se na cidade com grande pompa, e a procissão do Enterro sai á noite.

No sabbado da Alleluia os pescadores costumam fazer a queima do Judas a bordo dos seus barcos varados na praia.

Ha alguns arraiaes muito animados, taes como o do Senhor do Bomfim no seu Campo, e o de Nossa Senhora da Conceição no caes, junto ao quartel.

A cidade tem uma especialidade em doces: são os de fructa.

Na pronuncia dos setubalenses nota-se que carregam fortemente no *r*, tornando-o aspero. Este *tic* phonetico assignala-se ainda mais na população piscatoria do bairro de Troino.

A imprensa entrou em Setubal a breve trecho depois da sua introducção no paiz. Em 1509 foram impressos na villa os *Estatutos da ordem de Santiago*. Desde que se iniciou o movimento jornalistico, Setubal tem-lhe fornecido um bom contingente. Vejamos:

O Setubalense, politico e noticioso. Julho de 1855 a dezembro de 1857. — *O Disparate*, semanario critico e não politico. Agosto a outubro de 1856. — *A Troça*, jornal de asneiras e não de politica. Agosto a setembro de 1856. — *O Independente de Setubal*, periodico semanal. Outubro de 1856 a novembro de 1857. — *O Curioso de Setubal*, jornal noticioso. De fevereiro de 1858 a julho de 1860. — *O Cysne do Sado*, hebdomadario de instrucção, recreio e annuncios. Março a maio de 1859. — *O Improviso*, jornal noticioso. Junho a dezembro de 1859. — *Correio de Setubal*, jornal de interesses geraes. Junho de 1860 a janeiro de 1864. — *A Voz do progresso*, folha de interesses geraes. Janeiro de 1864 a outubro de 1866. — *Jornal de Setubal*, folha politica e noticiosa. Outubro de 1866 a julho de 1869. — *Gazeta Setubalense*, folha politica, litteraria e noticiosa. Começou em junho de 1869. Durou mais de 20 annos, acabando quando o seu proprietario falleceu. — *Aspirações*, folha litteraria. Novembro de 1870 a janeiro de 1872 — *Grinalda litteraria*, jornal litterario. De setembro de 1873 a março de 1875. — *Correio do Sado*, folha semanal politica e litteraria. Novembro de 1877 a dezembro de 1881. — *A Luz de Setubal*. Começou em fevereiro de 1881. Impressa em Lisboa. — *Revista de Setubal*. Fundada em 3 de julho de 1884. — *A Estreia*, quinzenal litterario e noticioso. De abril a setembro de 1886. Impresso em Lisboa. — *O Districto*, bisemanario politico e noticioso. Começou em 3 de outubro de 1886. — *Semanario setubalense*, folha independente, politica, litteraria e noticiosa. Outubro de 1886. — *O Sadino*. De setembro de 1888 a setembro de 1889. — *A Opinião*. Começou em junho de 1889.

398 — Santos e Silva

Actualmente (maio de 1907) publicam-se os seguintes periodicos:

O Districto, a que acima nos referimos, que sai aos domigos e vai no 22.º anno da sua publicação.

O Elmano, bi-semanario, que vai no 15.º anno.

O Germinal, semanario defensor dos opprimidos, que vai no 5.º anno.

Independente, que sai ás 5.as feiras, e que vai no 1.º anno.

A Mocidade, folha quinzenal, litteraria e noticiosa, redigida pela mocidade setubalense. Vai no 3.º anno.

O Povo de Setubal, que vai no 1.º anno.

Revista de Setubal, semanario politico, litterario e noticioso, que vai no 24.º anno.

O Trabalho, semanario da classe operaria, que vai no 7.º anno. [1]

[1] Ultimamente começou a publicar-se um periodico, *Noticias de Setubal*, dirigido pelo sr. Luiz Cardim, seu proprietario.

Muitos teem sido os setubalenses illustres, que deram gloria á sua terra.

Preterindo a ordem chronologica, ponhamos á frente d'elles o grande Bocage.

Setubal honrou-lhe mais uma vez a memoria, celebrando solemnemente em 1905 o primeiro centenario do seu fallecimento.

Bocage morreu a 21 de dezembro de 1805.

Damos em seguida o extracto do programma official das commemorações que por occasião do centenario se realisaram n'aquella cidade:

«*Dia 19.*—Conferencias populares e outras festas associativas.

Brilhantes illuminações na cidade, das 7 até ás 12 horas da noite.

Concertos musicaes nos logares publicos ornamentados.

Dia 20.—A' 1 hora da tarde: Fundação de dois premios annuaes, intitulados *Premios Bocage*, um para o alumno d'este concelho que fizer melhor exame de instrucção primaria, outro para o alumno do Lyceu Nacional de Setubal que fizer melhor exame do 5.º anno.

Fundação d'uma festa annual, que se realisará a 15 de setembro, como festa da cidade, fazendo se n'ella a entrega dos referidos premios.

Fundação do *Instituto Bocage*, destinado a prestar auxilio aos trabalhadores physicamente impossibilitados de angariar meios de subsistencia e residentes em Setubal ha mais de 3 annos.

A's 8 horas da noite, no theatro D. Amelia, *conferencia litteraria* pelo sr. dr. Theophilo Braga.

A seguir á conferencia, *sarau poetico.*

Repetição das illuminações na cidade e concertos por diversas bandas de musica.

Dia 21.—A's 7 horas da manhã *alvorada* por todas as musicas que tomarem parte no festival.

A's 11 horas da manhã, *cortejo civico* que se encaminhará para a casa onde nasceu Bocage, vindo depois de dar volta á cidade, estacionar em torno do monumento. Neste cortejo tomarão parte todas as collectividades que acceitarem o convite da commissão, com os seus estandartes, as suas insignias e carros triumphaes, bem como auctoridades e mais pessoas igualmente convidadas ou que espontaneamente queiram honral-o e dar-lhe brilho.

A' chegada do cortejo far-se-ha o *descerramento da lyra*, collocada no monumento pela camara municipal, e da *corôa* offerecida pelo Club Tiro-Tauro, findo o que um *orpheon,* composto por alumnos do lyceu e das escolas da cidade, entoará um hymno a Bocage.

Pelas 3 horas da tarde, na sala nobre dos paços do concelho, terá logar uma *sessão solemne*, para a qual estão convidados os poderes do Estado, corporações scientificas e litterarias, imprensa e homens de lettras, etc.

Pelas 7 horas da noite, *recita de gala* no theatro D. Amelia.

Repetição das illuminações na cidade e concertos pelas bandas de musica».

Em Setubal é muito usual o nome—Manuel Maria—certamente por tradição patriotica de Bocage.

O talento poetico releva nas vocações litterarias de Setubal em ambos os sexos, e até nas classes inferiores.

Tem hoje 86 annos o calafate Antonio Eusebio, o *Cantador*, cujos versos foram reunidos em volume, no anno de 1901, e sahiram com um prefacio de Guerra Junqueiro.

O *Cantador* compõe ordinariamente em decimas. Nas suas trovas ha interessantes recordações de costumes locaes.

Continuando a referencia aos poetas setubalenses de maior vulto, dêmos o segundo logar a Vasco Mausinho de Quebedo e Castel-Branco, epico seiscentista, auctor do poema *Affonso Africano*.

Da sua vida pouco se sabe, a não ser que era formado em Direito e exerceu a advocacia.

A sua epopea tem sido apreciada por modos diversos, mas não se pode deixar de reconhecer-lhe merito litterario.

Comtudo, Quebedo veio ao mundo n'um seculo de mau gosto, e participa dos defeitos do seu seculo, não tanto na linguagem como na archictectura allegorica de um poema que devia contentar-se com ser historico.

Thomaz Antonio dos Santos e Silva (1751-1816) nasceu e creou-se em casa de seu padrinho o desembargador Thomaz da Costa de Almeida Castel-Branco,[1] casa que ainda existe, em frente ao portão do cemiterio da Misericordia.

A 15 de agosto de 1885 manifestou-se incendio n'este predio, que aliás pôde ser salvo. Hoje é propriedade de Angelo Maria Correa, residente em Lisboa.

Santos e Silva foi infelicissimo. Nasceu aleijado de ambos os pés e muito debil; com a morte do desembargador Thomaz da Costa mallogrou-se-lhe a esperança de formar-se em medicina na Universidade. Outra morte lhe amargurou tambem a existencia: a da mulher amada. Em 1798, como elle diz no poema *Braziliada*, entrou totalmente cego no hospital de S. José, e ali permaneceu até ao dia em que expirou.

399—Casa onde nasceu Santos e Silva

O seu estro resistiu a todas as calamidades da vida e da indigencia: foi para elle um allivio na desgraça.

Modestamente, Santos e Silva accusa os seus proprios defeitos litterarios: «sou muitas vezes obscuro, outras rasteiro, e algumas insulso; redundo, quebro os estilos, e a Arte nem sempre he o meu idolo».

Mas estes mesmos defeitos revelam uma intuição revolucionaria, uma presciencia dos processos romanticos, que mais tarde foram introduzidos em Portugal.

Quem o levou talvez a uma nova phase psychologica, que se traduziu litterariamente pelo empenho de, «para caracterisar os seus objectos», prezar mais «as cousas do que as palavras», foi Young, seu auctor predilecto, como elle ferido na alma pela saudade da mulher querida.

Do poema elegiaco *Sepultura de Lesbia* se infere que a bem-amada de Santos e Silva se chamava Isabel, nome de que *Lesbia* é anagramma.

Mas ignora-se cuja familia era, e quaes seus appellidos.

Uma vaga tradição diz que ella residia n'uma casa então existente no terreno que hoje, ao sul da igreja de S. Julião, é occupado pelo grande predio da familia Oliveira.

---

[1] *Estro poetico* de Thomaz Antonio dos Santos e Silva (1792) pag. 224.

A casa de *Lesbia* ficaria sob o antigo passadiço que communicava o «Paço do Duque» com aquella igreja.

Ha muitos annos que eu sinto debaixo da mão, e o palpo, um assumpto de romance na biographia do desventuroso *Thomino Sadino*.

Não o fiz até agora, e tenho pena.

Bocage, mais novo que Santos e Silva 14 annos, e n'um rumo de vida desencontrado com o do seu infeliz conterraneo, prezou-o sempre, sendo retribuido com igual apreço e estima por o illustre *Thomino* que foi seu fiel e constante amigo.

Agora reparo eu que não posso falar, nem sequer á pressa, de todos os poetas naturaes do Setubal, e dos prosadores não menos numerosos que os poetas, nem da Academia Problematica instituida em 1721.

Saltarei, por falta de espaço, ao nosso tempo e mencionarei as obras dos ultimos fallecidos: setubalenses pelo berço ou pelo domicilio, que tudo quer dizer—pelo coração.

D. Marianna Angelica de Andrade, nascida em Souzel, mas creada e educada em Setubal, publicou em 1870 um livro de versos prefaciado por Candido de Figueiredo, que foi seu esposo. Em 1883 sahiu posthuma outra collecção de versos seus, com um prologo de Gomes de Amorim, e o retrato da auctora.

Manuel Maria Portella: publicou em 1872 os *Ecos do ermo*. Comtudo muitas outras poesias compoz depois, e publicou avulsas. Em 1895 deu ao prélo um opusculo de *Annotações ao capitulo sobre Setubal no «Portugal antigo e moderno»*. Collaborou em differentes jornaes, e redigiu a *Gazeta Setubalense*.

João Carlos de Almeida Carvalho: foi redactor principal d' *O Setubalense*, publicou alguns opusculos, e colligiu muitos volumes de *Memorias de Setubal*, que infelizmente ficaram inéditos.

Joaquim Pedro da Assumpção Rasteiro: publicou duas interessantissimas monographias sobre a *Quinta e palacio da Bacalhoa em Azeitão*: uma contendo a parte historica e descriptiva; outra as respectivas illustrações, especialmente *specimens* de bellos azulejos. Collaborou em varios periodicos sobre assumptos de Azeitão, sendo um d'elles o *Archeologo português*.

Mas Setubal não tem sido apenas prodiga em talentos litterarios, senão que tambem artisticos e scientificos.

No drama e na opera assignalaremos as tres irmãs Aguiar, Cecilia Rosa, Luiza Rosa e Izabel Iphigenia, das quaes a mais notavel foi Luiza, que desposou o rabequista Francisco Xavier Todi, e que se fez applaudir como cantora eximia tanto em Portugal como no extrangeiro. [1]

Na musica sacra, como compositor, não póde esquecer-se o nome do padre Joaquim Silvestre Serrão, cuja obra Theophilo Braga estudou recentemente.

Como navegador lembraremos Mafaldo de Setubal, que ou nasceu ou residiu n'esta villa e tomou parte nas empresas maritimas do infante D. Henrique.

Archeologos, theologos, mathematicos, advogados, etc., em razão do seu avultado numero os passarei em claro por falta de espaço. Aqui vem muito a proposito o dictado francez: *J'en passe et des meilleurs*.

Foi dado o titulo de barão de Setubal, por decreto de 23 de setembro de 1835, a João Schwalback, allemão, marechal de campo, que tomou parte em varias acções das campanhas da liberdade. Por decreto de 13 de outubro de 1843 foi promovido a visconde.

Os habitantes de Setubal sempre se mostraram bons portuguezes patriotas, e pouco macios deante de imposições.

[1] Veja se *Biographia de Luiza de Aguiar Todi*, por J. Ribeiro Guimarães, Lisboa, 1872.

El-rei D. Manuel desejou dar ao seu aio Diogo da Silva de Menezes, conde de Portalegre, a villa de Setubal de juro e herdade.

Os setubalenses recalcitraram: que não queriam ficar sujeitos a um fidalgo; mas ao seu rei, sim; e que tão importante villa só á Coroa devia pertencer.

Irritou-se o rei, e pensou em punir os setubalenses. Não se amedrontaram elles, e insistiram.

D. Manuel teve de ceder, porque o conde de Portalegre apenas apanhou a alcaidaria e não a villa.

Por morte do cardeal-rei, os setubalenses receberam hostilmente os governadores do reino que para ali tinham ido de Almeirim, e tomaram partido por D. Antonio, o qual triumphalmente entrou em Setubal no dia 28 de junho de 1580.

Filippe II de Castella não se atreveu a castigar directamente a opposição que a sua causa ali encontrou, antes n'uma carta escripta em Badajoz a 13 de agosto d'aquelle anno, e enviada aos vereadores, procuradores e povo de Setubal, fingiu acreditar que os setubalenses não tinham procedido por seu livre alvedrio, mas obrigados por violencia.

Arteiramente, para se garantir contra novas manifestações patrioticas da povoação, mandou construir o castello que tem o nome do usurpador.

No tempo da regencia de D. Luiza de Gusmão, quando se tratou de impingir a Carlos II de Inglaterra a infanta D. Catharina de Bragança, chegou-se a offerecer-lhe incluir no dote a villa de Setubal.

O monarca inglez revirou o dente: que Setubal era apenas um punhado de sal.

Mas a verdadeira causa da recusa seria ter comprehendido que aquella altiva e importante villa não se deixaria facilmente inglezar.

E então pegou em Tanger e Bombaim que lhe pareceram negocio melhor, por ser de prompta liquidação.

Quanto nos custou uma noite de bôdas infelizes!

Em Setubal ouvi algumas vezes contar que o marquez de Pombal dissera d'aquella villa: o cortiço é melhor do que as abelhas.

Não seria por saber que as abelhas mordiam quando era preciso?

II

O CONCELHO

Palmella

O concelho de Setubal, com uma população total de 37.151 habitantes, faz parte do districto administrativo de Lisboa, e completa-se com mais tres freguezias, a saber:

Palmella e Marateca (S. Pedro)....	11.481	habitantes
Villa Frêsca de Azeitão (S. Simão).....	1.293	»
Villa Nogueira de Azeitão (S. Lourenço) ...	2.558	»

A villa de Palmella, notavel especialmente pelo seu antigo convento dos freires de Santiago e pelo castello, fica ao norte da cidade de Setubal, na distancia de pouco mais de cinco kilometros.

Sobre as origens de Palmella divergem os nossos chorógraphos; mas todos estão de accôrdo em reconhecer-lhes antiguidade, maior ou menor.

Seria a fundação anterior aos romanos? Caso fosse do tempo d'elles, o pretor Aulus Cornelius Palma seria quem fundou a villa? e viria d'ahi o nome d'ella? Restaurou-a apenas? Ou não fez nada d'isto?

Pelo que respeita ao onomastico, temos resposta decisiva do nosso infallivel Leite de Vasconcellos: «*Não se pode dizer que Palmella provenha de Palma.*» Está dito; *magister dixit*. Palmella é mero diminuitivo de palma. Elle o sabe ao certo, e elle o disse com certeza.

E' corrente que o castello de Palmella foi occupado pelos mouros, e que se rendeu poucos dias depois da tomada de Lisboa por Affonso Henriques.

Como nota Alexandre Herculano, a posse d'este castello tinha para os christãos grande importancia, porque elle era uma excellente base de operações para proseguir a guerra na provincia de Al-Hassr e podia considerar-se a chave do territorio comprehendido entre as bacias do Sado e do Tejo.

Affonso Henriques deu foral tanto aos moiros fôrros como á povoação christã de Palmella.

Um e outro se encontram reproduzidos nos *Portvgaliæ monvmenta historica*, vol. I.

Foi dentro do recinto murado do castello que veio a edificar-se o convento mestral da ordem militar de Santiago da Espada, quando os cavalleiros portuguezes da mesma ordem puderam libertar-se da sujeição ao mestrado de Castella e viver autonomicamente.

O convento concluiu-se em 1482 e durante quatro seculos, ou pouco menos, foi cabeça da sua ordem em Portugal.

Teve esta ordem, como primeiro mestre, D. João Fernandes; e como ultimo, D. Jorge de Lencastre, filho bastardo de D. João II.

Uma carta regia de 1552 encorporou na Corôa o mestrado de Santiago.

D. Jorge de Lencastre havia reformado os estatutos da ordem, que foram impressos *em Setubal*—como já dissemos—por Herman de Hempis, allemão, no anno de 1509.

O que resta do convento de Santiago são as paredes, um enorme relogio, e as ruinas de templo, que era sumptuoso, em puro estilo gothico, com bellas arcarias ogivaes e marmores variegados.

Da ultima vez que visitei esses venerandos escombros, fui ali attraído pela leitura de um interessante livrinho do sr. Henrique Freire, intilulado *Prophecia*, no qual achei noticia do abandono em que irreverentemente se encontrava a ossada do ultimo mestre da ordem, D. Jorge de Lencastre.

A noticia era exactissima.

Verifiquei que, n'um desvão da nave do evangelho, estava uma urna, pousada sobre dois leões, na qual outrora haviam sido depositados os restos mortaes do bastardo de D. João II.

Na parede do desvão resalta o brazão do infante cortado pela faxa indicativa de bastardia.

A tampa da urna fôra deslocada, de modo que qualquer mão profana podia revolver á vontade os ossos de D. Jorge.

Tambem eu depois clamei n'uma pagina do livro *O capote do Sr. Braz* contra este desrespeito com uma sepultura, pouco importando para o caso que seja de um fidalgo e não de um plebeu.

E' uma sepultura profanada, e está dito tudo.

D. Jorge, mestre não só da ordem de Santiago, mas tambem da de Aviz, nasceu de D. Anna de Mendonça, moça formosa de mui nobre geração, que foi acabar n'um convento como todas as amantes dos reis.

Os amores de D. João II com esta dama não foram por algum tempo conhecidos da rainha D. Leonor, e assim, para «escusar desgostos caseiros», como diz Frei Luiz de Sousa, o rei deu o bastardo a crear á infanta D. Joanna, a Santa, no mosteiro de Jesus em Aveiro.

Por morte d'esta, D. João II confessou á rainha a existencia do bastardo, e a rainha consentiu que elle viesse para Evora.

Depois que o principe herdeiro, D. Affonso, falleceu de desastre em Santarem, a vida conjugal do rei e da rainha começou a turvar-se, porque D. João II queria endossar a successão ao bastardo e D. Leonor a desejava para seu irmão D. Manuel.

Por fim, venceu a rainha.

Talvez como indemnisação, el-rei D. Manuel deu a D. Jorge de Lencastre o titulo de duque de Coimbra, o senhorio de Montemor-o-Velho e casou-o com D Beatriz de Vilhena, sobrinha do duque de Bragança D. Fernando, porquanto o rei obtivera do Papa licença para todos os cavalleiros das ordens militares poderem casar.

Herdando de seu pai a predilecção por Setubal, D. Jorge fundou-na então villa d'aquelle nome o convento de S. João Baptista, para freiras dominicas, onde sua mulher fôra enterrada.

Depois de viuvo, e já septuagenario, apaixonou-se por uma gentil donzellinha da côrte de D. João III, D. Maria Manuel, filha do senhor de Castro Daire, D. Fernando de Lima, e aia da rainha D. Catharina.

Os filhos de D. Jorge, especialmente o mais velho—que uma tempestade de amor tornou tambem romanescamente celebre — oppuzeram-se ao casamento do pai com D. Maria Manuel.

Por sua parte, interveio a rainha no mesmo sentido. Mas o duque de Coimbra estava loucamente apaixonado, e insistia no casamento.

Acudiu de reforço o rei, e D. Jorge pareceu submetter-se-lhe, mas, logo que sahiu do paço, publicou que tinha desposado a fidalguinha por palavras de presente, com dispensação do nuncio.

Sabendo isto, D. João III tornou a mandal o chamar, e inquiriu-o irritado.

O duque de Coimbra respondeu sybillinamente: —Que se já o não tinha feito, o não faria.

Agástou-se ainda mais o rei, e por um desembargador mandou-o sahir da côrte.

D. Jorge obedeceu, retirou-se para Setubal, mas protestou contra o facto de haver sido intimado por um desembargador, sendo certo que anteriormente, quando fôra desterrado por motivo do conflicto amoroso em que seu filho primogenito estivera envolvido, o mesmo rei o mandára intimar pelo escrivão da puridade Antonio Carneiro.

Desculpou-se D. João III, dizendo que tinha em subido apreço o desembargador Gaspar de Carvalho; mas insistiu na prohibição do casamento.

De Roma vieram impedimentos canonicos, e D. Jorge falleceu sem juntar-se a D. Maria Manuel, se é que a tinha recebido por palavras de presente e com dispensação do nuncio.

Parece que não, porque no testamento, D. Jorge contempla com dois legados a bem-amada donzellinha, no caso de conservar-se solteira, e diz que faz aquelles legados *pela obrigação que lhe tenho em lhe prometter de casar com ella se o santo Padre dispensar.*

N'este testamento, datado de 20 de julho de 1550, ordenava D. Jorge que no convento de Palmella se erigisse uma capella privativa para sua sepultura; e emquanto a capella não estivesse concluida, dispunha que o depositassem na capella-mór, á parte direita, dentro de uma tumba.

A capella não chegou a fazer-se, e os restos mortaes do duque de Coimbra acham-se ao abandono no logar e modo que deixamos assignalados.

A par do castello de Palmella fôra erigida a antiga igreja parochial de Santa Maria, que o terremoto de 1755 arruinou.

A actual é a de S. Pedro, de tres naves, bella obra de talha e bons azulejos.

O castello dividia-se em cidadella ao poente, e em povoação amuralhada.

A cidadella conserva ainda, com os damnos proprios do tempo, a torre de menagem, guarnecida de ameias e setteiras, e sustentada por solidos baluartes, tendo sido provavelmente todas estas construcções restauradas em diversas epocas.

400—O Convento de Palmella

N'um dos subterraneos esteve encarcerado, por conspirar contra D. João II, o bispo de Evora D. Garcia de Menezes, o qual ali falleceu de peçonha que lhe propinaram ou que elle proprio quiz ingerir para assim pôr termo a seu horroroso captiveiro.

Gosa-se da torre de menagem um vasto e formoso panorama, tanto para o lado do Tejo como para o lado do Oceano.

Pela altura em que está, avista-se, mais ou menos nitidamente, de muitos pontos de Lisboa, o vulto do castello de Palmella; não só da parte alta, como da baixa da cidade: o Terreiro do Paço é talvez um dos logares d'onde elle se vê melhor.

A villa, que vem colleando pelo monte do castello, é pequena, confrangida em ruas estreitas e tortuosas.

Tem Santa Casa da Misericordia com hospital,[1] cinco ermidas, escolas para

[1] Fundada em 1529. Receita annual: 560$000 reis.

ambos os sexos, duas philarmonicas, Palmellense e Humanitaria, alem de um sol-e-dó.

O seu pelourinho, sito na praça, foi ultimamente restaurado, havendo por essa occasião festejos publicos.

No dia 8 de dezembro faz-se em Palmella uma antiga feira, que data do tempo de D. João IV.

D'antes, havia mercado semanal, mas como tivesse cahido em desuso, os habitantes do Pinhal Novo pediram que fosse restabelecido n'este logar, e assim se fez.

A villa de Palmella foi cabeça de concelho até 1855, anno em que passou para o de Setubal; ao qual tambem passou a freguezia de Marateca [1], que tem por orago S. Pedro, e que fazia parte do antigo concelho de Palmella.

Desde 1876 que esta villa tem illuminação a petroleo.

A terra é fertil, especialmente abundante em fructos, que o palmellão vai vender a Setubal, como o saloio o faz em Lisboa.

No commum, o palmellão é moreno, ossudo e rijo; a mulher tambem morena e raras vezes bonita.

Raça de montanha, o typo de ambos os sexos tem-se conservado através do tempo sem cruzamentos que o alterem.

A estrada que liga Setubal a Palmella é boa, e pittoresca em alguns trechos, sobretudo no lindo valle em que está lançada a ponte da Azenha. [2]

Tambem Palmella é servida por uma estação do ramal de Setubal, a qual fica a meia légua da villa.

No territorio do extincto concelho havia dois conventos de frades: o de Alferrara, (arrabidos) e outro, de paulistas, fundado por aquelle Mendo Gomes de Seabra, que principiára sua vida religiosa, como solitario, no oratorio da margem do Sado, a que já me referi mais longe.

O notavel estadista D. Pedro de Sousa Holstein foi honorificado em 1812 com o titulo de conde de Palmella, e em 1823 promovido a marquez do mesmo titulo.

O imperador agraciou-o em 1833, no Porto, com o titulo de duque do Fayal, mas o agraciado representou dizendo «que por Palmella era conhecido no serviço do estado, assim entre os portuguezes, como nas nações extrangeiras» e a seu pedido se substituiu o titulo — do Fayal — pelo de — Palmella (decreto de 13 de junho do mesmo anno).

O titulo passou para seu filho D. Domingos, na falta do primogenito.

Por morte do 2.º duque herdou-o sua filha, a actual duqueza.

Intencionalmente deixei para o fim um assumpto que não rescende a rosas, mas não indigno d'este logar, porque o grande Victor Hugo lhe deu fóros litterarios nos *Miseraveis*.

Refiro-me á tradição que na provincia da Extremadura liga a «palavra» de Cambronne em Waterloo á villa de Palmella.

Note-se bem: digo a palavra de Cambronne, e não a phrase que tambem se attribuiu a este famoso general francez na mesma occasião: *La garde meurt et ne se rend pas*

Hoje está averiguado que tal phrase não a pronunciou Cambronne n'esse apertado

---

[1] Esta povoação fica a léste de Palmella, sobre a ribeira do seu nome. Parece que já existia no tempo dos romanos com o nome de *Malececa*.

[2] Vide *Panorama*, IV, pag. 176.

lance militar; mas que apenas proferiu uma palavra rude, energica, marcial, *le mot immortel*, a que me quero referir.[1]

No calão extremenho *mandar a Palmella* corresponde á palavra de Cambronne.

No norte do paiz a equivalencia é mandar *abaixo de Braga*; e no Alemtejo—*abaixo de Evora*.

Estas variantes de calão marcam bem a distancia que separa aquellas regiões.

Dêmos um exemplo. Antonio Feliciano de Castilho, n'uma hora de bom humor verdadeiramente portuguez, escreveu, e publicou anonyma, a *Chronica certa e muito verdadeira de Maria da Fonte, escrevida por mim que sou seo tio* (1846).

A breve trecho constou que o auctor era Castilho.

Mas, lendo o gracioso livrinho, uma coisa se podia aventar desde logo, ainda quando se não puzesse a mão sobre Castilho: que o auctor era natural do sul do paiz e não do norte.

A *Chronica certa* diz a respeito da Maria da Fonte: «mandava-me *a Palmella* mais á mãe.»

Isso é que não mandava. A baixo de Braga, sim; a Palmella, nunca. Maria da Fonte era minhota; e Castilho nasceu em Lisboa.

Foi grosseira, passada no campo de batalha ou de lavoura, a infancia do nosso povo, e, portanto, tambem o foi a sua linguagem.

Assim, os primeiros foraes reconheceram a necessidade de estabelecer comminações contra o *stercus in ore, bloida in ore, lixo na bocca*.

Havendo attingido, no decurso dos seculos, maior grau de civilisação, — o povo, para exprimir intenções injuriosas ou indecentes, recorreu a rodeios ou circumloquios — como na locução *ir a Palmella*.

E por que designou, na Extremadura, esta localidade?

Ha duas versões. Uma diz que por ser a antiga villa muito immunda. Outra conta que o povo da comarca de Setubal, fazendo certo gesto picaresco, costumava dizer a qualquer interlocutor, quando a occasião o pedia:

Monta-te aqui, e verás Palmella
E subindo mais, verás Castella.

Depois, por ellypse, apenas—*vai a Palmella*.

A freguezia d'este nome confina pelo sudoéste com Azeitão.

Azeitão

Todos nós, os portuguezes, sabemos desde a infancia que ha uma terra chamada —Azeitão. E' que vem de longa data o costume de montar as creanças sobre o joelho das pessoas que as estimam e dizer-lhes esta tonadilha tradicional emquanto se faz pular a perna apoiando-a no bico do pé:

Arre burro
P'ra Azeitão,
Que os meninos
Já lá vão.

Arre burrinho
P'ra Azeitão,
Carregado de pão e vinho
Com outros que já lá vão
Carregados de feijão

Comtudo muitos portuguezes vivem e morrem sem ter visto Azeitão, que é real-

[1] Muito interessante historicamente um artigo que a este respeito Ch. Brinde publicou no *Petit Journal* de 9 de maio de 1907.

mente uma linda terra, a qual já foi concelho autonomo e hoje pertence ao de Setubal.

Alem da sua graciosa situação topographica, da vegetação abundante que a enriquece—especialmente a vinha, que produz o celebre moscatel de Setubal—das ruinas historicas dos seus conventos e dos seus palacios fidalgos, tem esta região a singularidade de ser uma especie de archipelago de aldeas, disseminadas por fórma que se dividem em dois grupos, havendo em cada um d'elles uma povoação principal que parece ser a capital das outras do seu grupo.

A estrada que de Setubal conduz a Azeitão, comquanto em aclive—porque Azeitão fica sobre uma collina que se prolonga com a serra da Arrabida de nascente a poen-

401 — Azeitão — Palacio da Bacalhôa em Villa Fresca

te—é alegre e tem lindos pontos de vista, sendo o mais bello d'elles o alto das Necessidades, onde alveja uma radiante ermida.

Do Barreiro tambem ha transporte em diligencia para Azeitão—são 18 kilometros—a 300 rei cada logar; mas por ahi o caminho é arido, muito menos espairecido.

Indo por Setubal a primeira povoação que se encontra é a Aldea das Vendas, e em seguida Villa Fresca, cabeça parochial do seu grupo, formado por mais as seguintes povoações indicadas ao acaso: Aldea da Quinta Velha, Castanhos, Pacheca, Pinheiros e Camarate. [1]

Parece ter sido uma quinta, *villa* no sentido italiano, que deu origem á actual Villa Fresca.

A *villa* ou quinta pertenceu ao infante D. João, filho de D. João I; d'este passou para sua filha D. Brites, mulher do infante D. Fernando, irmão de D. Affonso V; do poder de D. Brites passou para a filha do seu neto o condestavel D. Affonso, a qual era D. Brites de Lara; esta vendeu-a a Affonso de Albuquerque, *filho*.

---

[1] Em 1875 passei alguns deliciosos dias da minha vida em Camarate, n'uma quinta. Tinha defronte de mim todo o panorama de Lisboa: á noite a illuminação da cidade offerecia, de longe, um bello espectaculo. Foi ahi que tomei relações com o illustradissimo professor Antonio Maria de Oliveira Parreira, e foi ahi que elle me instigou a escrever o romance *Um conflicto na côrte*. Datei de Camarate um dos artigos que constituem o livro *Portugal de cabelleira*.

Não teve filhos legitimos o descendente do heroe da India, mas legitimou um bastardo, que se chamara D. João Affonso de Albuquerque.

Não sem contestação de parentes, entrou D. João Affonso na posse dos bens de seu pai, incluindo os de Azeitão.

Um d'aquelles parentes era D. Joanna de Albuquerque, que desposou Manuel Telles Barreto.

D'este casamento nasceram quatro filhos varões: tres d'elles morreram sem descendencia; e o quarto, Jeronymo Telles Barreto, habilitou-se ao morgado de Azeitão e os tribunaes conferiram-lh'o.

Este Jeronymo Telles morreu na India e não deixou successores, motivo por que o morgado passou a sua irmã D. Maria de Mendonça e Albuquerque, casada com D. Jeronymo Manuel, de alcunha o *Bacalhau*.

Uma filha de D. Maria de Albuquerque e do *Bacalhau* foi D. Antonia de Mendonça, a qual casou e teve filhos, entre elles D. Maria José de Mendonça.

Esta senhora casou com Pedro Guedes Henriques, e a ella veio a pertencer o morgado de Azeitão, que assim passou para os Henriques seus descendentes.

Uma bisneta de D. Maria José de Mendonça casou com D. Antonio Estevam da Costa.

D'este casamento houve filhos, e netos, um dos quaes, D. José Francisco da Costa Sousa, casou com D. Maria José de Sousa Macedo, 2.ª viscondessa de Mesquitella.

Estas noticias genealogicas, que aliás não abrangem todos os 19 successores no vinculo de Azeitão, eram precisas para explicar não só como elle veio transitando dos Albuquerques para os Mesquitellas, mas tambem a razão por que essa magnifica propriedade de Villa Frexe, Freixe, Frêche ou Freiche (evidentemente designações de origem franceza) e Villa Fresca passou, no curso dos tempos, pelos seguintes onomasticos:

a) Quinta de Azeitão em Ribatejo (simples indicação da sua situação geographica).

b) Quinta de S. Simão (por ter proxima uma ermida d'este santo).

c) Quinta da Condestablessa (durante a administração da viuva do condestavel D. Affonso).

d) Quinta de Affonso d'Albuquerque (quando o filho do heroe da India a comprou).

e) Quinta do Bacalhau (pelo casamento do fidalgo assim alcunhado com D. Maria de Mendonça).

f) Quinta da Bacalhôa (desde a administração de D. Francisca de Noronha durante a interdicção de seu marido João Guedes de Miranda Henriques).

Um homem que muito amou a sua terra, e muito a estudou, Joaquim Rasteiro, a quem fomos beber todas estas informações [1], suppõe que o palacio da quinta da Bacalhôa, junto á aldea que tomando um dos nomes da quinta veio a chamar-se Villa Fresca, seria construido pela infanta D. Brites e reformado por Albuquerque filho.

Como quer que seja, o palacio e quinta da Bacalhôa constituem um interessantissimo exemplar de antiga residencia sumptuosa em Portugal.

O palacio, sem resistir á influencia da arte florentina, tem ainda nos seus cubellos certo cunho de solar medieval.

Diz-se, talvez sem fundamento, que foi copiado de uma fortaleza da India, provavelmente por correlação com o nome do grande Affonso de Albuquerque, cuja memoria

---

[1] Na excellente monographia *Quinta e palacio da Bacalhoa em Azeitão*; *Lisboa*, 1895. Esta monographia foi completada por outra, tres annos depois, que contém *specimens* dos bellos azulejos e medalhões do palacio e da quinta.

As investigações de Rasteiro contrariam em parte as que o sr. visconde de Sanches de Baêna reuniu no seu opusculo *Resumo historico e genealogico da familia do grande Affonso de Albuquerque* (1881).

é evocada pela referencia ao filho na legenda latina do friso do portão rasgado á entrada do pateo nobre.

Uma das feições mais pomposas da Bacalhôa são os bellos azulejos e medalhões esmaltados, tanto do palacio como da quinta.

N'esta ha um grande lago. Damos em estampa a reproducção de um dos azulejos que revestem o pavilhão central do lago: representa Suzana surprehendida no banho pelos dois velhos.

Outras caracteristicas ha ainda a notar na residencia fidalga da Bacalhôa: são a albergaria — *esprital de peregrinos* — fronteira ao palacio, fundada por Albuquerque filho, e o singular privilegio, ainda mantido, de entrar na quinta a procissão da Resurreição, que sai da parochial de Villa Fresca.

402—Azulejo na parede oeste do pavilhão central da Quinta da Bacalhôa

A quinta e o palacio da Bacalhôa, que depois da morte do duque de Albuquerque [1] estiveram por algum tempo na posse dos seus herdeiros, foram adquiridos por el-rei D. Carlos ao preço de 14:000$000 réis, na arrematação a que se procedeu no dia 3 de maio de 1903.

El-rei, umas vezes só, outras acompanhado por pessoas da sua familia, visitava amiude esta propriedade, aposentando-se no palacio em que já tinham pousado, n'outro tempo, el-rei D. José, o famoso conde de Oeiras, e mais recentemente o marechal Saldanha.

Ha mais quintas na freguezia de Villa Fresca. Uma d'ellas, a do Cesar (Cesares de Menezes, *Sabugosas*), foi adquirida pelo conselheiro Mariano de Carvalho.

A igreja matriz, fundada por Albuquerque filho — como se vê do seu testamento — é de tres naves, sendo as lateraes separadas da central por cinco arcos assentes em columnas doricas. As paredes estão de alto a baixo revestidas de azulejo tricolor e liso. Possue o templo tres apreciaveis imagens de barro, em grande vulto: S. Simão, S. João e Nossa Senhora da Saude—esta ultima, muito popular, pertenceu ao fundador.

O exterior da igreja é singelo. Das duas torres que tinha antes do terremoto de 1755, apenas uma fôra reconstruida.

Já antes do terremoto, em 1648, passára a matriz por uma restauração.

Devemos ter adquirido a convicção, que mais logo se confirmará em Villa Nogueira, de que Azeitão foi uma estancia recreativa de fidalgos portuguezes, o que effectivamente aconteceu desde o seculo XIV até ao seculo XVIII: foi a Cintra aristocratica de uma epoca de fausto e grandeza, o logar predilecto de veraneio elegante.

Não tardará que vamos encontrar outro palacio sumptuoso—o dos duques de Aveiro.

Outrora os côches e liteiras de familias e visitantes illustres, os seus lacaios, eguariços e palafreneiros, animaram ruidosamente estas paragens, hoje tranquillas, mas ainda eloquentes como pregão do passado.

As librés vistosas deviam fazer destaque brilhante entre os habitos dos frades de

---

[1] 3.º visconde e 1.º conde de Mesquitella, agraciado por el-rei D. Luiz I com o titulo de duque de Albuquerque.

S. Domingos, e outros, especialmente as librés da casa de Aveiro, que eram custosas e luzidas: roxas, amarellas e brancas.

Azeitão é nome grosseiro e plebeu. Dizem os etymologistas que vem do arabe *azzeitun*, olival.

Pois o nome não prejudicou os altos destinos d'esta boa terra de Azeitão, que até chegou a ser regalo de princezas e principes.

Nem sequer lhe faltou o lustre de sangue real, n'um tempo em que a monarchia era... divina.

D'estes sitios todos gostavam, e gostam, homens, aves, quadrupedes — sim, quadrupedes.

Um illustre funccionario do ministerio dos negocios extrangeiros [1] alludiu, n'um interessante escripto, «ao alegre proverbial zurrar dos burros de Azeitão».

Tanto nas excursões em Azeitão como na subida á serra da Arrabida, o burro é um transporte tradicional, e, diga-se mais uma vez a verdade, o seu zurro nada tem de plangente.

Certo pastor protestante, de nacionalidade sueca, viajando em Portugal entre os annos de 1798–1802, subiu a Arrabida em burro, e escreveu como lembrança, nas suas impressões de *touriste*: «Os burros parece que foram especialmente creados para estas viagens; e o melhor é não procurar governal-os nos sitios perigosos: elles sabem melhor que ninguem procurar o verdadeiro caminho».

Folgo de vêr que no extrangeiro se tem feito justiça á sabedoria do burro lusitano.

Ponhamos cobro a divagações: vamos seguindo derrota.

Villa Nogueira foi cabeça do concelho de Azeitão desde 1786 até 1855.

Chamou-se a principio Aldea de Nogueira, e foi povoada pelos caseiros e criados da quinta que os Nogueiras, senhores do morgado de S. Lourenço em Lisboa, possuiam n'aquelle logar.

Parece ser a mais antiga das duas freguezias de Azeitão.

A igreja parochial recommenda-se pelos seus azulejos, que se julga serem productos da industria nacional no seculo XVII; por alguns paineis, um dos quaes é o da bocca do throno e representa a *Ceia de Christo*; por uma *Madona* de barro esmaltado, genero Della Robia; e ainda por uma interessante custodia de prata dourada.

Os frades de S. Domingos fundaram em Villa Nogueira um bom convento, sob a invocação de Nossa Senhora da Piedade, no reinado de D. Duarte.

Este convento foi erigido com donativos e esmolas.

Segundo conta Frei Luiz de Sousa, D. Jorge de Lencastre ia frequentes vezes procurar ali o gasalhado de uma cella entre os frades.

Mas os seus successores não se contentaram «com uma cella», como vamos ver.

O edificio do convento acha-se ainda menos mal conservado.

N'elle esteve durante annos estabelecido um *hotel*, que já hoje não existe.

Quem vai agora a Azeitão deve procurar hospedagem em algumas casas particulares, que a proporcionam.

O edificio é actualmente propriedade do sr. Francisco Valido.

Os descendentes do Mestre D. Jorge pediram aos frades de S. Domingos a concessão de terreno para edificarem uma casa de campo, com o pretexto de quererem ser «vizinhos mais continuos» dos dominicanos.

Frei Luiz de Sousa narra este facto com apparente ingenuidade, mas vai dizendo que os duques de Aveiro receberam a terra que pediam, e outras para jardins, pomares, matta, pinhal, bem assim agua com abundancia.

[1] O sr. conselheiro Eduardo Montufar Barreiros.

Ora a casa de campo pôde dispôr de tamanho espaço, que resultou ficar sendo um palacio digno de «competir com os melhores de Hespanha».

Era, em verdade, um vasto palacio, estilo Renascença puro, com differentes corpos, muitas janellas e fachada nobre.

N'este palacio foi preso em 1758 o ultimo duque de Aveiro, D. José de Mascarenhas, com sua mulher, filho e criados.

O edificio, que hoje pertence ao sr. José de Oliveira, está arruinado. Só uma parte d'elle é habitavel, e n'ella funccionou ha annos uma fabrica de fiação e estamparia.

403—Azeitão—Palacio dos Duques de Aveiro em Villa Nogueira

O marquez de Pombal aproveitou o palacio para custodia dos jesuitas, e outros padres.

Ha em Villa Nogueira um chafariz monumental, obra do seculo XVIII, mandado fazer por um juiz de fóra. E' o *Chafariz dos Pasmados*.

Tem a villa uma igreja da Misericordia, que foi fundada em 1621 por um dos Aveiros, o marquez de Porto Seguro, e o respectivo hospital, fundado dezoito annos depois pelo reverendo Pedro de Mesquita Carneiro. [1]

A igreja possue uma grande tela do pintor Francisco Pinto Pereira, representando a Visitação de Santa Izabel; uma imagem do Senhor dos Passos, que se presume haver sido offerecida pelos duques; uma casula tecida de seda e prata; um amplo tapete, muito deteriorado, mas ainda assim apreciavel.

A rua principal da villa é a Direita, e o rocio é o antigo largo do palacio.

Ha um club e theatro nos baixos do palacio do Salinas, que pertence ao sr. Miranda, funccionario da Companhia de Credito Predial em Lisboa.

Ha tambem em Villa Nogueira uma philarmonica, denominada... *Perpetua Azeitonense*.

Aquelle palacio dito do Salinas pertenceu á infanta D. Constança, que foi mulher do infante D. Pedro, depois 1.º rei do seu nome.

[1] O rendimento annual da Misericordia é 405$000 réis.

No tombo da freguezia existe um documento (vol. I, pag. 19) que prova ter o palacio pertencido áquella infeliz princeza.

Foi em face d'esse documento que eu redigi uma nota aos *Idyllios dos Reis*, reivindicando para Azeitão alguma parcella da chronica amorosa de D. Pedro e de D. Ignez de Castro.

Lembrando que os amores do principe herdeiro com a linda castelhana tinham principiado em vida de D. Constança, acrescentava eu:

«Sabe-se, pois, quando a paixão do infante começou; sabe-se que D. Constança tinha um palacio seu em Azeitão; que em Azeitão a nobreza de Portugal passeava de preferencia os seus ocios, edificando, para maior regalo, palacios sumptuosos; sabe-se que n'aquelle tempo a côrte portugueza fluctuava de terra em terra, chegando a hospedar-se em casas particulares, que não podiam offerecer-lhe tantas commodidades quantas as de uma casa privativa, como a de D. Constança em Azeitão.

«Sabido tudo isto, e que Azeitão está apenas a dez kilometros da margem esquerda do Tejo, não me parece que possa capitular-se como sonho tresloucado de imaginação romantica a supposição de que o infante D. Pedro por ali ensinou, tambem, aos montes e ás hervinhas o nome que tinha escripto no peito».

Ha na freguezia de S. Lourenço de Villa Nogueira algumas quintas importantes taes como: Quinta Velha e Quinta Nova, que são da casa Palmella; das Torres, que foi dos condes de Murça e pertence á familia do dr. Manuel Bento de Sousa; a da Bassaqueira, Hospicio, Arcos, etc.

As aldeas que teem por capital — digamos assim — Villa Nogueira são Aldea Rica, Aldea de Oleiros, Aldea de Irmãos, Aldea de S. Pedro, Coina-a-Velha (hoje Aldea da Piedade) e Aldea da Portella.

Em Aldea Rica ha um chafariz com uma lapide commemorativa, de marmore branco, e digna de attenção por ter desenhadas oito medalhas em duas linhas sobrepostas. Cada medalha comprehende uma figura de symbolismo religioso.

Na Aldea de Irmãos existe uma quinta da familia Gomes de Oliveira: a esta familia pertenceram os avós do escriptor Oliveira Martins.

Uma das coisas recommendaveis ao viajante em Villa Nogueira é a adega, com as respectivas officinas vinarias, fundada por José Maria da Fonseca e actualmente gerida pelos seus successores.

Ali, n'aquellas officinas, se empregam os mais aperfeiçoados systemas de vinificação applicados ao fabrico do moscatel e do cognac-moscatel, que é tambem uma das especialidades de tão importante casa.

Damos, por interessantes, as seguintes informações colhidas n'uma publicação periodica: «O vinho moscatel não está apto para visitar os seus apaixonados, em condições de ser bem recebido e festejado, antes de seis annos de armazem, e o cognac acompanha o como amigo dedicado que é de quem lhe deu cunho e appellido, resolvendo mesmo, para não desmanchar prazeres, contentar-se com o valor do seu companheiro querido. Não desconhece comtudo que, se fosse mais egoista, deixando marchar sósinho o seu amigo e ficasse até perfazer uns doze annos, muito quietinho nos seus lares patrios, não deixaria de ganhar muito com isso e de obter mais alta e digna cotação.

«Comtudo *à quelque chose malheur est bon*, e a prova é que este inseparavel do vinho moscatel, por isso que é pouco exigente se tornou muito popular, sendo ambos recebidos com o mesmo carinho, e obtendo juntos os primeiros premios nas exposições a que teem concorrido, tanto no tempo do benemerito fundador como na gerencia da firma actual. Com effeito, desde 1888, no paiz, em Berlim, em Paris, Barcelona e Republica Argentina, por toda a parte tem conquistado medalhas de oiro.

«Com outro producto figura ainda finalmente a casa de que nos occupamos. E' o vinho Palmella superior, generoso, de subida graduação alcoolica. Este não pode nem deve apresentar-se em publico senão depois de ter doze annos de armazem. Alem de excessivamente agradavel o Palmella superior, que tem no paiz o seu maior consumo, é um producto therapeutico que os medicos aconselham.

«E visto finalmente que queremos exgotar não... o vinho, mas o assumpto, preciso se torna fazer especial e merecida referencia a outra qualidade ainda, da mesma casa: o vinho moscatel Setubal roxo, feito pelo mesmo processo de vinificação. Este faz-se apenas com grande lentidão, exigindo para se tornar bebivel, perfeito, 15 annos de armazem.»

Houve em Azeitão uma feira nos tres primeiros dias do mez de dezembro. Actualmente realisa-se um mercado no 1.º domingo de cada mez.

404—Azeitão—Fachada da casa Fonseca em Villa Nogueira

E' muito pittoresco o caminho que de Azeitão segue para a serra da Arrabida, a qual tambem está comprehendida na freguezia de Villa Nogueira.

Ao sahir da Aldea de Irmãos, depara-se-nos o Porto de Cambas [1], rasgado profundamente na cordilheira que pelo norte defronta aquella serra. Sobre o poente alastra-se o valle de Coina, sobranceado pelo aspero monte em que assentam as ruinas do castello de Coina-a-Velha e as Aldeas da Portella e S. Pedro. A vegetação, na riba meridional, é composta de carvalhos, zambujeiros e carrascaes. A agua scintilla nas ribeiras do Porto de Cambas e da Azenha da Ordem, sendo esta ultima a que, depois de tomar varios nomes, adopta o de Coina desde que encontra o fluxo das marés.

Proximo e ao sul das ruinas do castello de Coina fica, no alto, o *Casal do Bispo*, o qual bispo o foi de Fez e se chamava D. Belchior Belliago.

Joaquim Rasteiro conta a lenda d'este Casal: n'elle havia, segundo a tradição, tres casas subterraneas, deixadas pelos mouros. Uma estava cheia de armas. Era a cisterna. Outra continha peste. Na terceira guardava-se ouro. Ninguem se atrevia a explorar qualquer das tres casas, porque se se tocasse na do ouro, resultaria medonha mortandade.

---

[1] Porto significa, n'esta região, a passagem de ribeiras no fundo dos valles.

A Arrabida

Vamos finalmente penetrar na serra da Arrabida, e desde já a saudemos na grandiosa linguagem de Alexandre Herculano:

Formoso ermo do sul, outra vez, salve!
Negro, esteril rochedo, que contrastas,
Na mudez tua, o placido sussurro
Das arvores do valle, que vecejam
Ricas d'encantos, co'a estação propicia;
Suavissimo aroma, que manando
Das variegadas flores, derramadas
Na sinuosa encosta da montanha,
Do altar da solidão subindo aos ares,
És digno incenso ao Creador erguido;
Livres aves, vós filhas da espessura,
Que só teceis da natureza os hymnos,
O que crê, o cantor, que foi lançado,
Estranho ao mundo, no bulicio d'elle,
Vem saudar-vos, sentir um goso puro,
Dos homens esquecer paixões e opprobrio,
E vêr, sem vêr-lhe a luz prestar a crimes,
O sol, e uma só vez pura saudar-lh'a.

A serra da Arrabida corre de nordéste para sudoéste na extensão de 25 kilometros. Pelo norte domina Azeitão e, ao longe, Lisboa; pelo suéste a foz do Sado; pelo sudoéste o oceano Atlantico, avistando a orla do Alemtejo e parte da costa do Algarve.

E' constituida por diversos montes, dos quaes os de maior relevo são: Castello de Olivide, Cabeça Gorda, Cabeço da Visão, Matta da Louriceira e Monte Fermosinho.

Deu-se antigamente a esta serra o nome de Promontorio Barbarico, extensivo ao Cabo Espichel, que é o extremo da serra pelo sudoéste; depois parece que o de Errabida, e por ultimo o de Arrabida.

Eu não quero seguir um chronista quando diz que a palavra Arrabida vem de *Errabundus* e procura justificar esta origem explicando que, por ser emmaranhada agrestemente a serra, se desorientavam os que n'ella tinham aventurado seus passos.

Tambem não quero crer que *Arrabida* venha de *Rabidus*, com referencia á braveza do mar n'aquella costa; nem tão pouco venha de *Arábrica*, supposta cidade que teria existido entre Setubal e Cezimbra. [1]

O que sei é que no paiz ha mais Arrabidas: em Lordello do Ouro, um monte pedregoso que se debruça sobre a estrada do Porto á Foz; em Panoias, no concelho de Ourique, um casal; em Almada, uma quinta.

E a nenhuma d'estas Arrabidas poderia applicar-se a mesma origem por identicos fundamentos.

Falemos da serra da Extremadura.

Conta a lenda que, no reinado de Affonso II, um catholico irlandez de nome Haildebrant, e de profissão negociante, embarcára com suas mercadorias para Lisboa, e que demandando a foz do Tejo fôra acossado por um medonho temporal, que fizera desgovernar a embarcação para dentro do Cabo Espichel.

Haildebrant trazia comsigo uma imagem de Nossa Senhora, cinzelada em pedra. Diz-se que esta imagem a tinha levado para a Irlanda algum dos monges benedictinos que ali missionaram.

A ella recorre o negociante, bem como a tripulação toda; e logo o temporal amaina. Ao mesmo tempo um clarão mysterioso illumina o Promontorio Barbarico. Ficam, surpresos, a contemplal-o. Quando se recobram do assombro, procuram a imagem, e não a encontram.

De manhã, desembarcam, correm ao sitio onde o clarão brilhára. Sobem anciosos a serra, e sobre uma penha encontram a imagem que lhes havia fugido.

---

[1] Opiniões mencionadas pelo padre Cardoso no seu *Dicc. Geog.*

Ahi edificam uma ermida, a que dão o nome de *Memoria* (por lembrança do milagre) e diz-se, não sem contestação, que o proprio Haildebrant se fizera eremita trocando a actividade commercial pela vida contemplativa.

Ainda hoje a capellinha d'aquelle nome, na simplicidade do seu aspecto rustico e devoto, perpetúa na Arrabida a tradição do prodigio, que implantou ali o culto de Maria Santissima.

Outra circumstancia, que tambem parece ser prodigiosa por casual, fez que esse culto ali continuasse e florescesse.

405—Fachada do convento da Arrabida

Como sabemos, D. João de Lencastre, marquez de Torres Novas, primogenito do Mestre D. Jorge, recebêra de seu pai, entre outras commendas, a da Arrabida.

Houvera na vida do neto de João II uma grande tempestade de amor. Amara D. Guiomar Coutinho, filha do conde de Marialva, dissera-se seu marido, disputara a sua posse; mas o rei e o conde sahiram com protestos, travou-se nos tribunaes um pleito ruidoso, e por fim, com o proprio consentimento de D. Guiomar, veio ella a desposar o infante D. Fernando.

Romanceei em dois volumes, sob o titulo — *Um conflicto na côrte* — este drama sensacional do seculo XVI.

Malferido no coração, D. João de Lencastre durante annos procurára na religião o lenitivo de tão profundos desgostos.

Não só frequentava a sua pacifica serra da Arrabida, como logar de quietação e piedade, mas por duas vezes fôra em romaria ao santuario de Guadalupe.

N'uma d'estas romarias avistou-se com outro peregrino, de nação castelhana e origem nobre, que havia trocado seus appellidos heraldicos pela simples designação de Frei Martinho, pois que voluntariamente vestira o habito franciscano em Cartagena.

Da pratica que tiveram em Guadalupe resultou falar Frei Martinho da sua aspiração á vida contemplativa e offerecer-lhe D. João de Lencastre a serra da Arrabida como Thebaida, com a doação da ermida de Nossa Senhora.

Acceito o convite, passou-se Frei Martinho a Portugal, acompanhado por outro religioso do mesmo nome, mas de appellido Navarro.

Tratou o marquez de Torres Novas de lhes dar abrigo na serra, e aos mais que pudessem vir para fazer communidade: com este fim mandou edificar os primeiros ceno-

bios. dispersos e humildes, hoje ali designados pelo nome de guaritas, e ainda em pé, postoque arruinados.

Os iniciadores do eremiterio foram, portanto, Frei Martinho e o seu companheiro Navarro (depois substituido por frei Diogo de Lisboa), aos quaes vieram reunir-se Frei Francisco Pedraita e aquelle que mais tarde seria designado por S. Pedro de Alcantara.

Assim começou o *convento* da Arrabida, nucleo da futura provincia monastica a que deu o nome.

Convento no sentido de communidade, entenda-se; por que só no seculo XVII foi que os terceiros duques de Aveiro, D. Alvaro e D. Juliana de Lencastre, deliberaram edificar o chamado *convento novo*, isto é, o mosteiro, que ainda se conserva, e a igreja.

Por glorificar a memoria de Frei Martinho mandou o mesmo duque talhar no marmore a imagem d'este religioso, e collocal-a á entrada do mosteiro.

A imagem representa o de pé, sobre um globo, com os pés descalços, os braços abertos n'uma cruz, um cadeado na bocca e uma fechadura sobre o coração.

Frei Martinho veste o habito dos capuchos, com o cordão de S. Francisco enrolado á cinta e a cabeça mettida no capuz do habito.

No globo ha uma inscripção latina, e d'ella corrigiu Sousa, na *Historia Genealogica*, um equivoco relativo a D. Alvaro.[1]

Por sua parte a duqueza D. Juliana mandou edificar a capella de S. João do Deserto no sitio onde fôra o cenobio de Frei Martinho.

O convento novo da Arrabida emerge d'entre a vegetação espessa da serra, e as guaritas do convento velho elevam-se escalonadas como outros tantos vestigios da primeira vida monacal que ali houve.

Hoje quasi toda a serra é propriedade da casa Palmella, a qual em 1876 mandou restaurar o mosteiro, capellas e cenobios, que se tinham damnificado desde a sahida dos frades no dia 24 de setembro de 1834 — o mesmo do fallecimento de D. Pedro IV.

A igreja está regularmente conservada. E' pobre. Tem tres altares, um de Nossa Senhora da Arrabida,[2] outro do Senhor Crucificado, e o ultimo de Nossa Senhora da Conceição.

N'ella jazem sepultados os 3.os duques de Aveiro e outras pessoas da sua familia.

Da livraria que foi dos frades apenas pôde salvar-se uma parte, que a casa Palmella mandou recolher na quinta do Calhariz.

D. Antonio de Lencastre, filho dos terceiros duques de Aveiro, fez erigir a capella do Bom Jesus, octogona, com a cupula exteriormente revestida de azulejos.

No interior da capella uma excessiva obra de talha sobrecarrega o altar-mór.

Em volta d'este santuario floresce um jardim, esmaltado de fontes e povoado de cyprestes.

Na Arrabida não ha bellezas architectonicas, mas sobejam maravilhas naturaes na situação, panorama, vegetação e accidentes da serra.

O panorama é por vezes deslumbrante, especialmente no Mirante dos Frades, no Alto do Fermosinho, a cujos pés se desdobra o Valle do Picheleiro, e no caminho que conduz á Matta do Vidal.

A vegetação é complicada de aroeiras, zambujeiros, sobreiros, medronheiros, carrascos, cyprestes, rosmaninho, alecrim, etc.

Bulhão Pato, referindo-se especialmente aos medronheiros, disse com razão: «O medronheiro na Arrabida toma proporções extraordinarias, formando alamedas, retiros

[1] Tomo XI, pag. 97.

[2] Este é o altar-mór. Nossa Senhora está collocada n'uma pequena tribuna sobre o sacrario.

amenissimos, labyrintos graciosos. Quando está carregado de fructo vermelho, aromatico e embriagante, é uma delicia.» [1]

Em alguns pontos a abundancia da arborisação produz mattas cerradas, como a do Vidal, a do Solitario com fonte e capella, e a Coberta, onde a sombra é mais espessa e profunda.

Ha tres grutas notaveis:

A Lapa do Medico, na meia encosta do monte Abrahão, á ilharga do caminho que vai da fonte do Solitario para o mosteiro pelo valle de S. Paulo.

As suas bellas estalactites e estalagmites foram deterioradas pelos visitantes, talvez por quererem experimentar, brutalmente, a resistencia d'aquellas soberbas concreções vitreas.

A Lapa da Grêta, mais para oéste, é invadida pelo oceano.

Mas a mais notavel das tres grutas é com certeza a Lapa de Santa Margarida, onde o mar entra tambem.

Nas *Noites do asceta* deixei consignada a impressão que esta encantadora gruta vincou indelevelmente no meu espirito:

«Ide cortando as aguas com o rumo na serra da Arrabida. Quando ao sopé da serra encontrardes o legendario penedo chamado do Duque, onde D. Alvaro de Lencastre ia sentar-se a pescar, desembarcae. Então vos espera a maior formosura que jámais vos foi dado vêr. Abre-se em dois arcos a rocha, um que dá sobre o mar, outro que dá para as fragas. Entrae pelo que dá sobre o mar, até onde vos puder internar o vosso barquinho, como fazem os pescadores do Cabo quando vão ouvir missa ou levar offerenda á Santa da Lapa. De repente arqueia-se sobre vós a grande gruta silenciosa, cheia de uma frescura e de uma suavidade inalteraveis, sepultada n'um silencio religioso que o roçar das ondas parece não interromper. Recorta-se irregularmente em caprichosas estalactites o concavo da Lapa. Em alguns pontos, foram subindo do solo as columnas vitreas a que os naturalistas chamam estalagmites, e tanto cresceram que puderam fundir-se com as grandes massas de carambina pendentes da abobada. Abraçaram se, e fizeram columnas que tres homens não poderão abranger com os braços. Ao fundo da gruta tremeluz a alampada no singelo altarsinho de Santa Margarida, que o mar, quando nas marés vivas entra em cachões pelas rusticas arcadas, parece respeitar, desenrolando-lhe aos pés um tapete de espuma. Quando isto não é, encarregam-se as ondas de alastrar de plantas e despojos marinhos o chão da lapa.»

406—Registo de Nossa Senhora da Arrabida

[1] *Artes e lettras*, julho de 1872.

O «asceta» foi frei Agostinho da Cruz (no seculo Agostinho Pimenta), irmão de Diogo Bernardes, e como elle poeta.

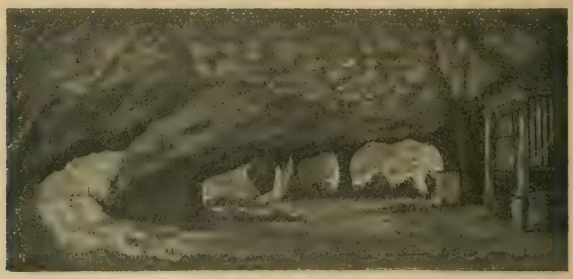
Eu conheço a historia da Arrabida comprehendida no *Espelho de Penitentes,* que é a chronica da respectiva provincia monastica.

Conheço outros escriptos que com maior ou menor delonga se occupam da portentosa serra.

Mas nenhum me dá tão funda impressão da vida eremitica e da paz religiosa da Arrabida como o pequenino volume das *Poesias* de Frei Agostinho da Cruz.

Elle ali foi eremita, e desejoso de o ser propoz-se construir com alguns ramos de arvore o seu primeiro cenobio, onde dormia sobre uma cortiça, tendo por travesseiro um toro de madeira.

Todos os annos se celebram festas na Arrabida em honra de Nossa Senhora. Ali



407—Lapa de Santa Margarida, na Arrabida

concorrem cirios de Cezimbra, Azeitão e Setubal. N'estas localidades realisam-se brilhantes demonstrações de regosijo por occasião dos cirios, especialmente em Setubal, onde nos ultimos annos teem durado muitos dias.

Em Villa Nogueira de Azeitão tambem se festeja pomposamente o cirio da Arrabida com arraial, illuminações e cavalhadas.

Relativamente a 1907 dizia um jornal de Lisboa em correspondencia que lhe enviaram de Azeitão:

«A's 6 horas começaram as cavalhadas, nas quaes tomaram parte 7 cavalleiros, rapazes da terra que, montando cavallos fogosos, e munidos de lanças, espetavam varios ramos, que se encontravam pendurados em cordas, ao centro da rua direita de Villa Nogueira. Para estas cavalhadas havia diversos premios, que foram muito disputados entre os rapazes que tomaram parte na festa.

«A's 7 horas passou-se á distribuição dos premios na barraca da tombola, revestindo grande imponencia, e sendo os premios entregues aos vencedores por senhoras da familia dos membros da commissão.»

Na Extremadura ainda ha estes restos de cavallaria galante.

Foi em Azeitão que eu vi pela primeira vez o espectaculo das cavalhadas.

Já no 1.º volume da *Extremadura Portugueza* [1] falei dos marmores bréchas da Arrabida, conhecidos tanto no paiz como no extrangeiro por «brécha de Portugal».

Se entre os poetas que teem cantado a Arrabida eu julgo que nenhum attingiu o suave e enternecido mysticismo de frei Agostinho da Cruz, não devo, comtudo, na im-

[1] Pag. 22.

possibilidade de falar aqui de todos, deixar de mencionar pelo menos alguns, tanto mais que os supponho quasi ignorados.

Ha annos um amigo meu deu-me vaga noticia de um manuscripto — *Descripção da Arrabida* — pelo padre Ignacio Monteiro, da ilha da Madeira. Apenas acrescentou a data: 1813.

Consultei o sr. Portella sobre se conhecia a obra ou o auctor, pois que pela primeira vez eu ouvia falar d'ella e d'elle.

Logo o sr. Portella me respondeu que tambem lhe eram desconhecidos tanto o auctor como a Descripção; mas por sua vez me informava da existencia de outro manuscripto — *Outavas nas quaes descreve um curioso tudo quanto viu na serra da Arrabida* — 141 oitavas, muito inferiores, a julgar pelas duas ultimas, de que recebi copia.

E dizia ainda o sr. Portella:

«O poema *(este em oitavas)* deve ser muito antigo, pois ha mais de 30 annos m'o deu o ultimo solitario que viveu na Arrabida, Fr. José de Nossa Senhora, que o tinha, meio apodrecido, no fundo de uma gaveta em uma cella, que o 1.º Duque de Palmella lhe concedera depois da extincção dos frades, mas que o bom leigo nunca habitára, affeiçoado como era ao seu cubiculo do *convento velho*, onde falleceu.

«Tambem me deu, unido ao tal poema, o seguinte soneto:

AO MONTE DA ARRABIDA

Por FRANCISCO CORRÊA DE LACERDA

(Manuscripto)

Vês de penedos asperos coberto,
Vês de silvestres arvores vestido
Esse alto monte, que entre os mais erguido,
E' das estrellas o que está mais perto?
Pois inda mais do que parece é certo
Que está, ó Fabio, ao firmamento unido,
Pois as almas que ao ceu d'elle hão subido,
As portas tem do céu por elle aberto.
Para subir ao céu tão levantado
Parece que o formou a natureza
Do céu ás vizinhanças destinado.
Em tanta solidão, tanta rudeza,
Acha o juizo mais desenganado
O caminho do céu pela aspereza.»

Junto aqui estas memorias, porque ellas podem servir de subsidio áquelle dos nossos escriptores que porventura se proponha um dia escrever a historia da serra da Arrabida através dos tempos — homenagem que ella bem merece.

A viagem fluvial não é menos attrahente do que por Azeitão, nem o Sado, em dias serenos, offerece perigo algum.

Um dos mais pittorescos accidentes que se deparam ao visitante quando aprôa á raiz da serra é o chamado *Portinho da Arrabida*, especie de angra, onde ha annos apenas havia uma choça que vendia pão, vinho e peixe. Hoje, alguns edificios quebram a antiga solidão d'este formoso local.

Junto ao porto eleva-se o forte chamado do *Portinho*, que D. Pedro II mandou construir em 1670 para defesa da costa, e que o sr. conselheiro Eduardo Montufar Barreiros arrendou ao Estado.

*
* *

O concelho de Setubal tem sido elogiosamente apreciado por escriptores nacionaes e extrangeiros.

Em 1866, o illustre poeta e contista dinamarquez Christian Andersen, que esteve hospedado na quinta dos Bonecos (da familia O'Neill), a menos de um kilometro da cidade, e que tinha percorrido quasi toda a Europa, disse que havia encontrado na região setubalense «o Paraizo Terreal».

Antonio Feliciano de Castilho, depois de se referir com enthusiasmo á Arrabida, a Palmella e a Troia, chama a Setubal «torrão das laranjeiras noivas, como a Italia.»

Ramos Coelho foi na piugada de ambos quando descantou:

O' Setubal, paiz deleitoso,
O' ameno, aprazivel retiro,
Onde agora, passando, suspiro,
Para breve partir-me d'aqui;
Estes dias que moro em teu seio
Nunca, eu juro, serão esquecidos;
Teus encantos na mente esculpidos
Me dirão que comtigo vivi.

Pela minha parte, embora pareça arrojo falar de mim proprio, direi que hoje, como em 1877 — e já lá vão 30 annos — amo a linda terra de Setubal em si mesma e por si mesma — a sua paizagem, o seu rio, os seus montes, os seus pomares, os seus campos.

Faço votos pela sua felicidade futura, em grande parte dependente da construcção da linha ferrea do valle do Sado.

Que altos progressos não haveria Setubal attingido se ha 80 annos, quando ainda não pensavamos em caminhos de ferro, tivesse tido realidade uma iniciativa que passou pelo espirito de alguns dos nossos parlamentares?

A commissão encarregada de dar parecer na Camara dos Pares, em 1827, sobre a proposição de lei cujo fim era consagrar a D. Pedro IV a primeira obra publica que se construisse e fosse de reconhecido interesse nacional, alvitrou que essa obra poderia ser a abertura, já então por vezes projectada, de um canal de navegação entre o Tejo e o Sado, o que nunca se fez.

Depois veio D. Miguel, com elle o absolutismo, e o canal foi-se pela agua abaixo.

XVIII

Alcacer do Sal

De Setubal fui para Alcacer do Sal no primeiro barco que me indicaram.

Houvera antes uma carreira a vapor, e agora a tornou a haver desde 1 de julho de 1907. Mas eu não logrei esse beneficio, que aliás me não fez falta, pois tivemos sempre vento de feição.

O Sado offerece um lindo espectaculo, pela belleza das suas aguas e das marinhas que lhe bordam a margem. Reconhece-se que se está na região do sal, talvez por isso chamada *Salacia* pelos romanos.

Emilio Hubner não descobriu provas sufficientes para dizer que Alcacer do Sal fosse *Salacia*.

Mas no mesmo logar da villa actual ou em qualquer outro da margem do Sado, parece, de feito, ter existido uma cidade lusitana a que os romanos dariam aquelle nome para caracterisar a riqueza economica não só d'ella, como tambem de toda a região sadina.

O achado de algumas moedas veio robustecer a crença de que assim fôra.

Lembra-me perfeitamente um episodio da minha viagem a Alcacer.

Vou transcrevel-o do prologo com que precedi a *Arte de cozinha* de João da Matta, o nosso Vatel no seculo XIX.

«A mais celebre e a mais apetitosa caldeirada que jamais comi foi-me servida sobre o rio Sado, no barco de mestre Casimiro, de Setubal para Alcacer do Sal. Era o dia 26 de abril de 1875, esplendido de luz e de effluvios da primavera. O Sado ia desdobrando a meus olhos a sua formosa vastidão inteiramente desconhecida a quem desde pequeno se familiarisára com a suave estreiteza dos rios do norte. Acompanhavam-me dois amigos — um d'elles o primeiro, o maior da minha vida—que porfiavam em dissipar da minha alma os dois grandes pesadellos que a acobardavam: o receio de ter de passar dois dias em Alcacer do Sal, de que Lisboa conta horrores sezonaticos, e o de ter de visitar, por ordem do ministerio do reino, escolas primarias, quer dizer, escolas a que anda jungido o mais ironico, o mais pungente, o mais falso adjectivo d'este mundo. Ao passo que falavamos, e nos interrompiamos de vez emquando para admirar a placidez voluptuosa com que algum pescador fumava dentro do seu barquinho emquanto

a rêde lhe ia ganhando a vida, mestre Casimiro cozinhava á pôpa, sobre um taboleiro de areia, a nossa caldeirada de linguados, salmonetes e rodovalhos. Elle havia-se arremangado, e banhado primorosamente no Sado os seus braços musculosos e trigueiros. Deitara na caldeira o azeite, o sal, a pimenta, a salsa picada. Depois lavara escrupulosamente no rio os peixes, e, mal enxutos, os deitara á caldeira, que lançava sobre nós, sentados á proa, uma columna de fumo impregnada do agreste mas agradavel aroma do cozinhado. Pouco tempo corrido, abriamos as nossas cestas de *lunch*, e mestre Casimiro servia a caldeirada, emquanto o nosso barco ia rasgando listrões de espuma, levado rapidamente pela grande véla enfunada».

Já no 1.º vol. contei as investidas que Affonso Henriques fizera contra o castello de Alcacer e como o pudera finalmente conquistar; depois contei como esse castello tornara a ser tomado pelos sarracenos no tempo de Sancho I; e, por ultimo, como no reinado de Affonso II o castello de Alcacer, depois de uma sanguinolenta batalha, ficou definitivamente na mão dos portuguezes.[1]

Herculano traçou com vivas cores o quadro do grande emporio que fôra Alcacer sob o dominio dos mouros; da sua decadencia no inicio da posse christã; e do seu abatimento moderno.

«Alcacer — diz elle — achava-se no seculo XII decahida da anterior grandeza; mas ainda se distinguia pelo pintoresco do sitio, e pelo seu aprazivel aspecto. Assentada nas margens do Chetawir, grande numero de embarcações subiam e desciam o rio carregadas com as mercadorias, que lhe alimentavam o commercio, necessariamente activo pela proximidade da populosa e opulenta Ieborah (Evora). Cercavam-n'a por todos os lados extensos pinhaes, e as madeiras que n'elles se cortavam constituiam um dos principaes objectos d'exportação. Naturalmente ferteis, os seus arredores eram ricos de gados, que produziam abundancia de lacticinios e carnagens. O mel que ahi se recolhia formava uma porção da sua riqueza. Tal é o quadro, que, apesar da decadencia politica de Alcacer, ainda nos fazem d'ella os escriptores arabes do seculo XII. Da sua importancia militar, da fortaleza do castello que a defendia, é argumento quanto sangue custou aos christãos conquistal-a, e reconquistal-a depois de perdida de novo. Hoje de tudo isto restam apenas largos pannos de muros rôtos e pendidos, torres derrocadas ou fendidas, que vacillam e ameaçam esmagar parte da povoação assentada a seus pés. Os bosques desappareceram em grande parte; e os prados que alimentavam numerosos armentios converteram-se em alagadiços, d'onde mana a corrupção. As febres mortiferas do estio tingem o gesto dos habitantes de uma côr de cadaver, que harmonisa tristemente com aquellas pedras tombadas e pallidas, com os vestigios de duas grandes civilisações, que passaram por essa terra de muitos seculos. A' raiz do alto cubello sarracêno jáz o fuste da columna romana: a inscripção latina faceia o muro da que, talvez, foi mesquita mussulmana, e que hoje é um pobre templo christão. Ruinas sobre ruinas, cimentadas com o sangue de muitos combates, e no meio d'ellas uma população enfesada e doentia, eis o que resta da bella Al-kassr I ben Abu Danès, afóra uma pouca actividade commercial, que os erros dos homens não puderam destruir, porque dependia da situação do logar, emporio e mercado natural das terras sertanejas, que demoram ao norte e oriente do Sado.»[2]

Extinctos os dois conventos de Alcacer, um de freiras claristas, outro de frades da mesma ordem franciscana,[3] a villa ficou ainda mais amortecida, e amparada unicamente pelo trafego commercial e agricola.

---

[1] Pags. 8 a 11 do 1.º vol. d'esta obra.

[2] A. Herculano, *Hist. de Port.*, tomo I, liv. II.

[3] A'cerca de uma inscripção gothica encontrada na igreja d'este convento veja-se *Archivo Pittoresco*, vol. VI, pag. 182.

Mas, querendo ufanar-se da sua antiga importancia fluvial, possue um excellente caes de cantaria a montante do Sado; e como reliquia historica orgulha-se das ruinas do seu velho castello.

A villa é bastante populosa, porque a freguezia do Castello tem 1.234 habitantes, e a de Santiago 1.478, mas as febres palustres dizimam annualmente a população.

Quando se desembarca no caes sente-se subir do solo uma baforada incommoda de labaredas invisiveis, e somos perseguidos pelos mosquitos que enxameam no ar.

Na maré baixa, torna-se ainda menos salubre a villa por causa dos lodos do Sado que ficam a descoberto.

Alcacer tem um aspecto triste, e parece meditar, sentada em logar plano á beira do rio, no esplendor do seu passado, e no abatimento do seu presente.

A bem dizer o interior da villa é uma rua direita, extensa e apertada.

Ha, porem, um Jardim Publico, fechado por gradeamento, e uma avenida—Soares Branco.

408—Alcacer do Sal—Aspecto geral

Offerece nobre aspecto a casa onde residia Antonio de Campos Valdez, esse distincto *virtuose*, que foi empresario de S. Carlos, e se arruinou com o theatro e com a politica.

A fundação da igreja do Castello data do tempo de D. Affonso II; e a da actual igreja de Santiago data do reinado de D. João V. Este templo tem duas torres deselegantes, e uma fachada singela.

A Misericordia foi fundada em 1530 pelo commendador da Ordem de Christo Ruy Salema; a respectiva igreja foi edificada por esmolas em 1541; e as primeiras enfermarias pelo fundador e sua mulher.

O hospital, inaugurado em 1568, começou com 13 leitos.

Hoje, depois de realisados consideraveis melhoramentos, dispõe de 33 camas para homens e 14 para mulheres.

Tem um recinto de recreio para convalescentes, e uma enfermaria especial para doenças contagiosas.

A media annual dos doentes attinge a alta cifra de 590. [1]

A villa, alem de séde do concelho do seu nome, tambem o é de uma comarca de 3.ª classe.

Possue um theatro, duas philarmonicas e o club — Pedro Nunes — assim chamado porque este famoso mathematico, inventor do *nonio*, era d'aqui natural.

A' praça tambem foi dado o seu nome. N'ella estão situados os paços do concelho, proximo ao Sado, nos quaes se acha estabelecido o museu archeologico municipal, a que serviram de base as collecções offerecidas pelo sr. Joaquim Correa Baptista e padre Francisco da Matta Galamba.

E' digna do maior applauso esta iniciativa.

Felizmente já não são poucos os museus provinciaes de archeologia: no Porto (edi-

[1] Costa Godolphim—*As Misericordias*, pag 231.

ficio da Bibliotheca Publica): em Coimbra (Sé Nova), Figueira da Foz, Bragança, Castello Branco (Tavares Proença), Guimarães (Martins Sarmento), Santarem, Elvas, Evora, Faro, etc.

O de Alcacer consta das seguintes secções e objectos:

Préhistoria—Machados de pedra (polida), mós, polidores, martellos.

Idade do bronze—1 machado de bronze; 2 laminas de bronze ou cobre, tendo uma dois pregos de ouro que seguravam o cabo, e outra dois pregos de prata para o mesmo fim; uma taça de barro; um vaso com orificios lateraes de suspensão; um vasito; ossos e dentes.

Idade do ferro—Um idolo; espadas e lanças; pedaços de ceramica.

Epoca romana—Uma xorca de ouro; um annel; moedas romanas, consulares, imperiaes e coloniaes, de cobre, prata e ouro; 19 moedas attribuidas á cidade lusitana de Salacia; urna cineraria de barro aretino; diversas marcas figulinas do mesmo barro; tijolos; pesos de tear, telhas (tegula e imbrica); 2 amphoras, suppondo-se que uma é grega; verticilli ou cossouros de barro; unguentarios; lucernas (uma da arte lusitano-romana); 1 peso de pesar, de pedra; muitos vasos e taças; inscripções romanas; cabeças de estatuas (duas) e parte d'estas e de outras; mó, jacente; sepulturas doliares.

Epoca portugueza — Moedas de diversos reinados, a começar em D. Affonso I; faianças diversas; paleographia do seculo XV e seguintes.

Tanto a freguezia do Castello como a de Santiago, e todas as outras do concelho, comprehendem muitas herdades, courellas e quintas, que teem abundancia de gado e caça, e produzem trigo, centeio, cevada, vinho e azeite.

O sal é, porem, uma importantissima fonte de receita em toda a região do Sado: calculam-se em 900 as marinhas do concelho.

Outrora floresceu em Alcacer uma industria, de que se encontra noticia em quasi todos os nossos chorógraphos, mas que Rebello da Silva definiu melhor do que elles, nas palavras seguintes:

«Em Alcacer do Sal cortava-se o junco branco e tenuissimo, de que se teciam as esteiras, que forravam no verão o pavimento das casas, e que os poderosos de outros reinos mandavam ir para alindarem as salas, porque sua frescura, o aprazivel dos matizes e lavores, e a commodidade do preço os tornavam um ornamento barato e curioso». [1]

Faz-se na villa feira franca de 10 a 12 de outubro; e mercado de suinos a 15 de desembro e 6 de janeiro.

Lembrarei um facto que faz honra ao povo alcacense.

Quando em 1580 os governadores do reino fugiram de Setubal, o povo d'esta cidade tão hostil se mostrou ao renegado portuguez Christovam de Moura, que este, devendo apenas a sua salvação ao Conde de Vimioso, teve de sair para Alcacer, cujos habitantes o não quizeram receber, vendo-se o agente de Filippe II obrigado a acolher-se á albergaria da ermida isolada de Santiago.

Que eu saiba, tem havido em Alcacer do Sal os seguintes periodicos: *O Sado*, revista litteraria de politica independente, 1888; O *Alcacense*, semanario noticioso e litterario, 1888.

Por decreto de 31 de maio de 1871 foi concedido o titulo de visconde de Alcacer do Sal, em sua vida, a Antonio Caetano de Figueiredo, o qual a expensas suas fez construir e mobilar o predio onde installou o *Club Pedro Nunes* e, annos antes, fundou a philarmonica a que o nome d'elle fundador ficou ligado.

Junto á villa de Alcacer houve no dia 3 de novembro de 1833 um sangrento com-

[1] *Memoria sobre a população e a agricultura de Portugal.*

bate entre realistas e liberaes, soffrendo estes grandes perdas e sendo fusilados por aquelles quasi todos os prisioneiros.

Um dos poucos que puderam escapar á morte foi o auctor do interessante livro—*Apontamentos da vida d'um homem obscuro escriptos por elle mesmo* (1880), que a pag. 186 e seg. conta as duras peripecias d'essa jornada militar, e a desorganisação em que se apresentaram ali as forças liberaes.

O concelho, que pertence ao districto administrativo de Lisboa e ecclesiasticamente ao arcebispado de Evora, compõe-se de mais as seguintes freguezias: Monte Vil, com 909 habitantes; Palma, com 1.059; Santa Suzana, com 559; S. Martinho, com 396; S. Romão do Sádão, com 950; Sitimos, com 660; Torrão, com 2.176; Valle de Guizo, com 695; Valle de Reis, com 276. População total do concelho, 10:392 habitantes.

Como se acaba de vêr, d'estas freguezias as mais populosas são a de Nossa Senhora da Assumpção do Torrão, que tem maior numero de habitantes que qualquer das da villa, e a de S. João Baptista de Palma.

409—Alcacer do Sal—Um trecho do Jardim Publico

A villa do Torrão, séde da freguezia[1] do seu nome, fica a 34 kilometros da séde do concelho, para suéste.

Acha-se situada n'uma planicie, que ao norte é banhada pela ribeira de Xarrama, affluente do Sado.

Villa antiga, teve foral da ordem de Santiago, a que pertencia. D. Manuel deu-lhe foral novo em 1512.

Eu estive no Torrão, ha 32 annos, a inspeccionar uma unica escola que então ali havia. Em Alcacer do Sal aconselharam-me que não fosse directamente para o Torrão a fim de evitar os pantanos. Assim fiz. Segui de Alcacer para Grandola e Santiago de Cacem, d'onde, atravessando a charneca, triste mas saudavel, fui tomar o caminho de ferro. Apeei-me na estação de Villa Nova da Baronia e d'ali segui para o Torrão, onde dormi e passei algumas horas do dia seguinte.

Pernoitei no solar dos Mexias Salemas, um dos quaes, o mais velho dos irmãos, fôra em 1855 agraciado com o titulo de visconde do Torrão.

Achei ainda muito viva e intensa no povo a memoria de ter estado n'esta villa el-rei D. Pedro V, que supponho pernoitára n'aquella mesma casa.

Ligam-se ao Torrão alguns outros appellidos heraldicos, alem dos Mexias, taes como Patos e Galvões.

Mas a maior gloria d'este rincão verdadeiramente alemtejano (embora pertença administrativamente á Extremadura) está em ter sido berço de Bernardim Ribeiro.

E comquanto muito se tenha discutido ácerca do auctor da *Menina e moça*,[2] ninguem ainda contestou que houvesse nascido no Torrão, facto a que elle mesmo allude na écloga II:

Quando as fomes grandes foram,
Que o Alemtejo foi perdido,

---

[1] Esta freguesia pertenceu até 1871 ao concelho de Alvito.

[2] Manuel da Silva Mascarenhas, na edição de 1645, mudou este titulo para *Saudades de Bernardim Ribeiro.*

Da aldea, que chamam Torrão
Foi este Pastor fugido...

Mais ou menos se conhece a lenda de Bernardim Ribeiro e dos seus amores. Mas se alguem a ignorar completamente, o que só admitto por hypothese, procure n'um livro meu, *Historias de reis e principes*, a noticia do que sobre o assumpto se tem escripto e algum novo argumento que eu pude adduzir em desfavor da lenda.

Faz-se no Torrão uma feira de 2 a 4 de agosto.

A villa tem Misericordia, cuja receita annual é de 800$000 reis, segundo Costa Goodolphim; e tres templos, sendo um a matriz, outro o da Veneranda Ordem Terceira de S. Francisco (que supponho ser o do antigo convento de religiosas da mesma ordem) e finalmente o de Nossa Senhora do Bom Successo, com um portico de tres arcos e quatro columnas, encimado por uma varanda de pedra.

A séde da freguezia de S. João Baptista de Palma demora a 17 kilometros de Alcacer do Sal, para noroéste.

Fica na margem direita da ribeira de S. Martinho, e é servida pela ponte que atravessa a mesma ribeira.

Torna-se notavel esta freguezia pelo palacio e herdade do antigo condado de Palma, o qual pelo casamento do 2.º conde de Obidos (Veja *Obidos*) ficou integrado n'este ultimo condado conjuntamente com o de Sabugal.

Herdade e palacio pertencem hoje ao opulento lavrador José Maria dos Santos. Distam da villa de Alcacer 16 kilometros, da estação do Poceirão 24 e da cidade de Setubal 35.

El-rei D. Carlos foi por varias vezes caçar javalis na herdade de Palma, hospedando-se no respectivo palacio, que fica proximo á igreja parochial.

Em 1907 o *Club Tiro-Tauro Setubalense* realisou uma grande caçada nos vastos montados d'esta herdade e á noite os caçadores representaram n'um improvisado theatro-barracão uma especie de revista com o titulo *Na caça da caça*.

Outra freguezia do concelho de Alcacer, a de Val de Reis, deu o seu nome ao titulo de conde que anda na casa dos duques de Loulé.

410—Igreja de Nossa Senhora do Bom Successo no Torrão

XIX

Grandola

duque de Coimbra, D. Jorge de Lencastre, filho bastardo de D. João II, e Mestre da Ordem de Santiago, quando sahia a montear com seus filhos, batia por vezes a charneca que se dilatava ao sul da margem esquerda do Sado, na falda da serra.

Já ali tinha havido occupação romana, como ainda em nosso tempo o fazem crêr alguns vestigios de edificações remotas; e de exploração mineira nos arredores.

Affeiçoando-se ao sitio, n'elle mandou D. Jorge edificar uma casa de recreio.

Certo dia perseguiam os caçadores um porco bravo, e o duque de Coimbra vira-o passar, da janella.

Pareceu-lhe isto uma provocação do javardo, e logo perguntou onde estava o seu melhor caçador para ir castigal-a.

Responderam-lhe que era ausente por ter sido chamado a uma audiencia no tribunal de Setubal, que era então a comarca a que, no termo de Alcacer, pertencia o territorio onde a habitação fôra construida. [1]

Irritou-se o Mestre com aquella contrariedade, se bem que ella não evitasse que o porco bravo fosse abatido pelos outros caçadores.

Para celebrar esta victoria cynegetica, teria D. Jorge mandado servir um lauto banquete — *grande ola* [2].

D'aqui diz a lenda que viera o onomastico Grandola, e mais acrescenta que o mesmo D. Jorge, para não tornar a irritar-se pela ausencia dos seus monteiros quando a justiça os quizesse chamar, obtivera de D. João III que o logar, onde a sua casa estava, fosse elevado a villa.

Ainda hoje, na *Praça de D. Jorge*, a tradição indica um predio, aliás de modesta

---

[1] O concelho de Grandola, que depois veio a ser comarca, pertence hoje ás de Santiago de Cacem e Alcacer do Sal.

[2] No portuguez antigo *ola* (do latim *olla*) significava panella e, por extensão, o seu conteúdo. Ainda hoje dizemos «a olha do caldo». Notaremos a coincidencia — sem d'ella inferirmos qualquer hypothese — de haver na Italia septentrional, provincia de Como, uma povoação chamada Grandola.

apparencia, como tendo sido aquelle que o Mestre de Santiago mandára construir, ou pelo menos aquelle o logar onde fôra edificado.

A lenda, quanto ao onomastico, é decerto uma phantasia, mas não padece duvida que D. Jorge attrahiu a Grandola algumas familias, que ali iam recrear-se e que fizeram prosperar a povoação, a qual ficou sendo commenda da casa dos duques de Aveiro, descendentes do Mestre.

Das familias illustres ali attrahidas então, e dos seus descendentes, ainda agora falam os brazões esculpidos sobre as portas das casas, não palacios, que pertenceram aos Metellos, Barradas, Leitões, e outros.

411—Grandola—Praça de D. Jorge
(Paços do concelho e cadea)

A praça, onde foram erigidos os paços do concelho, fica ao centro da villa: é a de *D. Jorge*, por memoria do Mestre de Santiago.

Dá muito na vista o aspecto da povoação, não só por aquelles predios brazonados, como pela alvura do maior numero de habitações, que parecem sempre caiadas de fresco.

Os paços do concelho acham-se installados em edificio proprio, com andar nobre e uma sineira lateral, levantada sobre muralha, e um relogio, segundo a antiga tradição municipal. O sino convoca os vereadores nos dias de sessão, e tambem se faz ouvir para annunciar a chegada e venda de peixe.

Na camara guardam-se ainda o antigo estandarte e as varas vermelhas com que outrora a vereação se apresentava nos actos solemnes.

E' no pavimento inferior dos paços do concelho que está a cadea.

O concelho, de que a villa de Grandola é cabeça, conta 7.861 habitantes, e comprehende as seguintes freguezias: Nossa Senhora da Assumpção de Grandola, com 3.703 moradores; S. Pedro de Melides, com 2.098; Nossa Senhora da Conceição da Azinheira dos Barros, com 1.032; Santa Margarida de Sena, com 716; e S. Mamede do Sádão, com 312.

A área do concelho é superior a 100.000 hectares, mas a população, como se vê, não chega a 8.000 almas.

O que explica a pouca densidade da população são os vastos areaes da charneca inhabitada.

A villa de Grandola, assente n'um pequeno planalto, dista de Alcacer do Sal vinte e dois kilometros e de Santiago de Cacem vinte e cinco.

Do tempo da occupação romana teem apparecido varias moedas.

Contam-se na villa actualmente tres igrejas — a matriz, a da Misericordia, e a de S. Pedro.

A matriz, que é um amplo templo, nada offerece comtudo de singular, excepto a grade do côro.

Possue, porém, uma notavel custodia de prata dourada, com lavores, a qual tem na base o brazão do duque de Coimbra.

A igreja da Misericordia recommenda-se pelos antigos e bons azulejos que a revestem interiormente.

Tem annexo o respectivo hospital.

Além d'aquelles tres templos, ha duas capellas; n'uma d'ellas venera-se S. Sebastião, mas primitivamente venerou-se Santo Estevam.

Esta ultima imagem era tida na conta de milagrosa contra a peste, de que preservava a villa.

Os povos de Alcacer, invejosos de tão prodigiosa immunidade, foram a Grandola roubar a imagem, e os grandolenses acharam que o melhor que tinham a fazer era substituil-a por outra.

Dedicaram o altar a S. Sebastião, que tambem é advogado contra a peste.

A *Praça de D. Jorge* não é unica; ha mais uma — do Marquez de Pombal.

As ruas principaes são: Mousinho de Albuquerque, Mousinho da Silveira, Garrett, Vasco da Gama, Jacinto Nunes, Vaz Pontes, etc.

Funccionam duas escolas de instrucção primaria, ambas complementares; dois monte-pios; duas sociedades de recreio, uma d'ellas com gabinete de leitura; e foi construido um elegante theatro.

O matadouro e o quartel teem edificios proprios.

O cemiterio novo possue jazigos dignos de menção, especialmente o da familia Serrano, em estilo gothico.

Trabalham em Grandola algumas fabricas de rolhas, comquanto seja modesta a sua laboração.

Fazem-se duas feiras: uma no 1.º domingo de maio, outra no ultimo domingo de agosto.

Esta dura dois dias, e é importante em gado vaccum.

Faz-se tambem um mercado de gado suino aos domingos, desde 10 de dezembro até aos fins de fevereiro.

E' dos melhores do paiz.

A festa mais popular que se realisa no concelho é a romaria da Senhora da Penha, na segunda feira immediata ao domingo da Paschoella. A respectiva capella está no alto de um sêrro, a sudoéste da villa, e distante d'ella cerca de tres kilometros.

412—Grandola—A misericordia e o hospital

Gosa-se d'ali um vasto horizonte, que se alonga por terras de Setubal, Ferreira e Beja.

A esta romaria concorrem os habitantes da serra, *sarôgos*, cujas danças são originaes e vivas.

Nas *funcções* (bailes) os serranos esgotam o seu repertorio choreographico: as *carreirinhas*, a *puladinha*, as *rasteirinhas*, os *tres pedaços* ou *compassos*, etc.

Pelas festas populares do mez de junho, erguem um mastro revestido de flores e verdura; suspendem d'este mastro longos festões que vão prender-se n'uns prumos tambem enfeitados. Assim delimitam o recinto da dança.

E' vulgar em todo o Alemtejo o costume do *mastro*.

Em geral as danças são acompanhadas a harmonio ou a cantigas.

O estilo das cantigas, monotono e lento, tem muito de melopea mourisca, e é commum ás povoações do Alemtejo.

Em geral, os montanhezes do concelho vão aos domingos á villa e estacionam na Praça de D. Jorge, onde tratam os seus negocios, costume aliás muito generalisado nas villas das nossas provincias.

As mulheres, ordinariamente fortes, usam saias curtas de castorina encarnada ou baêta azul; chailes escuros, traçados sobre o relevo do peito; meias de altos lavores e sapatos com atilhos de cores variadas.

Os homens, bronzeados pela soalheira, trazem jaqueta orlada de recortes sobrepostos, chapéo de aba larga, ás vezes com um adorno em cordões ou flores de torçal, e empunham cajados pastoris.

A linguagem dos serranos de Grandola não deixa de ter certa originalidade de differenciação alemtejana, já n'esta região bem patente, embora, segundo investigações do sr. Adolpho Coelho, as populações christãs do sul do reino falassem, ainda antes da reconquista christã do seculo XII, a mesma lingua que as do norte.

Dêmos alguns *spécimens* do vocabulario grandolense: [1]

Di[2] um malhão e rasgui a copa.....	Quer dizer: Dei uma queda e rasguei o fato.
A vasilha revolveu-se na chapada.....	Isto é: O carro tombou-se na descida.
Caiu um perigo na arvore.....	Perigo é aqui sinonymo de raio.
A mulher teve um perigo	Aqui é sinonymo de abôrto.
Em casa d'elle apparece um medo.....	Medo—Phantasma, lubishomem, alma do outro mundo.
Fez muito lambarão. Deu ao lambarão.....	Falou muito. Tagarelou.
Em menos d'um funeral.....	N'um instante. É locução vulgarissima.
A ferida arejou.....	Inflammou-se, creou.
Não me choteia.....	Não me agrada.
A colmea machiou.....	Diz-se quando a colmea perde a abelha e se estraga creando bicho.
Buzaranho ou espójinho.....	Remoinho de vento.
Zanganilho	Aragem fria. Vento nordéste.
Charouco (xaroco)	Vento forte do Levante.
Marmaço (mormaço).....	Vento calmoso. Suão.
Esgarnacha	Tufão.
Aficancia.....	Difficuldade em respirar. Falta d'ar.
Pernicar.....	Beliscar.
Orelhada.....	Bofetada.
Rapino.....	Bicha-cadéla.
Ruinzéllo.....	Mal disposto de saude.
Remôlgo	Vagabundo-pedinte.
Funcção	Baile, em geral.
Escarafuncho	Baile licencioso.
Pinguella.....	Ponte rustica.
Droga	Fazenda de lã para fato.
Malhão	Queda.
Chapada.....	Ladeira.
Cópa	Andaina de fato.
Revôlvêr	Tombar.

[1] Artigo do sr. Julio Palmeirim no *Brazil-Portugal* de 16 de julho de 1901; e informações particulares que me forneceu amavelmente.

[2] Nas palavras terminadas em *ei*, é infallivel a suppressão do *e*; assim, chori por chorei, roubi em vez de roubei, etc.

Capacho	Abano.
Balhana, tralha ou turgia	Porção variada de objectos caseiros, sem valor. Conjunto de roupas de uso pessoal. Talvez tambem reunião de objectos muito diversos.
Abegão	Carpinteiro de carros.
Agora-logo	Já. Immediatamente.
Cachóla	Fressura.
Pilradinho	Sarapintado.
Enregar	Começar. Principiar.
Invés	Transtorno.
Caseiro	Porco creado em possilga perto da casa.
Tanganho	Esgalho de madeira.
Espórêdo	Poeira.
Acilhar	Ageitar. Acommodar.
Charnóca	Buraco.
Cacifro	Tacho, ou frigideira de lata com rabo.
Manténs	Guardanapos, ou toalhas de mesa, mas apenas de fabrica, ou com desenhos especiaes.
Pêta	Pião pequeno.
Derruchar	Escangalhar, mas especialmente applicado a escangalhar os ninhos.
Escarrapichar	Escorregar.
Peloucho	Pessoa nua.
Peloucinho	Passarinho recem-nascido, ainda sem pennas.
Bicha	Vibora.
Cincadilha. (Por uma cincadilha)	Por um instante. Por um triz.
Paleio	Cavaco. Palestra, principalmente amorosa.
Tapiço	Avental.
Quanto-malinho	Um poucochinho.
Piára. (Da mesma piára)	Da mesma ninhada.
Banaio	De côr alvadia, não viva.
Marcas	Botões, dos que teem buracos.
Botico	Barraca de feira.
Bentinhos	Alforges pequenos e ordinarios.
Malazengo	Adoentado.
Paquête	Rapazinho entre os 8 e 12 annos, empregado em mandados, isto é, sem obrigações certas.
Xarépe	Ridiculo.
Bornico (cortar os bornicos)	Extremidades pôdres das pernadas, ainda nas arvores, principalmente nas sobreiras.
Arrégóta	Parte da esteva que comprehende a base do tronco e a raiz.
Escofiar	Cofiar, mas tambem escovar.
Boníco	Excremento secco.
Burricalho	Burrinho.
Caçadeira	Camisola de riscado. Os mesmo serranos que não são caçadores assim a pedem.
Choquila (choquilha, esquila)	Campainha para as cavalgaduras.
Macobío	Trabalhador do norte.
Pandilha	Cigarro ordinario.
Sagôrro	Homem da serra.
Cadete ou galhardo	Bonito.
Batibarba	Reprehensão forte.
Busgueiro	Chapéo velho.
Grivalda (Garibalda, de Garibaldi)	Camisola de riscado, curta.
Sibanas	Taipaes dos carros.
Provimento (Um)	Meio kilo de chumbo e uma quarta de polvora. Não usam d'este termo para mais coisa alguma.
Bichocou	Nascida. Furunculo.

Embelgar	Lançar os rêgos mestres, para regular a direcção da lavoura. Cortar o matto e affeiçoal-o em *moreias*.
Aguadeiro	O mais ruim da afilhação. *(A ovelha ranhosa)*. Applicado, porem, a todos os animaes.
Fôrra (Estar fôrra)	Não estar prenhe, nem parida. (Nos animaes).
Aira. (Não faz aira)	Não fica elegante.
Vigario	Cabreiro. (Termo só da serra, mas muito vulgar).
Chegadinho [1]	E' termo moderno. Significa influenza.
Sidré	Pericia.
Malear	Abortar. (Nos animaes).
Jarêgo	Homem da charneca, especialmente o pequeno lavrador.
Lindim	Homem da villa. (Nome que lhe dão os da serra).
Mancebo	Canna com um buraco e que serve para pendurar a candeia pelo gancho.
Sítola	Coisa que raras vezes succede.
Escravilheira	Porca velha.
Taranta	Rapariga escanifrada, magrizella.
Atalho (um atalho)	Parte que se extraviou d'um rebanho.
Apus	Após, depois.
Côrtos, côrtas [2]	Curtos, curtas.

Alguns dos nossos chorógraphos noticiaram haver na villa de Grandola quatro fortalezas dispostas symetricamente.

E' baboseira de marca maior; e como tal muito repetida.

As quatro *fortalezas* são duas igrejas e duas capellas assim collocadas.

Parece, porem, ter havido em Grandola um castro romano. Ainda hoje, á sahida da villa, se encontram dois cerrados, divididos por uma estrada municipal, que são conhecidos pelos nomes de *Castello e Castellinho*. Ahi, a pequena profundidade, teem apparecido vestigios de edificação antiga —muros, encanamentos, tijólos, moedas, e uma bola de pedra, que está no Museu Archeologico em Lisboa.

413—Grandola—Ponte Saraiva de Carvalho

O rio Davino, que passa um kilometro ao sul da villa, é muito pittoresco não só pelas suas margens arborisadas, como tambem pelas suas pontes rusticas, a que lá chamam pinguelas, vocabulo que aliás se encontra, na mesma accepção, em os nossos diccionarios.

Mas ha outra ponte, que é de cantaria, bem construida, e que tem o nome de— Saraiva de Carvalho.

---

[1] Talvez por a influenza ser um contagio recemchegado, «chegadinho de fresco».

[2] E' quasi geral o uso dos participios passivos irregulares, como n'este do verbo cortar.

Relevam nas vizinhanças da villa de Grandola algumas curiosidades picantes.

Uma, a sete kilometros de distancia, é o olho d'agua chamado Borbolegão, que irrompe violentamente e sôa com grande fragor.

No remoinho em que turbilhona occulta-se um sorvedouro que, diz o povo, é capaz de engulir uma junta de bois.

E como effectivamente o Borbolegão parece um olho redondo e tôrvo, tambem o povo diz que o vê enraivecer-se, qual se fôra o de um cyclope aquatico, quando se aproxima d'aquelle logar qualquer mulher com saias de cores berrantes, que lhe férem a supposta pupilla.

D'elle dimana uma corrente que forma o rio Arcão e é muito accidentada em meandros caprichosos, bem como opulenta de vegetação em ambas as margens.

Este rio, minando uma rocha de calcareo, que lhe estorvava a passagem, improvisou uma interessante ponte natural, que chamam dos Aivados, e sobre a qual podem transitar dois carros a par um do outro.

Continuando a correr para o Sado, onde vai desaguar a juzante de Valle de Guizo, o Arcão, despenhando-se espumoso, espraia-se depois n'uma lagôa, onde parte das suas aguas ficam retidas, e cujo nome, *Diabroria*, parece revelar tambem a suggestão da credulidade popular no maravilhoso.

414—Dr. Jacinto Nunes
(Grandolense muito dedicado á sua terra)

Oito kilometros a suéste da villa existe em exploração a mina cuprifera da Caveira, que, não obstante estar em começo de lavra, emprega para cima de 1:000 operarios.

A empresa actual é a firma ingleza Chrookston & Hawkins.

Alem do cobre, a mina contém pyrites auriferas.

Esta região foi muito explorada no tempo dos romanos, como o attestam numerosos póços, o sarro de escorias, etc., ali patente e algumas amphoras que teem apparecido enterradas nas escorias.

A freguezia de Nossa Senhora da Assumpção de Grandola comprehende muitas herdades, *montes* (casaes) hortas e moinhos.

A freguezia da Azinheira dos Barros, cuja séde fica 20 kilometros a sudoéste da cabeça do concelho, tem duas escolas para ambos os sexos, e igualmente comprehende herdades, casaes e moinhos.

N'esta freguezia tambem ha uma mina de cobre, que a firma Henri Burnay & C.ª adquiriu recentemente.

A freguezia de Melides, proxima á costa do oceano, possue, como a da Azinheira, duas escolas.

Tem junto á aldea uma nascente e perto do mar uma lagoa, chamada de Melides, mais pequena que a de Santo André ou Brescos no vizinho concelho de Santiago de Cacem.

Esta freguezia é sezonatica.

Lembro-me de que me impressionou o aspecto doentio dos seus habitantes, quando ali estive em 1875 n'uma inspecção extraordinaria que então se fez ás escolas primarias do paiz.

A freguezia de S. Mamede do Sádão, a 25 kilometros da cabeça do concelho, tem a sua igreja parochial na margem esquerda do rio Sado.

Ha aqui uma escola.

A freguezia de Santa Margarida da Serra, ao sul da villa de Grandola, possue varios *montes*, e uma escola.

As producções do concelho são: cortiça, trigo, arroz, centeio, aveia, cevada, boleta, azeite, e vinho. Mas a principal fonte de riqueza é a cortiça que elle exporta.

A industria consiste nas fabricas de rolhas e quadros, olarias, fabrico de azeite e cera, alem da exploração mineira.

O concelho de Grandola pertence administrativamente ao districto de Lisboa e ecclesiasticamente á diocesse de Beja.

A impressão que me deu este concelho foi a de ser uma região já com muito caracter transtagano, postoque mais rica em agua do que geralmente o é o Alemtejo.

A propria villa é servida por um manancial, que abastece a Fonte da Apaulinha.

Na cabeça do concelho notei o aspecto asseado das suas ruas, bem como o de todas as casas muito claras de cal espelhante.

Fui de Alcacer para Grandola n'um carro alemtejano. Vi anoitecer na aridez da charneca, o que nada tem de agradavel; é triste e oppressivo.

Hoje dizem-me que grande parte d'esse vasto trato de terreno está arroteada e povoada de casaes.

Hospedei-me na estalagem, bem accentuadamente alemtejana, do «Zé Francisco».

No dia seguinte, percorrendo a villa, perguntei se ali tinha havido algum convento.

Disseram-me que existira um hospicio de agostinhos descalços. Ainda lá está o predio, n'um dos extremos da povoação, mas completamente modernisado.

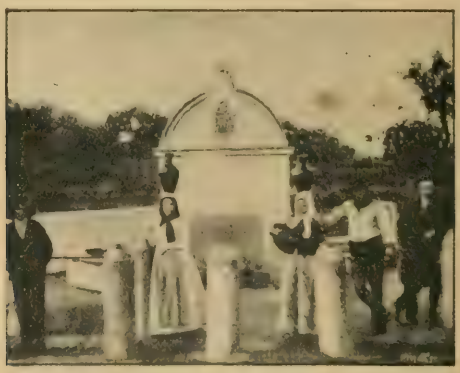
Comtudo ficou-se chamando ao sitio o—Rocio dos Frades.

Uma duvida subsiste quanto ao brazão do concelho: por que é elle constituido pela cruz da Ordem de Christo, tendo sido o fundador da villa um gran-mestre de Santiago e tendo pertencido a esta Ordem a apresentação dos seus parochos?

Que o investiguem e digam os cultores de heraldica.

Eu prefiro ficar sentado ao pé do Borbolegão a vêr se passa qualquer mulher de saia encarnada que o irrite.

No concelho de Grandola teem apparecido vestigios das idades primitivas, taes como machados de pedra, que vieram para o *Museu Ethnographico*; bem como restos de dolmens.



415—Grandola—A fonte de Apaulinha

XX

Santiago de Cacem

fundação da villa de Santiago de Cacem liga-se a remotas eras.

Na cumeada que se estende ao nascente da villa actual e no campo da Aldea dos Chãos, a suéste, appareceram vestigios de povoação romana.

E dizem alguns chronistas nossos que, ainda em mais antigos tempos, n'esta região houvera uma cidade com o nome de *Meróbriga*, celta ou celtibera, ao que parece.

Do dominio sarraceno suppõe-se ter ficado o nome de Kassem, que seria o de algum sheik, wali ou kaid.

Uma lenda relaciona com o desbarate dos mouros n'estes sitios aquella D. Vetaça, cujos restos mortaes repousam na Sé velha de Coimbra.

Segundo a lenda, D. Vetaça teria equipado á sua custa uma esquadra e, desembarcando em Sines, haveria, á frente de cavalleiros christãos, em dia de *Santiago*, marchado para o norte sobre uma povoação proxima, de que era rei *Cassé*, o qual fôra morto.

Ora D. Vetaça floresceu no reinado de D. Diniz, e já os ultimos mouros tinham sido vencidos no Algarve por Affonso III: o sul do reino estava livre d'elles.

Toda a lenda parece reduzir-se ao seguinte: que D. Vetaça trocara com o Mestre da ordem de Santiago, D. Diogo Moniz, a commenda e rendas de Villalar, que tinha em Hespanha, pelas das villas portuguezas de Panoias e Santiago de Cacem.

Eis aqui a unica relação historica admissivel entre D. Vetaça e a villa de que tratamos. [1]

Por morte de D. Vetaça, a villa tornou ao poder da ordem de Santiago.

Já em documentos do tempo de Affonso III a povoação de Santiago de Cacem apparece mencionada como villa, e do tempo de D. Manuel ha um inquerito sobre direitos reaes (1510) que constitue foral, o que aliás não exclue a idéa de ter havido outro foral mais antigo.

O castello de Cacem seria talvez restaurado no tempo de Sancho I.

---

[1] *Panorama*, VII, pag. 122.

Tinha a forma de um parallelogrammo com dez torres, das quaes foi demolida uma, quando em 1796 se reedificou a matriz.

Actualmente, as muralhas ainda estão de pé, postoque incompletas.

A par d'elle eleva-se a matriz, de apparencia modesta, mas no interior dividida em tres naves de abobada firmada sobre dez columnas octogonas de cantaria.

A ornamentação dos capiteis e dos arcos mostra vestigios de paganismo e, portanto, de longinqua fundação gentilica.

Esta igreja ficava dentro do recinto do castello.

O painel de pedra, em alto relevo, que representa o apostolo Santiago em peleja com os mouros, e que está junto da porta principal, não foi achado nos arredores da villa, como o povo crê, suppondo-lhe maior antiguidade. Sabe-se, por informação do bispo Cenaculo, que a rainha Santa Izabel o mandou fazer.

Alem da matriz, por vezes restaurada, ha a igreja da Misericordia, contigua ao antigo hospital, reconstruida depois de um incendio, e a do Espirito Santo, sita na Praça; bem como as capellas de Santo Antonio na rua Direita e das Almas na rua chamada dos Mercadores.

Fóra da villa: a igreja de Nossa Senhora do Monte, as capellas de S. João Baptista, S. Braz, S. Sebastião e S. Pedro; ao sul, a pequena distancia da Aldea de Chãos, existiu o conventinho franciscano de Nossa Senhora do Loreto, com a respectiva ermida, em logar solitario, mas aprazivel.

Hoje apenas se vêem de pé as ruinas d'esta casa monastica.

O Passeio Publico contorna o castello, formando a deliciosa avenida das Romeirinhas, que se recorta na extensão de um kilometro.

Assim, pois, a villa, rodeada de vegetação, vem escalonando-se pela encosta oriental de um outeiro, e offerecendo um gracioso panorama com as ruinas da alcaçova, a fachada da matriz e o arvoredo do Passeio no alto, d'onde, enfiando o olhar por uma estrada em linha recta, avistamos ao fundo a povoação maritima de Sines, cujas primeiras casas se descobrem facilmente com o auxilio de um binoculo.

E' bello o horizonte, e attrahente o aspecto da villa de Santiago de Cacem.

Eu recebi, de um e outro, agradibilissima impressão.

E a cavalheirosa sociabilidade dos habitantes deixou-me tão encantado como reconhecido.

Na epoca em que ali estive, a jornada por Grandola era um pouco fatigante e monotona.

Mas hoje ha carreiras de automovel entre Sines e o Poceirão.

Sei que a villa tem progredido muito; e comtudo já n'aquelle tempo era realmente interessante.

Uma das ruas chamava-se de Lisboa; agora tomou o nome de Camillo Castello Branco.

A povação tende a crescer para norte e nascente, e na parte nova as ruas são mais largas e desafogadas.

Quando eu visitei Santiago de Cacem já havia uma sociedade de recreio, em casa privativa, e com um lindo theatrinho annexo.

Fiquei surprehendido de encontrar, n'uma terra a que eu tinha chegado por uma tão longa charneca, um manifesto espirito de convivencia e união e uma tendencia enthusiastica para a musica e para a arte dramatica.

As philarmonicas são duas: *Harmonia*, que é a d'aquella sociedade, e *Recreativa*.

Os edificios modernos são a casa da camara, n'um largo quadrangular, onde estão agrupadas todas as repartições do concelho; a cadea, que lhe fica fronteira; e o novo hospital da Misericordia na estrada dos Escatalares, a que o segundo conde de Bracial

deixou em testamento 100 contos de réis, sob condição de haver duas enfermarias, ainda não construidas, para tratamento de tuberculosos de ambos os sexos.

O testador não marcou prazo ao cumprimento do seu legado.

O segundo conde de Bracial foi Antonio Paes de Mattos Falcão, que herdou este titulo de seu pae, Jacinto Paes de Mattos Falcão, e que antes, por decreto de 30 de novembro de 1882, havia sido agraciado com o de visconde de Santiago de Cacem.

O hospital novo, como disse, fica na estrada dos Escatalares, á sahida da villa, junto a um pinhal, que o mesmo conde tambem legou á Misericordia. Tem cêrca para recreio dos convalescentes. E os enfermos são tratados com a maior caridade, prompta assistencia, e cuidadoso asseio.

Engrandece-se a villa com a nobre apparencia de alguns palacios, taes são o do

416—Santiago de Cacem - Vista geral

1.º conde de Bracial; o do 2.º; o da condessa de Avillez; o de Antonio Parreira; o de Manuel Antonio da Costa; e o da viuva do dr. Luiz Maria da Silva, antiga casa do commendador Salema.

Em geral os habitantes de Santiago de Cacem capricham em ter bem caiados os predios de residencia, sejam seus ou alheios.

A 8 de setembro realisa-se, nas vizinhanças da villa, *a feira do Monte*, que é de gado, cereaes, quinquilharias, louças, etc., e dura tres dias.

Faz-se tambem, todos os domingos, um mercado suino, que principia em novembro e acaba em dezembro.

Os talhos apenas fornecem carne de vacca uma vez por semana.

Mas vem de Sines peixe fresco durante a maior parte do anno.

Em compensação Santiago de Cacem fornece a Sines as suas bellas fructas — as suas afamadas laranjas e tangerinas e os pecegos *Mira-olho*, que constituem uma verdadeira especialidade.

Eu, quando ali estive na hospedaria do bom homem Rocha, que era amanuense da administração do concelho, tive sempre mesa abundante e variada.

Celebram-se em Santiago de Cacem duas solemnidades religiosas com muito luzimento: uma é a festa de Nossa Senhora das Dores na Misericordia; a outra a procissão dos Passos.

D'antes havia uma cerimonia, que pena foi cahir em desuso.

Refiro-me ao bôdo do Espirito Santo, de que eu recolhi, por outiva, as ultimas impressões, as quaes deixei archivadas n'esta rapida memoria:

«E', no sitio da Praça, servido, debaixo das arvores, um bôdo aos pobres. Durante toda a semana anterior se cuida no fabrico do pão, amassado pelas raparigas da terra. Esta amoravel tarefa é acompanhada dos mais pittorescos episodios e das mais ruidosas diversões. Correm-se pelas ruas, com muitos folguedos do povo, as vaccas que hão de ser servidas no bôdo. No sabbado á noite accendem-se grandes fogueiras para cozinhar o banquete: fumegam os potes, repletos de arroz e carne, sobre os enormes brazeiros. Acodem á villa, desde alguns dias antes, todas as povoações circumpostas: os doentes querem lavar-se com o sangue das vaccas benzidas antes de mortas. A candida superstição popular não podia deixar de entrar n'uma festa do povo. E' veso portuguez, e velho colorido das nossas scenas do campo. Sobre tudo isto, que já não é pouco, a musica dos tambores, dos pifanos, e o estrondo dos foguetes.

«Apenas um episodio desappareceu, e pena foi, que era poetico e util: uma rapariga do concelho, que se houvesse distinguido pela sua honestidade e pela sua gentileza, era, coroada, processionalmente conduzida da Igreja Matriz para a Igreja do Espirito Santo. De modo que Santiago de Cacem, como Salency, se podia gabar de ter a sua *rosière* » [1]

Pois hoje desappareceu tudo: já nem mesmo o bodo se faz.

Mas ainda resta em Santiago de Cacem uma tradição muito pittoresca: é a da celebração bucolica do 1.º de maio.

N'esse dia sai toda a gente da villa para o campo dos Escatalares, com os seus farneis e merendas, e ali, reinando a melhor harmonia, abancam em grupos petiscando e rindo, cantanto e bailando, n'uma cordialidade sem mancha.

Assisti com delicia a essa renovação das floraes romanas, que por analogia me resuscitou deante dos olhos a festa pagã dos Castilhos, na Lapa dos Esteios, em 1822.

Houve em Santiago de Cacem uma praça de touros, que soffreu ruina; mas foi substituida por outra, inaugurada em agosto de 1907.

A villa, comquanto geographicamente alemtejana, tem abundancia de agua nos chafarizes publicos. Um d'elles é chamado da Asneira e anteriormente chamou-se Poço do Freixo.

Não cheguei a averiguar que especie de «asneira» seria esta...

As quintas tambem possuem agua de rega: uma d'ellas, a do *Rio da Figueira*, que é propriedade da condessa de Avillez e fica 500 metros ao sul da villa, inclue um lago.

Santiago de Cacem é cabeça de uma comarca de 2.ª classe e do concelho do seu nome, que faz parte do districto administrativo de Lisboa, e que, no ecclesiastico, pertence ao bispado de Beja.

A área do concelho avalia-se em 146.480 hectares e a sua população total em 18.358 habitantes.

Compõe-se de dez freguezias, a saber: A Bella, Alvalade, Cercal, Santa Cruz, Santo André, S. Domingos, Santiago de Cacem, S. Bartholomeu da Serra, S. Francisco da Serra e Sines.

A de Santiago tem 4.107 habitantes.

O concelho apresenta tres differentes aspectos agricolas, que correspondem a outras tantas zonas, a saber:

a) Zona das areias ou da beira mar, abrangendo as freguezias de Santo André, Sines e uma parte de Santiago de Cacem.

---

[1] *Portugal de cabelleira* (1875), pag. 231.

N'esta zona cultiva-se o arroz em larga escala, ha inundações de agua mixta e grassavam as febres palustres.

Não falta quem attribua á cultura do arroz a *malaria* que enfraquece e dizima as populações da mesma zona.

Comtudo, o padre Antonio de Macedo e Silva, auctor dos *Annaes de Sanct-Yago de Cassem* (1860 [1]), sustenta, por meio da estatistica e da experiencia, que a mortalidade foi maior quando os paues não eram cultivados, nem as populações tão numerosas.

Inclina-se por isso a crêr que as ribeiras quando enchem, rolando sobre as lagôas e revolvendo-as, obrigam as suas aguas a espraiar-se por grande extensão dos paues, e que esta deve ser a principal causa do impaludismo local e ainda das mesmas febres intermittentes que por vezes se fazem sentir em Santiago de Cacem, comquanto esta villa seja lavada do vento norte, rodeada de arvoredo, tenha aguas excellentes, asseio nas suas ruas e casas, e nenhuma ribeira na vizinhança.

b) Zona montanhosa, ou da serra, abrange as freguezias de S. Francisco e S. Bartholomeu da Serra, A Bella, uma parte de Santiago de Cacem, Santa Cruz e Cercal.

Nas culturas d'esta zona predominam o sobreiro, o trigo, a cevada e a aveia.

c) Zona das ribeiras ou da bacia hydrographica do Sado e seus affluentes, que comprehende as freguezias de Alvalade e S. Domingos. [2]

Aqui as culturas são as mesmas, com o predominio do sobreiro.

Os *montados,* isto é, os bosques de sobreiros ou azinheiras, que se encontram nas *herdades,* abrangem uma área de 40.000 hectares, dos quaes os montados de sobro occupam mais de 34.000.

E' d'estes que se tira a cortiça, principal riqueza e commercio de Santiago de Cacem.

As *herdades* foram assim chamadas por serem terras que passam de paes a filhos, segundo o principio da hereditariedade patrimonial.

Datam da distribuição de terras decretada por D. Affonso III, quando aboliu as jugadas estabelecidas por Affonso Henriques e os censos creados por Sancho I.

Foi uma medida economica de conveniencia no seu tempo, como fomento agricola garantido pelo direito de successão, mas tem contribuido para a escacez de população no Alemtejo.

A valorisação da cortiça deu muita prosperidade a Santiago de Cacem, onde, principalmente por causa d'este producto, se fundou modernamente um armazem geral de productos agricolas,

E' do Estado e o 2.º de Portugal. Em Evora ha outro.

Podem recolher n'elle as suas cortiças não só os proprietarios do concelho, mas ainda os dos concelhos limitrophes.

A manutenção d'este estabelecimento é tambem custeada pelo Estado.

Ha uma sociedade de cortiças, limitada, organisada com o capital de 60:000$000 réis.

E ha uma fabrica de cortiça, de Peres Pereira & Filhos.

Deve entender-se que as fabricas d'este genero, no concelho de Santiago de Cacem, como nos outros, preparam a cortiça que exportam em prancha e rolha, a maior parte em rolha, exportando tambem as aparas.

Os montados de azinho occupam apenas uma área de 3.050 hectares, porque alguns proprietarios d'estes montados teem-n'os substituido pelos de sobro.

A glande da azinheira, fructo a que se dá o nome de boleta no Alemtejo e de bolota no Minho, engorda n'este concelho cêrca de 2.000 a 3.000 cabeças de gado suino.

---

[1] Esta obra teve segunda edição.

[2] Seguimos, quanto á informação agricola, uma proficiente monographia publicada no n.º 9, quinto anno, do *Boletim da direcção geral de agricultura.*

A lenha de que se faz o carvão poderá calcular-se n'um rendimento de 500 réis por hectare.

Camillo Castello Branco não sei ao certo em que romance fala de carvoeiros de Santiago de Cacem.

Hoje consta-me que apenas existe ali uma carvoaria.

Outrora, só a freguezia de S. Domingos produzia mais de 15.000 sacas de carvão.

Os arrozaes occupam no concelho 472 hectares; os olivaes, 556; os vinhedos, 323.

As pastagens tomam uma área de 89.197 hectares, sendo 78.776 de charnecas e mattos.

A apicultura é uma industria muito desenvolvida em todas as freguezias.

A villa tem abundancia de fructas, que já dissemos serem famosas, caça, legumes, cereaes e hortaliças.

Funccionam n'ella uma olaria de louça vermelha e fornos de cal e tijolo.

Ha agencias de bancos de Lisboa; escolas de instrucção primaria, officiaes e particulares; e estação telegrapho-postal.

Entre os habitantes de Santiago de Cacem e os de Sines existe uma antiga rivalidade.

Os de Sines chamam aos de Santiago *lagartos* e os de Santiago chamam *caramujos* aos de Sines. [1]

417—Santiago de Cacem—Quinta da Ortiga

Ha noticia de que no seculo XVII os vereadores de Sines recusaram pagar ao municipio de Santiago o tributo annual de dois mil réis, a que eram obrigados por tradição, correndo sobre esta recusa um renhido pleito.

A camara de Sines contestou que a de Santiago não podia allegar senão a posse, porque titulo não havia; que o tributo tinha sido pago por imbecilidade de seus avós; que as duas villas eram iguaes em categoria, sendo a de Sines uma praça d'armas, cujos habitantes estavam sempre promptos ao serviço do rei e a defender o seu territorio contra as continuas invasões de piratas marroquinos; finalmente, que existia flagrante disparidade entre as duas villas, visto como Santiago tinha um termo muito extenso, e

[1] Tambem ha rivalidade entre os povos de Santiago e os do vizinho concelho de Grandola. Aquelles chamam a estes *escaravelhos* e estes chamam *lagartos* áquelles, como os de Sines.

n'elle *casas muito abastadas e ricas*, ao que acrescia *ser povoação muito maior, mais opulenta e de casas muito grossas*, ao passo que o termo de Sines era acanhado, a povoação pequena, e os seus moradores gente pobre que vivia do mar.

A Provedoria deu sentença em favor da camara de Sines; e o Tribunal da Relação confirmou-a.

Em 1850, o medico Francisco Luiz Lopes, na sua *Breve noticia de Sines, patria de Vasco da Gama*, escrevia:

«Entre os habitantes de S. Thiago e de Sines ha um certo ciume villarejo. Sines é uma Villa humillima, S. Thiago uma Villa affidalgada. Ha um certo quê de aristocrata e de democrata neste *vis-à-vis*. Não ha odios sangrentos, nem indisposições farpadas. São amigos, mas ha entre uns e outros um espinho sensivel.» [1]

Hoje a rivalidade é talvez maior do que em 1850, não só porque a população de Sines se tornou quasi igual á de Santiago (Sines conta actualmente 4.010 habitantes) mas tambem porque a industria corticeira se tem ali desenvolvido muito, a ponto de haver as seguintes fabricas de preparo de cortiça: Buchnall, Herold, Arps, Prats e Bigas.

418—Santiago de Cacem—Rio da Figueira

Sines aspira a ser cabeça de concelho.

Esta povoação fica a sudoéste de Santiago de Cacem, e a 18 kilometros de distancia.

A estrada, que em linha recta separa as duas villas, atravessa pelo meio da charneca, e não tem maior belleza que a do seu traçado. Mas de repente, indo de Santiago, surge-nos á esquerda um encantador oásis, com frondoso e basto arvoredo: é a quinta da *Ortiga*, de Antonio Parreira.

O onomastico Sines parece vir de *Sinus*, seio ou enseada, porque realmente a praia encurva-se formando uma bahia, que dá abrigo contra as nortadas violentas, protegida por um arco de rochas, ao sul do cabo que tem o mesmo nome da villa.

Hoje possue uma doca, em substituição da antiga calhêta, onde as embarcações de menos fundo encontram asylo quando sopram ventos fortes do sul e sudoéste.

A povoação fica no alto sobre as ribas. A sua fundação diz-se antiquissima, mas não se lhe conhece foral anterior ao que D. Manuel lhe doou em 1512.

A praça de Sines era defendida por um castello, com dois baluartes para o mar.

A villa divide-se em tres bairros: o do centro, villa propriamente dita; o de léste, Aldea dos Cucos; e o de oéste, Ribeira ou Senhora das Salas.

E' a esta extremidade occidental da villa, onde tambem havia um forte, hoje desmantelado como os outros, que se ligam memorias de Vasco da Gama, o qual, segundo o testemunho de chronistas e a tradição local, nasceu em Sines, onde seu pae

[1] O dr. Lopes era setubalense, homem illustrado, mas excentrico, segundo me informaram. Alem da monographia de Sines, publicou uma tradução do *L'oiseau* de Michelet.

foi alcaide-mór, e não em Sagres ou na freguezia de S. Francisco da Serra (concelho de Santiago) como querem alguns.

Aqui ficava a chamada horta de D. Vasco, e aqui nos dão a saber que fôra a casa antiga onde o famoso almirante nasceria; aqui demora a graciosa ermida de Nossa Senhora das Salas, que se diz ter sido mandada construir por elle, e uma inscripção o affirma.

Ora, sendo esta ermida edificada, segundo a mesma inscripção, em 1529, o dr. Lopes observa que D. Vasco da Gama, por haver fallecido em 1524, não podia ser o fundador.

Mas o dr. Teixeira de Aragão, na sua monographia sobre *D. Vasco da Gama e a villa da Vidigueira*, procura esclarecer o supposto anachronismo dizendo que provavelmente a ermida teria sido começada em vida do Almirante e concluida depois da sua morte.

O povo quer que *Salas* seja corrupção de *salvas*, e conta que se deve aquelle nome ao facto de D. Vasco, quando passava á vista de Sines em suas viagens, não deixar nunca de saudar a terra com repetidas salvas.

Na fachada da ermida, em symetria com a inscripção, está o brazão de armas da familia Gama, hoje Niza.

Dentro ha dois retratos do Almirante e *ex-votos* de pescadores e maritimos.

O templosinho é airoso, elegante e singelo; postoque o portico seja algum tanto pretencioso.

Em agosto faz-se a festa da Senhora das Salas, com arraial e mercado.

As igrejas da villa são tres — a matriz, sem valor architectonico, fronteira ao hospital da Misericordia, e possuidora das reliquias de S. Torpes, cuja lenda é em Sines muito viva; [1] a de Santa Izabel na Praça, e a capella da Misericordia, na rua da Praça.

Nos arredores ha varias ermidas, alem da da Senhora das Salas; uma está situada no Porto-Côvo, logar onde o conde d'este titulo tem propriedades importantes.

O hospital da Misericordia é um edificio menos mau, e pode acommodar até 100 doentes: a principal enfermaria comporta 20 camas.

Em 1850 estabeleceu se uma botica annexa ao hospital.

Como praia de banhos, Sines é principalmente frequentada por familias alemtejanas.

Em 1850 armavam-se na praia umas 20 barracas, e as unicas distracções dos banhistas eram o passeio ao Pontal, saliencia de rocha que fecha a enseada pelo sul; á ermida da Senhora das Salas; á Silveira, onde ha uma nascente de aguas-ferreas; a algumas fazendas (pequenas quintas dos arredores); ou o palratorio nos penedos que são o mirante dos maritimos, e que ficam no principio do caminho que conduz á ribeira.

Este caminho é ingreme, e tem, para dar algum commodo a quem o sobe, duas especies de patamares em meia laranja.

No Porto-Côvo, a uns 12 kilometros da villa para o sul, á beira-mar, é que costuma abairrar-se a colonia dos banhistas subalternos.

Praia obscura e recondita, Sines não mereceu a Ramalho Ortigão a honra de mencional-a no seu livro sobre as praias de Portugal (1876).

Hoje Sines, alem de um club permanente, tem um club balnear.

E ultimamente abriu-se um estabelecimento de banhos quentes, com vinte quartos,

---

[1] Segundo esta lenda, S. Torpes teria sido martyrisado em Roma no tempo de Nero, e o seu cadaver mettido n'uma barca velha, com um gallo e um cão vivos, para que fosse comido por elles, ou pelos peixes no caso de naufragio. Nada d'isto aconteceu, porque a barca veio varar ao sul de Sines n'uma praia, que tomou o nome do Santo, onde uma dama christã mandou sepultar o cadaver e edificar em sua honra uma igreja, de que ainda appareceram alguns vestigios no anno de 1591.

propriedade de Jacinto de Jesus Vianna, installado em condições que a hydrotherapia recommenda.

Como ha agora em Sines duas philarmonicas rivaes, ali conhecidas pelas alcunhas do *Pincel* e da *Canninha verde,* vai qualquer d'ellas tocar no Rocio, para regalo dos banhistas.

Tambem ha um grupo de amadores dramaticos sob o nome de «Vasco da Gama».

O panorama oceanico é vasto, alcança os contornos nublados da serra de Monchique; e a vida balnear, postoque já mais intensa, é ainda pacata, não obstante haver hoje maior numero de commodidades e distracções.

Se o Paraiso Terreal foi no Alemtejo, com certeza Adão e Eva, na hypothese de tomarem banhos do mar — o que é muito duvidoso — procuraram a praia de Sines, e a serpente tentadora não os acompanhou.

As principaes industrias da villa são a rolheira e a maritima.

Esta é representada por tres companhas.

Em tôrno da villa a propriedade está muito dividida, e os terrenos cultivados defendem-se, por meio de um pittoresco xadrez de caniçadas, da pulverisação da agua do mar, que os ventos da costa espalham.

419 – Santiago de Cacem—Convento em ruinas
(Porto da Aldea de Chãos)

Defronte de Sines fica a chamada ilha da Perseveira: é um grande penedo coberto de perseves, marisco ao qual deve o nome. Para o sul, a 5 leguas de distancia, fica Villa Nova de Milfontes, no districto de Beja, concelho de Odemira, e entre Sines e Villa Nova rompe do mar a ilha rochosa do Pecegueiro. [1]

Os vapores da carreira entre Lisboa e o Algarve fazem escala pelo porto de Sines.

---

[1] Pela Sociedade Propaganda de Portugal foi dirigido em 1908 ao ministro da fazenda o seguinte officio:

Ill.mo e ex.mo sr.—Pela direcção geral dos proprios nacionaes foi posta em praça a ilha do Pecegueiro, ao sul do porto de Sines.

Essa ilha, com a superficie de quatro hectares, approximadamente, constitue o quebra-mar natural de um excellente porto, com calado de agua para vapores de rasoavel lotação. Não longe d'esta existem minas valiosas, achando-se até classificada e estudada por conta de uma empreza mineira uma linha ferrea, que as liga com o porto, no qual se embarcaram já alguns carregamentos, como experiencia, com bom exito.

E, dado este conjuncto de factos, de cuja realidade v. ex.ª se póde facilmente certificar, é obvia a inconveniencia de ser pelo Estado alienada, a troco de alguns centos de mil reis, uma ilha que faz systema com o porto e que póde ser necessaria para o seu futuro desenvolvimento. Podem mesmo dar-se inconvenientes e complicações graves, que o esclarecido criterio de v. ex.ª adivinha, sem ser preciso enumerar-lh'os, se a ilha é vendida directamente, ou por entreposta pessoa, a um estrangeiro.

Tratando-se de um assumpto de incontestavel interesse publico, permitta-me, pois, v. ex.ª, que para elle peça a sua attenção, antes que a venda da referida ilha seja um facto consumado.

Deus Guarde a v. ex.ª—Lisboa, 28 de agosto de 1908.—Ill.mo e ex.mo sr. conselheiro Manuel Affonso Espregueira.—O presidente da Sociedade, *José Fernando de Sousa.*

A fim de dar alguma idéa do movimento d'este porto, porei aqui uma rapida estatistica.

Em 1907, desde o dia 1 de janeiro até ao ultimo de outubro, sahiram de Sines 55 navios com carga destinada á Allemanha, Dinamarca, Hollanda, Inglaterra e outros paizes norte-europeus.

Procedente de Inglaterra, um vapor desembarcou 600:000 kilogrammas de carga diversa.

O commercio de pequena cabotagem, ou seja a navegação costeira, foi de 43 vapores e 49 navios de vela, que nas entradas do mesmo porto deixaram registados 1.247:000 kilogrammas de generos diversos e nas saidas receberam 1.322:085 kilogrammas de carga.

Em Sines embarcou para o exilio D. Miguel de Bragança, a 1 de junho de 1834.

N'outro livro esmiudei os pormenores d'esse acontecimento historico. [1]

Ha na villa delegação da alfandega, agencia de vapores, consulados, estação telegrapho-postal, e escolas primarias.

A parochia tem por orago o Salvador do Mundo. [2]

No seculo XIX, Sines foi berço de um homem que se tornou notavel não só como liberal e patriota, no campo de batalha e na imprensa, mas tambem como tenacissimo propugnador da doutrina de Raspail no nosso paiz.

Chamava-se João Daniel dos Santos, e trouxe da caserna a alcunha de — *Sines*.

Segue-se a Sines, em população, a freguezia de Nossa Senhora do Cercal, com 2.774 habitantes, grandes herdades, cultura de vinha, e soutos de castanheiros que abrangem 11 hectares.

No Cercal faz-se uma feira de gado.

S. Domingos tem 1.447 habitantes, e Nossa Senhora da Assumpção A Bella [3] 1.436.

Em S. Domingos ha feira no penultimo domingo de agosto, e em A Bella a 4 de outubro.

São tambem feiras de gado.

Estas tres ultimas freguezias, no todo ou parte, como as de S. Francisco (1.173 habitantes), S. Bartholomeu (890), Santa Cruz (539), participam do clima frio da serra.

No verão alguns habitantes de Santiago consideram a de S. Francisco uma Cintra refrigerante, cujas sombras e excellentes aguas procuram. [4]

Na zona do litoral, onde o clima é mais temperado no inverno, mas ardente no verão pela irradiação das areias esbrazeadas, ha a fazer menção especial da freguezia de Santo André (986 hab.), celebre pela sua lagôa na aldea de Brescos.

No 1.º volume dei a esta lagoa o nome—de Brescos—para fazer sentir melhor a sua exacta situação geographica; outros lhe chamam—de Santo André—englobando-a no nome da freguezia.

Tem a lagoa de Brescos ou Santo André cinco kilometros de norte a sul, pouco mais de um kilometro de nascente a poente, e doze de contorno.

Está separada do mar por um medão, que todos os annos é aberto pelos proprietarios das lezirias e paues proximos, a fim de escoarem as terras onde se fazem consideraveis lavras de arroz e feijão.

---

[1] *A ultima côrte do absolutismo em Portugal*, pag. 225.

[2] Assim diz o censo de 1900 e, do mesmo modo, o Padre Carvalho. Pinho Leal, certamente por equivoco, disse que o orago de Sines era S. Salvador.

[3] N'esta freguezia ha a grande herdade de Corona, e dentro d'ella a ermida de S. Brissos, muito venerado por livrar de sezões, segundo a crença popular.

[4] É delicioso o panorama que n'esta freguezia se gosa da alcandorada ermida de Nossa Senhora do Livramento.

De Santiago vae muita gente assistir a esta operação, que lá se chama—sangrar a lagôa.

Cria-se n'ella muito peixe, e caça de altanaria.

Em 1820 um caçador matou na lagoa uma aguia branca, que tinha enfiado n'uma perna um annel de prata com a legenda—*Ludovic Napoleon. Juin.* 1815.

A igreja parochial de Santo André está no logar do Azenhal e é, depois da matriz da villa de Santiago, a melhor do concelho.

No dia do orago, 30 de novembro, faz-se junto á igreja uma feira.

420—Sines—Portico da Igreja de Nossa Senhora das Salas

No meio da charneca alveja uma igreja de Nossa Senhora da Graça, muito frequentada de romeiros durante todo o anno.

Ao norte da lagoa de Brescos encontra-se outra, mais pequena, em Melides, freguezia que pertenceu ao concelho de Santiago, mas pertence hoje ao de Grandola.

Este facto e outros, de ordem administrativa, explicam a rivalidade existente entre os dois concelhos.

Alvalade (orago Nossa Senhora da Conceição; 996 hab.), na bacia hydrographica

do Sado, fica ás vezes, durante o inverno, bloqueada pelas aguas que inundam os campos. Chega a ser preciso renovar as sementes, depois de ter abatido a cheia que as dispersou.

Toda esta freguezia, por ser um foco de impaludismo, é dizimada pelas febres. Os seus habitantes tem o rosto pallido e definhado, o ventre muito alto.

Eu estive em Alvalade, como tambem estive em Melides, por igual sezonatica, e pude, com grande cautela, evitar a *malaria*.

Alvalade é um nome arabe, que significa logar habitado e murado; apparece em outros pontos do paiz, até dentro da cidade de Lisboa. [1]

N'esta freguezia é que a grande propriedade está representada em maior percentagem; depois seguem-se S. Domingos, a Bella, o Cercal, a que já nos referimos, e Santiago.

Faz-se em Alvalade uma feira a 25 de abril.

Os povos d'esta circumscripção parochial desejam actualmente a construcção de um ramal que a ligue com o porto de Sines, como complemento da projectada linha ferrea do valle do Sado.

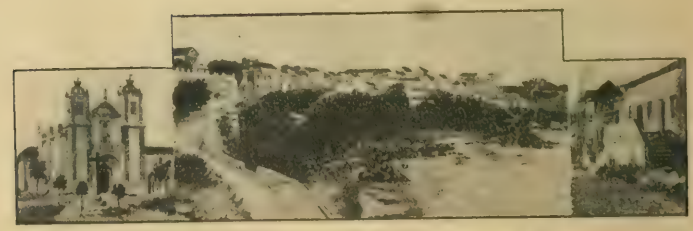
Na maior parte das freguezias do concelho, se não em todas, ha escolas primarias.

Termino aqui a resenha do districto de Lisboa e, pelo que respeita a Santiago de Cacem, faço-o com enternecida saudade, que me avivou a recordação dos alegres dias que lá passei e da gentil hospitalidade que recebi de todos os habitantes do concelho, nomeadamente os da villa que lhe deu o nome.

Foi-me muito grato saber que, ao cabo de longos annos, alguem da minha familia ainda ali gosou da mesma estima que me dispensaram muitas das pessoas com quem eu tinha convivido, porque nem todas existiam já.

---

[1] Em todo o concelho de Santiago de Cacem são vulgares os nomes arabes, principalmente no onomastico dos casaes, por exemplo: Alfardim, Aduares, Almagede, Almadanim, etc.



421—Sines—Igreja—Vista geral—Casa chamada de Vasco da Gama

IV — Districto de Leiria

XXI

Peniche

villa de Peniche assenta, na costa da Extremadura, sobre uma peninsula, d'onde resalta o Cabo Carvoeiro na saliencia occidental da mesma peninsula.

Querem alguns etymologistas que o onomastico da povoação viesse, por corruptella, da sua posição geographica, isto é, de *penniscula*, na baixa latinidade.

Contra a referida hypothese argumentam outros dizendo que outrora, no tempo em que os erminios — lusitanos da serra da Estrella — perseguidos por Julio Cesar, procuraram refugio n'esta paragem do sul, era Peniche não uma peninsula, mas uma ilha que talvez fizesse parte das Berlengas.

Como quer que haja sido, a actual peninsula está ligada ao continente por um isthmo ou extensa praia, que durante largos annos difficultou o accesso á villa, tanto mais que, em occasiões de marés vivas, principalmente quando soprava rijo vento sul, o oceano cobria parte do isthmo, entrando pelas duas enseadas que o contornam ao norte e ao meiodia.

Julio Cesar Machado refere-se a esse duplo embaraço creado pela areia e pela agua:

«Não é uma coisa facil, dizia elle em 1862, atravessar a praia por causa da areia, e é menos facil ainda ter a certeza de poder entrar na villa, por causa da agua. Vae um pobre homem perfeitamente socegado da sua vida, e sem a menor aspiração a aventuras de jornada, e, quando a sorte o quer, eil o em frente de Peniche a dizer adeus para a praça, a fazer perguntas e a dar respostas, que nunca vão em concordancia, porque a bulha do mar leva as palavras, — e sem poder, o infeliz, entrar por forma alguma na peninsula, que em marés cheias se torna perfeitamente em ilha, deixando refrescar os seus muros pelas ondas que lh'os cobrem!...» [1]

Então, em 1862, e ainda mais tarde, a estrada de Peniche parava em Porto-Lobos,

[1] *Scenas da minha terra*, pag. 209.

e d'ahi por deante era preciso que os vehiculos de passageiros atrellassem uma junta de bois para vencer a resistencia da areia.

Em 1886, graças á iniciativa do meu bom amigo Francisco José Machado, resolveu-se continuar a estrada desde Porto-Lobos até ao rio da Lagoa, começo do vasto areal, e depois construiu-se até Peniche de Baixo, em condições de seguro transito.

Para o conseguir levantaram-se a um e outro lado grossos médões de areia, e tratou-se de fixal-a semeando pinheiral.

Foi assim possivel modificar essa difficil passagem, onde, diz a tradição, alguns viajantes chegavam a desanimar, desorientados no areal pelo nevoeiro.

Hoje tres estações da linha do oéste servem a villa de Peniche: são a de S. Mamede, a 22 kilometros; a das Caldas da Rainha, a 24; e a de Torres Vedras, a 38.

Ainda ácerca dos fugitivos do Erminio, crê-se que se renderam, depois de um mez de resistencia, aos generaes romanos Lucio Terencio Furno e Julio Terencio Rufo, segundo a inscripção de um marco, que foi encontrado em Peniche, [1] e obtiveram que os deixassem voltar em paz á sua montanha natal. [2]

Fique isto consignado para honra dos romanos, e tambem para descontar a sem-cerimonia com que elles já iam romanisando o Cabo Carvoeiro com o nome de—Cabo de Pompeu.

Parece que, no tempo em que o conde D. Henrique veiu a Portugal, havia alguns habitantes na Athouguia da Balea.

Affonso Henriques doou esta povoação e seu termo a Guilherme Descornes—um dos cruzados que o tinham auxiliado na conquista de Lisboa — para si e seus successores, com tudo o que pudesse adquirir por mar e por terra. [3]

Foram certamente os povoadores da Athouguia os primeiros a explorar na costa de Peniche, comprehendida no termo d'aquella povoação, a industria da pesca, estabelecendo ali cabanas para arrecadação do material e guarida das companhas.

Assim, pois, temos que o primitivo nucleo da povoação foi constituido pela classe piscatoria.

Depois dos descobrimentos maritimos o gosto pela navegação, com a mira de lucros, fez que os habitantes de Peniche antepuzessem ás pescarias a carreira da India e do Brazil.

Tanto prosperaram alguns d'elles, que mandaram construir caravellas e navios seus.

Data d'essa epoca o inicio do florescimento de Peniche, a ponto que em 1609 já a povoação tinha perto de mil pessoas e logrou a categoria de villa, que lhe foi concedida por carta regia de 20 de outubro d'aquelle anno, confirmada tres annos depois por alvará de 22 de novembro de 1612.

O mau sestro administrativo de Portugal desbaratou as riquezas que provieram das conquistas e descobrimentos, e d'ahi a decadencia geral do paiz, que muito se fez sentir na villa de Peniche.

Comtudo esta povoação, por haver attingido grande prosperidade, tinha ainda assim, em 1842, 832 fogos e 3.300 habitantes.

Actualmente, mais abatida, a villa conta apenas 2.778 repartidos pelas suas tres freguezias, que são a de Nossa Senhora da Ajuda com 1.152, a de Nossa Senhora da Conceição com 827 e a de S. Pedro com 799.

Ora uma das causas do abatimento de Peniche provém da desclassificação da sua

---

[1] Salvo e conservado por Pedro Cervantes de Carvalho Figueira.

[2] *Panorama*, VI, pag. 203.

[3] A respectiva doação diz—Guilherme De-cornibus, e a ella se refere Herculano a pags. 448 do IV tomo da sua *Hist. de Portug.*

excellente praça de guerra, que tinha sido começada no tempo de D. João III, ficando a construcção suspensa durante a occupação dos Filippes, e vindo a ser concluida por D. João IV.

A fortificação da praça formava um meio circulo na extensão de quasi seiscentas braças e comprehendia seis grandes baluartes, que todos se avistavam uns aos outros.

Parece que a primeira obra de defesa ali construida foi um reducto, chamado o Redondo, que principiou no tempo de D. João III e se concluiu no reinado de D. Sebastião.

Fica hoje dentro do recinto da cidadella.

Considerava-se a praça de Peniche como uma das melhores de Portugal, e como 3.ª linha da cintura fortificada de Lisboa, a qual linha pousava a extrema direita em Santarem, apoiada no Tejo, e a esquerda em Peniche, apoiada no oceano.

422—Peniche—Vista geral

Homens versados na sciencia da guerra foram concordes em reconhecer a importancia militar da praça de Peniche.

O barão de Saint Pardoux chamou-lhe — *Gibraltar de Portugal.*

Illustrados officiaes portuguezes como Sá da Bandeira e Osorio de Vasconcellos defenderam a conservação da praça. Comtudo ella foi desclassificada.

Antes da desclassificação, guarneciam-n'a um destacamento de artilharia, commandado por um subalterno, e outro de infantaria, commandado por um capitão.

Hoje reside ali como commandante da praça um major da reserva, e como commandante do material de guerra um tenente-almoxarife.

A cidadella, com as suas quatro faces, fica ao sul, tem bons quarteis, duas cisternas de cantaria, abobadadas, e uma linda capella de Santa Barbara, onde no tempo dos destacamentos havia funcção religiosa em honra da mesma santa, padroeira da praça.

Da cidadella avista-se um lago e pittoresco horizonte, que se dilata para o sul de modo a permittir que se alcancem as *silhouettes* do Castello da Pena em Cintra e as torres de Mafra.

E' este um dos passeios predilectos dos banhistas.

A praia de Peniche desdobra-se entre duas praias — Baleal ao norte e Consolação ao sul.

O Baleal, cujo nome parece dever-se ás muitas baleas que o mar ali tem arrojado,

é um pontal fragoso, com uma capellinha de Nossa Senhora das Mercês, a que não falta uma lenda, [1] com um marco geodesico, casas para banhos e barracas onde os pescadores se abrigam no inverno.

Dista de Peniche 6 kilometros.

A Consolação, sitio tambem concorrido durante a epoca balnear, é a supposta séde da *Academia dos humildes e ignorantes*, que se inculcaram refugiados n'aquelle logar depois do grande terremoto de 1755. [2]

Em Peniche, a praia de banhos pode considerar-se uma das melhores do paiz. Fica encostada ao exterior da muralha, e tem serventia por uma ponte; sobre a muralha, a contrastar com os muros negros, sorri a brancura das casas e recorta-se o campanario da igreja de S. Pedro.

As barracas são de lona e madeira.

Esta praia é principalmente frequentada por familias da Extremadura central.

As muralhas correm a sul e nascente; e as ribas alterosas offerecem á villa uma defesa natural, completando as muralhas.

Entre as curiosidades de Peniche incluem-se as grutas do seu litoral, taes como a *Furninha* onde o sr. Nery Delgado encontrou interessantes vestigios de vida préhistorica, por elle mesmo revelados ao congresso anthropologico de Lisboa em 1880; [3] os *Passos de D. Leonor*, de que falarei mais adeante; e aquella onde, segundo a tradição, foi encontrada a imagem de Nossa Senhora, que o povo denominou dos Remedios, e que tem hoje, ao poente da villa, um templo com amplo terreiro e um grupo de casas, sendo algumas d'ellas hospedarias para os romeiros dos cirios.

Toda esta região dos Remedios é uma desgrenhada falésia de rochedos truncados, sobrepostos, confundidos em pilhas e montões formidaveis.

A povoação de Peniche possue muitas ruas claras e espaçosas, de norte ao sul e de léste a oéste, parallelas entre si.

Quando no verão se entra na villa fica-se agradavelmente impressionado; mas o inverno, como em geral acontece nas praias—principalmente n'esta—deve ser horroroso.

«A primeira impressão ao chegar a Peniche — diz J. C. Machado — é verdadeiramente alegre: a villa está a ver-se nas aguas, não com os ares de uma *coquette*, mas com a expressão melancolica da noiva de um maritimo.»

N'esta observação ha inteira fidelidade, comquanto possa parecer que se compõe de elementos antinomicos.

E' realmente assim Peniche no estio: a quietação sem amargura, dulcificada pelo azul do mar e pela alegria do sol.

«Atravessamos Peniche, continua J. C. Machado, ao cair da tarde. As casas tinham uma apparencia de irregularidade despretenciosa, que logo me agradou. Por uma estreitinha fresta da janella as senhoras — que em Peniche nunca deixam vêr a cara — espreitavam-nos cheias de recato. Eu assim que observei isto, dei-me logos ares de Don Juan, e inclinei o chapéo sobre o olho direito. Mais adeante encontrámos umas creaturas de mantilha, que teem a habilidade de a enviesar por tal feitio, que não se lhe distingue senão a ponta do nariz.»

Era a antiga vida portugueza, ainda com vestigios mouriscos, que principalmente se observava nas nossas praias, onde a mulher indigena estava presa á sua casa pela

---

[1] Veja-se o artigo publicado no VI vol. do *Archivo Pittoresco*, pag. 177.

[2] Tudo isto mera invenção do augustiniano Frei Joaquim de Santa Rita, que com o recheio da imaginaria academia enchouriçou 8 vol. de gorda erudição.

[3] Veja-se o respectivo *Compte rendu* a pag. 207.

almofada e pelos bilros com que tecia as rendas de linha, abrindo apenas a gelosia o bastante para respirar melhor.

Contam os velhos que se um homem parava a observar pela fresta da janella o rosto sympathico de alguma rendeira, logo a mãe d'ella dizia de dentro braviamente:

—Quer alguma coisa de minha filha? Se quer, escreva-lhe de dia e fale-lhe á noite.

Agora desappareceu já a mantilha das mulheres de Peniche, mas não estão ainda inteiramente supprimidas as janellas ou portas rotuladas — como tambem o não estão em absoluto n'outras praias da Extremadura, Setubal por exemplo.

Os costumes antigos são como as arvores seculares—custam a desarreigar.

Actualmente, no verão, as rendeiras trabalham á porta de casa, sentadas n'uma esteira, com as pernas encruzadas, como os povos orientaes, e da sua vida longamente sedentaria lhes vem talvez a pallidez do rosto.

Peniche foi sempre tão afamada ao sul pelas suas rendas, quanto Villa de Conde ao norte.

Julio Cesar Machado conta, em outro dos seus livros, [1] a lenda da origem d'esta industria, por a ter ouvido da bocca de uma senhora, a qual lenda faz crêr que a Virgem Maria em pessoa ensinou a arte de rendeira a uma rapariga de Peniche.

A linguagem de J. C. Machado é tão graciosamente leve para a adaptação a tradições maravilhosas, que eu não me atrevo a fazer apenas um extracto. Copío litteralmente a sua narrativa:

«A rapariga andava namoradissima, e triste de ser pobre e o seu noivo ser rico.

«N'uma noite, estando ella a chorar, e a lastimar-se da sua sorte, truz, truz á porta. Entrou uma senhora de sobrenatural belleza; sem soltar uma só palavra, depoz sobre os joelhos d'ella, bilros, e linha fina. Depois, e, do mesmo modo, sem fallar, principiou a fazer trabalhar os bilros, ensinando por seu exemplo a maneira de se servir de tudo aquillo e de conseguir os desenhos que pareciam estar a nascer-lhe debaixo dos dedos, formando toda a qualidade de malhas e flores bordadas, como jamais se havia visto.

«Quando a discipula aprendeu, por arte que já fizesse tal qual, o que acabavam de lhe ensinar, ia a romper a manhã... Então a divina figura desappareceu...

«Logo agradaram tanto as rendas e principiaram a vender-se com tal procura, que a pequena dentro em pouco tempo tinha, com o producto da venda d'ellas, um dote tão taful que a familia do noivo, que era bem remediada, teve grande satisfação de annunciar-lhe que consentia no casamento e applaudia a união de tão formoso par.

«Nunca houve felicidade maior n'esta vida do que a d'aquella gentil noiva. Feliz como esposa; d'alli ao tempo devido, feliz como mãe; e, sósinha no segredo de fabricar as rendas, ganhando lindamente, ganhando um dinheirão, ganhando o que queria.

«N'uma noite que ella estava no seu serão, dá-lhe que dá-lhe, bilros para cá, bilros para lá, ao passo que o marido a contemplava com ternura e os filhinhos lhe brincavam aos pés, de repente entra n'aquella casa a mesma desconhecida que lhe revelára o segredo, causa de toda a felicidade em que viviam.

«Vinha, porém, triste e serena.

«—Estão aqui a paz e a abundancia, estão;—disse:—mas, a miseria e a fome andam por essas casas e ruas de Peniche. Vim eu a ti, mas tu não foste aos outros. Com isso, chorando, os anjos, de ti afastam a vista.

«E desappareceu.

---

[1] *A vida alegre*, pag 151.

«Do dia immediato em deante, foi bater de porta em porta, e entrar de casa em casa, a pobre mulher que assim fôra admoestada; e levando torçal e bilros, offerecia-se para ensinar a quem quizesse aprender a delicada arte de fazer rendas...

«—Queres que eu te ensine, Maria? queres tu, Joanna? e tu, e tu, e tu, Rosalia, Gertrudes, Margarida?

«—Queremos, sim, se queremos!

«As iniciadas quizeram tambem depois ter discipulas; e assim se estabeleceu em Peniche a industria das rendas, modo de vida de quasi todas as mulheres d'aquella terra encantadora e triste, cercada de rochedos fragosos que parecem estar dizendo que a natureza a defende como a providencia...»

Tenho idéa de haver lido n'um jornal francez identica lenda sobre as rendas da Bretanha.

Pedro Cervantes de Carvalho Figueira, que foi secretario da camara de Peniche, escreveu um opusculo com o titulo *A industria em Peniche* (Lisboa, 1865) no qual se refere á das rendas e da pesca, sobretudo á da pesca, com muitas notas interessantissimas para o estudo dos costumes locaes dos pescadores.

E já agora aproveito a occasião para dizer que o mesmo Cervantes foi o iniciador do pinhal que, a seis kilometros da villa, fornece a caruma que a vereação reparte em cada semana pelos municipes pobres e que elles queimam nos seus lares.

A escola industrial *Rainha D. Maria Pia*, com que Peniche foi dotada modernamente, não tem por fim crear rendeiras — porque ellas não faltam ali — mas apenas guial-as a maior correcção no desenho de perspectiva e geometrico, assim como tambem á copia de *motivos* da esculptura monumental do paiz.

Alem d'isto, ensina lavores e costura e, como todas as escolas do mesmo genero, rege um curso elementar de instrucção primaria para ambos os sexos.

A villa divide-se em *Peniche de cima* e *Peniche de baixo*.

Peniche de Cima tem a igreja parochial de Nossa Senhora da Ajuda, cuja fachada é muito singela, e uma capella de Santo Antonio. Entre os seus habitantes avultam em numero os pescadores e as rendeiras, porque rendeiras as ha em toda a villa.

Peniche de Baixo é constituida pelas duas freguezias de S. Pedro e Conceição. A igreja de S. Pedro poder-se-ia chamar uma cathedral, pela sua grandeza e magnificencia. No exterior está incompleta, pois lhe falta uma das torres. Dentro divide-se em tres naves, separadas por columnas de ordem toscana. A capella-mór, o throno e o camarim são obra notavel. A igreja da Conceição é o mais pequeno de todos os templos parochiaes, mas faz-se notar pelos seus excellentes azulejos e lavores de talha.

Na Praça ficam a igreja da Misericordia e o respectivo hospital.

Esta igreja, alem de grande, recommenda-se principalmente pelos quadros a oleo que revestem o tecto, em cinco series, cada uma de onze paineis, representando passagens do Novo Testamento, a maior parte d'elles pintados por Josepha d'Obidos, e alguns restaurados em 1812 pelo pintor Rodrigues Raieta, natural de Braga.

A Misericordia de Peniche foi intituida por compromisso de 31 de março de 1505.

A sua igreja tambem data do seculo XVI, comquanto haja sido restaurada em 1796.

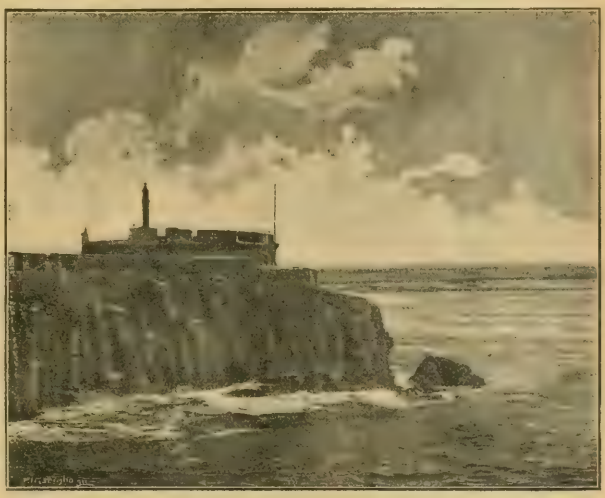
Houve outrora na villa mais outro templo, o de S. Marcos, mas foi profanado e serviu a usos militares.

E' em *Peniche de Baixo* que se faz o mercado diario e se encontram as melhores lojas de commercio; é aqui que está a estação telegrapho postal, o Hotel do Barnabé, a escola *D. Maria Pia* e o Passeio Publico, dentro do qual foi construido ultimamente o edificio do Club Recreativo Penichense.

A casa da camara, situada na freguezia de S. Pedro, acommoda todas as repartições do concelho, e os baixos do seu edificio servem de cadea.

Ha na villa um asylo de — Santa Victoria; um monte-pio dos maritimos, denominado Corpo Santo; uma associação de soccorros mutuos—Nossa Senhora dos Remedios; uma philarmonica Recreio Penichense; uma Associação Litteraria Artistico-Commercial; escolas de instrucção primaria, elementar e complementar, para ambos os sexos, sendo em ambos, infelizmente, a frequencia apenas de 43,4 por mil habitantes.

A principal industria de Peniche é a piscatoria, exercida por meio de armações, valencianas e redondas. Aquellas são concedidas pelo ministerio da marinha, e estas tiradas á sorte na casa da camara, para o effeito da sua collocação.



323—Fortaleza de Peniche

Quando corre a *ballela*, isto é, a noticia da apparição de uma *lufada* (cardume de sardinhas) ha muita animação e movimento na villa, não só pela alegre azafama dos pescadores, como pela concorrencia dos revendedores que véem fornecer-se.

Alem da industria da pesca, os pescadores exploram outras, taes como a caça aos ovos das aves maritimas [1] na Berlenga, no Farilhão e no Baleal, caça que já tem custado a vida de muitos homens, pelo perigo que offerece; e a apanha do *limo* (nome ali dado ás algas e outras plantas marinhas) que vendem para adubo das terras.

No dia 15 de agosto fazem os pescadores a sua grande festa a Nossa Senhora da Ajuda e é n'esse dia que as companhas acertam ou liquidam as contas das armações, sempre tão embrulhadas e confusas, em desproveito do pescador, que de qualquer caso complicado se diz como anexim: parece a conta das armações.

Na villa houve, e talvez ainda haja, uma typographia onde foi composto e impresso o ephemero periodico *A Tentativa*, escripto na Lourinhã. Tenho idea de propriamente em Peniche ser publicado algum periodico local, mas não posso affirmal-o.

Não ha em Peniche chafarizes nem fontes publicas. A agua potavel é extraída de cisternas, que são muitas, dentro das casas.

Creio que o unico theatro existente é um barracão.

Peniche é illuminada a petroleo, e o Club Recreativo, em cujo salão de baile podem dançar mais de 100 pares, illuminado a gaz acetylene.

---

[1] Estes ovos são para comer cozidos, por exemplo os da gaivota, ou para vender por galantaria, sendo os do airo os mais bonitos.

Os donatarios de Peniche foram os antigos condes de Athouguia da Balea, Athaydes Noronhas, e o titulo de conde de Peniche recahiu n'um ramo d'esta familia e na pessoa de D. Caetano José de Noronha e Albuquerque.

O 3.º conde de Peniche foi tambem 1.º marquez de Angeja, e ministro da marinha e das obras publicas em 1870, sob a presidencia do duque de Saldanha.

Era um agitador politico e creou uma facção conhecida pelo nome de penicheiros.

Entre os filhos illustres de Peniche merece especial menção o israelita Jacob Rodrigues Pereira, que nasceu a 11 de abril de 1715, e em Pariz inventou o alphabeto manual dos surdos mudos, que depois o abbade L'Epée aperfeiçoou.

Peniche tem desde 1886 um pharolim, para guiar os barcos de pesca.

Na ponta sudoéste do Cabo Carvoeiro ha um pharol, mais antigo, pois data de 1790.

Este Cabo é, depois do da Roca, aquelle que no nosso litoral mais avança para o mar. O seu nome parece derivar, por comparação, da côr das suas rochas. Contigua ao pharol alveja uma ermida posta sob a invocação de Nossa Senhora das Victorias.

De fronte do santuario dos Remedios fica a Berlenga Grande, a maior do grupo das Berlengas, que já no 1.º vol. individuamos.

Entre Peniche e estas ilhas, que uma vaga tradição local quer que fizessem parte da Atlantida, ligando-as com os Açores, medem-se tres leguas de mar profundo e quasi sempre revolto, por onde se faz toda a navegação, não sem perigos, especialmente devidos aos recifes do poente. [1]

Na Berlenga Grande ha um pharol, um quartel para o destacamento de veteranos, barracas tanto para o pessoal como para o trem das armações valencianas, e ao sul um forte denominado de S. João, que está ligado á ilha por uma ponte.

Esta ilha affecta a forma de um 8, tem de extensão 1.800 metros, de largura 800, e é dividida de norte a sul em duas partes desiguaes, que communicam por uma especie de isthmo.

A parte mais importante da ilha é a de oéste, designada simplesmente por *Berlenga*.

Na outra parte, a que se chama *Ilha Velha*, encontram-se, no logar conhecido por a *Carreira do Mosteiro*, as ruinas de um convento de S. Jeronymo.

E' com este convento que se prende a lenda dos *Passos de D. Leonor*.

Conta a tradição que viviam outrora em Peniche dois homens ricos, e parece que fidalgos, inimigos irreconciliaveis. Um d'elles tinha um filho; o outro uma filha. O leitor está adivinhando o amor de Romeu e Julieta, como n'esse antigo idillio medieval, que Shakespeare aproveitou para o seu theatro fixando-o entre as familias veronezas dos Cappulletti e Montecchi.

O rapaz chamava-se Rodrigo; a rapariga, Leonor. Amaram-se: eis o fulcro do drama.

O pai de Rodrigo, logo que presentiu o amor do filho, obrigou-o a recolher-se ao convento da Berlenga e a entrar no noviciado da ordem.

Rodrigo obedeceu, mas a sua paixão achou meio de se corresponder com Leonor e combinar com ella secretas entrevistas n'uma das grutas da penedia. O plano foi acceito e executado com o auxilio de um velho pescador, que em certas noites conduzia no seu batel o enamorado noviço e, atravessando o perigoso canal, o desembarcava no pequeno porto, a que hoje se chama *Carreira de Joanna*.

Leonor, chegando á gruta, accendia uma luz para indicar que já ali estava esperando.

E depois, juntos um ao outro, abraçados como Romeu e Julieta na téla de Jalabert, as horas de terno colloquio voavam ligeiras.

---

[1] No mar de Peniche tem havido muitos e notaveis naufragios—como o do galeão *S. Pedro de Alcantara* em 1786; de uma fragata ingleza em 1828; do paquete *Roumania*, etc.

Chegou uma noite em que a luz não surgiu, o que sobresaltou angustiosamente o coração de Rodrigo; mas essa amargura exacerbou-se em terror quando elle viu fluctuar na agua, perto do batel, um objecto que reconheceu ser a capa de Leonor.

No auge do desespero, prevendo que a sua bem-amada se afogára, arremessou-se ao mar, sem que o velho pescador tivesse tempo de sustel-o.

Rodrigo não se enganara. Leonor, chegando á gruta, ouviu vozes, que reconheceu serem as de seu pae e irmãos. Procurando fugir ou occultar-se, ao saltar de rochedo para rochedo, calculou mal um passo, e cahiu ao mar.

No dia seguinte, o cadaver de Rodrigo appareceu n'um banco de rochas, ao suéste dos Remedios, logar a que se ficou chamando *O Sitio de Frei Rodrigo*. E o corpo de Leonor foi encontrado entre os penhascos que se erriçam no aro da gruta, desde então chamada *Passos de D. Leonor*.

421 — Entrada da fortaleza de Peniche

Diz-se que a Julieta de Peniche era bella e que os seus restos mortaes foram sepultados junto á capella de Sant'Anna, que fica fóra da villa.

A' famosa gruta desce-se por degraus cavados na rocha, e algumas vezes as banhistas romanticas, nos seus passeios vespertinos, preferem este logar memoravel ao panorama da cidadella ou dos Remedios.

Para contrapôr ao drama passional procuremos uma digressão anecdotica, qual é a origem da locução proverbial, conhecida em todo o paiz, *amigos de Peniche*, com que se designam falsos amigos.

Duas versões registei, não sem algum trabalho, colhendo-as da tradição oral.

Uma diz que certo juiz de fóra de Peniche, querendo ter aproximações com a mulher de um cidadão da comarca, o obrigára a ir levar um officio ao juiz de fóra de Alemquer.

N'este officio, o magistrado de Peniche, tratando por amigo o de Alemquer, que nunca vira mais gordo, descobria-lhe a tunantada e pedia-lhe que demorasse ali o infeliz marido.

O destinatario do officio, quando o leu, desatou a rir da velhacaria do collega e da sem-cerimonia com que por elle era tratado, pois sem o conhecer lhe chamava amigo.

E, alludindo a uma e outra cousa, principalmente á maroteira, exclamou: «Isto é que é um amigo de Peniche!»

A segunda versão conta que alguns sujeitos de Peniche foram gentilmente obsequiados em Lisboa por um alfacinha, de quem se diziam amigos; o qual vindo por sua vez a Peniche foi por elles tratado como se nunca o conhecessem, nem o tivessem visto jámais.

Estas anecdotas não podem offender os habitantes de Peniche, onde decerto, como em toda a parte, ha bons e maus amigos.

Além dos pharoes, que já mencionamos, ha em Peniche dois pharolins, sendo um no Portinho de Revés (praia onde o peixe desembarca) e outro em Peniche de Cima. Tambem ha um posto de soccorros a naufragos e um semaphoro.

A villa tem agentes bancarios, de seguros, e de casas para banhos; lojas de vario commercio; duas pharmacias, um medico; e carreiras de diligencia para Athouguia da Balea, Serra d'El-Rei, Amoreira, Obidos e Caldas da Rainha.

O solo da peninsula de Peniche produz cereaes, legumes, fructas, e os seus vinhos brancos são muito apreciados.

A industria piscatoria produz, em annos regulares, um rendimento de 60:000$000 réis; e a das rendas cerca de 20 contos, pois que encontram facil collocação nos mercados do paiz e do estrangeiro.

O concelho de Peniche, com uma população total de 8.244 habitantes, pertence administrativamente ao districto de Leiria, no judicial á comarca das Caldas da Rainha, e no ecclesiastico ao Patriarchado. [1]

Completa-se com as freguezias da Athouguia da Balea, cuja população é de 4 419 almas, e com a da Serra de El-Rei, que tem 1.047.

A Athouguia da Balea fica 6 kilometros ao nascente da villa de Peniche, a que está ligada pela estrada das Caldas,

Diz-se, com bom ou mau fundamento, que o nome Athouguia é corrupção de *a touria*, em razão das manadas de touros que D. Pedro I aqui tivera.

E' certo que o brazão da villa é um boi, em campo de purpura, com um castello em cada uma das pontas.

E diz-se tambem que o genitivo — da Balea — procede de ter vindo ali á praia, em 1526, um d'aquelles cetaceos, monstruosamente volumoso.

Mas este facto deve ter tido menor importancia que a conveniencia de distinguir a povoação entre as suas homonymas, algumas das quaes tambem ficam na Extremadura.

Já sabemos que a Athouguia foi doada por Affonso Henriques a Guilherme Descornes.

Parece que, por se extinguir a linha recta d'este donatario, passou a villa á posse da Corôa: D. Diniz doou-a á Rainha Santa. [2]

Na doação primitiva recebeu a villa dois foraes, um para os francos ou francezes septentrionaes *(franci)*, outro para os meridionaes (*gallici, galleci)* e em parte d'esses documentos estão reguladas as relações entre os dois elementos constitutivos da povoação. [3]

Tambem nos foraes ha disposições relativas aos barcos de pesca, no sentido de os acautelar de malfeitorias, porque a industria piscatoria, desenrolando-se ao longo da praia, foi, já o indicamos, o factor economico da pobla de Peniche.

Succedeu um facto, aliás vulgar, qual o da nova povoação vir affrontar pela sua prosperidade a Athouguia que lhe lhe tinha dado o ser.

Os condes da Athouguia por mercê de Affonso v tornaram-se donatarios do logar e termo do seu titulo, e um d'estes donatarios, D. João Gonçalves de Athayde, 5.º conde, para valorisar o condado, foi quem requereu á Corôa a elevação de Peniche a villa.

[1] O brazão d'este municipio offerece a singularidade de ser constituido por uma caravella com S. Pedro e S. Paulo, um á proa, outro á ré, sobre um mar com ondas de prata.

[2] Figanière, *Memorias das rainhas*, pag. 177.

[3] Herculano. Appendice ao IV tomo da sua *Hist. de Portug.*

Quando isto viu, a Athouguia sahiu com embargos á mercê requerida e concedida, allegando que a prejudicava a desmembração, porquanto Peniche, por ser porto de mar, era rica e populosa, e ella Athouguia pobre e de poucos vizinhos.

Os argumentos parecem-nos contraproducentes, e tambem pareceram á Corôa, que desattendeu os embargos.

O 1.º conde de Athouguia foi Alvaro Gonçalves de Athayde, em 1448.

Dos 12 condes d'este titulo o mais notavel foi o 4.º, D. Luiz de Athayde, que se assignalou grandemente como vice rei da India, onde reduziu á disciplina os chefes indigenas que se tinham reunido com o fim de anniquilar o nosso dominio ali.

Conta-se que regressando á metropole trouxera quatro pipas cheias de agua do Indo, do Ganges, do Tigre e do Eufrates, e que as fizera depositar no seu castello da Athougia para memoria de que «havia abatido com agua as fumaças do interesse.»

425—Peniche—Igreja de N. S. da Ajuda

Surprehendeu o em Gôa o desastre de Alcacerquibir. Filippe II receou da attitude que o conde tomaria, e enviou-lhe o titulo de marquez de Santarem, que elle não acceitou nem recusou. Diz-se que pensava em organisar uma esquadra para vir a Lisboa expulsar os castelhanos, mas a morte prostrou-o e as ultimas palavras de D. Luiz de Athayde foram um estimulo ironico á reacção nacional para sacudir o jugo de Castella: «Ora morra eu, e seja tudo contra Portugal.»

Os seus restos mortaes vieram para Peniche, como recommendára, e foram depostos na igreja do convento do Bom Jesus, que elle fundou. Em 1834, profanados este templo e convento, guardou-se a ossada dentro de uma caixa de pinho, que está n'um armario da igreja da Ajuda.

Assim jaz ao abandono o que resta, sobre a terra, de tão grande portuguez.

O 6.º conde, D. Luiz de Athayde, casou com a illustre D. Filippa de Vilhena, que depois de viuva foi marqueza de Athouguia e camareira-mór da rainha D. Luiza de Gusmão.

O condado extinguiu-se na pessoa de D. Jeronymo de Athayde, casado com D. Mariana de Tavora e justiçado no cadafalso de Belem como cumplice na supposta conspiração contra el-rei D. José. [1]

Na Athouguia da Balea reuniu el-rei D. Fernando côrtes, as quaes se occuparam

---

[1] Julio de Castilho estudou minuciosamente a arvore genealogica d'esta familia (*Lisboa antiga*, VI, pag. 139 e seg).

de providencias relativas á navegação e commercio maritimo, [1] e de regular definitivamente a jurisdicção dos donatarios dos coutos. [2]

Tinha a villa um castello, de que restam as ruinas.

Na igreja parochial, que é romanica, de tres naves, celebra-se a festa do padroeiro, a 6 de novembro; e por essa occasião faz se uma feira, que dura dois dias.

Fóra da villa havia um convento de franciscanos, dedicado a S. Bernardino.

Dentro da villa, entre outras ermidas, merece referencia a de Nossa Senhora da Conceição, não só pelas suas amplas dimensões, como tambem por ser muito concorrida de romeiros no estio.

Ha irmandade da Misericordia, com o respectivo hospital; escolas para ambos os sexos; medico; caldeiras de distillação; varias lojas de commercio; e uma sociedade musical — União 1.º de dezembro de 1902.

Perto da villa existe um lago, alimentado por uma ribeira, que nasce no sitio do Brejo, e vem desaguar no mesmo lago.

A Serra de El-Rei, chamada da Pescaria outrora, é atravessada pela estrada das Caldas a Athouguia.

Diz uma trova popular:

Tive um amor na Athouguia,
Outro na Serra d'El-Rei;
Este que eu agora tenho
Só por morte o deixarei.

Esta quadra mostra quanto as duas povoações estão ligadas pela vizinhança e pela tradição.

Quando da Serra d'El-Rei se avista, em baixo, junto ao mar, a villa de Peniche, temos a impressão de que a estamos vendo da barquinha de um aerostato suspenso nos ares.

A freguezia da Serra, cujo orago é S. Sebastião, conta 1.047 habitantes, dista da Athouguia 4 kilometros e de Peniche 10.

No capitulo sobre a *Lourinhã*, a proposito da lenda de Ignez de Castro, já nos referimos a esta região.

O sobrenome — d'El-Rei — veio do antigo paço real que se diz fundado por D. Affonso IV. Sousa Viterbo, já o mencionamos, publicou alguns documentos pelos quaes se vê que no tempo de Affonso V, e ainda depois, havia no parque d'aquelle paço grande criação de pavões.

Em 1588, sob o dominio castelhano, foram concedidos os «meus paços da Serra, que estão no termo da villa datouguia», ao 5.º conde d'este titulo, João Gonçalves d'Athayde, com a obrigação de os reparar e concertar.

A tradição conta que D. Pedro I realisava corridas de touros junto ao paço com o gado bravo que parece ter dado o nome á região da Athouguia.

Tem a freguezia da Serra d'El-Rei uma escola para o sexo masculino, duas irmandades, carreiras de diligencia para Obidos e Peniche, algum commercio de cereaes e farinhas, e fornos de cal, telha e louça.

[1] Visconde de Santarem, *Memorias para a hist. e theo. das côrtes geraes*, parte 1.ª, pag. 4.
[2] Coelho da Rocha, *Ensaio*, pag. 74

XXII

Obidos

I

A VILLA

villa de Obidos, cabeça do concelho do seu nome, vem descendo do alto de um monte, coroado pelo castello, até á falda banhada pelo rio Arnoia.

Tudo o que fica extra-muros é pittoresco, e algumas vezes bello, no conjunto panoramico tanto do aspecto da povoação como dos arredores.

A antiga cêrca de muralhas, damnificada mas ainda resistente, tem a forma de um ferro de engomar, com o bico voltado para o sul e defendido por um torreão chamado *torre vedra*, o que quer dizer torre velha.

D. João V, passando aqui um dia em caminho das Caldas da Rainha, exclamou apontando para os solidos e elegantes muros de Obidos: «Eis aqui um villão com uma cinta de ouro.»

Não resisto á tentação de pôr diante dos olhos do leitor uma ingenua gravura em madeira, que o *Panorama* estampou ha 65 annos, porque ella representa o velho castello de Obidos e a villa ainda então quasi totalmente cingida por elle, o que não só reconstitue a povoação inteira tal como foi, mas tambem permitte confrontal-a com o seu estado actual de expansão extra-muros.

Essa gravura, que adeante reproduzimos, mostra-nos um lindo amphitheatro de casaria virado ao nascente, dentro de um triangulo isosceles de muralhas com seus torreões e portas.

Por entre o agrupamento dos predios enconchados em pinha, e quasi todos modestos, sobem os campanarios dos templos, um dos quaes avulta no alto com duas torres singelas.

Raras arvores vegetam entre as casas e as muralhas, como significando que uma povoação que desabrochou voltada para o sol á semelhança dos heliotropos, prefere a luz á sombra, mostrando-se ainda n'isto aquelle *villão* de que falou D. João V, pois não lhe custava supportar a torreira dos dias ardentes.

Fóra dos muros, como a estampa indica, corre o aqueducto e apparece timidamente o primeiro nucleo de edificações que, para assim dizer, haviam de gerar a villa nova.

Tal é a impressão que nos deixa o interessante aspecto da antiga povoação reproduzida na gravura do *Panorama*.

Digamos agora a impressão moderna.

Vistos do castello, os arredores são vastos e formosos.

Ao sul aldeas brancas como a Roliça, a Columbeira, e a região cinzenta da pedregosa Cesarêda; ao norte as Caldas da Rainha e S. Martinho do Porto; a léste pomares verdejantes e longes de serra; a noroéste a lagoa de Obidos, figurando um amphibio que, estendido terra dentro, e alargando sobre ella o dorso, tivesse a ponta da cauda mettida no mar; a oéste a ampla Varzea da Rainha, assim chamada porque no tempo de D. João III era um baldio que a rainha D. Catharina recebeu em troca de haver mandado construir um aqueducto, cujos arcos abrangem a extensão de meia légua desde o manancial da Osseira. [1]

426—Porta principal da entrada da villa de Obidos

Dos tres rios que fecundam aquella dilatada varzea, e vão desaguar na lagôa, um d'elles, o Arnoia, passa ao sopé da povoação, sob uma ponte de pedra que foi construida em 1872, ficando-lhe a cavalleiro no alto um torreão do castello sobre eriçada penha e na encosta o passeio publico a que se chama «A Serra».

E' um gracioso arrabalde.

Antigamente o mar chegava a tocar na falda do monte em que assenta a povoação;—alguns auctores dizem que vinha até á igreja de S. João Baptista.

Foi esta uma região penetrada pelo oceano, que para o norte se internava até Pataias, cobrindo os campos de Maiorga e de Vallado e formando alguns portos como os de Alfeizerão e de Paredes, o que se reconhece ainda não só pela constituição neo-jurassica dos terrenos (compostos de calcareos, areias, argillas e margas) como tambem pelas reintrancias de Peniche, Obidos (lagôa), S. Martinho (*concha*) e Nazareth.

A historia de Obidos é tão obscura como a sua etymologia.

Parece que o castello seria fundado pelos romanos, e successivamente restaurado pelos gódos, pelos mouros e pelos portuguezes.

O que melhor se sabe é que D. Affonso Henriques o tomou aos sarracenos em 1148, graças a um estratagema de Gonçalo Mendes da Maia, o *Lidador*, que emquanto o rei

[1] A Varzea da Rainha é hoje propriedade do sr. Luiz da Gama.

atacava a descoberto, forçou, rastejando á socapa por entre tufos de gingeiras, uma porta escusa, por isso depois chamada *Porta da traição*.

No reinado de Sancho II, o castello foi assediado pelo conde de Bolonha, mas resistiu-lhe heroicamente, fiel ao rei. O alcaide, que então era Fernando Ouriques de Aboim, recusou entregar as chaves ao infante. Mais tarde, já senhor do governo do reino, o proprio infante premiou á já «notavel» villa de Obidos essa heroica fidelidade concedendo-lhe o titulo de *sempre leal*.

D. Diniz parece que reconstruiu o castello, alargando-o; e fez doação da villa á

427—Vista do castello d'Obidos, lado norte

Rainha Santa, ficando Obidos desde então constituindo apanagio das rainhas de Portugal.

D. Fernando, por occasião das desavenças com Castella, teria mandado fazer reparos nas muralhas.

Em 1886 foi o castello offerecido pela camara municipal á rainha D. Maria Pia. [1]

D. Leonor de Lencastre, no periodo de amargura que se seguiu á desastrosa morte de seu filho, aqui residiu por algum tempo na quinta das Flores, e aqui fundou um instituto de merceeiras, no antigo convento das Donas de Santarem, a par do castello.

Foi junto ao Arnoia, em Obidos, que a 15 de agosto de 1808 quatro companhias de *riflemen*, destacados por Wellesley, se encontraram com um batalhão francez, travando-se um combate que foi o primeiro entre inglezes e francezes; quarenta e oito horas

[1] Dou em seguida, por ser um documento moderno, historicamente interessante, a copia textual da acta da sessão em que o castello foi doado a esta rainha:

depois se feriu na Roliça a primeira batalha em que collaboraram colligadas as tropas portuguezas e inglezas contra o inimigo commum.

Quanto á questão etymologica, deixal-a-hei de parte, porque todas as versões são duvidosas, tanto a que sustenta que o onomastico Obidos é o *Opideum* romano, como a que vê n'elle a agglutinação dos monosyllabos latinos *ob-id-os*, allusivos á embocadura do antigo braço de mar.

Intra-muros a povoação é a antithese do seu exterior.

Com inteira verdade diz Ramalho Ortigão: «...aqui teem em Obidos, fielmente e integralmente resuscitado, um velho burgo portuguez de ha tresentos annos». [1]

O tempo parou aqui, a villa cristallisou na sua feição primitiva: ruas estreitas e escuras, casas antigas e mesquinhas.

De mais a mais o desenvolvimento commercial das Caldas da Rainha faz a Obidos uma concorrencia progressiva; e o do Bombarral cresceu a tal ponto, que não nos admira nada que amanhã a cabeça do concelho seja decepada em Obidos e entroncada sobre os hombros do Bombarral.

Pinheiro Chagas escreveu: «Nunca vi na minha vida uma villa mais triste do que Obidos». [2]

Eu recebi igual impressão em 1888, n'uma ridente manhã em que vim aqui almoçar com o conselheiro Pereira Carrilho a convite do Padre Antonio de Almeida.

A villa constrangeu-me, mas o almoço indemnisou-me, e o panorama que se avista do castello fez-me perdoar a fealdade da villa.

Copia authentica de parte da acta da sessão da Camara Municipal do Concelho d'Obidos, que se effectuou no dia 25 d'agosto de 1886

«Por proposta do Presidente, deliberou a Camara por unanimidade, se remettesse a Sua Magestade a Rainha, o seguinte:

Senhora.—A muito nobre e sempre leal Villa d'Obidos, honrando-se summamente de ter sido propriedade das Senhoras Rainhas de Portugal desde que, em honras * de casamento, foi dado á Senhora D. Urraca, esposa d'El-Rei D. Affonso II,—Recordando gratamente o especial proteccionamento que sempre lhe dispensaram as Senhoras Rainhas de Portugal, e muito especialmente—a Rainha Santa, e a benemerita Senhora D. Leonor, esposa d'El-Rei D. João II, e a Senhora D. Catharina, esposa d'El-Rei D. João III;— esta mandando construir o nosso monumental aqueducto; aquella continuando, por meio das Misericordias, a bemdicta missão de charidade publica que a Rainha Santa aqui iniciou, instalando cá as primeiras Gapharias:—A muito nobre e sempre leal Villa d'Obidos para dar um publico testemunho da sua gratidão por a honra que ha pouco recebeu com a especial visita de Vossa Real Magestade, e por lhe constar que é do agrado de Vossa Real Magestade o possuir o Castello Obidense,—convocada a corporação Municipal deste Concelho, resolvido foi em sessão plena,—que aos pés de Vossa Real Magestade fosse posta a oferta da propriedade do referido Castello, e respectivos direitos. Mesquinha é, Senhora, e bem pobre a oferenda, mas é muito grande a boa vontade dos oferentes, e o vivo empenho d'elles em significarem a Vossa Real Magestade quanto veneram e adoram a sua tão bella, como grande Rainha. Saudando respeitosamente mais uma vez a Vossa Real Magestade, a muito nobre e sempre leal Villa d'Obidos, põe tambem no subpedanio do augusto throno de Vossa Real Magestade todos os seus cultos por a Mulher, que com o ser Rainha em toda a grandiosa accepção da palavra, sabe tambem, e tão bem juntar o—ser a Mãe dos Pobres.

Deus alongue muito e muito a bemdita existencia de Vossa Real Magestade, e lhe tapete de flores da ventura perene a senda de benefico viver, como hemos mester.—Assignados.—*Francisco Manuel de Moraes da Silva e Souza—José Maria Pinto—Gabriel Gonçalves da Silva—Alfredo Leite Pereira de Mello—Viriato Moreira.*—Está conforme. Secretaria da Camara Municipal d'Obidos 28 de Novembro de 1907. —O Secretario da Camara.—*Joaquim Maria da Silva Freire Junior.*

* Arrhas, provavelmente. Deve ser lapso do copista.

[1] *Branco e negro*, n.º 52, 1.º anno, pag. 52.

[2] *Fóra da terra*, pag. 20.

Antigamente tinha Obidos 4 freguezias; Santa Maria—a matriz—, S. Pedro, Santiago e S. João Baptista

Hoje tem apenas duas: Santa Maria, com 1.954 habitantes; S. Pedro, com 2.080.

As ruas principaes são 5: do Jogo da bola, a De Cima, a De Baixo, a Direita e a do Caminho.

Ha uma praça, com um elegante pelourinho do tempo de D. João II, e um chafariz fronteiro á igreja de S. Pedro.

E' frequente, n'esta tristonha villa alcandorada, encontrar entre os arruamentos de casas modestas uma linda janella manuelina, uma esphera armillar ou uma cruz de Christo, ao que logo se associa a idea de uma vida prospera, que o seculo XVI entornou sobre Obidos por ser uma rendosa dependencia da *Casa das Rainhas*, que lhe havia dado foral, confirmado por D. Manuel em 1513.

428—Obidos—Vista geral

A igreja de Santa Maria Maior, actual matriz, é um templo de tres naves, e remota fundação, anterior á monarchia.

A de S. Pedro parece datar do seculo XIV.

Na de Santiago fôra instituida uma collegiada, que era sujeita ao convento de Val Bemfeito.

Tem a villa um hospital de Misericordia, administrado pela respectiva mesa, datando de 1511 a instituição d'esta Santa Casa d'Obidos.

A sua receita era de 1.735$000 réis: capital nominal 18:300$000. [1]

Hoje não conheço o seu estado financeiro.

Ha lojas de fanqueiro, mercador, alfaiate, sapateiro, dois talhos, sendo um municipal, dois barbeiros, uma modista—madame Schittinis—dois hoteis—de Ramon Migueis e Joaquim Mathias,—varias casas de pasto, uma alquilaria, depositos de adubos chimicos, uma agencia de seguros, duas padarias, duas pharmacias e dois medicos.

Tambem ha uma sociedade de recreio, denominada *Club 1.º de dezembro*; e duas sociedades musicaes, *Philarmonica Obidense e Sol-e-dó da Sociedade Pacata*.

Fazem-se na villa duas feiras: a de Santo Antão a 17 de janeiro e a de Santa Iria a 20 de outubro.

Emfim, Obidos procura manter-se com alguma vida interior na sua vetustez melancolica, mas nem esse esforço de orgulho municipal, nem a proximidade da estação do caminho de ferro, [2] que fica a 600 metros de distancia, conseguiram transformar a economia da villa de modo a garantir-lhe uma superioridade triumphante ou pelo menos uma igualdade tranquillisadora em relação ás Caldas e ao Bombarral.

E não se pode dizer que a culpa seja apenas da sua posição geographica. E' certo que as povoações de difficil accesso tendem a immobilisar-se; por exemplo, Obidos e

---

[1] Costa Goodolphim, *As Misericordias*, pag. 217.

[2] Da estação de Obidos ha não só carreiras para a villa, mas tambem para Peniche, coincidindo estas ultimas com a passagem dos comboios-correios e sendo 400 reis o preço de cada logar. A distancia entre Obidos e Peniche é de 20 k.

Palmella. Mas Santarem, posta no alto sobre rochas escarpadas, reagiu e modernisou-se.

De mais a mais Obidos não é uma villa que, como Palmella, possa unicamente exhibir nobres ruinas. Não. No obituario dos seus filhos ha nomes illustres, que vamos recordar, sendo um d'elles de recente gloria.

Segundo a ordem chronologica cabe o primeiro logar a Josepha de Ayala, vulgarmente conhecida por Josepha d'Obidos, distincta pintora do seculo XVII.

A sua biographia escurenta-se muito confusa e incerta. Querem alguns que Josepha nascesse em Sevilha, onde seu pai, Balthazar Gomes da Figueira, comquanto natural de Obidos, teria residido e casado. Outra opinião inclina-se a que o pai não era portuguez, mas sim um paizagista sevilhano. Mas parece mais verosimil a primeira hypothese, porque admitte que pela repatriação do pai tivesse a filha vindo estabelecer-se com elle na quinta da Capelleira, junto a Obidos, onde se sabe, com mais segurança, que ella viveu e trabalhou.

Finalmente, o pai do beneficiado Malhão, na sua *Vida e feitos*, dil-a natural de Obidos, o que até hoje não tem sido possivel justificar.

O talento artistico de Josepha revelou-se precocemente, e foi muito fecundo, havendo grande numero de quadros que lhe são attribuidos.

O seu merito tem sido objecto de discussão. Racksinsky mostra-se-lhe desfavoravel, mas Taborda, comquanto lhe note alguma dureza de toque, elogia a verdade com que pintava, e Volkmar Machado reconhece-lhe, pelo menos em alguns trabalhos, extrema delicadeza e meticulosa paciencia nos pormenores.

Ha varios quadros de Josepha nas igrejas de Peniche, Torres Vedras e Obidos.

Eu estudei principalmente estes ultimos.

E a impressão que me deixaram foi que, a par de alguns defeitos, as cabeças das figuras são por via de regra bem-tratadas, e a expressão physionomica muito viva.

D'onde conclui que Josepha deve ter sido uma excellente retratista.

Outra observação quero ainda fazer.

Na obra d'esta pintora ha a distinguir duas maneiras.

A primeira, anterior á sua viagem de estudo a Italia, apenas impulsiva e espontanea.

A segunda, depois d'aquella viagem, progressiva e orientada pela suggestão dos pintores italianos da Renascença.

Sabe-se que Josepha gosou de grande consideração no seu tempo, não obstante quaesquer reparos que como artista possam fazer-se-lhe.

No verão, era visitada na quinta da Capelleira pelas principaes pessoas que frequentavam as Caldas, e as encommendas de quadros—retratos, flores ou assumptos sacros—choviam-lhe em casa.

Josepha morreu a 22 de julho de 1684 e foi enterrada na igreja de S. Pedro.

A familia Malhão forneceu á villa de Obidos um titulo de celebridade litteraria.

Lá disse Castilho nas *Excavações*:

> E os Malhões, mais poeticos vivendo,
> Que não compondo desleixados versos.

São tres os Malhões que por suas lettras se tornaram conhecidos; outros porventura haverá na familia dignos de memoria pelo mesmo motivo, mas d'elles não alcancei noticia escripta.

O bacharel Agostinho Gomes da Silveira casou com D. Maria da Conceição Diniz, e d'este matrimonio nasceram sete filhos, o mais velho dos quaes foi Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão, e o mais novo Antonio Gomes da Silveira Malhão, protagonista do poema heroi-comico *A Malhoada*.

Aquelle, o primogenito, cursou a faculdade de direito em Coimbra, onde se entregou á bohemia academica, compoz a *Mondegueida*, e foi um dos mais estouvados estudantes do seu tempo.

D'isto nos deixou um documento autobiographico no livro que se intitula *Vida e feitos de Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão, escripta por elle mesmo* (Lisboa, 1792) em 4 tomos pequenos.

429—Frente da igreja matriz de Santa Maria

São interessantes memorias da vida escolastica de Coimbra n'aquella epoca; e, como taes, estimavel subsidio para o estudo dos respectivos costumes.

Este livro teve tres edições, o que prova que foi recebido com agrado, sem embargo de uma ou outra critica desfavoravel.

N'elle andam incluidas algumas composições poeticas do irmão mais novo do auctor, Antonio Malhão, que falleceu em dezembro de 1786.

Um anno depois sahiu da Real Impressão da Universidade um volumesinho contendo *Poesias de Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão com as posthumas de seu irmão Antonio Gomes da Silveira Malhão*; e assim ficaram estes dois Malhões ligados

por sua vocação litteraria e ternura fraternal em duas obras que o primogenito entregou ao prelo.

Francisco Manuel conseguiu, através de varia fortuna, formar-se no anno de 1789. Estabeleceu depois banca de advogado em Obidos e ahi casou a 26 de novembro de 1792.

Como as musas não fazem damno aos doutores, continuou sempre a cultivar as lettras, especialmente a poesia.

Entre as suas obras quero ainda tornar a referir-me á *Mondegueida, poema estrambotico,* por ser elemento apreciavel para a bibliographia geral da folgazã litteratura academica.

Francisco Manuel falleceu pelos annos de 1816.

Deixou descendencia, mas ao certo só temos noticia de uma filha, Maria Zeferina, e de um filho, Francisco Raphael da Silveira Malhão, que nasceu em Obidos a 16 de março de 1794 e que, tendo revelado desde a infancia aptidões litterarias, seguiu o curso de estudos theologicos no seminario de Santarem.

Este é o maior dos tres Malhões, o notavel prégador e fluente poeta conhecido em todo o paiz, mórmente na Extremadura, onde todos o designavam por *Beneficiado Malhão*, pois que exerceu este cargo ecclesiastico na collegiada da sua terra natal.

Homem na apparencia forte, era comtudo doente, circumstancia que, a par de grande modestia, fez que elle não pudesse subir ao pulpito todas as vezes que por sua fama o solicitavam.

Mas, emquanto pôde, nunca jámais deixou de acompanhar o cirio de Obidos ás festas da Nazareth, onde prégava o sermão da Virgem, reunindo-se ahi muito auditorio attraído pelos gloriosos creditos do orador.

Foi tambem ahi que o ouviu pela primeira vez o grande tribuno José Estevam; e enthusiasmou-se tanto que o applaudiu soltando «bravos» em plena igreja.

A devoção do illustre obidense por Nossa Senhora foi tão profunda como fervente: assim o testemunham muitas paginas dos seus eloquentes sermões, e ainda o facto de ter poderosamente contribuido para a conclusão de uma igreja em Olho-Marinho, como diremos ao tratar da freguezia da Amoreira.

O padre Malhão manteve relações de amizade com os mais notaveis escriptores do seu tempo, taes como Castilho, Mendes Leal e Julio Cesar Machado.

Este ultimo, que tanto amou uma aldea do mesmo concelho, professou por esse sacerdote veneração e estima inexcediveis.

Em tres ou quatro dos seus livros fala de Malhão com enternecido respeito. Vejamos.

Nas *Scenas da minha terra:*

«Alto, robusto, de proporções bellas, e correctissimos contornos, mal se esperava da virilidade da sua figura a candida e sincera expressão d'uma physionomia suave e attraente, em que brilhavam dois olhos vívidos de luz e de alma! Alli vivia (em Obidos) melancolico, doente, e scismatico, envolvido nas suas roupas de brixe ou no seu longo capote, lendo, escrevendo, ou sonhando. Evitava elle os homens de proposito? Sentir-se-ia no isolamento mais perto de Deus? A esse tempo (1856) tinha sessenta e dois annos; alvejava-lhe toda a cabeça, em que devia ficar tão bem—tão bem!—uma mitra! A sua conversação era ainda viva e facil! tinha ainda fogo e poesia o seu olhar! o seu typo representava a força, os seus movimentos a graça, o seu espirito o genio! Era grande, era magestoso e bello! Deus poderia deter-se, e dizer contemplando-o: E' um homem!...»

Nos *Contos ao luar*:

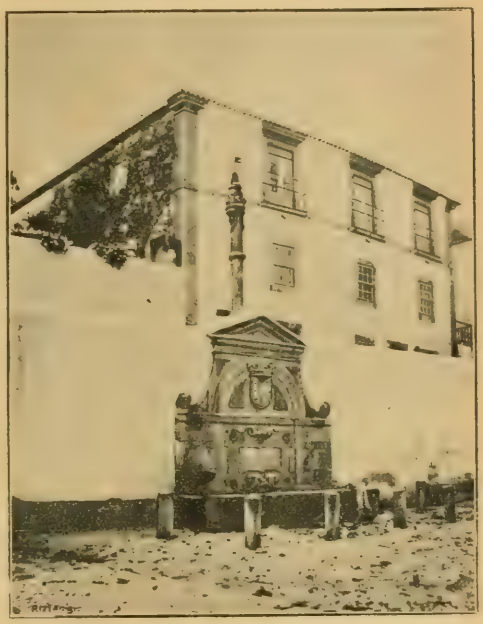
«Havia um homem em quem a crença popular se fixava quando a sua palavra eloquente resoava no templo da Nazareth. Era um poeta e um sacerdote, sacerdote e poeta

de toda a sua alma, esse! Desgraçadamente a doença não lhe permittia já a vida publica, e eu encontrei-o como um particular modesto, assistindo a uma das festas, escondido melancolicamente a um canto da igreja.

«Este homem era Malhão».

Na *Vida alegre*:

«Malhão, era um aldeão poeta. Alma terna, toda effluvios de religião e de doçura. O genio poetico foi o que dominou n'elle. Não porque os seus versos denotassem grandes dotes artisticos e se pudesse admirar n'elles o segredo de Garrett, por exemplo, de introduzir, por assim dizermos, a pintura e a esculptura na poesia, enlaçando as e formando um grupo indivisivel como o das graças: o seu talento brilhava pela sinceridade, pela espontaneidade, pelo sentimento; era a lyra campesina e christã».



430—Pelourinho e chafariz da praça d'Obidos

Malhão nasceu e morreu em Obidos, «n'uma casa pequena e humida», para a qual se subia por uma alta escada de pedra, typo de construcção aqui vulgar. A irmã serviu-lhe de enfermeira, quando a doença o prostrou mais. «Poucos, diz Julio Machado, o acompanharam na vida; na morte não o acompanhou ninguem». Tão certa é a palavra de Jesus: «Ninguem é prophéta na sua terra».

Mas, em compensação, quem hoje vai a Obidos procura conhecer a casa do venerando homem que deu gloria á sua terra, embora fosse por ella incomprehendido.

Corre na tradição uma satyra escripta por Malhão aos seus conterraneos; mas elle amou tanto a villa de Obidos, que sempre se recusou a trocal-a por uma mitra.

«Pedi—escreve Pinheiro Chagas—que me indicassem a casa de Malhão. Mostraram-m'a. Fica á esquina de uma rua, olhando por um dos lados para a igreja. E' triste e simples como as outras. Por traz dos vidros de uma janella do primeiro pavimento estava uma senhora idosa, que nos encarou um instante com um olhar melancolico, para voltar logo em seguida ás suas occupações caseiras. Disseram-me que era a irmã de Malhão. Involuntariamente descobri-me. E' que estava alli uma parte do talento do orador e do poeta, que nos homens de coração, n'aquelles em que o genio é como que apenas o esplendor do sentimento, os affectos intimos são os inspiradores mais ou menos inconscientes da poesia que lhes trasborda da alma para os livros, que perfuma de fragrancias suavissimas a palavra do orador sagrado, que lhe dá um poder immenso sobre os espiritos, porque no pulpito, ou no confessionario, lhes segreda os dulcissimos ensinamentos de dous Evangelhos, o de Deus e o da familia.

«Eu não conheci Malhão, mas, se aprendi a admiral-o nas suas obras, aprendi a es-

timal-o n'algumas paginas verdadeiramente adoraveis que elle soube inspirar a Julio Cesar Machado». [1]

O beneficiado Malhão falleceu a 10 de novembro de 1860, e jaz sepultado em campa rasa, á entrada da igreja de S. Pedro, na sua querida Obidos, sem uma simples inscripção ao menos!

Emquanto vivo foi publicada uma serie de 16 sermões; e depois da sua morte a antiga livraria Mattos Moreira & C.ª (hoje representada pela firma Viuva Tavares Cardoso) publicou sob o titulo de *Sermões inéditos* mais 10, bem como uma collecção de versos colligidos por José Thomaz Teixeira Ramalho e dados a lume pela mesma casa editora em 1876 com o titulo—*A lyra christã*,

N'este volume estão incluidos não só os versos originaes de Malhão, mas tambem algumas traducções e paraphrases, taes como dos threnos e dos psalmos.

Malhão deixou publicadas mais as seguintes obras: *Serões da aldea* (1830), *Aldea christã* (da qual apenas sahiu a 1.ª parte [2]); alguns versos em periodicos, e uma nota á traducção dos *Fastos* por Castilho sobre «As cãs e a ruga senil».

O padre Cardoso, na 1.ª edição dos *Logares selectos dos classicos portuguezes* (1845), apenas incluiu como paradigmas de oratoria sagrada alguns trechos de sermões do padre Antonio Vieira.

Mas em edições subsequentes fez honra á eloquencia do beneficiado Malhão incluindo n'aquelle livro um fragmento do sermão prégado por elle nas exequias do Conde de Barbacena em Lisboa na igreja de S. Vicente de Fóra, anno de 1854.

E já agora deixem-me dizer uma coisa a respeito da 1.ª edição dos *Logares selectos*, esse excellente livro escolar depois substituido por outros que valem menos.

O meu exemplar tem no reverso da folha branca as iniciaes J. C. M., manuscriptas com apuro calligraphico

Palpita-me que este exemplar seria aquelle por onde Julio Cesar Machado começou a familiarisar-se com os classicos portuguezes, pois que o Julio tinha n'essa epoca dez annos e frequentaria então o collegio dos Pontes de Athayde a Santa Martha, d'onde passou para o Collegio Militar e depois para o lyceu nacional de Lisboa.

Ha em Obidos algumas inscripções poeticas de Malhão: uma quadra ao pé da imagem de Nossa Senhora do Rosario, na rua do Caminho, junto á muralha; e um soneto na memoria que representa Nossa Senhora com o Filho nos braços, á sahida da villa pela estrada de Peniche. [3]

Foi esta villa erigida em cabeça de condado, no tempo da occupação hespanhola, por carta regia de 22 de dezembro de 1636.

De então até hoje tem havido sete condes; agora parece extincto o titulo com a familia.

O 1.º conde foi D. Vasco de Mascarenhas. Casou em Hespanha com uma sobrinha do cardeal La Cueva; e passou a segundas nupcias com D. Joanna de Vilhena, sua parenta. Reconhecendo a independencia de Portugal, foi por D. João IV nomeado governador do Algarve, do Alemtejo, e da India. No reinado de Affonso VI foi vice-rei do Brazil, e na metrópole exerceu altos cargos politicos e honorificos. Comtudo os seus meritos pessoaes não se assignalaram em parte nenhuma.

O 2.º conde, D. Fernando Martins Mascarenhas, casou em 1669 com D. Brites Mascarenhas da Costa e Castello Branco, 3.ª condessa de Palma e 4.ª condessa de Sabugal.

---

[1] *Fóra da terra*, (Porto, 1878) pag. 21.

[2] Foi reproduzida na *Lyra christã*

[3] O ultimo verso d'este soneto não está exacto nas *Scenas da minha terra*. Foi lapso de copia.

Por este casamento se reuniram na mesma casa os tres condados de Obidos, Sabugal e Palma.

D. Fernando foi alcaide-mór de Obidos e Selir do Porto, conselheiro de estado e aio dos filhos de D. João V.

Morreu a 4 de janeiro de 1719.

O 3.º conde, D. Manuel de Assis Mascarenhas, foi meirinho-mór do reino, brigadeiro de cavallaria, gentil homem da camara real; e teve as honras de parente.

Adversario politico do Marquez de Pombal, esteve encarcerado no forte da Junqueira, onde morreu.

431—Obidos—Fac-simile de uma gravura antiga, reproduzida do *Panorama*

Era homem de espirito, contam-se d'elle ditos chistosos e picantes em que não poupava o primeiro ministro até na presença do rei e da rainha.

Isto lhe acarretou o seu triste fim.

O 4.º conde, D. José de Assis Mascarenhas, alem de succeder nos cargos de seu pai, foi deputado da junta dos tres estados.

Falleceu nas Caldas da Rainha a 27 de agosto de 1806.

O 5.º conde de Obidos, D. Manuel de Assis Mascarenhas, foi par do reino em 1826, embaixador extraordinario, e capitão de cavallos.

Morreu a 5 de fevereiro de 1839.

Deixou apenas uma filha, D. Eugenia de Assis Mascarenhas, que casou com D. Pedro de Sousa Coutinho, o qual teve o titulo de conde de Sabugal, e o usou.

D'este casamento nasceram dois filhos; o mais velho foi:

O 6.º conde de Obidos, D. Manuel de Assis Mascarenhas.

A elle se refere Julio Cesar Machado quando diz na *Vida alegre:* «De uma das vezes que fiz viagem por terra (a Pariz) tive por companheiro o conde de Obidos e Sabugal—na sua familia o titulo é de uso alternar, e ser Sabugal n'um e Obidos no outro, infelizmente vivem pouco, e estas variantes succedem-se com demasiada frequencia».

Depois, accentuando a triste sina da familia Mascarenhas, acrescenta:

«O conde de Obidos era excellente companheiro e excellente amigo; mas o natural do seu caracter, e ainda mais a doença, tornavam-o melancolico a cada instante.

Os homens fatalmente destinados a morrerem moços são dotados de uma especial tristeza, em que parece de alguma maneira sentir-se o frio do tumulo».

D. Manuel falleceu solteiro, com 25 annos de idade, a 18 de dezembro de 1866, na ilha da Madeira, onde tinha ido procurar lenitivo aos seus padecimentos.

Depois da sua morte, o irmão mais novo, Luiz de Assis Mascarenhas, usou o titulo de conde de Sabugal e foi pai do:

7.º conde de Obidos, D. Pedro de Assis Mascarenhas, que era segundo tenente da armada, e succedeu no pariato a seu bisavô, em 1902, com 27 annos de idade.

Os jornaes tornaram publico um drama passional em que D. Pedro se achou envolvido.

A mão delicada de uma dama disparou contra elle um revólver, que só muito de leve o feriu. Depois o conde bateu-se em duello com o irmão d'essa senhora, e retirou-se da sociedade já muito combalido pela tuberculose hereditaria.

Em 1904 morreu sua mãe, a sr.ª condessa de Sabugal, e mais dois irmãos de D. Pedro.

Elle mesmo expirou a breve trecho, tendo sido carinhosamente tratado pela sua unica irmã, D. Frederica de Assis Mascarenhas, que pouco lhe sobreviveu, victima d'essa mesma terrivel doença de familia.

O solar em Lisboa era no palacio da Rocha dos Condes de Obidos, á rua Direita de S. Francisco de Paula.

Este palacio, mandado edificar pelo 1.º conde no seculo XVII, foi vendido em hasta publica no anno de 1874 e arrematado por 12:000$000 réis por um particular, ao qual el rei D. Luiz I o comprou fazendo para isso instancias, a fim de o offerecer á sr.ª D. Maria Thereza de Mascarenhas, irmã do 6.º conde, sendo este então camarista de sua magestade.

Assim voltou o palacio á posse da familia dos Mascarenhas, que principiou a ser infeliz na pessoa do ultimo duque de Aveiro, seu ascendente.

Nos arredores de Obidos ha algumas quintas e propriedades notaveis.

Desde já mencionarei a das Janellas, comprehendida na freguezia de S. Pedro: n'ella falleceu de uma colica o infante D. Francisco, irmão de D. João V.

N'esta quinta, que hoje pertence ao sr. Luiz da Gama, estão encorporadas não só a antiga quinta das Flores—onde ainda são visiveis algumas ruinas da casa outrora habitada pela rainha D. Leonor—mas tambem a cêrca e igreja do extincto convento de S. Miguel das Gaeiras.

Na igreja, onde continuam a celebrar-se os actos do culto, conserva-se um dos melhores paineis—talvez o melhor—pintados por Josepha d'Obidos.

El-rei D. Fernando de Coburgo offereceu por elle 1:500$000 réis, mas o antigo proprietario, Faustino da Gama, não lh'o quiz ceder.

Ha dentro da quinta das Janellas duas nascentes de agua sulphurea—uma era do convento—com as mesmas propriedades therapeuticas do manancial das Caldas da Rainha, postoque o grau de calor seja menor.

Diz-se que esta quinta, que foi solar dos Alarcões, deve o seu nome á circumstancia de ter o palacio e suas dependencias 365 janellas, incluidos n'este numero tambem os postigos, rótulas, e frestas dos muros.

A propriedade das Gaeiras—não quinta—pertencente á familia do fallecido José Pinheiro, filho de uma senhora Fonseca do Sangüinhal, tem uma importante producção vinicola, cujo typo mereceu referencia especial aos auctores do livro *Le Portugal au point de vue agricole.*

Na rua do Alecrim, em Lisboa, acha-se estabelecido um deposito d'estes vinhos.

A propriedade das Gaeiras—que tomou o nome do logar assim chamado—tem adjunta uma boa casa de habitação.

A quinta do Bom Successo, situada na margem da lagôa fronteira á povoação da Foz, abrange todo o comprimento da lagôa e uma área superior a 30 kilometros.

Pertence hoje ao sr. José Paes de Vasconcellos Abranches, a cujo sogro Antonio Manuel da Cunha e Sá, el-rei D. Fernando II a quiz comprar.

Esta bella quinta comprehende pinhaes, matta, pomares, vinhas e um bosque dentro do qual, no sitio da Cabana, jantaram muitos reis de Portugal, á sombra de frondoso arvoredo e sobre uma vasta mesa de pedra lavrada, que ali havia, e que ficava proxima a uma fonte onde a agua jorrava copiosamente por cinco bicas.

432—Exterior da capella de S. Martinho

Um padrão memorava o facto de haver jantado na Cabana el rei D. João IV a 14 de setembro de 1645.

Este padrão foi substituido pelo que actualmente está no jardim da quinta.

Tambem outro padrão, que desappareceu e nunca foi substituido, indicava que el-rei D. João V e os infantes D. Antonio e D. Manuel jantaram na Cabana a 14 de abril de 1714.

Ali estiveram tambem, para o mesmo fim, el-rei D. José, a rainha, o infante D. Pedro e a princeza da Beira em 1761; D. Maria I, D. Pedro III e seus filhos, em 25 de setembro de 1782, como consta de um padrão que ainda se conserva no jardim da quinta; el-rei D. Pedro V em 1860; el rei D. Luiz, el-rei D. Fernando, seu pai, e o infante D. Augusto por varias vezes.

A quinta do Jardim, tambem interessante, fica para o lado do Bombarral.

Outras mais quintas se recommendam nos arredores de Obidos, entre ellas a da Capelleira por evocar a memoria da illustre pintora que a habitou.

Tanto na das Janellas como na da Pegada funccionam caldeiras de distillação.

Fóra da villa ha um templo notavel.

E' o real santuario do Senhor da Pedra, situado n'uma planicie junto á estrada que liga Obidos com as Caldas da Rainha.

Julio Cesar Machado conta a lenda, que lhe disseram uns almocreves, do motivo por que se deu a este templo a invocação de Senhor da Pedra.

Tinha certo homem uma questão nos tribunaes. Assistia-lhe justiça, mas faltavam-lhe patronos. Uma noite em que estava a pensar na sua desgraça, ouviu sahir de dentro de uma pedra uma voz a dizer-lhe: «Descança; justiça te será feita». Ficou o pobre homem mais tranquillo, mas d'ahi a dias pensou que seria sonho e tornou a desanimar. Então a mesma voz voltou a dizer-lhe: «Vai amanhã ao tribunal que lá estará a sentença escripta com sangue». E assim aconteceu, espalhando-se logo a fama do milagroso caso. Na pedra d'onde a voz sahia foi descoberta uma imagem de Christo: todos estes elementos tradicionaes explicam a construcção do templo, que principiou em dezembro de 1740, segundo o risco do capitão Rodrigo Franco, architecto da mitra patriarchal, e continuou custeada por esmolas, entre as quaes avultaram as que el-rei D. João V offereceu.

A 29 de abril de 1747 foi a igreja benzida, posto estivesse incompleta, e assim ficou sempre.

Julio Cesar Machado, continuando a falar d'este santuario, diz ainda: «...egreja do Senhor da Pedra, de uns resaibos de architectura no estilo italiano, mas sem a côr grandiosa que as suas proporções em verdade notaveis exigiam. Fazem falta as torres a esta egreja alegre e elegante, uma das mais bonitas que tenho encontrado. As suas quatro frentes, o seu telhado vidrado, e as suas paredes alvas de neve, destacam gentilmente... O interior do templo é espaçoso e festivo, mas a imagem do Senhor é por tal forma grutesca e desforme, que a impressão mais solemne e grave corre o perigo de se transformar n'uma impiedade». [1]

Comquanto irregular no estilo, a architectura do santuario é sumptuosa e solida. Ella caracterisa perfeitamente a epoca de D. João V pela grandeza, symetria, e segurança. Parecia que se pensava—principalmente o rei—em fazer mais uma grandiosa basilica. Diz-se que as torres, que deviam assentar sobre os dois corpos lateraes, subiriam a grande altura. E tão seguros ficaram os alicerces, as paredes e a cupula, que tudo resistiu ao terremoto de 1755.

D. João V, em se mettendo n'uma obra, queria que fosse eterna.

No que está feito gastaram-se duzentos mil cruzados (80:000$000 reis).

E' innegavel, porem, que ao menos se conseguiu uma certa originalidade de construcção, porque nenhuma outra igreja ha em Portugal semelhante a esta: apenas a do Senhor da Barroca, junto á villa de Esgueira, se lhe aproxima algum tanto.

O interior do templo, vasto e alegre, como disse Julio Machado, corresponde á sumptuosidade externa.

Tem bons quadros e seis cadeiras de authentico guadamecim—tapeçaria mourisca fabricada em Ghadames, junto a Tripoli.

Deve ter sido donativo real.

A 3 de maio, dia da Invenção da Santa Cruz, celebra-se n'este templo um pomposa funcção, com arraial e feira.

---

[1] *Scenas da minha terra*, pags. 43-44.

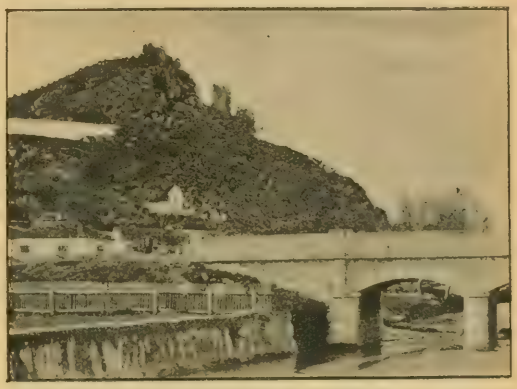
A lagôa de Obidos constitue um dos passeios obrigatorios para quem visita as Caldas da Rainha.

A estrada é linda e suave, marginalmente povoada de pinheiros, e o percurso apenas de alguns kilometros para oéste.

Encontra-se, já quasi sobre a lagôa, uma aldea triste em terreno magro, chamada Foz do Arelho,[1] que é para assim dizer o ponto de transição entre os arvoredos umbrosos das Caldas e o aspecto melancolico de um braço de mar contornado por margens nuas.

Porque a verdade obriga a dizer que a lagôa de Obidos, comquanto ampla e rica, infunde no espirito uma certa impressão dolorida de solidão e de quietude vastamente morta.

Eu estive ali pela primeira vez em agosto de 1888 e deixei consignada esta lembrança na minha carteira de apontamentos:



433 - Obidos — Cubello e Ponte do Arrabalde

«Cheguei á Foz do Arelho ao cahir da tarde. A lagôa principiava a esbater-se na penumbra, n'uma doce tranquillidade. Os pescadores recolhiam nas bateiras, que singravam mansamente. Mulheres e creanças esperavam-n'os sentadas na areia, mas as creanças, logo que viram aproximar-se um trem, fizeram-lhe um verdadeiro assalto, chegando a engalfinhar-se nas portinholas.

«E na grande paz da lagôa a primeira treva da noite ia cahindo como um véo de crepe, lentamente.» [2]

Pinheiro Chagas, n'uma das vezes que esteve nas Caldas, tambem recebeu impressão identica:

«A lagôa é vasta e serena, mas as suas margens aridas e escalvadas apresentam um panorama desolador.

. . . . . .

«De inverno deve ser tristissimo aquelle sitio. Então a lagôa tão serena agita-se tambem com o rumor da procella, a chuva tolda os horizontes e os pobres habitantes da Foz do Arelho e dos outros casaes dispersos pela margem, vivem tão afastados do mundo como se estivessem no meio de serras invias e inaccessiveis». [3]

A lagôa, que tem um desenho irregular, mede de norte a sul 3 1/2 kilometros, e 2 kilometros de léste a oéste.

Communica com o oceano por um canal, cuja largura está calculada em cem metros. [4]

---

[1] A Foz tem uns 100 fogos, e o Arelho, outro logar que lhe fica proximo, junto á estrada de Obidos, tem apenas uns 40. Foz do Arelho é uma expressão geographica, porque as povoações são duas, e separadas.

[2] *Chronicas de viagem* (Porto, 1888), pags. 43-44.

[3] *Fora da terra*, pag. 28.

[4] Todas estas dimensões são fornecidas pela *Chorographia moderna* de Baptista.

Diz-se que a lagôa de Obidos dá pão, carne e peixe. Pão, porque d'ella se extrae grande porção de limos, com que são adubadas as pobres terras marginaes; carne, pelas muitas aves de arribação que ali entram, taes como galeirões, adens, e maçaricos reaes; peixe, pela variedade de linguados, safios, tainhas, douradas, eirós, robalos, solhas, alem do marisco, ostras e mexilhões, que se colhem no seu ambito—hoje menos abundantemente do que outrora.

Comtudo, a lagôa ainda offerece no estio uma attrahente distracção aos frequentadores das Caldas que gostam de pescarias, de caçadas ou de *pic-nics*.

Esta palavra cai a proposito... Vamos agora saborear a nossa merenda no pittoresco sitio da Cabana, dentro da quinta do Bom Successo, embora já falte a vasta mesa de pedra, que foi n'outros tempos prerogativa de reis.

Ao menos a sombra não faltará profunda e deleitosa.

Não ha duvida que a lagôa é um braço de mar, Mas no verão, a foz ou aberta, como lá dizem, costuma assoriar-se, sendo preciso remover as areias á custa de esforçado trabalho braçal.

Na lagôa de Obidos desaguam alguns rios taes como o do Cabo, Real e Arnoia, e varias mas insignificantes ribeiras.

A Foz do Arelho tem progredido muito nos ultimos annos. Construiram ali elegantes casas de habitação, para seu uso, os srs. conde de Almeida Araujo, Francisco Grandella e dr. Moysés. Actualmente, aquelle mesmo titular mandou construir, junto da praia de banhos, um magnifico edificio para *hotel* (systema suisso) e outros para *garage* e estabelecimento de banhos quentes. Ha estação telegraphica e posto da secção fiscal. São melhoramentos recentes e vitaes.

O concelho de Obidos, com uma população total de 17.742 habitantes, pertence administrativamente ao districto de Leiria e judicialmente á comarca das Caldas da Rainha. Produz vinho, cereaes, fructas e legumes, e tem um importante commercio de aguardente.

Alem das duas freguezias da villa compõe-se de mais sete, que vamos visitar.

II

AMOREIRA

A freguezia da Amoreira tem por orago Nossa Senhora de Aboboriz, conta 2.099 habitantes, e comprehende tres logares — Amoreira, séde da parochia; Olho-Marinho; Rego Travesso.

O beneficiado Malhão poz em verso a chronica da apparição da Senhora de Aboboriz a uma zagala, e da edificação da respectiva igreja.

Innocente pastorinha,
Lá nos dias do passado,
Pelas veigas de Bobriz
Apascentava o seu gado.
.....
Chamava-se então Bobriz
O territorio, que havia
Entre o burgo da Amoreira
E alcantil da Ferraria.

Foi n'esse tempo distante,
Que por arcano do céu
A santa imagem da Virgem
Em Bobriz appareceu.

N'este sitio, agora culto,
N'essa éra de poesia,
Rica d'arvores silvestres
Espaçosa selva havia.

Para o coração da selva
Um dia d'estio ardente
Fóge o lanigero gado
A' pastorinha innocente.

Apoz elle a pastorinha
Vai correndo accelerada;
Teme perdel o de vista,
Entra na matta copada.

Ergue os olhos por acaso,
E no tronco cavernoso
Vê a imagem de Maria
D'um loureiro magestoso.

Como sempre acontecia, tratou-se logo de erigir uma capella para a imagem; mas crescendo os auxilios da devoção, pensou-se em fabricar melhor templo, e assim se fez.

N'esta construcção prevaleceu a memoria das catacumbas em que os primeiros christãos soffreram por sua fé, pois que ficou o templo meio soterrado para lembrar esses remotos e piedosos successos:

Tal era de Aboboriz
A singular construcção:
Está meio descoberto,
Meio mettido no chão.

A Virgem, corrupto o nome
Do sitio que era Bobriz,
Começou a ser chamada
Senhora d'Aboboriz.

D'antiga mina de ferro,
Que perto d'alli havia,
Chamou-se da mesma sorte
Senhora da Ferraria.

O poema conclue pela narração de um milagre operado por esta Senhora na pessoa de um captivo em Berberia, que lhe supplicava o remisse e repatriasse.

Diz a lenda que seus rogos foram attendidos, e o captivo voltara maravilhosamente preso por uma corrente de ferro a uma pedra.

Para eterno monumento
Do premio de tanta Fé
Inda no Templo a corrente
E a dura pedra se vê.

434—Padre Francisco da Silveira Raphael Malhão

O logar da Amoreira está situado um kilometro a oéste da margem esquerda do rio Real, na estrada Obidos para a Atouguia, e dista da cabeça do concelho 5 kilometros, a sudoéste.

Tem duas escolas para ambos os sexos.

Houve aqui um convento de frades jeronymos, que a rainha D. Maria, segunda mulher de D. Manuel, fundára nas Berlengas; sendo causa da transferencia os vexames a que os piratas sujeitavam frequentemente os frades por abordagem áquellas ilhas.

Gosa de bons creditos a nascente de aguas ferruginosas da Amoreira.

No logar de Olho-Marinho foi erigida e consagrada uma igreja ao Santissimo Coração de Maria, a expensas do povo e do beneficiado Malhão. [1]

A' conclusão d'esta obra applicou o grande orador o producto da 1.ª collecção dos seus sermões (1858).

Para o frontispicio da igreja escreveu Malhão a seguinte legenda, cujo ultimo verso supponho andar adulterado nas copias, o que não pude verificar:

---

[1] *Historia do culto de Nossa Senhora em Portugal*. pag. 380.

Ao Coração de Maria
Sempre Puro e Immaculado
Pelo povo e seus amigos
Foi este Templo consagrado.

Malhão era menor poeta que prégador, tem por vezes desleixos de metrificação, mas não creio que lhe escapasse o defeito do ultimo verso.

Esta inscripção deu origem a um pasquim, que nunca tambem pude vêr, ao qual Malhão respondeu com um artigo.

No logar de Olho-Marinho funcciona uma escola para o sexo masculino.

Nascem aqui umas aguas medicinaes, que são aconselhadas no tratamento de dermatoses.

Ha dezesete annos publicou-se na Amoreira o periodico *Folha dos lavradores*, redigido por Celestiano Rosa.

III

BOMBARRAL

A freguezia do Bombarral, cujo orago é o Salvador, tem 2.651 habitantes.

O seu principal logar está situado sobre uma planicie na margem esquerda do rio Real.

Este logar ainda em 1873 era tão insignificante, que Pinho Leal apenas lhe dedica menos de 20 linhas.

Hoje é uma terra muito progressiva, pujante de vitalidade agricola e trafego commercial.

Bombarral vem onomasticamente de bom barro, porque o terreno é argiloso, sem rocha alguma: constituição geologica propicia á cultura da vinha, quando a areia e o saibro dão permeabilidade á argila.

O unico trecho montanhoso que se avista do Bombarral, e ainda assim a duas léguas de distancia, é a serra de Monte-Junto, na secção chamada Serra da Neve.

Sabendo tirar partido da sua posição geographica, o Bombarral acha-se actualmente ligado por uma rêde de estradas com o Cadaval, Lourinhã, Peniche, Caldas da Rainha, Obidos, Torres Vedras e Lisboa.

A região é fertil e enriquecida pela viticultura, que logrou attingir um amplo desenvolvimento nos ultimos annos.

Os viticultores esmeram-se nos processos de vinificação, não só no fabrico dos vinhos de pasto, como no da aguardente, que tem grande procura nos mercados tanto do sul como do norte, especialmente do norte para tempero dos vinhos do Porto.

Na estação do Bombarral o numero de pipas despachadas annualmente orça por 35 mil a 40 mil de vinho e 5 a 6 mil de aguardente.

Na povoação ha bons estabelecimentos commerciaes, sendo dois d'elles notaveis pela sua vastidão e movimento: refiro-me aos *Grandes armazens de Santo Antonio*, que são de Julio Tornelli, e á loja de José Verissimo Duarte.

São duas as hospedarias do Bombarral, alem de varias casas de pasto.

Todos os dias se vende carne de vacca.

Funccionam muitas officinas de artes e officios e escriptorios de agentes bancarios.

Ha vida, trabalho, commodidade, conforto e brio local

Tem a povoação duas pharmacias, um consultorio medico, um syndicato agricola, uma escola para ambos os sexos, em edificio proprio, e estação telegrapho-postal.

As aguas são excellentes e o clima muito saudavel, motivo por que algumas familias de Lisboa procuram o Bombarral para veranear.

A igreja parochial foi construida em 1588, por ter ruido com o terremoto de 1531 a primitiva matriz, que era em S. Braz, sitio distante da extrema da freguezia uns 1.500 metros, onde hoje se vê uma capella da mesma invocação e o cemiterio da freguezia, que foi construido ha 9 annos por subscripção publica.

435 - Bombarral — Um trecho

Na matriz actual, uma rude legenda inscripta no arco cruzeiro rememora aquelle terremoto dizendo:

A XXV DE JANEIRO MDXXXI TREMEO A TERA
CAHIO A EGREJA OMDE HE SAM BRAS
PELCOAL SE FEZ A QVI

O templo comprehende duas capellas que foram mandadas erigir por familias nobres, como se verifica pelos seus brazões de armas, que são os dos Gorjões, hoje representados pelo sr. general Manuel Raphael Gorjão, ministro de estado honorario, e dos Lafetás Aranhas, fidalgos do paço.

No dia 2 abril de 1905 verificou-se a inauguração de dois sinos, adquiridos por subscripção e iniciativa do parocho.

O palacio dos Gorjões fica na rua-estrada de Torres ás Caldas por Obidos, fronteiro ao palacio dos Camillos, que tem annexa uma linda matta.

A meio kilometro do Bombarral demora a quinta da Granja, do dr. Alvaro de Araujo de Azevedo Feio, hoje dos seus herdeiros, um dos quaes é o sr. visconde da Torre.

No capitulo seguinte, relativo á freguezia do Carvalhal, daremos noticia da bella quinta dos Loridos, cujo vasto terreno se estende por esta freguezia do Bombarral e por aquella.

Continuando na do Bombarral diremos que n'ella estão incluidas duas capellas, ambas administradas pela junta de parochia.

São a do Espirito Santo, não concluida, junto á qual houve outrora uma albergaria e a da Madre de Deus, dentro de um recinto fechado, que já foi cemiterio.

Ha ainda outra capella, de S. João, mas essa é particular.

Na povoação do Bombarral esteve o Collegio das Missões Ultramarinas, e o edificio que elle occupou é hoje habitado por varios moradores.

A este casarão dá-se agora na localidade o nome de *Arca de Noé*.

O Collegio das Missões Ultramarinas foi fundado, no anno de 1791, em Sernache do Bomjardim.

Funccionou ali até 1834, epoca em que se fechou, na supposição de haver sido attingido pelo decreto que extinguiu as ordens religiosas.

Comtudo, a necessidade de educar missionarios para as nossas colonias impunha-se aos homens de estado.

Tendo D. Verissimo Monteiro Serra, missionario e bispo eleito de Pekim, comprado, com os fundos da antiga missão da Companhia de Jesus na China, uma casa no sitio do Bombarral, offereceu-a ao governo para Collegio das Missões.

O governo, por decreto de 21 de maio de 1844, acceitou a doação e dotou o collegio com 1.200$000 réis annuaes.

Dentro de poucos annos já a casa do Bombarral parecera insufficiente e, em portaria de 27 de novembro de 1850, o governo cedeu a parte superior do extincto Recolhimento do Amparo, á Mouraria, em Lisboa, para n'elle ser estabelecido um collegio filial do que no Bombarral funccionava.

Tendo fallecido D. Verissimo em outubro de 1852, no cargo de superior das missões, o governo ordenou, em portaria de 17 de novembro do mesmo anno, ao padre Luiz Bernardino da Natividade, que elaborasse uma nova organisação do seminario.

Em 1853 foi este reaberto. Mas, crescendo rapidamente o numero de collegiaes, mais insufficiente ainda se tornou a casa do Bombarral, pelo que, não se tendo podido obter o convento de Brancannes em Setubal, se pensou no regresso ao edificio de Sernache, e assim foi resolvido por decreto de 2 de agosto de 1855.

Eis, muito em resumo, a historia do temporario estabelecimento do Collegio das Missões Ultramarinas no Bombarral, e da sua passagem definitiva a Sernache, onde em 1791 havia sido fundado.

São duas as irmandades constituidas na freguezia do Bombarral, a saber: a do Senhor dos Passos, que realisa a respectiva procissão no penultimo domingo da quaresma; e a do Santissimo Sacramento, que celebra todos os annos o Corpo de Deus com festa de igreja e arraial.

Fazem-se no Bombarral duas feiras, uma no principio de fevereiro, chamada de S. Braz, e outra em 1 de agosto.

Ambas costumam ser muito concorridas e animadas.

Na Praça de S. João effectua-se todos os domingos um mercado, copiosamente abastecido de batatas, feijões, farinha de milho, hortaliças, fructas, etc.

Havia duas philarmonicas, uma *progressista* e outra *regeneradora*, mas fundiram-se na academia musical *Alfredo Keil*.

Os logares secundarios da freguezia do Bombarral são: Casaes de Valle Covo, Barreiras, Portella, Famões, Casaes do Valle e Casaes da Silveira.

O de Famões tem uma capella, cujo orago é Nossa Senhora da Purificação ou das Candeias, e o de Casaes de Valle Covo tambem tem capella, da invocação do Senhor dos Afflictos.

Em ambos estes logares se festejam os oragos com actos religiosos e arraial.

O Bombarral dista de Lisboa 75 kilometros, e a estação do seu nome fica proxima ás primeiras casas da povoação principal.

Como se viu, esta povoação é uma das mais ricas, prosperas e activas do districto de Leiria, alem de muito saudavel e pittoresca.

Com razão aspira á categoria de villa e, talvez, no futuro, a ser cabeça de concelho.

Por isso se observa certa rivalidade entre a villa de Obidos e a povoação do Bombarral.

Ao passo que Obidos allega as suas tradições historicas para manter o predominio administrativo do concelho, o Bombarral contrapõe-lhe o florescimento da sua viticultura e das industrias agricolas, a sua prosperidade economica e financeira e a sua forte palpitação de vida moderna, que a agita e alegra.

Obidos sente-se affrontada ao norte pelas Caldas da Rainha e ao sul pelo Bombarral. Está entre dois fogos, que ella tem visto crescer e brilhar.

436—Bombarral—A feira de 1 de agosto

A respeito das Caldas, Obidos lembra com amargura o tempo em que, dizem os seus moradores, os das Caldas *lhes iam varrer as ruas da villa.*

Isto tem uma explicação.

Os deportados, que nas Caldas cumpriam degredo, tinham effectivamente aquelle encargo.

Quanto ao Bombarral, os habitantes d'esta povoação, moderna pelo menos no seu desenvolvimento, não teem que evocar a lembrança do passado, e é para o futuro que elles olham com esperança e coragem.

Deve o Bombarral não poucos serviços ao seu antigo representante em côrtes, o capitão, hoje coronel de artilharia, Francisco José Machado, por cuja iniciativa foram calçadas as ruas da povoação e esta illuminada a petroleo, foram estabelecidas caixas do correio e se construiu a estrada para a estação.

No Bombarral houve um periodico, ahi por 1890; denominava-se *Clamor do Bombarral*, e foi seu redactor João Monteiro.

Actualmente, publica-se uma folha republicana com o titulo *A Patria*, de que tambem é redactor o mesmo sr. Monteiro.

IV

CARVALHAL

A freguezia do Senhor Jesus do Carvalhal, com os seus 3:000 habitantes, é uma casquilha aldeã.

Muitos titulos honrosos a condecoram, como outras tantas louçanias que a recommendam e enfeitam.

O logar do Carvalhal, séde da parochia, dista da villa de Obidos pouco mais de 10 kilometros, e da estação do Bombarral 3,5.

A sua situação é pittoresca, na margem direita do rio Real, sobre uma ribeira affluente d'este rio.

O commercio e a agricultura animam a povoação, e as tradições nobilitantes lustram toda a freguezia.

Dista da povoação um kilometro a igreja [1] do Senhor Jesus do Carvalhal, antiga, com o seu alpendre, e grandemente afamada em todos os povos ao redor tanto pelos milagres da imagem como pelas romarias que se lhe fazem.

Desde já uma advertencia. Estamos em terreno a que se ligam muitas memorias da vida de Julio Cesar Machado, que se creou n'um logar d'esta freguezia, *A Dos Ruivos*, posto elle escrevesse sempre Durruivos não sei bem por quê—talvez para lhe dar mais tom.

O Julio nasceu em Lisboa, a 1 de outubro de 1835, mas foi para A Dos Ruivos aos tres annos de idade, e ali lhe decorreu a infancia até 1844. Depois veiu para Lisboa estudar preparatorios, porque o pai o queria fazer medico. N'isto, ao menos, me pareço com elle. A morte do pai Machado em 1851 e tambem a balda litteraria do filho—como a mim me aconteceu—desviaram o Julio da carreira medica. Mas durante toda a sua vida voltou muitas vezes á Dos Ruivos, para visitar a mãe ou, depois que ella morreu, para vêr a sua casa de campo e descansar ali.

Não podemos, pois, ter melhor *cicerone* para nos acompanhar na visita a toda a freguezia do Carvalhal do que o nosso querido Julio, — como já o tivemos por guia na passagem pelo Cadaval, que elle conhecia igualmente bem, tanto mais que até 1855 o Carvalhal pertenceu ao concelho do Cadaval.

Ora, falando da igreja a que nos vinhamos referindo, diz o Julio:

«Ao Senhor Jesus do Carvalhal concorrem desde S. Pedro até fim de setembro grandes romarias, que se demoram dois dias alli: cyrios do Ramalhal, da Ermigeira, Maxial, Ribeira de Palheiros, Pêro Moniz, Cadaval, Athouguia da Balea, Ferrel, Obidos, Tornada, Bombarral, e, os dois mais antigos, de Peniche, e de Torres Vedras». [2]

Sobre a porta do cemiterio parochial está inscripta a seguinte quadra, que foi composta pelo beneficiado Malhão:

Oh! vós que a senda bateis,
Que já foi por nós batida,
Dai-nos a mão, ajudai-nos
A subir á eterna vida.

Uma tradição que recolhêmos conta que a imagem do Senhor Jesus fôra encontrada na Athouguia da Balea por um homem do Carvalhal.

[1] Parochial.
[2] *A vida alegre*, pgs. 131—132.

A gente da Athouguia e tambem a de Peniche quizeram disputar-lhe a posse da imagem: houve questões, parece ter corrido um pleito, e a final decidiu-se que a imagem pertencia ao achador.

Este trouxe-a, muito contente, para a sua terra, onde logo se tratou de edificar-lhe um templo no mesmo logar em que estava uma ermida de S. Pedro, de modo que a ermida ficara dentro do templo, e só foi abatida quando a construcção do templo terminou.

D'aqui veio que ha dois oragos da freguezia, S. Pedro e o Senhor Jesus, comquanto este ultimo seja o official.

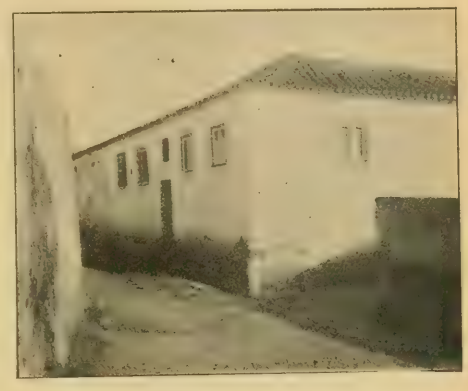
Mas S. Pedro é aqui muito querido, e até no seu dia se faz uma boa feira.

As romarias ao Senhor Jesus não são menos de vinte por anno.

A classe mecanica, carpinteiros e tanoeiros—que os ha em grande numero no Carvalhal d'Obidos—realisa brilhantes festas em honra de S. José, a 19 de março, havendo missa cantada, procissão, arraial com illuminações, danças e serenatas populares.

O Carvalhal tem hoje duas escolas para ambos os sexos, no que cumpre o seu dever, porque *noblesse oblige*.

A freguezia comprehende mais os logares de a Dos Ruivos, Barrocalvo, Salgueiro, Sobral e Sanguinhal.



437—Casa de Julio Cesar Machado na Dos Ruivos

Vamos á Dos Ruivos.

Em 1862, nas *Scenas da minha terra*, Julio Cesar Machado, posto não deixasse de visitar a aldea a que chamava *sua* e de enflorar a mesa de trabalho com as giestas que lhe falavam do campo, descreve com respeitosa memoria, mas sem apaixonado enthusiasmo, esse remançoso logar solitario:

«A Durruivos é uma aldêa ao pé d'Obidos, cavada n'uma baixa, perdida entre montes. Um torrão, onde uma existencia pode ir descançar serena e procurar conhecer as sinceras alegrias de familia.» [1]

Allusão affectuosa á mãe que vivia ainda.

Mas o Julio tinha então apenas 27 annos, estava mais preso á vida mundana de Lisboa do que ao placido torrão «onde uma existencia podia descançar.»

A 30 de setembro de 1875 fallecêra n'aquella aldea Dos Ruivos, onde tinha nascido em 1804, a sr.ª D. Maria Ignacia Machado, mãe de Julio, o qual lhe assistiu até aos ultimos momentos com inexcedivel dedicação.

Esta senhora tinha casado com Luiz Maria Cesario da Costa Machado, um dos mundanos mais elegantes e instruidos do seu tempo, filho de uma rica viuva, D. Gertrudes Prophyria da Purificação da Costa Machado.

O pai de Julio era geralmente conhecido em Lisboa por o cognome de—*o filho da viuva*.

---

[1] Pag. 16.

A vida dispendiosa da capital, uma excessiva boa fé e animo generoso fizeram que dentro de alguns annos elle visse muito reduzidos os seus largos haveres.

Depois de 1875, a casa da Dos Ruivos começou a ser uma solidão cheia de dolorido encanto para o Julio, pela visão retrospectiva de melhores dias e de entes queridos; em 1880, aos 45 annos, o cansaço do mundo contribue tambem para tornar-lhe mais bello o aspecto d'essa pequena aldea extremenha: a saudade dá vida ao que já a não tem, e o escriptor fala com profundo enternecimento da humilde povoa, perdida entre montes, onde a infancia lhe passára n'um sopro de alegria.

«A entrada na Durruivos é formosa. Na baixa, avistam-se as casinhas brancas por entre a rama dos sobreiros, que cortam o prado onde vão pastando vaccas e carneiros. A' beira de um riacho, os choupos e os salgueiros arrastam a sombra sobre a relva. A estrada serpentêa no fundo de um valle de oliveiras, disputando a passagem entre monticulos d'aquella agua, que vai deslisando tranquillamente n'essa solidão abençoada. Tudo por alli se inunda de luz, com a suavidade de uma caricia, n'uma harmonia doce e meiga. Respiram alegria as fazendas da aldeia. Arvores e arvores de fructa, vinhas magnificas; e a evidencia de que, em toda a parte onde haja podido brotar uma espiga, se semeou um grão de trigo». [1]

Nem Julio Cesar nem sua mãe quizeram nunca desapossar-se da sua casa da aldea, embora tivessem de vender algumas terras, as que se chamavam do Payalvo, encurtando assim a propriedade. [2]

Honra-se pois este rincão da Extremadura—deve honrar-se pelo menos—de ter sido amado e celebrado por um escriptor portuguez cuja individualidade foi scintillante e inconfundivel.

Como todos os intellectuaes em Portugal, Julio começou por fazer versos. Vou dar, a titulo de curiosidade, uma das suas primicias poeticas, escripta aos 14 annos:

ESPERANÇA

Esperança... verdadeira consolação do desgraçado!
(N * * *).

E eu esperava... esperava!
(Fabiano le Blanc).

(Ao meu amigo Antonio Mendes Leal)

Vi lá nos céos uma estrella,
Que me fitava a sorrir,
Deu-me aquella estrella esp'rança,
Aquella estrella a luzir.

Mas cresci, medrei nos annos,
E dos homens duvidei;
Na mulher esp'ranças tive,
E na mulher me fiei!

Mas a esp'rança foi baldada,
Tambem ella me enganou;
E volvendo aos céos a vista,
De novo a estrella brilhou!

Bem louco julguei no mundo,
Que alguem me havia d'amar,
Vi meiga e linda donzella,
Que me soube esp'rança dar!

E oh! que esperança foi essa,
Esperança que ella me deu:
Eu li—AMOR—nos seus olhos,
Ella nos meus—AMOR—leu.

Porem seus olhos baixando,
Quando os meus n'ella fitei,
Que fossem tão enganosos
Por certo nunca o julguei!

N'esses olhos tão fulgentes,
A mais negra traição vi!
Ah! desprezo, atroz perfidia
Só no seu coração li!

Enganou-me tambem essa,
Enganou-me o coração!
Quando AMOR lia em seus olhos
Só devera ler TRAIÇÃO.

Ah! que vida é esta minha!
Vida de tanto soffrer!
Ah! que mundo é este mundo!
Que tormentoso viver!

Olhando então para o céo
A estrella se ia offuscar!
N'este mundo, nem a esp'rança
Eu já posso alimentar!

[1] *A vida alegre*, pag. 129.
[2] *Quadros do campo e da cidade*, pag. 127.

Por esse tempo, 1849, tentou, tambem infantilmente, o theatro, escrevendo para o do Salitre a comedia n'um acto *Umas calças de lista*.

Tres annos depois ensaiava o romance publicando *Claudio, A mulher casada*, e em 1853 *Estevão, paginas da ultima noute da vida*; *Paulo* e *Estrella d'alva*. [1]

A proposito direi que no romancesinho — *Paulo* — se encontra, rapidamente contada, a lenda etymologica da *sua* aldea: «Ha no caminho das Caldas um logar pequeno, mas que nem por isso se pode chamar feio, e que tem o nome de Durruivos, cuja etymologia passa por duvidosa; os mais versados em cousas da antiguidade asseveram que se devera dizer Dos Ruivos em consequencia da maior parte d'aquella povoaçãosinha pertencer a uns taes fidalgotes, que, valha a verdade, tinham por alcunha *Os ruivos*».

Julio, a breve trecho, desanimou na poesia, talvez por se reconhecer ahi mediocre e ser sua opinião que os versos devem ter as mesmas condições que as melancias: muito bom ou nada. [2]

No theatro, depois do primeiro triumpho, «só tornou a ser feliz no entre-acto comico *Para as eleições*. As outras suas peças apenas lograram um «successo de estima» e *A Berlinda* caiu ruidosamente na Rua dos Condes. [3]

O actor Izidoro escreve a este respeito nas suas *Memorias* que a comedia era graciosa, que o publico riu durante a representação e que, acabada a peça, pateou.

Os pateantes deram como unica razão que a *Berlinda* tinha graça de mais!

Izidoro, muito supersticioso, attribuiu o desastre ao enguiço de um infeliz *cache-nez* que trazia em scena.

Julio Machado vendo que não era por ahi — poesia e theatro — o seu caminho, procurou outro.

E foi talvez a aproximação com Lopes de Mendonça — a quem o romance *A mulher casada* é dedicado — que despertou em Julio Cesar não só o gosto, mas tambem o estimulo de o seguir no folhetim, e de se fixar definitivamente n'esse genero litterario.

Em 1858 appareciam os dois volumes da *Vida em Lisboa*, e pode dizer-se—alguns criticos o disseram — que n'este romance ha muito de folhetim, o que certamente o proprio auctor reconheceu, porque nunca mais voltou ao romance e galhardamente se firmou no folhetim — no folhetim que é o conto leve, a anecdota chistosa, a critica instantanea, a ironia fugaz.

N'este genero foi grande o Julio, maior que todos os outros que fizeram por ahi carreira, Lopes de Mendonça em Lisboa, Evaristo Basto no Porto — e estes não foram pequenos.

Nada faltava ao Julio para triumphar no folhetim — nem a alegria, embora ephemera (porque no seu caracter havia um fundo occulto de melancolia e susceptibilidade); nem a graça espumante e luminosa; nem a leveza da phrase e a sua originalidade ás vezes pouco puritana mas sempre elegante; nem a delicadeza gentil dos seus pensamentos e das suas palavras; nem um facil espirito de observação aliás mais flagrante do que profunda; nem finalmente um vasto peculio de anecdotas, especie de philosophia manipulada em confeitos que se dissolvem n'um momento, mas que sabem bem.

Pudesse-se haver stenographado todas as cambiantes da sua conversação, todos os seus ditos, *calembours* e apropositos, todas as suas réplicas no dialogo, tão vivas, tão picantes, e a obra de Julio Cesar Machado seria de uma vastidão assombrosa, porque elle foi tão folhetinista falando como escrevendo.

---

[1] Este ultimo publicado primitivamente no jornal litterario a *Semana* por intervenção de Camillo. Veja-se, nos *Esboços de apreciações litterarias*, o artigo que se intitula «Julio Cesar Machado».

[2] *Scenas da minha terra*, pag. 175.

[3] Rangel de Lima, no *Seculo*, n.º 25 da «Revista litteraria».

Comprehende-se que este escriptor, assim dotado de exuberantes disposições naturaes para a litteratura chamada «ligeira», nunca tomasse relações intimas com o chrónicon fradesco nem com o pergaminho bafiento, mas antes lhe preferisse a vivacidade, a ironia, o humor dos livros francezes — mestres no genero.

Ademais, o facto de ter sido durante alguns annos traductor effectivo do repertorio do Gymnasio fel-o tomar ainda maior gosto pelas altas qualidades litterarias da França.

Foi isto um defeito? Elle preoccupava-se com adivinhal-o e talvez ouvil-o, porque se defende no prefacio dos *Passeios e phantasias*. Mas — que diabo! — um folhetinista não pode escrever como um pedadogo ou como um academico, sobretudo em Portugal, cuja lingua, consistente e grave, carece das *nuances* que tornam tão pittoresca e tão subtil a lingua franceza, a qual, por isso mesmo, empresta palavras e phrases a todo o mundo.

438 — Entrada da quinta dos Loridos

Como se sabe, foi o suicidio do seu unico filho, e a revelação cruel dos motivos que o determinaram, a causa de, dois mezes depois d'esse triste acontecimento, Julio Cesar Machado, mais que nunca melancolico e mais que nunca susceptivel, combinar com sua mulher uma tragedia de desespero que os devia victimar a ambos.

Foi a 12 de janeiro de 1890, um domingo — á hora em que todo o paiz estava sob a impressão esmagadora do *ultimatum* inglez — que na casa da travessa do Moreira, em Lisboa,[1] Julio Cesar Machado se matou cortando as arterias radiaes; e que sua mulher tentou acompanhal-o n'este genero de morte, desmaiando, porem, antes dos golpes decisivos.

N'esse mesmo dia enterrava se Francisco Palha, um dos melhores amigos do Julio: dia, portanto, funestamente assignalado em Portugal por tres lutuosos eventos.

A sr.ª D. Maria das Dores da Silva Machado, viuva do brilhante e desgraçado folhetinista, veio a fallecer, em 10 de novembro de 1901, na aldea e casa da Dos Ruivos, tão queridas de seu marido e tão celebradas por elle.

A casa pertence hoje ao sr. dr. Vicente Rodrigues Monteiro, distincto advogado em Lisboa.

A um quarto de legua do logar Dos Ruivos fica uma quinta notavel, a dos Loridos, com uma bella matta, vastos jardins, excellente casa de habitação, entrada nobre, e uma capella espaçosa e clara, onde costuma ir ouvir missa algum povo dos arredores mais proximos d'esta quinta que da igreja do Senhor Jesus.

---

[1] Este predio, que na travessa do Moreira (hoje rua Julio Cesar Machado) faz esquina para o Salitre (lado oriental) pertencia ao Julio; era, com a casa na Dos Ruivos, o resto da minguada herança paterna. Foi um predio habitado, no meu tempo, por litteratos: no 1.º andar morava Ernesto Biester, no 2.º Rangel de Lima, no 3.º o Julio.

«Os Loridos — disse Julio — são uma propriedade extensa, bem cuidada, abundante de arvores e de vinhas, e famosa pela sua matta, da qual o povo diz com respeito: — Só os medronhos que lá ha, dão para as vindimas! Dezesete cascos, de aguardente d'elles, se fazem alli quasi todos os annos!»

Esta notavel quinta pertence ao sr. Albino Sepulveda, cavalheiro estimabilissimo.

Sobre a etymologia do onomastico Loridos ouvimos dizer que é corrupção de Alaridos, e contar a seguinte lenda.

Em tempos antigos os senhores d'esta casa reservavam n'ella um aposento para dar pousada aos viandantes e peregrinos — como era costume em todas as grandes casas.

Esse aposento ficava contiguo á capella, sobre o pateo hoje chamado «dos limoeiros.»

Raro hospede, pernoitando ali, deixou de accordar sobresaltado a horas mortas, e de romper em alarido.

Dizia-se que andava n'aquelle quarto «coisa má».

Certo dia um passageiro pediu pousada. Deram-lh'a, mas preveniram-n'o do que se passava. Elle sorriu, desdenhoso.

Alta noite ouviu rumor no aposento, pegou na espada e, por estar ás escuras, começou vibrando golpes ao acaso.

Em breve, sentiu o baque do que quer que fosse; e logo depois restabeleceu-se o silencio.

Pela manhã viu morta no chão uma coruja, que por ali procurava passagem para a capella, onde queria ir beber o azeite da lampada.

439 Julio Cesar Machado

Desde então cessaram os «alaridos», mas ficou o nome á casa e á quinta.

E de Alaridos, dizem, veio Loridos.

Outro logar da freguezia do Carvalhal é o Sanguinhal, que a vinicultura tornou conhecido, especialmente pelas adegas da casa Fonseca.

Referindo-se ao vinho produzido na área do logar Dos Ruivos (400 a 500 pipas) escrevia em 1880 Julio Cesar Machado: «E' vendido quasi todo á casa Fonseca, do Sanguinhal, a qual, de sua lavra, tem umas poucas de mil pipas; obrigou-se este anno a dar todo o vinho para o consumo do Pará, e gasta, por dia, só no que paga aos seus empregados, setecentos mil reis.» [1]

Sobre a casa Fonseca, do Sanguinhal, ainda Julio Machado nos dá mais algumas interessantes informações dizendo que dois filhos d'essa familia, D. Sophia da Fonseca e Paulo Romeiro da Fonseca, «que chegou a ser muito conhecido em Lisboa e estimado pelo seu merecimento» [2], tiveram como preceptor o beneficiado Malhão logo ao principio da sua carreira ecclesiastica.

---

[1] *A vida alegre*, pag. 130.

[2] *A vida alegre* pag. 143.

Malhão conservou sempre uma grata lembrança do tempo que esteve no Sanguinhal, como se vê do principio de uma *Epistola* dirigida áquelle seu antigo discipulo:

Collinas do Sanguinhal,
Doces margens do Famões,
Inda excitaes em minha alma
Saudosas recordações.

Paulo Romeiro da Fonseca foi deputado ás côrtes.

Quando elle falleceu em 1859, Malhão honrou-lhe a memoria n'uma sentida necrologia, que sahiu estampada no *Diario do Governo* de 18 de outubro d'aquelle mesmo anno.

Como o Sanguinhal não é, a bem dizer, mais do que uma obra produzida pela dynastia dos Fonsecas, digamos d'esta familia ainda alguma cousa.

Paulo e seu irmão Francisco eram filhos de Francisco Antonio da Fonseca, proprietario e lavrador no Sanguinhal, e de uma senhora de appellido Romeiro, que julgo ser de origem hespanhola.

Paulo entregou-se á politica, e morreu antes do pai, na quinta de Tagarro, em Alcoentre, concelho da Azambuja.

Quando o pai falleceu, succedeu-lhe na administração da casa seu filho Francisco Romeiro, que não só desenvolveu muito a exportação de vinhos para o Brazil e Liverpool, mas tambem fez grandes beneficios ao logar do Sanguinhal, onde edificou uma igreja á sua custa, e um aqueducto.

No seu tempo, toda a casa dos Fonsecas tinha uma laboração annual de 13 a 14 mil pipas de vinho.

Hoje ainda colhe só no logar do Sanguinhal cêrca de duas mil pipas.

A fabrica de distillação, adegas e armazens d'esta familia occupam uma enorme área de terreno.

E ha no Sanguinhal dois bons palacios dos Fonsecas.

Francisco Romeiro falleceu em 15 de janeiro de 1890, celibatario, contemplando no testamento todos os empregados da casa, não menos de 80 ou 90.

O remanescente da herança deixou-o ás suas afilhadas, filhas de Joaquim Vieira o qual ficou administrando a casa, e por morte d'este succedeu-lhe um filho, do mesmo nome, actual administrador.

Paulo e Francisco Romeiro tiveram tres irmãs: D. Maria do Carmo, D. Gertrudes, e D. Sophia, que foi mãe do importante e já fallecido viticultor das Gaeiras—José Pinheiro.

Não sahirei do Carvalhal sem me referir ainda não aos outros logares, mas apenas aos casaes do sitio denominado Bairro do Lobo, porque d'este «lobo» contou Julio Cesar a lenda: «Encontrei na estrada uns almocreves, e um pobre homem que ia pela primeira vez áquelles sitios a visitar um compadre que tinha na do Lobo, aldêa notavel pelas caçadas aos lobos que lá ia fazer a rainha D. Maria I até ao dia em que viu um, e em que trepou por uma arvore, gritando cheia de susto: Ai o lobo! Ai o lobo! Ai o lobo!...» [1]

Folgo de te lembrar, agora e sempre, meu pobre, meu querido Julio, e de render publica homenagem á aldea em que te creaste, e que tanto prezavas.

Tu foste, ó delicado espirito, ó alma atormentada, entre os escriptores portuguezes do nosso tempo, o que eu mais tenho amado depois de Camillo.

---

[1] *Scenas da minha terra*, pag. 38.

V

A DOS NEGROS

O logar Dos Negros, séde da parochia d'este nome, está situado sobre um cabeço ao sul da margem esquerda do rio Arnoia, e dista da villa de Obidos seis kilometros, para sudoéste.

410—Obidos—Santuario do Bom Jesus da Pedra

A freguezia, com 1.351 habitantes, comprehende mais os logares de Sancheira Grande e Sancheira Pequena.

O orago é Santa Maria Magdalena.

D'onde viria o nome — Dos Negros?

Segundo a lenda, de uma causa identica á—Dos Ruivos.

Oiçamos o nosso Julio Cesar Machado, terno chronista d'estes logares, dar-nos a razão do caso:

«Parece que nos primeiros tempos era esta aldêa senhoreal a uns fidalgotes de côr tão bronzeada, que lhe puzeram de alcunha os negros. Hoje já nem se sabe alli de tal familia, e o povo do logar reduz-se a trabalhadores d'enxada, e a cabreiros; todavia é de uma physionomia especial aquella gente! Ha tristeza, ha saudade, ha desesperança ou remorso no seu olhar. Ha logarejos assim, em que toda a gente tem o mesmo caracter e o mesmo semblante: n'alguns, todos os homens são poltrões; n'outros são pimpões todos elles; n'este, todas as mulheres são velhas; n'aquelle todas são bonitas, moças, frescas, seductoras. Os filhos da *Dos Negros* teem mais physionomia de prisioneiros do que de aldeões; não ha o tom innocente e campestre no seu rosto, que em vez de se contrair com mobilidade quasi convulsiva, permanece frio, resignado, severo.» [1]

E dizer-se que o folhetim apenas serve para recrear! Não está aqui fornecendo elementos de investigação ethnographica? Certamente que sim.

A lenda dos fidalgos negros parece cahir pela base deante d'este trecho de folhetim.

Foi certamente outro folhetinista, anterior a Julio Cesar Machado e menos celebre do que elle, que passando aqui, e observando a expressão sombria dos habitantes, poz á povoação o nome de—A Dos Negros. Negros no sentido de tristonhos e lutuosos, algo sinistros.

Tambem Julio Cesar se refere ao orago da freguezia:

«Sorri uma pessoa tristemente ao encontrar alli uma egreja que votaram a Santa Maria Magdalena,—aquella primeira *dama das camelias*, a quem o amor e a fé purificaram! E' uma simples casa branca, humilde e tosca, a resguardar-se sob a ramagem de um sobreiro. A historia d'este sobreiro vive ligada á historia d'este templo do ermo. —Conta-se que, uma occasião, um pastor do monte fôra encontrar as suas ovelhinhas ajoelhadas diante da arvore: o pobre filho da serra ficou sem saber o que cuidar; as ovelhas conservaram-se de joelhos olhando para o sobreiro, como inspiradas: dir-se-ia vir de uma alma o olhar d'ellas n'esse instante; o pastor acercou-se e viu n'uma toca da arvore a imagem da Magdalena; então, como contasse isso aos outros guardadores de cabras, a noticia espalhou-se, e a gente dos arredores fez levantar á sombra do sobreiro um templo consagrado ao milagre d'elle!...»

E' ainda o folhetim—tão accusado de frivolo—que reune estes estimaveis subsidios para o *Folk-lore*.

Julio Machado não se limitou, porem, a celebrar o typo dos habitantes e as lendas de A Dos Negros. Fez mais, chamou a attenção para esta aldeola humilde com dar-lhe a honra de ser a patria d'aquelle Pedrinho dos *Contos ao luar*, filho da senhora morgada, sendo que esse conto galante, talvez verdadeiro, é um dos mais bellos que se teem escripto em lingua portugueza.

Merece ser collocado a par d'esse outro primoroso conto de Camillo — *Como ella o amava*!

Talvez verdadeiro, disse eu; se não todo, pelo menos em parte.

Sempre suspeitei que o Pedrinho fosse o proprio Julio quando veio para Lisboa e, como auctor prematuro, começou a frequentar o palco da Rua dos Condes e talvez outros palcos.

De mais a mais essa memoria de uma impressão de theatro é insistente e persistente: já a encontro apenas esboçada pela saudade de outra mulher no romancesinho *Estevão*.

Sobre a freguezia de A Dos Negros quero dizer por ultimo que comprehende varias quintas; que no logar da Sancheira Grande funcciona uma escola para o sexo masculino; e que se faz aqui uma feira—chamada de Santa Magdalena—a 22 de julho.

---

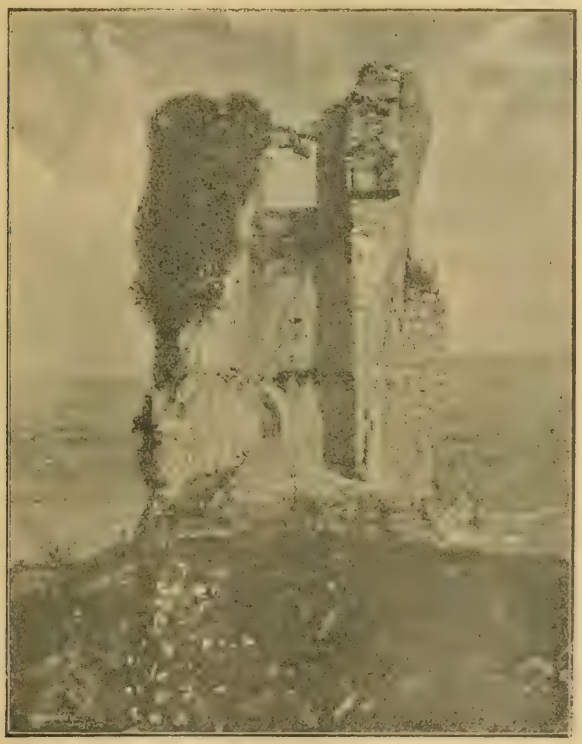
[1] *Scenas da minha terra*, pag. 31.

VI

ROLIÇA, SOBRAL DA LAGOA E VAU

E' uma localidade celebre — a Roliça.

Não tanto pela sua consideravel população parochial como pela memoria historica da derrota que o exercito anglo-luso infligiu n'esta região aos francezes.



441 — Ruinas do castello de Obidos

O logar da Roliça, séde da parochia, fica em terreno montanhoso sobre a estrada de Obidos a Torres Vedras, e dista da cabeça do concelho 6 kilometros, para sudoéste.

A freguezia tem por orago Nossa Senhora da Purificação; conta uma população de 3.397 habitantes; e comprehende varios logares, entre os quaes mencionaremos os da Columbeira, Zambujeira dos Carros e Casaes da Victoria, este ultimo assim chamado pela sua relação com aquella famosa batalha.

Junot, perante o duplo perigo que lhe offereciam a insurreição popular e o exercito inglez, procurou concentrar todas as forças em torno de Lisboa.

O general Delaborde sahiu da capital com uns 7.000 homens para se reunir a Loison, e oppôr resistencia ao exercito anglo-luso. A juncção não pôde realisar-se, mas Delaborde tomou posição na Roliça, ao passo que Wellesley, com 14.000 homens entre os quaes 2.592 portuguezes, vinha seguindo desde Leiria, e agora desde as Caldas, a linha paralela ao oceano em marcha sobre Lisboa.

A 17 de agosto de 1808 os dois exercitos inimigos avistaram-se no terreno do actual concelho de Obidos.

As tropas de Delaborde occupavam não só a Roliça, mas tambem a Columbeira, logarejo situado na falda de um monte, a sudoéste da Roliça.

412—Obidos—Um trecho

A's tropas portuguezas coube tomarem posição na aldea de S. Mamede.

Uma brigada ingleza formou na estrada debaixo do fogo do inimigo.

Delaborde, receando comprometter a sua esquerda, concentrou-se na Columbeira.

O combate travou-se rijo, sustentado de parte a parte, durante quatro horas, com brio e bravura, não obstante a desproporção numerica dos dois exercitos inimigos. Mas Delaborde foi obrigado a retirar da Columbeira para Zambujeira dos Carros, como já havia retirado da Roliça para a Columbeira; e por ultimo a tomar a estrada de Torres Vedras, tendo deixado no campo 500 a 600 homens, mortos, feridos e extraviados, bem como tres peças de artilharia.

O exercito alliado perdeu 479 homens.

Em vez de perseguir Delaborde na sua retirada sobre Torres Vedras, Wellesley dirigiu-se para a Lourinhã a fim de se aproximar do litoral para receber o reforço de tropas que fossem desembarcando.

Entre os officiaes inglezes que morreram no ataque á forte posição da Columbeira contou-se o tenente-coronel Lake, do 29 de linha, hoje 1.º batalhão Worcestershire.

Os seus camaradas mandaram erigir-lhe ali um singelo monumento, que se compunha de um sócco encimado por uma cruz.

Nas faces do sócco foram abertas inscripções em inglez e portuguez, que ultimamente se haviam tornado illegiveis, mas que primitivamente diziam assim:

Em inglez:

Sacred
To the memory of the Hon.
Lieut. Col... G. A. F. Lake of the
29 Rev. who fell at the head
of his corps in driving the
enemy from the heights of
Columbeira on the 17 Aug. 1808.
This monument is erected by his
brother officers as a testimony of high regard and esteem.

Em portuguez comquanto a traducção, que reproduzimos, seja menos expressiva na ultima phrase que o texto britannico:

Dedicado
á memoria do il. tenen-
te-coronel G. A. F. Lake do
regimento num. 29 que
falleceu na frente do
seu regimento
accomettendo o inimigo
nas alturas da Columbeira
no dia 17 de agosto de 1808.
Foi erigido este monumento pelos
seus camaradas officiaes em
lembrança da sua amizade.

Não só estas inscripções estavam apagadas, mas tambem a cruz se havia partido, sendo por isso substituida por uma haste de ferro; e o sócco já por mais de uma vez tinha mudado de logar.

A gente da Columbeira indicava aos seus raros visitantes aquelle monumento, dizendo que «era a sepultura de um general inglez».

Por occasião da vinda do rei Eduardo VII a Lisboa, o sr. major Victoriano Cesar, lente da Escola do Exercito, aventou a idea, n'uma carta publicada no *Jornal do Commercio*, de se commemorar essa amistosa visita mandando restaurar o monumento da Columbeira, que não só recordava os feitos de um bravo official inglez, mas tambem os do exercito anglo-luso na primeira batalha em que tomou parte contra os francezes.

Tão plausivel alvitre foi communicado pelo sr. Christovam Ayres ao sr. Alfredo Custance, tenente do 1.º batalhão Worcestershire, mas nascido em Portugal, e filho do sr. Walter Custance, aqui residente.

Acceito o alvitre pelos officiaes d'aquelle batalhão e encarregado da sua execução o sr. Walter Custance, foi o monumento restaurado em 1903, ficando defendido por uma grade de ferro, sendo conservadas as antigas inscripções e abertas mais as seguintes.

No sócco, face sul:

Restored by the
Officers of the 29
First Batt.
Worcestershire Reg
in 1903

Na face léste a respectiva traducção:

Restaurado
pelos officiaes do
Reg. 29
1.º Bat. Worcestershire
em 1903

A batalha do dia 17 de agosto de 1808 ficou celebrada na historia da Guerra Peninsular com o nome de—*batalha da Roliça*, porque ahi começou em verdade, postoque a sua parte mais brilhante se desenrolasse durante o renhido ataque á forte posição da Columbeira.

O nome de Casaes da Victoria dado a outro logar da freguezia da Roliça perpetúa certamente o momento do triumpho para o exercito anglo-luso.

A esta batalha succedeu-se, quatro dias depois, a do Vimeiro, de que já falamos no capitulo *Lourinhã*, pag. 58. [1]

Funcciona na freguezia da Roliça uma escola do sexo masculino.

Se o leitor, estando alguma vez nas Caldas da Rainha, quizer ir visitar o monumento do tenente-coronel Lake, acceite esta indicação que lhe offereço aqui:

443—Pelourinho de Obidos

A duas leguas das Caldas para o sul encontra a Roliça, onde deverá deixar a estrada que segue para o Bombarral.

D'ahi até á Columbeira o caminho é mau, confrangido entre serras.

Mas, lá diz o nosso povo, quem corre por gosto não cansa.

Sobre a porta do cemiterio parochial da Roliça conserva-se uma legenda que foi composta pelo beneficiado Malhão:

Frios despojos da morte,
Caminhante, eis tua sorte!

O concelho de Obidos completa-se com as freguezias de Sobral da Lagoa e do Vau, que são pequenas.

A primeira dista da cabeça do concelho tres kilometros, para oéste, conta 678 habitantes, e tem por orago S. Sebastião.

Sei que ha aqui uma quinta chamada da Cumeira.

No unico logar da freguezia (porque o mais são casaes) funcciona uma escola para o sexo masculino.

A freguezia do Vau, que fica ao norte do Sobral, junto á lagoa de Obidos, tem 525 habitantes.

O seu orago é Nossa Senhora da Piedade.

E' n'esta freguezia que está comprehendida a quinta do Bom Successo, a que já nos referimos, e que pertence ao sr. Paes Abranches.

No Vau ha uma escola do sexo feminino.

---

[1] Quando foi escripto e impresso o cap. *Lourinhã*, não havia ainda nenhum monumento commemorativo no Vimeiro. Ha-o agora. Foi inaugurado no dia 21 de agosto de 1908. Descrevel-o hemos no fim d'este volume sob o titulo *Correcções e additamentos*.

XXIII

Caldas da Rainha

villa das Caldas da Rainha é uma das mais conhecidas e interessantes da provincia da Extremadura.

Muitos dos nossos escriptores antigos d'ella deram noticia ou a ella fizeram referencias. Entre os modernos, são numerosos os que teem falado d'esta bem afamada estação de aguas—a destacar Julio Cesar Machado, Pinheiro Chagas e Ramalho Ortigão. [1]

«A linda villa das Caldas da Rainha, diz Ramalho nas *Farpas*, é o centro de *villegiatura* que em Portugal mais se parece com as terras de aguas francezas e allemãs.»

Entre os escriptores extrangeiros que teem passado pelas Caldas, citaremos um, madame Adam, não só porque esteve ali ha poucos annos (1896), mas tambem pela consideração de que as mulheres são sempre mais difficeis de contentar que os homens.

Pois bem. Madame Adam fala das Caldas como de — «la plus gracieuse *petite ville* qui se puisse voir.»

Chama-lhe *cidadesinha*; e mais adeante *cité jolie* — linda cidade. [2]

Comquanto desde 1886, em que Ramalho escreveu, até hoje outras nascentes e thermas medicinaes hajam prosperado algum tanto, as Caldas da Rainha conservam, e provavelmente conservarão, a primasia como estação de aguas seleccionada, concorrida, rica em parques de recreio, porque tem dois, e em passeios e arredores pittorescos.

Ha no paiz umas caldas em que a actual rainha fez tratamento durante duas epocas, e por isso se chamam hoje—*da Rainha D. Amelia*: são as de S. Pedro do Sul.

El-Rei D. Luiz poz um pouco em moda o Vidago; el-rei D. Carlos as Pedras Salgadas.

Mas as Caldas da Rainha nem pelo que respeita á efficacia das suas aguas, para

---

[1] Ramalho nas *Farpas*, 1.º vol. da 2.ª edição, pag. 119; nos *Banhos de caldas e aguas mineraes*, pag. 85; finalmente, no opusculo *A fabrica das Caldas da Rainha* (Porto, 1891).

[2] *La patrie portugaise*, pag. 354.

os que precisam d'ellas, nem como centro de *villegiatura* estival teem perdido terreno ou baixado em cotação.

Antigamente era longa e fatigante a jornada para as Caldas, por maiores que fossem os recursos pecuniarios dos seus frequentadores, entre os quaes el-rei D. João V, que treze vezes ali foi, ancioso de recobrar a saude que tinha malbaratado.

Hoje, de Lisboa ás Caldas da Rainha são, pela linha de oéste, viagem directa, apenas 109 kilometros de caminho de ferro.

O viajante é deposto na estação a que a villa dá o nome, sem grande fadiga nem dispendio, e seguindo pela rua da Estação, sem subir nem descer e com boa disposição de espirito, porque a villa está situada n'uma planicie alegre e luminosa, encontra-se a breve trecho na Praça, que não é o locutorio da vida mundana, mas sim o logar onde pulsa, como antigo rocio, o coração commercial das Caldas.

A Praça liga-se por uma pequena calçada ao largo do hospital e das thermas, cujo edificio se defronta com o portico da plana e extensa alameda da Copa, hoje Parque *D. Carlos I*, que dá passagem para a matta, — o ponto mais alto da villa.

Aqui, sim, aqui é que nos encontramos em plena vida thermal, de manhã por causa da multidão dos aquistas em tratamento, logo depois de almoço até ao fim da tarde pelo *rendez-vous* do Parque e da Matta, e á noite pela conversação nos canapés do *Céo de Vidro*,—recinto coberto de vidraças que faz corredor para o Parque — e pelas valsas do Club, pelo bilhar ou pelos jogos de vaza e, finalmente, pelo *flirt* sob as arvores á luz clara da lua ou á pallida claridade da luz electrica — que parece uma lamparina discreta de mais...

Desde o reinado de D. João V até hoje a vida thermal das Caldas tem acompanhado a evolução dos tempos e, portanto, as modificações dos trajes e do trato social; mas o caracter galante e frivolo pouco se tem alterado, como se vê do opusculo em verso — *Verão nas Caldas* — publicado em 1806 e composto por Francino Obidense, [1] se exceptuarmos os frades que Deus e o Aguiar levaram, pelo que os supprimimos na transcripção:

Fitte seus olhos tambem
No bando das *Nynfas* bellas
Humas verá mui rosadas,
E muitas muito amarellas.

Pois inda qu'astutas saibão
Dar fino lustre ao carão
Não ousão, porque estas aguas
Tem guerra co'Solimão.

Verá *Velhas*, qu'inda affectão,
Os privilegios de moças,
Bem qu'as vão descortinando
Alvas cãs, e pelles grossas.

Verá ladinas Tafulas,
Aos Papelões dando figas.

Note-lhe os olhos; por elles
Saberá quem tem lombrigas.

Verá fortes Militares,
Que fóra do Marcio ardor,
Despem a banda de Marte,
Cingem a venda do amor.
. . . . . .

Note sadios Doentes,
Que a beber agua s'entregão,
Para achar-se no *Pocinho*,
Quando as Madamas lá chegão.
. . . . . .

Ao cabo de dar tres giros,
Torne outra vez ao *Pocinho*,
Assente-se alli d'ilharga,
Ou n'um, ou n'outro banquinho.

Vellos-ha grulhar de roda,
Em cardume, e reboliço,
Como as abelhas no Estio
Ao redor do seu cortiço.

A's *Madamas* seus serventes
Os copinhos ministrando;
Como *Narcisos* á fonte,
S'estão de si namorando.

Hum a *Nize*, outr'a *Corilla*
Dizem chistes narrão pêtas,
Que as *Nynfas*, bebido o copo,
Pagão com duas caretas.

Vamos, de relance, ao *quantum satis* de historia.

No reinado de D. João II a actual villa das Caldas era apenas isto: «uma casa em

[1] Pseudonymo de Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão, pai, como já sabemos, do famoso prégador do mesmo appellido.

pé, e outras cahidas», sem haver nos arredores mais que mattos maninhos, ameaes a quaesquer terrenos de lavradio.

Mas havia no logar algumas prêsas ou poças de *agua cálida*, que talvez estivessem dentro d'aquellas casas arruinadas [1], a qual agua cálida sahia fumegando, e os povos circumvizinhos procuravam-n'a especialmente para tratamento de rheumatismo ou *frialdade*.

Uma chronica inédita, composta por Frei Jorge de S. Paulo, e existente ainda agora na contadoria do hospital das Caldas, forneceu-me não só algumas das referidas indicações, mas tambem estas que vou dar sobre a origem da prosperidade da povoação por causa das suas aguas medicinaes.

Frei Jorge formula tres hypotheses, que envolvem sempre a mesma pessoa, isto é, D. Leonor, mulher de D. João II.

Conforme a primeira hypothese, a rainha, indo em julho de 1484, da sua villa de Obidos para a Batalha, onde já el-rei a esperava para assistirem ás exequias annuaes de D. Affonso V, viu alguns pobres mettidos nas poças e perguntou-lhes o que estavam ali fazendo. Elles contaram-lhe as virtudes curativas d'essas aguas e a rainha respondeu-lhes:

—Se o Senhor Deus me der vida, os pobres de Christo seu Filho terão melhor commodidade em suas curas.

444—O Hospital real

Esta hypothese é a mais inverosimil, por isso que a rainha frequentava Obidos, terra sua, onde as proximas caldas já deviam ser conhecidas por sua fama.

A segunda hypothese refere que ficando D. Leonor quasi entrévada em consequencia de um móvito que teve na quaresma de 1483 em Almeirim, os medicos a aconselharam a que fosse para Obidos e, logo que viesse o tempo quente, tomasse banhos nas caldas que tão perto estavam d'esta villa. D. Leonor assim fez, e para seu uso mandou construir um tanque, que por esse motivo se chamou — o banho da rainha. Tendo melhorado, ordenou que se erigisse um hospital.

Finalmente, a terceira hypothese diz que soffrendo D. Leonor de um cancro, e passando de Coimbra para Obidos, desceu das andas, e lavou o cancro com a *agua calida*, obtendo milagrosa cura.

Certamente a segunda hypothese é a mais acceitavel.

Como quer que fosse, mandou levantar o hospital, que se concluiu em 1503, e que até ao seculo XVIII apenas soffreu ligeiras modificações; alem d'isto, conseguiu de seu marido ou de el-rei D. Manuel que fundasse junto áquellas caldas uma povoação para 30 moradores, e que tanto a estes como aos negociantes com quem elles tivessem commercio concedesse isenção de tributos.

Tambem a rainha mandou edificar, junto ao hospital, um templo que servisse aos doentes hospitalisados e aos habitantes da parochia.

No seu inicio, o hospital tinha seis enfermarias, uma para frades, outra para cle-

---

[1] Porque a provisão regia dada em Beja a 4 de dezembro de 1488 e o Breve do Papa Alexandre VI falam de «fazer de novo,» de «repairar e reedificar.»

rigos seculares, duas para homens do povo, e duas para mulheres da mesma condição. E fizeram-se alguns quartos particulares, destinados a quem os pudesse pagar.

Na fachada do edificio rasgava-se uma porta ampla e de volta redonda, isto é, a entrada commum.

Havia uma escada exterior de serviço reservado, no topo da qual se erguia um pe-

415 — Torre da igreja das Caldas da Rainha

queno alpendre, que dava accesso para o mirante, aberto em intercolumnios, d'onde a fundadora assistia aos touros que na *Praça velha* eram corridos por occasião da feira grande de agosto.

Esta feira ainda hoje começa a 14 d'aquelle mez e dura tres dias.

Alem da feira annual, e do mercado diario, effectua-se feira de gado no ultimo domingo de cada mez.

Entre a porta grande do hospital e a escada do mirante medeava uma arcada, que sustentava a galeria corrida na maior extensão da fachada.

A' direita via-se um annexo cujo fim não sei ao certo qual fosse; e em frente d'esta construcção, outra, cujos baixos se denominavam *Casão Hospitaleiro* (arrecadação porventura) e *Casa dos peregrinos*. Esta ultima era a albergaria. No alto do edificio estava a *Enfermaria dos pobres*.

Parece que foi D. Manuel que, a pedido de D. Leonor, deu foral á villa; e que mandou erigir os paços do concelho e a cadea.

Em 1742, D. João V, por conselho dos medicos, fez uso das Caldas da Rainha pela primeira vez.

Seria então que se construiram dois novos annexos, do lado opposto á escada particular: a *casa do coche* e a *casa do abafo do rei*.

416—Entrada do Parque D. Carlos I

Mas D. João V foi treze vezes ás Caldas em procura de saude, que outros, mais felizes, ali tinham encontrado, D. João IV por exemplo, e que elle não encontrou.

Em 1747, por occasião da undecima jornada, encarregou o brigadeiro Manuel da Maia de refundir immediatamente o hospital e a igreja.

Abriram-se minas, fizeram-se fontes, tanques, um aqueducto, cadea, e novos paços do concelho, com relogio e sineira, que foram levantados na Praça — actual.

Dentro de tres annos, á força de dinheiro, concluiram-se todas estas obras.

D. João V tinha pressa de vêr medrar a construcção a que ligava o seu nome e que era hyperbolicamente applaudida por quantos frades e freiras enxameavam em torno das thermas das Caldas da Rainha.

As freiras deram ali brado. Em 1644 um fidalgo aventuroso, de parceria com quatro amigos igualmente audazes, tentára pôr fogo ao hospital para na confusão do incendio raptar uma freira. Em 1651, D. João IV, escandalisado com as mundanidades das freiras, ordenou que ellas não fossem admittidas a tratamento. Em 1653, os abusos freiraticos não tinham diminuido, apesar d'aquella prohibição, e o rei teve de renoval-a. Mas os empenhos e rogos foram taes, que no mesmo anno D. João IV deu alguma

elasticidade á prohibição tolerando que varias religiosas fossem tratar-se nas Caldas.[1]

Veiu D. João V, vieram as muitas jornadas que este rei ali fez, e as freiras gosaram plena liberdade.

Pudera! o rei estava com a sua gente, e as freiras estavam com o seu rei... comquanto elle já não pudesse com uma gata pelo... manto real.

Mas quem lucrou o melhor quinhão foram as Caldas, que renasceram materialmente, e ficaram em moda, graças á prodigalidade e exemplo d'aquelle rei faustoso e combalido.

De então até hoje a villa tem continuado a progredir e a ser concorrida.

Modernamente, foi dotada com mais um passeio — a *Matta*. Já havia a linda alameda ou Parque; arborisada de frondosos platanos e faias, e com um corêto onde, nos ultimos annos, tem ido tocar, todas as tardes, das 2 ás 5 horas, parte da banda da guarda municipal de Lisboa, durante a temporada.

A Matta, a montante do Parque D. Carlos I, possue grandes macissos de verdura e deliciosa sombra de choupos, acacias, pinheiros, uma bella avenida plantada de alamos, um lago para *canotage*, guarnecido de palmeiras e alindado com uma ponte rustica, bem como recinto apropriado para jogos de *sport*.

Junto ao lago planeou D. Rodrigo Berquó, quando administrador do hospital real das Caldas (a administração é do Estado), fazer construir cinco pavilhões separados por passagens cobertas, com o fim de estabelecer ahi todas as vantagens da hospitalisação moderna[2] e desacumular os doentes tanto do hospital real como do hospital civil de Santo Izidoro. Dos cinco pavilhões projectados apenas estão construidos tres, que não foram utilisados ainda.

Coisas nossas.

E' tambem junto á *Matta* que, por iniciativa de Raphael Bordallo Pinheiro, uma companhia fundou a fabrica de faianças, que elle dirigiu com a sua especial competencia e fino gosto artistico, caracterisado por uma graça de factura tão espontanea como abundante.

O fim a que Raphael Bordallo visou foi dar uma remodelação superior á louça que desde longa data se fabricava nas Caldas, tradicionalmente ingenua, porque esta industria nasceu ali das propriedades ceramicas do solo ricamente argiloso e foram ellas que crearam o primitivo nucleo de oleiros em estado rudimentar.

Essa ingenuidade originaria prolongou-se durante seculos no fabrico da louça das Caldas, cujos exemplares imperfeitos, ás vezes grotescos, todos nós conhecemos pela tradição do boi-paliteiro, do prato florido, e da caneca esmaltada.

Raphael Bordallo propoz-se, e conseguiu-o, imprimir a essa vulgarisada louça uma estilisação galantemente artistica, que conquistasse o gosto publico, e o levasse a acceitar as grandes peças de luxo nacionaes—estatuetas, jarrões, candelabros, centros e serviços de mesa, bem como os azulejos de typo antigo, e os *bibelots* graciosos com a intenção de caricatura em barro.

Morreu Raphael Bordallo, seu filho tomou conta da direcção da fabrica, e vejo agora nos jornaes (novembro de 1907) que ella vai á praça para liquidação.

Perder-se-ha talvez, assim, deploravelmente, uma bella iniciativa.

Faz pena.

[1] *As amantes de D. João V*, pag. 250-251.

[2] Veja-se o opusculo *Projecto para o hospital civil de Santo Izidoro nas Caldas da Rainha, elaborado por R. M. Berquó, administrador do mesmo hospital. Alcobaça, 1891.*

Por sua parte o governo creou nas Caldas a escola industrial *Rainha D. Leonor*, em que se ensina o desenho, a modelação e pintura de faianças.

As aguas medicinaes das Caldas da Rainha provéem de um manancial tão copioso, que poderia abastecer um estabelecimento dez vezes maior, e que rebenta da terra em grossos borbotões.

A sua temperatura é de 33°,8 centigrados.

As aguas são limpidas na fonte, ligeiramente salobras, e accusam o forte cheiro e gosto communs ás aguas sulphureas.

Foram analysadas pelo dr. Agostinho Vicente Lourenço em collaboração com Schiappa de Azevedo; e pelo visconde de Villa Maior.

São recommendadas, com efficacia, para uso externo no tratamento da diáthese arthritica e das dermatoses contagiosas, fazendo-se a applicação por meio de piscinas, tinas e duches; como topicos, em gargarejos, inhalações e pulverisações; e para uso interno, especialmente nos casos da dyspepsia, gastralgia, etc.

O elogio d'estas aguas não só tem sido feito pelos medicos, como por exemplo o dr. Fonseca Henriques no *Aquilegio medicinal*, mas até pelos doentes que a ellas deveram a saude, como no caso do *curioso* anonymo que no anno de 1752 publicou em Pariz as *Observaçoens das aguas das Caldas da Rainha, offerecidas a todos os enfermos pobres, que necessitão d'este milagrozo remedio, para cura de seus achaques.*

440 —Portico da sacristia da igreja Matriz nas Caldas da Rainha

O hospital mantém um serviço de cadeirinhas para conducção dos paralyticos e outros inválidos.

No largo da Copa, em frente da calçada, ha um edificio reservado aos convalescentes. Em parte dos baixos d'este edificio foi estabelecida em 1906 uma *garage* onde podem ser recolhidos os automoveis dos excursionistas.

Occulto pela fachada do hospital fica o Paço Real, aliás modesto, mas que frequentes vezes tem recebido o chefe de estado e sua familia.

Possue a villa um chafariz monumental, chamado das *cinco bicas*.

E tem escolas primarias, corporação de bombeiros voluntarios, hospicio de expostos, uma associação de soccorros mutuos *D. Leonor*, sociedades de recreio, uma fabrica de conservas, uma praça de touros, e um theatro—*Pinheiro Chagas*—porque este illustre escriptor foi deputado pelo antigo circulo das Caldas.

O Club, que data de 1837, abre todas as noites. Eu sou do tempo em que se ser-

via chá com bolos aos socios, e o certo é que n'esse tempo, sob a gerencia do conselheiro Pimentel, não havia *deficit* na administração do real hospital, mas, pelo contrario, havia *superavit*. Mais remotamente o Club dava dois bailes, no principio e no fim da epoca thermal. [1]

Antigamente a villa apenas tinha uma hospedaria de nomeada, que se chamava simplesmente—a casa da Malhôa. A ella se refere Julio Cesar Machado nos *Contos ao luar*. [2] Em 1875, funccionavam dois *hoteis*, o de José Paulo e o do Padre Justino, e duas hospedarias, a da Mariana e a do José Pires.

Hoje abundam os estabelecimentos de hospedagem, mas a todos sobreleva o *Grande Hotel Lisbonense*, muito central, em edificio proprio, de vastas dimensões, com quartos de 1$200 a 2$000 reis diarios.

444—Largo da Copa

Ha tambem casas mobiladas para alugar, e com razão nota Ramalho nas *Farpas* que, apesar da modestia quasi rudimentar do seu interior, são em geral frescas e bem lavadas de luz.

Publica-se um periodico com o titulo de *Circulo das Caldas*. Vai no 14.º anno de existencia e é seu proprietario e director o sr. J. P. Ferreira. Mas já se publicaram outros periodicos; que eu saiba, o *Democrito*, o *Rato*, o *Caldense*, o *Futuro das Caldas*, *Cavacas das Caldas* (quinzenal, 32 paginas) de que era redactor o sr. Gomes d'Avellar e a *Tentativa*.

O mercado diario é farto, muito abundante em peixe, caça, e fructas não só do concelho, mas tambem oriundas dos excellentes pomares de Alcobaça.

As Caldas são culinariamente afamadas pelas suas celebres *cavacas*.

Em carruagem e caminho de ferro podem fazer-se lindos passeios ás quintas e lagôa de Obidos, a Alcobaça, a S. Martinho do Porto, á Nazareth, etc.

A 2 kilometros da villa ficam as *Aguas Santas*, que são frias, limpidas, sem cheiro

---

[1] A titulo de curiosidade direi qual foi a despesa do club das Caldas segundo as contas do exercicio de 1896-1897, publicadas pelo governo:

Gerente, 153 dias a 800 reis	122$400
Pianista, 120 dias a 800 »	96$000
Marcador, 100 dias a 400 »	40$000
Servente, 153 dias a 300 »	45$900
Servente, 100 dias a 300 »	30$000
Servente, 100 dias a 200 »	20$000
Servente para a *toilette* das senhoras, 100 dias a 200 reis	20$000
Servente das retretes, 153 dias a 240 reis	36$720
Guarda-portões 153 dias cada um a 240 reis	73$440
Um sextetto	810$000
Cartas, illuminação e outras despesas	600$000
	1:894$460

[2] Pag. 163.

nem gosto, e tambem muito efficazes, especialmente nas dartroses sêcas e na elephantiase tuberculosa.

O estabelecimento actual foi fundado em 1855 a 1856 por subscripção, e é administrado pela camara municipal.

A villa das Caldas, que tem por orago Nossa Senhora do Pópulo, conta 4:639 habitantes, e o concelho, de que ella é cabeça, 20:958.

Este concelho, composto de 13 freguezias, pertence ao districto administrativo de Leiria, e no ecclesiastico ao Patriarchado.

A villa é tambem cabeça de uma comarca de 1.ª classe.

As freguezias dos Francos (1:105 hab.) e de S. Gregorio da Fanadia (830 hab.)

454—Frontaria do Hospital das Caldas em 1747, quando D. João V o mandou reconstruir

eram do concelho de Obidos e passaram para o das Caldas por decreto de 7 de setembro de 1895. Na Fanadia fabrica-se excellente pão de ló.

A freguezia de Alvorninha, com 1:105 habitantes, foi uma das 14 villas coutadas ao mosteiro de Alcobaça.

Questões frequentes entre os habitantes e os almoxarifes do Dom Abbade fizeram que aquelles requeressem lhes fosse applicado o foral da villa de Obidos, e obtiveram despacho favoravel.

Nas paredes arruinadas de algumas casas nobres e nos vestigios dos antigos paços do concelho se reconhece a importancia que esta villa teve.

A freguezia comprehende varios logares e boas quintas, sombreadas de carvalhos seculares e regadas de copiosa agua, uma das quaes, a do Paço, teria, segundo a lenda, dado o nome a Alvorninha.

Refere-se imaginosamente que um seu antigo proprietario ia todos os dias visitar certa dama muito formosa, que morava no que é hoje logar principal, e que a mulher legitima lhe dizia com amargo despeito quando elle sahia de casa: *A vêr la niña!*

Pinheiro Chagas, que visitou Alvorninha,[1] fala do pinhal de Santa Cecilia e das aldeas de Matoeira e Trabalhia dos Vinhos, perdidas entre mattos.

[1] *Fóra da terra*, pag. 26.

O solo é muito fertil em vinho, especialmente ao sul.

O povo d'esta parochia não falta nunca á feira do Landal; nem á romaria da Nazareth, para vêr o cirio da Prata Grande.

Alvorninha fica na estrada de Rio Maior ás Caldas e passa por ser a freguezia mais antiga do concelho, pois que já o era em 1286. [1]

A freguezia de Carvalhal Bemfeito (843 hab.) assenta n'um ridente valle, a 10 kilometros das Caldas, sobre a ribeira do seu nome.

A do Cotto (574 hab.) demora apenas a 3 kilometros da cabeça do concelho.

Ambas estas freguezias contéem quintas ferteis e pittorescas, as quaes constituem, por isso mesmo, passeios agradaveis.

A freguezia do Landal (900 hab.) fica na estrada real das Caldas ao Carregado.

Tambem pertenceu ao concelho de Obidos.

Tem feira a 10 de agosto, chamada de Santa Suzana, porque se faz no logar d'este nome, onde ha uma capella.

O povo que vai vender ou comprar os seus bois á feira costuma dar com elles tres voltas em redor da capella.

Por decreto de 22 de dezembro de 1887 foi concedido o titulo de visconde de Landal a Julião Casimiro Ferreira, bacharel em direito.

O concelho das Caldas possue duas freguezias com o nome de Salir ou Selir, onomastico que tambem se encontra no Algarve, concelho de Loulé.

Salir dos Mattos (1:935 hab.) assenta na charneca, como o seu nome inculca, 3 kilometros a léste da estrada real de Leiria ás Caldas; e dista 5 da cabeça do concelho.

Salir do Porto (541 hab.) está situada defronte de S. Martinho do Porto, na base de uma eminencia, um kilometro a sudoéste da enseada.

Na maré vasa fica a descoberto entre estas duas povoações uma estrada de areia, dura e lisa, que serve para o transito de uma a outra.

As familias inglezas, que frequentam S. Martinho, mandam as suas creanças patinar descalças sobre este areal, que mede cerca de 3 kilometros de extensão.

As algas, deixadas pela vasante, exhalam um acre cheiro maritimo muito saudavel, e são transportadas em carros de bois para adubo das terras, com vantagem ao mexoalho fétido que para identico fim se recolhe nas praias do norte do paiz.

Salir do Porto pertenceu ao antigo concelho de S. Martinho, e é povoação mais antiga, postoque mais pequena que a d'este nome.

Foi porto de mar importante outrora, teve estaleiros para reparação e construcção de navios, uma vasta alfandega, de que só restam as ruinas, em parte aproveitadas para um posto da guarda fiscal, e um forte, junto a cujas paredes desmoronadas se levanta um pharol.

Perto do antigo edificio da alfandega emergem por entre a penedia, em tres nascentes que o mar deixa visiveis na vasante, umas aguas medicinaes applicadas com vantagem nas doenças cutaneas.

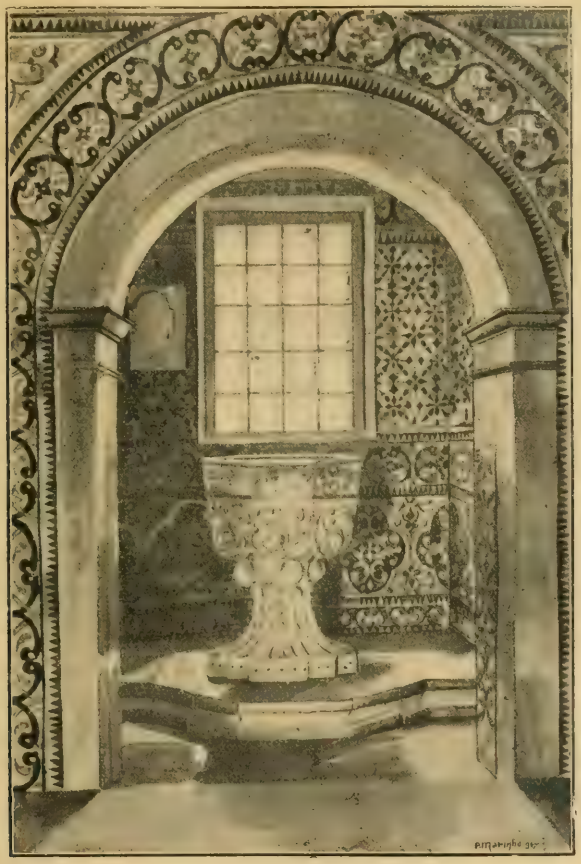
As pessoas que de S. Martinho vão ali banhar-se dentro de uma barraca n'um grosseiro poço, construido ha poucos annos, teem de desembarcar na penedia, e só o podem fazer quando a maré vasa. Tentou-se construir um balneario commodo e mais decente, mas a tentativa mallogrou-se.

As circumstancias especiaes e até pittorescas em que se encontram e aproveitam

[1] *Almanach de lembranças*, 1881, pag. 200. Eu dou muita fé ao que escreve a respeito de qualquer terra algum habitante d'ella, sob a forma de apontamento ou *lembrança*, porque o faz com amor patrio, e conta tudo quanto sabe e tem ouvido dizer aos velhos.

estas aguas constituem, no dizer de um illustre medico [1], «uma das mais interessantes curiosidades da hydrologia nacional.»

Tambem na maior reintrancia da enseada de S. Romengo, limitada a suéste pela ponta de Sant'Anna, onde ha uma capella, arruinada, d'esta invocação, nascem umas aguas ferricas, sodicas e calcicas, que se applicam em uso interno.



416—Baptisterio da Matriz das Caldas

E' difficil o accesso a estas aguas por Salir. Mas os barcos, quando o mar está manso, depõem os aquistas no pequeno desembarcadoiro ali chamado *prainha*.

Salir do Porto não ficava comprehendido na doação que D. Affonso Henriques fez aos monges de Alcobaça, — doação cuja authenticidade alguns escriptores contestam — de todas as terras e aguas vertentes que se avistavam da serra de Albardos [2], se conquistasse Santarem aos mouros.

---

[1] Dr. Ferreira de Castro, na *Medicina moderna*, XI anno, n.º 130, outubro de 1904.

[2] Ver 1.º vol. d'esta obra, pag. 394.

N'esse documento, verdadeiro ou apocrypho, de que tornaremos a falar no capitulo *Alcobaça*, declarava-se que a divisão do termo se havia de fazer pela foz de Salir, seguindo o rio ou garganta de Olmos.

Mas Sancho II, no segundo testamento [1], doou ao mosteiro de Alcobaça, entre outras povoações, Salir do Porto, *portum de selir*.

Em 1559 já os navios não podiam ir descarregar a Salir, como d'antes iam, por a foz estar assoriada.

Salir do Porto sustentou grandes contendas com o mosteiro de Alcobaça por causa dos direitos do pescado e das marinhas, e com S. Martinho por causa dos limites.

A freguezia de Santa Catharina da Serra (1.798 hab.) está situada em um outeiro a nordéste de Salir dos Mattos.

Dista das Caldas 13 kilometros, e era tambem uma das villas comprehendidas nos coutos de Alcobaça, cujos frades tinham aqui uma ferraria.

Deu-lhe novo foral D. Manuel em 1518.[2]

Teve Misericordia, hoje extincta, e tem feira a 25 de novembro, bons ares e bonissimas fructas.

A freguezia da Serra do Bouro (2.306 hab.) dista das Caldas 8 kilometros para noroéste, e é n'ella que está comprehendido o logar da Foz do Arelho. (Vide *Obidos*).

E' servida por uma estação da linha de oéste.

A freguezia da Tornada (1.567 hab.) fica a 5 kilometros das Caldas, para o norte. Produz excellentes melões. Lá diz *Francino Obidense*:

> Entra o *melão* rescendente,
> A que ás vezes chega nada,
> Ou no *Sobral* apanhado.
> Ou nos campos da *Tornada*.

A freguezia de Vidaes (1.286 hab.) estancea n'um valle aprazivel, cortado por uma ribeira, e dista das Caldas 10 kilometros, para suéste.

Em quasi todas as freguezias do concelho ha escolas primarias [3] e boas estradas.

A cultura dos arrozaes produziu em 1905 250 hectolitros.

---

[1] Vem nas *Provas* da *Hist. Gen.*, I, pag. 50 e na quarta parte da *Mon. Lus.*, pag. 78 v.

[2] O 1.º foral havia-o dado o Dom Abbade Frei João Martins. Mas el-rei D. Manuel, na reforma dos foraes, abrangeu tambem os coutos de Alcobaça, cujo Abbade (commendatario) era então seu filho o Cardeal Infante D. Affonso.

[3] Em 1907 foi creada uma escola para o sexo feminino na Tornada.

XXIV

Alcobaça

I

A VILLA — O MOSTEIRO

PFÁMO-NOS na estação de Vallado, que é a quarta na linha de oéste depois da das Caldas da Rainha.

Estamos na extensa planicie do Vallado.

Quando em 1888 visitei Alcobaça pela primeira vez, tracei rapidamente as seguintes linhas, que depois archivei no livro *Chronicas de viagem:*

«O Vallado é realmente um sitio delicioso, vasto, lavado de um puro ar saudavelmente temperado com o oxygenio dos campos e o iodo do mar, que não fica longe. Principia ahi o grande pinhal de Leiria; uma guarda avançada de bastos pinheiros faz sentinella ao *chalet* encarnado onde reside um fiscal da matta. Ao longe, dominando a estrada da Nazareth, o morro de S. Bartholomeu, phantasiosamente recortado, com a sua ermidinha entalada entre rochedos, parece olhar desdenhosamente para a planicie infinita que se lhe desenrola aos pés, timidamente, longamente...

«Do Vallado para Alcobaça ha diligencias, a tostão por pessoa.[1] E' preciso deixar passar o comboio para podermos atravessar a linha. Esperam-se cinco minutos, o comboio parte, e a diligencia do Gallinha parte logo depois do comboio.

«A estrada é graciosa, alegre como um sorriso luminoso da natureza, feito de claridade e verdura. A breve trecho estamos na Fervença, cujo nome provém das suas aguas sulphurosas, e onde um velho portico de propriedade nobre me enlearia o olhar, se não tivesse de voltar-me logo para vêr o edificio da fabrica de fiação e tecidos, estabelecida alli em 1874.

«Sombras, frescura, agua, a flux,—uma estrada que mais parece uma avenida de recreio cortada através de uma floresta banhada por nascentes abundantes.

«Avista-se Maiorga, avistam-se casaes alvejantes, frescos e claros, brilhando na

---

[1] Não quero enganar ninguem... por causa de um tostão. Hoje a *Guia official* do caminho de ferro marca 200 reis. A distancia é de 5 kil. apenas.

palpitação suave da verdura, levemente batida por uma pontinha de ar refrigerante. A agua corre nos campos, em ondas de abundancia, entornando diamantes ao saltar de pedra em pedra, como uma princeza louca, que vae estragando thesouros. E o arvoredo põe no solo branco e crú longas manchas de sombra, que parecem ligar-se caprichosamente pelos seus contornos irregulares, phantasticos.

«Surge-nos á margem da estrada outra fabrica, de louça, dando-nos a conhecer que vamos entrando n'um concelho vitalisado pela industria, laborioso e rico. Depois as primeiras casas da povoação, brancas e baixas, enfileiram-se em linha, correndo a par da diligencia, e um palacio, dominador e vasto, abre á luz sobre a estrada as suas janellas em longas series parallelamente dispostas.»

. . . . . .

«A diligencia entra n'um triumpho de estrondo e poeira — igual a todos os outros triumphos—no Rocio de Alcobaça, e á nossa esquerda, como um leviathan de pedra, ferido pelo arpéo do vandalismo, o mosteiro avulta na sua vastidão enorme, fria e dura, remendado, profanado, cuspido na face vetusta pela antiguidade e pelo progresso.

«A igreja, encravada no mosteiro, exhibe n'uma confusão cahotica os seus numerosos estilos architectonicos, especie de *bri-à-brac* de todas as grandezas de um passado extincto, e por entre as pedras e as imagens que negrejam como carvões contrastam remendos de cartão branco, farrapos de pedra nova, fazendo lembrar uma capa de pedinte pendurada do alto das torres, e aberta ao sol.

«Imaginem que visitando um dia a feira da ladra se recordaram subitamente de D. Affonso Henriques ao vêr um capacete de armadura posto sobre uma farda de soldado da guarda municipal.

«Foi o que me aconteceu.

«D. Affonso Henriques passou por alli, e plantou um mosteiro. Mas veio depois a invasão do Miramolim, e derrubou-o. Poz-se uma estaca á arvore partida, e a arvore renasceu. Vieram ainda depois os caprichos realengos, os accrescentos anachronicos, os terremotos, os raios, e D. Affonso Henriques, se voltasse a este mundo, não conheceria a sua bella arvore de pedra, plantada em honra de Nossa Senhora, por memoria do feito de Santarem.

«Aberta a porta do templo, talhada em arcos ogivaes, as suas vastas tres naves alongam-se n'uma fria extensão silenciosa, e ao fundo a capella-mór, em semi-circulo como todas as charolas das grandes basilicas, esfuma-se como n'um nevoeiro, que duvidosamente deixa entrevêr columnas e imagens.

«A' esquerda, uma porta abre sobre a chamada *casa dos reis*, que se nos patentea com os seus altos azulejos allegoricos, o seu caldeirão bojudo de Aljubarrota [1] e as suas estatuas grotescas, de reis antigos, presididos por Affonso Henriques, recebendo a coroa, curvado aos pés de S. Bernardo, essa *montanha de santidade*, como lhe chamou frei Luiz de Sousa.

«A' ilharga de Affonso Henriques, n'uma prateleira, um pequeno busto, em gesso, de D. Pedro V, põe n'essa galeria de antigas estatuas de reis, modeladas ao natural, uma nota acre de contraste moderno, mostrando como os reis teem ido perdendo na grandeza da sua exhibição...

«Tudo o que em Alcobaça é moderno, é atroz: especialmente o vandalismo.»

Sim, especialmente o vandalismo, a incuria, o abandono, apesar do mosteiro de Alcobaça ter sido considerado monumento nacional por um decreto de D. Maria II. Pois, não obstante a sobreposição e mescla de estilos, devidas a epocas, escolas e ini-

[1] E' um dos caldeirões que foram tomados em Aljubarrota aos castelhanos.

ciativas diveras, as reconstrucções, os concertos successivos e desharmonicos, quer dizer, não obstante a sua falta de unidade architectonica, o edificio de Alcobaça merece a attenção dos portuguezes porque representa o periodo glorioso do inicio da nossa nacionalidade, é uma chronica de pedra sob o ponto de vista politico e uma pagina interessante da historia do monachismo poderoso e absorvente.

Eu não venho aqui discutir se os documentos relativos á fundação de Alcobaça são authenticos ou apocriphos: se os fabricaram os frades ou se emanaram de origens historicas—se o voto de Affonso Henriques pela tomada de Santarem, o *Arco da memoria* na serra de Albardos, a carta de doação ao Claraval e a carta de S. Bernardo acceitando a doação correspondem á verdade dos factos ou são apenas phantasmagorias engenhosas.

O voto pode não ser verdadeiro, mas é tão natural como o de D. João I a respeito

447—Alcobaça—Vista geral

da Batalha, e outros; a doação, alem de ser um acto religioso, pode tambem haver sido um acto politico, sem prejuizo d'aquelle, com o fim de conseguir que o abbade de Claraval obtivesse de Roma a bulla que segurou na cabeça de Affonso Henriques a corôa do seu novo reino; e a carta de S. Bernardo, estabelecendo comminações severas contra os infractores da doação, parece-me verosimil em todos os tempos, porque por ellas procuraria o signatario garantir a effectividade da doação que recebia.

Limito-me a apontar lealmente as duvidas que se teem levantado, e a dizer que a historia da fundação de Alcobaça é, e será, á falta de provas irrecusaveis, um campo aberto a discussões e hypotheses.

O proprio fôro das botas, de que mais adeante falaremos, não é conhecido na sua origem documental, mas apenas por alguns diplomas e referencias que na successão dos tempos a elle dizem respeito.

Como quer que seja, parece que a fundação do mosteiro se realisou entre os annos de 1152 a 1154, e que não pode haver duvida sobre ter sido D. Affonso Henriques que o mandou edificar.

Quando a construcção começou, já estavam em Alcobaça alguns cistercienses francezes, os chamados *monges brancos* (que derivaram dos benedictinos e por isso traziam sobre a cogula branca o escapulario preto de S. Bento); mas haviam-se aposentado n'um recolhimento provisorio, em Santa Maria a Velha—hoje Conceição—emquanto as obras do mosteiro proseguiam, e ali estiveram 69 annos.

Em 1195 o Miramolim de Marrocos, Yacub, destruiu as paredes do novo edificio,

que já excediam meia altura, e mandou degolar os frades de Santa Maria a Velha, certamente porque lhe offereceram resistencia.[1]

Depois reconstruiu-se o que fôra destruido, e só em 1222 foi sagrada a igreja do mosteiro novo—de que o actual é uma transformação diluida.

O systema ogival trazido de França,[2] no seculo XII, talvez por algum architecto francez enviado do Claraval, não ficou constituindo em Alcobaça um estilo puro e uniforme, que tornasse aquelle mosteiro o monumento caracteristicamente representativo do cyclo artistico e historico em que foi fundado.

Successivamente se fizeram acrescentamentos, bem como, por causas diversas, reparos e desfigurações tanto no interior como no exterior do mosteiro.

Ramalho Ortigão[3] diz que desappareceu um claustro de D. Affonso Henriques, o que não parece crivel, porque a destruidora algara do Miramolim realisou-se no reinado de Sancho I e depois d'ella é que foi reconstruido o edificio.

Mas tanto os claustros como os dormitorios são de epocas differentes, e d'aquelles, o mais bello, chamado do *Silencio* e obra de D. Diniz, acha-se em parte destruido.

A capella-mór e a sacristia, mandadas fazer por D. Manuel, bem como outros trechos do mosteiro e alguns da villa, foram incendiados pelos francezes em 1811.

Fuschini entende que a fachada é «do pesado e feio estilo Renascença dos principios ou meados do seculo XVII.»[4]

De modo que a fabrica primitiva já não existe, e a adaptação a usos modernos tem perturbado o caracter antigo em parte do edificio, completando assim a descaracterisação produzida pelos estragos do tempo e do vandalismo.

O refeitorio, onde já o *manuelino* sorri sobre o gothico, é hoje theatro alcobacense; e a sala do capitulo foi despida dos seus ornatos.

Um dos dormitorios serve actualmente de quartel a artilharia n.º 2 (1.º grupo), como ha annos serviu para o mesmo fim a cavallaria 9.

Na ala norte do edificio estão installadas as repartições do concelho e o tribunal da comarca; e nos baixos d'esta mesma ala, a cadea.

O *jardim das murtas*, contiguo á sacristia, tendo ao meio a sumptuosa capella da Senhora do Desterro, é actualmente cemiterio publico.

O mosteiro de Alcobaça, que desde o seculo XVI foi a cabeça da ordem de Cistér em Portugal, mostra ainda, apesar da sua deploravel desfiguração e divergencias architectonicas, quanto era opulento, grandioso e monumental.

A cozinha chega a causar espanto pela sua amplitude immensa.

O famoso Beckford, na qualidade de argentario gastronomo, classifica-a «o mais extremado templo de glutões em toda a face da Europa.»

Madame Adam, que aliás não viu bem Alcobaça, chama-lhe «a cozinha de Gargantua.»

Os frades mandaram abrir a jusante de Chequeda um canal do Alcôa, que atravessou a cêrca e a cozinha, servindo a igreja e o mosteiro.

Na vasta officina culinaria os tanques, as piscinas, as mesas de marmore, os fornos e a chaminé colossal dão ainda hoje testemunho de quanto foi poderosa a ordem de S. Bernardo, que podia sustentar só n'aquelle mosteiro 400 monges (a tradição diz fabulosamente 990) e que mantinha no seu templo, desde o reinado de Affonso VI, um *laus perenne* ininterrupto — *perenne* no verdadeiro sentido d'esta palavra.

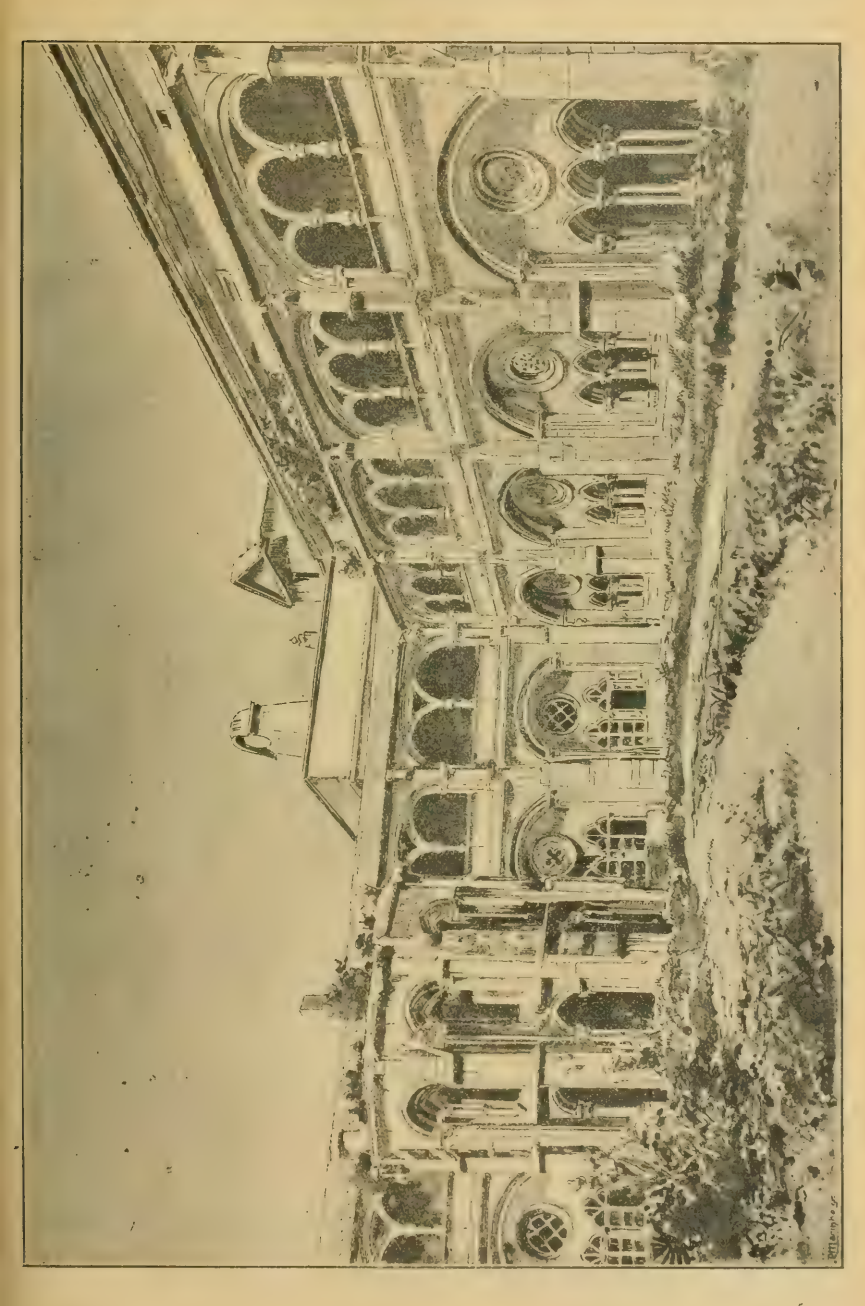
---

[1] Vide pag. 11 no I vol. d'esta obra.

[2] Este systema architectonico, ou seja o gothico, parece ter tido origem na Ilha de França, não obstante as contestações dos allemães e dos inglezes sobre a prioridade do systema.

[3] *O culto da arte em Portugal*, pag. 66.

[4] *A architectura religiosa na edade-media*, pag. 139-140.



448—Claustro do *Silencio* ou de D. Diniz, no mosteiro de Alcobaça

Na grande sala da livraria, cujos tectos são magnificos, agora convertida em camarata de soldados, existiram livros e codices de subido valor e em grande numero.

Ali trabalharam alguns dos mais afamados cistercienses de Alcobaça, taes como Frei Bernardo de Brito, em quem a probidade não é igual á erudição; Frei Affonso da Cruz, o polygrapho Frei Manuel de Figueiredo, Frei Manuel dos Santos, auctor de *Alcobaça illustrada*, e outros.

Quando os frades abandonaram definitivamente o mosteiro em 1833, muitos livros e papeis foram roubados, e dos restantes, que por ordem do governo vieram embarcados para Lisboa, muitos se perderam no caminho entre Alcobaça e S. Martinho do Porto, cahindo dos carros que os conduziam.

Com razão nota o *Panorama* [1] a injustiça dos apodos e dicterios com que a tradição deprime os frades bernardos.

Eu pendo a crêr que o apparato culinario de Alcobaça, assombro de nacionaes e extrangeiros, contribuiria muito para a lenda das *bernardices* pela supposição de que a gastronomia havia de tornar as digestões laboriosas, maior a plasticidade do sangue, e portanto mais difficil a irrigação do cerebro, e conduzir, finalmente, ao embrutecimento.

Comtudo não são poucos os escriptores e artistas brilhantes dados á gastronomia.

Theophilo Gautier era capaz de comer um boi; e o mesmo Gautier diz de Rossini —*il a toujours l'âme à la cuisine ou aux environs.*

Ora se a cozinha de Alcobaça era vasta, a população do mosteiro era numerosa; e alem d'isto os frades davam quotidianamente grossas esmolas de pão e vitualhas.

Alcobaça é uma eloquente prova contra aquella falsa lenda, não só por alguns cistercienses do seu mosteiro, como por muitos naturaes da villa que professaram a mesma ordem, e foram homens do valor de Frei Bernardo de Alcobaça, a quem se attribue a versão da *Vita Christi*, que Rivara suppõe ser o primeiro livro em vulgar impresso no nosso paiz e é uma das maravilhas typographicas do seculo XV; o illustre Frei Antonio Brandão, [2] continuador da *Monarchia Lusitana*, seu sobrinho Frei Francisco Brandão, e o talentoso folicularío miguelista Frei Fortunato de S. Boaventura.

Foi no mosteiro de Alcobaça que em 1269 se abriram as primeiras escolas publicas do paiz, aulas de grammatica, logica e theologia, regidas pelos frades.

Foram elles que favoreceram nos seus coutos o desenvolvimento da agricultura nacional antes de D. Diniz, creando granjas ou escolas praticas; e fomentaram a metallurgia pela exploração de minas e fundição em officinas suas. [3]

Em 1597 havia dentro do mosteiro uma typographia, porque n'esse anno se acabou ali a impressão da 1.ª parte da *Monarchia Lusitana*, escripta por Frei Bernardo de Brito.

O instituto monastico de Alcobaça cobrava rendas e tributos larguissimos.

Alem de varias quintas, casaes, pinhaes, olivaes, foros, laudemios, etc., os seus coutos comprehendiam 13 villas, a saber, Aljubarrota, Cós, Maiorga, Evora de Alcobaça, Alcobaça, Turquel, Santa Catharina, Alvorninha, Pederneira, Cella, Alfeizerão, S. Martinho, e Paredes, [4] que é hoje menos que um logarejo.

Sobre todos estes coutos, alem de tres portos de mar—S. Martinho, Pederneira e Salir—exerciam os frades direitos senhoriaes, não muitas vezes sem pesada mão e sem protestos dos respectivos povos, como aconteceu com os de Turquel e Evora de Alcobaça, cansados de soffrer vexações.

---

[1] Vol. IV, pag. 116.

[2] Veja-se o alto conceito que Alexandre Herculano faz d'este historiador no tomo V dos *Opusculos*, pag. 106.

[3] Tinham ferrarias em Aguas Bellas, proximo ao Vallado, e nas vizinhanças de Santa Catharina.

[4] Na freguezia de Pataias, ao norte da Nazareth. Em 1894 tinha apenas 2 fogos.

Os abbades do mosteiro foram fronteiros-mores, podiam levantar hostes, e assim succedeu por occasião da batalha de Aljubarrota; eram do conselho d'el-rei e seus esmoleres-móres; e usavam vestes prelaticias, porque eram os primeiros logo após os bispos do reino na jerarchia ecclesiastica.

Viviam á lei da nobreza e com grande fausto, como se pode ajuizar pelo romance de Herculano *O monge de Cistér* no capitulo VII, com relação ao abbade D. João

449—Fachada da igreja do mosteiro de Alcobaça

d'Ornellas; e no romance *Lagrimas e thesouros*, de Rebello da Silva, com relação ao seculo XVIII.

Fosse tão lata a doação feita ao mosteiro por D. Affonso Henriques, de todas as terras e aguas vertentes que se avistavam da serra de Albardos, ou fosse menos extensa, o que se pode affirmar é que os frades de Alcobaça receberam territorios, como outros colonos, no principio da monarchia, o que representava para a Corôa uma dupla conveniencia de momento, politica e economica.

Apenas a Corôa parece ter tido a cautela de affirmar o seu direito de predominio n'um tributo ou conhecença que hoje nos parece ridiculo pela forma, mas que suppomos representar um symbolo juridico do padroado real.

Refiro-me ao fôro de um par de botas, balegões ou sapatos que os frades tinham de pagar annualmente aos reis.

Identico symbolo se encontra, como sabemos, na historia de Alemquer, cuja renda pertencia á Casa das Rainhas para ser applicada aos seus chapins.

O sapato ou a bota reveste o pé, e é pelo pé que o corpo humano calca a terra, *qu'il la frappe du pied en maître*, como diz Michelet, no exercicio do direito de posse e propriedade.

Affonso II foi muito inclinado aos frades de Alcobaça, especialmente ao abbade, como se vê do seu testamento; Affonso III, igualmente fanatisado, supprimiu o imposto das botas por carta de 3 de novembro de 1314.

Mas Affonso IV, conhecendo o perigo d'esse rival monastico, procurou contel-o em respeito chamando a si algumas terras que os frades traziam sonegadas.

D. João I, grato ao soccorro que lhe prestára em Aljubarrota o abbade D. João d'Ornellas, honrou o mosteiro com o presente de varios despojos tomados n'aquella batalha aos castelhanos, entre os quaes despojos iam os famosos caldeirões.

O sabio jurisconsulto João das Regras media o alcance politico, e os seus inconvenientes, das repetidas homenagens da Corôa ao mosteiro. Por isso, morto D. João d'Ornellas, conseguiu que nas côrtes de Santarem, em 1427, o rei declarasse que o mosteiro de Alcobaça lhe pertencia e que podia fazer d'elle o que quizesse.

Esta medida era tanto mais precisa, quanto é certo que nas terras dos coutos o grito de soccorro não era — *aqui d'el-rei*, mas — *aqui do abbade* ou do *mosteiro*.

D. João III cassou importantes privilegios ao mosteiro de Alcobaça, pelo que, diziam os frades, o céo o castigára com a morte do seu successor.

Referiam-se ás comminações estabelecidas na carta que se attribue a S. Bernardo.

D. João IV, fazendo uma doação ao mosteiro, evoca esta carta, o que representa habilidade politica no sentido de attrahir o clero poderoso á obra da restauração; mas salvaguardou os direitos do padroado restabelecendo a conhecença das botas.

N'uma e outra cousa foi bem aconselhado.

O que temos visto basta para convencer-nos de que o poder real luctou por vezes com o poderio de Alcobaça, temendo o seu perigo.

O orgulho dos abbades, maiormente quando eram perpetuos [1], explica, mas não authentica, a anecdota recolhida por Madame Adam, de que os reis, quando iam a Alcobaça, subiam tres degraus á medida que os abbades desciam outros tantos.

Um dos maiores attractivos da igreja de Alcobaça, na actualidade, são os tumulos de Pedro I e Ignez de Castro, collocados no pantheon real ou *sala dos tumulos*, que está agora na nave direita do cruzeiro, desde o seculo XVI, mas que primitivamente era no claustro de D. Diniz.

O visitante quasi não faz reparo nos moimentos de Affonso II, de Affonso III, da rainha D. Beatriz de Gusmão e de alguns infantes; apenas volta a sua attenção para aquelles dois tumulos, *celebres no mundo inteiro.* [2]

Estes dois sarcophagos são de marmore branco e bellamente trabalhados. As estatuas jacentes, maiores que o natural, diz a lenda que foram por ordem de D. Pedro dispostas com os pés de uma voltados para os pés da outra, «de maneira que no dia de juizo, se resuscitarem na mesma posição, ver se-não mutuamente, logo depois de terem visto o céo.» [3]

Tendo estes tumulos sido feitos em vida de D. Pedro, é de suppôr que as estatuas tenham a possivel fidelidade de feições e trajes. Pena foi, por isso, que os francezes, não contentes com violar os tumulos á cata de joias, esbrucinassem o nariz da figura de D. Ignez de Castro, o que lhe perturba a physionomia.

---

[1] Depois foram substituidos pelos commendatarios, que não eram monges, e por ultimo houve abbades triennaes, como os outros prelados das congregações regulares: tudo isto representa um abaixamento das regalias monasticas de Alcobaça

[2] Principe Lichnowsky, *Portugal*, cap. V.

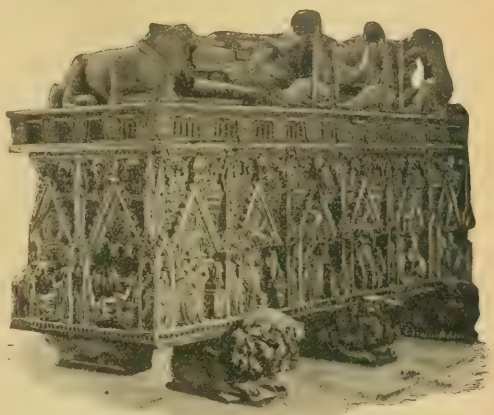
[3] Mesma obra e cap.

Em Alcobaça os francezes encontraram muito que roubar — vasos sagrados, paramentos, candelabros, tocheiros e por fim tentaram pôr fogo ao mosteiro e á villa.

E tudo violaram e roubaram n'uma brutal selvageria de rapinancia execranda.

Ignez de Castro tem sobre a cabeça a corôa real, e talvez d'aqui nascesse a lenda da coroação por a phantasia do povo englobar esta circumstancia no apparato magestoso com que a ossada foi conduzida da igreja de Santa Clara de Coimbra para a de Alcobaça, por entre milhares de homens com brandões accesos, ou, como diz Schœfer poeticamente, por entre duas filas de estrellas.

Fernam Lopes não fala da coroação, e o seu silencio a este respeito é motivo para duvidas, ainda que Faria e Sousa, no commentario aos *Lusiadas*, diz possuir uma copia do auto d'aquella cerimonia, cujo autographo *se conservava no archivo real*, onde aliás não tem apparecido.



450—Alcobaça—Tumulo de D. Pedro I

Por isso, quando já falamos de Ignez de Castro n'este mesmo volume, [1] dissemos cautelosamente: «O que *se conta* é que ella foi rainha depois de morta».

Aos pés de D. Pedro está deitado um cão da raça que em Inglaterra tem o nome do rei Carlos II. [2] O cão é o symbolo da fidelidade; mas como fosse mutilado na cabeça, que lhe falta, fica a gente a pensar que o acaso tem ás vezes ironias opportunas, por isso que a fidelidade de D. Pedro não foi inabalavel nem completa.

Os dois tumulos são bellamente lavrados de varios lavores, que mostram o progresso da esculptura em Portugal n'essa epoca longinqua. Segrego aos *Idyllios dos Reis* um rapido trecho descriptivo, não como pintura fiel, mas como impressão total:

> Dois tumulos iguaes, onde avultam primores,
> Lagrimas, cherubins, estrellas, aves, flores,
> Lavrou-os o cinzel não menos que a saudade
> Para que, par a par, durmam na eternidade
> Ignez e Pedro, os dois, n'uma serena alliança,
> Redivivo o amor, saciada a vingança

Em 1569, por occasião da peste, D. Sebastião — que tinha a esse tempo quinze annos de idade e um de reinado — veio fugindo á epidemia de Coimbra para Obidos e de Obidos viera a Alcobaça, onde teve a velleidade de mandar abrir os tumulos dos seus antepassados, que jaziam no pantheon do mosteiro.

Como lhe dissessem que o moimento de D. Pedro se não poderia abrir sem causar estragos no marmore, o joven rei respondeu desdenhoso:

— Deixem-n'o, não lhe toquem, porque nem nelle nem no outro (apontando para o de Affonso II) ha que vêr, *ou de que tirar exemplo*; pois alem de nenhum acrescentar por armas ao reino um palmo de terra, *um com amar mulheres*, e outro com as perse-

[1] Pag. 43.
[2] *Kieg's Charles.*

guir [1], deram assás de trabalho, e deixáram pouco que imitar a seus successores.

Mas um frade que estava presente, Frei Francisco Machado, deu-lhe logo troco com hombridade.

D. Sebastião ficou agastado e encarregou seu tio, o cardeal D. Henrique, então abbade commendatario de Alcobaça, de reprehender o monge. Assim se fez, mas o cardeal, particularmente, louvou o frade.

Parece que D. Sebastião, n'esta revista ao contheudo dos tumulos, queria principalmente verificar se a rainha D. Beatriz de Gusmão era rabuda, como o povo dizia, lenda que parece ter-se filiado em dois factos: ser descendente por sua mãe de uma casa de principes alcunhados *agotes* por execração publica contra a sua tyrannia [2] e haver introduzido em Portugal os vestidos de cauda.

A lenda desfez-se com a inspecção, quando o tumulo em 1569 foi aberto. [3]

E basta ácerca do mosteiro, em torno do qual se avoluma uma já copiosa litteratura, que mal poderiamos summariar n'este capitulo. [4]

Passemos agora á villa, a que D. Manuel deu esta categoria em 1513.

Que Alcobaça foi povoação romana, não se pode duvidar por muitos vestigios que teem sido encontrados. Mas o seu castello parece que o construiram os mouros, e que os frades o mandaram reconstruir. A este castello se refere Sancho I no seu testamento como sendo um dos depositos do thesouro real. [5] Eis aqui a razão porque eu falo d'elle.

Quanto á etymologia do onomastico — Alcobaça —, durante seculos se repetiu que resultara da agglutinação dos nomes dos rios Alcoa e Baça, os quaes se juntam em logar muito pittoresco a dois kilometros da villa, onde já entram confundidos. Na margem esquerda da confluencia é que outrora funccionou a antiga fabrica de pannos de Alcobaça, tão celebre pelos seus lenços.

Parece impossivel que, para condemnar aquella etymologia, não lembrasse a ninguem que ha outras Alcobaças no paiz, tanto ao sul como ao norte, sem que n'ellas se dê a coincidencia de rios d'aquelles nomes.

Afigura-se-me, pelo contrario, que seria a cesura medial da palavra Alcobaça que baptisaria o Alcoa e o Baça.

Sousa, nos *Vestigios da lingua arabica*, suppõe que o onomastico *Alcobaxa* (carneiro) o poriam os mouros a esta localidade por comparação dos outeiros, que a cercam, com outros tantos carneiros.

Contra esta imaginosa etymologia oppõe o meu erudito amigo sr. Vieira Natividade outra pelo menos mais terrena: que Alcobaça virá de *Helcobatiae*, cidade romana que os antigos geographos collocam junto da velha Callipo (Leiria).

---

[1] Referencia á perseguição de Affonso II contra as irmãs.

[2] O nosso povo das provincias ainda hoje crê que os judeus teem rabo por maldição de haverem martyrisado Jesus Christo.

[3] Sobre esta lenda veja-se Frei Francisco Brandão na *Mon. Lus.* e Viterbo no artigo *Rabudos* do *Elucidario*.

[4] *Alcobaça illustrada* (1710) por Frei Manuel dos Santos; *Historia... de Alcobaça* por Frei Fortunato de S. Boaventura (1827); *Alcobaça vindicada* por Frei Manuel dos Santos (1714) resposta á *Justa defensa* do Padre Francisco de Santa Maria; *Chronica de Cister* (1602) por Frei Bernardo de Brito; *Monarchia Lusitana; Travels in Portugal* por Murphy, e outras obras extrangeiras, a destacar as *Recollections* de Beckford; *Uma digressão a Alcobaça* (1879); *O Mosteiro de Alcobaça* (1885); *Roteiro archeologico de Alcobaça e coutos* (1890), e *Grutas de Alcobaça* (1901), por M. Vieira Natividade; *Alcobaça*, poemeto por Minoso Ruiz, (1898) etc.; e uma infinidade de artigos em revistas illustradas e periodicos tanto antigos como modernos.

[5] *Abbas & Conventus Alcobatiæ tenent in suo Costello illos* (mobitinos) *quos mando dari pro anima mea*, etc. *Provas da Hist. Gen.*, I, 19.

Mas como explicar então a existencia de outras Alcobaças em Melgaço, Grandola, Setubal, Torres Vedras, Elvas, e até no concelho de Santarem uma Alcobacinha?

A villa, que tem por orago o Santissimo Sacramento e uma população de 2.306 almas, é alegre, sorridente, com largas e claras ruas; e todo o seu aro é gracioso e fecundo, especialmente em bonissimas fructas.

D'estas merecem singular menção os pêros, maçãs doces e oblongas, a que falsamente se chama leiriôas, como nota *Francino Obidense*:

Mas por este vario pômo,
Tamanha mudança passa,
Que lhes chamam leiriôas,
Sendo filhas de Alcobaça.

A primeira igreja parochial de Alcobaça foi Santa Maria a Velha; depois, desde 1648, a *igreja nova* [1]; e hoje é a do mosteiro.

451—Alcobaça—Tumulo de D. Ignez de Castro

O templo da Misericordia, arruinado em 1563 por um abalo de terra, foi reconstruido pelos frades.

O hospital da Misericordia é magnifico e está situado no cabeço da Rocha, na extrema oriental da villa, bem como o annexo para doenças infecciosas, que foi inaugurado no dia 1 de maio de 1906.

Tem Alcobaça um asylo de infancia desvalida, devido ao conselheiro Peito de Carvalho quando governador civil de Leiria, um museu archeologico, que é propriedade do sr. Vieira Natividade, um monte pio, e, alem de theatro, club, gabinete de leitura, uma fanfarra e praça de touros.

Existem n'esta villa umas thermas, que se denominam da Piedade, pertencem á camara municipal e gosam de bons creditos.

O movimento industrial de Alcobaça, especialmente fabril, data de antigos tempos.

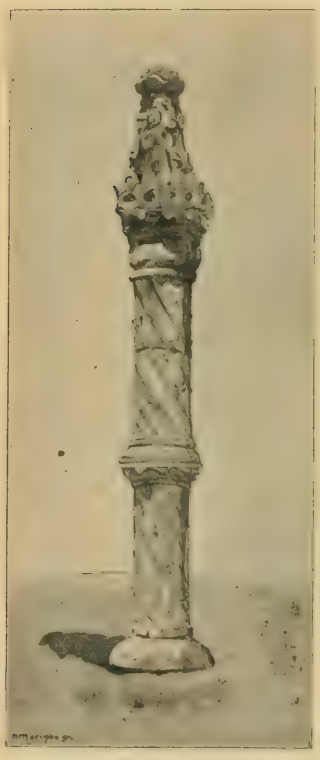
[1] Fica defronte do mosteiro.

Gil Vicente, na *Farça dos almoxreves*, refere-se mais de uma vez aos «pannos de Alcobaça»; e é conhecida uma carta regia pela qual D. João III, em 1544, nomea Antonio Marques escrivão dos pannos que se fabricavam em Evora d'Alcobaça e Turquel.

No seculo XVIII havia uma fabrica de estamparia, que produzia os celebres lenços tabaqueiros, notaveis pela solidez do tecido e fixidade da côr.

Esta fabrica, a que já mais longe nos referimos, foi incendiada pelos francezes em 1811.

No seculo XVI estabeleceu-se nos coutos, sitio da Fervença, uma fabrica de papel, pelo aforamento que o mosteiro fez dos respectivos terrenos e aguas ao industrial Manuel Goes.



452—Alcobaça—Pelourinho do couto d'Evora

No seculo XIX, Bernardo Pereira de Sousa tentou aproveitar n'um estabelecimento fabril o motor natural — a agua.

Foi Joaquim Ferreira d'Araujo Guimarães, de parceria com A. Grillo, quem conseguiu realisar esta idea, fundando uma fabrica de tecelagem.[1]

Hoje trabalham em Alcobaça, alem da fabrica da Companhia de fiação e tecidos, uma de pannos de algodão, representada pela firma Carvalho & Ribeiro, fabricas de carruagens, de ceramica, de conservas, de cordoaria, de moagem, de papel, de pirolitos e gazosas.

A imprensa tem sustentado a tradição typographica do mosteiro.

Em 1874 publicou-se *O Alcobacense*, boletim de annuncios, que ainda durava em 1889; e n'este mesmo anno começou a publicar-se *O Correio de Alcobaça*.

Actualmente ha dois periodicos: *Noticias de Alcobaça*, que conta sete annos de existencia, e de que é proprietario e director o sr. A. Coelho da Silva, com officina propria; e *Semana alcobacense*, tambem semanal.

Em 1844 o principe Lichnowsky achou tão má a hospedaria de Alcobaça, que teve de fugir durante a noite.

Pois eu, em 1888, comi bem e barato—muito bem e muito barato—no *Hotel do Gallinha*; e alem d'este *hotel*, que não sei se ainda é dirigido pela mesma pessoa, ha outro.

Na villa fazem-se duas feiras, a 20 de agosto e 30 de novembro, mercado semanal aos domingos, e mensal nos dias 25.

E ha escolas para ambos os sexos.

Em 1834 foi Henrique da Silva da Fonseca Cerveira Leite agraciado com o titulo de barão de Alcobaça, e em 1841 promovido a visconde.

Era par do reino, e falleceu a 15 de janeiro de 1852.

---

[1] Este assumpto está largamente tratado no opusculo *Uma digressão a Alcobaça em março de 1876* por A *** (Porto, 1876).

O concelho de Alcobaça tem uma população de 28.621 habitantes, e compõe-se de 15 freguezias incluindo a da villa e duas em Aljubarrota.

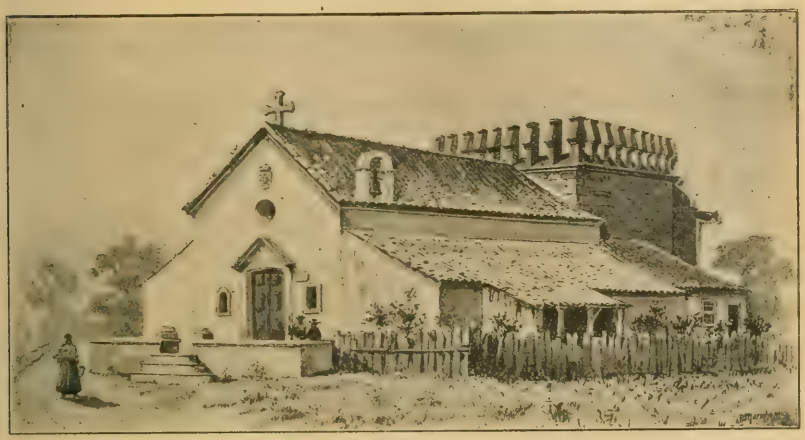
No administrativo pertence ao districto de Leiria e no ecclesiastico ao Patriarchado.

O concelho comprehende alguns arrozaes, cuja producção no anno de 1905 foi de 922 hectolitros.

Almeida citou a respeito de Alcobaça, e Pinho Leal repetiu, um adagio topico: que se não perguntasse ali pelas—argolas da carruagem da rainha.

Isto carece de rectificação.

Quando a rainha D. Maria II visitou Nazareth e Alcobaça, succedeu que ao che-



453 —Capella de S. Jorge, que representa o terreno onde Nun'Alvares arvorou a sua bandeira

gar a esta ultima villa foi notada a falta de uma ou duas argolas do coche real, as quaes não eram de prata, mas apenas de metal branco.

Procurou-se averiguar se as argolas teriam sido perdidas ou roubadas, o que aliás causou, como era natural, desagradavel impressão no primeiro momento.

O facto, porem, não revestiu maior importancia que a de uma occorrencia vulgar, e, como tal, tinha passado e esquecido.

Evocaram-n'o Almeida e Pinho Leal, sem comtudo o esclarecer, posto o aggravassem dizendo que a sua recordação irrita ainda hoje os alcobacenses.

A verdade é que não acontece assim.

Esta informação devo-a a um investigador que ha mais de vinte annos a pôde colhêr com difficuldade, tão apagada era já então a memoria d'aquelle facto no espirito das ultimas gerações.

II

OUTRAS FREGUEZIAS DO CONCELHO

Alfeizerão.—Orago S. João Baptista; população, 2.504 hab. Situada a oéste da serra do seu nome.

Tem um castello, em ruinas, ao norte da povoação: tomou-o D. Affonso Henriques aos mouros em 1147.

Alfeizerão era outrora porto de mar, muito concorrido; [1] sendo a barra defendida por uma torre, que servia tambem de alfandega e pharol.

O assoriamento foi-se formando a ponto que os cinco kilometros que medeam entre a villa e o mar apenas conservam, como indicio do passado, muitos paues.

Alfeizerão era uma das alcaidarias dos coutos de Alcobaça.

Deu-lhe foral o abbade D. João Martins; e el-rei D. Manuel reformou este foral em 1514.

Sousa diz que Alfeizerão vem do arabe Alcheizaran, e exprime caniço ou canavial meudo; mas uma lenda local conta que, tendo os mouros opprimido os habitantes da aldea do Casal, estes se queixaram a D. Affonso Henriques, que então se encontrava em Alcobaça, e que lhes respondeu: «Ide-vos em paz, que os mouros a *alfange irão.*» [2]

A primitiva Alfeizerão parece ter tido assento 500 metros ao sul da villa actual. Querem alguns auctores que ficasse perto de uma cidade chamada *Eburobritium;* outros sustentam—e o dr. Hubner cita esta opinião—que *Eburobritium* fosse onde agora fica *Ebora* de Alcobaça, cujo onomastico se poderia assim explicar.

O que é certo é que teem sido encontrados em Alfeizerão importantes vestigios do tempo dos romanos.

Hoje a localidade d'este nome é uma «pequena e melancolica villa, que estende ao longo da estrada as suas casas quasi tão silenciosas como as ruinas quasi arrazadas de uma velha fortificação»—diz, com verdade, Pinheiro Chagas. [3]

A freguezia comprehende varios logares, entre elles Val de Maceira—um dos passeios dos *habitués* das Caldas da Rainha.

Dista de Alcobaça 15 kilometros para sudoéste, e está ligada por estradas a S. Martinho do Porto, Leiria e Caldas da Rainha; e por um atalho á Nazareth.

Tem feira que principia a 15 de janeiro e dura tres dias.

Produz trigo, centeio, milho e vinho.

Nos seus campos criam-se touros bravos por iniciativa dos snrs. Victorino Froes e Luiz da Gama.

Tambem ha alguns creadores de cavallos.

Teve Alfeizerão santa casa da Misericordia, hoje extincta; e possue escolas para ambos os sexos.

---

[1] «O rio de Alfeiserão quatro léguas distante do logar de Paredes para o sul, era capaz, em tempo de el-rei D. Manuel, de oitenta navios de alto bordo, por informação que o Infante Cardeal D. Affonso (abbade então de Alcobaça) de cujo districto são estes portos, mandou fazer, e no tempo que isto escrevemos (1650) tem tão pouco fundo, que apenas nada nelle um barco, e até o mesmo porto, e bahia de Selir, onde fenece, recolhe muito poucos navios, e dos de menos porte.» *Mon. Lus.* 5.ª Parte, liv. XVI cap. LXI.

[2] Artigo do sr. José Carvalhaes, no *Archeologo português*, VIII, 92.

[3] *Fóra da terra*, pag. 16.

Aljubarrota.—A villa d'esta denominação tem duas freguezias: S. Vicente, com 1.394 hab; Nossa Senhora dos Prazeres, com 2.044.

Esta ultima é a mais antiga, porque só em 1596 se instituiu aquella parochia na primitiva capella do seu nome, onde foram enterrados alguns combatentes da famosa batalha. Só em 1569 é que a capella se transformou em igreja.

A povoação está situada na estrada real de Leiria ás Caldas, á aba da serra de Porto de Mós para o occidente, e a uma légua de Alcobaça.

Não foi no sitio da villa actual que se deu a batalha, aliás travada n'um logar que era então charneca. A capella de S. Jorge,[1] que se encontra ao lado esquerdo da estrada que vai para Alcobaça, a 3 kilometros da igreja da Batalha, representa o terreno onde Nun'Alvares arvorou a sua bandeira, e foi mandada edificar por elle.

Mas por ser Aljubarrota a unica povoação de alguma importancia, que por ali havia, foi ella que veio a dar o nome á batalha.

Madame Adam impressionou-se agradavelmente com a villa actual: diz que é alegre, asseada e que revela aquelle ar de mediania vulgar entre nós, que faz sorrir quando se ouve falar da pobreza de Portugal.[2]

Pinheiro Chagas achou que Aljubarrota era uma «historica e melancolica villa, onde reina um eterno silencio, como se Aljubarrota, que foi um altar, fosse hoje uma campa.»[3]

Não ha nada mais difficil do que pôr de accordo dois escriptores... menos d'esta vez.

Pinheiro Chagas tem razão, e tambem a tem o auctor de *Uma digressão a Alcobaça* quando diz de Aljubarrota: «E' uma terra em decomposição. Ha alli o silencio dos cemiterios, e respira-se não sei que ar, que nos dá tristeza». E logo adeante insiste dizendo: «ruas sem gente, janellas fechadas».

Mas, em compensação, nada mais bello do que o panorama da encosta que sobe de Alcobaça para Aljubarrota.

Talvez a belleza d'este panorama contribua em parte para acharmos Aljubarrota feia e triste, pelo menos melancolica.

Avista-se o lindo cone encimado pelo eremiterio de S. Bartholomeu, o promontorio da Nazareth com o seu grupo de casas alvejantes, e na extrema do occidente o oceano; para o norte a mancha verdenegra dos pinhaes das Pataias; a sudoéste a Vestiaria, no alto de um monte, cujas vertentes estão cobertas de pomares e florestas; e ao sul Evora, casaes, logarejos — um gracioso panorama, emfim.

Foi no dia 14 de agosto de 1385, uma segunda feira, que se feriu a batalha chamada de Aljubarrota, batalha na qual tão galhardamente se jogou a sorte do rei e do povo portuguez, o destino da nação inteira.

Eram ainda os tempos em que a fé religiosa e a galantaria das armas andavam conjugadas com a bravura militar.

Na vespera da batalha D. João I promette erigir um templo á Virgem se ficar victorioso; e alguns dos cavalleiros, entre os quaes os que constituiam a celebre *ala dos namorados*, fazem aquelles audaciosos votos de valor bellicoso a que então se chamava «denodamentos».

Vamos pôr frente a frente as duas versões d'esta batalha, a portugueza e a castelhana.

Versão portugueza — D. João I de Portugal soube em Abrantes que o rei de

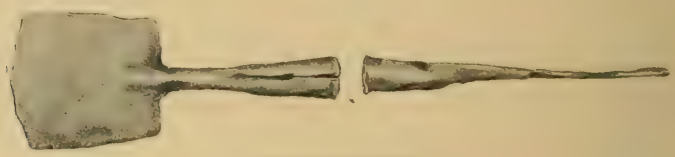
---

[1] S. Jorge *da Charneca* se diz geralmente.

[2] *La patrie portugaise*, pag. 369.

[3] *Fóra da terra*, pag. 127.

Castella marchava pelo occidente sobre Lisboa. Chamou á pressa todos os reforços possiveis: Nun'Alvares veio do Alemtejo; de Lisboa partiu Fernam Rodrigues com 500 homens, dos quaes 105 eram inglezes. O exercito portuguez constava apenas de 6.500 homens. O exercito castelhano compunha-se de mais de 30 000 homens,[1] e 16 bombardas ou trons, peças de artilharia, ainda então desconhecidas em Portugal. Nun' Alvares tomou o commando da vanguarda, 600 lanças; Mem Rodrigues e Ruy Mendes de Vasconcellos o da ala direita—a dos namorados—200 lanças; Antão Vasques o da ala esquerda, tambem 200 homens, principalmente extrangeiros. Os peões e bésteiros não tiveram logar marcado, e as bagagens ficaram na rectaguarda do exercito. Os castelhanos vieram do norte para o sul, e os portuguezes de léste para oéste. Estes postaram-se com a frente para Leiria, e aquelles foram tomar posição em Aljubarrota. Então o rei de Portugal operou uma conversão de frente, e esperou que amanhecesse. O campo onde a batalha se travou, depois do meio dia, era plano e chão, sem grandes obstaculos naturaes. Foram os castelhanos que escolheram o terreno, e que obrigaram



454—A pá de Aljubarrota

por isso os portuguezes a uma conversão. O exercito de Castella era commandado pelo seu rei, que tambem se chamava D. João I, o qual montava durante a batalha uma mula e, quando viu quasi derrotado o seu exercito, foi o primeiro a fugir n'um cavallo, que o camareiro-mór lhe cedeu, em caminho de Santarem.

Versão castelhana. Ximenes de Sandoval, na monographia militar *Batalha de Aljubarrota* (1872), e outros escriptores hespanhoes sustentam que o numero dos castelhanos não era tão superior ao dos portuguezes como se suppoz[2], pois constava de 32 mil homens, e 12.000 não combatentes; que os portuguezes eram 10.000, incluidos 700 inglezes; que no campo da batalha havia obstaculos, barrancos e rios,[3] que obrigaram os castelhanos a uma apertada reducção de frente; que no conselho realisado em Ciudad Rodrigo prevaleceu o voto dos mais ousados, para dar batalha, quando o dos mais prudentes era que entrassem em Portugal talando e incendiando e pondo guarnições nas terras que fossem tomando; que se não esperou pelos reforços do infante D. Carlos, filho do rei de Navarra; que os portuguezes se collocaram de modo que os seus flancos eram protegidos por barrocaes; que os castelhanos, por serem em maior numero, tiveram de ficar na planicie descoberta; que não foi seguido o parecer de sabios generaes no sentido de evitar a batalha em taes condições, alem de se não dar tempo para reparar a fadiga do exercito em consequencia de uma longa marcha e da falta de alimento; que o rei de Portugal estava válido e animava as hostes, ao passo que o rei de Castella, por doente, andava n'uma cadeirinha *(silla de manos)*.

---

[1] Fernam Lopes calcula «pouco mais de trinta mil»; mas na propria versão castelhana se confessa que eram 32.000.

[2] Isto com referencia á lenda que chegou a elevar a sessenta mil e cem mil o numero dos castelhanos.

[3] Os rios nada aliás tinham de caudalosos. Um era o Lena, e outro um seu affluente. Alem d'isto estava-se em agosto, epoca de estiagem. Na charneca havia uma fonte, da qual o rei portuguez bebeu depois da batalha e que por esse motivo se ficou chamando—*Fonte d'el-rei.*

Corre a tradição de que uma padeira de Aljubarrota, Brites de Almeida, por alcunha a *Pisqueira*, matára sete castelhanos com uma pá de ferro.

Herculano diz a tal respeito: «se attendermos a que estes sete homens podiam ser assassinados depois da batalha, quando as gentes d'el-rei de Castella, cheias de fome e cansaço, se derramaram pelos campos de Aljubarrota, sem offerecerem a minima resistencia a quem as accommettia, de que são testemunha os antigos chronistas, então a façanha da celebre padeira, perdendo grande parte do seu maravilhoso, se torna possivel.»

Mas esta e outras lendas da batalha de Aljubarrota considera-as o illustre escriptor

455 – Antiga igreja de Aljubarrota

um symbolo, uma expressão da ideia viva e geral dos portuguezes d'aquelle tempo—o odio ao dominio extrangeiro.

A biographia lendaria de Brites de Almeida, virago de côr terrena, cabello crêspo, nariz adunco, e seis dedos em cada mão, moradora na rua Direita (junto ao celleiro dos monges de Alcobaça) foi colligida, com relevante primor de linguagem, pelo sr. Antonio Pereira da Cunha, nos *Brios heroicos de portuguezas.*[1]

A famosa pá esteve por muitos annos guardada nos paços do concelho, e figurava na procissão que se fazia a 14 de agosto. Durante a occupação hespanhola, Manuel Pereira da Motta escondeu-a dentro de uma parede do edificio d'aquelles paços. Só depois de 1640 a tiraram desse esconderijo. Actualmente mostra-a o sr. José Maria Carreira, que a conserva em sua casa.

Ha 30 annos, no tempo em que Pinheiro Chagas foi a Aljubarrota, o depositario da pá chamava-se Antonio Pedro.

---

[1] Apenas saiu o 1.º tomo; em 1861, Lisboa.

Antigamente só podia mostral-a na Praça alguma padeira solteira e honesta.

A pá, na crença de ser a mesma, é quadrada, enegrecida pela ferrugem, tem cabo moderno, pequeno, e pintado a pós de sapatos.[1]

De fronte do pelourinho da villa fica o antigo edificio dos paços do concelho com uma inscripção latina por cima da porta, a qual inscripção se refere ao feito de Brites de Almeida.

Sobre o onomastico—Aljubarrota—Frei Fortunato de S. Boaventura divagou phantasiosamente. O sr. Vieira Natividade viu um manuscripto em que se dizia que aquelle vocabulo vinha do arabe e significava prisão quebrada, mas pende á opinião de Viterbo—de que seja *aljuba* (veste mourisca) *rota*.

Eu acho tudo isto muito escuro.

A villa tem Misericordia, fundada em 1520; e na freguezia de Nossa Senhora dos Prazeres escolas para ambos os sexos.

E' povoação abundante em trigo, milho, centeio, vinho, azeite, gado, caça e boas fructas.

Em Aljubarrota nasceu Eugenio dos Santos Carvalho, que foi o architecto da reconstrucção de Lisboa depois do terremoto. Pertencia á illustre familia dos Carvalhos e Negreiros. Dirigiu a escola de architectura, chamada então Casa do Risco. No resurgimento da cidade baixa seguiu a descripção da nova Salento de Fenelon, sem reflectir, diz Wolkmar Machado, que um sabio pode ser mau architecto.

Em 1837, por occasião da «revolta dos marechaes», foi em Aljubarrota que, depois da acção do Chão da Feira, se realisou uma conferencia como tentativa para chegarem a accôrdo os belligerantes sobre a questão constitucional. Mas a tentativa falhou.

Alpedriz.—Orago Nossa Senhora da Esperança, população 1.089 hab. Diz-se ter sido a villa fundada pelos mouros com o nome *Abi Driz*, que significa Pai de Driz. D. Sancho I mandou occupar por cavalleiros de Calatrava esta villa [2], que não fazia parte dos coutos do mosteiro de Alcobaça. Está situada n'uma planicie junto ao rio Abbadia, e dista de Alcobaça 12 k. para o norte. Teve Misericordia, hoje extincta.

E' tradicional a pompa com que em Alpedriz se realisa a festa do Espirito Santo, em cuja procissão tomam parte mulheres levando á cabeça taboleiros com fogaças, lindamente ornamentados.

Em seguida á procissão, por costume antigo, vão os mordomos entregar um pão a cada fogo: os pães que sobejam são distribuidos ao povo na igreja. Chama-se a isto *a fatia*.

Benedicta—Orago Nossa Senhora da Encarnação. População, 2:045 hab.

Está situado o logar principal junto á serra dos Candieiros ou dos Molianos. [3]

Suppõe-se que lhe deu o nome alguma antiga capella do tempo dos frades.

Tinha feira a 3 de fevereiro, e não sei se ainda tem.

Dista da villa de Alcobaça 16 kil. para o sul.

Cella—Orago Santo André. População 309 hab. Situada em logar alto na serra de Alfeizerão. Era uma das villas dos coutos. Deu-lhe foral o abbade de Alcobaça D. Martinho II em 1324. Os frades estabeleceram aqui uma das suas escolas de agricultura

---

[1] A pá figura no brazão da villa e, insculpida em pedra, na casa que foi da padeira.

[2] Herc. *Hist. de Port.* II, pag. 15.

[3] Dos Molianos porque os seus habitantes se davam á preparação de pedra para mós. Das pedreiras d'esta serra veio quasi toda a pedra para a construcção do mosteiro de Alcobaça.

pratica. A actual igreja foi mandada construir por el-rei D. Manuel. Dista de Alcobaça 6 kil. para sudoéste. Tem feira a 10 de novembro. Teve Misericordia, fundada em 1585, hoje extincta. E' servida por uma estação da linha de oéste.

Coz—Orago Santa Eufemia. População, 1.334 hab. Situada n'um valle ameno e fecundo, junto a um alto cabeço, e regado pela ribeira da Areia. Dista de Alcobaça 9 kil. para o norte. Pertencia aos coutos. Consta que os phenicios a colonisaram e lhe deram o nome da sua ilha de Coz, pois que o mar banhava então toda a extrema desde a Fervença até ao logar que assim denominaram. Deu-lhe foral o abbade D. Pedro Gonçalves. D. Sancho I legou ao abbade de Alcobaça dez mil maravedis para fundar um mosteiro da ordem de Cistér. D'este legado nasceu o convento de Coz, que foi de freiras bernardas, e era subsidiado pelo de Alcobaça. A igreja é uma das melhores do concelho, rica em talha dourada, e semelhante no estilo á capella de N. Senhora do Desterro, a que já nos referimos ao tratar da cêrca dos frades no real mosteiro. O convento foi posto a saque logo que se despovoou. A villa teve Misericordia, hoje extincta.

Evora de Alcobaça—Orago Santiago. População 2.998 hab. Foi villa dos coutos. Deu-lhe foral o abbade D. Martinho II em 1332. Está situada meio kil. a oéste da margem esquerda do rio Baça, e dista de Alcobaça 4 kil. para o sul. Querem alguns auctores que seja a *Eburobritium* de Plinio. Nos documentos antigos vem graphada Elbora. Teve esta villa durante algum tempo escola agricola. Junto a Evora houve um convento de pobrissimos frades franciscanos, a que os de Alcobaça davam uma pensão, e que foi fundado pelo cardeal D. Henrique em 1566.

O pelourinho do couto de Evora, tendo sobre a columna a figura do Dom Abbade, está no Museu Archeologico do Carmo em Lisboa.

Maiorga—Orago S. Lourenço. População 1.318 hab. Situada sobre uma pequena encosta no campo do seu nome; dista de Alcobaça 5 kil. para o norte. Foi lhe dada carta de povoação em 1303, reformada em 1454 pelo abbade D. Gonçalo Ferreira, e el-rei D. Manuel deu-lhe novo foral em 1514.

O auctor de *Uma digressão a Alcobaça* menciona as festas que se faziam, e talvez alguma coisa reste d'isso, a S. Lourenço, especialmente a *encamisada*, na véspera.

«Ia já bem entrada a noute—diz elle—e já depois das fogueiras accezas começava de juntar-se á porta dos festeiros grande quantidade de individuos cavalgando pela maior parte em burros.

«Grande numero vinha mascarado, exhibindo cada um o melhor da sua fantasia, e que mais facilmente podia apanhar. Qualquer cousa servia para este fim, como o fato virado do avêsso, carregar-se de résteas de alhos, ou de bugalhos, etc.; tudo satisfazia esta alegre gente.

«Appareciam depois os *anjos* montados em cavallos brancos. Estes *anjos* eram improvisados nas individualidades de tres rapazes, tisnados pelo sol da beira-mar.

«Os vestidos não denunciavam apurado gosto, nem tão pouco se occupavam d'isto as *arranjadeiras* de anjos. Para onde convergiam todos os cuidados, era para a *barretina* e para o *peitoril*, onde se mostrava, como em taboleta de ourives, grande quantidade de ouro em anneis, brincos, cordões, pulseiras, etc. Era o mais bem vestido aquelle que maior numero de objectos de ouro trouxesse.»

Proseguindo na descripção, o auctor faz mover a *encamisada* para a igreja, deante da qual os *anjos* deitavam alternadamente as lôas, apontados os primeiros versos pelos festeiros, que levavam a cabeça envolvida n'um enorme lenço encarnado. A ultima lôa era sempre algo picante de allusão, como por exemplo esta:

O tu, infeliz Maiorga,
Bem puderas ser cidade!
S. Lourenço com os braços quebrados
Foi para a eternidade.

A igreja parochial fundou-a o cardeal D. Affonso em 1543.

Maiorga teve Misericordia. Do hospital fez-se uma casa que hoje é residencia do parocho.

Pataias. Orago Nossa Senhora da Esperança. População 3.051 hab. Dista do oceano pouco mais de uma légua, e de Alcobaça 18 kil. para noroéste.

456 — S. Martinho do Porto

Era na área d'esta freguezia que estava comprehendido o celebre porto de Paredes, hoje assoriado, o qual ficava duas léguas ao norte da Pederneira, e servia tanto os interesses da pesca como da marinha e do commercio.

El-rei D. Diniz mandou-o povoar em outubro de 1286, admittindo trinta moradores, que teriam pelo menos seis caravelas de pesca, recebendo cada um d'elles um moio de trigo. A villa de Paredes prosperou muito com este porto, mas no tempo de D. Manuel os ventos revolveram as areias a ponto que com ellas soterraram as casas e obstruiram o porto—pelo que a villa veio a despovoar-se totalmente. [1]

A villa de Paredes estava situada junto da embocadura dos rios Liz e Lena, e D. Diniz queria fazer do porto o fundeadouro principal da sua esquadra. [2]

A Rainha Santa teve o senhorio da villa, e os seus moradores uma vez lhe reclamaram justiça contra as auctoridades de Leiria, que lhes impediam a compra de cereaes sob o pretexto de que não eram para consumo, mas sim para revender.

A Rainha quiz informar-se pelos seus ouvidores, e convenceu-se de que não havia motivo para aquelle embargo, em consequencia do que passou um diploma para que d'ali em deante se não impedisse aos moradores de Paredes comprarem em Leiria todos

[1] *Monarc Lusit, Quinta Parte*, liv. XVI, cap. LXI.
[2] Pinh. Chagas, *Hist. de Port.*, 1.ª edic, vol. I, pag. 149.

os cereaes que lhes fossem precisos para consumo, podendo os habitantes de Leiria, se quizessem, exigir juramento sobre os Evangelhos de que o pão não seria levado fóra do termo, nem vendido a outrem.[1]

El-rei D. Fernando fez doação de Paredes, com todas as suas rendas, fructos e fóros ao mosteiro de Alcobaça, como subsidio aos suffragios que os frades deviam realisar diariamente por alma de el-rei D. Pedro.

O logar da villa de Paredes apenas tem hoje a indical-o uma capella da Senhora da Victoria e algumas pequenas casas feitas sobre as antigas.

S. Martinho do Porto. População 1.370 hab.

Deu-lhe foral o abbade D. Pedro Nunes em 1352.

Afamaram-n'a a barra e a bahia, quando as outras povoações maritimas suas vizinhas começaram a decahir pelo assoriamento.

A bahia tem a configuração de uma *concha*, nome que geralmente se lhe dá, e fica dentro da barra que se rasga entre dois alcantilados môrros.

457—S. Martinho do Porto—O Caes

O seu perimetro abrange tres kilometros.

E' um bello trecho de mar suave e tranquillo, muito repousado e hygienico.

Frequentam-n'o familias da Extremadura; e tambem algumas familias hespanholas e inglezas. Ha poucas casas para alugar, e falta um bom *hotel*.

A povoação de S. Martinho agglomera-se a nordéste da concha e prolonga-se em novas construcções até á estação do seu nome, que a serve na linha de oéste.

A maior parte dos habitantes são homens do mar, retirados, que possuem alguns dos melhores predios, e os occupam.

Na bahia ha botes, canôas e guigas para canotagem. Alem do club, pode dizer-se que é este o maior divertimento dos banhistas de S. Martinho. Mas a facil communica-

[1] Figanière, *Memorias das rainhas*, pags. 199 e 301.

ção com as Caldas da Rainha, a Nazareth e Alcobaça proporciona agradabilissimos passeios.

E' propriamente uma boa praia para descanso e tratamento em magnificas condições de talassotherapia.

E especialmente para a hygiene das creanças não ha melhor.

458—Elmo e espada de D. João I de Portugal

Não se vende carne de vacca todos os dias, mas pode comprar-se a de vitella duas vezes por semana. O leite de vacca e cabra é vendido ás portas. A agua potavel vem de Famalicão, que fica perto. O peixe vem da Nazareth. Vinho é o de Torres. E as fructas são de Alcobaça, excellentes, sobretudo os afamados peros, que ali se chamam *de S. Martinho*, por ser n'este porto que elles embarcavam antes de ser transportados pelo caminho de ferro.

Já no capitulo *Caldas da Rainha* falamos das aguas medicinaes de Salir e da Prainha de S. Romengo. Aqui resta-nos mencionar as aguas sulphurosas da Ponta da Barra, que são conduzidas em barris aos domicilios (cada barril de 25 litros custa 100 réis) e que veem misturadas com agua do mar, sendo utilisadas com proveito no tratamento do rheumatismo, em banhos quentes. [1]

Na concha, alem dos barcos de *sport* nautico, ha algumas, poucas, armações de pesca, e sempre algum cahique do Algarve, que vem receber carga no verão.

A evolução do tempo, especialmente o assoriamento do porto de Salir e a introducção do caminho de ferro transformaram completamente a utilidade da bahia de S. Martinho. D'antes tinha importancia, movimento commercial e estaleiros. [2] Hoje é uma apreciavel praia de banhos, que poderia ser a melhor do paiz, se os seus habitantes permanentes quizessem convencer-se de que muito lhes conviria proporcionar maiores commodidades aos banhistas — dos quaes aliás depende ali todo o futuro.

Em S. Martinho, alem de uma escola official, ha um collegio, onde, por disposição testamentaria do commendador José Bento da Silva, se ensina a ambos os sexos não só instrucção primaria, mas tambem geometria, portuguez, francez e mathematica elementar.

Na igreja matriz, que é singela, venera-se a imagem do Senhor Morto, com a invocação de Senhor dos Enfermos, e a ella recorrem devotamente os mareantes quando, no mar alto, se vêem em perigo de naufragio.

No alto da serra ergue-se a capellinha de Santo Antonio, onde nos ultimos annos se teem feito ruidosos festejos no mez de junho. D'esta capellinha gosa-se um lindo panorama.

---

[1] Veja-se o artigo, que já citamos, do sr. dr. Ferreira de Castro, na *Medicina moderna*.

[2] Diz-se que n'elles foram construidas algumas das naus que D. Sebastião levou á Africa. Ainda em 1857 estavam em construcção sete navios. As madeiras do pinhal de Leiria vinham d'antes embarcar a este porto.

Turquel — Orago Nossa Senhora da Conceição. População 2.081 habitantes.

O sr. Vieira Natividade, na sua monographia sobre Alcobaça, reproduz a carta de povoação que foi dada pelo mosteiro á villa de Turquel em 1352. El-rei D. Manuel deu-lhe foral em 1512.

O antigo pelourinho está no Museu do Carmo em Lisboa.

Teve Misericordia, fundada no seculo XVII. N'uma parte do hospital, foi erigida em 1762 a ermida do Senhor Jesus [1], que se reconstruiu e ampliou em 1870.

Esta freguezia é celebre pelas suas grutas, das quaes as mais notaveis são: a *Casa da Moura*, no *Cabeço de Turquel*, contiguo á serra de Albardos, a tres kil. da villa para o nascente, cuja entrada ogival faz lembrar um templo gothico [2]; a *Cova do Cabeço da Ladra*, a 1 kil. da *Casa da Moura* para o norte; e o *Algar do Estreito*, a 1 kil. da *Cova* para o occidente. [3]

N'esta ultima gruta encontrou em 1881 o general Carlos Ribeiro muitos objectos préhistoricos.

O sr. José Diogo Ribeiro, nas suas interessantes *Memorias de Turquel* (Porto. 1908) indica não só as differentes graphias d'este onomastico—*Turuquello*, *Turuquel*, *Truquel* e por ultimo—Turquel—, como tambem as diversas hypotheses sobre a respectiva etymologia: do latim *torcular*, *torcularium*, lagar de vinho; do grego *troklé*, caverna; de *turtur querula*, por allusão á padroeira da parochia, Nossa Senhora, cujo Menino tem na mão uma rôla (*turtur*); e, finalmente, assignala a etymologia popular, segundo a qual certa escrava preta, que n'aquelle logar servia uma dama abastada e egoista, costumava dizer d'esta sua ama: *Mia sióra turo quere, turo quere!*

Pinho Leal suppõe que *Turuquel* seria o diminutivo do vocabulo celtico—*turuco*—, monte.

O sr. Ribeiro menciona os seguintes dictados topicos: *Turquel cada qual o seu farnel*; *O que elle quer é ter uma cêpa na Ribeira dos Vinhos* (na zona occidental da freguezia de Turquel, rincão fecundo); e com referencia á vizinha serra de Albardos: *Nevoa na serra, agua na terra*; *Encarnado para a serra, ceiva os bois e deixa a terra*; *encarnado para o mar, toma os bois e vai lavrar*; *Vento de Teira* (logarejo a suéste) *toma os bois, derrega a geira.*

Vestiaria — Orago Nossa Senhora da Ajuda. População 795 habitantes.

A noroéste de Alcobaça, e distante d'esta villa 1 ½ kilometro.

A actual igreja parochial é do tempo de D. Manuel.

Diz-se que se chamou primeiro Vestiairo, e depois Vestiaria, por ser n'esta localidade que se faziam as roupas dos frades de Alcobaça.

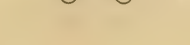
Vimeiro — Orago S. Sebastião. População, 1.197 habitantes. A Fazenda Nacional possue n'esta freguezia a *Matta Coutada*. Ha no Vimeiro um bom edificio escolar fundado e dotado pelo commendador Pedro José de Oliveira.

---

[1] Por isso chamado do Hospital.

[2] Sobre esta gruta vem um artigosinho no *Alm. de Lembranças* de 1872, pag. 187.

[3] Sobre as tres grutas veja-se um minucioso artigo no mesmo *Alm.*, anno 1882, pag. 91.



XXV

Pederneira

STE pequeno concelho, composto apenas de tres freguezias, conta pouco mais de 8.000 habitantes.

A villa da Pederneira é honorariamente a cabeça do concelho, mas a vida administrativa do municipio funcciona em outro logar.

Parece não ter fundamento o dizer-se que os moradores da villa de Paredes — cujo porto de mar foi uma empresa querida de el-rei D. Diniz—vieram, fugindo á violenta alluvião das areias, fundar a Pederneira, ao sul, em logar alto e acautelado d'aquelle perigo.

D. Diniz começou a reinar em 1279, e a Pederneira já existia em 1190, e em 1195 constituia parochia dos coutos de Alcobaça, pelo que não só se reconhece ser inexacta aquella tradição, mas tambem que não é certo que o abbade D. Estevam II lhe désse foral de 1276 a 1283, como diz Frei Manuel dos Santos, pois que era villa antes d'isso. [1]

O que parece provavel é que a povoação da Pederneira, attraida ao seu porto, hoje extincto pelo assoriamento da lagôa que o formava, fosse primeiro fundada junto ao porto, e que depois se transferisse para o logar actual, pelo mesmo motivo por que os habitantes de Paredes tiveram de abandonar as suas casas, soterradas nas areias.

Inspira desconfiança a lenda que attribue o nome da Pederneira a certo marco redondo e grosso feito de silex.

Como quer que haja sido, a actual villa é uma povoação decadente e abatida, cujos habitantes vivem da sua restricta agricultura, especialmente da cerealifera.

Esta villa fica a meio kil. da *Praia* da Nazareth e a 1½ kilometro do *Sitio* da Nazareth, sobre a estrada que vai da estação do Vallado para aquella praia.

Foram as duas povoações da Nazareth, a *Praia* e o *Sitio*, que absorveram toda a importancia do municipio.

E comtudo ainda em 1608 havia na Nazareth apenas sete familias, um ferreiro, um tendeiro e alguns poucos vendedores de comestiveis para os romeiros.

Foi durante o reinado de D. João IV que a povoação começou a tomar incremento.

Mas já durante a occupação hespanhola se tinham construido no estaleiro da Nazareth duas naus por ordem de D. Gonçalo Coutinho.

---

[1] Vieira Natividade, *O mosteiro de Alcobaça*, pag. 119.

Actualmente é na *Praia* que funccionam a camara e a administração do concelho.

O antigo hospital da villa da Pederneira foi encorporado no da Real Casa da Nazareth.

De modo que a Pederneira ficou em abandono, n'uma «apagada e vil tristeza» de decadencia municipal, como o prova o antigo edificio que foi paços do concelho e conserva ainda a sineira e o brazão de armas, edificio que logicamente se defrontava com o pelourinho, symbolo do municipalismo, mas que está reduzido á triste missão de ser cadea concelhia.

Alem d'isto, que é signal de abatimento, o que resta á Pederneira?

Uma pobre igreja, uma escola para o sexo masculino, e pouco mais, a não ser alguma tradição esfumada, que o tempo contrariou, como a de ter ali nascido Gil Vicente, e algum pallido vestigio ethnographico.

Aquella tradição pretendia basear-se n'esta passagem do *Auto da Lusitania*:

Gil Vicente o autor
Me fez seu embaixador,
Mas eu tenho na memoria
Que para tão alta historia
Naceo mui baixo doutor.
Creio que he da Pederneira
Neto d'hum tamborileiro;
Sua mãe era parteira,
E seu pae era albardeiro.
E per razão
Elle já foi tecellão
D'estas mantas d'Alemtejo, etc.

A biographia de Gil Vicente é uma questão complexa e não ainda liquidada... apesar de tudo. Eu não sustento nem creio que o fundador do theatro portuguez nascesse na Pederneira; mas tambem me não contento com a interpretação que Theophilo Braga deu áquella passagem do auto. [1]

A Praia de Nazareth, na duvida, foi inscrevendo o nome de Gil Vicente n'uma das suas ruas. Fez bem. A gloria agarra-se sempre... ainda que seja pelos cabellos.

Quanto a costumes tradicionaes, lembrarei o cerimonial popular dos casamentos na Pederneira, que ha muitos annos me serviu para colorir um singelo conto, incluido no livro *Homens e datas* (Porto, 1875). [2]

---

[1] Diz o illustre professor:

«—*Creio que é da «Pederneira,»* significa, não que ahi nascesse, mas que nas suas comedias e farças amarrava ao Pelourinho ou Picota da ignominia os individuos que o mereciam; e tomava aqui a povoação pelo symbolo que ella tinha e que ainda hoje conserva, e que já no seu tempo era affamado.

«—Sua mãe era *parteira;* na velha comedia franceza os que dialogavam em scena eram *Parteiras*, e tambem se chamava *Parteiras* aos dialogos facetos, no sul da França.

«—E seu pae era *albardeiro*; segundo o *Leal Conselheiro* de D. Duarte, *albardeiros* (do celtico *lairtui*) eram os arremedadores e narradores de historias entre o povo.

«Neto de um *tamborileiro*, e tecelão de *mantas*, tambem se ligam á *capa* da Comedia, de que se conserva ainda a locução do—pintar a *manta*, e do instrumento popular com que se abria e finalisava a comedia no seu exordio.

«Não é a Pederneira patria de Gil Vicente, mas ninguem lhe tira a gloria de ter sido escoreada pelo genio creador do Theatro portuguez.»

[2] Vai o cortejo nupcial caminho da igreja, por debaixo de uma chuva de confeitos: o noivo adeante com os convidados, e em seguida a noiva entre as duas madrinhas. Depois da cerimonia religiosa ha bodo, e depois do bodo ha dança. Assiste ao serão a noiva sentada no meio da casa entre as madrinhas. Todas as mulheres, quando entram, jógam sobre ella, á má cara, punhados de confeitos. No primeiro

A Praia da Nazareth tem uma população permanente de pescadores, que exercem a sua industria em bateis no mar alto, em armações fixas e em pequenos barcos, systema antigo, para o lançamento das rêdes de arrasto e pesca da lagosta.

No mez de novembro de 1907 as receitas brutas da venda do peixe na praia da Nazareth foram as seguintes: peixe miudo, 7:955$065 réis; peixe do alto, 1:335$475 réis; carangueijo, 150$040 réis. Total, 8:540$580 réis.

Mas é á colonía balnear que a *Praia* deve principalmente a sua prosperidade e florescimento.

Foi a temporada dos banhos que promoveu o estabelecimento de hoteis — como o *Grande Hotel Club*, o *Hotel José Lucio*, [1] antigo *Hotel Romão;* o *Restaurant Club* e o *Restaurant Madrid*, sendo os preços dos *hoteis* 1.200, 1.000 e 800 réis por dia; e que estimulou a abertura de lojas de fazendas e modas, pharmacias, alquilarias, etc.

Alem das repartições do concelho estão localisadas na Praia as que dizem respeito aos serviços maritimos.

Ultimamente, em 11 de junho de 1907, começaram as obras para a construcção de um edificio destinado a estação de soccorros a naufragos e residencia do capitão do porto.

Este edificio, cuja pedra foi toda apparelhada em Paço d'Arcos, occupa uma área de 282 metros quadrados, e tem quatro faces, medindo a que dá para a Praça Sousa Oliveira 18 metros, com dois portões.

No 1.º de dezembro de 1903 foi inaugurado o moderno pharol, de luz vermelha, n'um angulo do antigo forte, sobre o alto morro da Nazareth, hoje reduzido a ser habitação do pharoleiro.

A fim de obstar ás invasões do mar, que por vezes teem sido violentissimas — como ainda ultimamente succedeu em fevereiro de 1904 — está-se construindo um paredão-caes, no sentido norte sul, subsidiando os pescadores estas obras com 1 % sobre o imposto do pescado, o que já fazem ha seis annos.

A illuminação publica é a acetylene e petroleo.

Alem da Praça Sousa Oliveira e da rua Gil Vicente, que já mencionamos, ha na Praia da Nazareth as ruas denominadas Augusta, da Esperança, do Irmão Manuel, de Mousinho de Albuquerque, da Graça, do Progresso, travessa da rua Augusta, etc.

Fazem-se carreiras de *riperts* e *char-à bancs*, de 1 de agosto em deante, para as estações do Vallado e da Cella, que servem a povoação.

Recentemente abriu-se uma escola pelo methodo João de Deus; e a official do sexo masculino vai ser installada ao sul no amplo edificio da Parceria Fraternidade.

A Praia é abastecida de boa agua, e ainda ha pouco foi encanada para seu consumo uma nascente do areal.

As barracas armadas durante o serviço dos banhos de mar são de lona como no norte do paiz.

O rio Alcôa vai desaguar 1 kilometro ao sul da Pederneira e, na estação balnear, é utilisado para alegres regatas e outras distracções de canotagem.

Como a Ericeira, a Praia da Nazareth está dividida em *bairro sul* e *bairro norte*.

Tambem como na Ericeira ha casas mobiladas para arrendar aos banhistas.

Imminente á Praia fica o *Sitio*, ao qual d'antes se subia por uma estrada, e do qual

---

dia santo depois do casamento, vão os noivos ouvir a missa *das onze*. A sua chegada causa grande sensação. *Ahi vem os noivos*! diz toda a gente voltando-se alvoroçada para vel-os. Depois ninguem se importa mais com elles.

[1] O edificio d'este *hotel* ardeu totalmente na noite de 26 para 27 de dezembro de 1907.

muitas vezes se descia de um modo original e folgazão: sentando-se cada pessoa sobre a areia da duna e deixando-se resvalar ao longo do pendor que ella forma.

Pinheiro Chagas descreve esse aventuroso descenso:

«Imaginem que depois de se percorrer uma pequena vereda entre rochedos, achamo-nos de subito n'uma ladeira formada de profundissimas camadas de areia, por onde se escorrega suavemente e com uma rapidez vertiginosa. Cahe a gente, levanta-se, estende-se, rebola, tudo n'um tapete macio, onde o trambolhão é um prazer» [1].

Ha annos construiu-se um ascensor mecanico, que actualmente funcciona.

E' ao *Sitio* que está ligada a tradição religiosa da Senhora da Nazareth, tão bellamente cantada n'uma xácara de Castilho.

Vamos resumil-a nos seus topicos essenciaes.

Conta a tradição escripta, [2] firmada na oral, que um monge grego da Nazareth, cidadesinha da Palestina na Galilea, chamado Cyriaco, trouxera, escondida, a Hespanha uma imagem de Nossa Senhora, por salval-a da heresia, que já grassava no Oriente, e visava a combater a adoração das imagens.

O monge Cyriaco foi depositar e guardar a sua imagemsinha de Nossa Senhora, ella e elle fugitivos, no mosteiro de Cauliana, junto a Mérida, onde uma e outro cobraram repouso.

Ali se conservou a imagem na maior veneração dos monges, que tão devotamente a guardavam no templo como na alma, emquanto durou na peninsula o imperio dos wisigódos.

Mas a invasão sarracena fizera baquear esse poderoso imperio que durara quatro seculos, e o ultimo rei dos gódos, Ruderico ou Rodrigo, tivera de fugir desbaratado.

Correndo, sem saber ao certo para onde, — diz a lenda — foi dar comsigo ao mosteiro de Cauliana, situado a duas léguas da cidade de Mérida, tão junto do Guadiana, que por vezes as cheias o innundavam.

Achou aberta a porta do templo, que estava deserto e nú, porque os mais dos frades, temendo as consequencias da batalha de Guadalete, haviam fugido dispartidos.

Os sobresaltos do espirito, o cansaço e a fome prostraram Ruderico em meio da oração com que principiava agradecendo a Deus o ter-lhe concedido aquelle refugio sagrado. Sopitou-o um desmaio; cahiu por terra sem accôrdo.

Assim o veiu encontrar um monge velho, de inculpavel vida, que se chamava Romano, e que lhe acudiu carinhoso. Ouviu-lhe as lastimas de sua desgraça, soube quem era, e deu-lhe auxilios, com que o corpo e o animo se fortalecessem.

Reconfortado, quiz o rei pôr-se a caminho, para melhor segurar a existencia, mas o frade não o deixou ir sem companheiro: offereceu-se para o ser. E ambos porfiaram em guardar, sob suas vistas, aquella pequenina imagem que outro monge havia trazido da Nazareth a Cauliana, e que ficaria em grande risco de desacato se permanecesse n'um templo abandonado. Conduziram, pois, comsigo a imagem, na esperança de que ella os levasse a bom caminho e completaram a sua devota bagagem com um cofre que continha reliquias de S. Bartholomeu e S. Braz.

Caminhando ambos ao acaso, sempre na direcção do poente — que não tem cora-

---

[1] *Fóra da terra*, pag. 109.

[2] *Antiguidade da sagrada imagem de Nossa Senhora da Nazareth, grandezas do seu sitio, casa, e jurisdicção real, sita junto á villa da Pederneira* por Manoel de Brito Alão (presbytero secular). A 1.ª edição é de 1628; a 2.ª, de 1684. Ambas de Lisboa.

O mesmo auctor, que foi abbade de S. João de Campos e administrador da Casa da Nazareth, escreveu tambem *Prodigiosas historias e miraculosos successos acontecidos na casa de N. Senhora da Nazareth*, Lisboa, 1637.

gem para seguir outro rumo quem se aproxima do occaso da existencia — foram procurando a costa do mar, por ser caminho de maior solidão e segurança.

Ao cabo de mais de vinte dias de trabalhosa jornada, cansados e derreados, cortando montes e valles, brenhas e rios, areaes e charcos, avultou-se-lhes deante dos olhos um alto monte, que de longe lhes servira de balisa e que parecia logar convinhavel para quem, como elles, apenas queria tranquillidade e descanso, fóra do contacto do mundo.

Eram circumvizinhanças da actual villa da Pederneira e o monte, que então se chamava *Siano* e hoje de S. Bartholomeu, é o pittoresco morro, cone gigantesco, que domina a extensa planicie de Vallado e a estrada que actualmente conduz á Nazareth pela Pederneira.

Rei e monge, não certamente sem grande fadiga, chegaram ao topo do monte, onde

459—Pederneira—O Sitio e Real Casa da Nazareth

encontraram uma ermida e dentro d'ella um crucifixo e uma sepultura rasa, sem lettra nem epitaphio.

Pareceu-lhes á primeira vista azado o sitio para retiro de fugitivos, que ambos o eram. Ficaram ali, contentes do achado. Mas a breve trecho reconheceram que tinham a luctar com grandes difficuldades para obter sua frugal alimentação: era preciso descer do monte a buscar legumes, fructos e agua.

Frei Romano deixou o rei, a quem a solitude absoluta aprazia na desgraça, e foi-se, com a imagem, á procura de outro logar menos trabalhoso.

Achou-o: era, diz o chronista Brito, «um sitio distante do monte pouco mais de ũa milha, que ficando de uma parte chão, e de serventia facil, e mui acommodada, se deixa cahir da outra sobre o mar com tão ingreme quebrada, que terá duzentas braças a pique, desde a ponta do rochedo até o remanso das ondas. Entre dous grandes penedos, cada um dos quaes sai com sua ponta ao mar, e ficam suspensos no alto da rocha, em fórma, que parecem ameaçar ruina a quem os contempla da praia, achou Romano uma pequena cova, feita naturalmente no penedo, que acrescentou com algumas paredes de pedra sêca, fabricadas por sua mão, e ordenada certa feição de ermida, poz n'ella a imagem da Virgem Maria da Nazareth, que trouxe do mosteiro de Cauliana, que com ser pequena e de côr morena com o menino Jesus nos braços, tem certa perfeição no rosto, com ũa modestia tão notavel, que logo representa cousa miraculosa...»

Este monte descripto pelo chronista Frei Bernardo de Brito é aquelle da Nazareth actualmente conhecido pela designação de — O Sitio.

Assim, n'um e n'outro monte viveram solitarios o rei e o monge, não tendo decerto maior communicação entre si que a de algum signal convencionado com que se correspondessem de longe.

Morreu primeiro o frade, e Ruderico abandonou o monte Siano, talvez já cansado de tamanho apartamento.

Conta a tradição que o desfortunado monarcha dos gódos occidentaes fôra parar a Fetal, junto a Vizeu, e ahi acabou seus dias em grande penitencia.

Permaneceu a imagem de Nossa Senhora escondida na lapa onde o monge Romano a soterrou para que escapasse dos ultrages dos mouros que ficaram dominadores da peninsula, se exceptuarmos os morros das Asturias, refugio dos gódos vencidos.

Chegou, porem, a hora de Affonso Henriques se propôr desbravar a mourama do sul, conquistando Leiria, Porto de Mós e as terras largas e ricas que depois foram chamadas os coutos de Alcobaça.

Um dos auxiliares illustres do valoroso principe portuguez foi um cavalleiro de nome Fuas Roupinho, que, segundo certa memoria do mosteiro de Santa Cruz, foi um dos lidadores portuguezes que assistiram á batalha de Campo d'Ourique, sendo então alcaide de Coimbra, bem como o fôra tambem de Porto de Mós, cujo castello defendeu habilmente, com um feliz ardil de guerra, contra a hoste do rei de Mérida, que ficou derrotada.

Após esta victoria, e por ella indicado, commandou a primeira frota que sahiu a varrer a costa desde Lisboa a Setubal, dando batalha naval aos mouros na altura do cabo Espichel, com pleno éxito.

Os costumes cavalheirescos d'aquella idade eram todos fragoeiros: a guerra santa, dever e honra; a caça, por gandaras e montes sertanejos, exercicio habitual.

Foi n'uma das suas excursões venatorias que D. Fuas Roupinho descobriu a lapa fabricada pelo monge Romano, e a imagem da Senhora, que ali tinha altar humilde e recondito.

Venerou-a devotamente e tel-a-ia levado ao oratorio do seu castello, se não receasse offendel-a tocando-lhe.

No dia 14 de setembro de 1182 largou Fuas Roupinho a montear. A manhã era de nevoa cerrada, que toldava terra e céo.

Os cães, com a sua vista penetrante e olfato penetrantissimo, iam levantando a caça através da bruma.

Avistando um veado, perseguiu-o toda a matilha em furiosa correria.

Fuas Roupinho, soltando as redeas ao cavallo, foi-lhe na pista até chegar, sem o saber, á ponta do rochedo que, junto da lapa, mede duzentas braças de altura sobre a praia.

N'um relance, conheceu o sitio e o perigo. Sofreando o corcel, invocou o auxilio de Nossa Senhora, de que era devoto, e o corcel estacou com tamanha firmeza, que ficaram as ferraduras para sempre gravadas na pedra.

. . . . . .

Sobre penha que duzentas
Braças pende ao mar, se viu

Um cavallo! e o bom dom Fuas
Que o remessára até ali,

Saltar por terra, clamando:
— «Por ti, Senhora, é por ti!»

Prostrou-se humilde e deu graças,
Depois benzeu-se e surgiu;
E ora ouvireis aos monteiros
Palavras que dirigiu.

Contando o prodigioso successo aos monteiros, todos se prostraram com D. Fuas Roupinho em reverencia á Virgem da Nazareth, e logo pelo alcaide foram chamados de Leiria e Porto de Mós artifices que viessem levantar um templo sobre a lapa. Ao excava-

os alicerces appareceu o cofre com as reliquias de S. Bartholomeu e S. Braz e um pergaminho em que Frei Romano contava a historia d'aquella imagem milagrosa.

Rematado o templo, que era aberto em quatro arcos, para que de todos os pontos cardeaes pudesse avistar-se o altar, e divulgada a fama do prodigio, começou a romaria dos fieis, que de longes terras acudiram ali.

Deu a côrte o exemplo.

Affonso Henriques, então septuagenario, acompanhado do herdeiro do throno, que orçava pelos vinte e oito annos, foram á Nazareth em piedosa visita ao novo santuario da Senhora.

E, auctorisado pelo rei e principe, fez-lhe D. Fuas Roupinho doação das terras circumpostas, que eram mattos asperos, povoados de caça brava.

Em 1377 mandou el-rei D. Fernando fabricar melhor templo, que depois foi acrescentado pela rainha D. Leonor em tempo de D. João II; e el-rei D. Manuel fez construir os alpendres destinados aos romeiros, que de anno para anno iam augmentando em numero e devoção.

«E agora em nosso tempo — diz Frei Bernardo de Brito [1] — se fez uma capella-mór de boa fabrica á custa de esmolas e rendimento da confraria, e na ermida antiga fundada por Dom Fuas, procurei eu com soccorro de alguns devotos que se abrisse debaixo do chão outra capella, para ficar descoberto o mesmo rochedo e lapa em que a Santa Imagem estivera escondida tanto numero de annos, e se desce a ella por oito, até dez degraus, com notavel consolação de quem contempla a grande antiguidade d'aquelle santuario »

N'uma inscripção composta em latim declarou Brito que, emprehendendo realisar aquella obra, cumpria um voto. [2]

E', pois, no *Sitio* que se vê a ermida commemorando o esconderijo da imagem, o rochedo do Milagre, o templo mandado fundar por el-rei D. Fernando, a alpendrada da epoca de D. Manuel para os romeiros, e o edificio que annexo ao templo comprehende o palacio, o hospital para ambos os sexos e uma escola para o feminino.

A direcção da Real Casa da Nazareth está confiada a um administrador, nomeado pelo governo, e junto d'elle servem um secretario e um thesoureiro.

Dos bens do santuario faz parte o chamado Pinhal da Senhora.

Esses bens provieram de doações, legados e esmolas.

A Real Casa administrou-se por muitos annos sem compromisso. Mas em 1839 foi-lhe dado um regulamento por decreto de 13 de agosto, e em 1854, por decreto de 27 de dezembro, foi reformado aquelle regulamento. [3] Depois outras providencias legaes teem sido adoptadas.

Em 1855, os fundos da Real Casa montavam a 76:416$355 reis. Com referencia á actualidade faltam-me elementos estatisticos.

No Sitio ha tambem alguns predios de boa apparencia, habitados por particulares.

E abundam as casas de pasto, que por occasião dos cirios não teem mãos a medir.

A festa religiosa chamada *da casa* realisa-se no dia 8 de setembro, e na quinta

---

[1] *Monarch. Lusit*, tom. II, liv. VII, cap. IV.

[2] Mais desenvolvidamente contamos esta piedosa tradição na *Historia do culto de Nossa Senhora em Portugal*, pag. 18 a 29.

[3] O regulamento approvado pelo decreto de 1854 definiu taxativamente os fins religiosos e utilitarios da instituição, a saber: culto de Nossa Senhora com a decencia e esplendor devido; obras de piedade e beneficencia; emprestimos de capitaes, ao juro da lei, a pequenos proprietarios, segundo as forças do respectivo cofre.

feira, sexta e sabbado seguintes é que se effectua a festa chamada *dos saloios*, cujos cirios dão entrada n'esses dias, ao estrondejar de sinos, foguetes e philarmonicas, com todo o apparato de bandeiras privativas e anjos que recitam lôas.

A' entrada de cada cirio no templo sóbe ao pulpito um prégador.

Os sermões do beneficiado Malhão nos cirios da Nazareth ficaram celebres, como todos os seus, pelo brilho da eloquencia e uncção religiosa.

Um dos cirios mais notaveis é o *da Prata Grande*, que annualmente visita, depois da festa, uma de dezesete freguezias, de modo que só passado igual numero de annos volta áquella que visitou.

Por sua vez cada parochia guarda a mesma imagem da Senhora — bem pequenina que ella é — durante todo o anno, e pomposamente a festeja quando ella chega e quando ella parte na rica berlinda dourada.

460 - Pederneira - Praia da Nazareth

Julio Cesar Machado, que assistiu por vezes á grande romaria da Nazareth, descreve-a interessantemente nos *Contos ao luar* e nos *Passeios e phantasias*.

Nos *Contos* se refere ao theatro, que então (1861) funccionava no *Sitio* durante as festas e era propriedade da Real Casa.

Dizia elle: «é maior do que o nosso Gymnasio, e tem todas as proporções de theatro real. Duas ordens de camarotes, uma platéa extensissima, e a galeria para o povo».

Pois este theatro inutilisou-se, e está-se construindo outro.

Outrosim se acham em construcção um casino e um hotel, cuja empresa fará com a do ascensor contrato especial para a conducção dos seus socios e hospedes.

Projecta-se fazer uma estrada para o Pinhal da Senhora, que fica um kilometro ao nascente do *Sitio*, e que virá a constituir um lindo parque.

Por occasião dos cirios muitas casas particulares proporcionam hospedagem.

Entre os divertimentos mundanos do *Sitio* deve mencionar-se a praça de toiros, tambem propriedade da Real Casa.

N'uma palavra, a Nazareth, que empolgou a hegemonia entre as povoações do concelho, anima se e floresce cada vez mais.

Tem vida industrial: uma fabrica de gazosas e outros refrescos, da firma Ascenso & C.ª, estabelecida em edificio proprio; e ultimamente fundou-se uma fabrica de conservas.

Tem um Montepio — de Nossa Senhora da Nazareth —, uma philarmonica, uma fan-

farra e sociedades populares de recreio, incluindo n'este genero de distracções um theatrinho de Lino de Castro e Silva.

Houve dois jornaes, a saber: *Correio da Nazareth*, o qual existia em 1899 e deu n'esse anno um numero do Natal, em brochura, copiosamente illustrado; e *Povo da Nazareth*.

Actualmente vai no IV anno de existencia, *A Nazareth*, orgão semanal dos interesses locaes, dirigido pelo sr. F. Teixeira Freire, e composto e impresso ali na typographia Freire.

A Real Casa, que já dissemos sustentar no *Sitio* uma escola para o sexo feminino, vai crear para o sexo masculino outra escola.

No censo de 1900—que foi aquelle de que nos servimos sempre n'esta obra—a população da Nazareth (Praia e Sitio) vem englobada na parochia da Pederneira—ao todo 5.397 habitantes.

Mas em 1880 já lhe calculavam mais de 2.500 almas e cerca de 400 fogos.

Completa-se o concelho com as freguezias de Nossa Senhora da Victoria de Famalicão, 1.547 hab., e S. Sebastião do Vallado dos Frades, 1.416.

461—Pederneira—Casa que na villa d'este nome foi Paço do Concelho

Famalicão é povoação menos importante que a do Vallado, comquanto seja mais populosa.

Divide-se em *Famalicão de cima* e *Famalicão de baixo*.

A freguezia comprehende mais alguns logares.

Vive principalmente da cultura dos cereaes. Possue excellentes aguas potaveis, de que a colonia balnear de S. Martinho costuma fazer uso.

No paiz ha varias povoações com o onomastico—Famalicão; por isso parece-me que nenhum fundamento pode ter a crença dos minhôtos de Villa Nova de Famalicão, que dizem ter sido um vendeiro chamado Famelião que deu o nome áquella «villa nova».

A repetição do onomastico indica provavelmente identica origem, e não é de acreditar a coincidencia de tantos Fameliões fundadores.

A freguezia de Vallado comprehende uma das maiores planicies de Portugal, e parece que indirectamente foi d'ella que lhe proveio a denominação. Quando estes vastos campos pertenciam ao mosteiro de Alcobaça, estava aqui permanentemente um frade incumbido de vigiar os trabalhos agricolas da Quinta do Campo, que constituiam escola pratica. A esta commissão chamava-se *velado*: d'onde viria *vallado*, segundo o sr. Vieira Natividade.

Extinctos os conventos, a Fazenda Nacional entrou na posse da propriedade, que depois foi dada com o valor de 100:000$000 reis ao conde de Villa Real, em compensação dos prejuizos que a sua casa soffreu durante a guerra civil.

Em nosso tempo adquiriu-a o sr. Manuel Yglesias, e hoje creio que pertence ao sr. Carlos O'Neill, que pelo menos a administra.

Tambem os frades tinham no Vallado uma ferraria de que já falamos (Vide *Alcobaça*).

A freguezia é essencialmente agricola, e n'ella se faz uma feira de gado a 24 de cada mez.

Distante um kil. da Pederneira, para o nascente, ergue-se o pittoresco monte, outrora Siano, como refere a lenda da Senhora da Nazareth, e hoje chamado de S. Bartholomeu, que domina os campos do Vallado.

No dia 3 de fevereiro faz-se n'este monte uma romaria a S. Braz, muito concorrida de romeiros.

«E' então digno de ver-se, diz uma noticia descriptiva, uns assentados nos pontos mais culminantes d'aquelles penedos, que ameaçam despenhar-se sobre nossas cabeças, —outros subindo o monte por uma estreita vereda, levando cada familia seu jantar; e os mais devotos telhas que piedosamente tiram a seus vizinhos para testemunharem as curas milagrosas do santo [1].

«Ha mezes que uma senhora, exprobando a uma rapariga o ter furtado umas telhas, lhe perguntava o fim para que as tinha levado.

«—Não são para mim—lhe respendeu a rapariga—são para S. Braz.

«—N'esse caso compra-as.

«—E' que eu promettí-as furtadas—replicou a devota.

«—O santo não quer coisas furtadas, redarguiu a senhora.

«—Não quer? mas elle tirou-me as sezões!» [2]

No dia 24 de agosto realisa-se no mesmo local a romaria de S. Bartholomeu.

Em 1847, os *patuleas* fizeram d'este santo seu correligionario, ao passo que os *cabralistas* lhe oppunham a Senhora das Areias.

E então, n'essa epoca de aguerridas paixões partidarias, sahiam de Alcobaça, a 24 de agosto, dois *cirios politicos*, um de *patuleas*, outro de *cabralistas*, e cada qual se dirigia para o logar do seu patrono, a festejal-o o mais ruidosa e acintosamente possivel. [3]

Tanto em Famalicão como no Vallado ha escola para o sexo masculino.

O concelho da Pederneira pertence administrativamente ao districto de Leiria, judicialmente á comarca de Alcobaça, e ecclesiasticamente ao Patriarchado.

---

[1] Esta tradição das telhas furtadas não é exclusiva da provincia da Extremadura. Tambem existe no Minho, por exemplo em Sanfins, no concelho de Valença, relativamente a Santo Ovidio.

[2] *Alm. de lembranças* de 1886, pag. 238. Veja tambem este almanach, do anno de 1862, a pag. 331.

[3] *Uma digressão a Alcobaça*, pag. 46.

O titulo de barão do Vallado não tem relação com o logar d'este nome no concelho da Pederneira: assenta n'outro logar de Vallado da freguezia de Travanca do Douro no concelho de Sinfães.

O titulo de visconde da Nazareth, concedido, em 1883, a Bernardo Antonio Antunes, creio que proviria de alguma das varias quintas que no paiz teem aquelle nome.

XXVI

Porto de Mós

A falda occidental da serra de Ayre está recostada a villa de Porto de Mós, que dá o nome a esta secção da mesma serra.

O rio Lena, trazendo já as aguas do rio Alcaide, passa no Rocio da villa e vai banhar a Batalha.

A sua corrente fertilisa as terras. Tanto a *Ribeira de Baixo* como a *Ribeira de Cima*—que fica a montante da villa—são frescas e productivas.

Junto ao Rocio, umbroso Passeio Publico de Porto de Mós, existiu um convento de frades agostinhos, com excellente cêrca, atravessada pelo Lena.

Como se vê, nenhum porto, no sentido maritimo d'esta palavra [1], pode ter concorrido para o onomastico da villa. Mas devemos lembrar-nos de que a palavra porto significava tambem, no portuguez antigo, qualquer garganta ou passagem de uma terra para outra ou ainda o vau de um rio ou ribeiro [2]. Estas duas circumstancias se dão em Porto de Mós, que é banhada pelo Lena, e que estabelece transição entre a serra e a planicie. O restrictivo—de Mós—resultou de terem os habitantes d'esta povoação cultivado a industria do fabrico de mós, que extraíam das pedreiras circumvizinhas.

A villa conta 4.324 moradores, actualmente divididos por duas freguezias: S. João Baptista com 2:008, S. Pedro com 2.316.

D'antes havia a mais a freguezia de Nossa Senhora dos Murtinhos.

A igreja d'esta invocação foi demolida para se alargar o cemiterio publico, e apenas ficou de pé a capella-mór, que hoje serve de capella ao cemiterio.

A actual igreja de S. Pedro era a do convento de frades agostinhos.

Na estampa 464 reproduzimos a fachada da parochial de S. João.

A villa é cabeça do concelho do seu nome no districto de Leiria e de uma comarca de 3.ª classe.

Quanto ao ecclesiastico, pertence ao Patriarchado.

O concelho apresenta dois aspectos distinctos: ameno nos arredores da villa, pos-

---

[1] No Algarve, junto a Lagos, é que ha uma pequena praia do mesmo nome, que serve de varadouro a embarcações de pesca e tem um forte.

[2] Viterbo, *Elucidario*, voc. *Porto*.

toque vagamente melancolico; e aspero nas freguezias da serra, cujos habitantes são bisonhos, mas notaveis pela sua honradez.

Os trajes das mulheres serranas resentem-se do aspecto montanhoso da região em que vivem. Não são pittorescos nem garridos. Em Leiria principia a apparecer nas saias uma barra encarnada, e d'ahi para cima, avançando sobre o norte, o vestido femenino começa a tingir-se de cores vivas, que são o reflexo de uma paizagem mais luminosa e ridente

As producções agricolas do concelho, cujo principal labor é a agricultura, distinguem-se principalmente pela boa qualidade do azeite e das fructas.

Fazem-se na villa duas feiras annuaes: uma pelo Espirito Santo e outra em de-

462—Porto de Mós—Vista geral

zembro pela Santa Luzia; mercado de gados a 13 e 29 de cada mez, e mercado semanal ás sextas feiras.

A industria fabril pouco tem penetrado em Porto de Mós. Na villa não ha nenhuma fabrica, e no concelho unicamente encontramos officinas pyrotechnicas e fabricas de telha [1].

A Rua Direita atravessa toda a villa, que tem, alem d'esta, a Rua dos Craveiros e a rua Gallega.

Havia duas praças, separadas por um quarteirão de casebres, que foi demolido, formando-se assim uma grande praça bem calcetada, que tem o nome de Augusto Crespo.

O melhor edificio da villa é aquelle, de construcção moderna, occupado pelo tribunal da comarca e camara municipal, na praça Augusto Crespo.

Nos antigos paços da vereação, tambem na Praça, ficou a administração do concelho no primeiro andar, e a cadea comarcã, algum tanto acanhada, no pavimento terreo.

Ha Misericordia com hospital, fundada em 1516, sendo a sua receita annual de 874$000 reis.

Falta em Porto de Mós um bom hotel, pois apenas existem hospedarias de antigo caracter provinciano.

Não se fazem romarias. A solemnidade religiosa de maior brilho é a procissão dos Passos.

Pinho Leal fala de uma festa que na parochial de S. João Baptista era celebrada em honra de Santa Catharina a expensas das raparigas solteiras.

Tal festa já se não effectua.

[1] Em Rio-Alcaide houve uma fabrica de papel almaço, conhecida por *Fabrica de Porto de Mós*.

Possue a villa um *Club*, um theatro, uma philarmonica, uma corporação de bombeiros voluntarios, duas escolas e um antigo periodico, *O Portomozense*, que data de 1899, e em cuja collecção se encontram noticias muito interessantes sobre o concelho de Porto de Mós, especialmente devidas á collaboração do sr. A. de Jesus e Silva.

Ao norte da villa, no alto, eleva-se o famoso castello, que se suppõe haver sido fundado pelos romanos, pois que alguns vestigios d'essa epoca teem sido encontrados junto á muralha.

Foi occupado pelos mouros, aos quaes D. Affonso Henriques o tomou por surpresa durante a noite.

E, tendo-o conquistado, poz n'elle como alcaide-mór D. Fuas Roupinho, de quem já tivemos occasião de falar no capitulo *Pederneira*.

Alguns dos nossos chorógraphos referem-se a uns imaginarios paços de D. Fuas, situados extra-muros.

Ora é natural que o alcaide-mór tivesse seus paços dentro da alcaçova, e a gente mais velha de Porto de Mós assim o crê por tradição.

Não se resignaram os mouros com a perda do castello quando Affonso Henriques lh'o tomou, e, cercando-o, tentaram reconquistal-o.

Fuas Roupinho, com a guarnição de que dispunha, rompeu o assedio por um acto de temeridade, qual foi o de certa noite sahir com a sua gente e cahir sobre os mouros, dispersando uns e captivando outros.

Comtudo, os mussulmanos voltaram por vezes á carga, especialmente depois da morte de D. Fuas, e de cada sortida causavam grandes estragos ao castello.

Sancho I não só o mandou restaurar, mas tambem tratou de povoar a villa.

463—O Castello de Porto de Mós

Sancho II, no testamento feito em Toledo [1], legou o senhorio de Porto Mós, de *villam de portu mollarum*, aos frades de Alcobaça, com o encargo d'elles lhe trasladarem os restos mortaes para o respectivo mosteiro, clausula que aliás nunca foi cumprida.

D. Diniz ampliou os muros do castello, concedeu foral á villa em 1305 e doou-a á Rainha Santa. D. Manuel renovou o foral em 1515, e creou a Misericordia com as rendas da velha gafaria, edificio que D. Diniz tinha deixado extra-muros [2].

Certamente que no actual estado do castello de Porto de Mós já nada existe da sua primitiva construcção, nem das restaurações mais antigas. Antes se julga que as ruinas hoje existentes são as da reconstrucção mandada fazer pelo marquez de Valença, D. Affonso, neto de D. João I e do condestavel D. Nun'Alvares Pereira.

O que é certo—e bem custa dizel-o—é que na face do castello voltada para a villa os damnos causados pela mão dos homens são maiores que os da acção do tempo.

---

[1] E' o segundo testamento. Provas da *Hist. Gen.*, I, 50.

[2] No actual districto de Leiria, houve, alem da de Porto de Mós, gafarias em Leiria (cidade) Carpalhosa, Obidos e Vermoil.

Não padece duvida que, na memoria do povo portomosense, o nome de D. Fuas subsiste ligado historicamente ás ruinas do castello e a algumas tradições locaes.

Assim, uma ponte secular que, perto da villa, atravessa o Lena em sitio onde elle é profundo, chama-se *Ponte do Cavalleiro*, e o povo crê que o cavalleiro fosse D. Fuas Roupinho.

Tambem o povo julga que as antigas cavalhadas, que pelo S. João se faziam em Porto de Mós, datavam do tempo de D. Fuas.

Em 1900 procuraram resuscital-as n'um impulso patriotico. As cavalhadas sahiram da casa da camara para a ermida de Nossa Senhora do Desterro na Ribeira, d'onde retrocederam para dar tres voltas ao Castello, e d'ali seguiram para a igreja de S. João, em torno da qual tambem deram tres voltas.

Antigamente sahiam cada anno tres cirios de Porto de Mós para a capella de S. Jorge da Charneca, por memoria da batalha de Aljubarrota, e outro cirio para a Nazareth, em commemoração do milagre e homenagem tradicional a D. Fuas Roupinho.

N'aquelles cirios encorporavam-se todas as auctoridades locaes, civis, ecclesiasticas e militares.

Do da Nazareth, que pela ultima vez se realisou em 1854, fazia parte a camara municipal.

O cruzeiro de Porto de Mós, a que Ferdinand Denis chamou «um monumentosinho cheio de elegancia», foi removido do local em que estava e collocado a uns dez metros d'esse local, para o sul.

A remoção fez-se ao tempo de construir-se a estrada de S. Jorge da Charneca.

Na mesma occasião foi tambem restaurado e deu-se-lhe novo capitel, differente do primitivo, porque lhe falta o lanternim octogonal — com os seus nichos e imagens — que ficou reproduzido n'uma estampa do *Portugal* de Ferdinand Denis (1846).

Ora a respeito da referida estampa [1] conjecturou, e muito bem, o sr. Vieira Natividade que certamente ella não representa o cruzeiro no seu aspecto ordinario; mas que essa copia deveria ter sido feita n'um dia de festa, quando por este motivo havia a mais no fuste um painel da Virgem e uma cortina a adornal-o, e uma trança de flôres enrolada na columna, e junto á base uma banqueta, e enfiada na cruz do capitel uma corôa tambem de flôres.

E' natural que passassem em Porto de Mós, ou muito perto, os cadaveres de D. João I e D. Affonso V quando da sua trasladação para a igreja da Batalha. Mas os respectivos chronistas não especificam paragem n'esta villa. Porem a respeito do feretro de D. João II minuciosamente diz Garcia de Rezende que o levaram «pela serra da Mendiga e pela serra Ventosa, e sobre o Porto de Mós, té chegarem á egreja de S. Jorge onde ElRei o estava aguardando».

Um dos logares comprehendidos na freguezia de S. João Baptista denomina-se *Chão da Feira*. Fica entre S. Jorge e os Carvalhos. Foi n'esse logar que em agosto de 1837 se feriu a rapida mas sanguinolenta acção em que tomaram parte os marechaes Terceira e Saldanha, cartistas, e o barão do Bomfim, setembrista—violento episodio das nossas luctas caseiras por causa da questão constitucional.

De portomosenses distinctos, especialmente nos tempos modernos, é longo o rol, Eu só mencionarei um dos antigos, que foi illustre: D. Antonio Pinheiro, bispo de Miranda e de Leiria, guarda-mór da Torre do Tombo e visitador e reformador da Universidade de Coimbra, no seculo XVI.

A dureza dos antigos juizes de fóra de Porto de Mós ficou proverbial, bem como

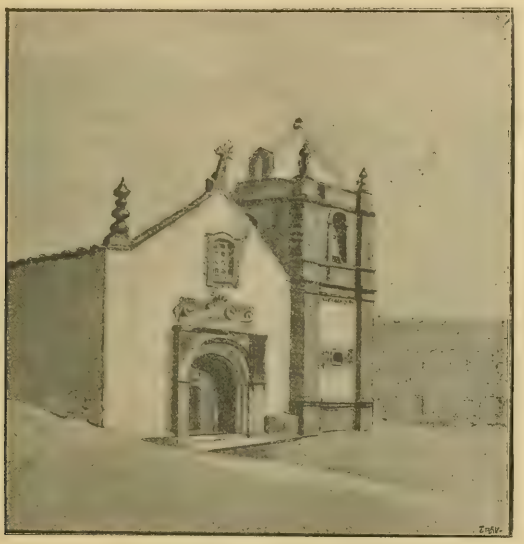
---

[1] Reproduzida no *Panorama* de 1839 e na 3.ª edição da *Historia de Portugal*, de Pinheiro Chagas.

a altivez com que ante elles se haviam alguns litigantes da comarca, nomeadamente os de Minde. Um d'esses litigantes disse a certo magistrado na bochecha:

—A justiça da Feira
E' má. Ninguem a queira.
A justiça de Porto de Mós
Com juizes como vós
Tem mais alguns pós.

Um demandista a quem o juiz tratara por tu deu-lhe igual tratamento, e como o



404—Porto de Mós—Freguezia de S. João

juiz, indignado, o mandasse sahir do tribunal, desfechou-lhe á sahida esta quadra, que Almeida, Pinho Leal e Baptista reproduzem, com algumas variantes:

Quando a Deus chamam por tu,
A Sua Alteza [1] por vós,
Como queres que te chame,
Juiz de Porto de Mós !?

Outro demandista de appellido Chavínha e natural de Minde, tendo ido a Porto de Mós, irritou-se com a sobranceria do juiz, que o ameaçou dizendo:

—Olhe que eu mando-lhe metter na mão uma chave, que lhe ha de custar 720 réis á sahida.

Referia-se á chave da cadea, e ao emolumento do carcereiro.

O minderico respondeu:

—Se a demora na casa fôr grande, acho a renda pequena de mais.

[1] Seria talvez o principe regente D. João no reinado de D. Maria I.

Os juizes de fóra de Porto de Mós, apesar de auctoritarios, receavam os litigantes de Minde. Por isso um d'aquelles não quiz tomar conhecimento de certa rixa e poz fóra os interessados no pleito dizendo:

Sois de Minde...
Lá vos avinde [1].

Nas provincias do sul ouve-se ás vezes esta praga: «A justiça de Porto de Mós te caia em casa»; e nas povoações ao sul da villa costuma dizer-se quando ha rija nortada: «Morreu algum escrivão em Porto de Mós».

Por decreto de 12 de agosto de 1845 foi agraciado com o titulo de barão de Porto de Mós — Venancio Pinto do Rego Ceia [2] Trigueiros, já então par do reino. Era senhor dos morgados da Canoeira e Ribeira da Azoia. Foi conselheiro do Tribunal de Contas, e casado sem geração. Dispoz dos seus bens como entendeu, e por causa do testamento foi assassinado tragicamente, a 24 de setembro de 1867, na estrada da Nazareth para Alcobaça. Pinheiro Chagas descreveu o sitio do crime commettido junto a um grupo de pinheiros; — «crime mysterioso de cores melodramaticas, diz elle, onde não faltaram os assassinos embuçados, a criada amordaçada desmaiando de susto, e que encheu Portugal de horror e de espanto. Parecia que se estava na Serra Morena, e comtudo por alli abundam as povoações, Mayorga, Valle dos Frades, Nazareth, Pederneira, Alcobaça.» [3]

O crime, prendia, pois, com a herança do barão, e por elle foram condemnados pelo menos dois homens.

Almeida, no *Diccionario abreviado*, diz que se não deve perguntar em Porto de Mós — pela *lagarta sem rabo*.

Ora o que eu sobre o caso pude apurar é que os habitantes do concelho da Batalha dão aos de Porto de Mós a alcunha de *lagartos*, e que os d'este concelho, em desforra, chamam *chucha-rolhas* aos da Batalha.

As aguas do rio Lena são piscosas, mas na villa não ha pescadores de profissão.

Não encontrei estabelecido em Porto de Mós nenhum monte-pio.

Tambem não encontrei noticia de existirem representantes do morgado dos Bivares, que se diziam descendentes do Cid Campeador, e com que os nossos antigos chorógraphos encheram algumas paginas.

O concelho, cuja população total é de 13.026 almas, compõe-se de mais as seguintes freguezias:

Alcaria — Orago Nossa Senhora dos Prazeres; população 553 habitantes. Dista da villa de Porto de Mós 5 kil. para suéste. Assenta n'um valle proximo á serra de Patello, ramificação da serrania de Ayre. A fundação da parochia data do seculo XVIII. Tem feira.

Alqueidão da Serra — Orago S. José; população 1.180 habitantes. Na aba da serra do seu nome, ramificação da serrania de Ayre. Dista da villa 5 kil., para o norte.

Tem alguns titulos de celebridade na industria agricola. Produz uvas que dão excellentes passas, não inferiores ás de Alicante. Tambem produz mel branco magnifico. Diz Baptista, na *Chorographia moderna*, que com elle se fazem doces tão perfeitos como se tivessem assucar, sem comtudo conservarem o menor sabor a mel.

---

[1] Anecdotas contadas pelo sr. A. de Jesus e Silva no periodico *O Portomoçense*.

[2] E não Cezar como diz a *Resenha das familias titulares*, na sua succinta noticia, II, pag. 336.

[3] *Fóra da terra*, pag. 89.

Finalmente, a sua pedreira de marmore preto tornou-se notavel entre as pedreiras do concelho, rivaes das de Extremoz.

O viajante Link fala de alguns soberbos vasos de marmore preto, que viu em Alcobaça, com ornatos do primeiro ouro vindo do Brazil.

A pedra devia ser de Alqueidão da Serra.

N'esta parochia realisa-se uma grande festa em honra de S. Sebastião.

Alvados — Orago Nossa Senhora da Consolação; população 1.444 habitantes.

Esta freguezia está situada na raiz da serra do seu nome, á qual nos referimos com mais alguma individuação no vol I. [1]

Dista da villa de Porto de Mós dez kil. para suéste.

465 Porto de Mós — Praça e palacete do dr. Crespo

Os nomes de alguns logares d'esta freguezia como que pintam o agreste e penhascoso d'ella: Covões Largos, Covão da Nogueira, Covão do Sabugueiro, Moliana, Cabeço das Pombas, Covão da Fonte, Covão do Frade, Barreira da Junqueira, Penedos Bellos, Mouta do Açôr.

A poucos metros da igreja parochial, n'um logar chamado Vallinho, dizem os habitantes de Alvados que nasceu o heroico D. Fuas, e tanto estão n'esta fé que indicam umas ruinas como sendo as do solar dos Roupinhos.

Arrimal — Orago Santo Antonio; população 736 habitantes.

N'uma planicie, entre as serras da Figueira ou dos Candieiros e de Pias, a suéste da séde do concelho.

E' n'esta freguezia que existe o arco allusivo á tradição do voto de D. Affonso Henriques antes da tomada de Santarem.

D'este pequeno monumento a que o povo chama—*Rei da Memoria*—já démos noticia no vol. I [1].

Sobre os antigos trajes das mulheres de Arrimal veja-se o que diremos no capitulo *Pombal*, quando tratarmos da freguezia de Vermoil (citação do sr. Jesus e Silva).

Juncal—Orago S. Miguel; população 1.902 hab.

Assenta 2 kil. a oéste da estrada real de Leiria ás Caldas da Rainha, e dista da villa de Porto de Mós 10 kil. para oéste.

---

[1] Pag. 394.

[1] Pag. 394.

Possue uma herdade importante: a dos Ricos Valles.

Mendiga—Orago S. Julião; população 720 hab.

Na aba da serra do seu nome na cordilheira de Ayre. Dista da séde do concelho 11 kil. para o sul.

Mira – Orago Nossa Senhora do Amparo; população 1.238 hab.

A sua instituição parochial data do seculo XVIII. Até então fizera parte da freguezia de Minde. [1]

Fica na aba da serra da Azambuja, e dista da villa de Porto de Mós 15 kil., para suéste.

463—O antigo cruzeiro de Porto Mós
(Segundo a referencia da pag. 426)

Serro Ventoso — Orago S. Sebastião; população 930 hab.

O nome d'esta freguezia, que fica entre Alcaria e Alvados, ou seja entre as serras de Carvalho e Penedos Negros, revela quanto é açoitada dos ventos na alta portella em que está situada.

O concelho de Porto de Mós, postoque em grande parte montanhoso, acha-se regularmente servido de estradas e escolas. D'estas ha uma em cada freguezia.

Quintas, n'um sentido que tambem envolva casa de habitação, apenas conheço em todo o concelho a da Conceição na Ribeira.

A politica, n'este concelho, é fogosamente brava, pelo que os conflictos partidarios são bellicosos e frequentes. Não fica a dever nada á de outros tempos em duas localidades do norte do paiz: Fafe e Villa Real de Traz-os-Montes.

[1] No actual concelho de Torres Novas.

XXVII

Batalha

A villa da Batalha, cabeça de um pequeno concelho de 7.000 habitantes, deve a sua origem ao soberbo monumento religioso que notavelmente a glorifica.

Os artistas e operarios empregados na construcção do templo constituiram o primeiro nucleo de povoação, e outros moradores, certamente movidos por interesse commercial, vieram reunir-se áquelles, tanto mais que D. João I lhes proporcionou aforamentos com obrigação de edificarem casas de moradia.

As origens historicas do grandioso templo da Batalha são claras e seguras. Constam do testamento d'aquelle monarcha.

«Item porq' Nos prometemos no dia da batalha (*Aljubarrota*), que ouvemos com El-Rey de Castella, de que Nosso Senhor Deos nos deu a victoria, de mãdarmos fazer a hõra da dita Nossa Senhora Santa Maria, cuja vespora então era, alli cerca donde ella foy hum Mosteiro, etc [1].»

Depois conta D. João I que o seu confessor Frei Lourenço Lamprea e o Dr. João das Regras lhe requereram que o mosteiro fosse da Ordem de S. Domingos. Poz duvidas elrei, porque em honra de Nossa Senhora o promettera, mas aquelles lhe dissiparam todos os escrupulos demonstrando a veneração que os dominicanos tinham pela Virgem Santissima.

O fundador recommenda aos seus successores a conclusão da obra, indica as rendas a ella consignadas e ao sustento de 30 frades. A estes impõe a obrigação de determinados suffragios, e especialmente ao herdeiro do throno a de velar pelo exacto cumprimento do que fica exposto.

Faz recommendações a respeito do athaude da rainha, e do seu; e manda que na sua capella *(a do fundador)* «polos jazigos das paredes, todas em quadra, assi como são feitas, se possão lançar filhos, e netos de Reys, e outros nom».

---

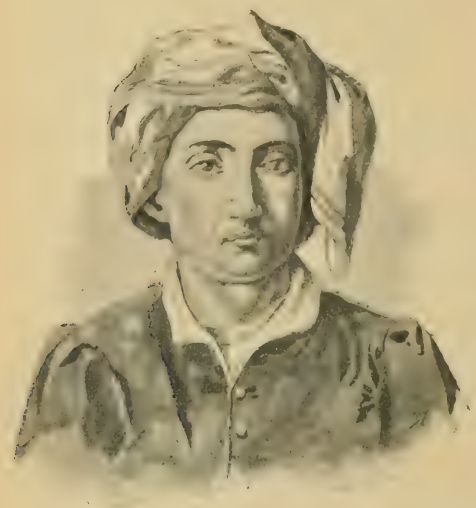
[1] *Provas da Hist. Gen.*, I, pag. 357.

Emfim, o testamento do rei fundador é a primeira pagina da historia da igreja e do mosteiro.

Já dissemos n'outro logar que a batalha de Aljubarrota se não feriu no mesmo logar em que o templo foi erigido, porque D. João I teve de attender á necessidade de procurar terreno fertil e plano, e por isso o escolheu, a meia legua de distancia, junto á confluencia de duas ribeiras.

Na respectiva doação este logar é designado vagamente *apar da Canoeira*;[1] o nome de Batalha, certamente oriundo da linguagem do povo, é o que tem prevalecido, comquanto pareça mais logico o de Santa Maria da Victoria.

«Começou a egreja — diz Frei Luiz de Sousa — com desmesurada grandesa e sumptuosidade tal, que aos mesmos edificadores fazia impossivel o fim da obra, lansando conta ao que convinha subir pelas regras de boa proporção, e ao que era forçado gastar de tempo e dinheiro, pela despesa, que levava».



467—Supposto busto de Affonso Domingues na Casa do Capitulo

A edificação principiou logo em 1386 ou pelo menos em 1387. A da capella-mór e corpo da igreja estava concluida em 1416. Mas D. João I falleceu em 1433 e o mosteiro achava-se ainda por concluir. Todavia, considerada a magnificencia da obra, e a difficuldade d'ella, pareceu tão pouco o tempo, que Frei Luiz de Sousa chegou a dizer: «voava a obra, não só corria».

Sobre quem fossem o primeiro ou primeiros architectos da Batalha é que ha menos certeza do que a respeito das origens da fundação.

Frei Luiz de Sousa, que escrevia de uma casa da sua Ordem, como dominicano que era, informa que D. João I mandara vir de *longes terras* os mais celebres architectos, e os mais peritos officiaes de cantaria.

Soares da Silva dá como primeiro architecto da Batalha um irlandez, David Achete, que então vivia em Vianna do Castello.

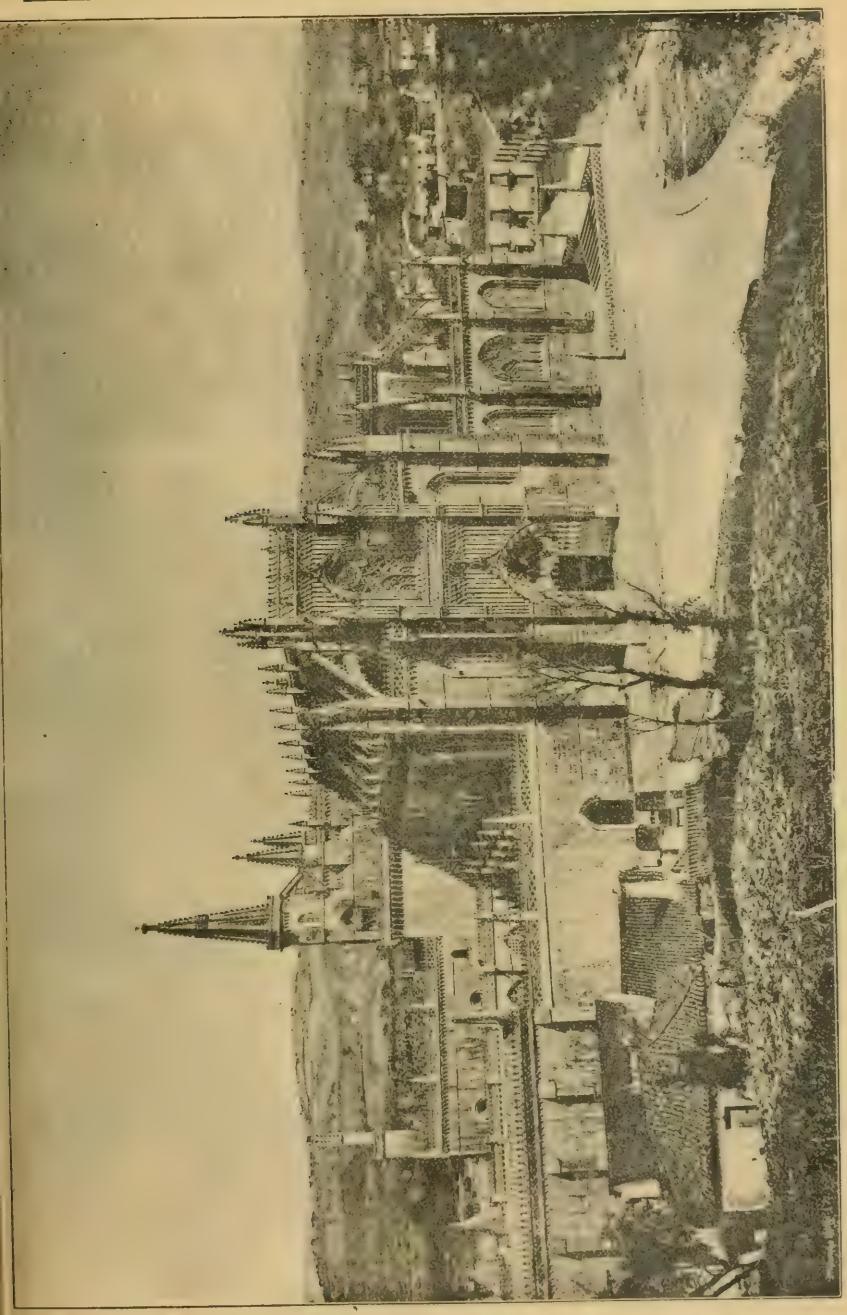
O architecto inglez James Murphy diz, por o ter ouvido em Lisboa a empregados da Torre do Tombo, que o encarregado da construcção fôra o seu patricio Stephan Stephenson, e confirma esta versão pela analogia que encontrou entre a Batalha e a cathedral de York.

O conde de Rackzinsky, menos peremptorio, limita-se a notar a semelhança de inspiração e estilo entre York e a Batalha.

Ainda ultimamente, em 1905, mr. Quillardet, seguindo a versão de Murphy, affirmou categoricamente: «Batalhe, le principal monument portugais, est du style anglais *et l'œuvre d'artistes anglaises*.

---

[1] O terreno era o de uma quinta chamada «do Pinhal», que el-rei comprou a Egas Coelho e sua mãe.



408—Mosteiro da Batalha—Aspecto geral, visto de frente

Frei Francisco de S. Luiz, na *Memoria* que preparou estando em 1823 recluso no mosteiro da Batalha, repelle a hypothese de Sousa e Murphy, e aponta como auctor do risco mestre Affonso Domingues, portuguez, nascido em Lisboa na freguezia da Magdalena, que effectivamente trabalhou n'aquelle monumento.

Seguiu n'isto as pisadas de Frei Manuel dos Santos na VIII parte da *Monarchia Lusitana*.

Mas não tem apparecido prova definitiva de que esse nosso compatriota fosse o auctor do risco, nem tambem de que o fosse algum architecto inglez.

Apenas Sousa Viterbo encontrou uma escriptura da éra de 1440 (anno de 1402) em que Affonso Domingues é mencionado como tendo sido *meestre da obra do dito mosteiro*, o que não é bastante para resolver o problema.

Sem embargo, a hypothese relativa a Affonso Domingues, renovada por Frei Francisco de S. Luiz, foi acceita e correu.

A *Abobada*, de Alexandre Herculano, contribuiu poeticamente para firmar esta versão patriotica, porque, tratando apenas da Casa do Capitulo, poz comtudo em relevo a proficiencia technica de Affonso Domingues, tornando-a compativel com a hypothese de ter sido elle o auctor do risco da igreja e do mosteiro.

Mas haveria no seculo XIV em Portugal um architecto que estivesse profissionalmente habilitado a traçar o plano d'esta monumental construcção?

Vilhena Barbosa pende tambem para Affonso Domingues e estabelece um meio de conciliação conjecturando que o architecto portuguez tivesse ido estudar em Inglaterra, acompanhando para ali algum dos dois filhos do rei inglez Duarte III, que estiveram no nosso paiz.

Ramalho Ortigão, no *Culto da arte em Portugal*, refuta com bons argumentos tanto a versão de Frei Francisco de S. Luiz, como a hypothese de Vilhena Barbosa, e abertamente se pronuncia pela incapacidade de artistas portuguezes n'aquella epoca para o delineamento e construcção da Batalha.

Tambem o mesmo escriptor se manifesta contra a affirmativa de que este monumento seja, como os *Lusiadas*, a imagem sublimada das ideias e dos sentimentos da patria.

E, com effeito, bastará lembrar a semelhança entre a estilação de York e da Batalha.

O caracter nacional na architectura e esculptura portuguezas apenas despontou mais tarde, é certo, quando nós, resistindo ás tendencias da renascença greco-romana, começamos a bordar sobre o gothico-florido—que tinha succedido no sul da Europa ao gothico puro—um estilo bellamente conjugado com os factores historicos da epoca: o *manuelino*.

Devemos notar que esta designação representa menos um rei ou um reinado que um periodo de renovação das artes plasticas em Portugal, já entremostrado nos delineamentos da igreja de Jesus em Setubal ainda no tempo de D. João II.

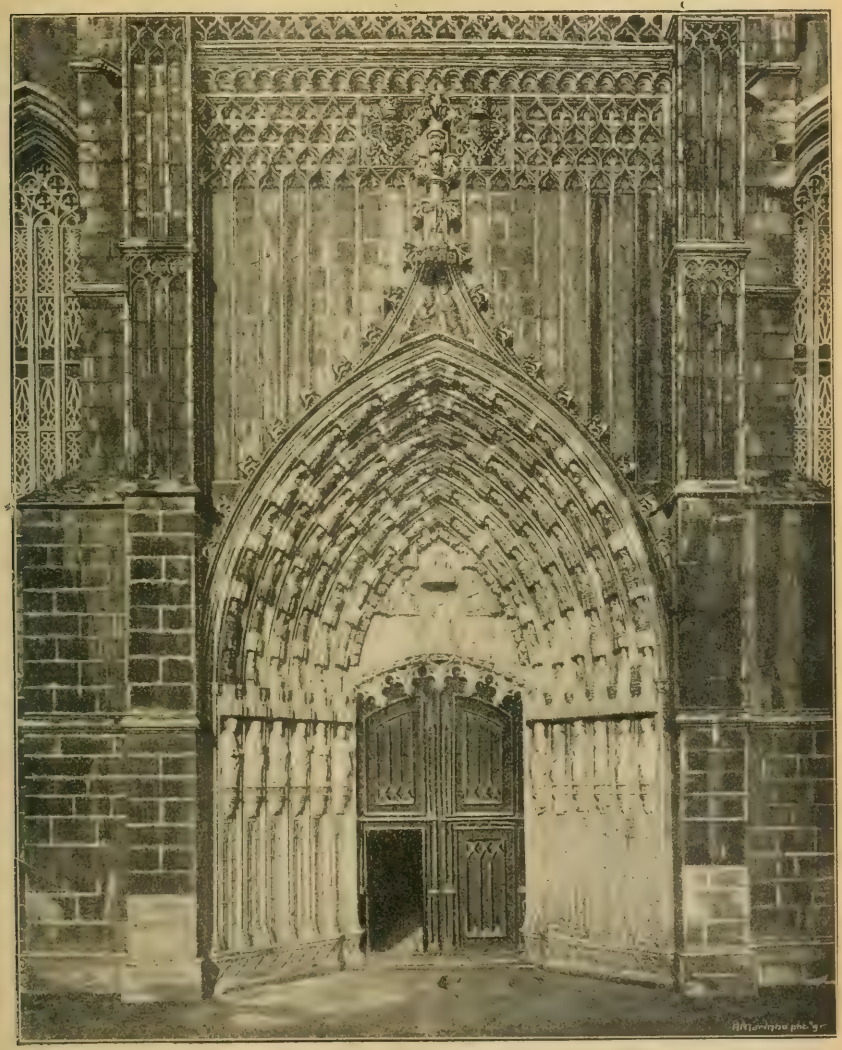
Quillardet diz ironicamente que pretendemos convencer todo o mundo de que temos um estilo original em architectura: o manuelino.

Posso responder a Quillardet com palavras de Ramalho:

«Dirão que não é isso precisamente um novo stylo. Certamente que não, se unicamente chamarmos stylo novo em architectura á constituição complexa e integral de um systema de edificar. Mas, se tomarmos a palavra stylo em tal accepção, nenhum stylo é novo em toda a architectura da edade média e da renascença.»

Prosegue Quillardet aventando com a mesma ironia que *nós vemos* na «decoração» manuelina cabos, cordas, conchas, como significação dos nossos emprehendimentos maritimos ou imitação da arte da India.

Nós vemos? Vemos o que toda a gente vê—o que viu e notou um illustre compatriota de mr. Quillardet, Edgar Quinet, tambem francez, e crêmos que elle interpretou bem o que viu.



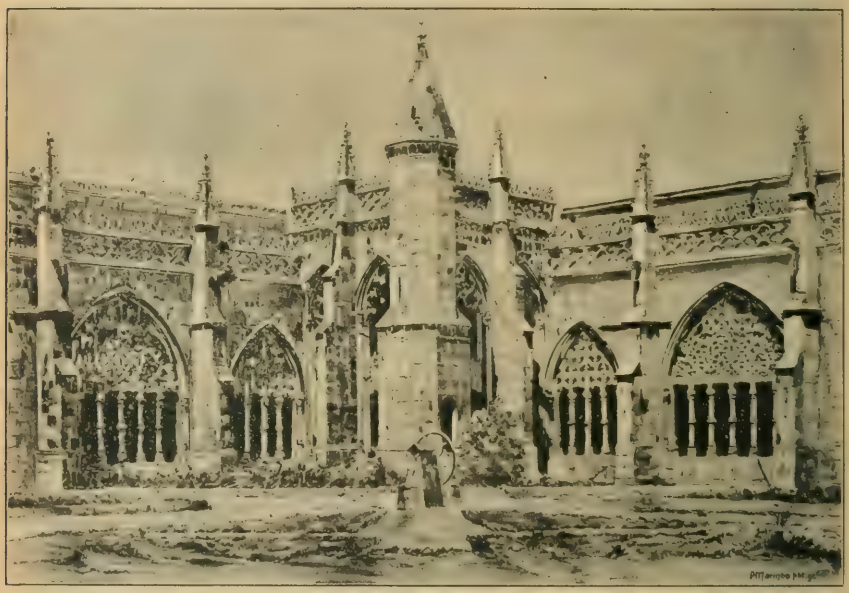
469 - Batalha — Porta principal

Nós vemos? Mas, alem de Quinet, outros escriptores extrangeiros confessam o caracter particular e especial de um estilo propriamente nosso, que irrompeu de uma inspiração nacional e patriotica por entre as recordações de estilos extranhos preexistentes:

o gothico e o arabe. Nos ultimos tempos assim o reconheceu o sabio professor Max Dessoir, lente de esthetica e philosophia da arte na Universidade de Berlim, que visitou os principaes monumentos de Portugal.

Reconheço algum fundamento a Ramalho para sustentar que a Batalha não caracterisa um paiz; mas é certo que representa um cyclo epico, e que a sua architectura, com ser normando-gothica, é uma coincidencia feliz da éra ogival com a ideia da fundação, porque tem a expressão grave de uma batalha em que se jogou tudo quanto um paiz possue de maiormente sagrado e solemne: a sua independencia.

Mais de um seculo depois, quando o *manuelino* desabrocha nos Jeronymos, Portu-



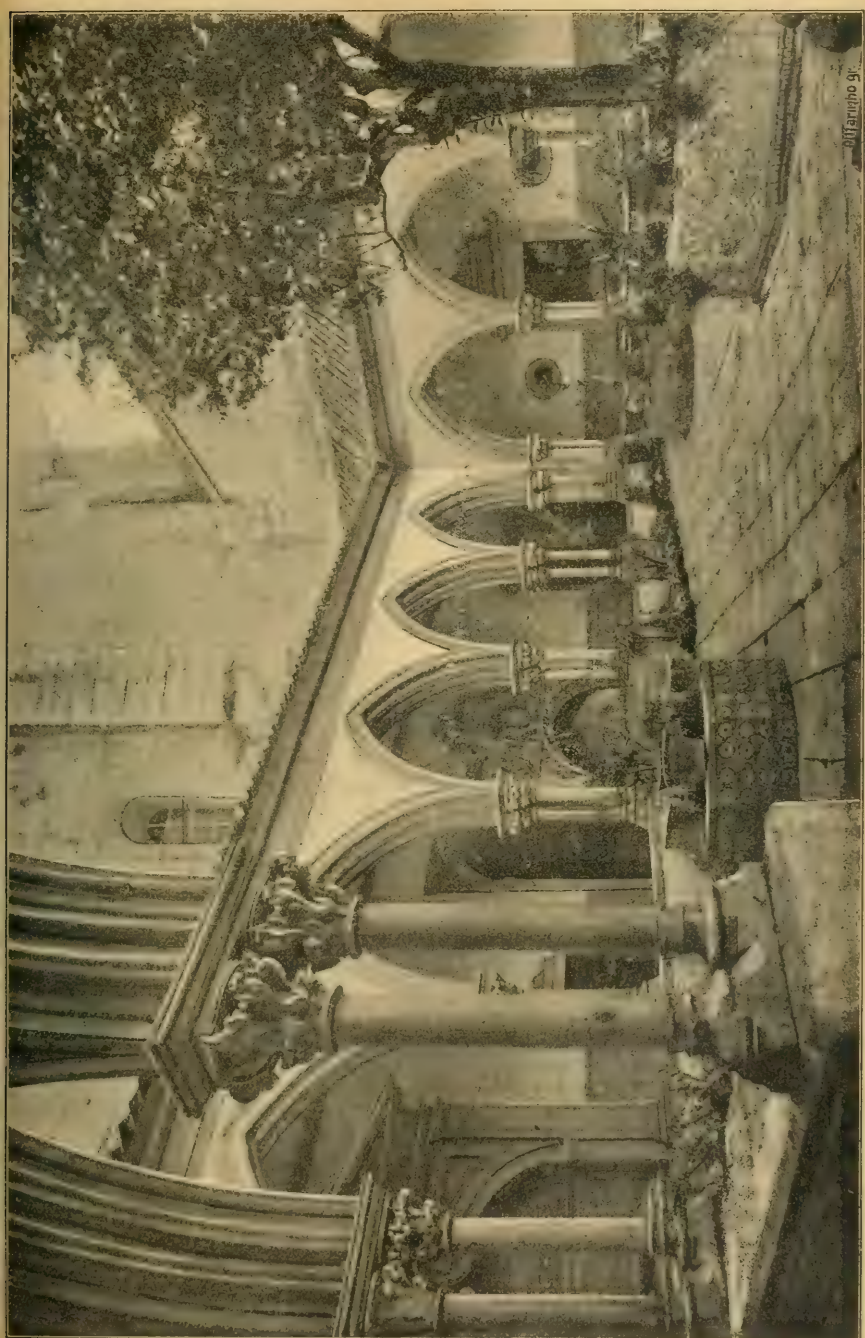
476—Batalha—Claustro Real

gal é já livre e independente, navega, descobre, opulenta-se, engrandece-se, e a sua architectura e esculptura cantam um hymno de triumpho e sorriem uma claridade de orgulho nacional.

Eu tambem propendo á versão extrangeira, talvez ingleza pelas relações que tinhamos com a Gran Bretanha, sobre o risco da Batalha, mas julgo que os artistas portuguezes, especialmente os canteiros, facilmente comprehenderiam e executariam os mais arrojados perfis e trabalhosos lavores, e que a propria construcção seria uma escola rapidamente productiva de artistas.

O officio de canteiro [1] é em Portugal aptidão espontanea e notabilissima, como ainda se reconhece nos operarios que modernamente teem procedido ás restaurações da Batalha, taes como bem ou mal lh'as impuzeram, e que nas horas vagas fazem graciosos *bibelots* de pedra para vender aos visitantes.

[1] Aos canteiros chamamos outrora imaginarios. Seria provavelmente algum d'elles que deu o nome a um dos becos de Lisboa, o *Beco do imaginario*, na freguezia dos Anjos.



471 – Batalha—Outro claustro

Na basilica de S. Torcato, junto a Guimarães, o rude canteiro minhôto realisa prodigios de escrôpo, quasi entregue a si mesmo, sem escola e sem tirocinio.

O architecto extrangeiro que planeou a Batalha devia ter encontrado em Portugal auxiliares promptos e habeis, a breve trecho seus emulos.

A propria tradição da rivalidade entre mestre Affonso Domingues e mestre Ouguet, irlandez, que faz o assumpto da *Abobada*, auctorisa a supposição de conflictos de competencia e de raça.

Sob este ponto de vista, a Batalha contém, por certo, alguma coisa da alma artistica de Portugal, pelo que toca a muitos collaboradores anonymos, nem se pode contestar que Affonso Domingues foi um dos mestres da obra, ainda quando não fosse o auctor do projecto.

E, pelo facto memoravel que representa, identifica-se com o sentimento nacional n'uma concretisação de alto patriotismo.

Empregou-se na construcção a cantaria branca do Valle da Quebrada, cujas qualidades Frei Luiz de Sousa preconisou.[1] Em 1855 dizia D. Antonio da Costa a respeito d'esta cantaria: «Só para a Batalha vão cada anno 10.000 pés cubicos, ou 300 carradas.»

Sobre a fundação e construcção do monumento fica dito o que é essencial.

Vamos agora visital-o, se não com a minudencia de um artista ou de um archeologo, pelo menos de modo a colhêr uma impressão geral, ainda que pallida.

Por mais que se tenha lido sobre a Batalha com pleno elogio nas descripções de nacionaes e extrangeiros, sempre a visita ao famoso templo nos causa surpresa e assombro, tão notavel elle é.

Quer isto dizer que todas as descripções, sem exceptuar as de maior brilho ou de maior individuação, deixam muito a desejar, se as confrontamos com a realidade e com a nossa emoção pessoal.

Apenas nos desconsola algum tanto que todo o monumento se não desenhe recortado no horizonte, em apotheóse, n'uma evidencia gloriosa, de modo a deslumbrar-nos n'um primeiro lance de vista; mas succeda que principiemos por ver os altos coruchéos rendilhados aflorarem á orla da estrada que parte de Leiria, como que enterrado o edificio n'um terreno baixo.

Mas esse mesmo facto contribue por certo para augmentar o deslumbramento que nos causa o templo, quando, dobrando a estrada para uma rampa, nos encontramos ante a fachada principal e o portico, mais encantadores ainda na pedra que na photographia.

E logo que entramos na igreja sentimo-nos como que humilhados da nossa pequenez humana em presença d'essa maravilhosa obra de arte, que parece subir para Deus n'um sonho aéreo de fé religiosa.

Razão teve o cardeal Vicente Justiniano para chamar á Batalha *outro templo de Salomão*; Frei Luiz de Sousa para dizer que este templo excede todos os famosos da christandade; o cardeal S. Luiz para o classificar de sublime; e Alexandre Herculano para o definir um poema de pedra.

Igual razão tiveram o principe Lichnowsky, para o appellidar «o primeiro templo entre todos os da peninsula iberica»; lady Jackson para confessar que «não ha outro na Europa que o vença em esplendores de architectura»; madame Adam para o considerar «a suprema expressão da arte, da elegancia, do arrojo de concepção e execução».

O architecto inglez Murphy levou ainda mais longe o seu enthusiasmo pela Bata-

---

[1] Veja-se o vol. I d'esta obra, a pag. 22.

lha. Em 1789 passou ali tres mezes levantando plantas, copiando *specimens*, conferindo a descripção feita por Frei Luiz de Sousa, e produzindo finalmente um livro, que lhe faz e nos faz honra.

Comtudo o Cardeal S. Luiz, na sua *Memoria historica* publicada em 1827, nota superficialidade e inexactidão em Sousa e Murphy.

Isto levou o principe Lichnowsky, segundo elle confessa, a inutilisar todos os apontamentos que havia tomado e a convencer-se de que nunca deveria intentar uma descripção desenvolvida da Batalha.

Veja o leitor qual será a difficuldade da nossa situação para nos contermos apenas em algumas paginas.[1]

Tanto na fachada principal como no portico lê o visitante o mote architectonico em toda a construcção do edificio glosado com uma elegancia de ornatos e harmonia de ogivas ao mesmo passo imponente e severa.

O systema gothico foi de uma grande probidade artistica no enunciado exterior dos seus templos: encontramos logo o motivo fundamental do estilo, que escrupulosamente é mantido nos aspectos interiores.

Com effeito, o corpo da igreja desenvolve uma unidade de pensamento admiravel pela integração das suas linhas simples, mas augustas, com o plano geral do edificio.

Os pilares que dividem as naves fazem lembrar na singeleza dos fustes os troncos de altos eucalyptos, cujas frondes se inclinam sobre os capiteis para fechar, de um a outro lado, os arcos ogivaes da abobada.

Parece-nos vêr longas avenidas arborisadas em pedra, onde a luz docemente colorida penetra vaga e respeitosamente, e um suave mysterio religioso relaciona a magestade de Deus com a phantasia creadora do artista.

Mr. Quillardet que, a muitos respeitos, não viu mal os assumptos portuguezes, foi menos feliz nas poucas linhas que dedicou á Batalha.

Assim, pois, diz elle: «De um bello gothico e com cinco naves ella é grandiosa, mas desapparece um pouco na abundancia dos accessorios que a cercam».

Nunca ninguem disse isto, nem viu isto. Eu poderia citar em contrario as mais auctorisadas opiniões; mas bastará argumentar *de visu* com a sobriedade ornamental dos pilares, das naves e da abobada.

E já que ha pouco falei da luz interior do templo quero accentuar a belleza d'essas encantadoras vidraças polychromas, que tanto impressionaram madame Adam, e cujas restaurações amesquinham a sua valia: não porque se ignore hoje o processo de colorir indelevelmente grandes placas de vidro por meio dos oxidos metalicos, mas porque a idade-media, com o systema dos vitraes compostos de pequenas laminas reunidas em figura, tinha sabido tornar menos crua, discretamente casta, a claridade coada pelas janellas.

Logo á direita de quem entra na igreja se encontra, formando corpo independente no mesmo alinhamento da fachada, a capella do fundador, vasta e quadrada, ao meio da qual, n'uma caixa rectangular de pedra branca, repousam os restos mortaes de D. João I e da rainha D. Filippa de Lencastre.

Sobre a tampa do mausoleo avultam as suas estatuas jacentes, regiamente coroa-

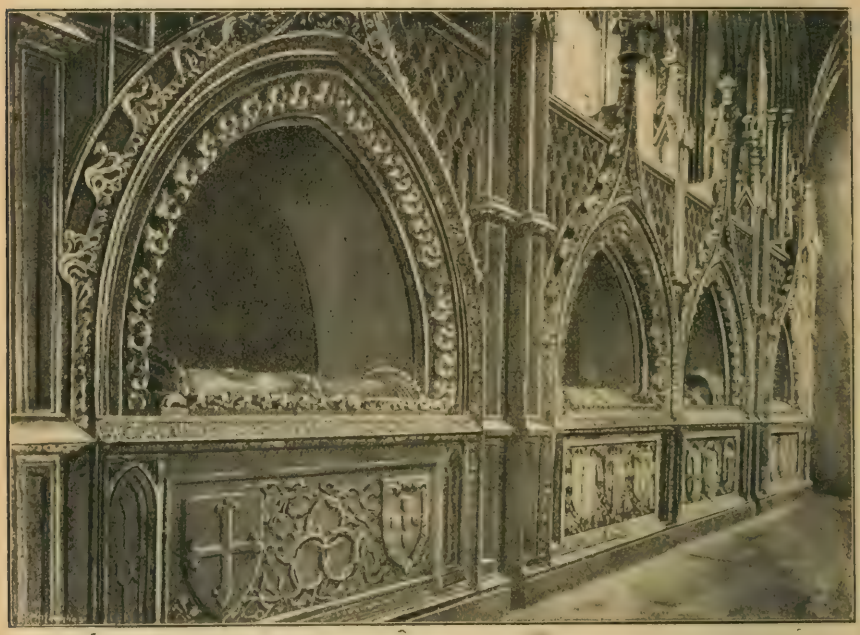
---

[1] Notaremos que, alem das descripções de Frei Luiz de Sousa (na *Hist. de S. Domingos*), Murphy e Frei Francisco de S. Luiz, ha a *Memoria inédita* de Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque, cuja ultima edição creio ser a de 1897 a serie de artigos de Vilhena Barbosa no 8.º vol. do *Archivo Pittoresco*; *O Mosteiro da Batalha* (Pariz, 1892) pelo visconde de Condeixa: e, com um fim de vulgarisação, *Resumo da fundação do real mosteiro da Batalha*, de que tenho a 5.ª edição (1880) e a 8.ª (1890); e *O monumento da Batalha, guia do visitante*, recentemente publicado, em 1904.

das, sob baldaquinos lavrados em torre, e a mão direita da rainha pousando sob a mão direita do rei como no acto de uma eterna bençam nupcial.

Os brazões de familia, as divisas pessoaes, e os longos epitaphios em latim biographicos e laudatorios como era uso na idade-media, completam o interesse d'este moimento, ante o qual nos sentimos tomados de espontanea veneração.

Abertos na espessura da parede do sul descobrem-se quatro arcos, dentro dos quaes estão os jazigos dos infantes D. Pedro, e D. João com suas mulheres, D. Henrique e D. Fernando, tambem com os respectivos brazões, divisas, inscripções sepulcraes, e algumas figurações piedosas ou ornatos symbolicos.



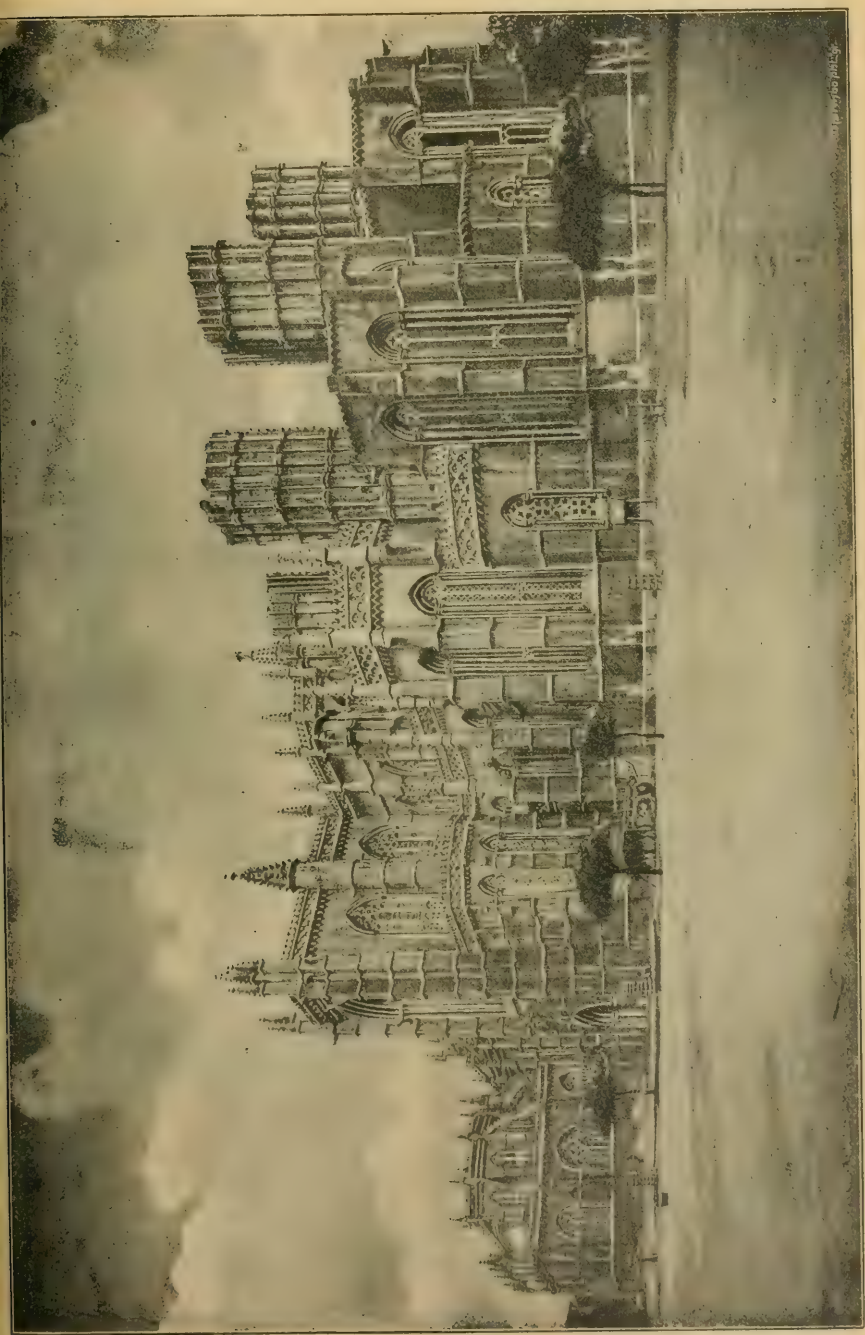
472 — Batalha — Tumulos dos Infantes na capella do Fundador

Nos arcos da parede do poente enquadram-se desde novembro de 1901 os tumulos de Affonso V, sua mulher D. Izabel de Lencastre, D. João II e seu filho o mallogrado principe D. Affonso, que até então estiveram provisoriamente em outros logares: o de Affonso V, D. Izabel e D. Affonso na Casa do Capitulo, e o de D. João II na capella da Senhora da Piedade.

A trasladação fez-se solemnemente no dia 28 d'aquelle mez, assistindo el-rei D. Carlos com a rainha D. Amelia e seus filhos, os membros do governo e as auctoridades do districto de Leiria.

Foi o conego Alves Mendes quem recitou a oração funebre, para o que veio expressamente do Porto, e n'esse mesmo dia recebeu da bocca d'el-rei D. Carlos a communicação de haver sido nomeado arcediago de Oliveira do Douro.

Quero ainda contar, a respeito do tumulo do Infante-Santo, uma superstição que me referiram na Batalha.



473—Batalha—Vista geral do lado da porta lateral

As beatas costumam introduzir os seus rosarios por uma estreita abertura do frontal d'esse jazigo, e algumas vezes succede ficar o fio das contas preso lá dentro em alma aresta da pedra, o que ellas tomam como patrocinio milagroso.

Na passagem d'esta capella para a igreja encontramos as campas de Martim Gonçalves de Maçada, que em Aljubarrota denodadamente protegeu a vida do rei, e a de Diogo Gonçalves de Travassos, grande amigo do infante D. Pedro e aio dos seus filhos.

Outras campas se nos deparam na igreja da Batalha. D'ellas mencionarei apenas a de Matheus Fernandes, porque elle foi o primeiro mestre de obras das *Capellas Imperfeitas,* a que logo me referirei com mais alguma pausa.

Na capella mór, junto ao supedaneo, jazem n'uma caixa de pedra as cinzas de el-rei D. Duarte e de sua mulher a rainha D. Leonor de Aragão.

Pinheiro Chagas, falando d'este jazigo, diz parecer que a influencia nefasta de D. Leonor ainda na morte prolongou a scisão entre a familia do fundador. Referindo-se a D. Duarte e á rainha aragoneza, escreve: «Lá estão as suas estatuas de mãos enlaçadas, emquanto ao fundo da igreja, encerrados na sua funeraria capella como que choram seus paes e seus irmãos a ausencia do monarcha eloquente.»

Estas estatuas jacentes não são perfeitas, e de mais a mais os francezes mutilaram-n'as brutalmente no rosto: esbrucinaram-lhes o nariz, como fizeram em Alcobaça á de Ignez de Castro. Era a troça no vandalismo. Essa ébria soldadesca napoleonica, quando metteu o seu nariz em Portugal, não consentiu o confronto com outros narizes.

Em geral as estatuas da Batalha desdizem do merito tanto da architectura como do trabalho ornamental. Judiciosamente faz esta observação o principe Lichnowsky.

A capella-mór, traçada em polygono, afina architetonicamente com o estilo do corpo da igreja, posto seja menos singela na esculptura pela mesma superioridade da sua funcção lithurgica. E foi ahi que os frades fizeram maiores desvarios artisticos.

Aos lados d'essa capella principal abrem-se, na testa do cruzeiro, quatro capellas, duas de cada lado, encimadas por janellas.

Uma, a de Santa Barbara, foi modernamente restaurada no altar e na tribuna. E, tambem no interior do templo, construiram-se o baptisterio, e o pulpito, que antigamente era de madeira. No exterior os Apostolos do portico foram substituidos por outros.

Uma porta dá passagem da capella de Santa Barbara—que é a ultima do lado do Evangelho—para a sacristia, que os frades tinham em muito apreço, não pela grandeza architectonica, mas pelas reliquias, vasos sagrados e paramentos que possuia.

Aqui estiveram guardados durante seculos os capacetes de D. João I e D. João II, doados pelos proprios monarchas ao mosteiro.

Os cicerones costumavam repetir aos visitantes a historia de um hespanhol, que tivera a audacia de pôr na cabeça o capacete de D. João I e que se vira parvo para o poder tirar, o que finalmente conseguiu não sem ficar com a cara e as orelhas arranhadas.

Estes capacetes vieram ha annos para o Museu de Artilharia em Lisboa.

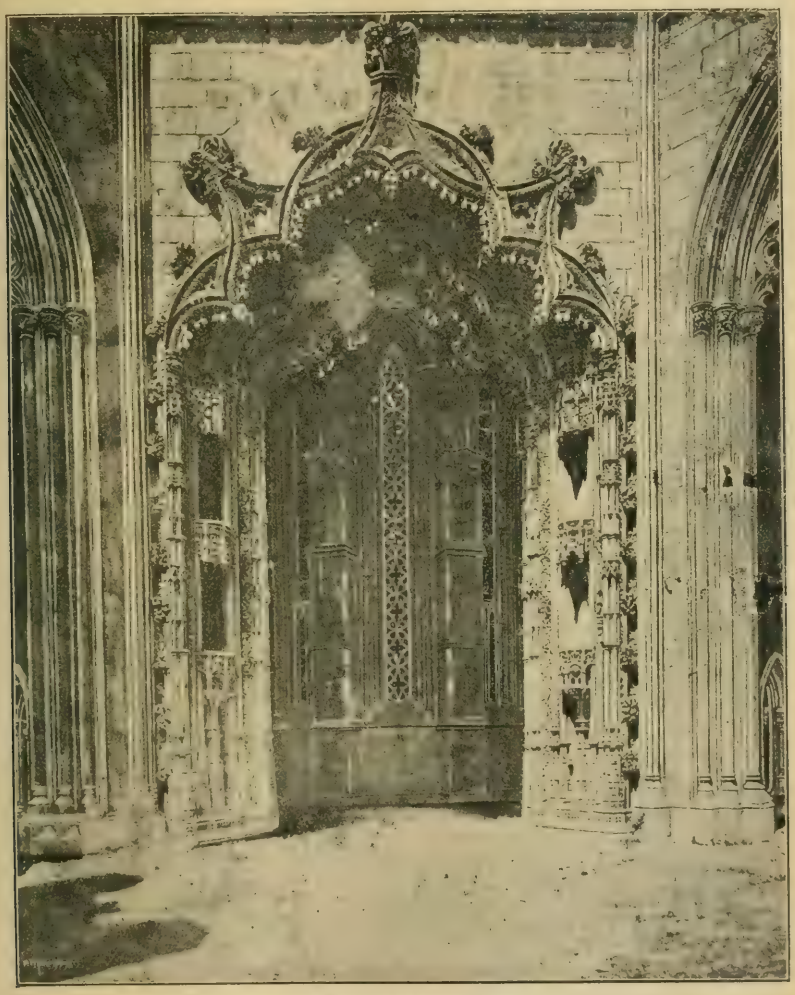
A sacristia communica com a celebre Casa do Capitulo, a cuja arrojada abobada —sem columna, nem esteio, nem coisa que a sustente como diz Frei Luiz de Sousa— se liga a lenda de Affonso Domingues, que Alexandre Herculano estilou romanescamente sobre a tradição popular.

Diz-se que a abobada abateu duas vezes, e que, novamente reconstruida, quando o architecto afiançava a segurança da obra, D. João I duvidára, a ponto de ordenar que fossem tirados os cimbres por criminosos condemnados a pena ultima.

Na brilhante narrativa de Herculano, Affonso Domingues faz voto de passar tres dias de absoluto jejum debaixo da abobada depois de descimbrada. A abobada

não caiu, mas o architecto victorioso morreu ali de inanição em pleno triumpho artistico.

N'um dos angulos da casa capitular vê-se uma figura de homem, de touca na cabeça. Diz a tradição que essa figura—manifestamente a do respectivo architecto, por-



474—Batalha—Portico das Capellas Imperfeitas

que tem um esquadro na mão—representa Affonso Domingues, mas esta interpretação é attingida por duvidas que a embaraçam.

Da Casa do Capitulo passa-se ao Claustro Real, obra não concluida no tempo do fundador e notavel pelas bandeiras rendilhadas dos arcos ogivaes que contornam todos os lanços do vasto quadrado.

Ao norte do Claustro Real fica o de D. Affonso V, assim chamado talvez por ser este soberano que o mandou concluir.

Não é magnificente nem bello, e o mesmo se pode dizer do claustro que tem o nome de D. João III, por ser obra sua, assim como o foi tambem um grande dormitorio, uma casa de noviciado, uma hospedaria, e outras dependencias.

Toda esta ultima parte do edificio se conserva em ruinas desde que os francezes lhe pegaram fogo.

Passarei rapidamente pelos terraços superiores, pelo refeitorio e pela adega, que são da epoca do fundador, bem como por outras officinas do mosteiro, para dar alguma noticia, ainda que succinta, das chamadas *Capellas Imperfeitas*—mais propriamente deveria dizer-se incompletas—e destinadas a pantheon real.

Por muito tempo se discutiu qual fosse o seu fundador, mas deve-se a Vilhena Barbosa o serviço de haver feito luz no pleito com a simples indicação do testamento de el-rei D. Manuel na passagem em que recommenda a conclusão da obra, pois ahi se diz claramente que D. Duarte foi o *primeiro principiador d'ellas*.

As Capellas Imperfeitas ficam por detraz da capella-mór e das quatro capellas do cruzeiro, mas são independentes da igreja. O conjunto tem a forma de um polygono octogonal, e comprehende dois corpos principaes: um constituido pelo portico e por sete capellas, cada uma de tres faces; o segundo por oito grandes massiços de pedra, compostos de columnas delgadas, e por outras tantas janellas.

A interrupção das obras deixou as capellas descobertas superiormente. Em nosso tempo, e não sem alguns desacertos, foram construidas as grilhagens e pyramides que cobrem e rematam as capellas.

O seu portico é um soberbo monumento de estilo manuelino. Entrançam-n'o em toda a volta cordões lavrados, nos quaes apparece inscripta e repetida a legenda *Tanyas erey*, cuja interpretação tem sido motivo de debates academicos.

Entre os commentadores que mais recentemente se teem occupado do assumpto, Augusto Fuschini, (1904). traduziu assim o sentido d'esta legenda grega conjugada com outra tambem grega: *De pressa por toda a parte descobre regiões*.

Despraz a alguns criticos o contraste entre a sobriedade gothica do templo e a profusão de ornatos das *Capellas Imperfeitas*.

Outros—Ramalho á frente—absolvem a quebra da unidade architectonica pelo que ha de gloriosa nacionalidade artistica e reflexo historico de uma grande epoca na intervenção do *manuelino*, como affirmação de raça creadora e de movimento evolutivo do espirito portuguez, n'este appendice ao monumento da Batalha.

Eu sigo Ramalho no protesto que elle lavra contra a supposta *decadencia* das Capellas Imperfeitas, e com elle as reputo uma feliz duplicação monumental, porque a Batalha, longe de ser um amálgama de epocas como Alcobaça, é ainda e será sempre uma soberba chronica de pedra em dois tomos, distinctos, independentes, intensamente caracteristicos: um do estilo gothico no templo, outro, no portico manuelino d'estas Capellas, do *motivo* e *momento* que nos pertencem na historia geral das bellas-artes.

Murphy fez um projecto de conclusão das Capellas Imperfeitas [1]. Falta-lhe caracter meridional. Não se lhe deu andamento, e ainda bem.

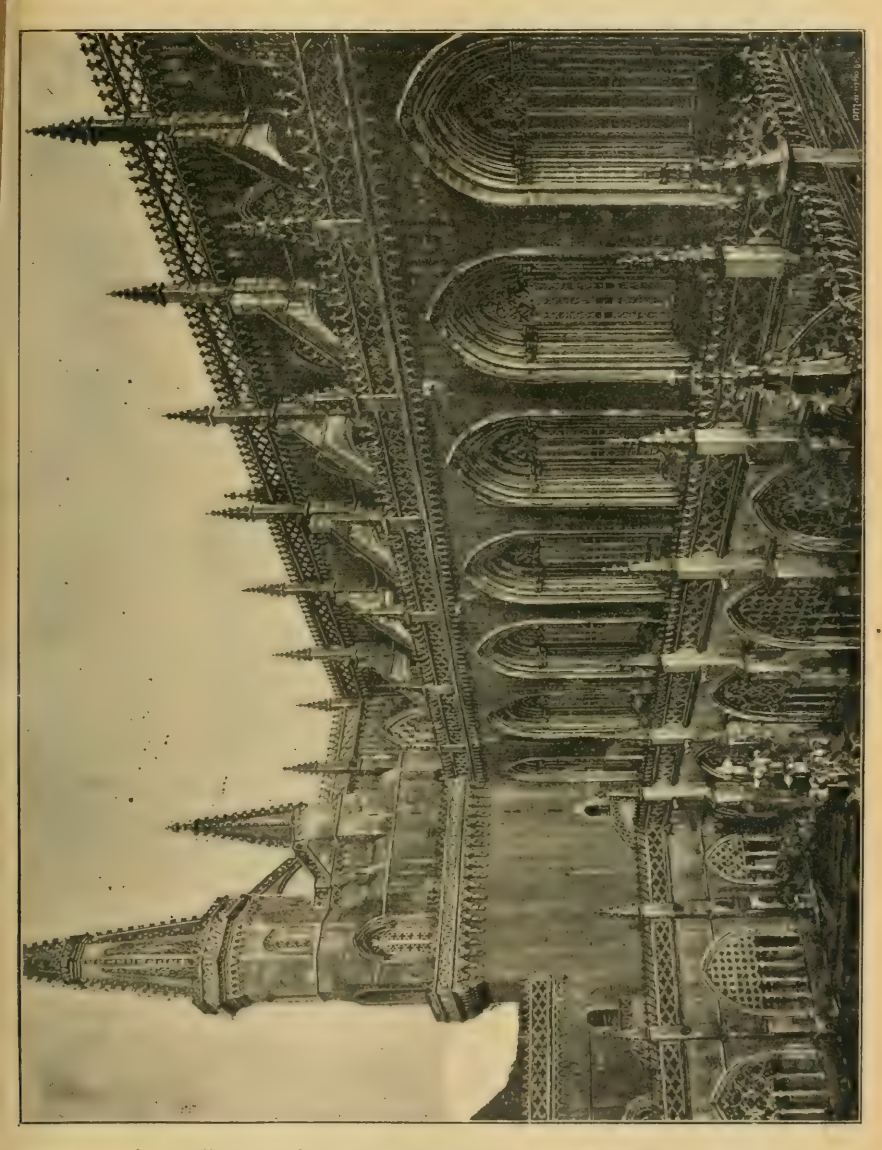
O grandioso monumento da Batalha teria sido votado a um abandono igual ao de Alcobaça, se el-rei D. Fernando, depois de o visitar em 1836, não chamasse para elle a attenção de governo.

De 1840 até ao principio de 1843, Luiz Mousinho de Albuquerque foi encarregado

---

[1] Vem reproduzido a pag. 393 do 8.º vol. do *Arch. Pitt.* A pag. 237 do mesmo vol. encontra-se o retrato e uma noticia biographica de Murphy.

da sua conservação e restauração e, pela *Memoria* que deixou, podêmos conhecer o dedicado interesse com que procurou desempenhar-se d'esse difficil encargo.



475—Batalha — Face da igreja para o lado do norte

Desde aquella epoca faltou um plano systematico de coordenação de trabalhos, faltou um homem que o promovesse n'um paiz indifferente a bellas artes, faltou o dinheiro nas arcas do Estado, e hoje, desde julho de 1907, apenas estão encarregados da con-

servação do monumento 3 operarios! O resto do pessoal limita-se a 1 servente, 2 jardineiros e 2 guardas.

Tambem pouco se tem pensado em facilitar aos visitantes nacionaes e extrangeiros a communicação com a Batalha.

A primeira vez que ali fui, preferi a estação de Pombal á de Chão de Maçãs, e fiz em diligencia o resto da viagem. Aberta a linha de oéste, a estação mais commoda para quem parte de Lisboa é a de Leiria, sendo comtudo preciso ir da estação á cidade e da cidade á Batalha em qualquer vehiculo. Um ramal que ligasse a estação de Martingança directamente com o monumento, que d'ella dista apenas 11 kilometros, seria de uma grande vantagem para os visitantes, e de muita utilidade para o commercio e industria do concelho.

A freguezia da Batalha, cuja séde é a villa, tem 3.869 habitantes, e por orago a Exaltação da Santa Cruz.

A antiga igreja parochial, do tempo de D. Manuel, com o seu bello portico e lindo altar-mór, está em ruinas, mal conservadas.

Hoje serve de parochial a igreja do mosteiro.

Ha tambem a igreja da Misericordia (com hospital), ha a primitiva capella de Santa Maria da Victoria, geralmente de S. Jorge, porque o Condestavel a dedicou «á honra da Virgem e do Martyr S. Jorge» (Vide cap. *Alcobaça*, quando tratamos de Aljubarrota) e no extremo norte da villa, estrada da Rebolaria, a capella de Nossa Senhora do Caminho, recentemente restaurada a expensas do sr. dr. Joaquim Vicente da Silva Freire.

Celebram se annualmente na igreja do mosteiro as cerimonias da Semana Santa, e as festas do Sacramento, da Senhora do Rosario, do Coração de Jesus, e da Santissima Trindade, figurando n'esta ultima tres pagens e havendo jardim de fogo-preso e arraial com descantes populares.

No edificio da camara municipal, que é regular, estão tambem alojadas a administração do concelho e a cadea.

Os melhores predios da villa são os do commendador Salles, a escola Encarnação (do legado d'este nome) mandada edificar pela Misericordia, e o da baroneza de Vál da Matta.

As principaes ruas são a do Fidalgo e da Liberdade.

Praça ha a de Mousinho de Albuquerque; largos — os de D. João I e D. Manuel.

Funccionam duas escolas officiaes para ambos os sexos, e outras duas fundadas em virtude do legado Encarnação.

Na villa laboram fabricas de distillação de agua-ardente vinica, e, nas proximidades, fabricas de cortumes, e officinas pyrotechnicas.

Tem havido varias philarmonicas; mas actualmente não ha nenhuma.

Esta villa, em que não achareis theatro nem praça de touros, possue comtudo um Club da Associação Recreativa e Instructiva Batalhense.

O *Hotel Fernando* não é mau nem bom — antes pelo contrario...

A maior industria da povoação é a da distillação de agua-ardente.

Faz-se um bom mercado todos os domingos e uma feira annual a 15 e 16 de agosto.

As quintas importantes são: a do mosteiro (cêrca), hoje propriedade de D. Julia Crespo, e a do commendador Salles.

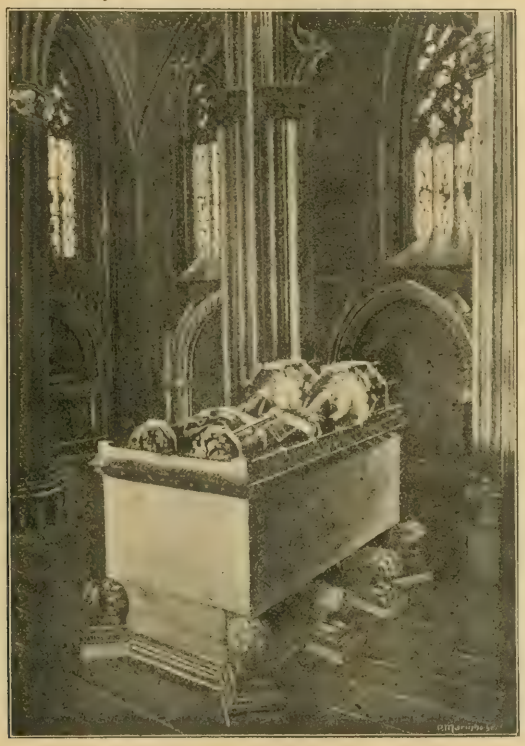
Já ha alguns annos que foi supprimida a secção da escola industrial de Leiria aqui destacada, na qual se ensinava desenho linear, ornamental e architectonico, bem como tambem modelação, applicaveis ao monumento.

De passagem farei uma referencia nobiliarchica: em 1851 foi agraciado com o titulo de barão de Nossa Senhora da Victoria da Batalha o brigadeiro Sebastião Francisco Severo Drago Valente de Brito Correa de Lacerda Green Cabrera, que se assi-

gnalou nas luctas constitucionaes por serviços militares, e que até pelos sobrenomes e appellidos parecia fadado para a carreira das armas, bem como pela expressão marcial da sua physionomia, segundo os retratos que d'elle existem.

O concelho da Batalha completa-se com a freguezia do Reguengo, que tem 3.160 almas.

Este concelho pertence administrativamente ao districto de Leiria, judicialmente á comarca de Porto de Mós, e, no ecclesiastico, está sujeito ao Patriarchado.



476—Batalha—Tumulo de D. João I

A séde da freguezia do Reguengo é o logar do Reguengo do Fetal, 7 kil. a suéste da villa da Batalha.

No outono celebra-se aqui a festa de Nossa Senhora vulgarmente chamada do Fetal, e á noite illuminam-se todas as portas e janellas da aldea por um processo muito interessante.

São cascas de caracoes cheias de azeite e munidas de pavios minusculos; mas o effeito é pittoresco pela multidão de estrellinhas que poisam sobre as casas brilhando.

Parochia populosa, o Reguengo comprehende muitos logares. Recommenda-se industrialmente pela exploração das suas pedreiras, as quaes forneceram toda a cantaria empregada na construcção da estação do Rocio em Lisboa.

O concelho é abundante em producções agricolas : a do vinho está calculada em 7 ou 8 milhões de litros.

Finalmente, a villa e o concelho da Batalha vingam-se da sua pequenez pela em 7 deza do templo monumental que possuem, edificio que tem merecido a attenção e a critica dos extrangeiros, a prosa de brilhantes estilistas nacionaes, antigos como Frei Luiz de Sousa, modernos como Herculano, Rebello da Silva, Latino Coelho, Pinheiro Chagas, e as estrophes arrebatadas de poetas como Soares de Passos:

Altos porticos, lavores
D'ostentosa architectura,
Corucheus d'immensa altura
Roçando a fronte nos ceus;
Dentro, a nobre magestade
Do santuario profundo,
Onde, extincta a voz do mundo,
Só lembra o passado, e Deus.

XXVIII

Leiria

I

A CIDADE

ÇA DE QUEIROZ, que por algum tempo foi administrador do concelho de Leiria [1], enscenou n'esta cidade a acção d'*O crime do Padre Amaro*, romance realista em que perpassam relances de paizagem e vida local.

Pinheiro Chagas achou que difficilmente poderia encontrar Eça de Queiroz outra terra mais propria para desenrolar n'ella o entrecho de um romance no genero de *Madame Bovary*. Chega a parecer-lhe que Leiria fôra inventada por Gustavo Flaubert.

Effectivamente, Leiria, comquanto seja uma cidadesinha pittoresca, com menos de 5.000 habitantes, capital de um districto administrativo [2] e cabeça de uma comarca de 1.ª classe, comquanto tenha um lyceu e um regimento—infantaria 7—é bem uma terra de provincia, quieta e monotona, prestando-se por isso a ser moldura de amores clandestinos, de mexericos e commentarios que brotam da ociosidade como distracção necessaria.

Já por tres vezes estive em Leiria, e da ultima julguei-me tão solitario ás 8 horas da noite, que fui metter-me no *hotel*, e logo depois dentro da cama.

Durante o dia eu senti sempre a impressão de trazer ás costas todo o peso do castello com o seu grande ar historico, para me servir de uma expressão de Eça, porque o castello vê-se de qualquer parte, das ruas estreitas, da Praça dormente, do Rocio solitario e dos arrabaldes que o Liz esmalta lindamente.

Igual impressão oppressiva apenas a recebi da grandiosa corpulencia e das negras torres do real edificio de Mafra.

---

[1] Era-o em 1870. N'esta cidade redigiu a sua contribuição para o *Mysterio da Estrada de Cintra* e começou a escrever o romance a que o texto se refere.

[2] A população total do districto é, pelo ultimo censo, de 53.721 habitantes.

E em Leiria, como em Thomar e em Mafra, cheguei a impacientar-me por não saber o que fizesse ás 8 horas da noite na solidão e no abandono.

Leiria tem, é certo, um acrescimo de vida aos domingos por causa do mercado semanal, que justamente Eça de Queiroz descreve; nos dias 8 em que se realisa o mercado mensal; e em março e agosto emquanto duram as feiras annuaes; mas apagados estes fogos—fatuos de animação extraordinaria, a cidade recae no langor e no tedio, os estudantes e os soldados em flaino, os burocratas em descanso, e o castello em ruinas parecem unanimemente desejar um acontecimento reanimador e vivificante—por exemplo que os moiros voltassem a tomar o castello fundado por Affonso Henriques e que Affonso Henriques viesse outra vez retomal-o aos mouros, como aconteceu ha 8 secu-

477—Vista geral de Leiria

los, animado pelos crocitos e adejos de um corvo de bom agouro, como dizem a lenda e o brazão da cidade.

Eu já resumi no 1.º volume d'esta obra o que se sabe da fundação do castello sobre o monte de Leirena[1] e das peripecias militares de que elle foi alvo nos reinados de Affonso Henriques e Sancho I.[2]

Agora direi apenas que dentro das antigas muralhas pousaram outrora os reis de Portugal, especialmente D. Diniz, que do senhorio de Leiria, á qual Sancho I deu foral de villa em 1195, fez doação á Rainha Santa.[3]

E, dito isto, passarei sem demora a referir-me ao projecto de reconstrucção do castello elaborado pelo illustre professor da escola industrial *Domingos Sequeira*, que funcciona em Leiria, o sr. Ernesto Korrodi.

Impressionado pelo valor artistico e historico do castello, o sr. Korrodi começou a estudal-o com devotado affecto.

«No seu importante conjunto de fortaleza, habitação e capella—diz o sabio professor—constitue elle ainda hoje, apezar de muito arruinado, um frisante documento de architectura medieval e deixa-nos, embora vagamente, adivinhar o que seriam a vida e os costumes dos primitivos habitantes d'aquella esplendida residencia. A parte mais inte-

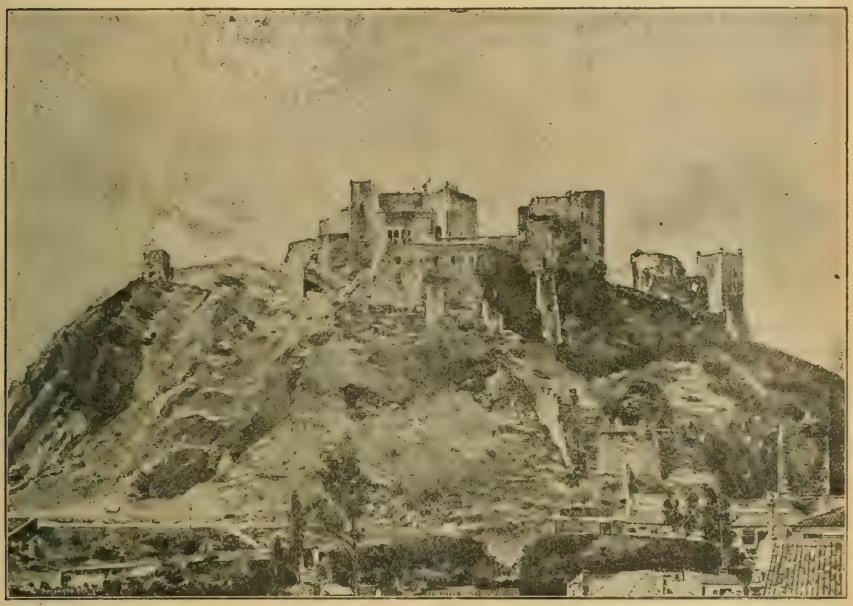
[1] *Leirena—Leirea—Leiria.*

[2] Pags. 6, 7 e 10 do 1.º volume.

[3] D. Fernando doou-a a D. Leonor Telles, e D. João I encorporou Leiria na corôa, como logar proprio para *filhar desenfadamento*, isto é, logar propicio a ocios reaes.

ressante da ruina, o antigo palacio real, é dos poucos elementos que ainda restam no paiz de construcção civil gothica, talvez o mais caracteristico representante da habitação nobre portugueza da edade-média. Embora despido de todo o adorno, a imponencia pouco vulgar das suas linhas geraes, os restos das columnatas, portas e chaminés, o esburacado das paredes signal visivel de ricos tectos de madeira, são tudo testemunhas eloquentes do seu primitivo esplendor.»

O castello, fundado em 1128 em «terra deserta e não habitada», vinha do alto do



478—O castello de Leiria

monte rochoso ligar-se, circumdado de muralhas e torres, com os muros da povoação, então situada n'uma collina mais baixa, no meio da qual foi erigida a primitiva igreja matriz, agora chamada capella de S. Pedro, e interessante monumento de estilo romanico.

Na área da povoação inicial, cujas muralhas apenas estão rôtas ao sul, acha-se edificado o paço episcopal, onde algumas vezes se tem hospedado o sr. Bispo-Conde, porque Leiria pertence á diocese de Coimbra.[1]

A população foi-se espraiando junto aos muros no chamado arrabalde da Ponte, onde já era densa no seculo XIII, e communicava com o castello por uma porta ao norte, flanqueada de torres. N'este arrabalde construiu-se mais tarde a igreja de Santiago, que as alluviões do rio Liz sepultaram, porque, no decorrer dos seculos, este rio, que banhava outrora aquella collina em que a primeira povoação se estabeleceu, tem modificado muito o seu leito e curso.

[1] A extincta diocese de Leiria durou mais de tresentos annos e teve vinte e dois bispos. O ultimo foi D. Joaquim Pereira Ferraz, que falleceu na sua casa de Barcellos em 1873.

O castello começou decerto por ser uma simples cidadella, e só no fim do seculo XIV (D. Fernando ou D. João I), depois de construida a alcaçova e capella, tomaria o vulto que hoje ainda lhe podemos reconhecer.[1]

O sr. Korrodi põe em pé o castello deante dos nossos olhos, illumina-nos graphicamente a idade-media, e se o seu ideal não pode ser realisado n'este paiz tão pouco favorecedor, por incuria e pobreza, de grandes empresas artisticas, ao menos mentalmente proporciona-nos uma deleitosa revivescencia do nosso passado, tanto mais para agradecer quanto é certo vir da mão de um extrangeiro, que bem merece ser considerado irmão adoptivo dos portuguezes.

Sem curar de saber onde perto de Leiria existiu uma cidade romana com o nome de Callipo, eu mencionarei por ultimo que foi D. João III que elevou a antiga villa de Leiria á categoria de cidade e, obtida a indispensavel bulla em 1545, á de séde de bispado; que, finalmente, em Leiria se reuniram côrtes nos reinados de Affonso III, D. Fernando e D. Duarte, sendo estas ultimas para tratar da triste situação do infante D. Fernando em Fez.

A cidade actual assenta n'uma planicie, banhada pelo rio Liz, junto á falda oriental do monte do castello.

Este rio, formado por duas ribeiras, passa a léste da cidade, descreve uma pequena curva afastando-se para o norte, e vai desaguar ao oceano na freguezia de Vieira.

O Lena, seu affluente, reune-se-lhe um kilometro a oéste de Leiria.

Ao Liz e ao Lena se refere Rodrigues Lobo quando diz bucolicamente em elogio da cidade:

De dois alegres rios rodeada,
E de fresca verdura graciosa,
Valles ao redor verdes sombrios
Que cortam mansamente os brandos rios.

Entre Leiria e o Liz medea o vasto Rocio—hoje Campo de D. Luiz I—que, segundo uma justa phrase de Pinheiro Chagas, é a transição da cidade para o campo.

E ao longo do rio, sobre o marachão, ensombra se o mais encantador Passeio Publico que uma cidade pode desejar, com aspectos florestaes e frescura de aguas correntes.

Por sua vez, Eça de Queiroz descreve: «Ao pé da Ponte, uma rampa desce para uma alameda que se estende um pouco á beira do rio. E' um logar abrigado, recolhido, coberto de arvores antigas. Chamam-lhe a Alameda Velha.»

Todo o ameno trecho marginal do Liz, inclusa a curiosidade natural da *Fonte Quente*, nos compensa da estreiteza das ruas no interior da cidade, cuja impressão de asphyxia a Praça Rodrigues Lobo, com o seu *mentidero* em arcos, á semelhança de Braga, Aveiro, Evora (e por que não Lisboa? onde a arcada é maior por serem maiores as mentiras) não teria podido desvanecer-nos completamente.

Na cidade não abundam os palacios, ao contrario do que era de esperar da antiga tradição fidalga de uma terra onde os reis folgavam e mandavam crear seus filhos.

Lembro-me apenas das residencias da familia Athayde, barão de Salgueiro, do solar que foi do conde de Valladares e do predio que pertence hoje ao sr. Carlos d'Oliveira.

Casas de regular apparencia ha muitas, especialmente na Praça.

---

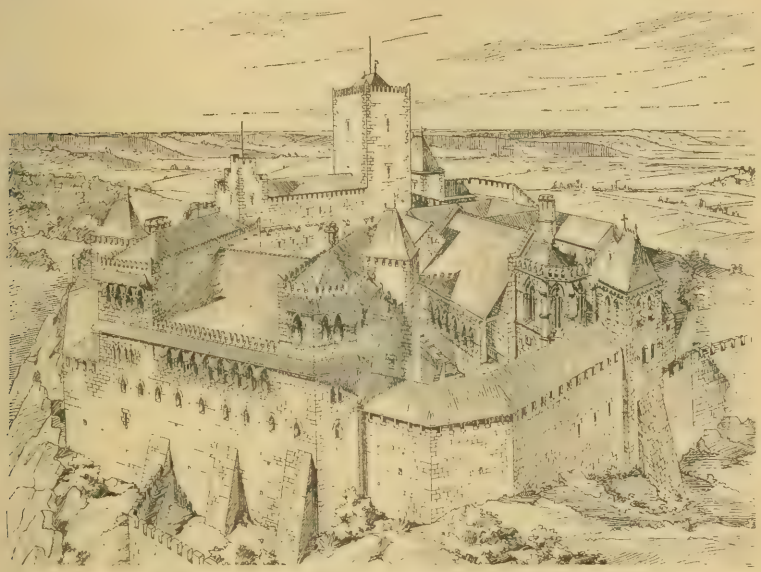
[1] Todas estas indicações as aproveitamos do trabalho do sr. Korrodi, ás vezes até nas suas mesmas palavras. Procuramos vulgarisar aquellas indicações, por isso que esse estimabilissimo trabalho—*Estudos de reconstrucção sobre o castello de Leiria, Zurich, 1898*, em folio grande, com magnificas estampas elucidativas, não é de facil acquisição.

A cidade constitue uma só freguezia, cujo orago é Nossa Senhora da Assumpção.

A extincta sé, actual matriz, construida pelo segundo bispo da diocese, D. Frei Gaspar do Casal (seculo XVI), está situada junto ao monte do Castello.

Comquanto a fachada seja singela, o interior do templo, que é de tres naves formadas por dez arcos, aos quaes altas columnas sustentam, tem imponencia e belleza.

O palacio da mitra com a cêrca, a torre, separada da sé, com o seu carrilhão offerecido pela bispo Aguiar, o edificio do governo civil, acrescentado ultimamente com um segundo andar para residencia do chefe do districto, ficam em terreno superior áquelle templo, ainda na encosta do monte do Castello.



479—Restauração do castello de Leiria, segundo o plano do professor Korrodi

A igreja de Santo Agostinho, em cuja fachada tambem singela avultam duas torres intervalladas por um frontão, pertenceu aos respectivos frades.

Tem uma só nave de avantajadas dimensões.

A reconstrucção do altar-mór, segundo um desenho do professor Korrodi, acha-se ainda incompleta.

No edificio do convento aquartela-se infantaria 7.

A vasta igreja de S. Francisco, tambem de uma só nave, e que julgo estar sendo reconstruida, pertenceu aos frades da sua Ordem, cujo convento, fundado por D. João I, serve actualmente de cadea comarcã.

A igreja de Sant'Anna, de uma só nave tambem, com azulejos na capella-mór e alguma obra da talha no seu altar, era de freiras dominicas, e no respectivo convento, fundado por D. Catharina de Castro, filha do 2.º duque de Bragança, está hoje installada a roda dos expostos.

A igreja do Espirito Santo, fronteira ao Passeio Publico, não é deselegante na fachada, mas nem externa nem internamente tem jus a maior referencia.

Junto á igreja acha-se estabelecido, n'um predio de dois andares, o *Grande Hotel do Liz*, a que faz concorrencia o *Hotel Central*.

São estes, fique desde já dito, os principaes hoteis de Leiria.

No 1.º os preços diarios vão de 1.100 a 1.500 réis; no 2.º, de 800 a 1.200.

Ambos estão situados no centro da cidade.

A igreja da Misericordia impõe-se pela capella-mór, cujo altar é de marmores variegados, e o sacrario bem lavrado em marmore amarello.

O benemerito prelado D. Manuel de Aguiar mandou erigir, de 1798 a 1800, o hospital civil d'aquella invocação, para o qual passaram os doentes do antigo hospital, aos quaes elle proprio acompanhou na sua carruagem.

A irmandade da Misericordia havia sido instituida em Leiria no anno de 1544.

O hospital tem enfermarias de medicina e uma de cirurgia para ambos os sexos, alem de um pavilhão reservado ao tratamento de molestias infecciosas; sala de operações, casa de autopsias, pharmacia e capella.

O seu rendimento annual é de 5.400$000 réis. E d'este rendimento, por dilibera-ração do referido prelado, saem 400$000 réis, que são entregues á irmandade da Misericordia para custeio do culto no templo.

O pavimento terreo do hospital foi cedido a um asylo de inválidos (ambos os sexos) subsidiado pelo governo.

D. Manuel de Aguiar é o prelado cuja memoria Leiria mais abençoa e venera, porque elle, como diz um seu biographo, foi um bispo segundo Deus. [1]

Governou edificantemente a diocese desde 1790 até 1815, anno em que falleceu. [2]

Outro hospital de Leiria, o militar, occupa o edificio que foi convento de Santo Antonio, de capuchos arrabidos, situado perto da cidade, em logar alto, tendo sido o bispo D. Pedro Vieira da Silva que fundou o convento.

A igreja de Santo Estevam, no caminho do castello, é pequena e desvaliosa.

O santuario de Nossa Senhora da Encarnação ergue-se no cimo de uma das collinas que rodeam a cidade. Faz-lhe entrada um portico, desde o qual até ao templo sobe um escadorio no genero dos santuarios do Minho. Como na Nazareth ha um atrio ou alpendrada, limitado por 21 arcos de granito.

O templo nada tem de notavel, comquanto seja amplo.

A rainha D. Filippa de Lencastre encarregou o seu confessor Frei Aymaro, depois bispo de Ceuta, de erigir sobre a collina um templo a Nossa Senhora da Encarnação. Encontraram-se ahi já os restos de uma antiga ermida, e dentro de uma gruta uma imagem de Nossa Senhora em pedra branca, com dois palmos e meio de altura. Edificou-se a nova capella sem grandeza, dando-se-lhe a invocação de S. Gabriel. No reinado de D. João III o 1.º bispo de Leiria, D. Frei Braz de Barros, intentou ampliar o templo, que só em 1554 se concluiu. Mas a fama dos milagres da Senhora crescia tanto, começou tamanha affluencia de romeiros e cirios, que natural foi o pensar-se em erigir melhor e maior santuario, condigno de tão fervoroso culto e larga fama.

Então, lançada solemnemente a primeira pedra a 24 de setembro de 1588, se viu transportarem materiaes collina acima homens e mulheres á porfia, velhos e crianças, e entre todos, ou na vanguarda de todos para exemplo e estimulo, a marqueza de Villa Real com suas filhas.

Por occasião do terremoto de 1755, Leiria, postoque menos prejudicada que Lisboa, soffreu todavia alguns damnos, especialmente na sé e outros templos, mas o san-

---

[1] *Um bispo segundo Deus ou memorias para a vida de D. Manuel de Aguiar, 17.º bispo de Leiria.* Coimbra, 1886.

[2] Corre impressa a oração funebre recitada por Fr. Fortunato de S. Boaventura nas exequias de D. Manuel de Aguiar. Lisboa, 1820.

tuario de Nossa Senhora da Encarnação foi preservado, e n'elle procuraram refugio muitos leirienses.

O bispo D. João Cosme da Cunha andava então fazendo visita pastoral, deu-se pressa em recolher á cidade, e descalço, de tunica, uma corda ao pescoço, um pesado crucifixo nas mãos, tomou parte na procissão de penitencia que se fez no dia seguinte.

Mas como os abalos continuassem, os diocesanos pediram ao bispo que a imagem de Nossa Senhora da Encarnação sahisse processionalmente, ao que elle annuiu, porque em Leiria foi um prelado humanissimo, e depois em Evora, quando arcebispo, o foi menos. [1]

No dia em que esta procissão se realisou, do santuario para a igreja do convento de Sant'Anna, cahiu muita chuva, e comtudo a imagem, segundo é crença, não se molhou.

Os francezes, que tão brutaes desacatos praticaram em Leiria, chegando a queimar as imagens e reliquias em fogueira nos proprios templos, devastaram o santuario de Nossa Senhora da Encarnação.

Restauraram-n'o depois os seus devotos com o auxilio do prelado da diocese, que então era D. Manuel de Aguiar.

480—Leiria—Fachada sul e poente do hospital civil

Eis aqui, muito em escorço, a historia da imagem, e da sua igreja, que na extrema oriental da cidade se ergue no alto de uma collina, cuja base o Liz banha pelo nascente e norte.

Em 1904 o sr. Tito Benevenuto L. de Sousa Larcher, escrivão-notario, publicou uma desenvolvida *Memoria sobre o templo e o culto de Nossa Senhora da Encarnação padroeira da cidade de Leiria.*

Os paços do concelho antigos eram mesquinhos, mas está sendo construido para elles um grande edificio de dois andares com fachada nobre.

Tambem se procede n'este momento á construcção de um collegio e igreja a expensas de padres jesuitas.

O seminario episcopal, hoje subordinado ao diocesano de Coimbra, deu por muitos annos hospedagem ao lyceu nacional no rés do chão.

Agora, desde que o lyceu adquiriu casa propria, o seminario occupa todo aquelle edificio.

O bispo Aguiar tinha mandado fazer um cemiterio publico atraz da Sé, e n'elle erigir o seu jazigo.

Mas o augmento de população impoz a conveniencia de se construir um novo cemiterio, e o local escolhido foi o outeiro de Santo Antonio do Carrascal, ao oriente da cidade.

Alem do lyceu nacional, do seminario ecclesiastico, da escola de habilitação para o

---

[1] A. F. Barata, *Memoria historica sobre a fundação da Sé de Evora* (2.ª edição, 1903) pag. 98.

magisterio primario e das escolas primarias officiaes para ambos os sexos, com outros estabelecimentos de instrucção e educação está dotada Leiria.

A sua escola industrial, que se denomina *Domingos Sequeira*, ensina desenho elementar, desenho de architectura e decorativo, lingua portugueza, arithmetica e geometria, elementos de physica e chimica, e tem officinas technicas de carpinteiro, serralheiro, pintor, e canteiro, bem como, para o sexo femenino, aula de costura e lavores.

Ha na cidade duas casas de educação ou recolhimentos para meninas, o de Santo Estevam e de Sant'Anna, e um collegio de instrucção secundaria com o titulo de *Leiriense*.

Em 1854—já se pode dizer outrora—os intellectuaes de Leiria n'essa epoca fundaram um Centro Promotor de Instrucção Primaria: quatro d'elles foram meus amigos—D. Antonio da Costa, que n'estas iniciativas era sempre o primeiro; Rodrigues Cardeiro, Candido Cau da Costa e Augusto Luso, estes ultimos ali professores do lyceu.

Entre as instituições de recreio avulta o theatro *D. Maria Pia*, por cujo palco teem passado em *tournée* os primeiros actores de Lisboa.

A sala de espectaculos compõe-se de frizas, 1.ª e 2.ª ordem, platea e galerias.

Imagine se o prazer dos leirienses quando lhes chove do céo uma d'aquellas *tournées!*

Não falta na cidade a caracteristica feição extremenha: um circo tauromachico.

Vegetam provincianamente uma *Assembléa Leiriense* e um *Gremio litterario recreativo*, e bem assim outras sociedades de indole mais popular.

Como em todas as terras de militares e estudantes funccionam bilhares e cafée.

A carreira de tiro, de infanteria 7, está localisada a 2 kilometros da cidade, em Marrazes, com uma guarnição permanente de 14 praças.

As ruas de Leiria são illuminadas a acetylene e as casas a petroleo ou ocetylene.

Faz falta a luz electrica, cuja acquisição se tem demorado por incidentes conflictuosos.

Existem associações de beneficedcia e mutualidade, taes como *Protectora dos pobres*, Monte pios *Leiriense*, fundado em 1854, e de *Nossa Senhora da Encarnação*, em 1872.

Alguns escriptores, entre os quaes o nosso grande Pedro Nunes, suppozeram que fosse Leiria a primeira terra da peninsula hispanica onde funccionara uma officina typographica. Mas parece certo que já em 1474 se imprimia em Valencia. Um argumento decisivo a favor da prioridade de Leiria não pôde ser verificado ainda.

Comtudo dos prelos leirienses sahiu em 1494 a edição hebraica dos *Prophetas primeiros*, e em 1495, em latim, o *Almanach perpetuo dos movimentos celestes*, redigido pelo judeu Abrahão Zacuto, livro impresso por mestre Ortas, que tambem era hebreu.

Rivara, no seu interessante estudo sobre a typographia em Portugal,[1] conclue que Leiria se anticipou a outras terras do paiz apenas na impressão de livros de origem hebraica; e que a primeira obra impressa entre nós em vulgar foi a versão da *Vita Christi* (1495) de Ludolfo de Saxonia (Vide cap. *Alcobaça*), primorosamente estampada em Lisboa pelos typographos Nicolau de Saxonia e Valentim de Moravia. Conheço o exemplar existente na Torre do Tombo.[2]

Antonio Ribeiro dos Santos menciona uma traducção do *Contemplus mundi (Imitação de Christo)* impressa em Leiria no seculo XV. Mas Innocencio põe em duvida esta indicação.

---

[1] *Panorama*, I, pag. 164.

[2] Innocencio, no 1.º tomo do seu *Dicc. Bibl.*, pag. 369, fala dos raros exemplares d'esta obra conhecidos em Portugal.

Como quer que seja, a tradição typographica de Leiria data pelo menos do fim d'aquelle seculo e tem sido sempre cultivada pelos leirienses com assidua actividade intellectual e frequencia de publicações.

Que eu saiba, publicaram-se em Leiria os seguintes jornaes:

O Leiriense, periodico administrativo e litterario. Julho de 1854 a julho de 1859—*O Liz*, semanario de instrucção, recreio e variedades. Abril de 1856 a janeiro de 1874—*A Tentativa*, 1860—*Districto de Leiria*. Outubro de 1860 a outubro de 1863—*O Leiriense*. Janeiro de 1863 a janeiro de 1868—*Jornal dos sargentos*, semanario de instrucção e recreio. Junho a julho de 1873—*Correspondencia de Leiria*, folha semanal

481—A extincta Sé de Leiria, actual matriz

Outubro de 1874 a julho de 1877—*Revista de Leiria*. Setembro de 1877 a fevereiro de 1878—*Boletim official do districto de Leiria*. Começou em maio de 1880. Ainda continuava em 1889—*Aurora do Liz*, semanario noticioso e litterario. De 1880 a 1881—*A Opinião*. Começou em março de 1889—*A Integridade*, que supponho ter apparecido em 1896.

No momento em que escrevo publicam-se em Leiria 4 semanarios:

O Districto de Leiria (2.º) que vai no XXVI anno de existencia e é propriedade do visconde de S. Sebastião. Segue a politica do partido regenerador-liberal.

Leiriense (IV anno), regenerador. Proprietario J. A. Gaspar de Mattos.

Leiria Illustrada (III anno) que tem publicado boas photogravuras, e de que é proprietario Gaudencio Pires de Campos. Segue a politica do partido republicano.

Echos do Liz (I anno), semanario catholico, do qual é proprietario Manuel José Alves de Mattos e redactor principal o Padre Manuel Pereira da Silva.

D'estes semanarios, o 1.º e 3.º são compostos e impressos na *Typographia Leiriense;* o 2.º e 4.º na *Imprensa Commercial.*

Certamente causa justificada estranheza o facto de nenhuma das obras do preclaro leiriense Francisco Rodrigues Lobo ter sahido dos prelos de Leiria. O maior numero dos seus biographos considera-o nascido n'esta cidade, comquanto falte a prova de documento authentico; mas se não foi natural da cidade, parece que o seria da região banhada pelo Liz e pelo Lena, que elle canta amoravelmente.

Envolvei vossas aguas, Liz, e Lena,
Assombrai tristemente o fundo pego.

D'este ou d'aquelle modo, uma vaga memoria local aponta o predio onde Rodrigues Lobo passou a meninice na cidade [1].

Diz-se que pelos annos de 1600 estudou em Coimbra, e que por effeito de um temporal morreu afogado no Tejo, vindo de Santarem para Lisboa n'uma falua, entre 1623 e 1627.

Das frequentes viagens que fez a Lisboa bem podia ser motivo a impressão das suas obras na capital.

O bispo do Gran-Pará Frei João de S. Joseph Queiroz deu curso á tradição de que Rodrigues Lobo amára loucamente uma aia ou dama do palacio do duque de Caminha em Leiria.

Camillo Castello Branco, em 1868, surprehendeu-se com esta «novidade biographica» e recommendou-a aos investigadores de historia litteraria.

Nada se tem adeantado, porém.

O 1.º duque de Caminha, D. Miguel Luiz de Menezes, contemporaneo do poeta, tinha effectivamente em Leiria um palacio que foi demolido, entre o Rocio e a Praça hoje de Rodrigues Lobo, e era dos Villa-Reaes seus ascendentes.

Uma tradição que se me depàrou no n.º 89 (II anno) da *Leiria Illustrada*, e que julgo ter sido aproveitada n'um drama pelo sr. Gaudencio Pires de Campos, diz que o poeta amou D. Beatriz de Menezes, filha dos marquezes de Villa Real, que deveriam ter sido os quintos do titulo, pais do 1.º duque de Caminha.

Aquelles marquezes tiveram filhos varões e quatro filhas, uma das quaes se chamou Brites, que bem poderá corresponder a Beatriz.

Esta senhora casou com D. Pedro de Médicis, de quem foi segunda mulher, e estava viuva em 1604. Depois recolheu-se ao mosteiro de Jesus em Aveiro, onde falleceu [2].

Dentro d'estes topicos pode estar o drama. O poeta, postoque oriundo de sangue qualificado e possuidor de bens, como diz Costa e Silva, não poderia hombrear em nascimento e riqueza com a familia dos Menezes [3]. D'aqui o infortunio amoroso, que resalta dos seus versos pastoris. Por isso elle teria sido um *Desenganado*, e se ausentaria errante como um *Pastor peregrino.*

Comtudo o bispo do Gran-Pará, que escrevia memorias intimas, e apenas um seculo depois, é a uma dama ou aia do duque de Caminha que se refere.

Não deixa de ter peso esta versão.

---

[1] As casas, proximas á Fonte Grande, onde nasceu o moderno poeta dr. Antonio da Costa Santos.

[2] *Hist. Gen.*, II, pag. 510 e seg.

[3] A lenda conta que o rio Liz passava então perto do palacio dos Menezes e que o poeta ia para um açude descantar as suas trovas apaixonadas; diz tambem que elle fôra assassinado por ordem d'aquelles fidalgos, sendo talvez o cadaver conduzido até ao Tejo e ahi lançado á agua para desviar suspeitas de crime.

Theophilo Braga, que tocou de leve o assumpto, apenas colhe do *Pastor peregrino* a indicação de que a mulher amada pelo poeta se chamava Luiza [1].

Ora nenhuma das filhas dos quintos marquezes e primeiros duques de Villa Real se chamou Luiza, e o 1.º duque de Caminha, seu filho, não teve senão uma filha natural, que se chamou Maria.

Rodrigues Lobo foi mavioso bucolico e vernaculo prosador. Jardineiro da lingua portugueza lhe chama, com razão, D. Francisco Manuel. Hoje está completamente illibado da accusação que lhe fez Faria e Sousa quando divulgou que elle se apossára do manuscripto do *Parnaso* de Camões, e o dera como seu.

E' que em plena decadencia do seculo XVII um poeta lyrico de tamanha valia causou surpresa, e por isso mesmo invejas e suspeitas.

Quanto ao poema epico *Condestabre* eu vou com a opinião do mesmo D. Francisco Manuel, que diz que o melhor é lançal-o ao Tejo, onde o auctor se afogou, para que lá o emende ou sepulte.

482—Abside da capella de S. Pedro, primitiva matriz de Leiria

Em conclusão: não se sabe ao certo onde nasceu Rodrigues Lobo, a sua historia amorosa é escurissima, e os seus restos mortaes, que foram recolhidos do Tejo e sepultados em Lisboa n'uma capella do antigo convento de S. Francisco da Cidade, perderam-se completamente.

E tudo isto se passou ha menos de tres seculos!

Existiu, e não sei se existirá ainda, no solar de Villa Viçosa, um retrato de Rodrigues Lobo, que o setimo duque de Bragança, D. Theodosio II—pai d'el-rei D. João IV—mandára fazer em testemunho de apreço por este poeta.

Conta Suppico de Moraes que, tendo Lobo ido visitar o duque, reparou faltar no retrato a cicatriz de uma cutilada que elle havia recebido n'uma das faces, e que logo improvisou a seguinte quadra:

Retrato, vós não sois meu;
Retrataram-vos mui mal,
Que a estares ao natural,
Foreis mofino, como eu.

E acrescenta que, tirando uma faca, deu no retrato um golpe como o que tinha na cara, descomposta audacia certamente menos verosimil do que o resto da anecdota.

Deixarei em claro outros leirienses illustres para lembrar apenas o ultimo que eu conheci: o distincto e popular poeta Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.

Digo leiriense porque nasceu na aldea das Córtes, a pouco mais de uma légua da cidade, n'uma casa fronteira á velha ponte do Liz — casa modesta que, sendo ainda estudante, Cordeiro fez substituir por outra de aspecto apalaçado, ampla e confortavel.

N'esta ultima residencia, que elle habitava durante o estio, falleceram seus pais;

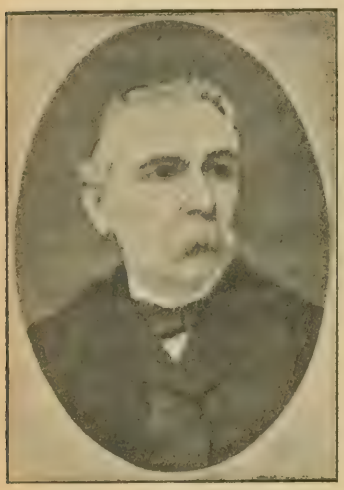
[1] *Curso de hist. da lit. portug.*, pag. 292.

hospedou Castilho, João de Lemos, Bulhão Pato, Thomaz Ribeiro; expirou sua esposa, D. Maria da Piedade Aboim, victima de um lamentavel sinistro[1]; e morreu elle proprio no dia 11 de dezembro de 1896.

Rodrigues Cordeiro tornou-se popular não só por algumas das suas poesias, taes como *A douda de Albano* e *Tasso no hospital dos doudos*, mas tambem por ser durante longos annos director e proprietario do *Almanach de lembranças*.

Colleccionou na velhice os versos da mocidade sob o titulo de *Esparsas*, e colligiu dois volumes de prosa, que intitulou *Serões de historia*.

Era um homem de pequena estatura, bigode e olhos pretos, muito vivo no olhar e expansivo na palavra, grandemente conversavel, de maneiras simples, e propenso a abstracções e esquecimentos, que se tornaram proverbiaes.



483—Dr. Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro

Depois da morte da esposa, fez-se triste e concentrado, não parecia já aquelle alegre e falador Rodrigues Cordeiro de outro tempo.

Jaz no cemiterio das Côrtes, ao lado de sua mãe, n'um singelo tumulo.

Não deixa de ser notavel coincidencia a de dois poetas da região leiriense terem o mesmo appellido Rodrigues, sendo um *Lobo* e outro *Cordeiro*.

O venerando escriptor D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo, sendo secretario geral do governo civil de Leiria, coordenou n'um grosso volume in-folio de 375 paginas — hoje raro no mercado — uma interessante *Estatistica do districto administrativo de Leiria* (impressa na *Typographia Leiriense* em 1855).

Esta monographia foi a primeira, pelo menos em Portugal, que respondeu ás conclusões do congresso de Bruxellas em setembro de 1853, no qual toda a Europa foi chamada a reconhecer a importancia da informação estatistica e a necessidade de harmonisal-a pela uniformidade de um plano geral methodico e seguro.

E' um trabalho de larga e minudenciosa investigação, traduzida claramente em algarismos officiaes, e revela já o espirito meticuloso com que D. Antonio da Costa começou a trabalhar aos 18 annos, com grande utilidade para a administracção publica do paiz — especialmente a instrucção nacional.

Quando a rainha D. Maria II e seu marido o rei D. Fernando visitaram o districto de Leiria, publicou se (1852) em Lisboa um opusculo de 61 pag. com o titulo de *Lembranças para o itinerario de Suas Magestades*, no qual opusculo estão espalhadas noticias não só a respeito da cidade, mas de algumas villas e monumentos importantes do districto.

Leiria serviu já de titulo honorifico.

O 1.º barão (1835) e 1.º visconde (1862) d'este titulo foi o general José de Vasconcellos Bandeira de Lemos,[2] não por ser leiriense, mas por ter sido o primeiro go-

[1] Com os vestidos incendiados por uma faulha do ferro de brunir.

[2] Foi deputado, par do reino, e falleceu a 3 de abril de 1873.

vernador de Leiria no regimen constitucional (1834) em seguida ao ultimo alcaide, que foi D. Gonçalo Barbas Alardo Lencastre e Barros.

Tornou-se extensivo o baronato a uma filha legitimada do 1.º barão e ao marido d'esta senhora, Antonio Augusto Pereira de Vasconcellos de Sousa e Menezes.

Um filho d'estes, José Pereira de Vasconcellos de Sousa e Menezes, foi nomeado conde de Leiria por decreto de 24 de novembro de 1898 e falleceu em outubro de 1906.

Representava a importante casa do Cabo no Marco de Canavezes.

Quero referir um adagio que eu proprio recolhi entre os leirienses: Almocreves de Leiria apparelham pela manhã e partem ao meio-dia.

Este adagio deve ser antigo, e ter tido ainda voga quando se abriu a nova estrada de Lisboa ao Porto por Leiria e Pombal.

Hoje não digo que não haja almocreves n'aquella cidade com as antigas manhas de preguiça e pachorra; mas o caminho de ferro reduziu muito o numero d'elles em toda a parte.

Ademais da visita á Batalha, que é obrigatoria, outros passeios recommendaremos nas redondezas de Leiria, por serem agradavelmente convidativos: por exemplo, o Lapedo, a 9 kilometros da cidade, onde passa entre rochedos o rio da Caranguejeira; o logar das Córtes, o das Fontes, etc.

484—Leiria—Portico da capella de S. Pedro

II

O CONCELHO

O concelho de Leiria comprehende 22 freguezias, alem da urbana.

A agricultura e em parte a industria tornam-n'o muito prospero.

Produz abundantemente vinho, madeiras, milho, legumes, fructas e arroz. A lavra de trigo é que é menor. O vinho, em geral clarete, principalmente estimado o que se cria nas encostas, attinge uma producção de 18 a 20.000 pipas por anno. Grande quantidade d'elle é convertido em agua-ardente fina, por sua vez exportada para ir beneficiar os vinhos do Douro.

A riqueza florestal d'este concelho toda a gente a conhece pela fama do *Pinhal de Leiria*; mas alem do famoso pinhal, verdejam nas vertentes, que dominam o oceano, densos bosques de pinheiros.

Já dissemos no 1.º volume que o Pinhal de Leiria abrange uma área de 8.000 hectares [1].

[1] Pag. 24.

Repete-se geralmente que el-rei D. Diniz o mandou semear com penisco importado de França, tendo em vista tres fins igualmente uteis: beneficiar a agricultura, evitar a dispersão das areias, e promover o desenvolvimento da marinha portugueza, especialmente a de guerra.

Mas parece que já os mouros tinham cultivado o pinheiro n'esta região, e que Sancho II lhes seguiu o exemplo.

O que alguns escriptores sustentam, com relação á epoca de D. Diniz, é que este rei mandára coutar o pinhal como dominio da Corôa e cortar ali pinheiros para construcções navaes, sendo que essas arvores deviam já ter mais de 50 ou 60 annos.

Predomina n'esta vasta floresta de Leiria o pinheiro bravo, que tão bem se dá nos climas maritimos, e que pode fornecer madeira para trabalho, madeira de refugo para lenha, madeira resinosa para a extracção de alcatrão e pez.

As ramas e carumas fornecem excellente adubo para a lavoira.

Fica o pinhal de Leiria dez kilometros ao suéste da cidade. Estão-lhe annexas duas coutadas, uma ao norte, outra ao sul, e completam-n'o ainda outras mattas.

E' muito interessante a visita a esta floresta, ás diversas officinas que ali funccionam e ao posto de observação ou miradouro d'onde se abrange com a vista todo esse ondulante mar vegetal, cujas comas verdenegras parecem ondas movendo-se n'um rythmo uniforme ao sopro da viração do mar, que fica proximo.

Eu não posso demorar-me em mais longa referencia, mas remetto o leitor para a *Estatistica*, de D. Antonio da Costa, para a *Memoria* [1] especial de Francisco Pereira da Silva e Caetano Maria Batalha, para os *Passeios na provincia* de Eduardo Coelho, e para as *Memorias historico-estatisticas* de Brito Aranha.

Quanto á industria fabril do concelho de Leiria faço menção das fabricas existentes ao dar noticia das freguezias onde laboram; pelo que respeita á exploração de pedreiras e á industria maritima adoptei o mesmo systema.

Quando falei do concelho de Porto de Mós já fiz notar que é em Leiria que se vê apparecer no vestido das mulheres a barra de côr viva.

Em toda a Extremadura vizinha do Tejo apenas os lenços das mulheres de Almeirim põem alguma nota garrida na indumentaria regional, se exceptuarmos o traje polychromo das ciganas, que são aves de arribação.

No *habitat* dos saloios, o pittoresco hereditario das cores foi-se apagando, como dissemos, tanto nas mulheres como nos homens.

E' no concelho de Leiria que a variedade chromatica tende a subir, entremostrando-se na cidade e accentuando se nos concelhos de Figueiró e Pombal, quando se aproxima da paizagem variegada do norte.

A mulher dos arredores do Liz veste saia bastante rodada, ordinariamente escura, mas sempre com uma barra de cores vivas, e geralmente larga. Usa o classico jaléquinho ou casabeque, aberto no peito, para fazer logar ao ouro — grupos de cordões terminando n'uma cruz ou na imagem de Nossa Senhora — que gosta de exhibir nas feiras ou nas festas. E esse casabeque é claro e mais ou menos enfeitado com fitas e outros ornatos de phantasia. Calça ao domingo sapatos brancos, de vitella, com grandes laços ou atacadores brancos; nos dias de trabalho anda descalça e pobremente vestida. O chapéo é preto, redondo, pequeno e gracioso, com borlas de velludinho, e orla de vidrilhos, tendo na copa uma plumasinha ou uma estrella tambem de vidrilhos. Este trajo faz lembrar o das camponezas do districto de Aveiro, dos arrabaldes do Porto e da provincia do Minho.

---

[1] *Memoria sobre o pinhal nacional de Leiria, suas madeiras e productos resinosos.* Possuo a 2.ª edição, que é de 1859, Lisboa.

A mulher da região leiriense apresenta um typo agradavel, sympathico, e certa elegancia natural.

Os homens, quando se endomingam, vestem o jaleco, a calça e o collete extremenhos, de belbutina, brim ou cheviote barato e escuro. Na cabeça usam barrete, ordinariamente preto, ou chapéo desabado. Trazem cinta ou faixa de cores vistosas; sapatos ou botas pretas, mas o calçado dos mais pimpões não dispensa pespontos a linha branca e outros lavores.. O que no fato masculino ha de mais notavel é o lenço ao pescoço (*cachenez*) de ramagens, largo e farto, cahindo sobre o peito com uma grande laçada ou então a tiracollo.

Vamos á resenha das freguezias.

Amor — Orago S. Paulo, população 1.542 habitantes. Dista da cidade de Leiria 10 kil. para noroéste.

Eu não pude visitar esta freguezia, mas pedi ao sr. F. Tavares Proença Junior, que estava a esse tempo na sua quinta da Cortiça, o favor de me enviar algumas impressões *de visu*. Fui gentilmente attendido.

485—Leiria—Convento de S. Francisco, que serve actualmente de cadea comarcã

Amor impunha-se-me pela tradição que lhe dera o nome: as relações galantes do rei D. Diniz com uma camponeza do sitio.

A povoação assim chamada fica a 4. kil. da estação de Monte Real e é uma aldea, talvez com duzentas casas,[1] construidas de adobes, pois que a pedra falta absolutamente na região.

Quasi todas as habitações teem um alpendre, onde as mulheres costuram e as creanças rebolam sem se emporcalhar, o que não succederia nas ruas, que são de terra solta e lamacentas.

A aldea desdobra-se sobre uma elevação de terreno. Na planicie que lhe fica ao sopé, e nos campos que a continuam avançando para a Figueira da Foz, reluzem charcos, vegetam arrozaes, estende-se, especialmente no inverno, a solidão lacustre.

Ao occidente, separam-n'a do mar a charneca, o Pinhal de Leiria e as grandes dunas da costa.

A menos de meia legua da povoação, entre a Serra de Porto de Urso e o rio Liz, uma valla, que lá chamam Real, e attribuem, com razão, a el-rei D. Diniz, corta o campo alagadiço.

A igreja parochial é construcção de 1732. Tem alpendre, e torre quadrada com dois sinos.

Oiçamos agora o que dizem os velhos da freguezia sobre a lenda amorosa do rei e da camponeza.

Crêem elles ter existido um caes proximo da aldea, onde D. Diniz desembarcava quando, a pretexto de excursões venatorias, visitava a manceba.

Chamam a esse local *O Barqueiro*.

As vallas do campo de Leiria—Valla Real, Valla Morta e Valla de Fóra—são mais

[1] O censo de 1900 dá 357 fogos a toda a freguezia.

fundas do que o rio, e hoje nem a Valla Real nem o rio, muito assoriado, permittem a navegação entre Monte Real e Amor. Mas lembram-se ainda pessoas idosas de ser o Liz, ha 50 annos, mais abundante de aguas, o que permitte suppôr que no tempo de D. Diniz pudesse ser navegado entre aquellas duas povoações, e talvez que tambem o fosse a Valla Real.

O que não padece duvida é que a viagem pelo rio ou pela valla encurtaria em metade a distancia a percorrer por terra desde Monte Real, Ségodim, Serra de Porto d'Urso até Amor.

Certa occasião—diz a lenda—em que D. Diniz regressava ao paço de Monte Real, perguntou-lhe a Rainha:

—D'onde vindes?

—De amor, respondeu o rei.

E mais talvez por causa da manceba do que por este dito ficaria o nome á povoação.

Com tal belleza
Tal camponeza,
Dos campos flor,
Soprou a chamma...
Que inda se chama
A aldea—*Amor*—[1]

Os habitantes de Amor, velhos e novos, accentuam o *a* inicial da palavra: pronunciam *A'mor*.

N'esta freguezia faz-se mercado de gados e generos no dia 14 de cada mez.

Arrabal—Orago Santa Margarida, população 1591 habitantes. Dista da cidade 11 kil. para suéste. Tem fabrica de cortumes, caldeiras de distillação, uma escola masculina e uma philarmonica.

Azoia — Orago Santa Catharina, população 987 hab. Esta freguezia foi instituida entre 1708 e 1758. Dista de Leiria 5 kil. para sudoéste. O viticultor sr. Antonio de Sousa Lopes possue aqui uma grande adega e uma fabrica de distillação.

Ha ainda outras fabricas: de resinagem, de sabão e de cortumes.

Não sei por que, os parochianos da Azoia embirram com o nome de Carlota.[2]

Tem escola do sexo masculino.

Barosa—Orago S. Matheus, população 775 hab. Dista de Leiria 3 kil., para o occidente. A data da sua instituição é pouco mais ou menos a mesma da freguezia da Azoia. O arroz de Barosa passa por ser do melhor que se produz no concelho. Ha escola do sexo masculino.

Barreira—Orago S. Salvador, população 757 hab. Dista de Leiria 6 kil., para sudoéste. N'esta freguezia, que deve o nome ás suas pedreiras de argilla, está incluida a quinta da Cortiça, do sr. Tavares Proença. Tem escola do sexo masculino.

Caranguejeira — Orago S. Christovam, população 2.674 hab. Dista da cidade 11 kil. para léste. E' regada pelo rio do seu nome, affluente do Liz. Possue duas nascentes, uma de agua quente, outra de agua fria, a que lá chamam *olhos*. Comprehende

[1] *Idyllios dos reis*, pag. 67.

[2] *Uma digressão a Alcobaça*, pag. 18.

muitos logares, e uma charneca, por amor de cuja divisão tem havido conflictos entre o povo dos logares convizinhos d'ella. Funccionam duas escolas parochiaes para ambos os sexos, e uma fabrica de agua-ardente. Ha mercado no dia 1 de cada mez.

Carvide — Orago S. Lourenço, população 1744 hab. Dista da cidade 17 kil. para noroéste. Escolas para ambos os sexos.

Coimbrão — Orago S. Miguel, população 1.718 hab. Dista da cidade 22 kil. para noroéste. Inclue uma praia, Pedrogam, com industria piscatoria. Em 1862, tinha 80 pescadores matriculados. Escola para o sexo masculino.

480—Leiria—Palacio dos marquezes de Villa Real, na cidade

Colmeias — Orago S. Miguel, população 3.368 hab. Dista da cidade 12 kil. para nordéste. A igreja parochial está situada na aba da serra da Caranguejeira. Ha escola para o sexo masculino. Faz-se a feira de S. Silvestre a 30 e 31 de dezembro (cevados) e mercado mensal nos dias 17.

Córtes — Orago Nossa Senhora da Gaiola, população 1.524 hab. Dista da cidade 6 kil. para o sul.

Na aldea que deu nome a esta freguezia nasceu, como já dissemos, Rodrigues Cordeiro. D'aqui lhe veio a honra de ser cantada por alguns dos nossos escriptores.

Castilho, no famoso prologo ao *D. Jayme*, exaltou-a elogiosamente: «Que donosos sitios! Tenho saudades dos tres dias que, ha já hoje oito annos, ali passei, patriarchal e *Gesnericamente* hospedado pelo meu poeta. Quanto não era eremitica, melancolica e voluptuosa ao mesmo tempo, a guarita desamparada, onde conversavamos, liamos, ou scismavamos, impendentes do alto da ribanceira ao estrepito da catadupa do rio, aos murmurios da espessura tão verde que a insombra, e aos rouxinoes, que não querem outros esconderijos para os seus requebros!»

Outro poeta, sobrinho de Rodrigues Cordeiro,[1] descantou-a d'est'arte:

Junto ás margens do Liz que alli murmura,
por vergeis e campinas dilatado,
que se espreguiça, manso e socegado,
no seu leito de sombras e frescura;

Na tranquilla região onde a ventura
sorri ao coração attribulado,
onde o ar é subtil e perfumado,
e a terra uma alcatifa de verdura;

Reclinada na encosta viridente,
qual gentil rapariga descuidosa,
banhando os pés na limpida corrente...

Eis as *Córtes*— a aldeia tão formosa,
eis do poeta a patria sorridente,
a perola do Liz, a flor viçosa!

As Córtes não despresam, a par da sua gloria litteraria, a vida industrial: teem fabricas de agua-ardente. E escolas para ambos os sexos: *noblesse oblige.*

Maceira — Orago Nossa Senhora da Luz, população 3.302 hab. Dista da cidade 11 kil. para sudoéste.

A área d'esta importante freguezia é extensa, e recorta-se em collinas, rasgadas por valles e vergeis uberrimos.

Maceira está situada em terreno alto, sobre uma ribeira affluente do Lena.

Tem muito pinhal, olivedo e vinha.

Na séde da freguezia, e junto ao passal do parocho, a ribeira forma uma encantadora catadupa, que vem rolando de uma altura de mais de 20 metros, e subdividindo-se em pequenas cascatas.

O frontispicio da igreja parochial foi restaurado recentemente.

Fazem-se duas festas religiosas com arraial: em honra de Santo Amaro e do Coração de Jesus.

Do logar chamado Fonte do Rei, a uns 300 metros da igreja, conta-se esta lenda:

Passando outrora por ali um rei, com a sua comitiva, parou ao pé de um rochedo. Levava muita sede e, por não encontrar agua, disse: — «Não dar este cavallo um couce que fizesse rebentar a agua...» — Logo o cavallo, comprehendendo o cavalleiro, deu um couce na pedra, em que ficou gravada a ferradura, signal que ainda hoje se mostra. E o rei, apoiando o seu estoque na rocha, viu rebentar d'ella agua muito fresca, de que bebeu a fartar.

O povo, contente d'esta descoberta, começou a excavar a rocha, e então já não era só o fio d'agua rompendo pelo orificio aberto na pedra — era um manancial copioso a alegrar-lhe os olhos.

Em Maceira laboram fabricas de cimento e de adubos chimicos, officinas de fogueteiro, e ha uma escola para o sexo masculino.

Marinha Grande. — Orago Nossa Senhora do Rosario, população 5.567 hab. Dista da cidade 12 kil. para o occidente.

A povoação séde da freguezia tem prosperado graças á sua industria, largamente auxiliada pela cultura do pinheiro, a arvore principal d'esta região leiriense, onde é tão

[1] Antonio Xavier de Sousa Cordeiro, já fallecido.

abundante que d'ella se extraem mais de 80.000 steres de lenha todos os annos, para consumo das fabricas de vidros.

A freguezia foi creada em 1600, e a industria vidreira teve ali inicio annos depois, meado o seculo XVII.

Mas só no seculo immediato essa industria tomou incremento por effeito do alvará de 7 de julho de 1769, em que o Marquez-Rei concedeu animadores privilegios e um emprestimo ao cidadão Guilherme Stephens para construir uma grande fabrica [1].

Em 1786 já a Real Fabrica funccionava sob a direcção do seu director e de quatro mestres inglezes, que elle attrahira a Portugal.

Guilherme Stephens falleceu em 1802, e succedeu-lhe seu irmão João Diogo [2], que benemeritamente legou a fabrica á nação portugueza, em especial á Marinha Grande, para que os operarios não ficassem privados de trabalho.

João Diogo Stephens falleceu em 1826.

Depois da sua morte, o governo tem arrendado successivamente a fabrica a diversas empresas, mas o pessoal operario não se mostra tão contente como o do tempo dos irmãos Stephens, e protesta por meio de *greves*, ás vezes longamente conflictuosas.

No momento em que escrevo (janeiro de 1907) abriu-se mais um concurso para exploração da fabrica, e ficou deserto.

Na Marinha Grande, depois que a liberdade de commercio se impoz ao espirito moderno, teem sido creadas outras fabricas de vidros, a saber: Fabrica de Santos Barbosa, a mais antiga; Fabrica Nova, fundada por uma empresa [3] em 1894 na estrada que vai da estação do caminho de ferro á villa; a Central, propriedade de José Ferreira Custodio Junior, e fundada um anno antes, em 1893; outra, a mais recente, de Ricardo dos Santos Gallo.

Houve uma fabrica de alcatrão, e mais tarde outra de resinagem, explorada pelo estado. A esta fabrica se referiram Brito Aranha, Eduardo Coelho e Pinheiro Chagas. Produzia pez louro e agua raz. Mas a exploração não deu o resultado que se esperava. Hoje, a industria da resinagem na Marinha Grande está na mão de particulares, e não é importante.

Os productos da antiga Fabrica Real e da Nova—crystaes lisos, floreteados, moldados e lapidados—são conhecidos tanto em Lisboa como no Porto, onde aquellas fabricas estabeleceram depositos para a venda a retalho.

As de Santos Barbosa e Santos Gallo apenas produzem vidraça.

A Fabrica Real está situada a pouco mais de meio kil. do Pinhal de Leiria.

Em 1864 concluiu se a construcção de um caminho de ferro americano para levar ao Porto de S. Martinho os productos d'esta fabrica, hoje servida, bem como as outras, pela linha de oéste.

A Marinha Grande foi elevada á categoria de villa em 1892.

Toda a sua vida de povoação vem da actividade fabril, e este facto nos é testemunhado ali a cada passo que damos. O theatro que existe é o da Real Fabrica, e serve de distracção aos operarios. Os principaes edificios são as fabricas e os *chalets* da administração florestal do paiz. Os largos e ruas teem nomes que em geral se relacionam com o Pinhal e a industria vidreira. Ha o Largo da Resinagem, por exemplo. Uma rua

---

[1] O emprestimo, sem juro e a praso indeterminado, foi de 80.000 cruzados. Um dos privilegios era o do concessionario poder tirar do pinhal de Leiria o combustivel para a laboração da fabrica.

[2] Brito Aranha conta, nas *Memorias historico-estatisticas*, alguns episodios da vida dos dois irmãos Stephens, na sua relação com a fabrica da Marinha Grande.

O largo proximo á casa, onde Guilherme Stephens tinha o escriptorio commercial em Lisboa, na rua das Flores, tomou o nome d'esse industrial.

[2] Um dos iniciadores d'esta empresa foi o 1.º visconde, depois conde da Azarujinha.

é denominada Direita, como em todas as povoações que se prezem. Mas ha tambem uma rua chamada — Ferreira Borges — nome do engenheiro silvicutor, que por muitos annos exerceu na Marinha Grande o logar de chefe dos serviços regionaes e que hoje dirige a respectiva repartição junto ao ministerio das obras publicas. Ha medico, pharmacias, professores, como necessidade resultante da agglomeração de muitas familias

487 — Vista da praia de S. Pedro de Muel

operarias. Tambem ha uma agencia bancaria com o titulo de — Economia Portugueza —, para occorrer ás transacções de momento. Finalmente, ha estação de correio e telegrapho, indispensavel n'um meio tão intensamente productor, porque, alem das fabricas de vidros, laboram uma de soda artificial e outra de serração de madeira, ao pé da estação do caminho de ferro.

Em 1889 tiveram os marinhenses um periodico — *A Autonomia* — impresso na capital do districto.

Modernamente foi concedido o titulo de visconde da Marinha Grande ao sr. Affonso Ernesto de Barros.

Na villa faz-se mercado de cereaes ao domingo.

A freguezia comprehende varios logares, um dos quaes se denomina Marinha Pequena, e outro é a linda praia de S. Pedro de Muel, 10 kil. a oéste da villa, no extremo do Pinhal de Leiria.

E' bellamente pittoresca a alameda de pinheiros que, á beira mar, liga a Marinha Grande com S. Pedro de Muel.

Pinheiro Chagas teve razão para dizer que parece a avenida de uma quinta senhorial.

A praia, com as suas casas brancas escalonadas pela encosta, alegra os olhos como um sorriso de hospitalidade no meio da aridez areenta da costa.

Melhor do que eu o poderia dizer m'o exprimiu o illustre poeta Affonso Lopes Vieira, n'uma carta tão flagrante de verdade como a expressão photographica do *cliché* que tambem se dignou offerecer-me.

Palavras suas:

«Pede me v. algumas notas sobre esta praiazinha de Muel, e eu fornêço-lh'as com o grato prazer de quem fala do que ama. E' uma das povoações sem historia que alvejam, entre Cabo Mondego e Nazareth, no desolado «camarção» que vem até Lisbôa e que tanto sugere a quem o atravesse, no verão, a cavallo, a paisagem do deserto.

«A floresta magnifica [1] debruça-se quasi no mar,—um mar que quebra em fragas ao pé das quaes a *Bôca do Inferno*, em Cascaes, me parece uma bôca lisonjeira da côrte! Pinheiros e ondas, e no ar balsâmico da resina e da brisa, entre dunas douradas, uma aldeola que poderia ser, se ao nosso pôvo houvessem ensinado uma arte carinhosa de construir, como que um cantinho de Helvetia maritima. Assim, no entanto, é um sanatorio onde as crianças e os filosofos viverão contentes. Quando v. me quizer dar o gôsto d'uma visita sua a estas terras d'entre matto e mar, não me esquecerei de lhe mostrar a vizinha Vieira, tão original nas suas cabânas lacustres, e aonde ha de admirar uma forte colonia de homens e mulheres de nobre tipo.»

O meu antigo e querido amigo dr. Affonso Xavier Lopes Vieira, pai do já notavel poeta cuja é a notula acima transcripta, possue em S. Pedro de Muel uma linda casa que se defronta com o oceano ao poente.

A ella, gracioso ninho maritimo, se refere Affonso Lopes Vieira n'uma das canções luminosas que o *Ar livre* lhe inspirou:

> Do nosso jardimzinho agreste, aonde
> O mar, bravo vizinho, ás vezes réga...

Sim, é o mar que ás vezes rega o seu jardim agreste, como aconteceu na invernia de 1904, em que arruinou o paredão de supporte e derruiu no predio a clara varanda sobre a praia.

Um ribeiro, serpenteando em curvas graciosas, passa na povoação sob pinheiros e por entre giesteiras e tojos.

De cima dos môrros de finas areias avistam-se os cêrros da barra de S. Martinho até ás dunas da praia do Cabedello. Ha oasis de verdura que offerecem alfombra para um *pic-nic* sobre a relva, e para este genero de diversões campestres proporcionam boa sombra a Ponte Nova e a Valdimeira no Pinhal. O Penedo da Saudade, entre a Praia Velha e S. Pedro, é um pouso romanesco para uma tarde de verão. E o mar, sempre bello, rasga-se ante os olhos contemplativos n'uma doce saudade de vago sonho.

428—Casa da familia Lopes Vieira, em S. Pedro de Muel

A povoação tem uma capellinha de Nossa Senhora da Piedade, a que todos os annos se canta uma festa no mez de setembro, concorrendo ali, por essa occasião, um cirio da Marinha Grande.

[1] Pinhal Real de Leiria.

A agua potavel da «Fonte do Olho» é excellente, e o asseio das casas e ruas muito esmerado.

Ha casino, theatro, hotel, e em 1906 inaugurou-se uma praça de touros.

Como estação de estio, a praia de S. Pedro de Muel é por alguns dos seus frequentadores denominada — Cintra Marinhense.

Marrazes. — Orago Santiago, população 2.899 hab. Ao norte da cidade, de que dista menos de meia legua. E' o antigo Arrabalde da Ponte, cuja séde de parochia foi deslocada em 1829 para a aldea de Marrazes, a 2 kil. do Arrabalde, como já em 1811 o havia sido para o logar de Pinheiros. Entre o povo de Pinheiros e Marrazes travou-se grande rivalidade á conta da entrega das alfaias do culto, que só foram obtidas pela força armada.

A igreja do Arrabalde foi arruinada por successivas cheias, e os francezes fizeram d'ella cavallariça. No alpendre, no adro e por traz da capella-mór tem figuras de pedra cuja representação se desconhece e parecem muito antigas.

E' em Marrazes que funcciona a carreira de tiro, como já dissemos. Ha escolas para ambos os sexos, duas philarmonicas, e mercado nos 3.os domingos e a 18 de cada mez.

Milagres. — Orago Nossa Senhora dos Milagres, população 1.996 hab. Dista da cidade 6 kil. para o norte. Tem um sumptuoso templo parochial, construido no seculo XVIII, cuja historia está inscripta nos azulejos da capella-mór. Em setembro faz-se a romaria dos Milagres, a que concorre muita gente. Laboram n'esta freguezia fabricas de cortumes, ha escolas para ambos os sexos, e mercado de gados no dia 27 de cada mez.

Monte Real. — Orago S. João Baptista, população 1.030 hab. A noroéste da cidade, na margem direita do Liz, e ao norte de Amor.

Aqui reatamos a tradição galante de D. Diniz no actual districto de Leiria.

Sobre o monte fronteiro á igreja parochial, no sitio chamado *Alto da Rainha Santa*, eleva-se uma capella d'esta invocação. A parte do monte ao sul da capella chama-se, ainda hoje, *Paço*. E a seguir ás paredes da capella, na direcção norte, vêem-se as ruinas de dois portaes.

Eis o que se póde dizer a respeito do Paço, que D. Diniz e a Rainha Santa mandaram fazer, segundo o testemunho dos chronistas, «na Povoa de Monreal».

Era uma casa de campo, especialmente destinada ao deporte da caça, e d'aqui veio certamente o nome do logar.

Tresentos metros a sudoéste do Paço existe, n'um caminho profundo, uma fonte com bica de pedra, que lá chamam *Fonte da Rainha Santa*.

Diz-se que esta fonte corre no verão, e está secca no inverno, ao contrario de outras fontes. Consideram-n'a milagrosa, e as mulheres da povoação attribuem-lhe virtudes curativas. Bebem a sua agua como remedio e, para que elle seja efficaz, promettem á Rainha Santa uma *gallinha branca*, costumando cumprir o voto no dia da festa, que é o primeiro domingo de julho.

Já sabemos que D. Diniz, conforme reza a lenda, tivera ligações amorosas com uma camponeza da aldea de Amor.

Entre Monte Real e Amor fica a Serra de Porto de Urso, que separa o Pinhal de Leiria dos campos do rio Liz.

No inverno, os campos estão completamente inundados. D. Diniz mandou abrir a Valla Real através do reguengo.

Para ir de Monte Real a Amor visitar a manceba, o rei, se não pudesse ir embarcado pelo Liz ou pela Valla Real, teria que fazer um desvio, quasi em semicirculo, pela Serra, e que passar no logar hoje chamado Ségodim. Ainda agora, no inverno, quando o campo está encharcado, não ha outro caminho.

Conta-se que a Rainha Santa, sabendo das relações do rei com a zagala, mandára certa noite esperal-o na Serra por criados munidos de brandões accesos. D. Diniz irritou-se com esta apparatosa surpresa. Mas a Rainha, apparecendo-lhe então, reprehendeu-o decemente, dizendo:

— Vindes tão cego, que eu julguei necessario mandar-vos allumiar o caminho.

El-rei teve um relance de contricção, e humilhou-se, confessando a sua culpa:

— Cego vim, senhora...

Diz-se que a este logar do encontro se ficou chamando, desde então, *Cégo vim*, e hoje, por corrupção, Ségodim.

O povo relaciona ainda com aquelle logar outras lendas, que não são mais do que assimilações de factos passados em logares diversos.

Assim, refere que a Serra tirou o nome da apparição de um urso a el-rei, pois que a Rainha Santa solicitara de Deus um meio de fazer sentir ao marido os perigos a que andava exposto por suas aventuras amorosas.

Esta tradição parece ser desdobramento do caso do urso junto ao rio Guadiana, n'um logar chamado Belmonte.

Não muito longe de Porto de Urso, á beira do campo, ha um sitio chamado *Forno da cal*.

489 - Leiria Igreja de Santo Agostinho, na cidade

A elle liga o povo o milagre dos *dois pagens*, que Bayam e outros dizem ter succedido em Coimbra.

As vallas que D. Diniz mandou abrir no campo de Leiria foram uteis para concentrar as aguas. A Rainha Santa, considerando o beneficio publico, animou a obra. Diz o seu biographo Correa de Lacerda, «muitas vesẽs, saía com as suas damas do Paço, e hia a onde os homẽs andavão trabalhando nas vallas q'se abrião naquelle tẽpo, e dandolhes dinheiro os animava ao trabalho».

Comtudo D. Diniz, certamente para evitar encontros como o de Ségodim, mandára erigir um paço mais proximo de Amor que o de Monte Real, apenas 2 kilometros a suéste, «no sitio por baixo da Regueira de Pontes,»[1] onde, sempre a pretexto da caça, se isolava da Rainha.

[1] D'este Paço dá noticia D. Fernando Correa de Lacerda na *Historia* da Rainha Santa, 1.ª edição, 1680, pag. 89.

O rei deu a Monte Real a categoria de villa, e grandes privilegios aos seus moradores: isenção da milicia e diminuição de collecta das terras.

Monte Real e Regueira de Pontes são, na tradição, élos da cadea galante que prende a memoria de D. Diniz á aldea de Amor.

E talvez a esta ultima povoação se refira aquella trova provençal do rei-poeta:

Vou m'a la baylia
que fazen en vila
do amor.

Sim, aquella aldea foi uma verdadeira bailia de amor, na qual a manceba real era a commendadeira.

490—Leiria—Palacio dos marquezes de Villa Real, lado da praça Rodrigues Lobo

E assim o rei se desenfadava «correndo á caça no Camarção,[1] folgando em Amor, espairecendo no campo, poetando nas margens dos rios, e vivendo ali tão gostoso como na sua Odiveilas,» segundo a phrase de Rodrigues Cordeiro.

Faz-se em Monte Real uma feira que o povo denomina *dos quatro*, porque antigamente se realisava no dia 4 e hoje, restabelecida por D. Miguel em 1831, no 1.º domingo de cada mez. A linha de oéste tem aqui uma estação.

Monte Redondo — Orago Nossa Senhora da Piedade, população 2.850 hab. Dista de Leiria 20 kil. para noroéste. Tem escola para o sexo masculino, grande feira a 16 e 17 de janeiro, superior em gado bovino e suino á de Monte Real; mercado mensal nos dias 29 e semanal de cereaes aos domingos.

E' tambem servida por uma estação de caminho de ferro.

[1] As grandes dunas que ficam entre o Pinhal de Leiria e o oceano.

Parceiros — Orago Nossa Senhora do Rosario, população, 723 hab. Na estrada de Leiria para Chão de Maçãs. Dista da cidade 3 kil. para suéste. Tem escola masculina na séde da freguezia, e outra no logar da Boa Vista. Tambem tem uma philarmonica.

Pousos — Orago Nossa Senhora do Desterro, população 3.340 hab. Tres kil. ao oriente da cidade. Data do seculo XVIII a instituição da freguezia, cuja séde fica na estrada de Leiria para Chão de Maçãs.

Regueira de Pontes — Orago S. Sebastião, população 1.172 hab. Dista da cidade 8 kil. para noroéste, fica a suéste de Amor, e um kil. ao occidente da margem direita do Liz.

491—Leiria—Antiga casa da camara, cadeia e pelourinho

Veja-se o que dizemos, a respeito do Paço de D. Diniz, quando falamos de Monte Real.

Tem escola masculina, e mercado nos dias 26.

Santa Catharina da Serra — População 2.104 hab. Tem escola masculina, mercado mensal nos dias 28, e semanal, dos productos agricolas de cada estação, ao domingo.

Souto da Carpalhosa — Orago o Salvador do Mundo, população 3.888 hab. Ao suéste de Monte Redondo. Dista da cidade 15 kil. para noroéste. Tem escola masculina, philarmonica, feira de gados a 15 de janeiro, mercado mensal nos dias 16, e semanal ao domingo.

Vieira — Orago Nossa Senhora dos Milagres, população 3.682 hab. Dista da cidade 20 kil para noroéste. Povoação piscatoria, com praia de banhos. E' n'esta freguezia que o rio Liz entra no mar.

Vieira começou a progredir pela industria da pesca, muito lucrativa em sardinha. Fez parte da freguezia de Carvide, mas como o numero de pescadores fosse crescendo, erigiu-se uma capella, sob a invocação de Nossa Senhora dos Milagres, para mais

prompta administração dos sacramentos. Creou-se a parochia em 1740; mas a igreja parochial apenas se concluiu em 1767.

A freguezia tem actualmente 1.038 fogos.

Referiu se o sr. dr. Affonso Lopes Vieira, na sua gentil carta, ás «cabanas lacustres» de Vieira, e ás «mulheres de nobre typo».

As cabanas são effectivamente construidas sobre estacaria por causa da invasão das areias, que por via de regra avançam entre as fozes do Mondego e do Liz seis metros em cada anno. E' o systema de *palheiros* já adoptado na costa do districto de Aveiro, tendo por base a estaca, e uma escada de madeira para dar accesso á habitação.[1]

O conjunto d'estas construcções offerece realmente o aspecto pittoresco de povoações lacustres, substituida a agua pela areia.

No typo das mulheres de Vieira nota-se, effectivamente, um garbo senhoril muito distincto.

A praia de banhos deixou de ser obscura e morta. Em 1876 Ramalho não a mencionou. Tem vida balnear e concorrencia, um *Theatro Recreativo Vieirense*, uma philarmonica, e agradaveis passeios na margem do Liz ou nas aguas d'este lindo rio.

---

[1] Veja-se um interessante artigo do sr. Rocha Peixoto, *Portugalia*, tomo I, pag. 92 e 93.

492—Casa em Leiria onde se reuniram Côrtes

XXIX

Pombal

Quem tem viajado pela linha ferrea do norte, entre o Entroncamento e Coimbra, conhece a villa de Pombal, que em alguns dos seus trechos se deixa vêr das janellas do comboio.

Embora de relance, avistamos a pequena distancia a povoação assentada n'um valle, grupos de casas, o interior da Praça, e no alto de um monte, ao oriente, as ruinas do castello.

Se é domingo ou dia santo offerece-nos, de manhã, o espectaculo do mercado, que passa como n'um kaleidoscopio, deixando-nos agradavel impressão o colorido forte dos lenços das mulheres, a que os nossos olhos vinham já desacostumados desde toda a região que do arrabalde de Lisboa se prolonga até ao Entroncamento.

Tambem a amenidade do sitio nos annuncia aprazivelmente que vamos entrando n'outra zona geographica menos melancolica e monotona que a dos bastos olivaes cinzentos de Santarem e Torres Novas, da charneca povoada do Entroncamento, e das pedreiras de Payalvo e Chão de Maçãs.

O proprio caracter da paizagem nos revela que vamos mudar de provincia, e, se não estivermos muito seguros na divisão administrativa do paiz, supporemos, consultando a *Guia dos caminhos de ferro*, que nos encontramos já no districto de Coimbra.

Pois não é assim, porque a geographia dos politicos raras vezes concorda, entre nós, com a geographia dos botanicos, dos geologos e dos paizagistas.

Achamo-nos ainda no districto de Leiria, cuja capital fica a seis leguas de Pombal, sendo para notar que os habitantes d'esta villa apenas terão que gastar uma hora para ir de sua casa a Coimbra.

Vêde dos politicos o desconcerto!

Mas a natureza fala mais alto do que elles e, se visitarmos Pombal, teremos d'isso a certeza, vendo a linda avenida de arvores colossaes, cujas frondes tecem uma sombria abobada de verdura.

Estas arvores foram plantadas no reinado de D. Maria I, quando se construiu a estrada de Lisboa ao Porto por Leiria e Pombal, em substituição da antiga estrada, que seguia por Santarem e Thomar.

Com razão diz um viajante:

«A avenida de Pombal, com o seu formoso arvoredo, povoado por grande quantidade de rouxinoes, que enchem da mais suave harmonia aquelles logares, é o termo do bello paiz que atravessamos desde Coimbra.» [1]

Para quem partiu de Lisboa não é o termo, mas o inicio.

A primeira estação depois da de Pombal, em viagem ascendente, assenta sobre terreno do districto de Coimbra, é Soure, e por isso se explicam o arvoredo e os rouxinoes de Pombal que n'aquelle districto são tão vulgares e celebrados.

Entremos na povoação.

Não se póde asseverar que a sua topographia primitiva fosse a actual. Uns dizem que a fundação da villa seria na encosta do monte de S. Christovam, fronteiro ao do castello, outros na vertente do monte que fica do lado de Coimbra; mas Vilhena Barbosa não suppõe desauctorisada a opinião de quem sustente que o logar de Pombal foi sempre o mesmo.

Quanto ás origens do castello, os nossos chorógraphos são concordes em dizel-o fundado por D. Gualdim Paes, Mestre dos Templarios, no anno de 1160.

Pela extincção d'aquella ordem, teria passado á de Christo, que senhoreou a villa e o castello até ao reinado de Affonso V.

O primeiro foral da povoação foi dado por D. Gualdim Paes; e o foral novo por D. Manuel.

Quanto ao onomastico da villa, não posso senão lembrar que o brazão de armas, que está na Torre do Tombo, é, em campo vermelho, uma torre de prata, com *duas pombas*, tambem de prata, sobre as ameias.

Da tradição das pombas não encontro noticia.

O rio Arunca nasce perto da estação de Albergaria, e passa um kilometro ao occidente da villa de Pombal sob uma ponte de cantaria, que foi principiada em 1793 e concluida em 1795, segundo consta de uma lapide.

Um ditado antigo attribuia a Pombal a maravilha do seu rio «correr de baixo para cima».

Não é tal maravilha. O Liz, por exemplo, tambem corre do sul para o norte.

Pinho Leal considera aquelle rio affluente do Mondego, mas Baptista representa-o affluente do rio Anços, e estriba-se no argumento de que Villa Nova de Anços fica muito abaixo da foz do Arunca.

Faz-se em Pombal uma festa antiga e notavel, chamada *do Bodo*, a Nossa Senhora do Cardal, em o ultimo domingo de julho e nos dois dias precedentes.

Tão notavel, que d'aqui irradiaram, como ramificações de um tronco secular, outras festas imitativas para diversas terras da Extremadura.

Diz a tradição que no seculo XII vivera junto ao rocio, para o sul, n'uma casa torreada, certa dama nobre, rica e solteira, de nome D. Maria Fogaça.

Esta dama, por sua grande piedade, mandou edificar a uns vinte passos da residencia, á banda do norte, uma capella em honra de Nossa Senhora de Jerusalem, cuja imagem ella e os seus conterraneos fervorosamente veneravam.

Succedeu cahir sobre a povoação uma praga de gafanhotos, que devastou as searas e poz em risco de fome os habitantes de toda a região circumjacente.

Tratou-se de implorar a clemencia do céo n'esta afflictiva calamidade, e organi-

---

[1] *Uma digressão a Alcobaça*, pag. 13.

sou-se uma procissão de preces, que sahiu da igreja de S. Pedro, a qual então era a matriz, para a capella da Senhora de Jerusalem, já a esse tempo vulgarmente denominada do Cardal em razão do logar da capella. [1]

E prometteu-se que a esta imagem seria feita annualmente uma festa, se a invasão dos gafanhotos cessasse para tranquillidade e alegria dos povos.

Logo no dia seguinte, as searas e as arvores, ainda que roídas e devastadas, ficaram livres de tão crueis invasores: era o ultimo domingo de julho.

N'esse mesmo dia se cantaram acções de graças e se fez procissão e se testemunhou por todos os modos possiveis a gratidão e jubilo das povoações convizinhas.

No anno seguinte foi D. Maria Fogaça que tomou á sua conta a commemoração do

43—Pombal—Paços do concelho e convento de Santo Antonio

milagre, ordenando uma pomposa festa, para a qual convidou toda a sua parentella de Thomar e Santarem.

Como offerta devida ao parocho mandou aquella dama cozer dous bolos de farinha triga, tão grandes que aconteceu entortarem dentro do forno por mal acommodados.

Querendo remediar este inconveniente promptificou-se um criado da casa a entrar no forno para ageitar os bolos e, invocando o nome da Senhora do Cardal, affoitou-se á empresa sem que d'ahi lhe resultasse lesão alguma.

Foi o caso reputado milagre, e com maior enthusiasmo se repetiu a festa annual, e a offerta dos bolos, que um homem ia collocar a geito.

Mas julgou-se mais acertado reunir os dois bolos n'um só, de vinte alqueires, e construir um forno privativo no sitio do Cardal.

Desde então, seis homens conduzem o bolo n'um charola e o vão levar ao fogo, que durante muitas horas tem sido alimentado por algumas carradas de lenha.

Depois da festa de igreja por memoria do antigo successo, um homem de casaca azul com botões amarellos, chapéo armado, bota de barriga e cravo escarlate na bocca, entra no forno, em presença da multidão, dá tres voltas dentro—não tendo mais espaço livre para o fazer que tres palmos de largura—e sai incolume e triumphante, entre applausos delirantes do povo que anciosamente o espera.

[1] Diz o Padre Cardoso que este logar se chamou Cardal «pela quantidade de cardos que produzia».

Conta-se que um soldado se propuzera certo anno, por chibança marcial, entrar no forno, e que teria morrido asphyxiado se lhe não acudissem logo.

Vem esta tradição desde tempos em que a fé propendia ao maravilhoso; em nossos dias tem-se procurado dar as razões scientificas do facto.

Referindo-se a elle, dizia em 1906 um periodico da Extremadura:

«Ora o facto é facil de ser executado por qualquer pessoa, desde que a sua altura esteja em relação com a bocca do forno, isto é, ser mais baixo do que a porta do forno, proteger os pés para os não queimar nos tijolos do pavimento e a cabeça porque é na cupula que se concentra o calor do forno em virtude do ar quente ser mais leve, e no resto do forno ser invadido pelo ar exterior que soffre grandes renovações por virtude da differença muito pronunciada das temperaturas interior e exterior. O grande calor concentra-se nos tijolos e depois de fechada a porta do forno com adóbes e tijolos bem argamassados, este se concentra no forno, queimando o bôlo que, pelo seu tamanho ao entrar no forno, absorve grande quantidade de calor.

«A outra condição a satisfazer é não respirar dentro do forno, para não absorver o ar quente junto das paredes, que o póde prostrar e então apoiando-se nas paredes e pavimento ficar muito maltratado e por isso leva uma flor na bocca, e a cada uma das tres voltas que dá em volta do bôlo, chega á porta e recita uma lôa para assim respirar e poder aguentar outra volta.

«Mettendo-se a mão dentro do forno quando o homem lá está, qualquer pessoa póde verificar como já o fizemos que a temperatura em qualquer ponto é inferior á exterior, produzida pelo grande brazido que accumulam cá fóra »[1]

Fique cada um com sua crença, e digamos o mais.

O bolo, depois de tirado do forno, é repartido pelos habitantes da villa e pelos romeiros, que de longes terras concorrem á festa.

Dá-se-lhe o nome de *fogaça*, palavra com que hoje são designados todos os bolos e fructas que ainda se offerecem ás imagens nas romarias.

Quanto á origem da palavra, o artigo *Fogaça*, no *Elucidario* de Viterbo, mais a complica do que esclarece.

Eu continuo a crer (*Espelho de portuguezes*, vol. I, pag. 179) que ella se deve procurar no supposto milagre da festa de Pombal, em tempo de D. Maria Fogaça, e que d'esse facto viria o adoptarem os Fogaças para o seu brazão uma «fogaça» azul, gretada de prata; por timbre um feixe de lenha ardendo. Antes d'isso, a palavra existiria, mas sem valor lendario, apenas para significar uma especie de pão cozido no rescaldo da lareira; não como sinonymo de offerenda devota. Parece-me que por mera casualidade se encontrou onomasticamente aquella especie de pão com o appellido de uma senhora piedosa, e que d'esta coincidencia procede toda a confusão em que se enreda Viterbo. O brazão e a offerenda, a meu vêr, commemoram o acontecimento de Pombal.

N'uma folha do Minho encontrei esta affirmativa sobre a palavra *fogaça:*

«E' termo propriamente beirão, com significação especial estabelecida n'aquella provincia.»[2]

Ora, já muitos annos antes, n'uma nota ao *D. Jayme*, Thomaz Ribeiro havia dito que aquelle vocabulo era «provinciano chapado, beirão dos quatro costados, e aldeão sem mistura.»

Eu penso que não; penso que o termo, na accepção de bolo votivo, veio de origem extremenha e do appellido d'aquella dama.

Quem observa a marcha da tradição da fogaça e do forno, reconhece que ella

---

[1] *Leiria illustrada*, n.º de 26 de julho de 1906.

[2] *Semana thyrsense*, de 17 de novembro de 1907.

partiu da Extremadura para léste, descrevendo uma curva, mas seguindo em direcção á Beira por Abiul, Santiago de Litem, Rio de Couros e Avellar.

Se, porém, me convencerem de erro, não ficarei pesaroso nem zangado.

Por occasião das festas do Cardal ha feira e tourada.

Estas festas gosaram de um privilegio especial: quem fosse a ellas, não poderia ser preso quinze dias antes e quinze dias depois, excepto por crime de lesa-magestade.

Outrora tiveram maior brilho popular. Cantavam-se as *alvoradas* (de que Almeida e Pinho Leal dão trechos), organisavam-se encamisadas, danças mouriscas, entremezes, jogos de cannas, alcanzias, escaramuças, etc.

A igreja parochial da villa é a de S. Martinho, historicamente celebre, por n'ella se terem jurado as pazes—aliás ephemeras—entre el-rei D. Diniz e seu filho D. Affonso na presença da Rainha Santa e por instancias d'ella.

A actual igreja de Nossa Senhora do Cardal é a antiga do convento de Santo Antonio, que fôra destinado aos conegos regulares de S. João Evangelista, e que elles não quizeram acceitar.

Erigiu-a o conde de Castel-Melhor, valido de Affonso VI, em cumprimento de um voto que fizera se escapasse aos seus inimigos depois da desthronisação d'este rei.

O senhorio da villa de Pombal andava na casa dos condes de Castel-Melhor por doação de D. Affonso V.

O templo é magestoso no interior, comquanto a fachada seja simples.

Para esta igreja foi transferida depois de 1709 a imagem de Nossa Senhora do Cardal, que esteve na antiga capella, a qual, muito arruinada, teve de ser demolida em 1855.

N'uma das capellas d'aquelle templo esqueceu o athaude do marquez de Pombal desde 1782 até 1856, anno em que o quarto marquez o mandou trasladar pomposamente para a capella das Mercês, na rua Formosa, em Lisboa, onde se conserva.

Foi no dia 9 de junho de 1856 que se celebraram os actos religiosos a que se seguiu a trasladação. Assistiram o bispo-conde com o cabido de Coimbra, o vice-reitor, lentes e secretario da Universidade, as auctoridades administrativas, representantes da familia, etc.

No dia 10 o prestito funebre chegou a Leiria, onde entrou á uma hora da tarde, sendo esperado por toda a população da cidade.

O féretro ficou depositado na igreja do Espirito Santo, e no dia 11, ás 7 horas da manhã, seguiu para Alcobaça, tendo ahi novo descanso na igreja do mosteiro.

No dia 12 ás 8 horas da manhã partiu o prestito para as Caldas da Rainha, ficando o athaude na igreja matriz até ás 4 horas da tarde do outro dia, em que sahiu do territorio do districto de Leiria em caminho de Lisboa.

Não parece uma d'aquellas trasladações solemnes dos nossos antigos reis, descriptas pelos respectivos chronistas?

A multidão precipitava-se sobre as estradas para assistir á passagem do prestito, e ricos e pobres vestiam de luto. As lojas de commercio, nas povoações, fechavam as suas portas. Um sentimento geral de respeito e veneração tomou o aspecto grandioso e profundo de uma apotheóse pósthuma em honra de um homem, que a politica tinha elevado e abatido, e que, perante a historia, é o mais discutido e discutivel dos nossos estadistas.

Sebastião José de Carvalho e Mello, 1.º conde de Oeiras e 1.º marquez de Pombal, ainda em seguida á morte de D. José conservou a pasta do reino, mas assistia já ao aniquilamento da sua obra.

Era, como diz Francisco Luiz Gomes, uma arvore cujas folhas começam a cahir, cujos ramos principiam a seccar, e cujo tronco não tardará a rolar no pó.

N'esta situação humilhante, pediu a demissão, como elle proprio declara mais de uma vez, mas parecia que, por hesitação ou aviltamento, o queriam fazer descer degrau a degrau da alta posição a que tinha ascendido.

Dispensaram-n'o primeiro da superintendencia das finanças, e só alguns dias depois lhe foi dada a demissão de ministro do reino, postoque em termos ainda honrosos, e com a declaração de que elle a pedira (decreto de 14 de março de 1777).

Então o marquez retirou-se por ordem da rainha para a sua quinta de Pombal e a nobreza e os jesuitas emprehenderam rehabilitar-se das accusações que lhe tinham sido feitas e das perseguições que soffreram. Libellos tremendos foram produzidos em publico contra o marquez como homem e como estadista. Francisco Mendanha, que tinha sido exilado e que a rainha mandou repatriar, accusou violentamente o antigo ministro. Este, por sua vez, defendeu-se com energia e desassombro. D. Maria I irritou-se com a resposta do marquez, mandou queimar ambos os documentos, prender os advogados que os tinham redigido, e que dois juizes fossem interrogar o marquez para serem aclarados alguns factos da sua administração (decreto de 3 de setembro de 1779.)

494—Marquez de Pombal

Este interrogatorio judicial começou em 9 de outubro d'aquelle anno e acabou a 15 de janeiro de 1780.

Um decreto de 16 de agosto de 1781 conclue pela aniquilação do marquez: a rainha declara que elle lhe pedira perdão e que por clemencia se digna eximil-o a penas afflictivas havendo por bem conserval-o afastado da côrte pelo menos á distancia de vinte léguas até nova ordem sua, tudo isto sem prejuizo dos direitos da Corôa e das reivindicações dos interessados.

O marquez, cuja saude, abalada pela velhice, pelo trabalho e pelos desgostos, se mostrava periclitante, sentira-se esmagado pelo decreto de 1781.

Comtudo, a instancias do duque de Sully, redigiu ou ditou uma petição de recurso á Corôa com o fim, principalmente, de esclarecer a origem dos seus haveres.

Esta defesa não fez impressão no publico.

O marquez o reconheceu, porque o seu espirito abateu-se cada vez mais, e no dia 8 de maio de 1782 desprendia-se, angustiado, do envolucro terreno.

Assim expirou na amargura do ostracismo aquelle homem que tamanhas honras alcançára e outras maiores repellira. Diz-se que, pensando D. José em eleval-o a duque, o marquez lhe respondera: «Meu senhor, os duques em Portugal nascem, não se fazem.»

O seu cadaver foi conduzido á igreja de Santo Antonio da villa de Pombal, onde o bispo D. Francisco de Lemos, raro amigo fiel, chamou todo o clero da diocese para tomar parte nos funeraes.

O mesmo prelado encarregou Frei Joaquim de Santa Clara Brandão (mais tarde arcebispo de Evora) de recitar o elogio funebre.

Este illustre frade benedictino vacillou, mas o bispo insistiu, e elle obedeceu.

Quando chegou a Pombal, ajoelhou para beijar a mão ao prelado, que n'esse momento lhe perguntou por que não viera logo ao primeiro chamamento.

Santa Clara respondeu :

—*Domine, salva nos, perimus.*

D. Francisco de Lemos, erguendo o, replicou :

—*Quid timidi estis, modicæ fidei?* [1]

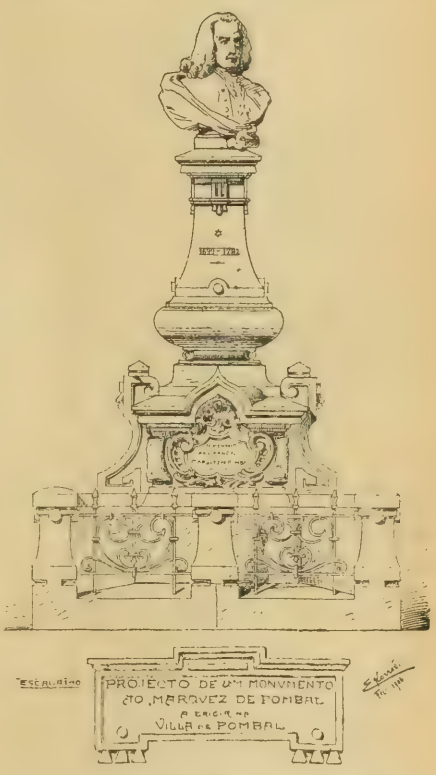
O caso é que o sermão de Pombal causou a Santa Clara difficuldades para ser confirmado arcebispo de Evora.

O exilio do marquez prolongou-se depois da morte até o anno de 1856; parecia que um esquecimento eterno teria de pesar sobre os restos mortaes do famoso ministro de D. José.

O exercito de Masséna, quando entrou em Pombal, profanou lhe o athaude, dispersou a ossada.

Um parente do marquez, entrando na igreja de Santo Antonio, mandou reunir os ossos, e depositál-os n'um caixão mais singelo que o primeiro.

A apotheóse publica apenas começou em 1856 com a trasladação. Chegando a Lisboa, o féretro, antes de ser conduzido á capella da rua Formosa, foi recebido na sé, onde se fizeram exequias solemnes, sendo orador o conego Martens Ferrão. Depois vieram as festas do centenario, o projecto, por emquanto irrealisado, de uma estatua em Lisboa, e por ultimo o monumentosinho na villa de Pombal.



495—Monumento que foi erigido segundo o projecto supra

Mas a opinião nacional não se unificou para erigir solidariamente o maior de todos os monumentos que podem glorificar a memoria de um estadista : o applauso incondicional da Historia.

Eu disse ha annos no parlamento que ainda então era cedo para, em nome da nação, fundirmos a estatua do marquez sem suscitar protestos e divergencias.

E hoje parece-me... tarde.

---

[1] Senhor, salva-nos, que perecemos—Porque temeis, homens de pouca fé ? S. Matheus, cap. VIII, vers. 25 e 26.

Tratemos agora do pequeno monumento na villa de Pombal.

Foi no dia 1 de novembro de 1905, anniversario do grande terremoto de Lisboa, que se lançou a primeira pedra d'este monumento, promovido por uma commissão e auxiliado por subscripção publica.

Ao meio dia poz-se em marcha o cortejo, que se organisou nos paços do concelho, incorporando-se n'elle, alem da commissão, a camara municipal com o seu estandarte, as auctoridades locaes, uma força militar, representantes da imprensa e de todas as classes sociaes, bem como a Philarmonica Pombalense.

Chegado o cortejo ao largo do Cardal, o presidente da commissão, dr. José Ferreira de Andrade, leu um discurso em que foram relembrados os serviços prestados ao paiz pelo marquez de Pombal.

Seguiram-se no uso da palavra o presidente da camara, Izidoro Nunes Baptista, e o administrador do concelho, bacharel Mario Correia d'Aguiar, que terminou o seu discurso por um viva á familia real.

Procedeu-se depois á leitura do auto, que diz assim:

«Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1905, no primeiro dia do mez de novembro, pelas 12 horas da manhã, n'esta villa de Pombal e largo do Cardal, na presença da ex.ma camara municipal d'este concelho, das dignas auctoridades administrativas e judiciaes, de varias pessoas no fim d'este auto assignadas e de grande concurso de povo, foi collocada a pedra fundamental do monumento que uma assembléa geral de moradores d'esta villa decidiu, por proposta de Aquilino Dias Varella Pinto, levantar, por subscripção publica, á memoria do grande estadista portuguez Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras e marquez de Pombal, como merecida homenagem aos seus inolvidaveis serviços á nossa patria, prestados em todos os ramos da actividade humana, e com o fim de perpetuar entre as gerações futuras a intima affinidade de sympathia d'aquelle espirito sublime com esta modesta povoação, de onde lhe veiu o titulo que tanto o distinguia e em cujo seio veiu apagar-se a ultima scintillação do seu cerebro excepcional. E para constar se lavrou e assignou em duplicado o presente auto, sendo um encerrado na pedra fundamental e o outro entregue á camara municipal, para ser devidamente archivado».

O cortejo regressou aos paços do concelho, onde se dispersou.

O projecto do monumento foi elaborado pelo sr. Korrodi, professor da escola industrial de Leiria, que proficientemente adoptou as formas caracteristicas da epoca de D. José.

O pedestal, singelo mas elegante, é de marmore da localidade; o busto, modelado pelo esculptor portuense Fernandes de Sá, foi fundido em bronze, e de bronze é tambem a inscripção.

Uma grade de ferro forjado protege a base do pedestal.

No dia 8 de maio de 1907 foi solemnemente inaugurado este monumento, com a assistencia de um cortejo publico, que se formou na Praça Marquez de Pombal, e no qual se incorporaram a camara municipal, um representante do governador civil do districto, auctoridades judiciaes e administrativas, empregados publicos, commerciantes, associação dos caixeiros com o seu estandarte, alumnos das escolas, varios convidados, philarmonica, etc.

Chegado este cortejo ao logar do monumento, que é o centro do Jardim Publico, discursaram o presidente da commissão, o administrador do concelho, e os srs. dr. Bernardino Machado, Augusto de Castro, Antonio José de Almeida e Padua Correa.

Em seguida foi descerrado o busto.

A commissão promotora offereceu um jantar aos oradores e convidados.

A' noite houve illuminações no parque.

O palacio do marquez de Pombal era o que fôra dos Castel-Melhor, na Praça, junto á igreja parochial de S. Martinho (*Vide* est. 497). Passou a extranhos. Ainda hoje ao norte da mesma Praça se indica ao visitante o edificio do grande *celleiro do marquez* que tem as armas dos Carvalhos.

A igreja de Nossa Senhora do Carmo foi construida no seculo XVII para servir a um recolhimento de meninas orphãs.

A da Misericordia data de 1745.

Outrora a villa, que constitue agora uma só freguezia, sob a invocação de S. Martinho, com uma população de 5.833 habitantes, esteve dividida em tres parochias, Santa Maria do Castello, S. Pedro e S. Martinho.

A igreja de Santa Maria, que ficava junto e ao sul das muralhas do castello, recommendando-se pela sua elegante architectura, como tambem pelos lavores em pedra Ançã, trabalhados por Jacome de Bruges e João de Ruen, foi profanada e despojada pelos francezes em 1810. Depois arruinou-se ao abandono.

A sua pia baptismal é a que serve desde 1812 na actual igreja matriz.

Da igreja de S. Pedro já no tempo do Padre Carvalho apenas restavam a capella-mór e a sacristia.

A camara municipal e demais repartições publicas, assim como uma escola do sexo masculino, funccionam no convento de Santo Antonio.

496—Ernesto Korrodi

Entre os predios historicos da villa apontam-se na Praça as duas casas, contiguas, em que no anno de 1704 o rei D. Pedro II estivera hospedado em 5 de agosto e 31 de outubro e Carlos III de Hespanha em 25 de agosto e 8 de novembro, com as respectivas comitivas; na rua das Cannas, antiga rua das Bengalas, a casa onde nasceu o Beato Antonio (Frei Antonio da Conceição), que deixou o seu nome ligado á reedificação de uma igreja e convento, e ao sitio d'estes edificios, junto a Lisboa;[1] na rua da Corredoura a casa onde morreu em 1653 o poeta viziense Sebastião de Almeida Amaral, cujas obras tiveram menos celebridade do que a *fama* que ao poeta attribue uma inscripção posta na face interna do peitoril de uma das janellas.

Tambem, por curiosidade, anda lembrado um predio da rua da Misericordia, no qual ha um poço, e uma legenda que recorda antigos costumes portuguezes:

«Aqui se dá a agua a quem rezar um Padre nosso e uma Ave Maria pelas almas «do Purgatorio. Anno de 1738».

A villa tem hospital da Misericordia, quartel militar, theatro, escolas para ambos os sexos, uma assemblea recreativa, tres hospedarias, e um periodico, que se intitula *A Defesa*, orgão dos interesses do concelho de Pombal, redigido por Joaquim Ignacio Cardoso Pimentel Junior.

Este periodico conta 18 annos de existencia e é impresso na mesma villa, em typographia propria, sita na rua Direita.

Anteriormente houve, que eu saiba, os periodicos seguintes: *Cão de fila*, folha satyrica. 1865-1866—O *Pombalense*, semanario noticioso e litterario, janeiro de 1881 a março de 1886—*Correio de Pombal*, noticioso, politico e independente. De abril a outubro de 1886.

---

[1] Vide 1.º vol. pag. 86.

Ha fabricas de azeite e de cera; ultimamente construiu-se, junto ao largo da Varzea, um edificio para fabrica de resinagens.

A villa é cabeça de comarca (2.ª classe).

O concelho de Pombal compõe-se de mais dez freguezias.

A sua producção agricola consiste em cereaes, legumes, fructas, vinho e azeite.

Tambem produz arroz: em 1905 recolheu 11.043 hectolitros, principalmente nas freguezias de Pombal, Louriçal, Vermoil e Pelariga.

Passemos a enumerar alphabeticamente as freguezias componentes do concelho:

Abiul—Orago Nossa Senhora das Neves,; população 3.272 habitantes.

Esta freguezia demora n'um valle rodeado de montes, a 11 kil. da villa de Pombal para suéste.

Perto da séde da parochia passa a ribeira de Val-mar, que no inverno desborda caudalosa.

A villa de Abiul foi outrora cabeça de concelho.

Deram-lhe foral em 1167 Diogo Pearíz e sua mulher Dona Exemena, sem outro fôro mais que a decima parte das colheitas.

Em 1175 D. Affonso Henriques doou a villa ao mosteiro de Lorvão, e foi o abbade João o prelado d'aquelle mosteiro que subscreveu a carta de confirmação ou segundo foral de que reproduzo o teor trasladado a linguagem moderna:

«Em nome da Santa e indivisivel Trindade. Eu João abbade de Lorvão, e juntamente com os frades do nosso convento, fazemos carta de firmeza a todos os homens que moram em Abiul, e de bom fôro assim aos presentes como aos vindouros, o qual os povoadores devem ter de direito perpetuo.

«De todo o trabalho que lavrarem deem a decima parte ao Senhor, e uma teiga de trigo na eira e uma quarta de vinho. E em serviço uma fogaça de dois alqueires de trigo e um capão. O clerigo de sua herdade semelhantemente faça fôro. Se alguem quizer vender a sua herdade venda-a ao seu vizinho, mas convém a saber por tal preito que dê a seu senhor inteiro fôro.

«E o vendedor dê ao senhor a decima do preço em portagem. A nenhum homem de Abiul seja licito dar sua herdade ou d'ella fazer testamento a alguem, excepto á nossa igreja ou ao nosso mosteiro, por fórma que o senhor não perca o casal nem o fôro. O lavrador não faça fôro de montaria. O monteiro que ficar uma noute ou mais no monte dê um coelho com sua pelle, se porém nada caçar nada dê. E deem de todo o veado o lombo e costa. Colmeiro dê meia libra de cera. Não haja entre vós enganos, nem rouso, homicidio e esterco na bocca, e quem destruir casa com armas, ou ferindo, ou arrombar portas e entrar em casa á força no couto da villa pague quinhentos soldos e o furto. E todas estas multas sejam pagas pelo fôro de Pombal. Se alguem fizer alguma tortura contra o juiz e justiças a elle satisfaça seu preito. O juiz tenha as honras devidas, e o seu signal seja estavel. Feita esta carta de confirmação e firmeza no mez de dezembro na era de mil duzentos quarenta e quatro (1206 da nossa era). Eu João abbade de Lorvão juntamente com os meus frades, com nossas mãos a firmamos. Se alguem este fôro quizer quebrar, seja maldito.»

Depois os duques de Aveiro foram os donatarios da villa, e n'ella tiveram um palacio, que se arruinou.

Parece que n'este palacio esteve hospedado el rei D. Manuel, o qual mandou acrescentar a igreja; e talvez que por essa occasião lhe désse o 3.º foral, que tem a data de 1515.

Abiul foi flagellada por uma intensa peste, e d'aqui veio o adoptar, por identica promessa, em honra do seu orago, a *festa do bodo* que se realisa em Pombal, com o mesmo apparato e entrada no forno.

Uma portaria de 2 de setembro de 1834 auctorisou fazer-se em Abiul mercado semanal e feira annual.

Modernamente construiu-se uma praça de touros.

A freguezia comprehende muitos logares.

Almagreira. — Orago Nossa Senhora da Graça, população 1.867 habitantes. Dista da villa de Pombal 10 kil. para noroéste. O logar principal fica a 1 ½ kil. da margem esquerda do rio Arunca. A igreja parochial é de uma só nave. A principal producção agricola consiste em cereaes.

Louriçal.—Orago Santiago, população 6.025 hab. A villa foi cabeça de concelho até 1855, epoca em que passou ao de Pombal. Dista da villa d'este nome 15 kil. para noroéste.

Deu-lhe o primeiro foral D. Affonso Henriques; e D. Manuel foral novo em 1514.

Attribue-se áquelle monarcha a construcção de duas torres, que serviriam tanto para abrigo militar como para estação de caça.

Hoje resta apenas a vaga tradição d'estes edificios.

Da fundação do convento do Louriçal, que era de freiras franciscanas, escreveu o Padre Manuel Monteiro, oratoriano, uma extensa chronica, publicada em 1750, Lisboa.

Hoje está installada no edificio d'este convento a Associação de Beneficencia de Nossa Senhora da Boa-Morte com 25 recolhidas.

497 — Pombal — Janella da casa onde falleceu o Marquez de Pombal

O altar-mór e os lateraes da igreja conventual são de variegados marmores de Italia, com bellas columnas de marmore preto encimadas por capiteis de jaspe. As imagens, especialmente as de S. Francisco e Santa Clara, teem valor artistico. As alfaias, paramentos bordados a matiz, outros a ouro, e uma custodia de prata doirada com pedras preciosas, merecem a attenção do visitante.

Este templo fundou-o D. João V em 1707.

A igreja parochial, cuja fachada é singela, foi restaurada modernamente.

O titulo de marquez do Louriçal, creado por carta regia de 22 de abril de 1740, recahiu na pessoa de D. Luiz de Menezes já então 5.º conde da Ericeira, e continuou n'esta familia, que era, como se sabe, um ramo da casa de Marialva.

Na capella-mór da matriz jazem sepultados alguns dos Louriçaes.

A freguezia tem uma escola do sexo masculino.

Matta Mourisca. — Orago S. Mamede, população 2.762 hab. Dista de Pombal 14 kil. para noroéste. Pertenceu ao extincto concelho do Louriçal.

Pelariga.—Orago S. João Baptista, população 1.444 hab. Dista da villa de Pombal 7 kil. para o norte. Esta freguezia foi creada por decreto de 10 de março de 1847, a instancias do barão de Venda da Cruz, no logar d'este nome, que ainda no seculo XVII se chamava Venda do Diabo.

Quero suppôr que a origem d'este logar, junto á estrada real de Coimbra a Leiria, seria uma venda infernal pelo mal que servia os viandantes ou talvez pela má fama proveniente de crimes ali praticados.

Depois, para limpar a reputação do logar, christianisaram-lhe o nome em Venda da Cruz.

Redinha. — Orago Nossa Senhora da Conceição, população 2 704 hab. Situada perto do rio Anços, dista da villa de Pombal 13 kil. para o norte. Era uma das villas do méstrado da ordem de Christo, e foi commenda dos condes de Castel-Melhor. Vagamente se diz ter havido uma antiga povoação no logar da Roda, e que do diminutivo d'este nome veio por corrupção a chamar-se Redinha a freguezia actual.

Faz-se mercado de gado suino e cereaes aos sabbados.

A Misericordia foi extincta.

Por carta regia de 19 de agosto de 1776 recebeu o titulo de conde da Redinha José Francisco Xavier Maria de Carvalho Mello e Daun, filho segundo do 1.º marquez de Pombal.

O titulo tem continuado n'esta linha.

S. Simão de Litem. — População 3.182 hab. Dista da villa de Pombal 12 kil. para suéste. Está incluida n'esta freguezia a quinta das Ferrarias, que foi do visconde de Almeidinha.

Santiago de Litem. — População 2.585 hab. Perto e ao norte do rio Arunca. Dista de Pombal 10 kil. para suéste. Tem uma quinta, a de S. Lourenço, notavel na historia litteraria do paiz: ahi viveu retirado, durante tres annos, e ahi falleceu no dia 20 de outubro de 1570, o famoso historiador João de Barros, casado com uma senhora nascida na villa de Pombal, D. Maria de Almeida.

N'esta freguezia tambem se faz, como em Pombal e Abiul, a *festa do bodo*.

Vermoil. — Orago Nossa Senhora da Conceição, população 2.861 hab. Situada junto á margem esquerda do rio Arunca, dista da villa de Pombal 10 kil. para sudoéste.

E' servida, na linha de oéste, pela estação do seu nome.

A igreja parochial foi restaurada, e uma estrada lhe dá accesso.

O logar séde da parochia não é grande, comquanto muito agradavel e florido, mas a freguezia tornou-se populosa por comprehender muitos logares.

Em Vermoil é costume, como no Minho, ir colher flores na madrugada do 1.º de maio e enfeitar com ellas exteriormente não só a casa de habitação, mas tambem o curral, a córte, a estrebaria, a capoeira, etc.

A esta ultima parte da tradição chama-se — maiar o gado; crê-se que d'este modo os animaes ficarão isentos de qualquer enfermidade durante o anno.

Almeida em 1866 e o sr. A. de Jesus e Silva em 1900 referiram-se a este interessante costume de Vermoil:

«As mães de familia da freguezia de Vermoil, concelho de Pombal, quando pre-

tendem casar suas filhas, levam-n'as a tres especies de romarias que os habitantes d'aquelles arredores costumam fazer, e são: Conceição, Espirito Santo e Bodo de Vermoil.»

«Perto da tarde, mães e filhas todas vestidas de estamenha e em corpo, com chapeu de aba larga na cabeça, apparecem no arraial, e chegando perto dos rapazes, a que já teem deitado o fito, chamam-n'os para a venda, onde lhes pagam o vinho, bebendo elles juntamente com as filhas: estas, indo já preparadas com 10 réis e um guardanapo lavado, compram tremoços e dizem:»

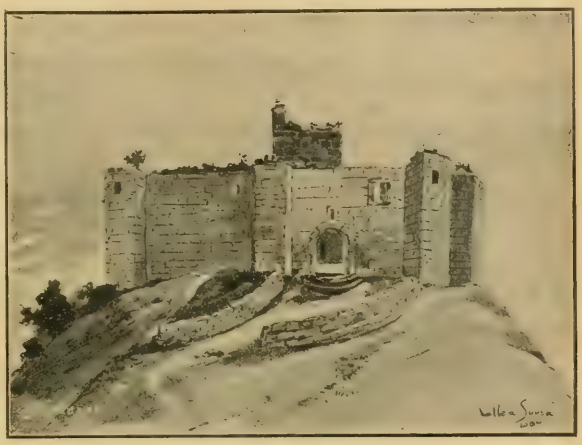
«—Dou a mim, dou a ti.»

«Os *Maneis* todos tafues, com o seu calção de tripe, e camisa de linho com collarinhos de 33 centimetros, abrem a jaleca, e mostrando ás *Zefas* o bolso furtado, dizem-lhes:

«—Dou a ti.»

«Tirando ellas os tremoços dos bolsos e elles do guardanapo.

«D'ahi a pouco ouve-se ás vezes na egreja as denunciações d'um casamento, que não teve outros principios senão esta simples troca de palavras, e favores com que reciprocamente se brindaram os dois contrahentes.»



498—Castello de Pombal

Sobre os trajes populares escreveu o sr. Jesus e Silva em 1902:

«Quando nos fins de março de 1860 me apresentei em Pombal para tomar posse da cadeira de Vermoil, disse-me o sr. dr. Joaquim Romão de Araujo Pereira:

«—Deve extranhar os usos, costumes e os trajes dos habitantes da freguezia para onde vae residir.»

«—Quem está acostumado a vêr as suas patricias de capa pela cabeça, as mulheres da freguezia do Arrimal[1] com carapuças orladas de panno encarnado com tres botões da mesma côr sobre cada uma das orelhas e as do campo de Leiria com suas saias de barra larga e chapéo á Zamparina, não deve achar extranho o trajar dos habitantes de Vermoil.»

«Esperei a festa do Espirito Santo que já não vinha longe para observar de perto os trajes de meus patricios adoptivos.»

«As mulheres usavam o cabello cortado com duas melenas crescidas que extendiam por traz das orelhas, com seus lenços encarnados com suas ramagens e por cima chapéos de abas largas, camisas de estopa com mangas compridas, pequenos collarinhos com botões de ouro, ornadas de folhos de panninho, quasi a deixar vêr os seios por entre as prégas, colletes de bérneo, saias de estamenha com suas barras e junto da abertura a classica *algibeira* mais ou menos enfeitada, meias (as que as tinham) de ponto aberto e sapatos em dias de festa; nas mãos, em vez de lenço, um guardanapo

[1] No concelho de Porto de Mós.

de linho, enfeitando-lhes o pescoço (d'algumas de cobiçar) dois ou tres fios de contas que hão passado de geração em geração.

«Eram estes os vestuarios que então observei nas moças que aspiravam as matrimonio, variando nas que já dobraram o terrivel cabo dos 30, nas beatas que abundavam, nas casadas e viuvas.»

«Nas moças, apesar dos vestuarios as não ajudarem, notavam-se olhos impregnados de feitiços; nas solteironas, olhares sombrios, nas beatas, em vez de olhares, olheiras; nas casadas golpe de vista para os moços que desejavam para suas filhas e nas viuvas movendo as meninas, como quem dizia: *eu ainda rompia umas botas!...*»

«Os moços que desejavam o 7.º sacramento da egreja encontrei-os com cabello cortado, mas com pequenas madeixas em volta da cabeça; camisa de linho com collarinhos de $0^{m},22$ e pico, com botões de oiro e no peito uns folharécos, chapéo grande, jalecos de panno côr de pinhão com canhões nas mangas, colletes azues, calções de pélle do diabo ou tripe com presilhas de prata, ceroulas largas, botas grandes ligadas ás curvas das pernas por nastros largos, untadas de cêbo e com os tacões cobertos de tachas de aza de mosca e largas nas solas.»

«Como vem a talho de foice, direi aqui o que uma vez me disse o fallecido José Mendes, do Feijoal:»

«—Dois sujeitos de Carvide que se dirigiam á matriz, ao descer da Ranha de Cima para a ribeira topou um n'um seixo e quebrou o dedo grande do pé esquerdo.

«O' compadre, diz ao companheiro, que seria da minha bota se a trouxesse calçada! arreda!...»

«O homem levava-as penduradas ás costas.

«As botas muitas vezes são hereditarias.»

«Fóra das festas usavam ceroulas largas, calções ordinarios e tamancas.»

«Calças, se exceptuarmos a familia da Quinta dos Claros, parocho, José Mendes, Joaquim da Ponta Gato, José Ferreira Moço e poucos mais, ninguem as usava. Hoje o calção, banido de todo, só o encontramos em actos solemnes em altos dignitarios e camaristas.»

«A moda impôz-se.»

Um dos logares d'esta freguezia de Vermoil chama-se Gafaria, por n'elle ter existido um hospicio ou hospital para leprosos. Outro chama-se Peste e d'elle diz um viajante: «Para attestar a aridez do terreno encontra-se o miseravel logarejo da Peste, que pela sua pobreza e genero de industria, mais prova que vive da bolsa do passageiro do que dos fructos que o terreno lhe subministra.»[1]

Como vimos pela citação do sr. Jesus e Silva, tambem em Vermoil se faz a festa do bodo.

Villa Cãa—Orago S. Bartholomeu, população 1.981 hab. Foi commenda da Ordem de Christo. Dista da villa de Pombal 10 kil. para suéste, e está situada entre duas ribeiras, que formam a de Val-mar.

O concelho de Pombal tem 34.516 habitantes, pertence ao districto administrativo de Leiria e está comprehendido na diocese de Coimbra.

[1] *Uma digressão a Alcobaça*, pag. 13.

XXX

Ancião

concelho de Ancião, povoado por 13.299 habitantes, dista mais de 9 léguas de Leiria, capital do districto, para nordéste.

E' um dos concelhos do districto de Leiria chamados «da serra», região montanhosa que vai de Pombal a Pedrógam Grande na extensão de seis léguas.

As suas maiores relações são com a cidade de Coimbra, que fica á distancia de 39 kil. — menor distancia que a de Ancião a Leiria.

A villa, cabeça do concelho, assenta n'um valle, abrigado ao nascente por uma cordilheira onde frondejam carvalhos e oliveiras — principal riqueza agricola da região.

O azeite é de boa qualidade, e a bolota anima em grande escala a creação de gado suino. O concelho tambem produz alguns cereaes.

Ao poente outra cordilheira protege a villa: é a que se distende desde a serra de Alvaiázere até ás proximidades de Condeixa.

A ribeira de Ancião, que vai desaguar no rio Nabão junto á Sabacheira, passa na villa e fertilisa os arredores.

Pena é que não seja aproveitada toda a sua agua em beneficio da agricultura.

A fundação da primitiva villa no sitio—Valle do Mosteiro—, distante cêrca de 200 metros da villa actual, parece haver sido muito antiga.

Assim o testemunha a Ponte da Cal, cuja construcção mostra ser anterior ao inicio da monarchia portugueza. Uma ponte tão solidamente edificada presuppõe a existencia de uma povoação proxima e já então importante.

Os auctores que reputam a villa de Ancião fundada no seculo XIII, não teem melhor fundamento do que uma lenda relacionada com a Rainha Santa e a origem do onomastico da povoação.

Conta-se que esta piedosa Rainha, de uma vez que por aqui passára em caminho de Coimbra, viu junto a uma choupana um mendigo muito velho, a quem soccorreu.

Depois, sempre que passava no sitio da choupana, ou á ida ou á volta de Coimbra, quando não avistava aquelle velho mandava saber d'elle designando-o carinhosamente por —*seu ancião*. Tal seria, segundo o crêr dos mesmos auctores, a origem do nome da nascente povoa.

Outra lenda local conta, menos verosimilmente, que a Rainha Santa, aproximando-se, certo dia, da ribeira de Ancião, n'ella lavára os pés debaixo do arco septentrional da Ponte. Certamente para justificar a tradição foi collocada n'esse local uma pia de pedra, que ainda hoje se conserva.

E para avivar a mesma tradição se edificou ali uma capellinha—com a invocação da Rainha Santa—aonde convergem os povos circumvizinhos em romaria nos dias 28 e 29 de junho. Na noite de 28 costuma haver arraial, illuminações, fogo de artificio, descantes e bailes populares. No dia 29 sai processionalmente a imagem de Santa Izabel da sua capellinha para a igreja da villa, na qual se realiza a funcção religiosa, com missa cantada a grande instrumental, e sermão.

Depois a imagem é reconduzida com o mesmo apparato á sua capellinha, e o arraial continua, vendendo-se durante elle em leilão as fogaças que, sobre taboleiros enfeitados, foram offerecidas e transportadas pelos devotos.

O povo tem por milagroso o banho tomado durante os dias da festa, bem como nas noites de S. João e S. Pedro.

Uma anecdota picaresca refere que em determinado anno, por estar quasi secca a ribeira, a engrossaram com algumas pipas de agua para se não quebrar a tradição do banho. A mordacidade não tem poupado Ancião por vezes. Assim, não obstante o seu povo ser trabalhador, pacifico, religioso e respeitador dos bons costumes, ha um adagio topico deprimente para elles:

Em Ancião
Trinta habitantes
E trinta e um ladrão.

Mas este adagio vem talvez da epoca em que ali houve uma audaciosa quadrilha de salteadores, de que era capitão um preto, o famoso Escarramona, que foi decapitado no Valle do Judeu, sendo a sua cabeça espetada n'um pinheiro.

A povoação tinha titulo de mordomado, por certidão de 2 de janeiro de 1465. Em 1514 obteve foral concedido por el-rei D. Manuel. E em 1663 D. Affonso VI deu-lhe o titulo de villa, doando-a a D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira, em premio de serviços militares prestados na batalha do Ameixial, como se vê de um padrão erigido ao fundo da villa, a 150 metros da Ponte.

Em 1875 foi a villa de Ancião elevada a cabeça de comarca, comprehendendo esta 17 freguezias. Em 1895 ficou a comarca reduzida a 12 freguezias, mas o concelho, que até então se compunha de 5, passou a ter 12 como a comarca. Actualmente tanto o concelho como a comarca (3.ª classe) se compõem de 8 freguezias.

A igreja parochial é de tres naves, e muito singela interior e exteriormente. Está situada em frente da Praça, e tem defronte a capella da Misericordia e o edificio onde conjuntamente se acham estabelecidos o tribunal, a camara municipal, a administração do concelho e a repartição de fazenda.

Na Praça ha uma fonte, um marco fontenario, e havia o pelourinho, que em 1903 foi restaurado e mudado para o Largo do Padrão, ponto de convergencia das duas ruas que partem da Praça e se juntam formando uma só em direcção á Ponte.

Esta ultima rua é cortada a um lado pela estrada que segue para Figueiró e a outro lado pela estrada que segue para Pombal, ambas arborisadas de platanos.

Uma d'aquellas duas ruas intitula-se Antonio José da Silva, e corresponde-lhe, partindo da Praça parallelamente ao largo onde está a cadea, a rua Paschoal José de Mello Freire.

No momento em que escrevo, está-se construindo o hospital da Misericordia junto ao ribeiro da Vide, sob a invocação de Nossa Senhora do Pranto. [1]

No largo a que o referido ribeiro dá o nome faz-se mercado de gado suino no 1.º domingo de cada mez.

---

[1] D'esta Senhora ha uma estimavel imagem na capella da Misericordia.

As feiras annuaes são: a 24 de janeiro, chamada dos pinhões; a 2 de julho e 10 e 11 de agosto. Estas feiras, comquanto se estendam por toda a villa, localisam-se principalmente no Largo do Municipio.

A villa, alem das já referidas estradas, que a ligam com a estação de Pombal e a villa de Figueiró, tem communicação por uma estrada municipal com a cidade de Coimbra.

Para aquella estação da linha do norte, distante 22 kilometros, ha carreiras de diligencia a 500 réis por logar.

As escolas de ambos os sexos funccionam em casas alugadas.

Não existe theatro. Hotel um só, o do Valente.

Em 1903 fez-se a tentativa de fundar um club—tentativa que não sei ao certo se chegou a vingar. Até essa epoca, e talvez ainda hoje, o ponto de reunião ás noites era a pharmacia Lima.

O vestuario do povo diverge de freguezia para freguezia. Na villa e logares proximos o traje das mulheres tende a perder o caracter rustico.

Um dos costumes populares consiste em os noivos substituirem a «parte de casamento» por um bolo doce. Ordinariamente esta offerta é retribuida com 500 reis.

Os carros são puxados por muares com as respectivas cangas e guizeiras.

499—Ancião—Uma vista da villa

Não só n'isto, como em algo mais, lembra em Ancião o Alemtejo—aliás tão distante.

A vida é triste, em geral monotona, e a terra é pobre. O dinheiro de emprestimo levanta-se a 8 e 10 % de juro. Comtudo vou referir outro costume popular que logra desentenebrecer por algumas horas as duras condições da vida ancianense e vascolejar a sua quietude normal.

N'esta região, onde ha bastos e extensos olivaes, os trabalhos da apanha da azeitona terminam por uma folia pittoresca, a que se dá o nome de «festa do acabamento».

Durante esses trabalhos tambem occorrem, ás vezes, episodios graciosos.

Se, por exemplo, um extranho passa no olival, logo um dos trabalhadores trata de lhe offerecer um ramo de oliveira, com o fructo, e enfeitado com flores, cantando-lhe:

Aqui tem esta penhora
Creada no mez do Natal.

Fica o senhor penhorado
Por ter vindo ao olival.

A *penhora* obriga ao pagamento de uma contribuição em vinho, castanhas e cigarros. No ultimo dia dos trabalhos vão os trabalhadores ouvir missa, e em seguida dirigem-se para o olival, onde organisam um bando que tem muito de carnavalesco, porque alguns d'elles envergam trajos exoticos, cobrem a cabeça com altas barretinas de papel, desfraldam bandeiras garridas, hasteam ramos de oliveira, tocam flauta, viola, bombo, caixa de rufo, etc.

Todo o bando reconduz a casa do patrão os utensilios da apanha e os bois da carreagem, cujas pontas vão adornadas com flores e verduras.

Patrão e trabalhadores fraternisam entre expansões de alegria, e depois é servido um abundante jantar, ao qual se segue o bailarico até á madrugada. Tal é, n'esta região extremenha, a festa chamada do acabamento, festa ingenua, patriarchal, essencialmente agricola, e que passa fugaz como relampago de prazer e momento de folga.

Um dos mais illustres filhos de Ancião foi o abalisado jurisconsulto Paschoal José de Mello Freire dos Reis, lente da faculdade de direito em Coimbra, e conego doutoral.

Nasceu este reformador da jurisprudencia patria n'uma casa do largo do Ribeiro de Vide a 6 de abril 1738. E' o auctor da *Historia do Direito Civil Portuguez* e das *Instituições de Direito Civil e Criminal*, publicadas em latim, e que constituem venerandos monumentos na estante dos jurisconsultos. Falleceu em Lisboa no anno de 1798.

200 - Ancião — Rua do Conselheiro Antonio José da Silva

Ainda existem no logar de Almofalla, proximo de Ancião, mas pertencente ao concelho de Figueiró, dois segundos sobrinhos do eminente legista: são o rev.º Abilio José de Mello Freire, vigario da freguezia da Aguda, d'aquelle concelho; e José de Mello Freire. Na casa onde nasceu o conspicuo ancianense tem hoje a sua séde a philarmonica da villa. Paschoal José de Mello mandou edificar um predio de melhor aspecto, que actualmente é propriedade do major Jayme José Ferreira, e se acha situado na rua que hoje tem o nome d'aquelle famoso jurisperito.

Tambem nasceram em Ancião o notavel lente da faculdade de Philosophia, Antonio Soares Barbosa (1734-1801), presbytero secular; bem como seu irmão o insigne philologo Jeronymo Soares Barbosa, auctor da *Grammatica philosophica da lingua portugueza*, ainda hoje consultada com proveito pelos estudiosos.

Jeronymo Soares Barbosa nasceu em 1737, foi tambem presbytero secular, bacharel em cánones, e falleceu em 1816.

Finalmente, outro filho de Ancião, cujo nome foi dado a uma rua das principaes, se não teve o alto valor intellectual d'aquelles seus conterraneos, amou dedicadamente a terra natal e a ella prestou bons serviços politicos, taes como a obtenção da comarca em 1875. Refiro-me ao padre Antonio José da Silva, vice-reitor do seminario de Coimbra e conego da sé da mesma cidade, já fallecido.

A freguezia de Ancião tem Nossa Senhora da Conceição por orago, e conta 2.164 habitantes. Comprehende a villa e varios logares. N'um d'elles, chamado Constantina, ha feira a 19 de março.

As freguezias componentes do concelho são:

Alvorge — Orago Nossa Senhora da Conceição; população 2.010 hab. Está situada na corôa de um monte, mas ainda assim afogada pelas serras circumvizinhas. Dista da cabeça do concelho 10 kil. para noroéste. O logar séde da parochia e os da Junqueira e Alcalamouque, que, alem de outros, lhe pertencem, são servidos pela estrada municipal de Ancião a Coimbra.

A freguezia, comquanto o seu nome pareça arabe (Frei J. de Sousa diz que significa *Torrinha*) apenas liga a tradição mourisca a uma fonte no logar da Ateanha. As ruinas dos solares de Alvorge e Ateanha (este era da familia Chichorro de Goes) indicam grandiosas construcções, que aliás não ultrapassariam a epoca da fundação da monarchia portugueza. Os outros edificios antigos attingem unicamente o seculo XVI.

O altar-mór da igreja parochial é manuelino.

A capella do Espirito Santo, onde existiu uma confraria, que outrora fazia a festa e o bodo a que se refere o Padre Cardoso no seu *Diccionario*, tem um portico em estilo gothico com a éra de 1565.

O hospital da Misericordia, com a respectiva capella annexa, accusa a data de 1696.

Pode ser que se trate de reconstrucções; mas, se assim é, ignora-se a epoca da fundação d'estes edificios.

Suppõe-se que Alvorge nunca foi villa; pelo menos os registos parochiaes, que abrangem até ao anno de 1726, nomeam-n'a simplesmente — logar.

Perto da povoação erguem-se dois montes, a par um do outro, e iguaes no aspecto, que o povo compara aos peitos das mulheres.

Os seus nomes são Juromello e Germanello.

501—O terreiro de Alvorge

E' no logar chamado Terreiro (lagôa ha annos aterrada) que se realisa, no 1.º domingo de junho, a feira annual geralmente conhecida por feira da Moita-Santa.

Ha escola do sexo masculino.

Avellar—Orago o Espirito Santo; população 2.164 hab. Está situada em logar plano junto á serra da Aguda.

A igreja parochial é hoje o templo de Nossa Senhora da Guia, celebre pela grande devoção que esta imagem inspira e pomposos festejos realisados em sua honra no principio de setembro.

Conta a tradição que apparecia aos pastores um lindo menino, como fazendo-lhes amistosas negaças, pois que desapparecia quando o buscavam.

Tida por milagrosa a apparição, erigiu-se no local d'ella uma ermida sob o patronato de Nossa Senhora, por se considerar que aquelle menino seria Jesus. E deu-se á imagem a invocação de Nossa Senhora da Guia. A breve trecho ampliou-se a ermida, e em 1767 fez-se nova ampliação de que resultou a actual igreja, que tem magnificos azulejos e boa obra de talha.

A administração d'este santuario está confiada a uma commissão, cujo presidente o governo nomea. Os rendimentos são avultados. Em 1903 attingiram as seguintes verbas: Cofre permanente durante o anno, 58$000. Cofres junto da Senhora nos dias dos festejos 631$950. Cofre da casa dos pesos 139$775.

A villa veste-se de galas por occasião da romaria.

O terreno destinado ao arraial é a vasta Praça Costa Rego, calcetada e arborisada commodamente.

Para os bufarinheiros construiu-se um extenso alpendre de ferro e alvenaria.

Em 1894 inaugurou-se um hospital com os rendimentos do santuario.

A romaria dura tres dias, e em todos elles ha missa cantada, a grande instrumental, e sermão. Entoam-se ladainhas e o hymno da Senhora, composto pelo dr. Alberto Rego.

No 1.º dia, depois da festa de igreja, organisa-se uma procissão com o andor da Senhora, que é conduzido ao hospital, cujas enfermarias percorre.

O projecto d'este hospital—que recolhe os doentes da freguezia e das circumvizinhas—foi elaborado sob a direcção medica do dr. Costa Simões.

No 2.º dia, sai novamente a procissão e dirige-se á Praça Costa Rego, estacionando ahi deante do forno onde se realisa uma cerimonia, que já conhecemos, apenas com alguma differença nos pormenores, e que parece ter irradiado de Pombal para esta e outras povoações do norte da Extremadura.

Na procissão incorporam-se as fogaceiras vestidas de branco, as creanças da primeira communhão com opas brancas de cabeção azul, as irmandades com os seus pendões e bandeiras, nunca menos de quarenta anjos, e as philarmonicas de Penella e Ancião. Junto ao forno, a que dá accesso uma escadaria de pedra, acham-se sobrepostas algumas carradas de lenha, com que o povo vai successivamente atiçando as chammas do mesmo forno.

Quando elle já está bem afogueado, um romeiro, que préviamente se confessou e commungou, apparece vestido de tunica branca e ajoelha tomando na bocca o palmito que a imagem da Virgem empunha n'uma das mãos.

Depois, tirando se da charola, em que foi conduzido, um grande bolo de cinco alqueires, o romeiro sobraça-o e entra no forno, onde vai collocal-o pausadamente e onde se demora dando uma volta inteira, sem que as chammas o molestem.

Desde que o romeiro entra no forno até que sai, a anciedade da multidão é enorme, o silencio profundo, e quando elle reapparece incolume á bocca do forno, o que se reputa milagre, festivas acclamações atroam victoriosamente os ares em louvor da Senhora da Guia. Os sinos repicam, os foguetes estalam, e os musicos executam, em jubilo, o hymno da Senhora. No ultimo dia da festa repete-se mais uma vez a procissão para ser tirado do forno o bolo, que se reparte na igreja pelos romeiros, os quaes conservam devotamente o seu quinhão como reliquia.

Avellar, que era uma das antigas Cinco Villas—cujos foraes lhes foram dados por el-rei D. Manuel em 1814—tem tido grande desenvolvimento material. Já em 1560 dizia Costa Simões: «se forem progredindo, na Villa de Avellar, as edificações e melhoramentos dos ultimos annos, esta povoação ganhará em pouco tempo as proporções, que o seu titulo reclama.» A prophecia não falhou.

A villa possue diversas fabricas de meias, camisolas, barretes, chailes e fazendas de lã; e nos segundos domingos de cada mez tem mercado, muito concorrido, em que se fazem importantes transacções de gado.

Tambem em Avellar se festejam ruidosamente o Espirito Santo e Santo Antonio.

Chão de Couce — Orago Nossa Senhora da Consolação; população 2.106 hab.

Foi outrora cabeça da comarca das Cinco Villas, e cabeça de concelho até 1855. O Padre Carvalho diz que aquella categoria era apenas nominal, pois que pertencia de facto á villa de Maçãs de D. Maria. Ao tempo da publicação da *Corografia*, Chão de Couce era a «mais limitada e falta de moradores» entre todas as Cinco Villas.

A sua prosapia, segundo o mesmo Padre Carvalho, viria de possuir uns paços senhoriaes com jardim, tapada e matta de castanheiros bravos.

Esta grande propriedade, que se chamou *Quinta de Cima*, foi doada por Affonso III a uma dama da rainha D. Beatriz de Gusmão. Depois de varias peripecias voltou á Coroa no reinado de D. Diniz. D. Affonso V doou-a ao conde de Villa-Real D. Pedro de Menezes, e n'esta casa se conservou até que os bens dos Villa-Reaes foram confiscados em 1641. Passou depois ao Infantado até 1834, e em 1860 foi adquirida pela familia Lopes do Rego.[1]

O Padre Cardoso, no seu *Diccionario*, diz que a povoação teve antigamente o nome de Palhaes. Parece que o nome Chão de Couce proviria de estar a igreja parochial situada no logar de Couce.

Como quer que seja, não conheço lenda nenhuma que justifique este onomastico, identico ao de outro logar da freguezia de Maceira no concelho de Leiria. Acaso terá derivado de uma tradição analoga? O que sei é que na lingua portugueza a expressão «chão de couce» teve caracter proverbial. O Padre Antonio Delicado, nos *Adagios*, menciona este: Em chão de couce, quem não puder andar, choute. Gil Vicente, na *Farça de Ignez Pereira*, já o tinha empregado:

> Filha, no chão do Couse,
> Quem não puder andar choute.

Em Lucena, na *Vida de S. Francisco Xavier*, tambem é citado o mesmo adagio.

502—Avellar—Igreja de Nossa Senhora da Guia

Faz-se em Chão de Couce uma grande festa annual ao Coração de Jesus, com procissão em que tomam parte muitas fogaceiras, sendo depois as fogaças arrematadas em leilão.

N'esta villa pernoitou o rei de Castella, D. João, genro de D. Leonor Telles quando, em seguida á morte de D. Fernando o Formoso, entrou em Portugal, com sua mulher, pela cidade da Guarda.

Chão de Couce está situada em planicie, 1 kil. a oéste da estrada de Coimbra a Thomar.

Lagarteira—Orago S. Domingos; população 709 hab. Dista da cabeça do concelho 7 kil. para nordéste.

Pousaflores—Orago Nossa Senhora das Neves; população 1.876 hab.

Em 1860 dizia o dr. Costa Simões: «Na chamada Villa de Pousa Flores não se vê folego vivo. Só tem a egreja, o pelourinho, a casa da antiga camara, e as paredes velhas d'outra casa, que serviu em tempo de residencia ao parocho».

Pois a villa não morreu á falta de gente, e a freguezia ainda é mais populosa que a prospera Avellar, pois comprehende muitos logares, dois dos quaes teem a singularidade de chamar-se Lisboinha, e Lisboinha de Alem.

---

[1] Dr. Costa Simões, *Topographia medica*, pags 1 e seg.

A igreja parochial foi modernamente reedificada, incluindo a torre, por iniciativa do respectivo parocho, rev.º Abilio Fernandes de Sousa Ribeiro.

N'ella se celebra com pompa a festividade do Coração de Jesus.

Quanto ao onomastico da villa, que fazia parte da comarca das Cinco, reproduzirei a lenda que o sr. Bispo-Conde obteve, a meu pedido, d'aquelle parocho, e que se relaciona com a de Maçãs de D. Maria:

«Havia uma princeza de nome Flores, que, tendo commettido uma falta grave, foi por seu pai exilada para este sitio. O proprio pai a acompanhou, e chegando aqui lhe disse—Pousa, Flores—por ser o logar que lhe destinava para desterro.

«E' certo ter vivido n'estes logares alguma pessoa importante, porque ainda se vêem junto da egreja as paredes de uma casa que devia ter sido grande. São todas de pedra e cal, inclusivamente as interiores.[1] No recinto que fica dentro das referidas paredes foi cortado um carvalho, que teria seculos.

«Tambem ainda se vêem no meio da referida propriedade, onde ha uma boa nascente de agua, vestigios de um jardim, bem como uma pia, feita n'uma rocha, ao fundo da terra. Diz o povo que n'esta pia mandava a princeza dar de beber aos cavallos».

Quem poderia imaginar que Pousaflores havia de levar o seu nome até Roma fazel-o soar dentro do Vaticano, e tornal-o conhecido do Santo Padre Leão XIII?

Deve-se este facto a uma coincidencia notavel.

Vive na villa um velhinho chamado Izidoro Gomes, que nasceu no mesmo dia e na mesma hora em que Leão XIII veio ao mundo—2 de março de 1810.

Foi o prior de Pousaflores quem em 1902 descobriu esta coincidencia, que communicou para Roma. Chegado o facto ao conhecimento do Pontifice, Sua Santidade manifestou desejos de possuir um retrato de Izidoro e, a pedido do seu parocho, o velhinho foi photographado, sendo depois enviado um dos retratos a Leão XIII.

Izidoro Gomes é um pequeno proprietario que, emquanto pôde, amanhou pessoalmente as suas terras. A mulher tambem ainda vive, com 88 annos, e tem seis filhos, o mais novo dos quaes conta 48 annos.[2]

Pousaflores fica ao suéste da cabeça do concelho.

Santiago da Guarda – População 2.580 hab. Dista da villa de Ancião 7 kil. para noroéste.

Tem feira a 21 de julho.

Torre de Valle de Todos — Orago Nossa Senhora da Graça; população 830 hab. Fica 7 kil. ao norte da cabeça do concelho.

Em todas as freguezias do concelho de Ancião ha escolas, e estações postaes de 4.ª classe.

---

[1] Justifica-se a estranheza pelo facto de nas Cinco Villas, como diz Costa Simões, as casas serem de telha vã, sem que na sua construcção entre a argamassa ou a pedra de cantaria.

[2] Este apontamento tomamol-o em 1904 ou 1905.

XXXI

Alvaiázere

A villa, cabeça do concelho d'este nome, era em 1465, segundo a informação de um viajante extrangeiro, apenas insignificante *logarejo* [1].

Comtudo a região fôra já habitada nos tempos prehistoricos, como se conhece pelos vestigios que o dr. Francisco Ferraz de Macedo estudou; e no tempo dos romanos como demonstraram os restos de construcções observados e descriptos pelo sr. Marques Rosa.

Parece, porem, que a antiga povoação portugueza ficaria ao norte da actual, no sitio da *Igreja Velha*, onde o sr. Santos Rocha analysou os escombros de um cemiterio, que julga ser da epoca de Affonso III. [2]

Alvaiázere foi uma das terras doadas ao conde Andeiro.

D. João I elevou-a á categoria de villa em 1388, e D. Duarte doou-a a sua mulher D. Leonor de Aragão.

Mas o desenvolvimento da villa foi tão demorado, que ella não merecia a Léo de Rosmital, setenta annos depois, mais que a desdenhosa classificação de «logarejo montanhoso».

E' de Alvaiázere, no seu aspecto actual, que vamos falar.

A freguezia que comprehende a villa e alguns logares tem por orago Santa Maria Magdalena e 2.054 habitantes de ambos os sexos.

A villa está situada n'uma varzea, d'onde, segundo o pensar de crédulos etymologistas, viria chamar-se lhe primeiro *Alva varzea*, e depois, por corrupção, *Alvaiázere*.

Fica a 9 kilometros da margem direita do Zézere, para o occidente.

Uma rua principal atravessa a villa de um extremo a outro. E' a rua Direita. Mas esta rua, no ponto de que parte, toma o nome de *Principio da villa*; e no fim, o de *Fundo da villa*.

---

[1] *Cousas leves e pesadas*, por Camillo Castello Branco, 1.ª edição, pag. 84.

[2] Tambem o mesmo archeologo estudou e descreveu na revista *Portugalia*, tom. I, uma caverna da serra de Alvaiázere, no sitio denominado Bacelinho, concluindo que seria uma estação lusitana—abrigo de pastores, caçadores ou guerreiros—na epoca romana

No adro da igreja faz-se um mercado aos domingos e quintas feiras.

O mercado mensal effectua-se no primeiro domingo de cada mez.

E em dezembro realisa-se a feira annual, a que costumam concorrer ourives de Thomar e Coimbra.

Os modestos paços do concelho ficam no centro da villa: n'este mesmo predio estão installadas todas as repartições publicas e a cadea.

Ao lado foi construida uma escola Conde de Ferreira.[1]

Ambos os edificios se levantam sobre um terrapleno, superior ao leito da rua.

Ha na villa uma assemblea de recreio e, comprehendido n'ella, o *Theatro alvaiázerense.*

Está-se construindo um hospital.

A igreja, que é antiga e singela, foi beneficiada com alguns melhoramentos, por iniciativa do prior Augusto de Oliveira Vasconcellos Hasse.

As maiores solemnidades religiosas que se celebram na villa de Alvaiázere são duas: uma em honra do Sagrado Coração de Jesus; outra em honra de Santo Antonio, a expensas de Augusto Henriques Simões, sobrinho e herdeiro de D. Emilia Henriques Pinto.

Antigamente a festa do Senhor dos Afflictos, no ultimo domingo de agosto, era muito concorrida de romeiros, mas já estava decadente em 1860.

Não passa na villa rio algum, a despeito do que affirmam certos escriptores. A tres kilometros de distancia, mas já no concelho de Villa Nova de Ourem, é que decorre o rio Freixianda.

Sobre este rio ha uma ponte por onde se faz a conducção das malas do correio entre a villa e a estação de Caxarias.

A área do concelho de Alvaiázere é que é regada, quasi na sua maior extensão, pela ribeira de Alge, muito pittoresca em alguns dos seus trechos, como por exemplo nas *Fragas de S. Simão*, onde forma catarata.

Da villa vê-se a serra de Alvaiázere, que fica distante cerca de 2 kilometros.

Pinho Leal fala das ruinas de um castello antiquissimo.

Taes ruinas já não existem hoje: assim me informou quem bem o podia fazer.

Da Igreja Velha e cemiterio antigo é que ainda restam vestigios, sobre alguns dos quaes escreveu o sr. Santos Rocha.

Com a serra dos Covões, a um kilometro da villa, relacionam-se tradições remotas.

N'isto acerta Pinho Leal.

Sobre esta serra alveja a capella de Nossa Senhora dos Covões, a que se faz uma romaria todos os annos.

Por de traz da capella abre-se uma lapa entre dois grandes penedos.

Segundo o *Santuario Mariano*, Nossa Senhora appareceu a uma pastora n'esta lapa.

Tambem em Pinho Leal se encontra a seguinte noticia: «No logar de Botelho, d'esta freguezia (Alvaiázere) podem estar dois bispos (o de Coimbra e o de Leiria) e o prelado de Thomar, sentados a uma mesa e cada um d'elles no seu bispado.»

Esta informação importa um equivoco.

Hoje já não ha bispo em Leiria, nem freires em Thomar; mas, alem d'isto, o facto a que Pinho Leal se refere não se dava no logar de Botelho, e sim no de Avellar, freguezia de Chão do Couce, concelho de Ancião.

Ali é que, segundo a tradição, podiam estar reunidos tres prelados, achando-se cada um d'elles em terreno da sua prelazia.

---

[1] Tambem ha uma escola para o sexo feminino.

O concelho de Alvaiázere compunha-se das freguezias de Alvaiázere, Maçãs de Caminho, Almoster, S. Pedro do Rego da Murta, Pussos e Pelmá quando foi supprimido em 1895.

As tres primeiras freguezias, por effeito da suppressão do concelho, passaram para o de Ancião; S. Pedro e Pussos para o de Ferreira do Zézere; e Pelmá para o de Villa Nova de Ourem.

Mas o concelho de Alvaiázere foi restaurado em 1898 com todas aquellas freguezias e mais a de Maçãs de D. Maria, que pertencia então ao concelho de Figueiró dos Vinhos.

O conselheiro José Maria de Alpoim, quando ministro da justiça, creou a comarca de Alvaiázere (3.ª classe).

503 - Alvaiázere—Casa da Camara e Escola Conde de Ferreira

Desde a villa d'este nome até Villa Nova de Pussos prolonga-se uma estrada lindamente marginada de eucalyptos.

Quem vem de Thomar para Alvaiázere fica agradavelmente impressionado com o aspecto scenographico d'essa estrada, que é o passeio predilecto dos alvaiázerenses.

Tambem á sahida da villa, no sitio do Carrascal, ha uma elegante avenida particular com um *chalet* ao fundo: pertencem ao sr. dr. José Maria Lopes da Silveira e Castro.

O barão de Alvaiázere, Miguel Vieira da Silva de Vasconcellos Sousa e Almeida, 3.º do titulo, não possue propriedades no concelho de Alvaiázere.

Este titulo foi concedido por D. João VI, em 1818, a Manuel Vieira da Silva, renovado em 1865 em seu filho João Vieira, e em 1882 no primogenito do 2.º barão.

Na villa tem havido, que eu saiba, os seguintes periodicos:

Alvaiázere, jornal de instrucção e recreio. Junho a agosto de 1861—O *Patriota*, jornal politico, litterario e noticioso. Julho de 1863—*Archivo litterario*, jornal de instrucção e recreio. Maio de 1865—O *Combate*, 1894, que publicou interessantes artigos de archeologia local, escriptos pelo sr. Marques Rosa.

A estação do caminho de ferro mais proxima é a de Caxarias, que dista 13 kil. Ha carreiras de diligencia a 300 reis por logar.

O concelho, com a população total de 11.693 habitantes, compõe-se de mais 6 freguezias, que em seguida mencionaremos. A sua principal producção agricola é o azeite, de excellente qualidade, e muito abundante.

Alvaiázere, como Ancião, Figueiró dos Vinhos e Pedrogam Grande, faz parte dos concelhos «da serra» no districto de Leiria.

O aro pedregoso dos montes, entre os quaes se cavam valles estreitos, onde a população e a cultura se confrangem, o predominio da oliveira cinzenta na arborisação, apenas esmaltada temporariamente pelo fructo colorido das macieiras, das cerejeiras e dos pecegueiros; o frio que vem das serras e o nevoeiro que se levanta das ribeiras; os fatos de saragoça e borel impostos pela aspereza do clima, entristecem a região, tornam-n'a peló menos melancolica e agreste.

Almoster—Orago o Salvador do Mundo; população 1.663 hab. Fica a noroéste da villa, e distante d'ella 6 kil. Tem duas escolas masculinas, sendo uma na séde da parochia, e outra no logar do Candal. Ha feira a 23 de abril.

Maçãs de Caminho—Orago Nossa Senhora da Graça; população 598 hab. Dista da villa 3 kil. para o norte.

Maçãs de D. Maria—Orago S. Paulo; população 2.825 hab. Está situada no alto da serra de Santa Helena, 1 kil. ao occidente da ribeira de Alge.

Fez parte da antiga comarca das Cinco Villas até 1836 e de então até 1855 foi cabeça de concelho.

Tem uma casa nobre, com brazão de armas e capella, que é dos Pimenteis Teixeiras, descendentes do conde de Benavente.

No extincto concelho de Maçãs de D. Maria laborou até ao tempo do marquez de Pombal uma fabrica de fundição de ferro: vulgarmente Engenho da Machuca.

As mulheres já aqui principiam a usar as chamadas murças, que são adoptadas tradicionalmente em Figueiró dos Vinhos e Pedrógam Grande.

O dr. Costa Simões, que em 1860 publicou uma larga *Topographia Medica* sobre as Cinco Villas, descreve d'este modo as *murças*:

«São capas de borel com muita roda, que pouco descem abaixo da cintura, e notaveis sôbre tudo por um capuz destinado a agasalhar toda a cabeça e orelhas; fórma que muito convém para o resguardo do vento frigidissimo, que sopra, n'aquellas serras, das neves do Altar Trevim.» [1]

E dá mais esta informação sobre o indumento local:

«As mulheres calçam chinellas grosseiras, e os homens usam de botas muito notaveis pela grande *pregadura*, que lhes atravessa as solas de lado a lado. Embora pouco airoso, é no entanto o calçado mais conveniente num terreno de tanta aspereza.»

Sobre o onomastico d'esta freguezia conversemos um pouco.

Confesso que me interessou averiguar quem fosse aquella D. Maria que deu nome á povoação. Quanto ás maçãs, podia desde logo admittir-se que se recommendasse a terra por as produzir optimas n'uma epoca remota, comquanto no seculo XIX Costa Simões as considerasse inferiores ás cerejas, ameixas e melões.

---

[1] O Altar Trevim ou Trivim é um alto cabeço da serra da Louzã, no qual um triumviro romano, no tempo de Sertorio, segundo conta a lenda, celebrava sacrificios aos deuses. Trivim parece ser abreviatura de *Triumvir*.

Casualmente encontrei noticia de ter D. Maria Paes Ribeira, a famosa *Ribeirinha*, das duas amantes de Sancho I a mais querida, feito doação ao mosteiro de Grijó do padroado e fazendas que tinha em «a villa de Maçans de D. Maria», sete leguas distante de Coimbra.

Fixei a minha attenção n'esta «D. Maria», cujo nome me apparecia de repente ligado á povoação.

Tendo tido occasião de conversar, pouco depois, com o sr. Bispo-Conde, D. Manuel de Bastos Pina, pedi-lhe que consultasse o respectivo parocho sobre qualquer tradição local que a este respeito pudesse existir.

A resposta, que não tardou muito, dizia: Um rei portuguez teve uma filha bastarda, D. Maria, a qual foi desterrada para a serra de Santa Helena. Uma prima sua tambem soffreu desterro na serra de S. Caetano (Pousaflores). D. Maria residia no sitio de Pereiro, onde ha ruinas de uma habitação; consta que o sitio da capella particular da infanta bastarda correspondia ao da capella-mór da actual igreja matriz. As duas primas escreviam-se e presenteavam-se. D. Maria mandava á prima as bellas maçãs do seu pomar, e em troca recebia raminhos de flores do campo. Aquelles sitios eram agrestes e ainda mal povoados, mas quando algum dos raros camponezes levava maçãs á prima da infanta, ella, para o lisonjear, dizia-lhe — que eram tão lindas como as de D. Maria. D'aqui viria o nome d'esta dama a ligar-se ao de Maçãs, que já era o da terra e de um seu riacho. Refere a lenda que D. Maria casou depois com um nobre senhor, o qual obteve grandes privilegios para a povoação, motivo por que esta floresceu no decorrer dos annos.

Até aqui a lenda, recolhida da tradição oral.

Que infanta D. Maria póde ter sido desterrada da côrte? Que prima póde ter sido aquella, tambem desterrada, parece que por um motivo commum?

Segundo a lenda de Pousaflores, que igualmente recolhi, e que completa esta, a prima chamava-se Flores.

Evidentemente, ha em tudo isto a adulteração de um facto historico, o qual, segundo a nossa hypothese, podia muito bem ser a residencia temporaria de D. Maria Paes em terras suas d'esta região extremenha.

N'outra região da mesma provincia teria nascido o pai.

Ella não fôra filha de rei, mas amante de um rei. Ella casou com um nobre senhor. Ella estava aparentada com muitas familias illustres, e era possivel que tivesse ali perto uma prima, de nome Frol, Froile, Froilhe, ou Frores.

Não podia ser uma D. Maria qualquer a que completou o nome da localidade; mas uma D. Maria que se houvesse tornado notavel a ponto de dispensar appellidos. E a «Ribeirinha» foi realmente (sem *calembour*) a mais notavel Maria do seu tempo.

Tendo-me occorrido esta hypothese, lembrei-me de ir procurar á Torre do Tombo algum documento que pudesse justifical-a. Felizmente o encontrei, e integralmente o reproduzi no livro *Tálas antigas*.

É uma doação da herdade de Almofalla, feita por Sancho I a Dona Maria Paes Ribeira e confirmada por D. Affonso II. D'esta doação nem o doador fala no seu testamento, nem nenhum dos nossos antigos chronistas, que eu saiba. Foi, pois, um achado interessante.

O facto mais importante que resulta da leitura da doação é encontar-se n'ella o onomastico *fluminem de masanis*, pelo qual se prova que já antes de D. Maria Paes se dava a uma parte d'aquella região o nome de *Maçãs*, e que apenas se lhe dava esse nome sem o genitivo que depois lhe foi apposto, o que confirma a nossa hypothese.

Quanto ás confrontações da herdade de Almofalla, se é difficil achar a equivalencia actual da denominação de algumas d'ellas, o mesmo não acontece a respeito de outras.

Assim, *fulminem de algia* é a ribeira de Algia (ant.) ou ribeira de Alge (mod.).

Cabezam de netebra deve ser a serra de Nixebra

Cabeças de nadanis será o logar ainda hoje chamado «Cabeças» e *Culmeneiram* é provavel que seja o logar da «Cumeada», ambos em Maçãs.

As cinco villas confinam ao norte com o districto de Coimbra pelo concelho de Penella: «...*et ferit in stratam colimbrianam*».

Do que fica exposto se conclue sem esforço:

(*a*) Que D. Maria Paes Ribeira possuiu uma herdade em territorio das «cinco villas», doada por Sancho I.

(*b*) Que, antes d'este rei, a parte do mesmo territorio chamada hoje «Maçãs de D. Maria» apenas se chamava Maçãs.

Tanto quanto n'estes assumptos póde haver certeza, julgamos provada a nossa hypothese.

Ainda uma observação.

Ha na estrada de Cabaços, freguezia de Maçãs de D. Maria, uma pequena povoação chamada Vendas de Maria.

É claro que não se trata de uma só Maria commum á venda e ás maçãs, porque o qualificativo—Dona—basta para tirar toda a duvida, mostrando que uma das Marias era dama nobre e a outra uma simples locandeira.

No pincaro da Serra de S. Neuthel, vizinha de Chão de Maçãs, ergue-se sobre rochedos uma capellinha d'aquelle santo, a que se fazem duas romarias annuaes, uma na primavera, outra a 26 e 27 de julho.

A edicula é de difficil accesso, mas o panorama da serra, junto a ella, amplo e bello, abrange dezenas de léguas.

No logar das Cabeças, d'esta freguezia, realisa-se a romaria de S. Braz.

Pelmá—Orago S. João Baptista; população 1.562 hab. Em terreno montanhoso, duas léguas ao sudoéste da villa de Alvaiázere.

Diz-se que o nome d'esta freguezia veio de um individuo de genio bravio, que teve a alcunha de *Pelle má*.

No sitio de Aldea da Serra tem o visconde de S. Pedro do Rego da Murta (Jacinto Antonio Peres) um palacete.

Ha uma só escola parochial.

Pussos ou Puços—Orago Santo Estevam; população 1.673 hab.

Dista da cabeça do concelho 3 kil. para suéste.

Já falamos da linda estrada de Alvaiázere a Pussos.

N'esta freguezia depara se-nos um logar muito commercial, denominado Cabaços, onde se fazem dois mercados por semana, ás segundas e quintas feiras, effectuando-se ahi importantes transacções.

Escolas para ambos os sexos; pharmacia e carreiras de diligencia para Thomar e Figueiró dos Vinhos.

Rego da Murta—Orago S. Pedro; população 1.318 hab.

Dista da cabeça do concelho 8 kil. para suéste.

A igreja parochial está isolada dos logares da freguezia, junto á estrada de Coimbra a Thomar.

Escolas para um e outro sexo.

XXXII

Figueiró dos Vinhos

iz Alexandre Herculano, na sua *Historia de Portugal*, que Pedro Affonso, meio irmão de D. Sancho I, fundou o concelho de Figueiró.[1]

Miguel Leitão de Andrada, na *Miscellanea*, conta que D. Sancho II fizera villa o logar de Figueiró — antes chamado Figueiral—para honrar a memoria de Guesto Ansur, que, segundo um remoto cantar, libertou bravamente seis das cem donzellas, oriundas das Asturias, de Leon e de terras lusas, que constituiam um odioso tributo pago annualmente por Mauregato, setimo rei da monarchia néo-gothica, ao harem do kalifa de Cordova.

E o mesmo Andrada prosegue dizendo como um troço de mouros vinha guardando aquellas seis donzellas pela estrada que de Coimbra conduzia por Thomar a Tancos.

Chegados que foram ao sitio agora denominado Alvaiázere, souberam os do troço que alem de Thomar andava um cavalleiro christão revoltado contra a moirama ao contrario de outros christãos—ditos mosárabes—que viviam submettidos e pacificos. Por cautela se desviou a escolta moirisca para léste da estrada e, passando a ribeira de Alge, fez alto no logar de Figueiral, esperando ahi o reforço de outros mouros que traziam as demais donzellas do tributo.

Mas o cavalleiro—outro não era elle senão Guesto Ansur ou Ansures –, informado do que se passava, cahiu com a sua gente sobre o acampamento de Figueiral, onde, por libertar as seis donzellas, pelejou rijamente com os mouros.

Quebrando-se-lhe na briga a espada, lançou mão de um esgalho de figueira, e assim armado acabou de os desbaratar, restituindo depois as prisioneiras ás suas familias, façanha que foi muito celebrada e lhe conquistou a alcunha gloriosa de *Figueiredo*.

Tambem para fazer honra ao logar de tão galharda proeza, teria outrosim D. Sancho II mandado ou pelo menos confirmado que no brazão de Figueiró se abrissem cinco folhas de figueira por memoria eterna.

O kalifa de Cordova reclamou, irritado, o pagamento do tributo das cem donzellas. A monarchia néo-gothica reagiu. E d'aqui procederia o romperem-se as pazes entre christãos e mouros.

---

[1] 2.ª edição, tom. II, pag. 300.

E' verdadeira a tradição, duplicada em Portugal e Hespanha, do tributo das cem donzellas?

Alguns historiadores hespanhoes a mencionam, como por exemplo Lucas de Tuy e Rodrigues Ximenes; o Padre Mariana affirma até que esse tributo já era pago por Aurelio, antecessor de Mauregato. Outros historiadores d'aquelle paiz contestam a tradição. Dos portuguezes tambem uns crêem n'ella e outros a repellem. Por sua vez Alexandre Herculano considera esta lenda «um mytho tradicional, que symbolisa as tendencias de fusão nos fins do seculo VIII, e a preponderancia transitoria do mosarabismo» [1].

Pelo que respeita propriamente ao logar da façanha, segundo a versão portugueza, devemos dizer que o imaginoso Frei Bernardo de Brito a colloca não em Figueiró dos Vinhos, mas em Figueiredo das Donas, a tres leguas de Vizeu.

504—Figueiró—Vista geral

Miguel Leitão de Andrada, que nasceu em Fedrógam Grande, reivindica para Figueiró dos Vinhos, como seu vizinho, a localisação da lenda, argumentando contra Frei Bernardo de Brito.

Garrett seguiu a versão portugueza, mas accentuou-lhe romanticamente um caracter passional, attribuindo a Guesto Ansur o ter praticado a façanha por amor de uma Dona Mecia, dama dos seus pensamentos, comprehendida na leva das seis donzellas [2].

O visconde de Figanière põe o theatro da proeza alem do rio Minho, procurando harmonisar assim a tradição peninsular com a topographia da Galliza.[3]

A' parte a veracidade da lenda e a questão do logar, ainda resta outra duvida: saber se o heroe libertador, a que Frei Bernardo de Brito deu o nome de Guesto Ansur, foi o auctor da velha canção portugueza, celebrando o seu proprio feito.

A este proposito diz Garrett: «Não o creio, mas creio que o thema popular da heroica resolução viveu por muitos seculos na lembrança dos povos agradecidos; e que posto n'esse ou n'outro parecido canto pelos singelos poetas dos primeiros tempos, assim foi passando de geração em geração, traduzindo-se insensivelmente de dialecto

[1] *Hist. de Port.* tomo III, pag. 181, nota 2.ª.
[2] *Escriptos diversos*—Os Figueiredos—pag. 211.
[3] *Guesto Ansures*, Lisboa, 1883.

para dialecto, segundo elles se foram alterando na successão dos tempos até o XVI seculo em que se imprimiu».

Vamos reproduzir esse antigo romance popular, que Frei Bernardo de Brito e Miguel Leitão vulgarisaram; mas em vez de o reproduzirmos na sua forma primitiva, fal-o-hemos na linguagem hodierna de Anthero do Quental:

No figueiral figueiredo,
Lá no figueiral entrei.
Seis donzellas encontrára,
Seis donzellas encontrei;
Para ellas caminhára,
Para ellas caminhei;
Chorando a todas achára,
A todas chorando achei;
Logo ali lhes perguntára,
Logo ali lhes perguntei,
Quem foi que ousou maltratal-as,
Tratal-as de tão má lei?

No figueiral figueiredo,
Lá no figueiral entrei.
Uma d'ellas respondera:
—Cavalleiro, não o sei...
Mal haja, mal haja a terra
Que tem máo e fraco rei,
Que se eu as armas vestira,
Por minha fé, que não sei
Se homem ousára levar-me,
Levar-me de tão má lei...
Com Deus ide, cavalleiro,
Ide com Deus, que não sei
Se onde me fallaes agora
Nunca mais vos fallarei.

No figueiral figueiredo,
Lá no figueiral entrei.

Eu então lhe replicára:
—Por minha fé, não irei;
Antes olhos d'essa cara
Bem caros os comprarei;
A longes terras distantes
Só por seguir-vos me irei;
Por caminhos desvairados
Atraz de vós andarei;
Linguas moiras de aravias
Por vós eu as fallarei;
Moiros se me apparecerem
A todos os matarei.

No figueiral figueiredo,
Lá no figueiral entrei.
N'isto o moiro que as guardára,
Perto d'ali encontrei:
Se elle bem me ameaçára,
Eu melhor o ameacei;
Um tronco secco esgalhára,
Um tronco secco esgalhei;
Com elle a todos matára,
A todos desbaratei;
As donzellas libertára,
Todas sim as libertei;
Aquella que me fallára
Com ella me casarei.
No figueiral figueiredo,
Lá no figueiral entrei.[1]

Em opposição a Ribeiro dos Santos, Theophilo Braga não reputa apocrypho o texto d'esta canção, cuja notação musical reproduz do cancioneiro do conde de Marialva [2]; mas accusa o cisterciense Brito de ter inventado na lenda o logar da acção e o nome do heroe, bem como de haver sacrificado ao canto coral da Beira a primitiva versificação em alexandrinos monórrimos do romance popular.

Eu creio que ninguem hoje quer em Figueiró dos Vinhos sustentar com Miguel Leitão a demanda contra Figueiredo das Donas sobre a partilha de um mytho ou da gloria que pudesse resultar d'elle; mas, ao entrar n'aquella localidade, encontrei os vestigios de uma tradição cavalheiresca, tirei-lhe o meu chapéo em signal de respeito, e passo adeante.

A villa de Figueiró dos Vinhos, cabeça de concelho e de comarca, altea-se em logar plano a meia encosta do Cabeço do Peão, n'um ramal da serra da Louzã.

Do topo d'este cabeço pode abranger-se um extenso e lindo panorama: Sernache do Bomjardim, a estrada de Thomar, que se torce em muitas voltas parecendo diversas estradas; o valle do Zezére, terras do districto de Castello Branco, longes da serra da Estrella.

---

[1] *Raios de extincta luz*, pag. 215.

[2] *Epopeas da raça mosárabe*, pag. 191

A situação da villa é luminosa e desafogada. A vegetação abunda, basta e forte, predominando o castanheiro e o carvalho. Em alguns trechos intercala-se o sobro. Os ares e as aguas são excellentes.

Nos ultimos quinze annos, Figueiró progrediu notavelmente. D'antes as casas eram desprovidas de vidros nas janellas, e de chaminés; hoje poucas deixam de tel-as.

Em quasi todos os predios de habitação se nota uma varanda de madeira (nos melhores predios envidraçada): é o logar onde a familia faz maior assistencia e onde se põe o milho a seccar.

506—Figueiró dos Vinhos. Igreja matriz

A praça nobre da villa chama-se do — Conselheiro João Franco.

Está situado n'esta praça um palacete de dois pavimentos, com 13 janellas na fachada, e as armas reaes no frontão: é a casa da camara, onde tambem funccionam as repartições do concelho e o tribunal da comarca.

A igreja parochial, junto á praça, foi erigida pelos Cruzios de Coimbra, que apresentavam o parocho da freguezia com as honras de prior.

Soffreu modificações em differentes epocas, e em 1903 foi dada por incapaz para a celebração dos actos cultuaes.

Então organisou-se uma commissão que recolheu donativos, e que, com o auxilio de um legado do parocho dr. Antonio José Pimenta e alguns subsidios do governo, conseguiu realisar a reconstrucção do templo, fazendo-se a inauguração a 24 de junho de 1903, sem que as obras estivessem ainda concluidas.

A fachada é ao mesmo passo elegante e simples. Sobre o portico, estilo Renascença, abre-se um nicho com a imagem de S. João Baptista, em pedra lioz, trabalho de Simões de Almeida, tambem auctor do desenho da fachada. A torre, quadrada na base e oitavada na cupula, lembra a da igreja de S. João na cidade de Thomar.

O interior do templo divide-se em tres naves: separam-n'as duas arcadas, assentes cada uma sobre columnas cylindricas.

A tribuna do altar-mór é de talha dourada, estilo salomonico, e o painel, representando o baptismo de Christo, foi pintado por José Malhôa. As paredes lateraes do altar-mór são revestidas de azulejos.

Ladeam o arco cruzeiro dois altares, sendo o do Santissimo em forma de capella e em talha.

O corpo da igreja, cujas paredes são cobertas por alguns quadros que Simões de Almeida obteve na Academia de Bellas Artes, tem quatro altares lateraes.

Um d'elles merece especial menção, por haver sido destinado ao Christo em gesso, que serviu de modelo para o que tanto notabilisa a capella funeraria de Alexandre Herculano nos Jeronymos.

Já tive occasião de referir-me em outro logar a esta bella obra de Simões de Almeida, artista que é natural de Figueiró, como o leitor teria de certo adivinhado, pois tão valiosas contribuições estheticas para a celebridade de uma terra representam dedicado affecto de filho.

O risco do altar foi tambem desenhado por Simões de Almeida, e a pintura é de José Malhôa: n'isto são os artistas como as aves — chamam uns pelos outros.

Malhôa possue em Figueiró um *chalet*, com *atelier* envidraçado.

Logo falarei de outro pintor igualmente attraído a este privilegiado rincão, onde passa a temporada de ferias: refiro-me a Henrique Pinto, director da escola industrial de Thomar.

Não faltam em Figueiró motivos de seducção para os pintores: a paizagem, os costumes, a luz, e a côr.

506—Figueiró dos Vinhos—Paços do concelho

Malhôa disse uma vez, enthusiasmado, a Henrique Pinto:

— Não é preciso ir ao Minho para encontrar a côr.

Referia-se a Figueiró.

Ao entrarmos no templo depara-se-nos, sobre a direita, um tumulo de pedra lavrada, com brazão de armas e uma inscripção em caracteres gothicos, cujo texto diz:

«Aqui jaz o muito honrado cavalleiro D. Ruy Mendes Vasques, filho de Ruy Mendes de Vasconcellos, neto de Gonçalo Mendes e de D. Thereza Ribeiro; e de D. Violanta de Sousa, sua mulher, filha de Lopo Dias, mestre de Christo, neta de D. Alvaro Dias de Sousa e de D. Maria, irmã da rainha D. Leonor; os quaes Jorge Rodrigues de Vasconcellos, seu filho herdeiro, para aqui fez trasladar na era de Nosso Senhor Jesus Christo de 1456.»

Como se vê, trata-se de um neto de Gonçalo Mendes de Vasconcellos.

Ora este Gonçalo de Vasconcellos esteve na batalha de Aljubarrota com seu irmão Mem Rodrigues de Vasconcellos, e foi senhor de Figueiró e Pedrógam.

Até ao quarto neto, os seus descendentes tiveram o senhorio das duas villas.

Aquelle quarto neto, de nome Ruy, ahi por 1557 desherdou a primeira filha, por ella ter casado clandestinamente com um Vasconcellos seu parente, que veio a ser pai do 1.º conde de Castel-Melhor.

A casa passou á segunda filha, D. Joanna de Vasconcellos, mulher de Luiz da Alcaçova Carneiro: uma filha d'estes casou com o 1.º conde de Figueiró, Francisco de Vasconcellos.

«Não valeu a Ruy Mendes de Vasconcellos — diz o sr. Anselmo Braamcamp — excluir da successão da sua casa aos Vasconcellos, que depois foram condes de Castello Melhor. Na casa não entraram elles, mas com o titulo já teem sido enobrecidos dois.» [1]

O actual conde de Figueiró é o sr. Antonio de Sousa Vasconcellos, veador da rainha D. Amelia, casado com a sr.ª D. Josepha Sandoval, dama da mesma rainha.

Alem da praça ou rocio, ha dois largos, um d'elles arborisado.

Teve a villa um convento de frades e outro de freiras. O dos frades, carmelitas descalços, serve agora de hospital. O das freiras, que eram franciscanas, foi adquirido por um particular e transformado.

507—Figueiró dos Vinhos—Interior da igreja matriz

Junto a este edificio fica um d'aquelles largos, onde corre uma fonte, ainda chamada *das Freiras*.

A Misericordia de Figueiró já existia em 1530. Mas o mais antigo compromisso de que hoje ha noticia é de 1625. O actual foi approvado por alvará de 16 de fevereiro de 1882. [2]

O hospital, com ser pequeno, tem duas enfermarias em boas condições hygienicas.

Está-lhe annexa a igreja dos antigos frades carmelitas.

N'ella costuma celebrar-se a festa da Senhora do Carmo.

Tem a villa uma Sociedade Recreativa Figueiroense estabelecida em edificio proprio, que foi levantado por meio de acções amortisaveis sómente emittidas entre os socios.

Comprehende o edificio club, theatro e bibliotheca.

Esta possue actualmente duas mil obras, que representam mais de tres mil volumes.

Simões de Almeida offereceu para ser collocada na sala da bibliotheca uma estatua de Camões, trabalho seu: o poeta, de pé, em attitude elegante e energica, segura no braço esquerdo a capa enrolada; o braço direito pende ao longo do tronco; a cabeça descoberta.

Sei da existencia de tres periodicos publicados em Figueiró: O *Zêzere*, cujo 1.º nu-

[1] *Brasões*, I, pag. 182.

[2] Costa Goodolphim, *As Misericordias*.

mero appareceu em 5 de outubro de 1895, sendo impresso em Pombal; *O Echo de Figueiró*, redigido pelos snrs. Miguel Alves Correia e Carlos Graça; *O Figueiroense*, unico actualmente, que vai no XI anno da sua publicação, é dirigido pelo seu proprietario Antonio de Vasconcellos e impresso em Figueiró na typographia estabelecida na rua da Agua.

N'esta mesma rua se encontra o *Hotel Commercial*, proximo á estação de diligencias da Companhia Thomarense.

Tambem ha o *Hotel Cunha*, de que é proprietario João Pedro Godinho.

Entre os bons estabelecimentos commerciaes de Figueiró citarei, segundo os meus apontamentos, a *Loja dos quatro globos* e a *Casa do Barateiro*.

508—Costumes de Figueiró dos Vinhos (Quadro de Henrique Pinto)

Faz-se mercado semanal ao domingo; nos terceiros domingos de cada mez um mercado de gados; e de 26 a 28 de julho a feira chamada de S. Pantaleão.

Funccionam na villa duas escolas para ambos os sexos n'um edificio construido segundo o typo C n.º 8 do architecto Bermudes.

Pelo que respeita a trajes locaes, mencionarei que as mulheres do arrabalde (a que se chama Termo)—as pobres principalmente—usam murça e capuz. Mas, em geral, as cores do vestuario são vivas e garridas, o que justifica em parte o dito de Malhôa. E' a côr brilhante, alegrando os olhos, palpitando vívida.

Os homens usam, no inverno, uma especie de varinos tambem com murça e capuz.

Temos agora occasião de falar outra vez de Henrique Pinto, a proposito do seu quadro de costumes figueiroenses.

A téla representa um logar onde nas manhãs nevoentas de inverno, através da geada [1], uma vendedeira de café assenta a sua mesa e fogão.

[1] A geada ou orvalho gelado é frequente n'esta região durante quasi todo o inverno, sendo a neve muito mais rara.

Uma creança achega se ao fogo, para aquecer as mãos, emquanto a mãe serve os freguezes e a cafeteira vai fervendo sobre o fogão.

Um grupo de trabalhadores do campo, enroupados nos seus asperos dominós de burel, bebe o café quente; outros, já servidos, esperam pelos companheiros saboreando o bem-estar da reacção promovida por o liquido que ingeriram; e ainda outros occupam o segundo plano, esfumando-se entre a nevoa da manhã frigidissima.

A vendedeira, colhida em flagrante verdade, tem a expressão acabrunhada de uma physionomia que os rigores do tempo e a dureza da vida crestaram e embruteceram.

E', n'uma palavra, um bello quadro de costumes regionaes, em plena realidade, proficientemente observada.

Que eu saiba, laboram em Figueiró duas fabricas: uma de cortumes (chamada do Ribeiro Travesso) e outra de lanificios, menos importante.

São duas as especialidades culinarias dos figueiroenses: o pão de ló e o «bolo de bôda», ambos dignos da sua fama tradicional.

Ultimamente o sr. Antonio de Vasconcellos, proprietario da typographia e do jornal *Figueiroense*, montou uma fabrica para explorar em grande escala a industria de pão de ló.

Tambem recentemente se estabeleceu uma fabrica de chailes e tinturaria, no seu genero uma das melhores do paiz.

O caracter da população é notavelmente hospitaleiro e agasalhador.

A freguezia de S. João Baptista de Figueiró tem 3.787 habitantes. Comprehende a villa e varios logares.

N'um d'elles, a Bairrada, a 6 kilometros da villa, faz-se no dia 15 de agosto a romaria da Senhora do Livramento, muito brilhante de trajes vivazes e animada de bailaricos e trovas.

Por amostra reproduzo duas quadras:

Senhora do Livramento,
Senhora tão desejada,
Mal empregada Senhora
'Star no sitio da Bairrada.

Senhora do Livramento,
A' sua porta lh'o digo:
Eu não hei de cá voltar
Sem meu amor vir comigo.

Estas e outras trovas são harmoniosamente cantadas a muitas vozes, e algumas em terceiras.

Na festa do Livramento costumam os rapazes, que se livraram da vida militar, ir deitar foguetes.

José Malhôa aproveitou aquella festa para um quadro, *A volta da romaria*, que em 1903 esteve no *Salon* de Pariz, e ainda para outras télas.

A duas léguas de Figueiró, junto á Foz de Alge, ha uma propriedade do Estado com edificio: era uma fabrica de fundição de ferro, para a qual foram removidos em 1800 as machinas e utensilios que tinham funccionado na antiga fabrica dos mesmos productos situada na margem direita da ribeira de Alge e vulgarmente conhecida pelo nome de Engenho da Machuca (*Vide Alvaiázere*).

A origem d'estas fabricas foi devida ás minas de ferro existentes na região.

Aquella fabrica, a ultima fundada, fechou em 1834 e pertenceu ao Estado. Tem annexa uma importante matta de castanheiros e bons pinhaes.

Um couteiro vigia esta propriedade da Fazenda Nacional.

Em 1860 ainda ali se conservavam, e talvez se conservem hoje, alguns fornos, bem como alguns canhões e balas.

N'esta fabrica aprendeu o pai de Simões de Almeida o officio de fundidor.

A ultima das minas de ferro exploradas na industria de fundição foi a das Barrancas; e aproveitava-se a cêpa da urze, produzida nos montes vizinhos e margens do Zézere, para combustivel.[1]

As pittorescas *Fragas de S. Simão*, a que tambem já me referi no capitulo anterior, distam de Figueiró 5 kilometros.

Da estação de Pombal (47 kil.) ha diligencia para a villa de Figueiró a 1$000 réis por passageiro, e da estação de Payalvo (58 kil.) a 1$120 réis.

O concelho, com uma população total de 9.324 habitantes, comprehende mais as freguezias da Aguda, da Aréga e de Campello.

E' abundante em azeite e madeiras, produz milho e centeio, vinho de boa qualidade, cortiça, e, entre os legumes, ervilhas afamadas. E' servido de peixe pelos rios Zézere e Pêra.

509—Figueiró dos Vinhos—Convento dos Carmelitas

Aguda—Orago Nossa Senhora da Graça, população 2.094 hab. Fez parte da comarca das Cinco Villas. A séde da actual freguezia teve foral em 1514. Está situada sobre um outeiro da serra do seu nome, e dista da cabeça do concelho 7 kil. para occidente. D. Pedro I doou o logar da Aguda a D. João Affonso, conde de Vianna.

Na igreja parochial celebram-se duas grandes festividades: do Coração de Jesus e da Senhora da Graça.

A esta ultima chama o povo «a festa da Graça.» Sai procissão, na qual se enfileiram 40 ou 50 raparigas levando á cabeça as fogaças. Em todas as ruas do transito erguem-se arcos floridos e atapeta-se com juncos o chão.

Depois da procissão ter recolhido, procede-se no arraial ao leilão das fogaças.

Quanto especialmente ao arraial, disse um chronista anonymo: «O arraial é que é

[1] Dr. Costa Simões, *Topog. Med.*, pag. 10.

a nota mais caracteristica d'esta festa. Ranchos de esbeltas camponezas, acompanhadas dos seus namorados, percorrem o adro cantando ao som plangente das guitarras e, aqui e ali, n'um *corropio* vertiginoso, improvisam danças e descantes verdadeiramente originaes.»

A freguezia comprehende diversos logares.

No de Almofalla de Cima fundaram solar os Mellos Freires, sobrinhos do insigne jurisconsulto Paschoal José de Mello.

No de Moninnos Cimeiros faz-se uma festa e arraial afamados, por occasião da romaria da Senhora da Piedade.

Outro chronista, tambem anonymo, descreveu assim uma excursão a esta romaria:

«Subindo, subindo sempre, chegámos ao alto da serra da Aguda.

«Deslumbrante, encantador, empolgante o panorama que d'aqui se disfructa em todas as direcções.

«Olhando para o poente e a poucos kilometros de distancia, vemos a serra dos Carrascos, cortada pela estrada districtal que n'uma grande recta se nos assemelha a uma fita branca que assenta sobre o pedregal immenso que povôa a serra. Por detraz e muito além, a serra de Cicó, junto a Pombal e, muito mais distante ainda, um denso nevoeiro nos occulta as brancas areias do Oceano.

Ao sul fica nos a serra de Alvaiázere coroada por um extenso plató, onde se admira o seu historico *algar* com a sua fonte de finissimas aguas, e a meia encosta a branca ermida de Nossa Senhora dos Covões, miraculosamente apparecida e amavelmente protegida.

«Mais para áquem, as serras do concelho de Ferreira do Zézere, tornando-se mais visivel a da Guimareira encimada pela capellinha de S. Saturnino, e que é um dos principaes pontos de vista que conhecemos.

«Quasi na mesma direcção e muito mais perto de nós, ve-se o agudo pico chamado *Serra de S. Neuthel*, cuja ermida lhe assenta no cimo e que é de difficil accesso ainda mesmo a quem vae a pé.

«Pelo nascente apresentam-se-nos cordilheiras após cordilheiras, até um fundo indeterminavel, vendo-se sobre uma das mais proximas a capellinha e mirante de Santo Antonio dos Milagres, junto a Figueiró dos Vinhos.

«Em frente de nós e na linha traçada para itinerario da nossa *romaria*, além da pequenina ermida do Anjo da Guarda que adeante alveja, só se vêem serras altissimas e valles profundos —Altar Trevim—S. João de Couchel e no fundo, muito lá em baixo, o rio Alge, nas sinuosidades do seu leito, deslisando sem murmurio, quasi vasio d'agua.

«Mais de quinze kilometros, por serras e valles em caminhos aos zig-zagues, muito proprios para serem trilhados por ovelhas e lebres, e que em tempos que ainda não vão muito longe eram assás frequentados pelos lobos que então abundavam por estas paragens, tal era o percurso da nossa *romaria*.

«O sol vae-se levantando sem paragem e os seus raios incidindo sobre nós vão-nos aquecendo fortemente.

«Não nos sobra tempo para mais observações.

«Continuamos nossa derrota ora subindo, ora descendo, ora costeando, não havendo a despertar-nos a attenção senão estas grandes serranias, umas vestidas de fraca e agreste vegetação, onde predomina o pinheiro infezado e a urze; outras coroadas de rochas de «*quartzite* e *grés silicioso*» que esboroando-se se estendem em camada solta, denegrida pela acção da tempo, até quasi ao sopé...

«Eis-nos emfim nos Moninhos Cimeiros, logar pequeno, de edificações acanhadas, onde a cal e o vidro são ainda desconhecidos, assim é a povoação dos Moninhos. Logo á entrada deparamos com a capellinha de N. S. da Piedade, pobre e mal administrada, pois

os mordomos que de ha annos veem fazendo as suas festas, teem consumido os seus rendimentos em foguetes e musicas e outras cousas de somenos importancia, esquecendo-se de a porem em condições de n'ella se poderem exercer com decencia os actos do culto.

«São dez horas, dirigimo-nos á fresca sombra de um copado castanheiro, que ainda os ha grandes e bonitos por estes sitios, e preparamo-nos para almoçar.

«Entretanto e em nossa frente começaram passando por um valle abaixo algumas

510—Figueiró dos Vinhos—Torre junto á velha cadea

figuras da musica do Espinhel—25 de julho—que iam esperar as fogaças e o mordomo da festa.

«Ouve-se o estalar dos foguetes lá em baixo e a musica executa uma marcha qualquer que não se distingue e que coada por entre a ramagem dos pinheiros é de um effeito desconhecido.

«Como n'estas regiões seria preferivel a tão decantada frauta pastoril!

«Trepando, trepando sempre e sem já poderem dizer pio ahi chegam fogaceiros, musica, e bastante povo.

«O arraial vae-se animando.» [1]

[1] *Diario de Noticias*, de 16 de setembro de 1904.

No logar de S. Simão faz-se uma feira a 28 de outubro.

Dentro da freguezia da Aguda laboram fabricas de lanificios e moagem.

Arégа—Orago Nossa Senhora da Conceição, população 1.441 hab. Situada sobre um alto monte, e distante da villa de Figueiró 9 kil. para o sul. Foi Pedro Affonso, meio irmão de Sancho I, quem fundou o concelho de Arégа.[1] É portanto povoação antiga. A igreja parochial, de fachada muito singela, tem uma torre quadrada, com dois sinos e relogio, a qual fica a um lado da igreja, encostada a ella. Faz-se n'esta freguezia uma festa a Santo Antonio, havendo por essa occasião arraial. O logar principal, séde da parochia, é abastecido de boa agua por um chafariz. Falta uma estrada que dê facil accesso á povoação. A freguezia produz cereaes, especialmente milho.

Campello—Orago Nossa Senhora da Graça, população 2.002 hab. Sobre a ribeira de Alge, a 14 kil. da villa de Figueiró para o norte.

O concelho de Figueiró dos Vinhos pertence no administrativo ao districto de Leiria, e no ecclesiastico á diocese de Coimbra.

Dista da capital do districto 49 kil.

---

[1] Herc, *Hist. de Port.*, 2.ª edição, tomo II, pag. 100.

XXXIII

Pedrógam Grande

IZIA antigamente certa pessoa distincta que a villa de Pedrógam Grande [1] era um paraiso, a que se chegava fazendo caminho pelo purgatorio.

Referia-se á fragosidade das margens do Zézere e dos montes circumjacentes, bem como tambem á aspereza dos caminhos.

Hoje, no que respeita a viação, aquella phrase perdeu alguma parcella do seu sentido pessimista, porque a villa communica por estradas modernas com as estações de Pombal e Payalvo. Mas, no tocante ás relações officiaes da vida administrativa, o incommodo não é ainda pequeno, pois que a villa, cabeça do concelho de Pedrógam Grande, dista de Leiria, capital do districto a que pertence, nada menos de 14 léguas e meia, para nordéste.

Os nossos estadistas perdem de vista a geographia sempre que, de lapis em punho, tratam de arredondar districtos.

Triste é dizel o: um habitante do concelho de Pedrógam para ir a Leiria e voltar a casa, gasta 5 dias e faz despeza avultada.

Que esta villa de Pedrógam Grande existiu no tempo dos romanos, parece certo, sem que todavia nos engolfemos no pélago em que se afundou o Padre Carvalho, quando lhe dá por fundadora a familia romana de appellido Petronio.

Os mouros occuparam Pedrógam, porque elles não foram menos habeis que os romanos em tomar posições vantajosas, e a villa está situada no planalto de um monte, apenas a meio kilometro do rio Zézere.

Deixando em paz as muitas lendas da princeza Antigone Peralta, filha do rei mussulmano Arunce, que enxameam pelos arredores de Pedrógam, e que Pinho Leal reproduziu, remontemo-nos principalmente á fundação da monarchia portugueza.

O que se sabe com toda a segurança é que Affonso Henriques doou Pedrógam a

---

[1] Pedrógam Pequeno fica na outra margem do Zézere, districto de Castello Branco, concelho da Certã, a pequena distancia de Pedrógam Grande.

seu filho natural Pedro Affonso [1], para que reerguesse a villa da ruina em que a tinham deixado os mouros, e a povoasse; outrosim que este bastardo lhe concedêra foral depois confirmado por Affonso III. E na casa da camara existe o foral novo dado por el-rei D. Manuel em 8 de agosto de 1513.

Miguel Leitão de Andrada descreve Pedrógam na *Miscellanea*, não só quanto á posição geographica, em sitio alto e plano, como fechada n'um triangulo, entre os rios Zêzere e Pêra, confinando pelo norte com a serra da Louzã; mas tambem no seu aspecto interior, tal como elle era no principio do seculo XVII, dizendo:

«Está pois situada esta villa em triangulo, em figura de harpa deitada (e quasi da mesma forma erão seus antigos limites), entrando n'ella da parte do ponente por huma hermida de S. Pedro, que he a primeira casa, d'onde vai huma rua que chamão rua *rica*, muito direita e comprida, mais que a rua nova de Lisboa, e acaba n'huns penedos onde considero o tangedor desta harpa, com as costas pera o meio dia. E do seu braço direito por arco desta harpa, outra rua chamada *raposeira*, que vai pera o norte entestar na *da Igreja* matriz, e por detraz della vai dar n'hum *recio* dito *Adeveza* (bella sahida da villa). E passada sua largura, torna huma rua que vai direita dar n'outra, que dizem do *eirado*, e assim direita mais comprida que a rua *rica*, vai fechar no pé desta harpa em S. Pedro, onde fazem huma praceta com um crucifixo de pedra no meio. E o braço esquerdo deste tangedor he outra rua direita e comprida *(onde me criei)* que vai por diante da dita Igreja dar na *deveza*. E os dedos da mão outras ruas e travessas, e por dentro desta harpa, em logar das cordas della, muitas ruas, becos e travessas; e no meio em lugar do espelho a Misericordia e Hospital com as costas na rua *rica* pera ficar mais adequada a comparação, fazendo melhor harmonia.»

Este bosquejo topographico é estimavel, sendo para sentir que outros escriptores antigos não tivessem descripto suas terras com igual minudencia, embora se lhes houvesse de descontar hoje a rhetorica patriotica.

O rocio, a que se refere Andrada dando-lhe o nome de — Deveza, quizeram os politicos locaes que se chamasse modernamente — Largo do Conselheiro José Luciano de Castro —; mas o povo não quiz saber de modernices e politiquices, chama-lhe hoje, como lhe chamava ha 300 annos — a Deveza —, porque este onomastico está na tradição, parece ligado, preso aos carvalhos seculares que sombream e alindam aquelle recinto.

A igreja matriz fica ao centro da villa. E' de estilo manuelino, e magestosa, mas carece de obras.

No edificio dos paços do concelho, construido ha 50 annos, funcciona tambem a administração, e em tempo funccionou o tribunal da extincta comarca, para o que se fizera um acrescentamento haverá 30 annos. No rés do chão acham-se installadas a cadea, e a escola do sexo masculino. Tambem ali esteve a repartição de fazenda, mas hoje occupa uma casa alugada.

Não é edificio de luxo, aquelle, porém não envergonha a villa.

A'cerca da Misericordia de Pedrógam Grande, sobre a qual Costa Goodolphim não pôde obter dados nenhuns, devemos dizer que se está construindo na villa um hospital.

Faz-se feira annual, de 23 a 25 de julho, na Deveza; e mercado na primeira segunda feira de cada mez. O mercado semanal effectua-se aos domingos, no largo do Barão de Salgueiro.

Funccionam duas escolas para ambos os sexos, ha um *Club Pedroguense*, e uma philarmonica tambem designada pelo mesmo adjectivo toponymico.

---

[1] Herc.—*Hist. de Port.*, 2.ª edição, tomo II, pag. 100

Na falda de Pedrógam Grande deparam-se-nos duas pontes, uma sobre o Zézere, chamada do Cabril [1], e outra sobre o Pêra.

A primeira é muito notavel, não como obra monumental, mas pela rude e severa expressão do logar em que foi construida.

A lenda diz que se fizera com dinheiro de Castella, e por isso a attribue ao tempo dos Filippes; mas deve ser mais antiga, talvez romana, pois que Miguel Leitão de An-

7511—Pedrógam-Grande—Margens do Zézere—A ponte do Cabril

drada, cuja *Miscellanea* foi publicada em 1629, fala d'ella como de uma construcção já notoriamente conhecida desde longa data.

Miguel Leitão nasceu em Pedrógam Grande, no anno de 1555, de uma familia nobre e opulenta, oriunda da Galliza. Esta familia teve casa e quinta em Lisboa no Bairro Alto, junto a S. Roque [2]. O ramo de que proviera Miguel Leitão possuia propriedades em Pedrógam, uma casa na villa, e o padroado do convento de S. Domingos na mesma villa.

Miguel Leitão esteve na batalha de Alcacerquibir, e ficou em poder dos mouros. Conseguindo evadir-se, seguiu o partido do prior do Crato, e isto lhe valeu ser perseguido e encarcerado por ordem de Filippe II de Espanha [3].

---

[1] A unica etymologia acceitavel é a que pretende designar um pendor penhascoso por onde as cabras marinhavam procurando pasto.

[2] Julio de Castilho, *Lisboa antiga*, vol. I.

[3] Sobre a biographia de Miguel Leitão de Andrada as melhores investigações são as que o sr. ge-

A *Miscellanea*, obra sua, é certamente um livro interessante, não só pelo que refere d'aquella desastrosa batalha, mas tambem pelas noticias, algumas d'ellas fabulosas, que dá sobre a villa de Pedrógam Grande.

A par do que tem de bom ha a descontar o mau gosto litterario do seculo XVII, muito palavroso e mythologico.

O caracter de Miguel Leitão, como escriptor e como homem, deu logar a discussões pró e contra.

Eu não morro de amores por esse caracter, tão discutido e discutivel.

Para mim basta a condemnal-o o facto de ter incluido n'aquelle livro versos de outros auctores sem lhes declarar os nomes, deixando de pé a duvida de que os queria perfilhar.

Entre esses versos ha alguns de Camões, que decerto Miguel Leitão sendo adolescente dado ás lettras procuraria conhecer em Lisboa, de 1570 a 1580, e que porventura os seus ascendentes teriam tratado de perto, se é que o poeta não foi hospede d'elles quando, desterrado na Extremadura, visitou Pedrógam, porque a familia Andrada era a principal ou das principaes da villa.

Já no 1.º vol. deixei consignada esta hypothese, e na referencia que ali fiz á casa de Miguel Leitão deve entender-se em boa fé que não queria falar senão da familia, pois que o auctor da *Miscellanea*, mais novo 30 ou 31 annos que o grande épico, ainda então não era nascido.

O facto de Miguel Leitão omittir o nome de Camões, quando lhe reproduz os versos, aggrava-se pela circumstancia de o citar em passagens de menor importancia, como no *Dialogo decimo nono*.

Mas, deixando isto, recortemos da *Miscellanea* a descripção, minuciosa e exacta, do sitio e ponte do Cabril:

«E aquella legoa, ou meia, que fica á eminencia deste outeiro, que se chama o Cabril, he muito notavel e aprazivel á vista, ainda dos que tiverem visto muito; porque he aqui o rio (*Zézere*) tão alcantilado, e metido tanto abaixo, que ficando quasi a meio prumo deste outeiro, e outros com os da outra banda d'alem, e sendo huma legoa, ou quasi de baixar ao rio, e tornar a subir da outra banda, se fallão as gentes em cima de cá, e de lá muito intelligivelmente. E he tudo quasi huma pedra, mas por entre ellas infinitas verduras diversas, muitas parras, que dellas se dependurão; loureiros, dragoeiros, castanhos, sovaros, carvalhos, azinhos, e outros muitos; e o notavel zenzereiro, arvore a quem o rio deu o nome, por se criar sómente nelle grande e copado, e de folhas muito verdes de feição de louro, cujas flores são brancas, e de feição de cacho de uvas em flor, mas de tão admiravel fragancia de cheiro suavissimo, que por grande espaço de sua circumferencia, e ao redor se está meixeriando entre o arvoredo. E alem de muitas agoas de fontes e ribeiros que por cima desta penedia vão fazendo diversas formas de espadanas e escumas, voão por cima muitas aguias, que todos os annos aqui crião.

«Vê-se deste outeiro e hermida (*dos Milagres*) aquella tão afamada ponte, que chamão do Cabril, que lhe fica ao pé, e a eminencia, a qual toma todo o rio em salvo, com hum só arco de mais de cem palmos de vão, posto tem mais outros dous em secco, pera evasão das grandes crescentes, e cheias, que muitas vezes são tamanhas, que parece querem subir a estes outeiros, pola muita estreiteza do leito.»

A estampa que, segundo uma photographia de Carlos Relvas, pomos deante dos olhos do leitor, servirá de contra-prova á descripção de Andrada.

---

neral Brito Rebello reuniu no n.º 1 e seguintes do *Archivo historico portuguez*; Julio de Castilho no 1.º vol. da *Lisboa antiga*; e o sr. Braamcamp Freire no 1.º vol. dos *Brasões*.

O sitio é em verdade tão agreste e fragoso, que nem a actual estrada, que vem zigzagueando passar sobre a ponte, conseguiu pentear a penedia desgrenhada de modo a alisal-a com um sopro de civilisação macia.

Descendo da ermida dos Milagres para o occidente, ao pé do outeiro do Cabril, encontra-se o templo de Nossa Senhora da Luz e o edificio que foi outrora casa monastica.

De um e outro vamos dar rapida noticia.

Conta Frei Luiz de Sousa como na segunda metade do seculo XV um frade dominicano, natural de Pedrógam Grande, auxiliado pelo concurso de alguns devotos, impetrou licença do Papa Xisto IV para edificarem ali, á sua custa, um templo da invocação de Nossa Senhora da Luz, e conjunto um mosteiro da ordem de S. Domingos.

Veio de Roma um breve, datado de 28 de dezembro de 1475 concedendo a auctorisação pedida. Logo o donatario de Pedrógam, que era então João Rodrigues de Vasconcellos, e sua mulher D. Branca da Silva, doaram, no sitio chamado as Mais, o terreno necessario para a edificação do templo e do mosteiro, com largueza sufficiente a incluir cêrca e pomares.

A igreja a principio foi muita pequena, diz Sousa, como obra de povo, e povo de montanha, não grande, nem rico.

E o mosteiro nasceu humilde,pouco maior do que um cenobio.

Começaram a affluir as romarias de todas as provincias do reino, especialmente do Alemtejo, e era principalmente de esmolas que se sustentavam o culto da Virgem e os primeiros frades.

Chegaram depois annos de fome e de peste, e a iniciativa correria o risco de perder-se, se João Rodrigues de Vasconcellos se não lembrasse de obter do Papa Leão X um breve, concedendo a assistencia de um vigario inamovivel emquanto o convento não estivesse acabado. Assim se conseguiu ter pessoa competente empenhada na conclusão das obras, ella mesma seu fiscal e instigador permanente desde o anno de 1515.

Eu não quero eximir-me a copiar do grande chronista dominicano a pintura topographica do convento de Pedrógam, feita com aquella viveza de cores que ao mesmo passo era, na sua penna, justeza de observação e linguagem de poesia.

«He o assento da villa, diz elle, coroa de huma alta e descomposta serra, e fica o Mosteiro em meio de huma ladeira, que d'ella desce pera o Rio Zézere, acompanhada de penedia, e arvoredo silvestre, e tão ingreme, e dependurada, que de qualquer parte, que se olhe pera baixo, faz tremor nos joelhos, e medo na vista: e cresce o pavor com a corrente de dous Rios, que no fundo se ajuntão, que são o Zézere muito poderoso de agoas, e o Pêra que aqui, como he mais pequeno em tudo, entra, e perde o nome n'elle, e deixão feito hum angulo de pedra viva por baixo do Mosteiro: de sorte que fica como cercado de ambos, tendo da mão direita o Pêra, e da esquerda o Zézere. E como cada hum traz grande impeto, e se vem furiosamente quebrando por entre penhas, e lageas, levantão hum medonho roido, que se faz ouvir de muito longe; quem de fóra considera a postura do Mosteiro, os penedos, e mattos que o cercão, a profundeza, e escuridade com que nas raizes dos montes se apertão os Rios, e estrondo continuo, que de ambos resulta, fazendo consonancia triste, o grosso e grave do mais caudaloso, com o agudo, ou menos grave, do pequeno: quem olha pera as serras, de que vem cercados, humas ao longe, que sobem a se esconder nas nuvens, outras ao perto mais baixas, que com brenhas espessas são morada de Javalis, e Lobos, e outros animais bravos, que até junto da Villa chegão a fazer suas prezas, representa tudo junto aquelle vasto horror, que os Sanctos antigos nos deixárão em seus escriptos debuxado, dos desertos de Scythia de Thebayda...»

Todo este aspero e melancolico scenario se identifica com a situação moral de Ca-

mões durante o seu desterro na Extremadura, e foi por isso que o poeta, entrando no pomar dos dominicos em Pedrógam, achou n'elle uma suavidade consoladora, que chegou a ser deleitosa, porque ao mesmo tempo era descanso para os olhos, fatigados da severidade triste da região, e para a alma, torturada pela ausencia, se não tambem pela desesperança.

No pomar dos frades havia uma doce quietação, que chegava, na phrase do poeta, a causar estranheza ao arrogante e caudaloso Zézere.

E o proprio Camões não podia saber, insulado dentro d'aquelle pomar tranquillo,

> Se Terra ou Céo de ti tẽe mais cuidado,
> Pois em feliz terreno
> Gozas d'hum ar puro e mais sereno [1].

Pelo que respeita ás festas e romarias da Senhora da Luz em Pedrógam Grande no seculo XVII, veja o leitor a *Miscellanea* de Miguel Leitão de Andrada.

Durante algum tempo permaneceu n'aquelle convento o famoso dominico hespanhol do seculo XVI, Frei Luiz de Granada, que em Portugal «viveu, ensinou e morreu», segundo a phrase de João Baptista de Castro.

Ali meditou elle a substancia de suas obras, se não foi ali mesmo que as poz em escripta, no fim da cêrca, junto a um grande penedo, que por isso mesmo se ficou chamando—*do Granada*.

A ermida dos Milagres acha-se restaurada desde alguns annos, o que se conseguiu por subscripção.

Do convento de S. Domingos nada resta. Depois da extincção das ordens religiosas, a cêrca fôra vendida. A pouco e pouco o edificio cahiu em ruina, porque um dia lhe levavam as pedras e as madeiras, e no outro as telhas. Uma rázzia. No terreno da igreja vae-se construindo agora uma adega, e por cima casa de habitação para o proprietario da cêrca.

Os antigos costumes populares, a que se referem Almeida e Pinho Leal, não estão ainda extinctos.

Continua a celebrar-se a festa do Espirito Santo na igreja matriz.

O peditorio é feito nos logares do norte da freguezia (13 logares), cada um dos quaes recebe a bandeira por seu turno. Este peditorio effectua-se ao som de gaita-de-folles, guitarra e versos. Um individuo se encarrega ha annos de fazer os versos, monopolisando-os. No 1.º dia do anno os festeiros em seus respectivos logares offerecem comes e bebes a quem querem obsequiar, mas não ha bôdo publico.

Assim se relacionam as janeiras com a festa do Espirito Santo.

No dia de S. Martinho reza-se uma missa por alma dos irmãos fallecidos da respectiva irmandade. Outrora, alem da missa, havia officio. O que ainda tambem se faz é o magusto acompanhado de libações.

As mais notaveis solemnidades religiosas em Pedrógam Grande são as da Quaresma e Semana Santa.

Sai a procissão dos Passos, custeada pela Misericordia; a dos fogaréos na noite de Quinta-feira Maior, a do Enterro do Senhor na Sexta-feira de tarde, e a da Resurreição no domingo de Paschoa.

Alem d'estas procissões, tambem se fazem as das festas do orago, do Sacramento e de S. Sebastião.

O concelho de Pedrógam Grande completa-se com as seguintes freguezias:

---

[1] Veja-se o que sobre este assumpto dissemos no 1.º vol. pags. 461 e seg.

Castanheira — Orago S. Domingos, população 5.310 hab.

O logar séde da parochia assenta n'um valle, na margem direita do rio Pêra, d'onde vem dizer-se a população Castanheira de Pêra.

Esta freguezia communica por uma estrada com a cabeça do concelho, de que dista 12 kil. para o norte.

E' um importante centro commercial.

Na relação, aliás incompleta, que eu obtive do Ministerio das Obras Publicas, vem mencionadas as seguintes fabricas em diversos logares d'esta freguezia: nos de Villar, Castanheira, Palheira e Troviscal sete fabricas de tecidos e em Pêra uma de fiação.

Infelizmente uma tão importante região fabril apenas tem pessimas vias de communicação com os principaes centros de consumo. De um lado fica-lhe a serra da Louzã; e de outro passa o caminho de ferro, mas a grande distancia.

A freguezia possue um hospital recentemente construido.

Ha escolas para ambos os sexos, medico, pharmacias e estação telegrapho-postal.

Coentral — Orago Nossa Senhora da Nazareth, população 672 hab.

Situada na aba meridional da serra da Louzã, ao norte de Castanheira de Pêra.

Dista da cabeça do concelho 15 kil.

Tem uma escola do sexo masculino.

Graça — Orago Nossa Senhora da Graça, população 1.779 hab.

Dista da margem direita do Zézere 3 1/3 kil. para noroéste, e da cabeça do concelho 8 para sudoéste.

Tem escola do sexo masculino.

Villa Facaia — Orago Santa Catharina, população 1.558 hab.

A séde da parochia está situada na margem esquerda de uma ribeira affluente do Zézere, e dista da villa de Pedrógam Grande 8 kil. para noroéste.

Ha escola do sexo masculino.

O concelho de Pedrogam tem uma população total de 13.623 hab; pertence no ecclesiastico á diocese de Coimbra; produz cereaes, legumes, azeite, vinho e madeira; cria muito gado; e é farto de caça na serra e de peixe nos rios Zézere e Pêra.

Existem no concelho terrenos incultos, especialmente entre a villa e Castanheira de Pêra, que são aliás de boa qualidade, e que, se fossem convenientemente adubados, produziriam optimo trigo.

Mas os proprietarios d'esses terrenos não estão em circumstancias pecuniarias de metter hombros á empresa.

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME DA «EXTREMADURA PORTUGUEZA»

CORRECÇÕES E ADDITAMENTOS

AO 1.º VOLUME

Pag. 102:

Não soffre duvida que a rainha D. Filippa de Vilhena falleceu em Odivellas. Dil-o claramente o seu epitaphio, na Batalha: *Obiit... in monasterio de Odivellis*, etc.

Pag. 105:

No dia 4 de outubro de 1908 foi inaugurado pomposamente o ramal de caminho de ferro, que liga Aldea Gallega ao Pinhal Novo.

Pag. 151:

O monumento a Sousa Martins, em Alhandra, foi inaugurado no dia 23 de junho de 1908, na praça que se chamou de Serpa Pinto e hoje tem a denominação de—7 de março—por ser este o dia em que o illustre professor nasceu.

O busto, que encima o pedestal, foi fundido em bronze segundo o modelo de Costa Motta.

Pag. 247:

O paço real de Vallada passou a particulares por doação que d'elle fez el-rei D. Manuel ao escrivão da sua fazenda, Pedro d'Alcaçova Carneiro, o qual o traspassou a D. João Manuel, camareiro-mór, por contrato que foi confirmado pela Corôa em diploma de 22 de fevereiro de 1497.

A proposito de Vallada, direi que foi ultimamente transferida (julho de 1909) para o quarto domingo de agosto a feira annual que costumava fazer-se no dia 24 d'este mesmo mez.

Pag. 264:

Uma trova colhida no cancioneiro popular de Santarem e retinta de côr local:

O' Santa que estás no Tejo,
Deixa-te estar que estás bem:
Foste Iria, foste Irene,
Déste o nome a Santarem.

Pag. 347:

O Paul de Boquilobo foi doado por D. João I ao dr. João das Regras, ascendente dos senhores de Cascaes, e por esta origem veio a pertencer ao marquez de Niza, que no seculo XIX succedeu na posse das casas da Vidigueira e Cascaes.

Pag. 406:

Em Villa Nova de Ourem começou a publicar-se um semanario com o titulo—*Jornal d'Ourem*.

Pag. 476:

O grande actor Taborda falleceu em Lisboa ás 2 ½ horas da madrugada de 5 de março de 1909.

Abrantes, sua terra, deve-lhe um monumento, e creio que pensa em erigil-o.

Pag. 481-484:

Confrontando a descripção da antiga procissão da mucharinga em Abrantes com a de uma dança de mochachins (*Hist. Gen.*, VI, 416) realisada em Villa Viçosa no anno de 1603, por occasião do casamento do duque de Bragança D. Theodosio 2.º, mais me persuado de que o caracter burlesco d'aquella procissão e d'esta dança lhes assignala uma origem commum, e de que, portanto, a palavra mucharinga veio de mochachins ou mochachos.

AO 2.º VOLUME

Pag. 7:

Com referencia ao *çalaio*, tributo, aventei: «Podia mesmo succeder que o nome do tributo viesse do nome dos que principalmente tinham que pagal-o.»

Esta vaga hypothese fica fóra de combate, porque no Algarve, em Lagos, [1] tambem as padeiras e os carniceiros pagavam o imposto denominado *salaio*, sem que esses contribuintes fossem saloios, de raça ou por alcunha.

Pag. 27:

A povoação do Cercal, situada n'uma das abas da Serra da Neve, tem humilde igreja parochial, que os francezes pròfanaram, e que parece datar apenas do seculo XVII; pelo menos lê-se na porta principal, que é de pau santo, a era de 1671.

Comtudo ha na povoação uma botica, uma albergaria, uma escola em casa propria e duas hospedarias.

Na do Moreira, de que falei no texto e é a mais afamada, pousaram modernamente pessoas reaes: D Maria II, D Fernando, D. Pedro V, D. Luiz, D. Maria Pia e o imperador do Brazil, D. Pedro II.

Todos ali tomaram chá, porque o chá do Cercal gosa de superior reputação, devida talvez á especial excellencia da agua, que se colhe n'um chafariz mandado construir pela rainha D. Maria I.

Proximo á igreja depara-se-nos uma casa de um só andar, em cuja modesta frente existe cravada uma lapide com a seguinte inscripção:

AQUI POUZO
U ELREI DO
N J.º QUART
O E D.
1645

Vê se que a orthographia do Cercal é muito inferior ao chá que ali se faz.

---

[1] *Corografia... do reino do Algarve* por Baptista Lopes, 1841, pag. 243.

Pag. 34:

Na Lourinhã publica-se actualmente um semanario litterario e noticioso, orgão dos interesses do concelho, intitulado *O Imparcial*. E' seu director o sr. Arthur Gonçalves.

Pag. 39:

Dissemos que no logar do Vimeiro, concelho da Lourinhã, não havia nenhum monumento commemorativo da batalha ali travada com os francezes em 21 de agosto de 1808.

Assim era quando escreviamos e ainda quando se imprimia todo o capitulo sobre a Lourinhã.

Mas a ideia patriotica de celebrar-se o centenario da guerra penisular em 1908 trouxe, naturalmente, a de se preencher a falta de um monumento no Vimeiro.

Com enthusiasmo foi esta ideia acolhida e realisada rapidamente pelos habitantes d'aquella região.

Escolheu-se, para erigir o monumento, uma collina, junto á povoação do Vimeiro, onde, segundo as cartas inglezas, se travou a parte mais activa da batalha.

O monumento é singelo, mas elegante. Antes deveremos chamar-lhe padrão.

Consiste n'uma pyramide de pedra lioz, com $4^{m},5$ de altura, tendo como remate uma granada (shrapnell) em recordação não só dos especiaes serviços que na acção prestou a artilharia, mas tambem de que pela primeira vez ali os inglezes empregaram aquella especie de projecteis, invenção d'um official notavel, seu compatriota.

Além da granada, os restantes ornatos são as datas, as armas nacionaes e uma cabeça de leão, symbolisando a força e a coragem.

Assenta a pyramide sobre um sóco de granito, que tem 2 metros de altura, e uma lapide de marmore embutida n'uma das faces.

O monumento foi executado por artistas nacionaes.

Deverá circuital-o uma grade de ferro.

A inauguração effectuou-se pomposamente no dia 21 de agosto de 1908, assistindo a ella el-rei D. Manuel II, deputações do parlamento, representantes do governo, commissão executiva do centenario da guerra peninsular, contingentes dos antigos regimentos que entraram na batalha, auctoridades civis e ecclesiasticas do concelho da Lourinhã e dos concelhos limitrophes, bem como as respectivas populações em massa.

N'esse mesmo dia visitou o joven monarcha a villa de Torres Vedras.

Foi a primeira viagem official que fez o Senhor D. Manuel II depois da sua acclamação.

Pag. 50:

Os privilegios excepcionaes concedidos aos habitantes de Molêdo não foram unicos n'aquella epoca, e por isso não deverão ser postos em duvida.

Já D. Diniz havia dado aos moradores de Paredes uma carta de fôro ou foral, que os eximia de serem obrigados a servir quer por mar quer por terra.

Tendo o almoxarife do rei querido constranger estes moradores a alistarem-se na frota real, elles representaram á Rainha Santa contra essa violencia, e D. Pedro, respondendo á reclamação, ordenou que se lhes guardasse o seu fôro, e que o almoxarife desistisse de os vexar por aquelle motivo.

Tambem D. Diniz fizera concessão identica aos habitantes de Monte Real.

Pag. 66:

No Monte da Pena, junto ao convento do Barro (Torres Vedras) foram descobertas em 1909 as ruinas de um interessante monumento funerario, préhistorico.

Pag. 71:

A igreja de S. Pedro de Dois Portos parece ter sido fundada pelos Templarios.

Dão lhe caracter archeologico as suas tres naves com duas ordens de columnas e arcos em estilo lombardo-bysantino.

A capella mór, a julgar pelo mosaico e obra de talha dourada, é obra do seculo XVII.

No corpo da igreja, dentro de uma arqueta de marmore branco enxerida na parede, repousam os restos mortaes de Antão Martins e seu filho Filippe Ximenes, cavalleiros da casa do rei.

Pag. 81:

No dia 20 de abril de 1909 inaugurou-se na villa do Sobral, solemnemente, o monumento erigido, por iniciativa da camara municipal de 1906, e subscripção publica, á memoria do benemerito sobralense e prestante medico dr. Eugenio Dias, grande amigo da sua terra.

O projecto do monumento foi feito pelo architecto Ferreira da Costa, e o busto cinzelado na officina do esculptor Moreira Rato. O busto assenta sobre um plintho, obra do constructor Firmino Rodrigues.

A' Praça do Commercio já desde 1906 havia sido dado o nome de Eugenio Dias.

Pag. 84:

Não sei se a lenda de Pero Negro virá contada no folheto *Pero Negro exaltado pela residencia do ill.*^mo^ *e ex.*^mo^ *sr. General em chefe do exercito britannico e portuguez*, 1810, pois que n'elle se descreve «a situação e as circumstancias mais notaveis d'este logar», segundo a indicação bibliographica fornecida por Innocencio. O auctor, Francisco da Silva Cardoso Leitão, era professor de primeiras lettras no Turcifal e foi contemporaneo das invasões francezas. Segundo Innocencio, publicou muitos folhetos de pouco valor.

Pag. 115.

Quando escreviamos o capitulo sobre Cintra estava ainda em construcção, como dissemos na pagina acima indicada, o edificio destinado a paços do concelho e outras repartições publicas.

Este edificio é gracioso e elegante, como convinha ao tom geral dos aspectos da natureza e da arte que valorisam pittorescamente a villa de Cintra.

Tambem o edificio da nova cadea nada tem de duro e sinistro na apparencia; mas já assim não é o interior; nem é propria a situação.

Pag. 246:

A extincta praça de touros em Almada não foi substituida. Mas recentemente construiu-se uma em Cacilhas.

Pag. 284:

Do escriptor setubalense Manuel Maria Portella esqueceu mencionar mais um livro: *Ensaios poeticos.*

Pag. 289:

Nas *Viagens de Pedro da Covilhan* pelo conde de Ficalho, encontramos este aphorismo genealogico do Padre Francisco Alvares: Mello com dom, Menezes sem elle, trampa de Palmella para elle.

Aliás... a crua palavra de Cambronne na sua tradicional applicação palmelloa.

Pag. 293:

O duque de Albuquerque, a que nos referimos em nota a esta pagina, era 4.º visconde e 2.º conde de Mesquitella, depois da renovação do titulo, entenda-se, porque o mesmo titulo já tinha andado, no seculo XVII, em outra familia de que D. Alvaro de Castro fôra progenitor.

Pag. 368:

O predio a que se refere a nota d'esta pagina foi inteiramente reconstruido e augmentado pelo actual proprietario. Sobre a janella, que forma como que a bandeira da porta de entrada, está collocada uma lapide com a seguinte inscripção:

N'ESTA CASA FALLECEU
A
12 DE JANEIRO DE 1890
JULIO CESAR MACHADO
PRIMEIRO FOLHETINISTA PORTUGUEZ
QUE N'ELLA HABITOU
A MAIOR PARTE DA SUA VIDA
PRESTANTE, HONRADA E AFFECTUOSA,
QUE UMA CRUCIANTE DOR
PELA PERDA DO FILHO ESTREMECIDO EXTINGUIU.

Pag. 481:

No seculo XIX, a primeira demonstração publica de respeito pela memoria do Marquez de Pombal foi o decreto de 10 de outubro de 1833, o qual ordenou «que a imagem em bronze do Marquez de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello, que havia sido arrancada do pedestal da Estatua Equestre de Meu Augusto Avô, de quem fôra tão leal servidor, e de quem tão zelosamente procurára sempre honrar a memoria, seja reposta no mesmo logar; e que por lembrança do dia, em que se praticou este acto de justiça, se lhe ajunte por baixo, em letras de bronze, a inscripção seguinte — *12 de Outubro de 1833*».

Nota sobre os abalos de terra em 1909

Não devemos deixar de fazer referencia aos phenomenos sismicos, que em todo o paiz foram sentidos pouco depois das 5 horas da tarde do dia 23 de abril de 1909, especialmente na provincia da Extremadura, onde causaram ruinas e victimas, mortes e ferimentos, bem como um grande e profundo terror.

Dois abalos de terra, acompanhados de intenso ruido e quasi consecutivos, apenas com o intervallo de menos de um segundo, vibraram na direcção NNW—SSE., em fortes oscillações horizontaes e verticaes.

Todas as povoações extremenhas de ambas as margens do Tejo soffreram em maior ou menor grau as consequencias do sinistro, mas as da margem esquerda foram aquellas onde a ruina e o luto, os prejuizos e as desgraças mais calamitosamente ficaram assignalados.

Resumiremos n'uma indicação succinta os principaes effeitos d'essa violenta convulsão terrestre do dia 23 de abril.

Districto de Lisboa

Na capital—Desabamento de algumas chaminés. Fendas na abobada da Torre do Tombo (em a sala que foi refeitorio dos frades) e nos arcos do salão de leitura da Bibliotheca Nacional, bem como em predios particulares, aliás poucos. Incendio n'um predio da rua dos Douradores por se ter desiquilibrado a lampada de um oratorio no quarto andar, cujos moradores haviam fugido, espavoridos, para a rua. Queda do terço superior das pyramides que, na fachada da estação central do Rocio, ladeavam o relogio.

Muitas familias passaram o resto da tarde e a noite acampadas no Rocio, Avenida, Terreiro do Paço, e outros recintos amplos da cidade.

Alemquer—Predios particulares, arruinados, 25. O hospital e capella da Misericordia, a estação telegrapho-postal, os paços do concelho e as igrejas de S. Francisco e S. Pedro abriram fendas. A parte alta da villa foi a que mais soffreu.

Alhandra—Predios particulares, arruinados, 26; alguns completamente. A igreja matriz e a da Misericordia sofferam damnos. As chaminés das fabricas, e outras, foram derrubadas.

Alverca—Predios particulares, arruinados, uns 20. Fendas na estação telegrapho-postal e na capella do cemiterio; a escola do sexo masculino ficou grandemente avariada, offerecendo perigo.

Azambuja—Toda a parte nascente da villa foi attingida pelo abalo. Abriram fendas a igreja e hospital da Misericordia, a matriz, os paços do concelho e a estação telegrapho postal. Predios particulares damnificados, 16.

Calhandriz—Varios predios soffreram estragos, cujo concerto foi avaliado em 3 contos de reis.

Carregado—Ficaram em ruina 19 predios, julgados inhabitaveis; e nas proximidades da villa damnificados os de algumas quintas, alem de outros.

Castanheira—Predios em ruinas, 7; predios em mau estado, 19. Necessitando reparações a igreja, a cadea, o convento, e ainda outros edificios.

Povoa de Santa Iria—Aqui os estragos foram menores; apenas a torre da igreja abriu uma fenda.

Villa Franca de Xira—Predios particulares mais prejudicados, 8; com fendas, a matriz, a escola Conde de Ferreira, a estação telegrapho-postal, e o edificio da Ordem Terceira do Carmo, onde funccionou o hospital, mas que se achava desoccupado.

Districto de Santarem

Cidade d'este nome—Dos alicerces das muralhas da Porta do Sol rolaram quatro blocos, que foram deslocar os carris da linha ferrea. Grandes estragos no edificio do Seminario, especialmente no Corredor Nobre. Fendas ou outras avarias nas igrejas da Misericordia, Salvador, Santa Iria, Piedade, Sitio, Milagre, Monte e Santa Cruz; no hospital, quarteis, presidio militar, theatro Rosa Damasceno, asylo, e em alguns predios particulares. No bairro do Alfange abateu uma casa; no da Ribeira varias casas ficaram fendidas e uma destruida. Na occasião do abalo duas mulheres atiraram-se da janella abaixo. Muitas pessoas fugiram para o Campo Sá da Bandeira, onde acamparam durante a noite.

Salvaterra, Benavente, Samora—Informações de pessoa que visitou as localidades da margem esquerda do Tejo, poucos dias depois do terremoto: [1]

---

[1] Publicadas no *Correio da Extremadura*, de 1 de maio de 1909.

Salvaterra de Magos — «Parece que um sôpro de maldição perpassou pela villa. Aqui e ali montões de entulho, grades torcidas, frontaes estilhaçados. Nas paredes caiadas os rasgões em zig-zag entremostram a negrura das taipas.»

«Visitâmos os acampamentos onde ha gemidos dolorosos, a nostalgia do lar em ruinas.»

Benavente — «N'um golpe de vista se avalia toda a enormidade do desastre. Nem uma casa habitavel! As que o abalo não alluiu estão inteiramente rotas, fendidas, destelhadas... Algumas conservam milagrosamente a inclinação da torre de Pisa. O indigena, que raramente atravessa a villa, tem um ar de tristura que predispõe á commiseração. Tudo anda afadigado na contrucção de barracas para installações.»

— «Na rua central do Chaveiro [1]—praça Anselmo Xavier—collocaram a imagem da Virgem da Paz, rodeada de santinhos varios que para ali fazem companhia á população inquieta. Em redor, mulheres rojando-se, na crença de melhores dias pela influencia da prece.»

— «Ha predios que tombaram em venia simultanea, chocando-se como locomotivas fóra do horario. Na rua um monte de destroços quasi á altura d'um primeiro piso. E a igreja? Um passado morto! Blocos enormes rolando por terra. Toda a talha em fragmentos, pulverisada em caliças a abobada d'esse templo que D. Pedro II reconstruiu. Em torno da igreja, que tinha feição cathedralesca, um simile de Herculanum.»

—«Mais adiante, a praça João Jacintho, onde está a casa da camara, fendida, o frontão deslocado; a casa do Centro Republicano com o madeiramento em roca; todas as casas por ahi fóra na imminencia de cahir!

«O Hospital que devia inaugurar-se em breve, para abrigo de 40 enfermos, edificado ao preceito moderno, lá se ficou alluido, perdidos uns pares de contos que uma benemerita legara para a sua erecção.

«Parece nos que só uma casa resistiu aos embates do terremoto: foi o talho municipal, que enfrenta com os paços do concelho, onde agora se installou o telegrapho.»

Samora Correa — «Entrâmos em Samora, a desolada. Parece que o mesmo é entrar n'um cemiterio! Ha muitas derrocadas e todas as moradias abrindo em fendas pelos cunhaes. O enorme barracão das machinas da Companhia das Lezirias — a *senhora Companhia*, como aqui lhe chama o povo—quasi inteiramente tombado com a sua cobertura de zinco. A igreja fendida. Não se vê uma alma pelas ruas. Andam nos campos mondando o trigo e chorando as suas 7 victimas.

Cartaxo — Estragos de importancia na igreja parochial. Fendas em varios predios, alguns dos quaes foram condemnados pela commissão technica.

Coruche — A cadea ficou em tão mau estado, que foi preciso remover os presos para a de Evora.

Santo Estevam—Verificou-se que de todas as casas d'esta povoação apenas 7 ficaram em condições de ser habitadas.

Vallada — Fendas em varios predios, ameaçando alguns ruina.

* * *

O ministro do reino disse na Camara dos Pares, em sessão do dia 26 de abril:

«O numero de mortos calculado é de 23 em Benavente, de 1 em Salvaterra [2] e de 6 em Samora Correia.

---

[1] Amplo recinto gradeado, com renques de arvores, actualmente chrismado em *Praça Anselmo Xavier*.

[2] Posteriormente apurou-se que o n.º de mortos em Salvaterra era 7.

«Os feridos, em numero de 25, foram conduzidos ao Hospital de S. José de Lisboa, por não haver meio de serem hospitalisados nas suas localidades.

«No numero dos feridos estão comprehendidos dois em estado gravissimo.»

Estes ultimos falleceram.

*
* *

Depois do dia 23 de abril repetiram-se os abalos no Ribatejo, especialmente no dia 4 de maio, em que a convulsão foi quasi tão violenta como a d'aquelle dia 23.

Por effeito d'ella, em Benavente, alargaram-se as fendas nos predios e abateram algumas paredes em ruina.

Em Coruche, parte da igreja matriz desabou sobre os predios vizinhos; e como inspirasse receios de desmoronamento a ermida da Senhora do Castello, foi a respectiva imagem transferida para a igreja de S. Pedro, unica ainda em algum estado de segurança.

Em Lisboa o abalo do dia 4 de maio pouco se fez sentir; algumas pessoas não deram por elle.

*
* *

O governo propoz, e as côrtes approvaram sem discussão, a abertura de um credito de 100:000$000 réis para fazer face aos primeiros soccorros e outras despesas immediatas.

A caridade publica acudiu, por sua parte, com valiosos donativos, emanados espontaneamente tanto do paiz como do extrangeiro.

Especialmente na margem esquerda do Tejo, os tremores de terra e ruidos subterraneos succederam-se até ao mez de julho, não causando, porem, desgraças pessoaes.

No dia 2 de agosto, poucos minutos depois das duas horas da tarde, sentiram-se dois violentos abalos em Leiria, Batalha, Santarem, Salvaterra, Benavente e outras regiões da Extremadura, incluindo Lisboa, onde os abalos não tiveram tamanha violencia.

O panico, felizmente, foi maior do que os estragos.

INDICE D'ESTE VOLUME

I — Região dos saloios

Capitulos — Pag.

I — Caracterisação geral 5
II — Cadaval 23
III — Lourinhã 31
IV — Torres Vedras 55
V — Sobral de Mont'Agraço 81
VI — Arruda dos Vinhos 85
VII — Mafra 91
VIII — Cintra 107
IX — Loures 135

II — Às portas da capital — Cidade de Lisboa — Entre Belem e Cascaes

X — Povoações suburbanas incluidas no 3.º bairro de Lisboa 149
XI — A cidade de Lisboa 161
XII — Oeiras 207
XIII — Cascaes 223

III — Da Outra Banda á enseada de Sines

XIV — Seixal 235
XV — Almada 243
XVI — Cezimbra 257
XVII — Setubal 267
XVIII — Alcacer do Sal 305
XIX — Grandola 311
XX — Santiago de Cacem 319

IV — Districto de Leiria

XXI — Peniche 331
XXII — Obidos 343
XXIII — Caldas da Rainha 377
XXIV — Alcobaça 389
XXV — Pederneira 413
XXVI — Porto de Mós 423
XXVII — Batalha 431
XXVIII — Leiria 449
XXIX — Pombal 475
XXX — Ancião 489
XXXI — Alvaiázere 497
XXXII — Figueiró dos Vinhos 503
XXXIII — Pedrógam Grande 515
Correcções e additamentos 523

ERRATAS

NO 1.º VOLUME

Pag.	Linha	Onde se lê	Deve lêr se
19	15	Porto de Moz	Porto de Mós
43	3	certaxeira	cartaxeira
127	37	parrochial	parochial
292	7	Alcorca	Alcorça
394	14	S. João á do Natal	S. João e á do Natal
395	5	O santo rei D. Affonso	O sancto rei Dom Afonso
463	7	casa de Miguel Leitão	casa dos ascendentes de Miguel Leitão
477	6	por proprio	por si proprio
493	14	a mette em foco	o mette em foco
507	14	em franca gargalhada	em gargalhada franca

NO 2.º VOLUME

17	–	(na legenda da estampa)	Padeira e lavadeira saloias
100	29	comquaton	comquanto
126	32	informa de que	informa que
158	13	de Sebastião	de S. Sebastião
164	22	e estouradinhos,	estouradinhos
168	40	*Pich-pine*	*pitch-pine*
175	37	illustre	illustres
251	46	ali se conservam	ali restam
251	48	aspccto	aspecto
317	29	de escorias, etc., ali patente	de-escorias ali patente
317	30	enterradas nas escorias	enterradas nas escorias, etc.
323	2 e 3	grassavam	grassam
327	–	(na legenda da estampa)	Perto da Aldêa de Chãos
352	21	avista-se um lago	avista-se um largo
353	3	Selir do Porto	Salir do Porto
359	–	(na legenda da estampa)	Padre Francisco Raphael da Silveira Malhão
382	38	estilisação	estilação
383	23	nos casos da	nos casos de
385	13	14 villas	13 villas
397	2.ª nota	*Kieg's*	*King's*
448	3	em 7	gran-
456	22	cafée	cafés
456	25	ocetylene	acetylene
456	28	bcneficedcia	beneficencia
471	41	entrar	centrar
494	35	1814	1514

(Da pag. 496 em deante, a urgencia da impressão não nos permittiu investigar se mais algumas erratas se tornariam precisas.)

DP
702
E36P5
pt.2

Pimentel, Alberto
A Extremadura portugueza

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 20 11 012 6